1150067763
FE
T/UNICAMP C217i

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO, SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA

TESE DE DOUTORADO

O JORNAL COMUNITÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Amarildo Batista Carnicel

Campinas, SP – Dezembro de 2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal

Autor: Amarildo Batista Carnicel
Orientador: Elisa Angotti Kossovitch

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Amarildo Batista Carnicel e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 06 de dezembro de 2005

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

2005

© by Amarildo Batista Carnicel, 2005.

UNIDADE FE
Nº CHAMADA T/UNICAMP
C217j
V ____ EX ____
TOMBO BC/ 67763
PROC 16-P.00123-06
C ____ EX ____
PREÇO 11,00
DATA 29/03/06
Nº CPD ____
Bib. id. 376613

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

Carnicel, Amarildo Batista.
C217j O jornal comunitário com estratégia de educação não-formal / Amarildo Batista Carnicel. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Elisa Angotti Kossovitch.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Cidadania. 4. Reintegração social. I. Kossovitch, Elisa Angotti. II. Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-0221-BFE

Keywords : Education; Communication; Citizenship; Social reintegration.
Área de concentração : Educação, Sociedade, Cultura e Política
Titulação : Doutor em Educação
Banca examinadora : Profa. Dra. Elisa Angotti Kossovitch (Orientadora)
Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Profa. Dra. Margareth B. Park
Profa. Dra. Zula G. Giglio
Profa. Dra. Maria das Graças C. Caldas
Data da defesa: 06/12/2005
E-Mail: amarildo@unicamp.br

À Zoraide, Gustavo e Larissa,
por tudo de maravilhoso
que representam para mim.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, pela saúde, serenidade e lucidez ao longo desses cinco anos de pesquisa.

À professora Elisa Angotti Kossovitch, orientadora deste trabalho, pela paciência e confiança.

À professora Olga von Simson, pelas sugestões precisas, pelo interesse e compreensão, e, principalmente, pelo tempo concedido. Às professoras Margareth Brandini Park e Zula Garcia Giglio, pela participação e, acima de tudo, pelo carinho e amizade.

Aos pesquisadores do Gemec, pelas boas discussões.

Aos pesquisadores dos projetos que geraram essa pesquisa, pela amizade e material concedido para a reflexão.

Às minhas orientandas Diana Salles Rocha e Cecília Ferrarezzi, pelo compromisso e profissionalismo demonstrado nessa trajetória.

Aos professores e amigos do Jornalismo da PUC-Campinas e do Centro de Memória da Unicamp que vivenciaram os bons e maus momentos dessa trajetória, pela amizade, interesse e sugestões de leitura. Em especial aos professores Carlos Roldão, Celso Bodstein e Celso Falaschi, pelo incentivo e participação.

Aos profissionais e adolescentes das ONGs pelas quais passei para o desenvolvimento dessa pesquisa. Em especial, à assistente social Izabel Cristina dos Santos de Almeida, por me conscientizar da importância do trabalho.

Aos meus pais e familiares, pelo incentivo, pela presença e por tudo que têm feito por mim.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, estiveram comigo nessa empreitada.

Em especial, à minha esposa, Zoraide e aos meus filhos, Gustavo e Larissa, pelo carinho, apoio e por compreenderem os longos e 'intermináveis' períodos de reclusão.

RESUMO

O presente estudo analisa três experiências que mostram o processo de produção do jornal comunitário como estratégia de educação não-formal. São atividades em forma de Oficinas de Jornalismo Comunitário realizadas em três bairros populares da periferia de Campinas (SP): na Vila Costa e Silva, em 2001, no Jardim Campineiro (Complexo São Marcos), em 2002 e na Vila Castelo Branco, em 2003, 2004 e 2005.

Apresenta os percursos e os resultados alcançados em cada etapa, evidenciando que a produção de jornal comunitário por meio do método da educação não-formal, ganha em qualidade e interesse dos adolescentes envolvidos à medida que se afasta do modelo praticado na escola formal. Analisa o jornal comunitário como veículo de comunicação que vai além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro. Verifica que a publicação possibilita o trabalho de integração social, de aprendizado profissional e de mobilização da comunidade à qual está inserido. Certifica, também, que o jornal comunitário é dotado de elementos, qualidades e especificidades que o tornam capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.

ABSTRACT

This study analyses three experiences which show the community newsletter process of production as strategy for the Non Formal education. It describes a series of workshops on Community Journalism, carried out in three popular quarters of the poor peripheral area of Campinas, State of São Paulo. It follows the names of those places and the period of our activity there, respectively: Vila Costa e Silva, 2001; Jardim Campineiro (part of a city peripheral region named São Marcos Complex), 2002; and Vila Castelo Branco, 2003, 2004, 2005. Presenting the route and the results reached in each step of our work, we show that the production of the community newsletter throughout the Non formal education method earns in quality and gains the adolescents interest as it moves away from the pattern of regular school. This study analyses the community newsletter as a communication media that goes beyond a leaflet on the events of the quarter. The present work verifies that publishing makes possible social integration, professional learning and people social mobilization in the community. It also certifies that the community newsletter has elements, qualities and specifications that make it able to arouse and empower citizenship, identity and social belonging in the community involved in such a project.

Sumário

Agradecimentos.....VII

Resumo/Abstract.....XI

Introdução – **Três Experiências, um Caminho.**.....3

Cap. 1 – **Jornal Comunitário, Segmentação Jornalística e Cidadania**
Insistindo no erro.....13
Segmentação jornalística.....18
Jornal de bairro e jornal comunitário.....24
Mídia local e jornal do interior.....26
Jornal comunitário.....31
Editoria de Polícia.....35
Preenchendo lacuna.....38
Jornal comunitário e cidadania.....42

Cap. 2 – **Educação Formal, Não-formal e o Terceiro Setor**
O jornal na sala de aula.....47
Educação não-formal.....51
ONGs ou Terceiro Setor.....62
As ONGs no contexto de Campinas.....66

Cap. 3 – **As oficinas, o Fanzine e a Transdisciplinaridade**
As oficinas e a transdisciplinaridade.....71
Oficina de História Oral e Jornalismo.....72
Oficina de Criatividade e Jornalismo.....78
Oficina de Fotografia e Jornalismo.....83
O fanzine, as oficinas e a transdisciplinaridade.....90

Cap. 4 – **Nas Entrelinhas das Publicações - I**
Concepções de leitura.....95
Jornal da Costa e Silva.....97
Complexo São Marcos: Memória e Identidade.....113
Conexão Jovem.....118
Primeira edição.....120

Cap. 5 – **Nas Entrelinhas das Publicações - II**
As demais edições....137
Reunião de pauta....139
Artigos....142
A serviço da comunidade....149
A voz do leitor....152
Caminho inverso....156
Edição....158
Título....160
Box....166
Ilustrações e clipartes....167
Anúncios publicitários....169
Projeto gráfico....175

Cap. 6 – **Percursos, Resultados, Reproduções e Novas Propostas**
Resultados e repercussões....183
Repercutindo o *Conexão Jovem*....183
Repercutindo na comunidade....195
Repercussão na Academia....203
O trabalho na mídia....205
Reproduzinho as experiências nos distritos....205
Nova Aparecida, novo desafio....211

Conclusão – **Minha Aldeia, meu Universo**....215

Bibliografia....223

Anexos
Anexo I - Glossário....231
Anexo II - Questionário do Professor....253
Anexo III - *Jornal da Costa e Silva* (edições 1 e 2)....257
Anexo IV - *Complexo São Marcos: Identidade e Memória* (brochura)....267
Anexo V - *Conexão Jovem* (edições 1 a 9)....277
Anexo VI - *Antena Jovem* (edições 1 e 2)....347
Anexo VII - *Expressão Jovem* (edição 1)....357

"O Tejo é mais belo que o rio que
passa pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio
que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre
pela minha aldeia."

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

TRÊS EXPERIÊNCIAS, UM CAMINHO

A criação de um jornal comunitário feito por adolescentes consiste, historicamente, em enorme desafio, tanto do ponto de vista de quem se proponha a dirigir as ações, como do ponto de vista dos atores que serão os responsáveis pela elaboração do material a ser publicado. Dentre as inúmeras dificuldades que devem ser vencidas, há uma, em especial, que pode ser destacada: a busca de um mecanismo de produção jornalística e de diálogo que minimize aquele que se constitui no maior entrave para uma produção dessa natureza, ou seja, a condição sociocultural (pouco favorável) em que estão inseridos os adolescentes, protagonistas dessa ação. Este estudo é resultado de trabalho em Oficina de Jornalismo Comunitário que integra o projeto intitulado "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido por pesquisadores do Centro de Memória-Unicamp. Apresenta os percursos (com erros e acertos), condutas e resultados de três experiências por nós coordenadas em instituições sediadas em bairros periféricos de Campinas, interior de São Paulo.

As experiências aqui narradas integram trabalhos de pesquisa-ação desenvolvidos no Centro Paroquial da Igreja de São Benedito, na Vila Costa e Silva (2001), na Associação Direito de Ser, no Complexo São Marcos (2002) e no Projeto Gente Nova (Progen), na Vila Castelo Branco (2003, 2004 e 2005). Neste trabalho, pesquisadores e voluntários do Centro de Memória-Unicamp vêm coordenando uma série de oficinas, em diferentes áreas, que proporcionam aos adolescentes auto-conhecimento, melhor compreensão sobre o local onde residem e valorização da auto-estima. O presente estudo tem como recorte a Oficina de Jornalismo Comunitário, analisa os percursos e os resultados das atividades desenvolvidas e mostra como a relação educação não-formal e jornal comunitário, tendo como produto a elaboração de um veículo que se aproprie de elementos do fanzine, pode despertar sentimentos e aflorar talentos e habilidades que não se manifestam por falta de oportunidade.

O primeiro capítulo ('Jornal Comunitário, Segmentação Jornalística e Cidadania') mostra, inicialmente, o cenário preocupante em que estão inseridos os veículos de grande circulação. Se, por um lado, aponta queda no número de leitores e de anunciantes, revela, contudo, que setores da mídia segmentada vivem um crescimento: o IVC (Instituto de Verificação de Circulação) mostra que a tiragem aumenta ano a ano. Discute aspectos ligados à especialização e à segmentação que enfoca cada vez mais nichos definidos de mercado e de leitores, incluindo aí as mídias local, de bairro e comunitária. Evidencia sinais de uma realidade sobre o perfil dos jornais impressos brasileiros e o rumo, desanimador, que vêm tomando. Sobre a segmentação jornalística, mostra que, no campo editorial, o que se percebe é que as grandes empresas estão buscando

abocanhar fatias de mercado que estavam restritas a jornais populares autônomos, produzidos por empresas que buscavam um 'lugar ao sol'. Discute a existência de uma linha muito tênue que separa a especialização da segmentação, mostrando que a especialização pode – ou não – levar à segmentação. Procuramos assim explicar: a especialização é uma área do jornalismo que trata do específico por meio de um processo seletivo, abrindo mão das generalidades e focaliza um tema ou área de interesse que venha ao encontro das aspirações do leitor. Assim, o jornalismo especializado visa, num primeiro momento, fazer do jornalista um especialista, permitindo que ele atue com maior tranqüilidade e desenvoltura numa editoria específica. Se a especialização limita o campo de ação, a segmentação procura aprofundar ainda mais o tema.

O capítulo apresenta uma diferenciação entre duas modalidades jornalísticas (jornal de bairro e jornal comunitário) que, embora possam estar embasadas numa mesma teoria (a do jornalismo de classes sociais), caracterizam-se por práticas que devem ser distintas. Discute mídia local e jornal do interior, compreendendo como mídia local aquela destinada a uma certa localidade. Faz um recorte ainda mais definido, segmentando a mídia local em duas áreas de atuação: o jornal de bairro e o jornal comunitário. O jornal de bairro não apresenta características muito diferentes daquelas já atribuídas ao jornal local. No tocante à características, conteúdo, forma e, principalmente, interesse, são muito parecidos. A diferença, muitas vezes, se evidencia pelo campo de ação ou território em que atua. Entramos numa discussão sobre o termo 'comunidade' mostrando que sua definição não pode estar circunscrita a um determinado espaço territorial e sim a interesses e afinidades, evidenciando que um jornal não pode ser considerado comunitário simplesmente porque é dirigido às pessoas de uma mesma localidade. Mostramos, por meio de uma pesquisa por nós coordenada, que a periferia normalmente é notícia em páginas policiais. Fizemos um levantamento a partir de recortes dos jornais de Campinas *Correio Popular* e *Diário do Povo* e mostramos que a Vila Costa e Silva, Complexo São Marcos e Vila Castelo Branco ganham as páginas dos jornais quando o assunto é violência ou criminalidade. Assinalamos que é justamente para preencher essa lacuna (a de que os grandes jornais da cidade quase não noticiam o que há de positivo nessas localidades) e diminuir o estigma de que comunidade de bairro só é notícia nas páginas policiais, que surge o jornal comunitário, um veículo cujo objetivo principal é dar voz aos membros da comunidade e estabelecer um fórum de diálogo, de exposição de idéias, de divergências e de reivindicações. Discutimos os termos jornal comunitário e cidadania, e mostramos que muitos veículos de comunicação buscam pegar carona na 'moda' da cidadania para obter algum tipo de vantagem ao adotar indevidamente rótulo de empresa ou imprensa cidadã. Evidenciamos, finalmente, que a prática da cidadania deve nortear todo e qualquer trabalho na área da mídia comunitária.

O segundo capítulo ('Educação Formal, Não-formal e Terceiro Setor') evidencia, inicialmente, a importância da mídia como instrumento de educação, mostrando que há muito tempo os jornais e os programas de TV deixaram a casa do aluno e ganharam importante espaço na escola. Mostra que essa

prática leva especialistas de todo o mundo a debater sobre a influência dessa mídia (escrita, radiofônica, televisada ou internet) e os benefícios e malefícios que pode trazer à instituição familiar. Analisa o jornal como instrumento pedagógico em sala de aula e apresenta uma pesquisa realizada em 2003 com professores das redes Municipal e Estadual de Ensino, quando levanta, junto a 35 professores, qual a importância do uso do jornal na sala de aula, qual o conteúdo preferido, qual a freqüência com que o material era utilizado por eles e se a elaboração de jornal estava entre as atividades por eles programadas. Apesar da importância do uso do jornal em sala de aula, esses professores revelam que não têm conhecimento suficiente para coordenar a produção de uma publicação feita pelos alunos.

O capítulo discute, principalmente, a educação não-formal, método que norteou todas as atividades, não apenas no campo do jornalismo, como também em todas as oficinas do projeto. Em busca de melhor fundamentação do tema, algo relativamente recente no Brasil, vale-se dos poucos autores nacionais e estrangeiros que vêm se debruçando sobre o assunto e dos debates realizados no âmbito do Grupo de Estudos de Memória, Cultura e Educação (Gemec), sediado no Centro de Memória da Unicamp (CMU). O estudo mostra também que a educação não-formal não pretende se contrapor ao método formal de ensino, tampouco ficar desferindo críticas à educação formal. Busca elementos que mostram a possibilidade de uma convivência pacífica entre os dois campos em que um se vale das qualidades do outro e, juntos, buscam melhores resultados. Procura mostrar que o uso do jornal (bem como a produção de um veículo) como instrumento pedagógico em sala de aula pode obter bons resultados se realizado em parceria com a prática da educação não-formal. Apresenta ainda uma forte relação entre a prática da educação não-formal e as ONGs ou terceiro setor, mostrando que as ONGs constituem-se no espaço que encontra o campo mais fértil para a prática e desenvolvimento da educação não-formal. O capítulo é finalizado mostrando a participação e a importância das ONGs no contexto de Campinas, município cuja concentração de entidades que prestam serviços para comunidades é a maior do interior do país, ficando atrás apenas de sete capitais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), Campinas lidera o chamado Terceiro Setor dentre todos os municípios brasileiros que não são capitais, registrando 1.640 fundações privadas e associações sem fins lucrativos. Em Campinas, empregam 23.722 pessoas pagando salários e outras remunerações que totalizam R$ 391,6 milhões por ano. Mostra, também, que a maioria das ONGs não aposta apenas no Estado como parceiro, evidenciando que a iniciativa privada vem cada vez mais assumindo um papel solidário que acaba por resultar em benefícios fiscais à empresa que destina recursos a iniciativas de caráter social-humanitário

O terceiro capítulo ('As Oficinas, o Fanzine e a Transdisciplinaridade') mostra, inicialmente, que as publicações produzidas nas três experiências são, também, espaços privilegiados para dar vazão às produções elaboradas em outras oficinas, especialmente as de Fotografia, de História Oral e de Criatividade. A

apresentação desses resultados não se dá de maneira isolada, tampouco as oficinas são realizadas isoladamente – ocorrem num contexto em que é estabelecido um diálogo em que todas as ações são pautadas pela prática da educação não-formal voltadas a um objetivo bastante explícito: o fortalecimento e a valorização da auto-estima por parte das pessoas envolvidas no processo. O desenvolvimento orientado por uma interdependência dos trabalhos se dá numa perspectiva de transdisciplinaridade, que é complementar à aproximação disciplinar, não visando o domínio de uma sobre as várias outras disciplinas, mas, sim, se abrindo e se valendo de seus conteúdos e suas especificidades em busca de um resultado comum. Embora as publicações elaboradas nos projetos desenvolvidos na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco tivessem estampado os resultados de algumas das oficinas, o capítulo analisa os resultados das oficinas de História Oral, de Fotografia e de Criatividade, por considerá-las as mais próximas da Oficina de Jornalismo. Explicamos: a de História Oral, pelo fato de ter na entrevista (assim como no Jornalismo) seu principal método de trabalho; a de Fotografia, pelo fato da forte relação entre o conteúdo textual e imagético que pauta a quase totalidade das publicações jornalísticas de todo o mundo; e finalmente, a de Criatividade, considerando que dentro da prática da Educação Não-formal, a arte é uma das principais formas de manifestação e, hoje, é inconcebível pensar numa publicação sem a destinação de um espaço que contemple as artes, principalmente a ilustração – recurso que proporciona, principalmente ao fanzine, a leveza que a publicação requer.

O capítulo finaliza mostrando que a modalidade jornalística mais adequada para a materialização dos resultados é o fanzine, termo que surge a partir da junção das palavras inglesas *fanatic* (fanático) e *magazine* (revista). Assim surge o fanzine *Conexão Jovem*, feito pelos adolescentes da Vila Castelo Branco, pessoas que não têm acesso freqüente aos meios de comunicação, principalmente da mídia impressa. A publicação é pautada pela ampla liberdade de criação, de novas idéias, de experimentação de estéticas e linguagens – atributos impossíveis de serem testados e realizados simultaneamente nos meios de comunicação de massa. Mostra, finalmente, que os fanzines são essencialmente amadores, com liberdade de ação. São produções elaboradas por adolescentes que querem se expressar, mas que não têm outro espaço para fazê-lo, possibilitando a produção de uma publicação gerada por um desejo de transpor o tédio, de encontrar pessoas em situação semelhante e, a partir desse encontro, compartilhar idéias e opiniões.

Os capítulos 4 ('Nas Entrelinhas da Publicação – I') e 5 ('Nas Entrelinhas da Publicação – II') apresenta a leitura daquilo de mais significativo foi observado em todas as publicações produzidas a partir das Oficinas de Jornalismo Comunitário. Não se trata, assim, de simples apresentação de textos (reportagens, artigos, poemas, paródias, críticas de cinema, mensagens) produzidos pelos adolescentes. Aponta elementos que possibilitam identificar algo mais que a simplicidade ou singeleza que as palavras aparentemente mostram; elementos que ensinam que a prática da leitura tem uma função social, ou seja, há formas

diferentes de escrita e concepções diferentes de leitura. Analisa a produção feita pelos adolescentes, identificando a mensagem proposta pelo autor que acaba por instrumentalizar o suporte papel (para ser mais específico, as páginas dos jornais) para mostrar suas angústias, inquietações, prazeres e conquistas. Somente a leitura, a partir da liberdade dada ao autor do texto para sua livre expressão, permite compreender a mensagem que o papel aceita sem restrição – algo mais difícil na comunicação oral em que intervenções ou olhares dos interlocutores podem levar a uma inibição que comprometeria o resultado da análise.

Num primeiro momento apresentamos e analisamos o conteúdo das duas edições do *Jornal da Costa e Silva*, veículo publicado na modalidade mural, realizado pelos adolescentes vinculados ao Centro Paroquial da Igreja de São Benedito, localizada na Vila Costa e Silva. Na seqüência, é analisado o trabalho que culminou com a produção da brochura *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*, resultado da segunda experiência das oficinas coordenadas pelo CMU, tendo agora como público o Complexo São Marcos, região formada pelos bairros Jardim São Marcos, Jardim Campineiro, Recanto Fortuna, Jardim Santa Mônica e Chácara dos Amarais. Com 38 páginas e tiragem de 50 exemplares, a brochura, elaborada na ONG Direito de Ser, serviu de vitrine para a exposição de resultados das oficinas de Jornalismo, de História Oral, de Fotografia e de Criatividade. O quarto capítulo é finalizado mostrando o jornal *Conexão Jovem*, resultado da terceira experiência das oficinas promovidas pelo Centro de Memória da Unicamp, tendo agora como local o Projeto Gente Nova (Progen) e como público-alvo a Vila Castelo Branco, além de moradores de bairros adjacentes como Jardim Garcia e Vila Padre Manoel da Nóbrega. A produção, diferentemente das atividades realizadas na Vila Costa e Silva e no Complexo São Marcos, não ficou restrita à produção de uma primeira e única edição.

Com 12 páginas e tiragem de 1.000 exemplares, o jornal, a exemplo dos projetos anteriores, abrigou, além dos resultados da Oficina de Jornalismo, trabalhos das oficinas de História Oral, de Fotografia e de Criatividade. A experiência realizada na Vila Castelo Branco foi a que gerou melhores resultados, cuja produção foi suficiente para a preencher as doze páginas da publicação, restando, ainda, uma sobra ('material de gaveta' como é chamada no jargão jornalístico) para dar início à segunda edição. Os trabalhos, iniciados em agosto de 2003, tiveram seqüência ao longo de todo o ano de 2004 e 2005 quando foram produzidas mais nove edições do *Conexão Jovem*.

No capítulo 5 são apresentadas as demais edições, sem a preocupação de fazer detalhamento de todo o conteúdo. Contempla o conteúdo mais relevante, seja pela evolução da produção dos adolescentes, seja pela criação de novas seções. Carga informativa, criatividade, desprendimento e iniciativa por parte dos adolescentes são alguns dos fatores decisivos nessa escolha. A análise também considera, por meio de exemplificações e explicações, aspectos relacionados ao projeto gráfico da publicação. Dividido em subtítulos, o capítulo fala de etapas como reunião de pauta, prestação de serviço à comunidade e edição.

Aborda artigos, cartas do leitor, títulos, boxes, ilustrações e anúncios publicitários. Apresenta, finalmente, um quadro que resume toda a produção dos adolescentes ao longo das nove edições do *Conexão Jovem*. O quadro mostra, por exemplo, que os adolescentes produziram 42 reportagens, 17 artigos e venderam 22 anúncios publicitários. Cabe lembrar que todos os textos produzidos pelos adolescentes são corrigidos pelo coordenador e bolsistas das oficinas, sempre com a participação do autor do texto. Embora o material elaborado pelo adolescente tenha, não raro, o tom relatorial, ressaltamos, num primeiro momento, o valor e a importância do conteúdo por ele levantado apreendido; mostramos as lacunas, solicitamos nova entrevista e reelaboramos o texto, imprimindo um formato de redação jornalística.

O sexto e último capítulo ('Percursos, Resultados, Repercussões e Novas Propostas') apresenta e interpreta os resultados obtidos a partir da realização dos trabalhos realizados na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco. Visa, de um lado, mostrar a repercussão do *Conexão Jovem* a partir de entrevistas concedidas ao coordenador e bolsistas das oficinas pelas pessoas que fazem o veículo, pela coordenação do Progen e por um entrevistado que foi capa da edição número nove da publicação. De outro lado, mostra a produção acadêmica por meio de artigos científicos (em revistas e capítulos de livros), apresentações em congressos, seminários, participações em debates, fóruns, aulas ministradas e entrevistas concedidas a diferentes veículos de comunicação. Num terceiro momento, faz uma breve apresentação de outros trabalhos realizados: a produção do jornal *Antena Jovem* (como resultado de semelhante iniciativa realizada no Centro Comunitário Irmão André - Cecoia, no distrito de Sousas, no primeiro semestre de 2005) e do jornal *Expressão Jovem* (como resultado de semelhante iniciativa realizada no Centro Promocional Tia Ileide - CPTI, no distrito de Nova Aparecida, no segundo semestre de 2005). Anuncia, também, a realização de novo projeto em Barão Geraldo, distrito de Campinas.

O presente estudo é ainda dotado de alguns anexos. O anexo 1 ('Glossário') surge a partir do resultado da pesquisa feita entre os 35 professores das redes Municipal e Estadual de ensino quando afirmam que não dispõem de elementos para a coordenação e elaboração de um jornal feito no âmbito escolar. Dessa forma, a título de orientar profissionais, tanto da área de jornalismo, mas principalmente fora dela, o anexo 1 apresenta por ordem alfabética alguns termos empregados no dia-a-dia da prática do jornalismo impresso com o objetivo de facilitar a compreensão e auxiliar o profissional durante um eventual processo de elaboração de um produto da mídia impressa. Os termos apresentados (e ilustrados) foram extraídos de livros, dicionários e manuais de redação, bem como definidos a partir da nomenclatura adotada em diferentes redações de jornais. Esta etapa da pesquisa não se limita a definir o termo: discute a viabilidade e conveniência de sua aplicação. O anexo 2 é composto de um questionário fechado aplicado aos professores da rede pública (municipal e estadual) de ensino sobre o uso do jornal em sala de aula. Do anexo 3 em diante, para melhor análise e visualização dos jornais elaborados durante as atividades na Oficina

de Jornalismo Comunitário, são apresentados os exemplares dessas publicações.

Para melhor compreensão da presente pesquisa, convém esclarecer que foi adotada a metodologia da pesquisa-ação, que tem como um de seus principais teóricos e defensores o sociólogo francês Michel Thiollent. Em sua obra, intitulada *Metodologia da pesquisa-ação* (1992), o autor afirma que

> "A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo." (THIOLLENT, 1994: 14)

Assim, tem-se uma linha metodológica que difere da pesquisa participante – distinção essa que o autor faz questão de salientar e que é importante nessa pesquisa para que se tenha claro o papel do pesquisador – uma vez que o envolvimento na pesquisa-ação não se dá apenas pelo lado do pesquisador, no sentido em que muitos só se comunicam com o grupo observado para ser melhor aceito. É ponto de partida da pesquisa-ação haver uma ação por parte de todos envolvidos na pesquisa. Essa ação, de qualquer forma, deve ser problematizadora e consciente, "a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente" (idem: 22)

Dessa maneira, a pesquisa-ação almeja algo diverso da pesquisa convencional, na qual ao objeto de estudo é dado o papel de cobaia. A pesquisa-ação, portanto, se mostra mais favorável àqueles pesquisadores que querem extrapolar os aspectos acadêmicos e burocráticos de suas análises, bem como àqueles que pretendem realizar pesquisas nas quais "as pessoas implicadas tenham algo a 'dizer' e a 'fazer'" (ibidem: 16). Exatamente como se define pesquisa-ação, nossa intervenção no grupo observado tem o objetivo, não de resolver um problema imediato, mas sim de desenvolver a consciência da coletividade nos planos político e cultural, por exemplo. Para THIOLLENT, "a pesquisa-ação não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo). Pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e conhecimento ou o 'nível de consciência' das pessoas e grupos considerados." (1985: 19)

Indo um pouco além, Thiollent acrescenta à pesquisa-ação uma finalidade transformadora. Para tanto o autor clarifica que essas transformações devem ser realistas e jamais serem tomadas no âmbito de uma sociedade inteira, afinal a pesquisa se dá no nível local, sendo seus resultados limitados. Assim, o que se tem transformado são as representações das situações problemáticas em que se encontram os grupos observados e os envolvidos nas pesquisas realizadas nas instituições em que trabalhamos.

No intuito de dirimir as eventuais dúvidas sobre as características da pesquisa-ação (já mencionadas) e a pesquisa participante, valemo-nos de BRANDÃO, CAMPOS & DEMO (1984: 15-16) que afirmam que

> "O determinante em uma situação participante é a participação da situação em um projeto popular. Isto porque, quando se fala de pesquisa participante está se falando de classes populares"

SANTIAGO (1996: 136) busca em THIOLLENT (1982: 123) uma reflexão que mostra a confluência entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante, as quais chama de PA (pesquisa-ação) e PP (pesquisa participante):

> "A PA é uma forma de PP, mas todas as PP não são PA. A PP se preocupou sobretudo com o papel do investigador dentro da situação investigada (...) os partidários da PP não concentraram suas preocupações em torno da relação entre investigação e ação. Para ele, ao contrário desta perspectiva, a PA estaria centrada na questão do agir".

Compreendemos, a partir do exposto, que na pesquisa-ação o pesquisador tem um objetivo específico e vai atuar no sentido de transformar. Ele constrói gradativamente um conhecimento, compartilha e divulga esse conhecimento. Dessa forma, ele coordena as ações, permitindo, por meio desse compartilhamento, promover maior conscientização. Na pesquisa participante, o pesquisador não tem um objetivo específico. Ele integra-se ao grupo, a um projeto já existente e atua a partir de interesses políticos desse grupo. O pesquisador incorpora os objetivos do projeto e constrói os rumos da pesquisa juntamente com o grupo no qual está inserido.

Ainda com respeito a metodologia aplicada neste estudo, valemo-nos de inúmeras entrevistas semi-abertas e fechadas no contexto de 'Pesquisa qualitativa' e 'Pesquisa quantitativa'. Na pesquisa com os adolescentes, dirigentes de ONGs e entrevistados dos jornais optamos pela pesquisa qualitativa, elaborando questões semi-estruturadas em procedimento de entrevista semi-aberta. A entrevista semi-aberta apresenta um objetivo com um roteito prévio de questões, a partir de teorias e hipóteses, desdobrando-se, em seguida, em inúmeras outras questões. DUARTE (2005: 66) oferece a seguinte definição:

> "Uma entrevista semi-aberta geralmente tem algo entre quatro e sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas. O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redun-

> dâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador".

Foi exatamente o que se sucedeu com os entrevistados que aparecem no capítulo 6 em que com base numa hipótese, elencamos algumas questões-guia e só partíamos para a segunda pergunta após um aprofundamento em que buscávamos detalhes, especificações. Assim, num procedimento de entrevista semi-berta, pudemos elencar tópicos relevantes relacionados a cada questão.

Na pesquisa com os professores da rede pública de ensino sobre a importância do jornal como instrumento pedagógico e sobre a possibilidade de elaboração de jornal em sala de aula, optamos pela pesquisa quantitativa, elaborando questões estruturadas em procedimento de entrevista fechada. DUARTE (idem: 67) define entrevista fechada da seguinte forma:

> "É realizada a partir de questionários estruturados com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas. As pesquisas de opinião são exemplo típico. Exigem distanciamento do entrevistador, que cumpre a função de obter respostas para questões propostas sem discussão sobre elas. O questionário estruturado é prático para grande número de respondentes e pode ser auto-aplicável. [...] Embora sugira simplicidade, sua elaboração exige profundo conhecimento prévio do assunto."

Foi o que se sucedeu na pesquisa com os professores que responderam a um questionário com 24 perguntas acompanhadas de alternativas para respostas. Com base nas respostas, estabelecemos percentuais que nos permitiram fazer interpretações que fundamentam o presente estudo.

Convém nesta introdução fazer alguns esclarecimentos. Começamos pela forma de escolha das ONGs com as quais trabalhamos. Lembramos que este estudo integra um projeto maior sediado no Centro de Memória da Unicamp que ao longo dos anos vem construindo parcerias com ONGs que realizam atividades de educação não-formal em bairros periféricos da cidade. O leque inicial de entidades que podem vir a ser parceiras é extraído de trabalhos acadêmicos realizados por alunos do curso de Pedagogia da Unicamp na disciplina "Educação Não-formal", ministrada pela Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, responsável, também pela supervisão de estágios realizados pelos futuros pedagogos em instituições de educação não-formal em Campinas e cidades circunvizinhas. Analisados os trabalhos feitos pelos alunos – momento em que já é feita uma pré-seleção – a equipe de pesquisadores do CMU agenda reuniões com as entidades localizadas na região onde a pesquisa, de acordo com as diretrizes e objetivos do projetos maior, será desenvolvida. O modo como essas entidades atuam no campo da educação não-

formal é fator fundamental na escolha da entidade parceira.

Cabe lembrar que o excessivo número de notas de rodapé e de figuras apresentado neste trabalho nos levou a iniciar a numeração a cada início de capítulo. Acreditamos que essa medida, além de contribuir para uma melhor estética (o total de notas atinge três dígitos), proporciona maior facilidade durante a leitura deste estudo. A opção pela numeração a partir de cada capítulo é baseada em MÁTTAR (2002: 171) que afirma:

> "As notas podem aparecer no pé da página, na margem esquerda ou direita do texto, ou no final dos capítulos, de parte ou do próprio texto. Quanto à sua apresentação, elas devem ser:
> *a)* numeradas seqüencialmente em algarismos arábicos dentro de cada unidade importante do trabalho ou ao longo de todo o texto..."

É esta, portanto, a apresentação deste trabalho que não se finda nesta pesquisa. Um trabalho cujo desdobramento ultrapassa os muros da Academia e aporta em comunidades que até então tinham a Universidade como um ilha de sabedoria inatingível. Felizmente, com a continuidade do trabalho no presente momento, podemos mostrar que as coisas não são bem assim.

CAPÍTULO 1

JORNAL COMUNITÁRIO, SEGMENTAÇÃO JORNALÍSTICA E CIDADANIA

INSISTINDO NO ERRO – O presente capítulo mostra, inicialmente, um cenário preocupante em que estão inseridos os veículos de grande circulação. Se, por um lado, aponta queda no número de leitores e de anunciantes, revela, contudo, que setores da mídia segmentada vivem um crescimento: o IVC (Instituto de Verificação de Circulação) mostra que a tiragem aumenta ano a ano. Discute aspectos ligados à especialização e à segmentação que enfoca cada vez mais nichos definidos de mercado e de leitores, incluindo aí as mídias local, de bairro e comunitária.

Iniciamos esta reflexão descrevendo trechos de uma cena descrita pelo jornalista Ricardo Noblat em *A arte de fazer um jornal diário* que me parece oferecer sinais de uma realidade sobre o perfil dos jornais impressos brasileiros e o rumo, desanimador, que vêm tomando. Mais: indica que os jornalistas, atores principais desse cenário, têm plena consciência dessa realidade e, mesmo assim, pouco fazem (e se o fazem, é de modo muito gradual) para alterar o rumo dessa embarcação.

Nesta descrição, NOBLAT (2003: 11-13) descreve a seguinte situação:

> "*Cenário*: uma banca de jornal no centro de uma cidade.
> *Personagens*: um jornalista que tenta comprar jornais e revistas e um cidadão de meia idade que lê as manchetes dos jornais expostos na banca.
> *Cidadão* – Eu acho que conheço o senhor... O senhor é jornalista, não é mesmo?
> *Jornalista* – É, eu sou... [...]
> *Cidadão* – Por que os jornais são tão parecidos? Por que tratam quase sempre dos mesmos assuntos?
> *Jornalista* – Porque notícias importantes interessam a todos eles. E são publicadas por todos.
> *Cidadão* – E quem decide que uma notícia é importante?
> *Jornalista* – Ora, nós sabemos quando estamos diante de uma notícia importante.
> *Cidadão* – Então são os jornalistas que decidem quando uma notícia é importante?
> *Jornalista* – Bem, digamos que seja...
> *Cidadão* – E se os jornais se parecem tanto é porque os jornalistas pensam da mesma maneira?
> *Jornalista* – Mais ou menos...
> *Cidadão* – Quem compra jornal pensa como a maioria dos jornalistas?
> *Jornalista* – Acho que não. Há pesquisas nos Estados Unidos que provam que

não. Mas se compra é porque reconhece que os jornalistas sabem em geral escolher bem o que publicam.
Cidadão – Então os jornais vendem cada vez mais?
Jornalista – Não, a maioria dos jornais no mundo vende cada vez menos. [...]
Cidadão – Por que os jornais têm tantas páginas?
Jornalista – Porque têm muitas notícias e anúncios.
Cidadão – E as pessoas têm tempo para ler tanta coisa?
Jornalista – Não. Cada vez elas têm menos tempo. [...]
Cidadão – Jornal existe para quê?
Jornalista – Para informar as pessoas. Também para instruí-las e diverti-las. [...]
Cidadão – Os jornais publicam muitas notícias sobre política e economia, não é?
Jornalista – Publicam sim.
Cidadão – Quer dizer que as pessoas se interessam muitos por elas?
Jornalista – Não, elas despertam cada vez menos interesse. Pelo menos da forma como são escritas e apresentadas.
Cidadão – E que tipo de notícias desperta mais interesse nos leitores?
Jornalista – Notícias sobre temas que afetam mais diretamente a vida deles. Notícias, por exemplo, sobre saúde, educação, sexo, ciências, políticas públicas...
Cidadão – Mas os jornais não estão cheio delas, não é?
Jornalista – É. Não estão... [...]
Cidadão – Os jovens lêem jornais?
Jornalista – Lêem pouco. E cada vez menos.
Cidadão – Mas o que os jornais fazem para atraí-los?
Jornalista – Não fazem muita coisa.
Cidadão – Se não atraírem leitores jovens, no futuro os jornais não terão mais leitores, estou certo?
Jornalista – Está sim, é mais ou menos isso.
Cidadão – Então a idéia dos jornalistas é acabar com os jornais...
Jornalista – O senhor me desculpe, mas tenho que ir embora".

Como se pode observar, o cidadão de meia idade desfere uma série perguntas que acabam por encurralar o jornalista, que ao procurar as respostas mostra que mesmo sabendo que não está conduzindo o jornal para o rumo certo, insiste em errar. Pesquisas feitas em diferentes partes do mundo e levantamentos de dados estatísticos do IVC (Instituto de Verificação de Circulação) revelam, numa primeira amostragem, que as inquietações do cidadão são pertinentes.

Antes de centrar atenção na realidade vivida pelos jornais brasileiros, consideramos conveniente apresentar um panorama com elementos que oferecem uma noção do cenário norte-americano a partir de

pesquisa organizada pela Associação Americana de Jornais. Em 2001, a receita de publicidade dos jornais daquele país diminuiu 11,5% em relação ao ano anterior, a maior desde a grande recessão dos anos 30. A entidade entrevistou 4.003 adultos com idades entre 18 e 24 anos. Setenta e cinco por cento afirmaram que a internet 'mexe' com a imaginação deles. Em relação ao jornal impresso, apenas 45% deram a mesma resposta. A utilização da internet como fonte de notícia aumentou em 127% entre 1997 e 2000. O consumo de jornal impresso, no mesmo período, diminuiu em 12%. Mas o aumento do desinteresse do público não está restrito ao jornal impresso. Também no mesmo período, os telejornais nacionais e mundiais viram sua audiência cair em 14% , ou seja, dois pontos percentuais acima daquele índice vivido pelo impresso.

A insistência dos jornalistas em desenvolver um modelo de jornal que não agrada aos leitores está refletida em números divulgados pelo IVC em janeiro de 2003. Segundo o Instituto, em dezembro de 2002, os jornais diários brasileiros vinculados ao órgão, venderam 3,4 milhões de exemplares, incluindo a vendagem de domingo, quando muitos veículos chegam a duplicar a tiragem. Desse total, 61% foram adquiridos pelos leitores em forma de assinatura e o restante na forma de compra avulsa. O quadro se torna preocupante quando são comparados os números obtidos no mesmo período do ano anterior, ou seja, dezembro de 2001. Em dezembro de 2002, a circulação total (assinaturas e vendas avulsas) caiu em 5,4%. Desse total, o número de assinantes diminuiu em 3,8% e as vendas avulsas em 8%, ou seja, ocorreu menor perda entre os leitores mais fiéis caracterizados pelos assinantes. Por outro lado, dentre aqueles leitores menos envolvidos, os compradores avulsos, a diminuição foi ainda mais significativa, atingindo 8% conforme foi dito.

Essa redução, contudo, não pode ser atribuída somente ao modelo de jornal pouco interessante desenvolvido pelo jornalista. Num primeiro instante, a diminuição é de natureza econômica, resultante, entre outras causas, do alto índice de desemprego e da visível queda do poder aquisitivo da maioria da população brasileira. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgados em 2003 dão conta de que 53 milhões de brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza e, desse total, pouco menos da metade (23 milhões) compõe a parcela de miseráveis. No período de 1997 a 2002 a taxa de desemprego aumentou em 23% e o poder aquisitivo diminuiu em 35%. NOBLAT (2003: 16) mostra o perfil e o comportamento do cidadão brasileiro e do japonês em relação ao jornal impresso: "em 2000, cada grupo de mil japoneses comprava 500 exemplares de jornais. Aqui, no mesmo período, cada grupo de mil pessoas só comprava 44 exemplares". Esses índices refletem, na verdade, o enorme abismo sócio-econômico e cultural que caracteriza dois países tão distintos e distantes.

NOBLAT (2003: 15) mantém o firme propósito de defender a tese de que os jornalistas insistem em fazer um jornal desinteressante, provavelmente por comodismo ou falta de criatividade. Ele relata que a Associação Americana de Jornais procura, há meio século, por meio de pesquisas, identificar os principais

fatores que corroboram para o afastamento cada vez maior dos leitores em relação ao jornal. Além dos erros de ortografia, do formato e da tinta que suja as mãos, o público pesquisado se queixa do excesso de páginas. Pesquisa feita pela direção do *The New York Times* em 2001 revelou que seus leitores mais féis liam 10% do jornal, o que sugere duas hipóteses: ou o público não tem tempo para ler algo tão maçudo, ou o jornalista não consegue mesmo produzir textos que agradem ao leitor. Por mais que um assunto seja notícia e, portanto, na visão do jornalista, deva ser veiculado, isso não implica, necessariamente, que a notícia venha ao encontro das aspirações do leitor, quase sempre saturado de informações – tanto em quantidade quanto em conteúdo.

Tomando esse mesmo *New York Times* como exemplo, FALASCHI (1999: 61) observa:

> "A quantidade de informação em circulação é tão acentuada que já se fala na perspectiva da obesidade da informação. Nos Estados Unidos é corrente o comentário de que uma edição normal, de meio de semana, do *The New York Times* contém mais informação do que um cidadão médio conseguiria receber em toda a sua vida na Inglaterra do século XVII"

Esses dados sobre o jornal norte-americano confirmam algo que CONY (1997: 13) anunciara em crônica publicada na *Folha de S. Paulo*: "Há um excesso quase imbecil de comunicação: a oferta é bem maior do que a procura, o supérfluo esmaga o necessário".

Alguns autores se debruçam em busca elementos que pudessem auxiliar na identificação de onde estariam estas falhas. Entre eles está OLIVEIRA (2003: 142) que menciona:

> "Como produtor de matéria-prima o meio jornal é eficiente. No entanto, ele não consegue ampliar o número de leitores. Onde estariam as falhas estruturais, já que as externas estão relacionadas com as crises econômicas? Estariam na linguagem empregada e na visão estereotipada de boa parte dos editores?"

O autor, por meio de uma pesquisa apresentada no manual de redação de *O Globo*, **[1]** mostra que a linguagem pode ser uma das vilãs que contribuem para a diminuição dos leitores. GARCIA, autor do manual do jornal carioca mostra o seguinte exemplo levantado partir de uma experiência realizada em 1993 pela Sociedade Americana de Editores de Jornais em conjunto com o jornal *St. Petesburg Times*, na Flórida:

---

1 - Ao longo deste estudo, valemo-nos, em alguns momentos, dos manuais de *O Globo*, *O Estado de de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*. Embora consideremos o termo 'manual' algo pejorativo (principalmente pela sua superficialidade), essas publicações apresentam conteúdos específicos (exemplificados e ilustrados), muitas vezes não encontrados na bibliografia existente.

> "Durante quatro dias, foi escolhido um assunto por dia, e repórteres do jornal contaram a mesma história no mesmo tamanho e sob o mesmo título em quatro estilos: *tradicional*, com a pirâmide invertida; **[2]** *narrativo*, realçando o comportamento dos personagens e mantendo certa ordem cronológica; *explicativo*, indo ao detalhe na explicação dos elementos da história, e *opinativo*, destacando um determinado ponto de vista sobre o mesmo assunto. Uma pesquisa entre os leitores revelou que nenhum estilo fora inteiramente rejeitado – mas a pirâmide invertida apresentou o mais fraco desempenho. Na média o estilo narrativo tivera o mais alto índice de aprovação". (GARCIA, 1998: 35-6)

Essa pesquisa dá indícios de que a fórmula tradicional – aquela da pirâmide invertida – que caracteriza um modelo de texto que hierarquiza as informações, apresentando o que há de mais importante no início, deixando os elementos de menor relevância para o final, com o advento da internet – que imprime, não raro, uma leitura rápida – torna-se ainda mais vulnerável. E na tentativa de prender o leitor, oferecendo o que há de mais importante logo no primeiro parágrafo, o modelo de pirâmide invertida na elaboração de um texto é o que ocupa maior percentual do estilo em jornais de todo o mundo. Mas a informação apresentada no formato de pirâmide invertida, segundo OLIVEIRA (2003: 142) não é o único fator que corrobora para a decadência dos jornais impressos. Neste sentido, o autor vai além ao afirmar:

> "Outro motivo é que a cobertura da maioria dos jornais de grande circulação tende a defender os interesses das classes mais privilegiadas. Agregado a esse fator, o povo não se sente envolvido pela leitura, não participa do processo de elaboração do produto e não se identifica com os temas abordados."

Essa ausência de participação do público no processo de elaboração/produção do veículo é objeto de discussão que faremos mais adiante.

Apesar da queda do número de leitores (assinantes e avulsos) no Brasil, os números do IVC permitem notar que quase 30% dos jornais cresceram em meio à crise, o que mostra que, apesar do cenário desenhado por Noblat no diálogo apresentado no início deste capítulo, há, sim, por parte dos jornalistas e dos empresários do setor, uma disposição em alterar o rumo da embarcação – caso contrário, estariam dando tiro nos próprios pés e assinando suas sentenças de morte. As mudanças, indicadas por CABRAL (2003), apontam para o seguinte cenário: a circulação dos jornais que surgiram nos últimos seis anos já responde por 20% da tiragem auditada; o ranking dos dez

---

2 - Sobre a expressão 'pirâmide invertida' OLIVEIRA (2003: 147) acrescenta: "Atualmente, ainda prevalece nos principais jornais o texto tradicional, introduzido no Brasil no período da Segunda Guerra Mundial. Esse estilo consiste na elaboração de um lide (ver glossário ao final deste trabalho) padrão, que responde as perguntas básicas – O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? – e, num texto de formato de pirâmide invertida, cuja fórmula é iniciar a reportagem pelo clímax e colocar os fatos em ordem decrescente de importância".

maiores jornais sofreu quatro alterações de posição em apenas um ano (2002); e a existência de uma aceitação crescente de produtos mais segmentados. Segundo o jornalista, há seis anos, dos dez maiores jornais dos país, oito eram de interesse geral e apenas dois de nichos específicos. Em 2002, o quadro verificado é outro: da lista de dez, cinco são grandes jornais (assuntos gerais) e igual número são os jornais específicos ou segmentados. Os números mostram, portanto, que não é apenas o *The New York Times* que vê 90% de seu conteúdo desprezado pelos leitores mais fiéis. No Brasil, jornais como *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Correio Braziliense* e mesmo o *Correio Popular,* de Campinas, embora não 'circulem' uma aferição tão precisa (pelo menos, que tivesse sido divulgada) como aquela feita pelo jornal norte-americano, lutam para não perderem leitores. Lançamentos de novos cadernos, de novas seções e de suplementos especiais figuram entre as estratégias para, num primeiro momento, preservar seus leitores, e num segundo, ampliar esse quadro, conforme assinala CABRAL (2003): "Resta, portanto, como saída agregar ao produto o conteúdo desejado pelo leitor e, talvez principalmente, pelo não-leitor".

SEGMENTAÇÃO JORNALÍSTICA – Embora largamente usado no meio jornalístico, o termo segmentação vem merecendo amplas discussões em teorias sobre marketing, o que não poderia ser diferente, afinal o jornalismo, não raro, independentemente da forma de expressão (impresso, rádio, TV, on-line etc.) é um produto empresarial. Os ano 90 são chamados como a era da supersegmentação ou do micromarketing. Há a necessidade de fazer um foco dirigido ao consumidor que também pode ser chamado de segmentação cujo recorte pode ser feito a partir de vários referenciais. O público, no caso o leitor, pode ser definido por setor (território), por idade, por classe, por grau de instrução, e também, por áreas de interesse que podem ou não contemplar os referenciais citados. WEINSTEIN (1995: 17) afirma:

> "As empresas devem satisfazer consumidores distintos, que podem escolher a partir de muitas ofertas de produtos, no mercado global. Atualmente, o marketing de massa é apenas uma lembrança distante . Os profissionais de marketing de hoje devem abordar nichos de mercado que exibem necessidades e desejos únicos."

Qualquer estratégia de marketing tem como objetivo melhorar a posição competitiva da empresa e buscar atender às necessidades do consumidor, seja por meio da segmentação, seja por meio de promoções. São muitas as estratégias adotadas pelos jornais para ampliar o número de leitores. Uma das mais visíveis está nas constantes promoções: livros, dicionários, enciclopédias, CDs, DVDs, produtos eletrônicos e até apartamentos estão entre os atrativos que acompanham ou podem ser sorteados mediante a aquisição de um determinado número de exemplares e ou da compra de assinaturas. Num primeiro momento, isso pode aumentar a venda do veículo, porém, por problemas de ordem cultural do brasileiro, que não tem o hábito da leitura, esse aumento nas vendas não se

sustenta. Muitos jornais são adquiridos em bancas pelos leitores apenas enquanto duram os cupons para o preenchimento de uma determinada cartela ou assinados enquanto duram as promoções. Tão logo o produto-brinde chega às mãos do leitor, é comum prevalecer novamente o desinteresse pela publicação.

No campo editorial, o que se percebe é que as grandes empresas estão buscando abocanhar fatias de mercado que estavam restritas a jornais populares autônomos, produzidos por empresas que buscavam um lugar ao sol. De norte a sul do país, o cenário atual mostra que há uma grande concentração de jornais populares nas mãos das grandes empresas, conforme observa BAHIA (1990: 245):

> "No Brasil, desde os anos 50, se observa a formação de *pool* por empresas que ditam vários títulos num mesmo espaço geográfico como um claro objetivo monopolista. Os efeitos imediatos desse procedimento são a mercantilização da atividade jornalística e a caracterização do fim comunitário a que se destina."

Esse quadro apresentado por BAHIA persiste e continua crescendo. Em São Paulo, por exemplo, o Grupo Folha, além da *Folha de S. Paulo*, publica o popular *Agora São Paulo* e o Grupo Estado produz *O Estado de S. Paulo* e o popular *Jornal da Tarde*. No Rio de Janeiro, o Infoglobo elabora *O Globo* e o popular *Extra*. No Rio Grande Sul, a RBS publica o *Zero Hora* e o popular *Diário Gaúcho*. No Ceará, a empresa publicadora do *Diário do Nordeste* mantém o popular *Jornal da Rua*. E essa realidade não é verificada apenas nas capitais. Em Campinas, metrópole com pouco mais de um milhão de habitantes, a Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), além de publicar o *Correio Popular* e o popular *Diário do Povo*, lançou, em 2003, a *Gazeta do Cambuí* que, embora não tenha pretensão de ser uma publicação popular – muito pelo contrário, pois é dirigida ao público de um dos bairros mais nobres da cidade – demonstra que a segmentação jornalística é uma das estratégias para a preservação de leitores e a conquista de novos.

Entretanto, embora os veículos de mídia impressa estejam se concentrando cada vez mais nas mãos das grandes redes – o mesmo fenômeno ocorre com empresas de mídia televisiva e radiofônica – o modelo não vem sendo aplicado corretamente. É possível encontrar num mesmo dia o mesmo texto publicado pelos diferentes jornais de um mesmo grupo empresarial. O que muda é o tom do título da matéria e a disposição gráfica dos elementos na página: cada qual adequado ao seu público. Neste sentido, observa OLIVEIRA (2003: 144):

> "Nas edições especiais sobre os atentados do dia 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos [....] o *Extra* e *O Globo* publicaram quase na totalidade os mesmos textos, diversificando apenas os títulos e a diagramação, o que nos faz supor que no caso do agravamento da crise financeira as empresas utilizariam uma mesma equipe para fazer dois produtos diferentes."

A adoção dessa estratégia de comunicação por parte das grandes redes (a veiculação de textos semelhantes em jornais populares, sejam eles vendidos em bancas ou com distribuição gratuita) é severamente criticada por BAHIA, para quem a empresa faz do rótulo 'comunitário' apenas uma fachada. BAHIA (1990: 246) afirma que

> "se a pretexto de economizar custos, jornais de uma mesma cadeia empresarial simplesmente repetem as notícias, embora os públicos sejam diferentes; e se a despeito de usar o direito de seleção (por ser gratuito, o veículo tem o privilégio de escolher a sua audiência) os jornais se concentram maciçamente nas classes A e B, então a sua finalidade comunitária será apenas uma fachada para angariar simpatias e lucros."

Em Campinas o mesmo quadro pode ser reproduzido: o repórter que produz o texto e o fotógrafo que faz a imagem, ambos vinculados a AAN (Agência Anhanguera de Notícias), vêem as mesmas produções publicadas igualmente no *Correio Popular* e no *Diário do Povo*. Os personagens que geralmente se alteram no processo de produção de um veículo popular e de um jornal de grande circulação, ainda na redação, são o editor de arte, o editor de área, o editor de fotografia e o paginador. Ao editor de arte compete dar as diretrizes para a diagramação seguindo o projeto gráfico do veículo (cores em títulos e títulos em caixa alta, negrito e formato de bastão são alguns dos elementos que caracterizam uma produção mais popular). Ao editor de área cabe produzir um título com linguagem que se aproxima mais da grande massa (trocar o termo 'dinheiro' por 'grana' e 'falso' por 'fajuto' são opções que indicam o popular). Ao editor de fotografia cabe decidir pela 'explosão' das fotos (tamanhos grandes) como também salientar detalhes que resvalam na apelação (dor, violência, sexo etc.). Ao paginador, compete executar a orientação vinda dos editores. Daí em diante, os processos de produção dos dois jornais encontram-se novamente, seja na etapa de fotolito, de impressão ou de distribuição.

A título de melhor compreensão, as edições do dia 24/11/04 dos jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo* apresentam algumas ocorrências como essas que acabamos de citar. A manchete da página 6 do *Correio Popular* diz: "Juíza eleitoral nega cassação de vereadora eleita pelo PTB". *(Ver figura 1)* O mesmo assunto é também tratado em manchete pelo *Diário do Povo* (pág. 8) sob o título "CONTRA O FEITICEIRO". *(Ver figura 2)* Os textos são exatamente os mesmos e as fotos, embora dotadas de legendas diferentes, são as mesmas. Entretanto, para simular uma diferença, o editor inverteu a posição da fotografia, ou seja, no *Correio* a entrevistada está olhando para a direita (de costas para a matéria) e no *Diário* está olhando para a esquerda (de frente para a matéria). Como se percebe, alguns artifícios que podem ser usados para forjar uma diferença no conteúdo foram adotados.

Nota-se, então, que o jornalismo segmentado, mesmo quando usado de forma inadequada, conforme vimos em exemplos citados, pode ser um dos caminhos para a sustentação da mídia impressa diária. Tanto é que começam a surgir no país cursos de pós-graduação, em nível de especialização.

Apenas para citar como exemplo, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) implantou, em 2002, o curso de Jornalismo e Segmentação Editorial **[3]** que apresenta os seguintes objetivos:

> – Promover a qualificação em alto nível de profissionais e docentes de cursos superiores que dêem densidade peculiar ao jornalismo através da especialização em algumas de suas modalidades, revitalizando-as para novas tendência do mercado profissional.
> – Construir um conjunto de conhecimentos que permita o aprofundamento da reflexão sobre o campo prático e teórico do jornalismo, garantindo a formação continuada e criando oportunidade de novos campos de estudos e profissionais.
> – Sistematizar a construção de um fazer jornalístico sofisticado, propondo ao profissional de comunicação não apenas amplos domínios teóricos, mas lingüísticos (como delineador do conhecimento), e a possibilidade de se estabelecer veículos eficazes com universos variados de receptores. **[4]**

Como se pode observar, nos objetivos apresentados, o projeto do curso indica que a segmentação pode ser alcançada por

Figura 1



CIDADES

CADEIRA GARANTIDA

Juíza eleitoral nega cassação de vereadora eleita pelo PTB

Denúncia de compra de votos durante campanha foi considerada improcedente

Leonice da Paz, que recebeu 3.923 votos, depoimentos comprometem suplente

Abi Chedid terá de responder a inquérito policial

Figura 2



CONTRA O FEITICEIRO

Testemunhas de acusação recuperam até sua voz

---

3 - O curso oferece as seguintes disciplinas: 'Jornalismo Institucional', 'Comunicação com o Mercado', 'Jornalismo Literário', 'Jornalismo Internacional', 'Jornalismo e Contemporaneidade', 'Jornalismo Cultural', 'Jornalismo, Ética e Política', 'Jornalismo *On-line*', 'Planejamento Visual do Jornalismo Impresso' e 'Fotojornalismo, Manipulação e Informação'.

4 - Texto extraído do folder elaborado em 2001 para apresentação do curso de Jornalismo e Segmentação Editorial.

meio da especialização em algumas modalidades jornalísticas. Chegamos então a dois termos ('segmentação' e 'especialização') correntes no dia-a-dia do jornalismo, seja no âmbito das redações, das assessorias de imprensa ou âmbito acadêmico. Há profissionais e também pesquisadores que, num primeiro momento, afirmam que segmentação e especialização são nomenclaturas semelhantes na prática jornalística. Se, por um lado, a especialização tem merecido atenção especial por parte de alguns autores, [5] afinal o Jornalismo Especializado é uma disciplina em nível de graduação em varias faculdades do país, por outro lado, a segmentação não mereceu ainda a devida atenção por parte dos teóricos e pesquisadores da área e, por isso, é motivo de controvérsias. Como já foi dito, para alguns, são áreas semelhantes, para outros, a especialização prepara o jornalista para a segmentação, ou seja, é uma etapa que precede a segmentação.

BAHIA (1990: 215) define especialização jornalística como "informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando à notícia um caráter específico". Essa especificidade pode, também, levar à segmentação. O autor apresenta um apanhado histórico que permite compreender melhor o termo 'especialização' e mostra como especialização e segmentação, não por acaso, são termos considerados semelhantes por muitos jornalistas, afinal, tratar as notícias de modo setorizado facilita a identificação dos vários segmentos de leitores, sejam eles fiéis a um veículo de informação geral, sejam leitores assíduos de um veículo específico. É este o panorama histórico apresentado pelo autor:

> "No Brasil é possível situar o jornalismo especializado a partir do jornal impresso, que vai de 1808 a 1880, com a crônica (de costumes) e o ensaio (político e literário) em lugar da reportagem, fase opinativa, doutrinária e filosófica; de 1880 a 1930, com o jornal somando-se ao rádio, em busca da identidade empresarial, a reportagem substitui a crônica e o ensaio e a notícia começa a predominar sobre a opinião; [...] de 1930 em diante, transformações profundas na sociedade e na empresa incidem na reorganização dos meios de comunicação revitalizando neles as especializações, ampliadas pela televisão, pelo rádio e na própria imprensa." (1990: 215)

Sobre a especialização, LUSTOSA apresenta um recorte histórico mais definido mostrando que, no período de censura, principalmente no campo político, coube aos jornalistas buscar formas de dialogar com o leitor, conforme podemos ver a seguir:

"Durante o regime militar, com o esvaziamento da esfera política, os jornalistas,

---

5 - O mercado editorial conta com alguns títulos que mostram que o Jornalismo Especializado há muito está incorporado à bibliografia de professores, pesquisadores e alunos que querem aprofundar o tema. Como exemplo, podemos citar um dos livros clássicos na área: *Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso*, de Mário Erbolato (Atlas, 1981). Outros autores também destinam espaço ao tema. Entre eles podemos destacar Juarez Bahia, em *Jornal, história e técnica – as técnicas do jornalismo, 2* (Ática, 1990, págs. 214-230) e Elcias Lustosa, em *O texto da notícia* (UnB, 1996, págs. 113-118).

> mais do que nunca, foram obrigados a trabalhar com assuntos especializados, principalmente econômicos. Os tecnocratas falavam difícil citando sempre uma ou mais expressões em inglês, em cada cinco palavras que pronunciavam. O jornalista passou a se especializar ainda mais, a fim de traduzir a linguagem dos tecnocratas e, com isso, ampliou-se o espaço destinado aos assuntos econômicos." (1996: 111)

Aprofundando um pouco mais sobre o tema especialização, BAHIA (1990: 225) classifica desse modo a área de atuação do jornalista especializado:

> "Primária é aquela que é parte inseparável dos veículos de assuntos gerais, como as seções (nos impresso) ou os programas (nos audiovisuais). Autônoma é a que tem veiculação e periodicidade próprias, sejam de notícias, sejam de publicidade. Seções e programas, ou veículos, procuram dirigir temas e linguagens específicos a um público específico."

Nesta discussão que mostra que há uma linha muito tênue que separa a especialização da segmentação, pensamos que a especialização pode – ou não – levar à segmentação. Procuramos assim explicar: a especialização é uma área do jornalismo que trata do específico por meio de um processo seletivo, abrindo mão das generalidades e enfoca um tema ou área de interesse que venha ao encontro das aspirações do leitor. Assim, o jornalismo especializado **[6]** visa, num primeiro momento, fazer do jornalista um especialista, permitindo que ele atue com maior tranqüilidade e desenvoltura numa editoria específica (citamos, como exemplo, o caderno de economia 'Dinheiro', da *Folha de S. Paulo*) como também num veículo da mídia segmentada em economia como, por exemplo, *Gazeta Mercantil*. Se a especialização limita o campo de ação, a segmentação procura aprofundar ainda mais o tema. O leitor da mídia segmentada apresenta como característica a vontade de ver o assunto esgotado. Mas esse modelo de mídia segmentada, pelo menos no Brasil, dá mostras de que não pode atuar sob uma camisa-de-força. A *Gazeta Mercantil*, um dos mais antigos veículos da mídia segmentada não resistiu ante as exigências do público e abriu, de modo gradual, as portas da segmentação, mostrando que sua estrutura não era tão engessada. A inclusão de editorias nas áreas de cultura e entretenimento/lazer comprova que o modelo da segmentação deve ser repensado. O exemplo da *Gazeta* leva a deduzir que a reengenharia do modelo já vem ocorrendo e mostra ainda que, apesar dessa abertura, o jornal se esmera em não perder o eixo da segmentação. Talvez seja esse um dos caminhos a serem percorridos para que o futuro não seja tão sombrio como aquele descrito por Noblat no início deste capítulo.

A especialização e a segmentação ou a especialização para a segmentação – tanto faz a forma e a ordem

6 - São inúmeras as áreas de especialização no jornalismo: economia, comunidade, educação, literatura, esportes, motor, ciência e tecnologia, cidadania, religião, cultura, sindicalismo etc.

como são colocadas – têm sido o foco de diferentes setores que fazem e pensam o jornalismo. Buscam formas de amenizar o cenário do mercado de veículos impressos que, como vimos, não é animador. Quem compartilha dessa opinião é CONY (1997: 13) ao afirmar:

> "Sempre haverá espaço para o jornal, a revista e o livro, desde que a dita comunicação seja setorizada em forma e principalmente em conteúdo. [...] Quando, como e, sobretudo, se a mídia impressa vai encontrar esse nicho é uma questão aberta. Mas encontrará, tenho certeza, não pela genialidade ou pelo talento de seus profissionais, mas pela própria mecânica do veículo. [...] O leitor de jornal, revista e livro será diferenciado mercadologicamente do consumidor da mídia eletrônica. Exigirá mais, refletirá melhor, tentará absorver sempre."

JORNAL DE BAIRRO E JORNAL COMUNITÁRIO – A crescente e cada vez mais constante dificuldade, por parte das grandes empresas, em absorver os jovens jornalistas que deixam os bancos acadêmicos e se transferem para o mercado de trabalho faz com que significativa parcela de recém-formados busque basicamente dois caminhos, muitas vezes, autônomos: ou estruturam uma assessoria de imprensa e saem de porta em porta em busca de clientes ou vislumbram, em nichos da sociedade, o espaço para se tornarem porta-vozes de uma determinada organização ou comunidade. Assim, vão proliferando informativos nos mais diferentes formatos, desenhos e para públicos específicos. Um segmento que vem ganhando bastante atenção por parte desses jornalistas são os bairros, independentemente das classes sociais que os compõem.

Para melhor compreensão desse fenômeno convém fazer distinção entre duas modalidades (jornal de bairro e jornal comunitário) que embora possam estar embasadas numa mesma teoria (a do jornalismo de classes sociais) caracterizam-se por práticas que são distintas. Convém, ainda situar e mostrar as especificidades de cada modalidade no contexto da mídia (ou jornal) local e aí, faz-se necessário apontar características que distinguem o jornal local daquela mídia largamente difundida como grande imprensa.

Procuramos fazer essa distinção sem perder de vista que, qualquer veículo de comunicação, independentemente do porte e do público a que se destina, é sempre um fórum de diálogo. O que os distingue é a forma como será estabelecido este diálogo. O grau de abrangência de um veículo da mídia impressa bem como o poder de diálogo com o público a que se destina não pode ser aferido apenas pela forma de distribuição, tiragem e número de páginas. Essas características não significam, necessariamente, que o diálogo proposto pelo jornal tenha surtido o efeito esperado pelos jornalistas, tampouco o almejado pela comunidade de um bairro que muitas vezes não se reconhece nas páginas publicadas. O que distingue a natureza das informações veiculadas pela grande imprensa é o caráter da notícia. A posse do presidente do Senado ou da Câmara Federal certamente será assunto de destaque nos jornais de grande circulação. A posse do presidente da Câmara dos Vereadores ganhará espaço na imprensa local.

E a posse do presidente da associação de um bairro periférico da cidade, que espaço merecerá no noticiário nacional? Nenhum. Afinal, jornais de grande circulação não destinam espaço a 'assuntos menores', de interesse restrito a uma comunidade.

Mesmo jornais de médio porte (que mais adiante apresentaremos como mídia local), com generoso espaço reservado aos assuntos da cidade, deixam de lado acontecimentos 'secundários'. Muitos temas de interesse específico do bairro, embora relegados pela mídia a um segundo plano, não raro, sensibilizam mais a comunidade local que assuntos de grande repercussão. Conforme afirma BAHIA (1990: 244-5):

> "Mesmo jornais diários, que publicam cadernos ou páginas dedicados exclusivamente à cidade, deixam de lado aquilo que consideram assuntos secundários, e que muitas vezes sensibilizam mais a comunidade que barulhentos temas da vida nacional ou internacional. Pela sua própria natureza, o grande veículo está conotado com a macronotícia e a sua visão de cidade é em geral uma visão metropolitana e não distrital, preferindo alimentar uma reação impulsiva pelo que é menos dramático, crucial."

Diante disso, o cidadão integrante das classes sociais menos privilegiadas, não se reconhecendo nas páginas do jornal, adota uma postura de desinteresse por aquilo que é publicado. Isso nos leva a crer que a distância entre o 'cidadão comum' e os centros de decisão e a conseqüente sensação de impotência diante das decisões, sejam na esfera federal ou mesmo no âmbito das redações, fazem com que alguns desses assuntos se tornem 'menos importantes'. Esse fenômeno leva WONDRACEK (1978: 11) a fazer alguns questionamentos:

> "Qual o órgão de comunicação de um grande centro, por mais poderoso que seja, que tem condições de ser o veículo de integração de uma pequena comunidade, lá do interior do Pará ou do Rio Grande do Sul? [...] Pode o maior jornal do país, por exemplo, dar ao leitor de qualquer cidade do Recôncavo Baiano ou do Triângulo Mineiro as informações que ele deseja sobre os fatos que estão se desenrolando na sua rua, na comunidade? Podem os maiores jornais do país estar presentes em todas as comunidades brasileiras, para servir de veículo a cada uma e a todas as campanhas comunitárias?"

O próprio autor procura encontrar a resposta ao afirmar que: "nenhum grande veículo de comunicação, considerando-se a imensidão brasileira, tem condições para satisfazer a todo mercado consumidor da informação." (WONDRACEK, 1978: 11) Essa realidade leva DINES (1997: apresentação) a elaborar a seguinte reflexão:

> "O jornalismo é, na realidade, um ofício-desafio: terminar a tarefa interminável. Cada edição que se abre contém a mesma provocação. Cada fechamento, igual expectativa. Em cada intervalo, a mesma frustração de não ter conseguido levar aos leitores todas as relevâncias do que aconteceu ou irá acontecer. O afinco na busca da excelência e da verdade, não obstante a energia despendida, amanhã deverá renovar-se integralmente. A primeira página não é apenas a vitrine do conteúdo, mas a arena onde se trava um combate infindável em que o jornalista, felizmente, perde sempre – a vida continua, surpreendente, incapaz de ser apreendida, reproduzida e sintetizada."

Valendo-nos dessas palavras de Alberto Dines podemos afirmar que, na verdade, o resultado da prática do jornalismo estará acompanhado sempre de dois sentimentos que não agradam ao jornalista tampouco ao leitor: o de insatisfação e o de frustração. O jornalista encontrará sempre lacunas, inconsistência e até falta de informação sobre um determinado assunto; e o leitor, mais atento ou com postura crítica, poderá continuar com interrogações após a leitura do texto, ou seja, a reportagem elaborada pelo jornalista não responderá a todas as questões que o leitor gostaria de ver contempladas. Se esse fenômeno acontece com reportagem de interesse nacional nos grandes jornais, sempre limitados, entre outras coisas, ao espaço físico das páginas, o que dirá em relação aos assuntos 'menores'. Daí a insatisfação revelada por Dines.

Mídia local e jornal do interior – Feitas essas considerações, buscamos agora elaborar um recorte que aqui rotulamos de mídia local (PERUZZO, 2003) ou jornal do interior (WONDRACEK, 1978), ou seja, a mídia destinada a uma certa localidade que, num primeiro momento, procuraremos enfocar dentro dos limites de uma cidade. É a primeira tentativa de oferecer elementos que diferenciem os veículos pautados pela macro-notícia (jornais de grande circulação) daqueles que visam fazer um recorte mais definido (veículos locais ou do interior), embora não consigam deixar de veicular os assuntos de interesse nacional e também mundial. Não se pode, dessa forma, fechar os olhos para a globalização, o que seria tomar um rumo que segue na contramão da história.

Cicilia PERUZZO (2003), em trabalho publicado no *Anuário da Unesco*, aprofunda a questão quando apresenta e discute atribuições que caracterizam a mídia local. Mostra que o local é marcado por um espaço determinado (embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes) em que o indivíduo é inserido, fazendo desse espaço local familiar e de partilha de sentidos. Ela aponta que o interesse pelo local torna-se cada vez mais evidente, tanto do ponto de vista das empresas que direcionam seu foco

quanto dos indivíduos que por meio da valorização desse espaço tendem a fortalecer os laços de pertencimento. Neste sentido, a autora (2003: 54-5) afirma:

> "A valorização do local na sociedade contemporânea é processada pelo conjunto da sociedade e surge no auge do processo de globalização. Particularmente, até os grandes meios de comunicação de massa, que historicamente sempre deram mais atenção às comunidades de longa distância e aos temas de interesse nacional ou internacional, passam a regionalizar parte de seus conteúdos. Por que ocorre esse novo interesse pelo local? Justamente pela percepção de que as pessoas também se interessam pelo que está mais próximo ou pelo que mais diretamente afeta as suas vidas e não apenas pelos grandes temas da política, da economia e assim por diante. Elas curtem as benesses trazidas pela globalização, mas não vivem só do global, que em última instância é uma abstração. Elas buscam suas raízes e demonstram interesse em valorizar as 'coisas' da comunidade, o patrimônio histórico cultural local e querem saber dos acontecimentos que ocorrem aos seu redor."

Esse fenômeno é assim exemplificado por ALVES (s/d: 31):

> "O homem de hoje, na medida em que acompanha avidamente os acontecimentos no mundo, continua com a mesma sede de saber como vai seu vizinho, de tomar conhecimento das coisas que estão ocorrendo em sua rua, em seu bairro, em sua cidade. Não há, em absoluto, qualquer choque entre o homem que se maravilhou com a conquista lunar e o que está curioso para ler e ouvir a opinião do padre de sua cidadezinha sobre o divórcio, por exemplo."

Embora essas reflexões comecem a entrar no âmbito da comparação entre mídia local e mídia comunitária (assunto que discutiremos mais adiante), optamos por apresentar características que delineiam o que estamos chamando de mídia local. Mais uma vez vamos no valer de PERUZZO (2003: 60-1) para melhor compreensão do assunto:

> *a)* tem o objetivo de dar a conhecer assuntos de foco local ou regional que em geral não têm espaço na grande mídia.
> *b)* é encarada como uma unidade de negócio comercial, portanto tem interesses mercadológicos, vende espaço de anúncios comerciais e pretende ser rentável, cujos excedentes pertencem a seus proprietários individuais/organizacionais.
> *c)* é suscetível a corresponder a interesses políticos e econômicos de empresas, lideranças, grupos partidários da região etc.

d) explora o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégia para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência, e conseqüentemente obter retorno financeiro.
e) tem interesse em contribuir para a ampliação da cidadania desde que as estratégias adotadas para tanto ajudem na consecução dos interesses empresariais.
f) os espaços abertos à participação dos cidadãos estão sujeitos ao controle dos dirigentes e técnicos.
g) a produção do 'que fazer' comunicacional está sob a responsabilidade direta dos especialistas contratados.
h) o sistema de gestão é do tipo burocrático tradicional.
i) os conteúdos tendem a ser, majoritariamente, parte daqueles tratados pela grande mídia, mas com enfoque local ou regional, como por exemplo: CPI numa Câmara Municipal, informes sobre clima-tempo, programas de cunho social bem sucedidos na região...
j) a mídia local tanto pode ser local em seu sentido estrito, de pertence e atuante num dado território, como pode ser exterior a ele e apenas lhe oferecer espaços (programas de rádio ou de televisão) cadernos especiais (jornal impresso) para tratamento de questões locais.
l) há casos em que algumas emissoras comerciais de TV e de rádio produzem programas de cunho bastante comunitário, tanto no formato (participação popular) como nos conteúdos (problemáticas sociais, noticiários locais etc.) que à primeira vista podem ser vistos como sendo tipicamente de uma emissora comunitária.

Essas características, na verdade, deveriam estar inseridas em qualquer cartilha que determina as diretrizes das publicações ditas locais que integram o ramo de negócios e campo de ação de grandes redes de comunicação que procuram, conforme já vimos, abocanhar cada vez mais fatias de mercado, principalmente publicitário. Consideramos que de todas essas características elencadas pela autora, apenas a última – e não por acaso neste item '*l*' ela fecha questão em emissoras de rádio e televisão – não pode ser aplicada ao veículo impresso. Em jornais de grande porte como *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* ou mesmo na mídia considerada local, ou do interior, como o *Correio Popular* e o *Diário do Povo*, de Campinas, o espaço para a manifestação do cidadão é muito limitado e passa ainda por um rigoroso processo de edição, merecendo, não raro, uma seção pouco nobre denominada 'carta do leitor'. Em situações mais específicas, pode ainda esta manifestação ser apresentada sob o filtro de um repórter durante uma entrevista, quando do desdobramento de um assunto que esteja na pauta daquela edição. Nesse sentido, a mídia impressa (nacional ou local), além de se constituir naquela que oferece menor espaço ao leitor, é a que oferece menos espaço à fala bruta do entrevistado. Em emissoras de rádio ou TV, apesar do processo de edição, o público ouve a fala do entrevistado; em veículos da mídia impressa, raramente é apresentada a fala do entrevistado tal qual foi anotada ou gravada pelo repórter. O leitor terá acesso a um texto que é a interpretação do repórter que absorveu da fala do entrevistado. Ou ainda, em caso de entrevista no

sistema de pergunta e resposta, terá, por meio do texto, acesso a uma fala que, por mais fiel que possa parecer, terá passado por um processo de "limpeza" em que devaneios e repetições estarão excluídos na impressão final.

Das onze características elencadas por Cicilia Peruzzo, apenas três enfocam conteúdo editorial e, dessas, somente duas podem ser aplicadas à mídia impressa. Estamos falando dos itens '*i*' e '*j*', em que a autora fala da diferença de enfoque em relação à grande mídia e dos espaços (cadernos especiais) destinados à veiculação de assuntos de interesse local. Tomamos aqui a liberdade de acrescentar um item que, além do conteúdo, contempla também a forma, afinal não é por acaso que as empresas investem cada vez mais em profissionais que têm a responsabilidade de impor um visual, que aqui chamamos de projeto gráfico, que procure agradar ao maior número possível de leitores. Assim, sugerimos acrescentar o item "m" mostrando que na forma de apresentação, a mídia local deve usar linguagem acessível, textos curtos e visual leve – afinal, está direcionada a um público que, 'supostamente' não tem muito presente o hábito da leitura.

Tomamos ainda a liberdade de abordar e, porque não, incluir mais um item – o "*n*" – no que diz respeito à forma como o jornal local trabalha o anúncio publicitário. O jornal local proporciona ao médio anunciante a possibilidade de expor seus produtos e serviços – o que se tornaria impossível em jornais de grande circulação devido ao valor elevado na tabela de preços. Neste sentido, Juarez Bahia aponta que a diferença de conteúdo dos dois jornais também pode ser verificada na publicidade. Ele faz a distinção entre jornal de bairro e jornal dirigido, que até então estamos chamando de local. BAHIA (1990: 244) afirma:

> "A publicidade do jornal de bairro incentiva pequenos e médios comerciantes, pequenas e médias atividades artesanais ou semiprofissionais de uma área populacional restrita à sua influência. É também assim com os classificados. A publicidade do jornal dirigido, por sua vez, incorpora o grande anunciante, e os classificados que transcendem o bairro. Ele está tão próximo do grande jornal que só os separa o caráter de circulação, que é gratuita em um, e paga em outro."

Embora o assunto publicidade não esteja elencado entre as características de mídia local definidas por Cicília Peruzzo, a autora não deixa de discutir o assunto e acaba por complementar o que Bahia acaba de afirmar. Segundo PERUZZO (2003: 65-6),

> "Descobriu-se que o pequeno e médio anunciantes de bairros e de cidades de interior dos estados não se interessam ou não lhes é viável pagar os altos preços cobrados pela mídia nacional ou estadual. Primeiro, porque consegue comunicar-

> se com seu consumidor por meio da comunicação dirigida, promoção no ponto de venda [...] Segundo, porque lhes é financeiramente desinteressante pagar os altos preços de veiculação cobrados pela televisão com cobertura ampliada ou os jornais de circulação nacional. Assim sendo, a grande mídia se regionaliza parcialmente ou criam-se veículos locais para aproveitar o segmento de mercado publicitário local ou regional."

Apesar de apontar as características que distinguem a mídia local dos jornais de grande circulação, Cicilia Peruzzo insiste em afirmar que a proximidade do meio de comunicação com os indivíduos não ocorre por razões de espaço ou território. PERUZZO (2003: 53-4) afirma:

> "Ao nosso ver, ao mesmo tempo em que o local indica possuir as dimensões de proximidade e de familiaridade, ele não permite ser tomado com contornos territoriais precisos, pelo menos não como conceito universal, principalmente na perspectiva dos meios de comunicação que, com os avanços tecnológicos, podem se deslocar do local ao universal num mesmo processo comunicativo. Desse modo, os elos de proximidade e familiaridade ocorrem muito mais pelos laços de identidades de interesses e simbólicas, do que por razões territoriais, ainda que, em algumas situações, a questão geográfica seja peça importante na configuração da localidade."

O que se depreende a partir do que discutimos até agora é que há por parte dos dois tipos de mídia (local e nacional) uma constante apropriação dos elementos que até então poderiam definir as especificidades. O jornal local, pelo fácil acesso às tecnologias que permitem, de modo relativo, colocar seus leitores em contato com um mundo globalizado, começa a ganhar diferentes contornos. O grande jornal, interessado em explorar nichos de mercado cada vez mais específicos, começa a se apropriar de linguagem e conteúdo até então restritos à mídia local. É a configuração de uma desterritorialização que deixa cada vez mais nebulosa a identificação desses limites.

Se quisermos fazer um recorte ainda mais definido podemos segmentar a mídia local em duas áreas de atuação: o jornal de bairro e o jornal comunitário. O jornal de bairro não apresenta características muito diferentes daquelas já atribuídas ao jornal local. No tocante à características, conteúdo, forma e, principalmente, interesse, são muito parecidos. A diferença, muitas vezes, se evidencia, pelo campo de ação ou território em que atua. Se a globalização e o fácil acesso às tecnologias dificultam a identificação dos limites territoriais, a área de abrangência ou de circulação (e aí contempla o trabalho de distribuição) acaba por impor os limites territoriais que fazem do veículo um jornal de bairro.

O jornal de bairro é um veículo produzido para atender a um bairro ou a um conjunto de bairros.

Podemos explicar melhor a partir de dois jornais de bairro que circulam em Campinas (SP): o *Semana 3* e a *Gazeta do Cambuí*. O *Semana 3* é destinado ao distrito de Barão Geraldo, região privilegiada social e culturalmente, entre outros motivos, pela proximidade com as duas maiores universidades de Campinas e do país, a Unicamp e a PUC-Campinas. O veículo pode, certamente, ser caracterizado como um jornal de bairro. Da mesma forma a *Gazeta do Cambuí,* produzida pela Rede Anhanguera de Comunicação (RAC) e que está restrita aos limites do bairro. Ambos os jornais tratam de assuntos locais e, por terem distribuição gratuita, visam obter recursos financeiros por meio da venda de anúncios (comerciais, serviços, políticos, editais, classificados etc). Isso ratifica a idéia de que são jornais que, embora concebidos como veículo de informação jornalística, visam, como não poderia ser diferente, explorar espaço comercial e assim alcançar lucros.

E o público, como reage a essas publicações? BAHIA (1990: 244) não deixa dúvida quanto à aceitação desse tipo de veículo por parte dos leitores:

> "O jornal dominical domiciliar gratuito compartilha uma linguagem doméstica, íntima ou de vizinhança com uma receita de entretenimento que não viola os hábitos de consumo. É capaz de alcançar nas áreas onde circula índices de leitura mais elevados que os da grande imprensa. Pesquisas atribuem até 77% de índice de leitura – com permanência de quatro dias e média de três pessoas por domicílio – para o melhor padrão de jornal ou revista de bairro, contra 23 a 25% para os maiores diários."

JORNAL COMUNITÁRIO – Feitas as considerações sobre o jornal de bairro, nosso foco direciona-se agora ao jornal comunitário, proposta que norteia o trabalho desta investigação científica. Entretanto, para melhor compreensão sobre o tema, consideramos importante buscar elementos que permitam conceituar o termo comunidade. Para isso, valemo-nos de elementos oferecidos por MARCONDES (1987), PALÁCIOS (1990) e PERUZZO (2003).

MARCONDES (1987: 155-6) faz uma crítica à sociologia alemã que considera sociedade e comunidade elementos contrastantes:

> "Dentro da sociologia, começaram a fervilhar em fins do século passado as interpretações sobre a questão da comunidade como objeto de análise. Afastando o caráter de 'ciência natural', que havia sido atribuído inicialmente à Sociologia, a tendência predominante na sociologia alemã iniciante passou a ser a de contrastar a sociedade (a burguesa, industrial, conceito negativo) com comunidade (o espaço

> pré-capitalista de relações humanitárias e não contaminadas pela ideologia do capital). [...] Comunidade não pode ser vista como alternativa à sociedade (capitalista, no caso). É parte dela, e sua lógica funciona junto com a da sociedade maior, despersonalizada, anônima etc."

PALÁCIOS (1990: 106-7) procura por meio de teses equivocadas propagadas em diferentes segmentos da sociedade, chegar a algumas conclusões:

> "A comunidade é uma unidade social de tamanho reduzido que se caracteriza fundamentalmente pela proximidade física entre seus membros e pelos contatos face-a-face. Esta tese assenta-se numa compreensão extremamente estreita e até conservadora. Uma tal concepção reduz a comunidade apenas a grupamentos locais, de vizinhança, à vila, bairro etc. [...] O conceito de comunidade, pelo menos em termos de sua instrumentalização política, tem que ser levado muito além dos laços da comunidade local. Quando a comunidade é pensada de forma tão limitada, sua demarcação está sendo estabelecida tomando-se por base o modelo medieval de família extensa e de vila. [...] Comunidade não é simplesmente um lugar no mapa. As pessoas podem ter uma diversidade de experiências de comunidade, independentemente de estarem vivendo próximas umas às outras. A comunidade deve ser vista como toda forma de relação caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum de um grupo de pessoas, seja qual for a dimensão desse grupo e independentemente de sua dispersão ou proximidade geográfica."

E, finalmente, PERUZZO (2003: 55) afirma que modos de organização e de laços de cooperação são elementos fundamentais para o estabelecimento de uma comunidade:

> "A comunidade se situa dentro de um espaço local, e o espaço local é sempre mais amplo e diversificado do que uma comunidade. Por sua vez, os vínculos tendem a ser mais estreitos no espaço comunitário no que em nível local. Existe comunidade dentro do espaço local quando alguns dos segmentos sociais ali existentes apresentam graus e formas de organização típicas da comunidade, como por exemplo fortes laços de cooperação entre indivíduos, sentimento de pertença, interação, participação ativa dos membros e a conjugação de interesses em comum."

As teses defendidas por Ciro Marcondes, Marcos Palácios e Cicilia Peruzzo jogam luz nessa discussão. Se a definição de comunidade pode não estar circunscrita a um determinado espaço territorial e sim a interesses e afinidades, é também verdadeiro que um jornal pode não ser considerado comunitário

simplesmente porque é dirigido às pessoas de uma mesma localidade. O veículo, se tomarmos as contribuições de Marcondes, de Palácios e de Peruzzo como base, deve ser concebido a partir da definição do termo comunidade. MARCONDES (1987: 160) afirma:

> "O jornalismo comunitário, portanto, é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade e realiza os fins a que se propõe. Falar-se, então, de jornalismo de bairro, de judeus, de negros como jornais comunitários é falso. Pode haver, porém, jornais feitos por certas comunidades de negros, judeus ou de bairros."

O autor vai além quando critica jornais direcionados a determinados públicos mas que na verdade apresentam, de forma velada ou explícita, cunho estritamente comercial. São os jornais que se valem do rótulo 'comunitário' mas que objetivam mesmo a obtenção de lucros, por mais que o conteúdo editorial atenda à expectativa do público-alvo. Entre outros fatores, o diferencial reside não apenas na forma como é produzido, mas principalmente por quem é elaborado. É fundamental, segundo MARCONDES (1987: 161) a participação efetiva da comunidade nas tomadas de decisão e no processo de produção:

> "Fazer jornal comunitário não é buscar grupos étnicos, religiosos, culturais, nacionais, geográficos, com mensagens 'para aquele público', como exploração de fatias de marcado. Tal procedimento é o mesmo do jornal não-comunitário. Por isso, os jornais de bairro, os jornais de colônias (judia, alemã, japonesa, por exemplo), os jornais do interior, são estruturalmente idênticos aos jornais de grande imprensa. O que se modifica é somente o público visado. A elaboração, o caráter, a vinculação e grupos políticos obedecem aos mesmos critérios da imprensa liberal de forma geral. [...] Um jornal comunitário, diferente disto, é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo."

PERUZZO (2003: 55-6) segue a mesma linha de pensamento ao afirmar:

> "Comunidade não pode ser confundida com bairro, cidade ou com segmentos étnicos, religiosos, de gênero, acadêmicos etc. Ela pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados humanos. [...] Assim sendo, não basta falar de coisas do lugar para que um meio de comunicação possa ser considerado comunitário, pelo menos não se quisermos falar deles em conformidade com os princípios teóricos de comunidade. Nessa perspectiva, o que mais importa são as identidades, o vínculo e a inserção como

> parte de um processo comunitário mais amplo, ou seja, compromisso com a realidade de cada lugar."

Se é verdadeiro afirmar que as características do jornal local são muito parecidas com as do jornal de bairro (a diferença quase sempre está na área de abrangência e, às vezes, no porte financeiros dos empreendedores) é igualmente verdadeiro que o jornal comunitário é dotado de características que fazem da publicação algo bastante específico, embora muitas vezes a distinção entre local e comunitário não seja facilmente percebida. Tornou-se 'conveniente' a muitas empresas tomar emprestado o termo comunitário como forma de ganhar a simpatia e a confiança da comunidade. São veículos que, de forma não muito ética, fazem uso do rótulo para ganhar a imagem de relação íntima com a comunidade, de prestação de serviço a esse público, mas que, na verdade, visam vantagens como anúncios publicitários e outras benesses.

Sobre essa tentativa de apropriação do termo por parte de empresas para a obtenção das mais variadas formas de vantagem, PERUZZO (1998:152-3) afirma:

> "No campo da mídia comunitária, nem tudo é muito pacífico e perfeito. Em muitos casos o comunitário se consuma apenas no nome. Há confluências de interesses divergentes, os quais podem ser agrupados em três grandes tipos: *a)* interesses voltados essencialmente para a construção do bem-estar das comunidades e favorecimento social local. Procura-se incentivar a participação ativa dos cidadãos no processo de comunicação. *b)* interesses de cunho político partidário e eleitoral. Objetiva-se a usar a mídia comunitária como veículo para campanha política de candidatos. *c)* interesses econômicos e comerciais."

Como se pode observar, das três características apontadas, as duas últimas denotam que há uma apropriação indevida do rótulo 'comunitário' para uso particular. Os interesses particulares sobrepõem-se aos interesses da comunidade. Apenas a primeira característica deve ser considerada positiva pois procura inserir o cidadão no processo de comunicação daquela comunidade.

Assim, deixando de lado os interesses políticos e comerciais, o conteúdo editorial deve privilegiar assuntos de interesse da comunidade. São questões comunitárias específicas como: *a)* reivindicações de melhorias no bairro (iluminação, conservação de praças, calçamento de ruas, reforma de praças esportivas etc); *b)* prestação de serviços ou utilidade pública (campanhas de vacinação, horário de funcionamento do comércio, postos de saúde etc); *c)* valorização de fatos e pessoas do bairro (divulgar pessoas que se destaquem pelo talento ou serviço social e humanitário).

Dessas questões comunitárias específicas, apenas os itens "*a*" e "*b*" são estampados, ainda que com pouca freqüência, nos jornais de média ou grande circulação. O item "*c*" só entra na pauta quando há sobra de

espaço na agenda do repórter para fazer a entrevista e sobra de espaço físico na página, quando, por algum motivo, como revezamento de repórteres em feriados, o editor se vale das chamadas matérias de gaveta. Assim, não raro, bairro periférico só é mote de notícia em jornal de grande circulação quando ocorrem fatos considerados importantes como o de um apostador que ganha sozinho na loteria ou quando uma grande tragédia abala a opinião pública. Como as chances de ocorrência de um crime frio e impiedoso ou de uma chacina são estatisticamente maiores do que a possibilidade de a sorte grande sorrir para um membro da comunidade, esse bairro, então, será notícia sempre que ocorrer algo ruim, algo que pelo grau de crueldade aguce o interesse popular e aumente a vendagem desse jornal. "É exatamente a mesma coisa que acontece no sistema mundial de informação. Um país pobre só é notícia para as grandes agências que monopolizam a informação internacional quando ali ocorrem desastres, golpes de estado ou fatos insólitos." (CALLADO e ESTRADA, 1986: 7)

Editoria de Polícia – Esse cenário pode ser constatado em pesquisa por nós realizada durante o desenvolvimento deste trabalho. Fizemos um levantamento [7] a partir de recortes dos jornais de Campinas *Correio Popular* e *Diário do Povo* no período de 05 de novembro de 2003 a 01 janeiro de 2004. A pesquisa evidencia que as três regiões pesquisadas (Vila Costa e Silva, Complexo São Marcos e Vila Castelo Branco) ganham as páginas dos jornais quando o assunto é violência ou criminalidade. Neste período, a única matéria positiva foi publicada em duplicidade no dia 1°. de janeiro de 2004 quando o *Correio Popular* e o *Diário do Povo* destinaram uma página (com foto principal de capa) ao trabalho que o Centro de Memória-Unicamp realiza no Progen. Deve ser ressaltado, contudo, que a pauta surgiu a partir de sugestão feita pelo CMU à chefia de reportagem daquele jornal.

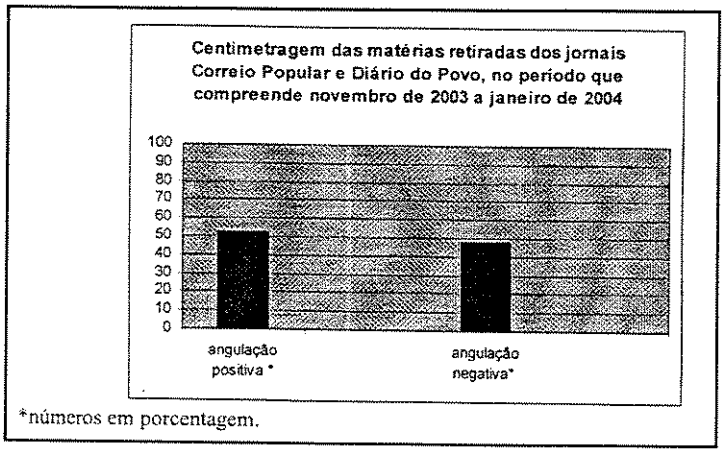
Para melhor visualização de nossa pesquisa, elaboramos o gráfico *(Ver figura 3)* que se refere à centimetragem das matérias retiradas dos jornais citados e que usou como medida os centímetros de coluna. Dentro dessa medição estão os textos, as fotos e os títulos, ou seja, nessa aferição foram contabilizados todos os elementos constitutivos da notícia.

A centimetragem tem por objetivo mensurar quantitativamente as matérias que trataram de alguns bairros populares de Campinas, no intervalo de tempo supracitado. As matérias foram separadas entre aquelas que apresentam uma visão positiva dos bairros e aquelas que passam uma visão negativa, ou seja, que noticiam apenas os seqüestros, assaltos e assassinatos ocorridos naquelas localidades periféricas do espaço urbano. A centimetragem serviu, assim, a essa pesquisa como um instrumento de apoio à análise de como os principais veículos da mídia local percebem essas comunidades e as noticiam cotidianamente.

Partindo para a análise, em um primeiro momento, fica perceptível que a centimetragem das matérias de angulação positiva apresenta-se como sendo maior (52,05%) que a das matérias de angulação negativa (47,95%).

7 - Sob minha orientação, a medição desses recortes e os gráficos foram elaborados pela bolsista de iniciação científica (FAPIC-Reitoria/PUC-Campinas), Cecília Corrêa Ferrarezzi.

Figura 3



Portanto, se nos valêssemos apenas desse dado numérico, poderíamos incorrer em um grande erro de interpretação. Portanto, foi imprescindível que lançássemos mão de um aprofundamento qualitativo na análise em questão.

Ou seja, tendo essas matérias em mãos, pode-se perceber que 394 centímetros de coluna correspondem a duas matérias com a mesma temática, publicadas, nos dois jornais, no mesmo dia. Essas matérias falam sobre o Projeto Gente Nova (ONG dentro da qual desenvolvemos o trabalho do fanzine, objeto deste estudo), na Vila Castelo Branco e a importância do trabalho voluntário no local.

Assim, além de percebermos que 62,5% **[8]** do espaço concedido a matérias de angulação positiva ser ocupado, nos dois jornais, pela mesma temática (o trabalho voluntário nas ONGs), essa surgiu de uma sugestão de pauta feita pela coordenação do projeto, ou seja, houve por parte da coordenação um empenho no sentido de sensibilizar a chefia de reportagem da RAC (Rede Anhanguera de Comunicação), empresa responsável pela publicação dos dois jornais, quanto à validade e importância do projeto em questão.

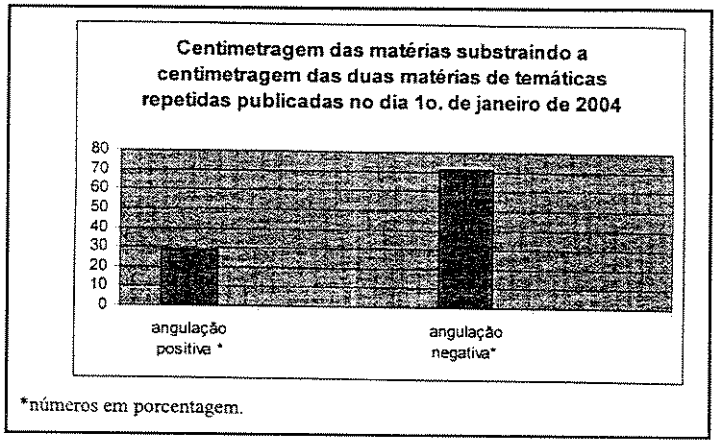
É importante ressaltar que duas outras matérias publicadas no caderno 'Cidades" (portanto, sem o cunho negativo que pauta a Editoria de Polícia) sobre a Vila Castelo Branco falam do Santuário de N.Sa. de Guadalupe que, naquela oportunidade, comemorava seu décimo aniversário. Assim, temos novamente a repetição da temática em 38,5 centímetros de coluna e, nesse caso, tratando de algo que é informativo, cuja notícia se sustenta pela importância da data.

A visualização do gráfico a seguir *(Ver figura 4)* nos permite perceber a diferença numérica que fazem as duas matérias sobre o voluntariado dentro do Projeto Gente Nova.

Para exemplificar, elencamos alguns títulos e lides que mostram o modo como *Correio Popular* e *Diário do Povo* retratam essas localidades. São títulos e trechos extraídos da Editoria de Polícia envolven-

8 - Esse número surge do isolamento das matérias de angulação positiva, que somariam assim 100%, dentro dos quais retiramos esses 62,5% de matérias de mesma temática

Figura 4



do as localidades analisadas: "Bando assalta escola no Jardim Campineiro" (*Diário do Povo*, 20 de dezembro de 2003, p. 4); "Escola profissionalizante sofre arrastão" (*Correio Popular*, 21 de dezembro de 2003, p. 4). Ambos os jornais, embora veiculem as notícias em dias diferentes, publicam extamente o mesmo lide sobre o fato:

> "Uma quadrilha invadiu a escola profissionalizante do Sest/Senat localizada no Jardim Campineiro, na Estrada dos Amarais, região Nordeste de Campinas, e fez um arrastão. Os bandidos roubaram eletroeletrônicos, como computadores e videocassetes, e ainda deixaram dois porteiros que trabalhavam no local amarrados. O ataque da gangue ocorreu na madrugada de ontem." **[9]**

Em outra reportagem, o *Diário do Povo* aborda dois assassinatos ocorridos em dois locais diferentes em Campinas: um no Jardim Campineiro, região Nordeste e o outro no Jardim das Camélias, na região Sul. Porém, no trabalho de edição, o editor optou por dar destaque ao assassinato ocorrido no Jardim Campineiro, um dos bairros do Complexo São Marcos. Sob o título "Comerciante é executado na cama" o lide foi dessa forma elaborado:

> "Dois homens foram executados a tiros na periferia de Campinas. No Jardim Campineiro, região Nordeste de Campinas, um comerciante foi assassinado a tiros na manhã de ontem. De acordo com a Polícia Civil, ele foi identificado como Valdeci Juvino da Silva, de 42 anos. O homem foi executado dentro de sua casa, após invasão de três homens encapuzados." **[10]**

9 - BAPTISTA, Adagoberto. In: *Diário do Povo*. Campinas, 20 de dezembro de 2003, p.4. *In: Correio Popular*, 21 de dezembro de 2003, p.4.

10 - Idem. In: *Diário do Povo*. Campinas, 8 de novembro de 2003, p.5.

A terceira reportagem escolhida mostra a história de um homem que faz sua filha de vítima. Sob o título "Homem seqüestra filha de um ano" o autor do texto faz o seguinte relato:

> "Uma menina de um ano e meio está desaparecida de sua casa, no Jardim Santa Mônica, região Nordeste de Campinas, desde o último sábado, quando foi pega pelo pai. O casal está separado faz cerca de seis meses e o pai da garota a visitava. Na tarde de sábado, ele passou na casa do Santa Mônica e pediu para que a menina ficasse em sua casa, do Jardim São Marcos. Os bairros são separados apenas pela Rodovia Dom Pedro I. "Mas ele não trouxe a criança de volta. Quando deu a manhã do domingo e ele não apareceu com a menina, minha filha, Cristina, foi atrás", contou Maria Conceição Santos Gaspar, de 59 anos, avó da menina." **[11]**

Preenchendo lacuna – É justamente para preencher essa lacuna (a de que os grandes jornais da cidade quase não noticiam o que há de positivo nessas localidades) e diminuir o estigma de que comunidade de bairro só é notícia nas páginas policiais, que surge o jornal comunitário, um veículo cujo objetivo principal é dar voz aos membros da comunidade e estabelecer um fórum de diálogo, de exposição de idéias, de divergências e de reivindicações, conforme assinalam CALLADO e ESTRADA (1986: 8):

> "A função do jornal comunitário transcende o caráter da informação, tornando-se um instrumento de mobilização que estabelece a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas."

BAHIA (1990: 245) segue a mesma linha de raciocínio ao afirmar que "o jornal comunitário não na medida em que concentra notícias e opiniões, mas na proporção em que evoca a cidadania, se diversifica e se multiplica para dar voz ao maior número de correntes numa comunidade".

O jornal comunitário também pode cumprir a função de buscar atender aos anseios da comunidade e divulgar as suas realizações, podendo se constituir em fonte de promoções comunitárias, oferecer caminhos para soluções de problemas, organizar eventos e liderar campanhas para a construção de escolas e postos de saúde etc. Nesse sentido, WONDRACEK (1978: 24) afirma: "São iniciativas que comportam a liderança de um jornal, desde que tenham a finalidade de promover o bem coletivo". Cabe lembrar que para muitos leitores que se informam em outros periódicos,

---

11 - Idem. In: *Diário do Povo*. Campinas, 19 de dezembro de 2003, p.5.

o jornal comunitário tem função complementar. Segundo BUENO (s/d: 12), "leitura de jornais em geral e a leitura de jornais comunitários reforça a velha tese de que os meios de comunicação não se excluem mas se sobrepõem". De fato, as formas de abordagem e as reflexões sobre um determinado assunto, contidas eventualmente nos dois veículos (o de grande circulação e o comunitário), podem ampliar o leque de informações e oferecer elementos distintos para a formação de opinião do público leitor.

O jornal comunitário surge, então, da necessidade de um veículo que fale para uma comunidade específica. Um veículo em que sejam percebidos elementos da teoria da comunicação como o emissor, o canal e o receptor. Porém, diferentemente do fenômeno registrado na grande imprensa em que o emissor (no caso o jornalista) e o receptor (no caso, o leitor) não se conhecem, na mídia comunitária os membros da comunidade estão presentes nas duas extremidades: a comunidade que emite a mensagem é a mesma que a recebe. Entretanto, basta uma leitura mais atenta para que essas características sejam percebidas. Cicilia PERUZZO, (2003: 57-8) em trabalho publicado no *Anuário da Unesco,* organiza e evidencia essas características:

> *a)* ter como objetivo divulgar assuntos específicos das comunidades, de movimentos coletivos e de segmentos populacionais ou do interesse público, que normalmente não encontram espaço na mídia convencional.
> *b)* usar como estratégia a participação direta das pessoas do próprio lugar na programação e em geral também na gestão do veículo de comunicação. O receptor pode se tornar emissor e vice-versa.
> *c)* quem produz (cria, fala, redige, edita, transmite etc) as mensagens não é necessariamente um especialista, o profissional de comunicação, mas o cidadão comum.
> *d)* ter como força motriz a meta de contribuir para o desenvolvimento comunitário como forma de ampliar o exercício dos direitos e deveres de cidadania.
> *e)* não ter finalidades lucrativas. É auto financiada, ou recebe doações, além de trabalhar apenas como apoio cultural e não com anúncios econômicos publicitários. Há um entendimento de que caso haja excedentes econômicos, esses não devam ser apropriados privadamente, mas revertidos para a sustentabilidade e investimentos do próprio meio de comunicação.
> *f)* os conteúdos dizem respeito às necessidades, problemáticas, artes, cultura e outros temas de interesse local, como por exemplo: notícias sobre as atividades dos grupos populares organizados, esclarecimentos visando afastar cri-

> anças do tráfico de drogas, campanhas contra a discriminação da mulher e das raças, dicas de saúde, informações sobre prevenção de doenças, reivindicações de serviços de uso coletivo e outras informações de utilidade pública.
> *g)* nas experiências mais avançadas desenvolvem-se gestões do tipo coletiva.
> *h)* a propriedade pode ser coletiva, individual ou institucional, mas colocada a serviço da comunidade.
> *i)* Buscar autonomia em relação ao governo e outros grupos de interesse.
> *j)* ser dirigida a segmentos específicos da população.
> *l)* ter alcance limitado em termos de cobertura, audiência, número de leitores etc. Porém, há exceções dependendo do potencial técnico de transmissão...

A exemplo do que aconteceu na análise feita sobre as características da mídia local apresentada pela autora, sentimo-nos preparados para acrescentar mais um item – que poderia ser o "*m*" – que consideramos fundamental na concepção de um jornal comunitário: a apresentação de conteúdo que contemplasse a valorização da auto-estima. Dessa forma, o conteúdo editorial não se restringiria a textos de reivindicação, de orientação, de prestação de serviços e de assuntos relacionados à utilidade pública. É preciso enaltecer os fatos positivos, as realizações da comunidade e valorizar pessoas por seus atos e talentos. É permitir que anônimos estejam na vitrine e passem a ser reconhecidos pela comunidade.

Neste sentido afirma WONDRACEK (1978: 24):

> "A presença do jornal é tão importante quando mais estiver integrado e identificado com os anseios e realizações de sua comunidade. E isto implica em que o jornal deva ser uma fonte constante de promoções comunitárias. A solução de problemas sociais ou econômicos; a obtenção de melhores meios de comunicação; a construção de uma creche; a valorização de uma pessoa que tenha prestado serviços à comunidade, através de uma homenagem pública; a organização de espetáculos culturais e artísticos, são iniciativas que comportam a liderança de um jornal, desde que tenham a finalidade de promover o bem coletivo." **[12]**

Ainda no sentido de caracterizar o jornal comunitário, vamos buscar em PALÁCIOS (1990)

---

12 - Sobre este tema específico reservamos uma descrição e uma discussão mais detalhada nos capítulos 4 e 5 em que tratamos da produção dos jornais comunitários (na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco) que norteiam todo este trabalho de investigação científica.

algumas teses que autor considera equivocadas e que por conta disso mostram a abrangência desse tipo veículo. O autor crítica os que defendem que a comunicação comunitária se contrapõe à comunicação de massa e que por isso deve se processar por meios alternativos, essencialmente pelos chamados 'pequenos meios'. Para ele, essa teoria – errada – se dá porque a comunidade é pensada como de tamanho reduzido e por conta disso associam-se a ela os pequenos meios. Endossamos a crítica quando constatamos que, por não haver reserva de conteúdos, a mídia comunitária pode se pautar pela mídia local e direcionar o enfoque. A mídia local, por sua vez, pode, com base no que foi publicado na mídia comunitária, elaborar a sua pauta e amplificar o assunto. Deve-se reconhecer, contudo, que há espaço para todos os segmentos. Neste sentido, BUENO (s/d: 12) afirma: "leitura de jornais em geral e a leitura de jornais comunitários reforça a velha tese de que os meios de comunicação não se excluem, mas se sobrepõem". De fato, segundo CARNICEL (2003: 104)

> "as formas de abordagem e as reflexões sobre um determinado assunto, contidas eventualmente nos dois veículos (o de grande circulação e o comunitário), podem ampliar o leque de informações e oferecer elementos distintos para a formação de opinião do público leitor."

Há a tese de que a comunicação comunitária deve ser feita exclusivamente por membros da comunidade, excluindo, dessa forma, a participação de outros profissionais. Neste caso, ocorre o que o autor chama de "síndrome do participacionismo", em que qualquer trabalho ligado à ação comunitária deva ser feito por membros da comunidade. Embora a participação seja fundamental, não exclui a especialização de funções. Esta crítica pode ser reforçada quando notamos que a produção de um jornal comunitário tendo na coordenação um jornalista de fora da comunidade se dá de forma mais isenta e menos viciada.

Apesar do esforço no sentido de, por meio das especificidades, caracterizar este ou aquele tipo de veículo, não há reservas de conteúdos, (PERUZZO, 2003) muito embora seja mais fácil um jornal comunitário abrigar um texto sobre notícia internacional (conteúdo, portanto, de um jornal local ou de grande circulação) que um jornal de massa estampar um texto com o perfil do campeão de um torneio de truco para a terceira idade organizado pela associação dos moradores do bairro (conteúdo típico de um jornal comunitário). Ou seja, a mídia local focaliza mais assuntos gerais enquanto a comunitária é mais dirigida, preocupa-se com segmentos sociais. O que esses jornais – o local e o comunitário – devem apresentar em comum é a preocupação de se tornarem um fórum de debates, de idéias, de reivindicações, de valorização de fatos e pessoas sem nunca perderem de

vista o cumprimento da sua responsabilidade social, principalmente no que diz respeito à produção de textos que ampliem os direitos e deveres do cidadão.

JORNAL COMUNITÁRIO E CIDADANIA – Não cometemos erro quando afirmamos que o termo cidadania está cada vez mais na ordem do dia. Qualquer que seja o ambiente, qualquer que seja o suporte utilizado para a sua divulgação, o termo é algo corrente nas mais diferentes esferas da sociedade. Igrejas, escolas, empresas, clubes, ONGs etc. fazem da palavra cidadania bandeira a ser ensinada e praticada. A imprensa, independentemente da forma de comunicação (impressa, radiofônica, televisada ou internet), vem abrindo espaços (colunas, seções, páginas, vinhetas e programas especiais) com o objetivo de amplificar a realização de trabalhos e iniciativas, bem como o de despertar a sociedade para a prática da cidadania. Apesar da validade dessa iniciativa por parte da imprensa, percebe-se que muitos veículos de comunicação buscam pegar carona na moda da cidadania para obter algum tipo de vantagem ao adotar indevidamente rótulo de empresa ou imprensa cidadã.

Porém, no que diz respeito aos veículos de comunicação, a prática da cidadania deve nortear todo e qualquer trabalho na área da mídia comunitária, conforme assinala PERUZZO. (2004: 56) Segundo a autora, mídia comunitária pode ser compreendida como: "uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das 'comunidades' onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania." BAHIA vê o jornal comunitário como um instrumento capaz de alertar a comunidade sobre esses direitos e deveres. Segundo ele,

> "O jornal comunitário, não na medida em que concentra notícias e opiniões, mas na proporção em que evoca a cidadania, se diversifica e se multiplica para dar voz ao maior número possível de correntes numa comunidade". (1990: 245)

Visto dessa forma, consideramos, portanto, que o processo de produção de um jornal comunitário deve ser pautado pela prática da cidadania. Para ser mais claro: consideramos jornal comunitário e cidadania práticas indissociáveis; uma só pode existir mediante a realização/presença da outra. Porém, com o abuso do uso do termo, ou, com o seu uso indiscriminado, vamos procurar neste momento jogar luz sobre o tema que, pela larga aplicação, aparece, não raro, de formas contraditórias.

COVRE (1993), FERREIRA (1993), GRAMSCI (1995), JELIN (1996), MARHSALL (1967), SAVIANI (1986), SEVERINO (1992) MARTINS (2000a e 2000b), PERUZZO (2000) e

LAMONIER, (1981) são alguns dos inúmeros autores **[13]** que vêm há anos se debruçando sobre o termo.

MARTINS (2000b: 107) lembra que COVRE (1993: 7-8), por meio de algumas indagações, nos faz pensar sobre o sentido correto do termo. Para a autora, cidadania

> "aparece na fala de quem detém o poder político..., na produção intelectual e nos meios de comunicação [...] e também junto às camadas populares mais desprivilegiadas da população [...] O que é cidadania para uns e o que é para outros? É importante aprender de que cidadania se fala. [...] o que é cidadania? Podemos delinear concepções diferentes e até mesmo opostas."

PARK (2005: prelo), considera o uso do termo cidadania bastante esvaziado. A razão é simples: a utilização de forma indiscriminada. A autora justifica que, por se tratar de um termo politicamente correto, aparece com freqüência nos discursos educacionais, tanto na educação formal quanto na educação não-formal (este último, objeto de discussão mais aprofundada no capítulo 2). A autora busca em JELIN (1996: 21) o conceito que auxilia a presente discussão:

> "Autores clássicos como Marshall classificam os direitos da cidadania em três tipos: civis, sociais e políticos. Gostaríamos de trazer para a presente discussão o conceito trabalhado por JELIN (1996), o da 'cidadania cultural', assumindo que o mesmo pode ser interessante aos dois campos educacionais focalizados: 'Tratam-se, obviamente, de bens simbólicos, do direito a ter uma identidade coletiva, de pertencer a uma comunidade. Na realidade, os seres humanos pertencemos não apenas ao gênero humano, mas também a comunidades específicas. A condição implica um sentido de pertencer a uma comunidade política. Nesse sentido, as comunidades e as culturas, em sua diversidade, são os ingredientes básicos de sua humanidade, que dão sentido

13 - A título de elucidar melhor o assunto, elencamos aqui as referência bibliográficas dos autores mencionados: COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania.* 2ª. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1993. FERREIRA, Nilda Teves. *Cidadania – uma questão para a educação.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história.* 10ª. ed.. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. MARSHALL, T.H. *Cidadania, classe social e status.* Trad. de Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. MARTINS, Marcos Francisco. *Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?* Campinas: Autores Associados, 2000a. MARTINS, Marcos Francisco. "Uma 'catarsis' no conceito de cidadania: do cidadão cliente à cidadania com valor ético-político". In: *Phónesis.* V. 2, no. 2, p.106-118. Campinas: PUC-Campinas, 2000b. SAVIANI, Demerval. "Educação, cidadania e transição democrática". In: COVRE: Maria de Lourdes Manzini (org.). *A cidadania que não temos.* São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 73-83. SEVERINO, Antônio Joaquim e outros. "A escola e a construção da cidadania". In: *Sociedade Civil e educação.* São Paulo: Papirus, 1992. pp.9-14 (Coletânea C.B.E.). LAMONIER, Bolivar; WEFFORT Francisco C.; BENEVIDES, Maria Victoria (orgs.). *Direito, cidadania e participação.* São Paulo: T.A.Queiroz, 1981. JELIN, Elizabeth. "Cidadania e alteridade: o reconhecimento da pluralidade". In: *Revista do patrimônio,* no. 24, 1996: p.15-25.

> e conteúdo ao princípio abstrato da igualdade. A igualdade reside, na realidade, em ser membro de culturas diversas e particulares'.

MARTINS em seu livro intitulado *Ensino técnico e globalização – cidadania ou submissão?* dedica um capítulo ('Por um conceito de cidadania') em busca de melhor compreensão do termo. Apresenta um apanhado histórico, desde as cidades-estados gregas até os dias de hoje, oferece pressupostos e procura chegar a uma definição como a que se segue:

> "É a participação dos indivíduos de uma determinada comunidade em busca da igualdade em todos os campos que compõem a realidade humana, mediante a luta pela conquista e ampliação dos direitos civis, políticos e sociais, objetivando a posse dos bens materiais, simbólicos e sociais, contrapondo-se à hegemonia dominante na sociedade de classes, o que determina novos rumos para a vida da comunidade e para a própria participação." (2000a: 58)

O mesmo autor (2000b: 117), em outro estudo intitulado "Uma 'catarsis' no conceito de cidadania: do cidadão cliente à cidadania com valor ético-político", acrescenta a importância do indivíduo como agente transformador na e da sociedade à qual está inserido:

> "O cidadão, portanto, para além do cliente e do que é conhecedor de seus direitos e deveres, será aquele que com um papel ético-político definido, qual seja o de superar a sua condição de indivíduo para se projetar na luta política, visando transformar as estruturas e superestruturas que produzem e reproduzem as desigualdades entre as classes sociais."

Consideramos que esta definição, somada à contribuição de JELIN (1996), adequa-se ao trabalho reflexivo e prático que ora desenvolvemos e que apresentaremos ao longo deste estudo. Numa visão mais ampla de jornal comunitário, aliado à prática da cidadania, percebemos que as ações procuram se contrapor ao domínio e, por que não, ao autoritarismo, muitas vezes imposto pelas sociedades de classe. Para que o cidadão assuma essa postura de contraposição, ele deverá ter acesso a uma carga de informação e de educação (terá, logicamente, que apresentar disposição e condições para assumi-la) que o prepare e que lhe dê segurança para o exercício dessa cidadania.

O que se percebe, entretanto, é que o assunto cidadania vem sendo tratado pela imprensa e usado em discursos de modo muito superficial. É como se o termo, em qualquer ação social, pre-

cisasse aparecer entre os objetivos de um projeto ou de uma proposta e entre seus resultados como forma de legitimar ou de fazer uma prestação de contas dos atos, seja de iniciativa individual, coletiva, empresarial ou organizacional. Ou seja, o trabalho não terá validade se a palavra cidadania (e aquilo que chamam de resultados de atos de cidadania) não estiver inserida, seja na proposta escrita, seja no discurso de quem atuará no projeto.

Sobre essa prática, MARTINS (2000b: 112) afirma:

> "Em qualquer veículo de comunicação é possível, com um pouco de observação, verificar que a palavra cidadania vem sendo utilizada como sinônimo do conhecimento de direitos e deveres."

Não pretendemos neste estudo nos aprofundar sobre a utilização, indevida ou não, do termo cidadania, seja por iniciativas individuais, coletivas ou por parte dos meios de comunicação. Entretanto, não podemos nos furtar de apontar a importância dos meios de comunicação como instrumento de educação, de orientação e de alerta para o conhecimento e a prática da cidadania. Partimos do pressuposto de que a cidadania existe mediante a participação de toda sociedade em condições de igualdade – o que podemos afirmar é que essa igualdade não ocorre de modo efetivo.

Esse pressuposto, segundo MARTINS (2000 b:116), depende, entre outras possibilidades, do acesso dos indivíduos à informação sobre as formas e os conteúdos da participação, sobre os direitos e deveres não somente a título de informação, mas, principalmente, no que diz respeito à ação. Neste sentido, o autor afirma:

> "Tais informações hoje estão sendo difundidas por inúmeros aparelhos, desde as mais diversas mídias, sendo a eletrônica uma das principais dentre todas elas, até as escolas. Eis, portanto, um pressuposto de nosso conceito de cidadania: o acesso à informação, que hoje se apresenta como uma das mais valiosas mercadorias do mundo contemporâneo."

O autor vai além quando afirma:

> "Restringir o cidadão àquele que simplesmente conhece direitos e deveres é vê-lo enquanto um indivíduo passivo, que recebe e tem de cumpri-los passivamente, isto é, abdicando da possibilidade de ser sujeito no processo de elaboração deles. Dessa passividade e indiferença, vista por Gramsci como o 'peso morto da história', decorre também a acriticidade, ou seja, o indivíduo

> passivo respeita os direitos e deveres que lhes são impostos sem questionar seus princípios, suas finalidades, a que interesses eles servem, enfim, sem se envolver com a dinâmica sócio-política, econômica e cultural que os forjou e sedimentou na sociedade, tendo em vista uma determinada correlação de forças entre grupos sociais." (MARTINS, 2000b: 113).

As reflexões feitas pelo autor nos levam a pensar que o cidadão deve passar por um processo educativo, indo além da condição de cidadão (conhecedor de direitos e de deveres), do exercício pleno da cidadania, tornando-se um agente transformador da sociedade. Essa conscientização é facilmente percebida no trabalho desenvolvido pela ONG Progen, conforme veremos mais adiante, quando mostraremos, entre outros resultados, a repercussão junto à comunidade local do jornal que estamos produzindo dentro de uma proposta de educação não-formal.

Capítulo 2

Educação Formal, Não-formal e o Terceiro Setor

O jornal na sala de aula – É cada vez mais evidente a importância da mídia como instrumento de educação. Há muito, os jornais e os programas de TV deixaram a casa do aluno e ganharam importante espaço na escola. Especialistas de todo o mundo debatem sobre a influência dessa mídia (escrita, radiofônica, televisada ou internet) e os benefícios e malefícios que pode trazer à instituição familiar.

Antes de abordarmos o jornal como instrumento de educação não-formal, vamos, primeiramente, falar do uso do veículo (nosso objeto de estudo é o jornal impresso) como instrumento pedagógico em sala de aula. Ou seja, queremos analisar com que função ele chega à classe e como é utilizado pelos alunos e pelo professor.

LUCENA (2005: 34-5) lembra que houve uma mudança na forma de educação na sociedade. Se, nos anos 60, cabia aos pais e à escola a missão de educar as crianças, hoje se devem somar, aos agentes educadores, os meios de comunicação:

> "É, portanto, crescente a importância da mídia como instrumento de informação no cenário do país e como formadora de opinião. Se eliminarmos a idéia de que a educação deve se restringir à escola, quando na verdade está articulada com toda a sociedade como instrumento essencial na formação do indivíduo, os meios de comunicação poderão ser vistos como auxiliares na construção da cidadania. Para isso, é necessária, por um lado, a conscientização dos profissionais da mídia de seu papel como agentes dos processos educativos em favor da população; por outro, a formação de educadores para que sejam capazes de dialogar com a mídia e sejam críticos dos veículos." **[1]**

O que pretendemos, inicialmente, neste estudo é analisar o veículo impresso como instrumento pedagógico. Não poucos autores – entre eles podemos destacar LAGE (1977) e MARQUES DE MELO (1971) – há muito vêm defendendo o uso do jornal na sala de aula, sem contudo, desprezar a importância da literatura como elemento de enriquecimento, entre outros fatores positivos, do vocabulário, da história, dos gêneros e movimentos literários, dos personagens e peculiaridades regionalistas proporcionados pelos textos literários. LAGE (1997: 35) faz a seguinte comparação entre texto jornalístico e texto literário:

---

1 - Trecho do texto elaborado pela educadora Maria Inês Ghilardi Lucena para o VI Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura. In: *Programação do 15º. Congresso de Leitura do Brasil – Cole 2005*, pp. 34-35.

> "Na literatura, a forma é compreendida em si como portadora de informação estética, ampliam-se em termos infinitos as variáveis formais da língua, de modo a se apresentarem textos como únicos, específicos de seu autor. Ao contrário, na linguagem jornalística, cujo objetivo é alcançar um largo público e lhe oferecer informações objetivas em escala industrial, o código lingüístico deve ser restrito reduzindo-se o número de itens léxicos e de regras operacionais, não só para facilitar o trabalho da redação como para permitir o controle de qualidade."

FARIA (2001: 13) busca em Marques de Melo argumentos que mostram que há outra serventia no trabalho de utilização do texto em sala de aula: a de despertar e desenvolver o sentimento e a consciência de cidadania. Para a autora (valendo-se de citações de Marques de Melo), é necessário fazer

> "uma leitura crítica dos jornais; fornecendo-lhes instrumentos eficazes para tornar os alunos leitores críticos, não só de textos mas do mundo que os rodeia; mostrando-lhes que *'não existem jornais neutros, nem tampouco informações puras'* uma vez que a verdade dos jornais é *'sempre uma verdade relativa porque permeada pela ideologia ou pelos interesses específicos de seus proprietários.'* Melo propõe o jornal escolar não como uma imitação da grande imprensa, mas como um espaço para os alunos expressarem seus conflitos e interesses e levá-los *'à percepção do espaço em que vivem'*". **[2]**

Como se pode observar, Marques de Melo vai além da proposta de uma leitura atenta dos jornais em sala de aula. Ele sugere que o professor e os alunos, juntos, elaborem um jornal, que façam do veículo um fórum de diálogo em que possam, no mínimo, se expressar. É justamente aí que reside o problema. Se iniciativas saudáveis como a leitura do jornal em diferentes projetos, entre eles o Projeto Correio Escola, **[3]**, desenvolvido em Campinas, conseguem alguns resultados junto às escolas do município e região, a elaboração de um jornal, mesmo escolar, encontra sérias dificuldades, principalmente na rede pública de ensino.

Esse quadro ficou evidente quando fizemos em 2003 uma pesquisa junto a professores das redes Municipal e Estadual de Ensino quando atuamos como docente do módulo 'O professor, o jornal e o

---

2 - O grifo por mim adotado nesta citação indica pensamento de outro autor citado, neste caso, Marques de Melo.

3 - Correio Escola é um projeto coordenado pela Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), empresa publicadora dos jornais *Correio Popular*, *Diário do Povo*, *Gazeta do Cambuí*, *Gazeta de Piracicaba* e *Gazeta de Ribeirão* Preto. Iniciado em 1992, o projeto, segundo seus idealizadores, consiste em promover, nas salas de aula, a leitura com mais prazer, com o manuseio de jornais do dia ou de dias anteriores. As atividades envolvem leitura de todos os cadernos do jornal, seguida de debates, nas mais diferentes disciplinas. O projeto é gratuito e destina-se a todas as séries do ensino infantil, fundamental e médio, das redes pública e particular. O projeto também atende a instituições de alfabetização de adultos, educação especial e áreas profissionalizantes.

mundo da informação' dentro do projeto Teia do Saber. Procuramos saber junto aos 35 professores que ali estavam na condição de alunos, qual era a importância do uso do jornal na sala de aula, qual o conteúdo preferido, qual a freqüência com que o material era utilizado por eles e se a elaboração de jornal estava entre as atividades por eles programadas.

Tabuladas as respostas, chegamos aos seguintes dados: **[4]**

* **55%** dos professores utilizam, às vezes, jornais em sala de aula. **8%** nunca usam.
* Os temas mais utilizados são: meio ambiente, cultura, suplementos para jovens, educação e quadrinhos.
* **62%** dos professores acham o conteúdo dos jornais interessante. **34,5%** acham muito interessante e **3,5%** acham pouco interessante.
* **64%** consideram muito importante o uso do jornal em sala de aula. **36%** acham importante.
* Quando o jornal é levado à sala de aula, **58%** dos alunos trabalham com interesse. **31%** com interesse regular e **11%** dos alunos são indiferentes.
* **92%** dos professores conseguem identificar melhora no desempenho do aluno a partir da leitura de jornais.
* **34%** dos alunos se tornam mais críticos; **25%** escrevem melhor. **22%** se tornam mais participativos e **19%** expressam-se melhor.
* **69%** dos professores nunca elaboraram jornal em sala de aula.
* **58%** porque desconhecem o processo de elaboração e **42%** porque a escola não oferece condições para a elaboração.
* **96%** dos entrevistados acreditam que a elaboração de um jornal, fora do ambiente escolar, pode se tornar um instrumento de educação não-formal.

Os números acima evidenciam que a totalidade dos entrevistados considera o uso jornal em sala de aula importante (36%) e muito importante (64%). Ou seja, não há dúvida sobre a importância do jornal impresso como instrumento pedagógico. O veículo, além de despertar interesse na maioria dos alunos (58%), torna o leitor/aluno mais crítico em 34%; um quarto dos professores (25%) afirmou que a leitura do jornal contribui para melhorar a escrita do aluno; 22% afirmam que os alunos tornam-se mais participativos e 19% afirmam que os alunos se expressam melhor. Se considerarmos que, para a maioria (34%), a leitura do jornal torna o indivíduo mais crítico, detectamos aí a transformação de um

4 - Apresentamos aqui o que mais se sobressaiu nos resultados obtidos. Por conta disso, os números percentuais somados nem sempre atingem o total absoluto (100%).

simples leitor em cidadão, conforme assinala CALDAS (2002: 141):

> "No processo de aquisição do aprendizado cidadão, os meios de comunicação são ferramentas importantes na sala de aula. Ao pesquisar conteúdos informativos veiculados na mídia, o aluno, sob a orientação do professor, poderá refletir sobre o mundo relatado e o mundo vivenciado. Saber ler, entender e questionar o autor, é essencial no mundo moderno."

Entretanto, para que essa leitura crítica, um dos pilares da cidadania, se estabeleça, é necessário, segundo a mesma autora, que os educadores e comunicadores desempenhem junto aos alunos o papel de instigadores para que essa visão vá além da de meros leitores e repetidores daquilo que foi lido. É necessário que esses profissionais trabalhem junto aos alunos elementos para melhor compreensão da realidade:

> "A leitura crítica da mídia exige educadores e comunicadores que ajudem os leitores a descobrirem o mundo fora das 'telas' para a construção de um saber ao mesmo tempo coletivo e autônomo e de uma cidadania ativa e transformadora. [...] Não basta, portanto, ensinar os alunos a lerem as matérias veiculadas nos meios de comunicação para uma compreensão da realidade. É necessário, sobretudo para os jovens novos leitores e telespectadores cobiçados pelas empresas de comunicação, explicar que o mundo real é bem mais amplo, contraditório e complexo do que o enquadramento fugaz da notícia apresentado na tela da televisão, do computador ou das páginas de jornais e revistas; que o simulacro, a representação do real não podem ser substituídos pela experiência vivida e refletida." (CALDAS: 2002: 139-141)

Neste sentido, LUCENA (2005: 35) acrescenta:

> "Ler o discurso da mídia é condição para a inserção do sujeito no mundo e na história de seu tempo. Ao ler, o indivíduo estabelece relações com o outro, com sua comunidade, reafirma seus valores individuais e conhece os espaços e valores sociais. [...] A mídia informativa e crítica deve ser capaz de aparelhar minimamente cidadãos interessados para tomar parte em debates nacionais de grande importância – político, econômico, científico, social e cultural. [...] O binômio comunicação/educação tem um potencial transformador da sociedade. A mídia sozinha não muda o comportamento das pessoas, pois ao lado dela existem outros mecanismos e agências socializadoras como a família, a Igreja, o grupo profissional, a comunidade e a escola; assim, é imprescindível conhecer com profundidade os vários meios de comunicação para que se possa criticá-los e usufruir de seus benefícios. A Educação deve mostrar o caminho para isso."

Continuando o trabalho de interpretação dos números obtidos a partir da pesquisa, retornamos à proposta de MARQUES DE MELO (1971) quando ressalta a importância de elaboração do jornal escolar, sem, contudo, imitar a grande imprensa. Os números mostram que os professores gostariam de ir além do trabalho de ensinar o aluno a ler (leitura crítica) o jornal em sala; gostariam, também, de produzir jornal durante as atividades escolares desenvolvidas em classe. Entretanto, esbarram em alguns problemas. Dos 35 professores entrevistados, a maioria (69%) nunca elaborou jornal em sala de aula. Desse universo, também a maioria (58%) afirma que desconhece o processo de elaboração. A outra parcela (42%) descarrega sobre a escola a culpa pela não realização do produto, afirmando que a instituição não oferece condições para a elaboração.

Ao longo de 16 horas/aula em que ministramos duas disciplinas ('O jornal como instrumento de educação dentro e fora da sala' e 'Por dentro da redação: compreendendo as técnicas de produção do jornal') verificamos que, independentemente das condições de estrutura da escola para a produção de veículo impresso, os professores teriam dificuldade para a elaboração de um jornal. O despreparo fica evidente quando precisamos interromper a todo o momento a aula para fazer explicações de termos básicos, como mostrar a diferença entre uma chamada de capa e uma manchete ou entre uma chamada de capa e um lide. Ou seja, antes de ensinar a produzir um jornal, o professor deve conhecer os elementos (as partes, os recursos editoriais e gráficos) que compõem um veículo impresso. A propósito, achamos conveniente apresentar entre os anexos desse trabalho *(Anexo 1)* um glossário contendo os termos técnicos e os jargões jornalísticos mais utilizados no processo de produção de um veículo da mídia impressa. **[5]**

Entretanto, mesmo se superados todos esses entraves, a quase totalidade (96%) dos entrevistados acredita que a elaboração de um jornal, fora do ambiente escolar, pode se tornar um instrumento de educação não-formal. Essa constatação evidencia que essa maioria vê mais chance de sucesso se o veículo for elaborado fora do ambiente escolar, sem cobrança de presença, de realização de avaliações, de atribuição de notas e, principalmente, sem a prática da repreensão – qualidades que, normalmente, caracterizam o método da educação escolar.

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL – Feita essa breve exposição sobre o uso do jornal em sala de aula, sobre a dificuldade apresentada pelos professores para a produção de um veículo e a relação entre imprensa e educação formal mostrando a necessidade de formação de leitores críticos, iniciamos esta discussão

5 - Alguns desses termos e/ou jargões gráficos contidos no glossário também aparecem à medida que são citados ao longo dos capítulos. Algumas dessas definições não são encontradas nos principais manuais de redação (como o da *Folha de S. Paulo*, o do *Estado de S. Paulo* e o do *O Globo*), tampouco em dicionários de comunicação ou livros que contemplem conteúdo relativo a projeto gráfico. Dessa forma, valemo-nos de definições 'correntes' adotadas em redações de jornais pelas quais passamos ou mantemos contatos. Para facilitar a consulta, optamos por dispor os elementos em ordem alfabética.

buscando compreender a atividade realizada fora da escola, em horário contrário ao das aulas. Começamos, então, por educação não-formal, método que norteou todas as atividades, não apenas no campo do jornalismo, como também em todas as oficinas do projeto.

O que é, afinal, educação não-formal? Não são muitos os trabalhos produzidos nessa área do conhecimento. Portanto, o referencial teórico existente nos leva a trabalhar com, relativamente, poucos autores. Entre eles podemos destacar: TRILLA (1996), AFONSO (1989), VENTOSA PÉREZ (2002), GOHN (2001), SIMSON (2001 e 2004), FERNANDES (2001a e 2001b), PARK (2001 e 2005) e GARCIA (2003 e 2005). Devemos incluir também como fonte de conhecimento e de debates o Grupo de Estudos de Memória, Cultura e Educação (Gemec), sediado no Centro de Memória da Unicamp (CMU), onde se discute não apenas esses e com esses autores diferentes teorias e iniciativas no campo da educação não-formal. Sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto – afinal, conforme acabamos de observar, são poucos os autores que vêm se debruçando sobre o assunto – procuraremos neste capítulo nos valer desses teóricos para fundamentar e compreender o trabalho prático e teórico que estamos desenvolvendo, associado ao exercício de produção de jornais comunitários.

Procuraremos, ainda, mostrar que a educação não-formal não pretende se contrapor ao método formal de ensino, tampouco ficar desferindo críticas à educação formal. Vamos buscar elementos que mostram a possibilidade de uma convivência pacífica entre os dois métodos em que um se vale das qualidades do outro e, juntos, buscam melhores resultados. Procura mostrar, finalmente, que o uso do jornal (bem como a produção de um veículo) como instrumento pedagógico em sala de aula pode obter bons resultados se realizado em parceria com a prática da educação não-formal.

Para melhor compreensão do termo, começamos com um pouco de história. Supomos ser impossível precisar desde quando as práticas da educação não-formal vêm acontecendo. Entretanto é possível afirmar que somente a partir dos anos 80 (GOHN, 2001) é que educadores começaram a elaborar reflexões sobre as experiências que vinham vivenciando ou coordenando. Até então, as teorias sempre contemplaram a educação formal, aquela desenvolvida institucionalmente, preferencialmente no âmbito escolar.

Nos anos 70, quando pouco se falava de educação não-formal, COOMBS e AHMED (1975: 170) elaboraram um conceito que hoje se sabe equivocado. A atividade era considerada como extensão da educação formal, embora realizada fora das escolas:

> "Uma atividade educacional organizada e sistemática, levada a efeito fora do marco de referência do sistema formal, visando propiciar tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos particulares da população, sejam estes adultos ou crianças."

Uma tentativa de definição do conceito de 'educação não-formal' é oferecida pelo pesquisador português Almerindo Janela Afonso. O autor procura definir a atividade ao elaborar uma comparação entre a educação formal, a educação não-formal e a educação informal:

> "Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação de educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo completo." (AFONSO, 1989: 78)

Para facilitar ainda mais a compreensão, AFONSO (1989), a partir das características apresentadas nas atividades aplicadas nas escolas tradicionais (educação formal) e nas associações democráticas para o desenvolvimento (educação não-formal) elabora o seguinte quadro:

Escolas Tradicionais:
* Apresentam um caráter compulsório
* Dão ênfase apenas à instrução
* Favorecem o individualismo e a competição
* Visam a manifestação do *status quo*
* Preocupam-se essencialmente com a reprodução cultural e social
* São hierárquicas e fortemente formalizadas
* Dificultam a participação
* Utilizam métodos centrados no professor-instrutor
* Subordinam-se a um poder centralizado

Associações Democráticas para o Desenvolvimento
* Apresentam um caráter voluntário
* Promovem, sobretudo, a socialização
* Promovem a solidariedade
* Visam o desenvolvimento
* Preocupam-se essencialmente com a mudança social
* São pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas
* Favorecem a participação

* Proporcionam a investigação-ação e projetos de desenvolvimento
* São, por natureza, formas de participação descentralizadas

Convém salientar que educação não-formal e educação não-escolar não são conceitos sinônimos. SIMSON, PARK e FERNANDES (2001: 10) explicam que "o termo não-escolar é mais amplo e inclui o não-formal e o informal".

FERNANDES (2001 a: 19) explica que

> "Esse tipo de educação não-formal difere da formal-escolarizante caracterizada por possuir certa organização baseada em seqüência determinada, preocupar-se com avaliações e por acontecer dentro da escola. A não-escolar, embora tenha estrutura e organização (distinta da escolar), diverge pela maior flexibilidade quanto ao tempo, conteúdo, estruturação de grupo e faixas etárias, e ao local. É diferente da educação informal pois esta inclui todas as possibilidades de aprendizagem que se processam em diferentes locais e, quase sempre sem intencionalidade e planejamento, durante o decorrer da vida, permanentemente, e perpassa as condutas, modos de se vestir, de falar, de agir, comportamentos..."

AFONSO (2001) situa a educação informal e a educação não-formal no campo da educação não-escolar, mostrando que esta sempre coexistiu com o campo da educação escolar. Aponta como exemplo mais evidente de educação informal a educação familiar:

> "O exemplo mais evidente pode ser dado pela educação familiar, que, inscrevendo-se genericamente no campo da educação informal, continua a ser pensada como educação decisiva para a construção dos percursos individuais de escolarização." (AFONSO, 2001: 31)

O pesquisador espanhol Jaume Trilla, uma das referências obrigatórias para quem pretende se aprofundar no assunto, vê a crise na escola como uma das razões do surgimento da reflexão sobre a educação não-formal. Buscamos em GARCIA (2003: 124) uma passagem de TRILLA (1996: 15) para melhor compreensão de seu pensamento.

> "um dos diagnósticos que se derivam das análises sobre esta crise era o de que os sistemas educativos mantinham-se com os mesmos meios e instituições convencionais com que haviam funcionado até o momento; por mais que estes crescessem em quantidade e capacidade, dificilmente aqueles sistemas estariam em si-

> tuação de satisfazer a demanda social pela educação. Isto quer dizer que somente a expansão do aparato escolar não serviria como único recurso para atender às expectativas sociais de formação e aprendizagem."

TRILLA, para falar de educação não-formal, opta por mostrar que esse campo do conhecimento constitui-se num dos sentidos fundamentais da pedagogia social, para quem pode ser definida como uma disciplina pedagógica ou uma das ciências da educação:

> "... chamamos a pedagogia social pertencente à ordem do conhecimento, do discurso. A pedagogia social é, pois, um conjunto de saberes, sejam teóricos, técnicos, experienciais... descritivos ou normativos..., mas saberes que tratam de um objeto determinado. Este objeto (objeto *material*, neste caso) é o que chamamos *educação social*. A educação social pertence, portanto, à ordem das práticas, processos, fenômenos...; quer dizer, à ordem da 'realidade educativa'". (TRILLA, 2003: 16)

Segundo o autor, para melhor compreensão da pedagogia social, esta deve ser analisada sob três sentidos: *a)* "a restrição da dimensão da personalidade: pedagogia social e desenvolvimento da sociabilidade"; *b)* "a restrição dos sujeitos educandos: pedagogia social e indivíduos em situação de conflito social"; *c)* "a restrição do agente ou do âmbito educativo: pedagogia social e educação não-formal." Neste estudo procuramos analisar o item "*c*" que mostra que a pedagogia social, se adotada como disciplina, buscaria elementos da educação social que é normalmente produzida em espaços não-escolares ou não-formais. Para o autor, o campo de ação da pedagogia social pode ficar restrito à educação não-formal ou não-escolar, tese fundamentada em P. Fermoso que, de modo explícito, faz a vinculação entre pedagogia social e educação não-formal: "É a pedagogia social uma ciência educativa não-formal, porque versa sobre o processo e o produto chamado 'educação', circunscrevendo-se à chamada 'não-formal." **[6]**

Apesar dessa possibilidade de restrição, Trilla adverte que embora a pedagogia social aconteça preferencialmente no campo da educação não-formal, a pedagogia social não se esgota na educação não-formal – o contrário é igualmente verdadeiro. "Quer dizer, existem subsetores da educação não-formal que não costumam ser objeto da pedagogia social e há intervenções próprias desta que não se realizam em contextos nem sob procedimentos formais." (TRILLA, 2003: 22) Apenas para ilustrar, ele cita que um curso destinado a executivos, embora claramente não situado no campo da educação não-formal, pode ser uma atividade pensada no campo da pedagogia social, apesar desse público – formado por executivos – não ser preferencialmente o do campo da pedagogia social.

---

6 - Para melhor compreensão dessa citação, ver: P. Fermoso. *Pedagogia social. Fundamentación científica*. Barcelona: Herder, 1994, p.22.

O inverso também é válido, quando sob o ponto de vista de que toda a pedagogia social não pode ser considerada educação não-formal. Ele cita como exemplo a educação que ocorre no âmbito familiar:

> "A família, por exemplo, constitui um dos grandes temas da pedagogia social e, embora seja correto afirmar que muitas atuações educativas sobre família podem ser consideradas não-formais (formação de pais etc.), a ação educativa da família foi, no geral, referida como informal. Portanto, a pedagogia social ultrapassa a educação não-formal pelo lado da informal e, obviamente, pelo lado da formal." (TRILLA, 2003: 23)

VENTOSA PÉREZ (2002) opta por afirmar que educação social e educação não-formal são sinônimos. Professor da Universidade de Salamanca e uma das maiores autoridades, no assunto, na Espanha, o autor defendeu sua tese de doutorado sobre educação social, em 1989. A partir de então vem publicando com grande freqüência textos sobre animação sociocultural, intervenção socioeducativa, voluntariado – assuntos que perpassam pela educação social ou educação não-formal. Em seus estudos, o autor mostra que esse tipo de educação está se aproximando cada vez mais do mundo da escola, o que mostra que se torna cada vez mais difícil definir o que é educação não-formal (ou social, como prefere o autor) a partir de comparações com aquela educação sistematizada a qual vivenciamos desde a infância, ou seja, a educação formal.

> "Habitualmente, a animação sociocultural (ASC) se associa com o âmbito da educação não-formal, na medida em que tanto seus objetivos como sua metodologia e ações para obtê-las – todavia, intencionais e explícitos – ocorrem fora dos ambientes escolares e formais. Não obstante, esta generalização deve ser relativizada cada vez mais, à medida que novas demandas e necessidades socioeducativas ampliam e desenvolvem novos espaços e possibilidades de intervenção para a ASC. Um desses espaços é o escolar". (2002: 127) *[Tradução nossa]*

GOHN afirma que, nos anos 90, a partir das mudanças na sociedade, no mundo do trabalho e na economia, a educação não-formal passou a receber maior atenção. Segundo a autora, "passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos [...] e a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-curriculares." (2001: 92)

A autora apresenta sua definição classificando a educação não-formal em quatro campos ou dimensões a partir de suas áreas de abrangência:

> "O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos en-

> quanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meios da participação em atividades grupais. [...] O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos. [...] O quarto, e não menos importante, é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados..." (GOHN, 2001: 98-9)

Dos quatro campos apresentados pela autora, consideramos o primeiro aquele que mais se adequa a este trabalho. Estamos falando do campo da conscientização política por meio da aprendizagem, independentemente da fonte desse conhecimento. Estamos falando da aprendizagem que leva à participação e, em seguida, à transformação do cidadão. Antes de darmos seqüência, alertamos o campo citado por GOHN diz respeito ao reforço escolar, prática que não deve ser integrada às atividades da educação não-formal.

A atividade da educação não-formal, conforme vimos, ocorre, portanto, paralelamente à escola, fora do horário escolar. Para a obtenção de melhores resultados, convém realizar as atividades fora do ambiente escolar. As experiências realizadas na Vila Costa e Silva, no Jardim Campineiro e na Vila Castelo Branco revelaram que os adolescentes têm relativa resistência a qualquer iniciativa que remeta à escola, espaço, normalmente, marcado pela falta de liberdade, pela marcação cerrada do professor sobre o aluno e pela tentativa de cumprimento programático a qualquer custo.

Para nos situarmos melhor sobre as experiências pelas quais passamos ou estamos desenvolvendo, cabe no momento, fazer uma breve comparação entre os três espaços que abrigaram as Oficinas de Jornalismo Comunitário, objeto deste estudo. Enquanto na Casa Paroquial da Igreja de São Benedito (Vila Costa e Silva) e no salão comunitário Espaço Esperança, onde atua a ONG Direito de Ser (Jardim Campineiro), o mobiliário era composto de lousa, mesa do professor e carteiras para alunos – reprodução exata do ambiente em que os adolescentes viveram num período do dia e que, portanto, não queriam repetir a prática – no Progen (Vila Castelo Branco), a disposição dos móveis elimina, de imediato, o estabelecimento de uma hierarquia. O pesquisador que coordena a oficina e os adolescentes sentam-se ao redor da mesa em que se discutem as atividades. Essa proximidade elimina as barreiras, quebra hierarquias e, conseqüentemente, facilita o diálogo. A disposição dos móveis na sala, bem como a dinâmica aplicada durante as atividades, permitem a configuração de um cenário proposto por SIMSON, PARK e FERNANDES (2001: 11), quando sugerem, de forma mais clara, detalhada e contextualizada, algumas qualidades que são propostas por GOHN, (2001) neste trabalho:

> "Os espaços de educação não-formal deverão ser desenvolvidos seguindo alguns princípios básicos como: apresentar caráter voluntário, proporcionar elementos para a socialização e a solidariedade, visar ao desenvolvimento social, evitar formalidades e hierarquias, favorecer a participação coletiva, proporcionar a investigação e, sobretudo, proporcionar a participação dos membros do grupo de forma descentralizada."

Antes de avançarmos para o tópico seguinte quando discutiremos o papel das ONGs, ou do Terceiro Setor, vamos buscar em GARCIA (2005), autora do artigo "Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal", e em Margareth Brandini PARK (2005), autora do artigo "Educação formal X educação não-formal: impasses, equívocos e possibilidades de superação", elementos que nos permitem aprofundar um pouco mais no tema.

Para GARCIA, o campo educacional muitas vezes trabalha com duas propostas: a de transformação e a de reprodução. Compreendemos que, para a autora, essa visão é simplista, contraditória e, porque não, ingênua. Ela afirma que, nos processos educativos, é possível observar tanto atitudes e propostas de cunho transformador, como ações no sentido de garantir a manutenção e reprodução, o que nos leva a compreender que são propostas que não podem ser dissociadas. A autora diz;

> "O caráter ideológico das propostas educacionais, quando conscientemente defendido, dificilmente é partilhado por todos aqueles que se encontram envolvidos nas diferentes frentes e etapas que fazem parte do contexto da educação. Este não-compartilhamento torna mais difícil o engajamento em ações educacionais que sejam características apenas de um determinado projeto político, acrescente-se o fato de que não existem somente essas duas opções de maneira estanque, quais sejam: ou se é transformador, ou se é reprodutor/mantenedor. Existe uma série de atitudes, comportamentos, ações, que ora favorecem um projeto de mundo, ora outro." (GARCIA, 2005: 3-4)

A autora critica também a visão minimalista que muitas vezes é empregada pela educação não-formal quando afirma que a atividade se dá no sentido de ocupar o tempo de uma camada marginalizada da população, de tirar essas pessoas das ruas.

> "Dessa forma, a educação não-formal, quando consideramos os projetos voltados para crianças e jovens oriundos das camadas pobres da sociedade, ainda é concebida por diferentes setores, inclusive o educacional, como oferecedora de atividades para passar o tempo, brincar, ocupar a cabeça com coisas mais inte-

> ressantes do que aquelas que fazem parte do mundo da rua, e com o intuito de tirá-los das ruas. Essas atividades são vistas como de menor importância, sem o compromisso de contribuir para a construção do homem social". (Idem: 4)

Concordamos com a autora quando questiona aqueles que afirmam que educação não-formal se constitui em atividade apenas destinada às pessoas menos favorecidas socialmente. A educação não-formal não é um campo de atuação empregado apenas por ONGs, associação de bairros, centros paroquiais e toda uma gama de iniciativas (instituições e entidades) que normalmente visam atender a uma parcela mais carente (social e economicamente, falando) da sociedade. Como exemplo de atividades no campo da educação não-formal que não é destinada à classe chamada pobre são os cursos/aulas de hipismo, tênis, balé, natação, artes marciais etc. Quando os alunos, os aprendizes, os praticantes dessas atividades se conscientizam da importância dessa prática, não apenas no 'campo de jogo', mas para a vida toda, eles estão recebendo de seus mestres, professores conhecimentos no campo da educação não-formal. Se vão adotar esse ensinamento/conhecimento durante a vida, isso é uma outra questão que não cabe ser discutida neste estudo.

Ela vai além quando afirma que a educação não-formal é uma atividade dinâmica; quando enxerga nessa prática uma excelente opção de exercício da criatividade.

> "A educação não-formal não é estática, é uma atividade aberta que ainda está em construção, portanto não tem uma identidade pronta e acabada. É composta de uma grande diversidade e esse aspecto é muito interessante para o campo educacional, permitindo, além de contribuições de diversas áreas, a composição de diferentes bagagens culturais, tendo a diversidade como uma de suas características. Por ter essas propriedades, a educação não-formal permite uma certa irreverência ao lidar com questões do contexto educacional, e das relações que são inerentes a esse contexto, favorecendo e possibilitando a criação." (Idem: 16)

Ao afirmar que a atividade permite, entre outros resultados, aflorar a criatividade, a autora faz uma comparação entre as práticas realizadas dentro e fora do espaço escolar. Considera, com cautela, que o espaço não-formal é mais propício ao desenvolvimento da criatividade, sem afirmar, contudo, que a criatividade não ocorre em atividade de educação formal, conforme podemos ver a seguir:

> "Para melhor compreender os motivos que propiciam que a educação não-formal possibilite com maior facilidade o processo criativo, é importante que se evidenciem algumas características que têm maiores chances de acontecer nesse campo do que no campo da educação formal: a educação não-formal possui maiores condi-

> ções de respeitar a diferença e privilegiar a diversidade, como de permitir e favorecer o diálogo e dessa forma poder abrir caminhos para a criação, enquanto que a educação formal, em muitas situações, privilegia a homogeneização, negando as especificidades e diferenças que geram desigualdades e, portanto, não propicia o diálogo. É importante salientar que nem sempre as coisas acontecem dessa maneira, e que a educação formal também pode, e em algumas experiências, assumir 'outros jeitos' de encarar e lidar com o processo educacional. (Idem: 12)

Sobre esse processo criativo, conforme poderemos observar nos capítulos 4 e 5, a produção dos adolescentes, na Vila Castelo Branco, ficou acima da expectativa. Nas Oficinas de Jornalismo Comunitário, com ampla liberdade, eles produziram reportagens, artigos, poesias, fotos e ilustrações que foram apresentados em 72 páginas distribuídas em dez edições (a décima está na gráfica) do *Conexão Jovem* – faltam páginas e recursos financeiros para dar vazão a toda produção/criação desses adolescentes.

A autora alerta, contudo, para a possibilidade de transformação dos adolescentes não se dar exclusivamente em atividades de educação não-formal. Na educação formal, a autora vê como alternativa as práticas ocorridas em experiências desenvolvidas com parcelas da sociedade mais privilegiadas socialmente.

> "Considerando as possibilidades transformadoras da educação formal, há várias experiências positivas e bem realizadas, quando visualizamos a formação de lideranças nas classes economicamente bem sucedidas. A educação formal, no seu oferecimento à classe dirigente, assume outras características e tem como função a formação de quadros dirigentes, assumindo trabalhar tanto com a tradição e a manutenção de seus valores, como com estratégias de incorporação de valores diferentes dos seus em sua lógica." (Idem: 17)

Vemos, assim, que as práticas (formal e não-formal) podem se valer das qualidades alheias (a formal busca elementos na não-formal e vice-versa), num processo de enriquecimento cujo beneficiado será o público-alvo desse trabalho. PARK (2005: 20) afirma que:

> "...boas propostas educacionais, sejam de que campo forem, ampliam e oferecem espaços e conhecimentos para os indivíduos que compõem os grupos sociais sejam eles crianças, adolescentes, adultos, velhos, pobres ou ricos. Cabe às instituições do campo da educação não-formal procurar parcerias com as Universidades e unidades educacionais formais. Com a primeira, poderão gestar reflexões calcadas nas práticas cotidianas, assim como documentá-las e divulgá-las; com as segundas, cabe oferecer seu conhecimento acumulado para encaminhar situações de

> violência e conflito além de sugestões embasadas em suas práticas voltadas à produção de conhecimento, conhecidas por oferecerem subsídios, principalmente nas áreas da arte, por exemplo. À Universidade cabe ser parceira, tentar ajustar seus tempos ao tempo social das instituições educativas, oferecer retorno de seus projetos, seus pesquisadores precisam assumir compromissos com os grupos envolvidos. Os educadores do campo não-formal deverão desenvolver disciplina intelectual para debruçarem-se sobre suas próprias práticas, procurando refletir sobre elas e, também, sistematizá-las com o intuito de poderem socializar seu rico cotidiano. Os professores do campo formal precisam sensibilizar-se para as especificidades e complementaridades das propostas educativas que circulam pela sociedade, entendendo que não são universos excludentes ou mesmo competitivos."

A autora também considera discutível a nomenclatura 'complementar' muitas vezes atribuída à educação-formal em relação à escola formal. Afirma que aceitar o rótulo de complemento é admitir que o método não é autônomo, não é completo e, sim, algo que vem a contribuir para preencher a lacuna deixada pela escola. Se olharmos por outro ângulo, o quadro fica ainda mais sombrio porque podemos inferir que o trabalho feito na escola está incompleto. Por essa razão, é que a autora sugere a busca de parcerias (escolas, ONGs, universidades), cada qual respeitando o campo de ação dos espaços alheios, buscando aproveitar o que de positivo cada setor produz.

Essa parceria proposta pela autora é a que fundamenta nosso projeto nas ONGs de Campinas, onde fazemos um trabalho que nos leva a uma reflexão constante, não só de nossa parte enquanto pesquisadores, mas, também levando à reflexão os educadores sociais que atuam nesses ambientes de educação não-formal. Propomos, ainda, o exercício da reflexão a partir dos resultados dos trabalhos a eles retornados.

Há de nossa parte uma preocupação de discussão permanente de nossas ações e dos resultados obtidos em grupos de estudos em que participam educadores sociais dessas ONGs. Há também uma produção do conhecimento por meio de artigos científicos por nós produzidos e que também são distribuídos a esses educadores sociais. Não podemos deixar de mencionar os seminários organizados pela Universidade (pelo Centro de Memória da Unicamp, mais especificamente) para esses educadores sociais com o intuito de trocar informações e tentar de alguma maneira contribuir com as práticas dessas ONGs. [7]

GARCIA (2003) partilha da opinião de PARK (2005) quando afirma que as práticas (formal e não-formal) "não são universos excludentes ou mesmo competitivos", evidenciando que não é propósito ou função da educação não-formal preencher a lacuna deixada pelo sistema formal de ensino. Em trabalho em que pretende situar historicamente a educação não formal, a autora afirma:

7 - A título de informação, apresentei em 8 de novembro de 2004 na Unicamp a palestra "O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal" dentro do conjunto de Seminários Sobre Educação Não-formal promovido pelo Centro de Memória para Educadores Sociais de Projetos de Educação Não-formal de Campinas: Progen, Direito de Ser, Vedruna e CPTI.

> "Cabe salientar que o surgimento da educação não-formal não se dá com o objetivo de ocupar o espaço ou substituir o papel da educação formal e da informal, mas para dividir e partilhar os diferentes fazeres desse novo tempo." (2003: 126)

FERNANDES acrescenta

> "Diferentemente do caráter obrigatório e regular da educação formal, a não-escolar tenta levar em conta os próprios valores sociais e culturais de uma dada comunidade, suas necessidades e interesses; cada instituição procura trabalhar com isso à sua maneira, dentro desses princípios e evitando assemelhar-se às propostas escolares. Essa independência não implica manter uma 'cegueira' em relação à escola, antes é preciso e necessário que ambos os tipos de educação aprendam a vincular-se, embora cada qual no seu segmento e mantendo suas especificidades." (2001: 19)

Mais adiante GARCIA ratifica:

> "Penso que tanto as oportunidades de acesso à formação e à aquisição de conhecimentos oferecidas pela escola formal devem ser acessíveis a todos, como também devem ser as oportunidades oferecidas pelas diversas propostas de educação não-formal, favorecendo um trânsito democrático e igualitário dos 'usuários' dessas diferentes e importantes vivências de socialização e formação. [...] Ambos os campos – formal e não-formal – ocupando espaços diferentes, cada qual com seu respectivo arcabouço conceitual, têm importância e papéis específicos nas relações e mediações sociais e educacionais do mundo atual." (Idem: 133)

Com esse pensamento, a autora deixa claro que a educação não-formal não pode ser encarada como um tipo de educação de segunda categoria. Deve ser pensada e respeitada como um campo autônomo de educação, cuja contribuição é significativa para a formação do 'homem social'.

ONGs ou Terceiro Setor – O que se constata a partir dessa fundamentação é que a educação não-formal pode ser marcada por atividades prazerosas, cujos resultados práticos, de alguma forma, serão levados para a vida toda. Conscientemente ou não, esses adolescentes assimilam conhecimentos por meio de mecanismos diferentes daqueles cotidianamente aplicados no espaço escolar, embora muitas vezes – e esse não é o objetivo – as iniciativas de educação não-formal acabem compensando as

falhas cometidas pelo sistema de ensino aplicado nas escolas. GARCIA e PARK, entre outros autores, evidenciam essa forma, velada ou não, de compensação.

As Organizações Não-governamentais, ou Terceiro Setor, constituem-se no espaço que encontra o campo mais fértil para a prática e desenvolvimento da educação não-formal. Entretanto, o que moveu seu surgimento, como se organizaram e qual a situação dessas organizações atualmente? Em busca dessa explicação remontamos ao início dos anos 80 quando o mundo começou a viver – e vive até hoje – altas taxas de desemprego, altos índices de violência e retração nos direitos dos trabalhadores. Isso ocorre num cenário em que o Estado não atende mais às necessidades da população no que diz respeito a direitos básicos do cidadão como saúde, educação, moradia, assistência social etc.

A bibliografia sobre a temática não é consensual e, se há certa confusão da definição exata do que venha a ser Terceiro Setor e sua atuação dentro da sociedade, no Brasil, essa confusão é ainda maior. O que importa, de qualquer maneira, a esse trabalho é a definição – mesmo que breve – do que vem a ser a uma ONG, que, para alguns autores, representa grande parte desse setor.

O florescimento das ONGs, no mundo ocidental, ocorreu principalmente com a crise do *Welfare State*, o Estado não protegia eficientemente as parcelas economicamente desfavoráveis e as ações privadas diretas mostravam-se mais eficientes e menos dispendiosas para os governos. Acrescentam-se ainda as crises dos anos 70 e a recessão da década de 80, com conseqüências sociais desastrosas na África, Ásia e América Latina. A crise ambiental global também estimulou iniciativas privadas, principalmente devido aos níveis crescentes de degradação ambiental em todo o mundo. Além do aumento da escolaridade mundial, aumento do acesso à informação e surgimento de uma classe média urbana, desejosas de melhorias na qualidade de vida. Por fim, podemos destacar como outro fator, a crise do socialismo, que motivou a procura de outros caminhos para satisfazer as necessidades sociais, principalmente em relação à Europa.

No Brasil, a atividade do Terceiro Setor iniciou-se com a Igreja Católica, através de ações filantrópicas voluntárias no campo da saúde e educação, dentro dos valores da caridade cristã. No século XIX surgiram associações civis secularizadas como sindicatos, associações profissionais e abolicionistas. No período entre os anos 30 e 60, a forte presença e centralismo estatal difundiu principalmente sindicatos corporativistas vinculados ao Estado. Entre a década de 60 e final de 80, vê-se o surgimento de ações civis organizadas em prol da luta democrática e melhorias sociais. A partir da década de 90 a democratização veio junto a uma forte crise econômica, que, de modo concomitante ao discurso neoliberal, estimulou a organização civil para busca de soluções para as profundas desigualdades sociais do nosso país.

Não para polemizar mas, na realidade, para problematizar e oferecer uma dimensão mais ampla

da temática, faz-se importante que se apresente uma análise crítica do terceiro setor e da subseqüente ação das ONGs, dentro da sociedade civil. Carlos Montaño, em sua obra *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social,* apresenta o Terceiro Setor da seguinte maneira:

> "Ideologizando esse conceito, segmentando as lutas em esferas (ou 'setores') autonomizadas, desarticuladas da totalidade social, personificando o Estado, o mercado e a sociedade civil, numa clara homogeneização desta última, escamoteando o verdadeiro fenômeno: a desarticulação do padrão de resposta (estatal) às seqüelas da 'questão social', desenvolvido a partir das lutas de classe, no *Welfare Estate*. Com tudo isto, o conceito e o debate sobre o Terceiro setor prestam um grande serviço ao capital e à ofensiva neoliberal, nesta luta pela hegemonia na sociedade civil, no interior do processo de reestruturação do capital. (MONTAÑO, 2002, p. 16).

Para Montaño, as ONGs, assim, seriam uma forma de reproduzir o capital como o conhecemos, uma vez que sua ação faz com que o Estado se ausente de obrigações dentro da sociedade civil. A luta, concentrada no âmbito da sociedade, inviabiliza a intervenção dentro do Estado e zera-se o processo democratizador. A preocupação do autor é que as questões emergenciais sejam vistas apenas no plano superficial e que não se faça uma ação em longo prazo e, sim, assistencialista.

Para melhor compreensão da atividade de educação não-formal desenvolvida em ONGs, encontramos em GOHN (2001) algumas definições que nos levam à melhor compreensão do assunto. Convém lembrar, inicialmente, que a prática da educação não-formal ocorre normalmente em entidades, instituições, associações, ONGs (organizações não-governamentais) etc. que atuam em camadas mais pobres da sociedade, tendo como público-alvo crianças e adolescentes afastados da escola formal, portanto, mais próximos ao mundo da rua – cenário que se aplica à ONG Direito de Ser, no Jardim Campineiro, local onde desenvolvemos a segunda bateria de Oficinas de Jornalismo Comunitário nesse trabalho de pesquisa. Há, entretanto, instituições que atuam na área da educação não-formal e que, entre outras exigências, apresentam como condição à inclusão em seus programas, o vínculo – e muitas vezes um bom desempenho – com a escola formal. As experiências realizadas nas vilas Costa e Silva e Castelo Branco (locais onde desenvolvemos a primeira e a terceira baterias de oficinas) revelam essa preocupação. É nesse campo fértil que procuramos realizar nossas atividades.

Cabe, neste momento, primeiramente, definir e mostrar a importância e, em seguida, apre-

sentar o que representam as ONGs – ou Terceiro Setor **[8]** – no contexto social do município de Campinas. Segundo GOHN (2001:73),

> "Terceiro setor é uma expressão com significados múltiplos devido a sentidos históricos diferenciados, em termos de realidades sociais. Atualmente não se trata mais do terciário que se contrapunha às atividades da agricultura e da indústria, mas de uma nova ordem social, que se coloca ao lado do Estado – o primeiro setor, e o mercado – tido como o segundo setor. Rubem César Fernandes et alii (1997) **[9]** afirmam que o termo ainda é utilizado em círculos restritos no Brasil, mas nos Estados Unidos e na Europa já têm longa tradição."

A autora afirma que, após a Segunda Guerra Mundial, outra expressão se incorporou ao campo do terceiro setor: as ONGs, ou seja, instituições ou entidades sem vínculos com governos mas com presença atuante em diferentes partes do mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, surgem as ONGs pelos direitos civis americanos, grupos de pacifistas, movimentos ecológicos etc. Na América Latina, surgem as ONGs pela promoção do mundo subdesenvolvido. No Brasil, o termo ONG começa a se fixar por meio dos grupos que se organizavam contra o regime militar vigente nos anos 70 e parte dos 80; são as chamadas ONGs cidadãs e militantes. Essas ONGs, entretanto, perderam a força e até a razão da existência com a reinstalação da democracia no país.

> "Nos anos 90, o cenário das ONGs cidadãs latino-americanas se altera completamente. [...] Os movimentos e as ONGs latinas passaram a viver a mais grave crise econômica-financeira desde que foram criadas. A escassez de recursos das agências de cooperação internacional e a mudança interna em seus critérios e diretrizes [...] levou à necessidade de elas gerarem recursos próprios e lutarem pelo acesso aos fundos públicos. Tiveram então que proceder reengenharias internas e externas para sobreviver. [...] tiveram que encontrar/construir ou incrementar caminhos no setor de produção. A economia informal passou a ser uma das principais saídas. Assim, o movimento dos seringueiros, por exemplo, lutará não apenas por seus direitos contra a

8 - Para alguns autores, ONGs e Terceiro Setor são setores de trabalhos/atividades similares. Para outros, há de se fazer distinção. Não é proposta desse estudo concordar com este ou aquele autor, contudo, vamos considerar que ONGs e Terceiro Setor devam ser enquadrados como "espaços de um novo associativismo".

9 - Sobre o assunto, Ver: FERNANDES, R.; RIFKIN, J. et al. *Terceiro setor: desenvolvimento social sustentado.* São Paulo: GIFE/Paz e Terra, 1997.

> opressão dos grandes latifundiários [...] lutará basicamente para vender seus produtos em mercados mais competitivos." (Idem: 2001: 76-77)

O que se percebe, a partir dos anos 80, é que a sobrevivência dessas ONGs passa a requerer, entre outras condições, a necessidade de qualificação profissional das pessoas a elas vinculadas. Eficiência e produtividade tornaram-se condição *sine qua non* para que pudessem continuar atuando no setor. Boa vontade e voluntarismo já não bastavam. O trabalho devia ser cada vez mais profissionalizado, especializado para que as pessoas envolvidas tivessem competência para realizar projetos, propor parcerias, buscar patrocínios e angariar recursos para a entidade.

Nos anos 90, contudo, o cenário começa a ganhar novos contornos. Se na fase anterior as ONGs, como a própria nomenclatura diz, "não-governamental" propunham 'negar', 'desprezar' a presença do Estado, no momento atual, o cenário é outro e a proposta segue na contramão. Aquelas que atuam na área de educação não-formal caracterizam-se por iniciativas articuladas às políticas sociais neoliberais que visam atuar em trabalhos como alfabetização de jovens e adultos, com crianças em situação de risco etc e que vêem no Estado uma das possibilidades de parceria para o desenvolvimento de suas atividades.

É nesta categoria que podemos incluir a ONG Direito de Ser (Complexo São Marcos) que, além de utilizar as instalações do Espaço Esperança (barracão onde funcionou um antigo supermercado no Jardim Campineiro, hoje de propriedade da Prefeitura Municipal de Campinas), tem entre seus recursos verbas oriundas dos cofres municipais, ou seja, sobrevive a partir da presença efetiva do poder municipal. Situação bastante semelhante é a da ONG Progen (Vila Castelo Branco) que recebe via FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) recursos oriundos da Prefeitura Municipal de Campinas. O Centro de Pastoral da Igreja de São Benedito (Vila Costa e Silva) é vinculado a uma instituição da Igreja Católica e, portanto, dotado de recursos oriundos de diversas fontes, entre as quais a Arquidiocese de Campinas.

Porém, como já dito, não é interesse desse trabalho ir a fundo à questão das ONGs e no partidarismo ideológico da bibliografia, mas sim apresentar a problemática dentro de uma sociedade que conhece de perto as desigualdades e injustiças sociais e que, paralelo às ações que visem o futuro, necessita de intervenções urgentes, sem se perder de vista a salutar intervenção estatal.

As ONGs no contexto de Campinas – As três ONGs com as quais desenvolvemos parcerias para a realização dos projetos estão instaladas em Campinas, município cuja concentração de entidades que prestam serviços para comunidades é a maior do interior do país, ficando atrás ape-

nas de sete capitais. **[10]** Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) **[11]** Campinas lidera o chamado Terceiro Setor dentre todos os municípios brasileiros que não são capitais, registrando 1.640 fundações privadas e associações sem fins lucrativos. Os números ratificam a preocupação apresentada por GOHN (2001) quando diz que essas instituições buscam aprimoramento no quadro de profissionais. Em Campinas, empregam 23.722 pessoas, pagando salários e outras remunerações que totalizam R$ 391,6 milhões por ano. Mas, esta nova fase do Terceiro Setor mostra, também, que a maioria das ONGs não aposta apenas no Estado como parceiro: a iniciativa privada vem cada vez mais assumindo um papel solidário que acaba por resultar em benefícios fiscais à empresa que destina recursos a iniciativas de caráter social-humanitário, conforme assinala o superintendente executivo da Feac, Arnaldo Rezende em entrevista ao *Correio Popular* de Campinas:

> "Campinas tem vocação solidária desde muito cedo. A cidade sempre respondeu aos chamados, principalmente aqueles de ordem social. [...] É preciso lembrar também o lado positivo que é o fato de vivermos uma situação de estado de direito democrático que permite a união e a mobilização das pessoas para lutarem pela melhoria de vida delas próprias ou dos mais necessitados." **[12]**

Na mesma matéria publicada pelo *Correio Popular*, a repórter Maria Tereza Costa, abrindo mão da neutralidade que normalmente deve reger o texto jornalístico, deixa de lado o texto meramente narrativo e faz críticas ao Estado, acusando-o de incapaz de promover ação efetiva em relação às necessidades básicas da sociedade, conforme se observa no trecho a seguir:

> "A grande quantidade de fundações e associações sem fins lucrativos é o maior atestado da incapacidade de o Estado atuar em algumas das questões essenciais. O setor privado passou a ajudar nas questões sociais, por meio de inúmeras instituições que compõem o chamado Terceiro Setor." **[13]**

---

10 - Campinas fica atrás somente das capitais São Paulo, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Goiânia.

11 - Os dados foram divulgados pelo órgão dia 10 de dezembro de 2004 e tornaram-se públicos pela imprensa no dia seguinte. A divulgação ocorreu em parceria com a Associação Brasileira de Organizações Não-governamentais (Abong) e com o Grupo de Instituto, Fundações e Empresas (Gife). O estudo é inédito e tem o ano de 2000 como referência.

12 - COSTA, Maria Teresa. "Campinas é líder no número de ONGs". In: *Correio Popular*, 11/12/2004, p.5.

13 - Idem.

O estudo do IBGE analisou 276 mil instituições brasileiras privadas e sem fins lucrativos. Essas instituições dão emprego a 1,5 milhão de pessoas (é como se a população de uma Campinas e meia fosse empregada por ONGs), com salários que somam R$ 17,5 bilhões. São, ao mesmo tempo, instituições voluntárias, autônomas e privadas, formadas por cidadãos que se reúnem livremente em torno de objetivos comuns. Neste estudo foram excluídas organizações como sindicatos e partidos políticos, ou seja, associações de cunho mercantil, reguladas pelo governo ou que tenham estrutura jurídica específica que impeça o desempenho dessas atividades ou parcerias de caráter assistencial.

A Região Metropolitana de Campinas (RMC) conta com 3.338 ONGs que empregam 32.349 pessoas com salários que atingem R$ 512,2 milhões. Campinas, conforme já mencionado, concentra 1.640 instituições, emprega 23.722 pessoas com salários que chegam a R$ 391,6 milhões. Os números mostram, portanto, que das 19 cidades **[14]** que compõem a RMC, Campinas supera os índices das demais cidades. Das 3.338 ONGs instaladas na RMC, 49,13% estão em Campinas; dos 23.722 empregos gerados, 73,33% são oferecidos pela cidade que responde por 76,46% do total de R$ 512,2 milhões em salários pagos ao pessoal que atua em ONGs.

O elevado número de ONGs instaladas na RMC e, especificamente, em Campinas, revela que há uma significativa parcela da população que necessita de auxílio. Estudo divulgado pelo Núcleo de Estudos da População (NEPO) da Unicamp identifica enorme contraste quando se analisa o poder aquisitivo das populações que compõem a RMC. Foram identificados dois cinturões, o da pobreza e o da riqueza em que as respectivas rendas *per capitas* mostram uma desigualdade preocupante. No mapa elaborado pelo NEPO, os três bairros por nós estudados (Vila Costa e Silva, Complexo São Marcos e Vila Castelo Branco), embora não sejam limítrofes e com alguns quilômetros de distância, estão situados no cinturão da pobreza.

Os mais recentes números sobre a pobreza concentrada na RMC foram divulgados, em dezembro de 2004, pelo IBGE, quando tornou público o resultado do estudo "Indicadores sociais municipais – uma análise dos resultados da amostra do censo 2000". Segundo a pesquisa, 110,8 mil pessoas vivem na miséria, ò que significa que 4,2% das famílias sobrevivem com menos de US$ 1,00 por dia. Na RMC há ainda 23,6% das famílias (623 mil pessoas) que vivem com renda inferior a um salário mínimo. Os números tornam-se mais dramáticos quando vemos que, em 4,5% das residências em Campinas, existem pessoas sobrevivendo na indigência. O paradoxo, revelado nos dois cinturões (o da riqueza e o da pobreza) identificados pelo NEPO, é citado pela diretora da Divisão Regional de Assistência e Desenvolvimento Social, Laura Contador:

---

14 - A Região Metropolitana de Campinas é composta pelos seguintes municípios: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Eng. Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte-Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara D'Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo.

> "A miséria regional acaba sendo um paradoxo em uma área que é pólo tecnológico e que é responsável por 6% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. O drama da indigência na RMC, no entanto, dificilmente terá solução regional, porque os mecanismos necessários ao combate à indigência não estão nas mãos dos prefeitos. [...] Mesmo o Programa Renda Mínima é um paliativo. Miséria se combate com crescimento econômico, com emprego, com educação." **[15]**

O presidente do Conselho de Desenvolvimento da RMC e prefeito de Campinas, Hélio de Oliveira Santos, também expressa sua inquietação em relação à desigualdade social:

> "É inadmissível que uma região que tem renda média *per capita* que é o dobro da média do Estado e o triplo da do Brasil, possa conviver com tanta gente recebendo apenas um quarto de salário mínimo. Isso mostra como há concentração de renda regional. [...] É possível criar redes de trabalho, de geração de empregos nos diversos nichos de prosperidade da região, como o pólo petroquímico de Paulínia, de tecnologia de Campinas, o têxtil de Americana, por meios de programas de formação, de incentivo, enfim." **[16]**

É justamente neste cenário paradoxal, que revela uma preocupante desigualdade social e uma ação muito discreta por parte do Estado, que são realizados os trabalhos das ONGs com as quais trabalhamos durante quatro anos.

Cabe aqui uma importante ressalva: embora as ONGs (ou o Terceiro Setor) sejam os espaços mais adequados para o desenvolvimento da educação não-formal, nenhum trabalho nesta área terá alcançado bom resultado se a entidade não tiver bastante clara a forma de aplicação do método. Se os educadores sociais que atuam nesses espaços não abrirem mão dos métodos, conceitos e práticas escolares incorporados em seu dia-a-dia, os resultados serão frustrantes ou, no mínimo, abaixo da expectativa.

Valendo-nos das contribuições oferecidas pelos autores e, respeitando suas teorias e hipóteses – e nem sempre concordando na íntegra com eles – encerramos o presente capítulo mostrando que educação formal, não-formal e informal (embora as duas últimas sejam separadas por uma linha muito tênue) são campos autônomos, conforme sugere GARCIA (2002).

Compreendemos que a educação formal, não-formal e informal podem ocorrer num mesmo espaço, porém em tempos diferentes. Podemos citar como exemplo uma visita a um museu, a um planetário ou

---

15 - COSTA, Maria Teresa. "Mais de 110 mil pessoas vivem na miséria na RMC". In: *Correio Popular*, 23/01/2005. p.9.

16 - Idem.

a um centro histórico como o Pelourinho, em Salvador (Bahia). Se a visita for organizada para uma atividade escolar (portanto, com a presença de alunos de uma determinada escola, de uma determinada classe) com a presença de monitores e professores especialmente preparados para aquele evento e, considerando, que o conhecimento assimilado naquela visita consistirá em conteúdo programático e poderá (ou não) ser objeto de avalição, podemos dizer que aquela visita constitui-se em atividade de educação formal. Se o mesmo espaço receber um grupo, também organizado, coordenado por um educador social, com o objetivo de oferecer 'algo mais', de mostrar materialmente aquilo que já viram (ou não) ou ouviram (ou não) na sala de aula, entretanto, cujo conhecimento ali assimilado (ou não) não será objeto de cobrança posterior, esse grupo poderá estar participando de uma atividade de educação não-formal. Finalmente, se um grupo ou uma pessoa resolve entrar num museu, sem uma programação prévia ou organização, observar trabalhos e estilos dos autores, com o propósito explícito de enriquecimento cultural podemos afirmar que essa prática pode ser caracterizada como educação informal. Ou seja, foi algo que aconteceu naturalmente, sem uma programação. Fica evidente, portanto, que o que define (ou enquadra) o tipo de educação não é 'o que se faz', mas 'como se faz', conforme evidenciou Víctor J. Ventosa Pérez em palestra proferida na Unicamp. **[17]**

Fica evidente, portanto, que há espaço para trabalhar os diferentes campos e que a discussão sobre conceitos e comparações deve ser superada, como ocorre na Espanha. Quando nos concientizarmos dessa autonomia e independência, o trabalho fluirá com mais liberdade, com mais prazer, sem que tenhamos que nos remeter à escola formal e assumir novamente as práticas desse campo em momentos de crise. Quando superarmos os momentos de caos sem ter que olhar para trás, sem ter que nos valer daquele campo educacional que incorporamos desde a infância – e que continuamos nos valendo dele em nossas atividades corriqueiras – podemos afirmar que estaremos num estágio que nos permitirá discutir educação não-formal em um outro patamar.

17 - A convite do Centro de Memória da Unicamp, o pesquisador espanhol proferiu no dia 16 de setembro de 2005 na sala da Congregação da Faculdade de Educação a palestra "Educação social, educação não-formal e animação sociocultural".

Capítulo 3

As oficinas, o Fanzine e a Transdisciplinaridade

As oficinas e a transdisciplinaridade – As publicações produzidas na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco são, também, espaços privilegiados para dar vazão às produções elaboradas em outras oficinas, especialmente as de Fotografia, de História Oral e de Criatividade. A apresentação desses resultados não se dá de maneira isolada, tampouco as oficinas são realizadas isoladamente – ocorrem num contexto em que é estabelecido um diálogo em que todas as ações são pautadas pela prática da educação não-formal voltadas a um objetivo bastante explícito: o fortalecimento e a valorização da auto-estima, a busca do prazer de aprender por parte das pessoas envolvidas no processo. O desenvolvimento orientado por uma interdependência dos trabalhos se dá numa perspectiva de transdisciplinaridade.

Um dos resultados do I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, realizado em 1994 no Convento de Arrábida, em Portugal, foi a adoção da 'Carta da Transdiciplinaridade', cujo Comitê de Redação foi composto por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. Dotado de 15 artigos, o documento procura jogar luz sobre as eventuais dúvidas ou confluências dos termos e das práticas transdisciplinares ou interdisciplinares. O artigo 3 da carta reza o seguinte:

> "A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa."

Essa confluência entre a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade é assim analisada por GIGLIO (2004: 12), responsável pela realização da Oficina de Criatividade:

> "O conjunto das oficinas que oferecemos funciona de forma interdisciplinar, mas o espírito que anima tal projeto de educação é transdisciplinar. A prática da Educação Não-formal é comum a todas as oficinas, que têm seus conteúdos específicos, entretanto. Mas a dinâmica delas é interativa. Uma oficina alimenta outra, numa circularidade difusa – se se pode dizer assim – em busca de um objetivo comum, que é criar um "espaço" para que os jovens participantes se encontrem e vejam a si mesmos como indivíduos potencialmente aptos para interagir (contribuir e receber) com um mundo complexo."

A 'Carta da Transdisciplinaridade' contém dois artigos que contemplam a realização das oficinas pautadas pela adoção das estratégias da Educação Não-formal, permitindo que sejam aflorados valores como imaginação e sensibilidade e, sobretudo, preservando o respeito das diferenças detectadas entre os membros participantes do processo, conforme podemos observar a seguir:

> "Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos." *(Artigo 11)*

> "A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra." *(Artigo 13)*

Nesta perspectiva da transdisciplinaridade, encontramos novamente em GIGLIO (2004: 3) a seguinte reflexão que mostra que a dinâmica da Educação Não-formal, que pela heterogeneidade dos grupos e a resistência quanto à nomeação de uma liderança, configura-se, naturalmente, em prática transdisciplinar.

> "A Educação Não-formal acredita, assim como diz NICOLESCU (2001), 'nenhuma cultura constitui lugar privilegiado a partir do qual possamos julgar as outras culturas'; ela acredita que 'educador' é uma função que pode – e é – preenchida por diferentes participantes do grupo simultaneamente, e não um lugar de poder dominado por uma pessoa, mesmo que designada pelo próprio grupo. Como a Educação Não-formal trabalha com grupos heterogêneos, ela já se constrói na complexidade das diferenças culturais e propõe-se a integrá-las no grupo para benefício de todos. A prática da Educação Não-formal tem uma atitude transdisciplinar, pois."

Oficina de História Oral e Jornalismo – Embora as publicações elaboradas nos projetos desenvolvidos na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco tivessem estampado os resultados de algumas das oficinas, optamos neste momento por analisar os resultados das oficinas de História Oral, de Fotografia e de Criatividade, por considerarmos as mais próximas da Oficina de Jornalismo Comunitário. Explicamos: a de História Oral pelo fato de ter na entrevista (assim como no Jornalismo) seu principal método de trabalho; a de Fotografia, pelo fato da forte relação entre o conteúdo textual e imagético que pauta a quase totalidade das publicações jornalísticas de todo o mundo; e finalmente, a de Criatividade, considerando que dentro das práticas da

Educação Não-formal, a arte é uma das principais formas de manifestação e, hoje, é inconcebível pensar numa publicação sem a destinação de um espaço que contemple as artes, principalmente a ilustração – recurso que proporciona, principalmente ao fanzine, a leveza que a publicação requer. Convém lembrar que, embora estejamos relacionando neste estudo a Criatividade à Arte, não queremos incorrer em um reducionismo do termo e da prática. Sabemos que Criatividade é algo mais amplo que não deve ser identificado apenas com Arte.

Feitas as explicações preliminares, procuramos analisar esse trabalho integrado (que, conforme já vimos, resulta em algo mais amplo, a transdisciplinaridade) realizado, primeiramente, nas oficinas de História Oral, coordenadas pela socióloga Olga Rodrigues de Moraes von Simson, e de Jornalismo Comunitário. Cabe neste momento procurar oferecer uma definição e fazer alguns esclarecimentos para uma tentativa de melhor compreensão sobre a prática e a metodologia da História Oral.

FREITAS (2002: 1-18) procura discutir a busca de uma definição. Embora um grande número de pesquisadores tenha se debruçado sobre o tema (com a produção de artigos, livros e *papers* apresentados em congressos e seminários) permanecem ainda questões cruciais:

> "Seria mais correto falar História Oral ou fontes orais? Seria a História Oral uma técnica, um método ou um procedimento de pesquisa? Mas afinal, o que será essa tal de História Oral?"

A própria, autora de *Reminiscências*, **[1]** procura, de forma bastante sintética, oferecer uma definição (FREITAS, 2002: 18):

> "História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimento articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana."

De acordo com a autora (idem: 19-22), História Oral pode ser dividida em três gêneros: tradição oral, história de vida e história temática. Na tradição oral, a fala, mais que um meio de comunicação, é uma forma de preservação da sabedoria, um testemunho de uma geração para outra. A história de vida é uma espécie de relato autobiográfico, uma reconstituição do passado feita pelo próprio indivíduo sem que haja, necessariamente, uma condução por parte do pesquisador. No terceiro caso, encontramos a história temática e aqui consideramos se constituir naquela que mais se aproxima da prática do jornalismo, embora o jornalismo se aproprie das três para a realização de grandes reportagens, sejam aquelas apresentadas em livros **[2]** ou as que

1 - *Reminiscências* é o título do livro (Editora Maltese, 1993) de Sônia Maria de Freitas publicado a partir da sua dissertação mestrado em História (FFLCH-USP) defendida em 1992 sob o título "Contribuição à memória da FFCL-USP: 1934-1954".

2 - Podemos citar dois exemplos de jornalistas que se valeram de centenas de entrevistas e de inúmeros colaboradores para a publicação de seus livros: Fernando Morais (*Olga*, *Chatô: o rei do Brasil* e *Corações sujos*) e Ruy Castro (*Chega de saudade – a história e as histórias da bossa nova*).

aparecem em séries estampadas nas páginas dos jornais. Antes de abordarmos a confluência entre a História Oral e o Jornalismo, cabe aqui um maior detalhamento daquilo que FREITAS (ibidem: 21-22) chama de História Oral Temática:

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e vidências de uma memória coletiva, por exemplo.

Se fizermos uma comparação da História Oral Temática com a prática do Jornalismo, percebemos que chegamos à rotina que deveria pautar o jornalismo sério e legítimo, ou seja, o cruzamento das fontes, principalmente quando os depoimentos são divergentes. RABAÇA e BARBOSA (1998: 275) oferecem a seguinte definição para o termo fonte:

> "Na teoria da comunicação, fonte é 'Nascente de mensagens e iniciadora do ciclo de comunicação'. Sistema (pessoa, máquina, organização, instituição) de onde provém a mensagem, no processo comunicacional. Elemento que, numa cadeia comunicativa, seleciona de um conjunto de mensagens possíveis a mensagem a ser emitida. [...] No jornalismo é a 'Procedência da notícia. Todos os documentos e pessoas de onde um autor de trabalho jornalístico, literário, técnico ou artístico extraiu informações para sua obra."

Um bom exemplo de cruzamento entre o jornalismo e a história temática (um dos braços da História Oral) pode ser observado no livro *Chega de saudade*, do jornalista Ruy Castro. Para contar a história, o surgimento, o desenvolvimento, o desdobramento da bossa nova, tendo como fio condutor o cantor e compositor João Gilberto, o jornalista Ruy Castro utilizou centenas de fontes (documentos, gravações, entrevistas etc.) que eram cruzadas até a obtenção do texto final. A preocupação com a realização de um jornalismo sério está explícita na introdução do livro quando CASTRO (1990: 15) afirma:

> "Para compor esta história, as informações foram buscadas em primeira mão, entre os protagonistas, coadjuvantes ou figurantes de cada evento aqui descrito. [...] Toda informação importante foi checada e rechecada com mais de uma fonte."

Na composição de um livro desse porte (*Chega de saudade* conta com 463 páginas) o autor valeu-se de um meticuloso trabalho jornalístico e que contou com dois gêneros da História Oral: história de vida e história temática. Esses dois gêneros podem ser observados nas oficinas de História Oral realizadas nos bairros já mencionados, conforme podemos observar nos trechos das entrevistas concedidas pelos aposentados Adelaide

Xavier da Silva (história de vida) no *Jornal da Costa e Silva* e Aluísio Jeremias (história de vida e história temática) no *Conexão Jovem* **[3]** que foram editadas e ganharam contornos jornalísticos durante a produção do *Jornal da Costa e Silva.*

Esses dois temas também podem ser observados nos trabalhos de produção do *Conexão Jovem*, quando foram entrevistados personagens que fazem a história do Progen, como a criadora da ONG, irmã Míriam, a assistente social Izabel Cristina Santos, o educador Itamar Rocha e a cozinheira Fátima Aparecida Anário. Dos quatro entrevistados, selecionamos dois trechos que mostram a confluência entre a História Oral (gênero história de vida) e Jornalismo. Os textos aqui apresentados, já com formatação jornalística, foram produzidos a partir de entrevistas feitas pelos pesquisadores da Oficina de História Oral.

> "Uma criança da periferia, com todos os sonhos de uma criança qualquer. Assim era Izabel Cristina dos Santos Almeida. Sem a ajuda de nenhum projeto que a acolhesse quando veio com a família do interior de São Paulo, Izabel teve de conquistar tudo sozinha. Hoje, como assistente social do Progen, ela quer dar uma oportunidade diferente às crianças e adolescentes da Castelo Branco e bairros adjacentes. Formada em Serviço Social, Izabel chegou ao Progen há 14 anos. Hoje, casada, Izabel tem um filho de 12 anos e uma filha de 8 e se sente gratificada pelo trabalho que desenvolve, pois sabe que ele é de muita importância para as crianças. É algo que combina profissão com projeto de vida." **[4]**

> "Itamar Rocha chegou ao Progen ainda jovem, com apenas dezoito anos. Procurava por uma vaga de monitor, mesmo sem saber, ao certo, do que se tratava. Selecionado, depois de uma tarde inteira de entrevistas, para compor um grupo com mais três pessoas, Itamar ficou como voluntário no Progen por três anos. Fora do Progen por sete anos, Itamar buscou coisas novas. Chegou até a começar uma faculdade, mas não teve condições de concluir. Hoje, Itamar não é mais um garoto. Aos 28 anos e de volta ao Progen, agora como educador, Itamar cursa História. Disse que seguiu sua vocação, da qual não se pode fugir. Aproveitando a experiência com a Educação Não-formal, Itamar pretende ser um professor diferente, dar uma aula que se diferencie da dos profissionais de hoje: 'trabalhar com mais prazer e reclamar menos', afirma. Porém, aliada à experiência, Itamar acredita que ser um bom educador também depende de disposição: 'tem que ter vontade'." **[5]**

3 - Trechos das entrevistas feitas com Adelaide Xavier da Silva e com Aluísio Jeremias estão no capítulo 4 deste estudo.

4 - Entrevista editada a partir de depoimento oral concedido por Izabel Cristina dos Santos durante a Oficina de História Oral. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2004, n. 7, p. 4.

5 - Entrevista editada a partir de depoimento oral concedido por Itamar Rocha durante a Oficina de História Oral. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2004, n. 7, p. 5.

São dois exemplos de histórias de vida que vêm alimentando os trabalhos nas oficinas de História Oral. Exemplos que visam não apenas reconstituir um passado e, por meio de uma metodologia já consolidada, registrar uma história que poderia se perder não fosse a intervenção de pesquisadores no sentido da efetivação desse registro. É um momento de valorização das pessoas (neste caso, do entrevistado), ou de um 'momento solene', como identifica Le VEN (1997: 215-216):

> "Uma entrevista de história de vida é um 'momento solene', em dois sentidos. Por um lado há todo um aparato técnico, a presença de pesquisadores que são encarados pelo entrevistado, quase sempre, como seres dotados de uma 'autoridade acadêmica'. O entrevistador toma a iniciativa de apontar seus objetivos e interesses e 'escolhe' os indivíduos a serem entrevistados. Por outro lado, apesar destes aspectos, à primeira vista constrangedores, o entrevistado concorda em desnudar sua história diante de pessoas normalmente desconhecidas – o que não é uma situação comum. Assim sendo, as perguntas feitas pelos entrevistadores dão lugar a reflexões por parte do entrevistado, o que o permite, e em certa medida o impulsiona, a tecer sua rede de relações e experiências do vivido."

O autor vai além quando coloca o entrevistado – muitas vezes, um anônimo – na condição de 'criador' da história, um agente de transformação social que passa a refletir sobre seu passado e, assim, oferecer elementos para um melhor entendimento do presente, conforme pudemos observar nas entrevistas de Adelaide Xavier da Silva e Aluísio Jeremias. Momentos como esses vividos pelos moradores da Vila Costa e Silva (Adelaide) e Castelo Branco (Aluísio) são assim descritos por Le VEN (1997: 220):

> "As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe 'criador da história' a partir do momento em que se dá conta, mesmo minimamente, que transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele pára e reflete sobre sua vida – e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com freqüência – se vê como um ator social..."

A exemplo do Jornalismo, a História Oral deve transpor a técnica pura e simples da entrevista; deve fugir do monólogo, das amarras de um questionário pré-estabelecido e avançar para o diálogo, um dos principais braços da comunicação humana. MEDINA (1995: 5) propõe a seguinte distinção entre a entrevista puramente técnica e o diálogo:

> "A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se enca-

> rada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo."

Na história oral, de acordo com Le VEN (1997: 217), nesse aspecto, o que se pretende extrair do entrevistado é muito semelhante ao objetivo do jornalista:

> "...Não é só o entrevistador que ouve, não é só o entrevistado que fala. Não é um monólogo, evidentemente, ou um depoimento para a história. E muito menos um inquérito! É um diálogo, mesmo que um diálogo entre desiguais. Hoje o entrevistador – historiador/ cientista social – não ignora o sentido da fala como palavra que também institui um espaço público."

Entretanto, há nesta citação de Le VEN uma situação que não se aplica à produção das publicações comunitárias até então produzidas no projeto. Quando os coordenadores das oficinas dão a liberdade aos adolescentes para a realização das entrevistas, seja na prática da História Oral, seja na prática do Jornalismo, o entrevistador e o entrevistado não são 'desiguais' – são pessoas da mesma comunidade, com origens e histórias de vida muito parecidas, o que facilita ainda mais o estabelecimento do diálogo apregoado por MEDINA e pelo próprio Le VEN.

Ainda no que diz respeito à História Oral, o trabalho permitiu ainda identificar o gênero tradição oral que permite a transmissão – e por conseqüência – a preservação da sabedoria, da memória e das histórias que são contadas e recontadas a cada geração, conforme a 'História do boi falô', sempre lembrada quando casos e lendas são solicitados a moradores do distrito de Barão Geraldo e imediações (inclui-se, aí, o Complexo São Marcos), em Campinas. A história foi assim contada por uma adolescente participante da Oficina de História Oral realizada no Complexo São Marcos:

> "Há muito tempo, numa Sexta-feira da Paixão, quando de costume ninguém trabalha em respeito ao dia em que o Senhor Jesus Cristo morreu, em uma fazenda chamada Santa Genebra, em Barão Geraldo, um fazendeiro pediu para que seu capataz colocasse todos os escravos para trabalhar. Quando o escravo Toninho foi buscar o boi para puxar o carro, o boi falô:
>
> – Hoje eu não trabalho, pois é dia santo!
>
> O escravo, muito assustado com a reação do boi, rapidamente correu para avisar os trabalhadores da fazenda que o boi falô. Então, daquele dia em diante, ninguém, mais trabalha na sexta-feira da Paixão. Quanto ao boi, até hoje comemora-se com festas quando as pessoas

> comemoram o dia em que o 'boi falô', comendo uma farta macarronada preparada pela comunidade." **[6]**

Há nessa simbiose entre Jornalismo e História Oral algo muito presente em publicações comunitárias: a conscientização sobre direitos e deveres levando a uma constante postura de reivindicação. Segundo a coordenadora das oficinas de História Oral, Olga Rodrigues de Moraes von Simson, os depoimentos orais colhidos pelos adolescentes permitiram reconstruir as primeiras lutas da população do bairro por escola, centro de saúde, asfalto, transporte urbano, entre outros benefícios, e mostraram para as novas gerações a importância dessas conquistas e a necessidade de lutar por novas melhorias no bairro. SIMSON afirma:

> "Procuramos através da pesquisa-ação fazer os jovens compreenderem a riqueza da construção das memórias partilhadas que, aproximando gerações e grupos sociais, nos permitem melhor entender os problemas do presente e pensar conjuntamente soluções para o futuro." **[7]**

Oficina de Criatividade e Jornalismo – A opção pelo fanzine, conforme veremos no final do presente capítulo, apresenta embutida, entre outros objetivos, a preocupação de proporcionar aos leitores uma publicação com visual leve, de preferência com fotografias e ilustrações que, mesmo muito simples, estabeleçam um diálogo com o material jornalístico estampado em suas páginas. As oficinas de Criatividade, organizadas pela educadora Zula Garcia Giglio, estão inseridas, a exemplo das demais oficinas, no projeto mais amplo sediado no Centro de Memória desde o início, em 2001, na Vila Costa e Silva.

A coordenadora da Oficina de Criatividade afirma que apesar dos inúmeros estudos sobre o fenômeno da criatividade, os estudiosos sobre o tema ainda não chegaram a uma definição clara do termo que, apesar da tentativa de apropriação pelo sistema educacional, **[8]** foi no sistema organizacional que encontrou campo mais fértil para o desenvolvimento. Não é por acaso que o termo (e a prática) está cada vez mais em evidência nas empresas como condição *sine qua non* para o crescimento profissional do indivíduo no local de trabalho. GIGLIO (2004: 15) afirma:

---

6 - Texto elaborado pela adolescente Letícia Moreira de Jesus Santos. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade.* Dezembro de 2001, p. 4.

7 - Trecho extraído do Relatório "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas" enviado ao CNPq em dezembro 2003. A não citação da página se dá pelo fato de que o volume é composto de partes autônomas, não seguindo, dessa forma, uma paginação lógica.

8 - Se no ensino médio e fundamental a Criatividade não se firmou como uma disciplina autônoma e sim como tópico de outras disciplinas como Artes e Psicologia, na graduação ela começa a ganhar espaço e reconhecimento. Desde 2001 alguns cursos oferecidos pelo Centro de Linguagem e Comunicação (CLC) da PUC-Campinas vem oferecendo a disciplina Criatividade em sua grade curricular.

> "Os estudos sobre este fenômeno têm sido muitos. Nas décadas de 60 e 70 havia uma preocupação da Psicologia com isto no contexto do desenvolvimento humano. Infelizmente, entre nós, os avanços no conhecimento do processo criativo e das formas prováveis de desenvolvê-lo não foram incorporadas pelo sistema educacional. Na década de 80 e 90 assistimos à migração dos objetivos dos estudos da Criatividade para a área organizacional. Hoje a educação de adultos, disseminada em vários setores, tem considerado a Criatividade como ponto chave. Mas não se pode dizer que se chegou a uma definição clara."

As experiências desenvolvidas pela pesquisadora permitem que ela, fundamentada em alguns autores, elabore a seguinte compreensão sobre o tema:

> "O processo criativo é subjetivo e, em parte, inconsciente, mas também tem, ao mesmo tempo, sua parte consciente, e seu lado objetivo e lógico. Na verdade, a Criatividade é um resultado decorrente da mobilização de várias habilidades e emoções. E, ainda, diz-se que é um resultado quando ele é visível para determinado grupo localizado e datado, mas sabe-se que a Criatividade pode manifestar-se de uma forma só pressentida para a pessoa que cria; o criador dela usufrui, mas nem sempre pode partilhar com outros. É o caso de certas idéias íntimas e de certas soluções pessoais, ou mesmo de alguns pequenos atos individuais." (GIGLIO: 2004: 4)

Se, por um lado, o sistema educacional de base encontra resistência em assumir a Criatividade como disciplina autônoma **[9]** e o seu desenvolvimento vem se fortalecendo cada vez mais na área organizacional, por outro, a pesquisadora do Centro de Memória vem abrindo um nicho muito importante na área da Educação Não-formal como meio de aflorar talentos e assim, inserir o adolescente num processo criativo, seja na produção de contos, de esculturas com argila, de ilustrações ou de histórias em quadrinhos. O objetivo, segundo GIGLIO (2004: 4), é

> "Partilhar com eles (adolescentes) o conhecimento de algumas técnicas de desenvolvimento do potencial criativo, tendo como moldura o objetivo pedagógico de colaborar na formação e no fortalecimento da identidade dos participantes."

Para atingir esse objetivo, era necessário, primeiramente, oferecer aos adolescentes "bases prováveis para o desenvolvimento do processo criativo." Assim, a educadora lidou com questões como auto-

9 - Sobre o assunto, sugiro a leitura de FALASCHI, Celso P. "Identificação de narrativas de características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro. Tese de doutorado. Faculdade de Psicologia - PUC- Campinas, 2005.

conhecimento, capacidade reflexiva, aquisição de habilidade e explorou ainda dois dos pilares que sustentam a prática da Educação Não-formal: o uso da potencialidade e a valorização do talento do adolescente.

A primeira forma de manifestação da Oficina de Criatividade deu-se no jornal mural produzido na Vila Costa e Silva, intitulado *Jornal da Costa e Silva* em que foi publicada uma seqüência de tiras (história em quadrinhos) intitulada 'Spyke: o significado da Páscoa', **[10]** *(Ver figuras 1, 2 e 3)* em que o ilustrador conta a história de um garoto dinossauro que, inconformado com a pobreza, grita com a mãe porque não vai ganhar ovo de páscoa. Porém, ao encontrar um amigo, recebe os ensinamentos da *Bíblia* e acaba percebendo que há algo muito mais valioso que um simples artefato de chocolate que move o mercado da Páscoa. Percebemos, mais uma vez, a presença marcante e a importância da igreja na vida dos adolescentes envolvidos nas oficinas. A produção desta história em quadrinhos partiu de um roteiro previamente discutido e escrito durante as atividades da Oficina de Criatividade em que o autor definiu as falas e o pensamento dos personagens descrevendo e apresentando movimentos e expressões em cada cena. Por meio da seqüencialidade é estabelecida uma narrativa simples, mas repleta de significado e de simbolismo.

Para melhor compreensão do termo História em Quadrinhos (HQ), encontramos em RABAÇA e BARBOSA (1998) uma definição ampla (no sentido da produção em si, independente do meio utilizado como suporte para publicação), incluindo as formas usuais de aplicação.

> "Forma de narração, em seqüência dinâmica, de situações representadas por meio de desenhos que constituem pequenas unidades gráficas sucessivas (quadrinhos) e são ge-

Figura 1

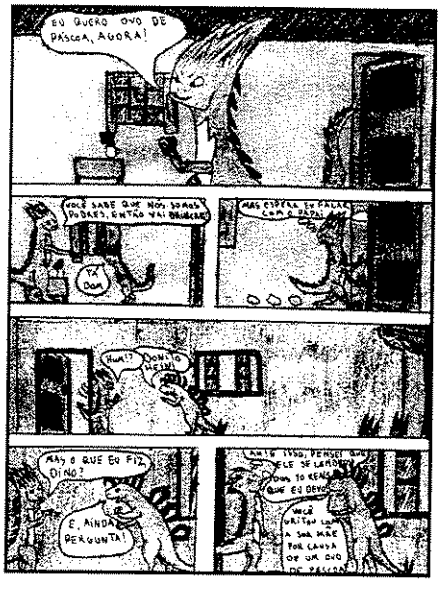
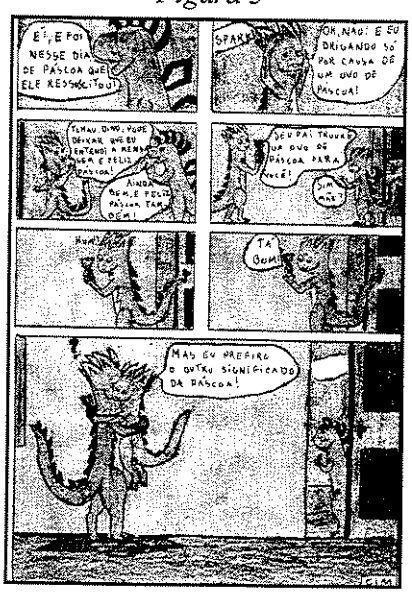


Figura 2



Figura 3



10 - A história em quadrinhos foi elaborada pelo ilustrador Mateus Sabino. In: *Jornal da Vila Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, pp. 2, 3 e 4.

> ralmente integrados a textos sintéticos e diretos apresentados em balões ou legendas. Os quadrinhos são um conjunto e uma seqüência. O que faz do bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido depois de visto o anterior; a ação contínua estabelece a ligação entre as diferentes figuras. Existem cortes de tempo e espaço mas estão ligadas a uma rede de ações lógicas e coerentes." (1988: 314)

Sobre as categorias mais utilizadas os autores citam:

> "As histórias em quadrinhos figuram, hoje, entre os produtos de comunicação de massa mais representativos e mais avidamente consumidos. Apresentam-se normalmente nas seguintes categorias: cômicos, infantis, de aventuras (faroeste, policial, ficção científica etc.), sentimentais, biográficos, históricos, de lendas e contos, de propaganda." (1988: 316)

Alguns jornais, como a *Folha de S. Paulo*, por exemplo, oferecem ao recurso a nomenclatura de tira, ou "pequena história em quadrinhos, em geral composta por três ou quatro quadros no sentido horizontal", conforme define o *Novo Manual da Redação* (1992: 168). Para o preenchimento dessa seção, a *Folha* compra de diferentes editoras tiras já produzidas (Disney, Turma da Mônica, Pelezinho, Senninha etc.) ou tem no corpo da redação cartunistas que produzem tiras com exclusividade.

As Histórias em Quadrinhos há algumas décadas foram incorporadas pelas redações em forma de *storyboard*. Diferentemente do caráter ingênuo e de entretenimento que pode ser visto nas categorias elencadas por RABAÇA e BARBOSA (1988) o *storyboard* recebe a seguinte definição no *Novo manual da redação* (1998: 166):

> "Seqüência de desenhos que reconstitui instantes sucessivos do desenrolar de uma ação. É muito usado na *Folha* para dar uma idéia ao leitor de como aconteceram fatos de grande impacto, como seqüestros, atentados, ataques bélicos e assim por diante."

Como pode ser observado, o Jornalismo vai se apropriar de elementos da história em quadrinhos (cujas origens remontam à Pré-História com imagens rupestres que mostram em diferentes cenas etapas de uma caça, por exemplo) para narrar ou reconstituir cenas não capturadas pela câmara de um repórter fotográfico ou de difícil descrição por parte de um repórter que vai se valer de um boletim de ocorrência policial para narrar as etapas de um acidente, por exemplo. Embora essa situação não se enquadre na história 'Spyke: o significado da Páscoa', a Oficina de Criatividade tem proporcionado aos adolescentes elementos para a criação de histórias e de ilustrações avulsas.

A Oficina de criatividade explorou também a imaginação dos adolescentes por meio de produção

de textos de ficção, como histórias infantis, por exemplo. Em exercício de produção coletiva de conto de fadas na Oficina de Criatividade desenvolvida no Complexo São Marcos, os adolescentes elaboraram duas histórias encantadas povoadas por personagens como príncipe, bruxa, caçador e cavalo alado. De forma resumida, contam assim a primeira produção coletiva:

> "Era uma vez uma princesa que caiu no poço. Era um poço muito fundo e perigoso, onde morava uma jibóia gigante. Vinha passando por ali um caçador que ao saber daquela tragédia, resolveu salvar a princesa. [...] Sem que ninguém prestasse a atenção, desceu também uma coruja que era um feiticeiro disfarçado... [...] Quando ele (o caçador) ia soltar a princesa, a coruja derrubou sobre ele um pó paralisante... [...] Nisso aparece um cavalo tipo Pégasus, amigo da Princesa... [...] a terrível jibóia aparece... Ele consegue soltar a princesa, pega a bruxa pelo pescoço e a joga no calabouço... [...] a princesa casa-se com o valente caçador e eles viveram felizes para sempre." **[11]**

O outro conto de fadas apresentado na mesma publicação também começa com 'Era uma vez' e termina com 'viveram felizes para sempre', o que revela que as histórias que povoam o imaginário infantil, independentemente do autor ou autores, segue, normalmente, a mesma estrutura, iniciando com uma frase que remete a uma fantasia e encerrando, também, com uma frase que sugere que o pior passou e que a partir daquele instante os "mocinhos" da história viverão momentos de plena felicidade.

Qual é, afinal, a relação de contos de fadas com a produção de textos jornalísticos? Se pensarmos no aspecto informativo e que no exercício do Jornalismo não pode haver ficção **[12]** – as notícias narradas são baseadas em fatos cuja origem pode ser comprovada – podemos concluir que não há relação alguma. Mas se pensarmos na produção do texto enquanto estrutura, organização e hierarquização das idéias, o exercício do conto de fadas contribui para a produção de uma escrita mais fluente, dotada de detalhes que enriquecem a valorizam a informação jornalística.

A Oficina de Criatividade alimentou também um trabalho de reflexão a partir de questionamentos sobre temas como Terror, Alegria, Amor, Medo, Amizade, Falsidade, Maconha, Palavra e Paz. Algumas respostas chamam a atenção pelo singelo. Outras, não apenas pelo conteúdo, mas pela coragem demons-

---

11 - Produção coletiva sobre História de fada. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, p. 33.

12 - Não estamos afirmando, contudo, que o suporte jornal não permite abrigar ficção. Crônicas, por exemplo, constituem-se no gênero (que pode ser ficcional) mais largamente utilizado pelos jornais impressos.

trada pelos adolescentes diante do tema – coragem de assumir o uso da droga e de fazer sua interpretação em momentos de alucinação.

> *"Alegria:* Uma bola de cores que roda numa roda cheia de crianças" ou "É um algodão doce no fim da tarde;
> *Medo:* Não ter família e morrer sem piedade" ou "Não saber para onde vai depois da morte;
> *Falsidade:* É como uma faca no coração;
> *Amizade:* É saber ouvir, saber falar;
> *Maconha:* Você entra e não sai, destrói você e sua paz; Um ladrão que rouba sua mente, sua característica, sua vergonha, sua dignidade, sua honra; É uma erva louca que galopa dentro da minha cabeça **[13]**

Também podemos observar uma relação com o Jornalismo quando a reflexão precede a exposição de idéias. Fazer jornalismo requer, entre outros atributos, observação. Ser jornalista é ser observador, é interpretar o silêncio, é saber ouvir, é ficar atento às coisas boas e ruins, é saber identificar atos e comportamentos falsos, é ter a frieza necessária para separar razão e emoção para chegar o mais próximo possível de três instrumentos que devem reger – porém difíceis de serem alcançados – a conduta do bom jornalismo: a neutralidade, a objetividade e a imparcialidade. A sinceridade na resposta do adolescente que diz que a maconha é 'uma erva louca que galopa dentro da minha cabeça' é a mesma que deve pautar o jornalista em relação ao que ele viu e ouviu sobre determinado fato a ser narrado nas páginas de qualquer publicação.

Oficina de Fotografia e Jornalismo – Das três oficinas realizadas que mais dialogam com o Jornalismo, não por acaso, a de Fotografia foi a que se desenvolveu com maior proximidade com a Oficina de Jornalismo Comunitário, embora o trabalho realizado na Oficina de Fotografia não seja direcionado especificamente para a produção jornalística. Coordenadas pelos jornalistas José Roberto Gonçalves (na Vila Costa e Silva) e Fabiana Bruno (no Complexo São Marcos e Vila Castelo Branco), a Oficina de Fotografia, nas duas últimas experiências, teve como proposta principal:

> "A conceituação e o desenvolvimento da prática da fotografia integrada às atividades de pesquisa propostas pelas oficinas de História Oral e Jornalis-

13 - Respostas a partir da seção "O que é...". In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, pp. 29-30.

> mo. Os adolescentes do Projeto Gente Nova (Progen) da Vila Castelo Branco discutiram e registraram novos olhares sobre o bairro onde vivem ou convivem, numa perspectiva de percepção e valorização de seu próprio espaço, a partir da fotografia. **[14]**

A Oficina de Fotografia procurou, num primeiro instante, estabelecer uma familiaridade dos adolescentes com o equipamento fotográfico e, posteriormente, com a fotografia. Os adolescentes fizeram exercícios com câmeras do tipo Polaroid (as imagens poderiam ser vistas instantaneamente pelos autores das fotos) o que causou surpresa entre os adolescentes, não apenas pelo processo de produção (o surgimento 'mágico' da imagem) como também pelo resultado do registro em que os adolescentes fotografavam e eram fotografados. Queriam ver se haviam se 'fabricado' bem, conforme afirma Roland BARTHES (1980: 22):

> "A partir do momento em que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a 'posar', fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer."

Saciada a curiosidade sobre o resultado final, a coordenadora da oficina inicia um trabalho de análise – para muitos foi o primeiro contato com uma câmera fotográfica – da produção técnica, como enquadramento, composição, escolha do objeto fotografado e iluminação. Também foi trabalhado o exercício do olhar por meio da observação de imagens divulgadas em diferentes órgãos de imprensa. Coube a cada integrante da oficina narrar o seu olhar sobre a imagem, contar o que aquela foto sugeria. Segundo Fabiana Bruno, a atividade

> "Permitiu ao grupo entender a potencialidade da fotografia no tocante à multiplicidade de leitura e interpretação e às possíveis intenções da proposta do fotógrafo no registro de determinadas cenas, além de sugerir também discussões em torno das técnicas fotográficas." **[15]**

Na atividade da Oficina de Fotografia também foi solicitado aos adolescentes que trouxessem de casa fotografias recentes ou antigas. A escolha foi livre: os temas foram família, viagem, grupo de amigos, animais de estimação – as imagens, expostas em sala do Progen, foram motivo de comentários entre os adolescentes. Naquele momento, fatos ligados à vida dos adolescentes eram revelados. Fotos de viagens, por exemplo,

---

14 - Trecho extraído do Relatório "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas" enviado ao CNPq em dezembro 2003. A não citação da página se dá pelo fato de que o volume é composto de partes autônomas, não seguindo, dessa forma, uma paginação lógica.

15 - Idem.

eram uma forma de testemunhar a presença do viajante e colocá-lo, naquele momento entre os amigos em situação privilegiada. A foto era, naquele momento, a prova incontestável de que o fotografado esteve naquele lugar.

No que diz respeito ao exercício fotográfico, além das fotos produzidas entre os adolescentes, foram feitas fotos nas instalações do Progen e, a partir do levantamento de 'assuntos fotográficos' nos bairros onde vivem, foram registrando, num primeiro passeio, ruas, praças, parques, clubes, entidades, igrejas, escolas, personalidades do bairro e grupos de convivência. O visor da câmara fotográfica promovia o recorte, a edição, deixando de lado os aspectos negativos do bairro, focando assim, temas que pudessem enaltecer as coisas boas do local. Com o objetivo de produzirem imagens para a realização de uma exposição fotográfica, os adolescentes fizeram outros passeios pelo bairro, tendo, agora, a preocupação de identificação das imagens não só para contextualizá-la como também para facilitar o arquivamento. Era o início da produção de legendas que, nos exercícios seguintes, passaram a ser incorporadas pela Oficina de Jornalismo Comunitário.

A legenda, independentemente da apropriação pelo jornalismo, pode informar sobre um assunto, interpretar ou explicar a imagem. Pode ser irônica, cômica, instigadora, poética, enfim, pode estar composta de total subjetividade por parte de quem produz ou analisa a foto. No jornalismo, entretanto, deve seguir algumas regras, conforme afirmam RABAÇA e BARBOSA (1998: 356-7):

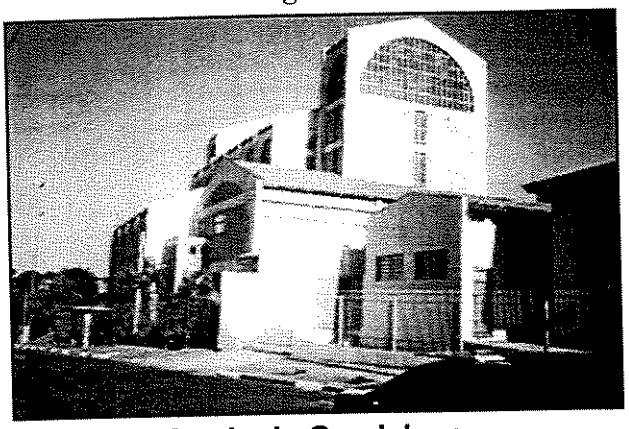
> "Texto breve que acompanha uma ilustração. Vem geralmente abaixo da foto ou desenho... [...] é uma frase curta, enxuta, destinada a indicar ou a ampliar a significação daquilo que acompanha. A boa legenda nunca deve ser redundante, óbvia. A legenda tem que ser complemento efetivo da notícia e da fotografia, não uma simples duplicação dos fatos descritos na informação... Deve, sim, ajudar o leitor a compreender e apreciar a foto, esclarecendo as dúvidas e chamando a atenção para pequenos detalhes que lhe podem ter escapado. Sua finalidade é interessar o leitor o suficiente para que volte a olhar a fotografia com maior atenção."

Nas figuras que apresentamos a seguir, mostramos fotografias e legendas que podem se enquadrar nas diferentes categorias elencadas, como legendas informativas como a da fachada da Igreja de Guadalupe e do grupo de senhoras durante trabalho de pintura; *(Ver figuras 4 e 5)* **[16]** legendas explicativas como as da Praça dos Trabalhadores; *(Ver figuras 6 e 7)* e, finalmente, legendas interpretativas como a que relaciona a Igreja Católica com sensação de paz e harmonia. *(Ver figura 8)*

Somente após esse exercício é que a Oficina de Fotografia começa a trabalhar coberturas fotográficas em eventos das oficinas de História Oral e de Jornalismo. Iniciava-se, efetivamente, naquele momento, o

16 - Figuras 4, 5, 6, 7 e 8: In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, pp. 6 e 7. As legendas foram elaboradas pelos autores das fotos durante a Oficina de Fotografia.

Figura 4



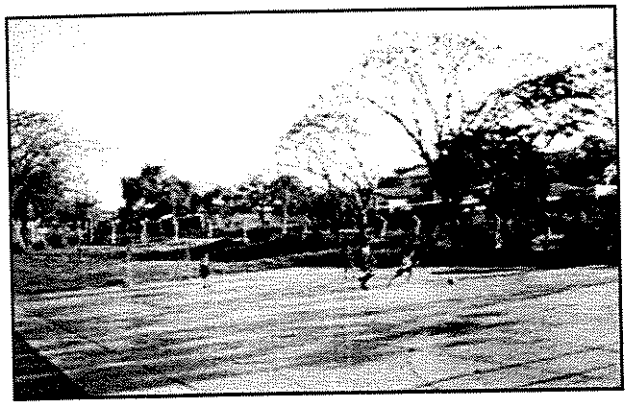
Igreja de Guadalupe

Figura 5



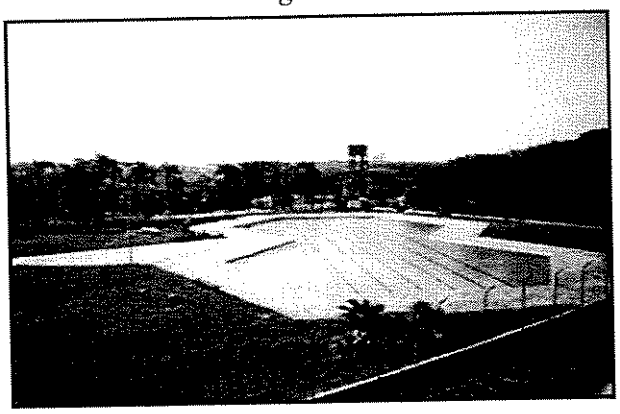
Grupo de senhoras pintam pano de prato

Figura 6



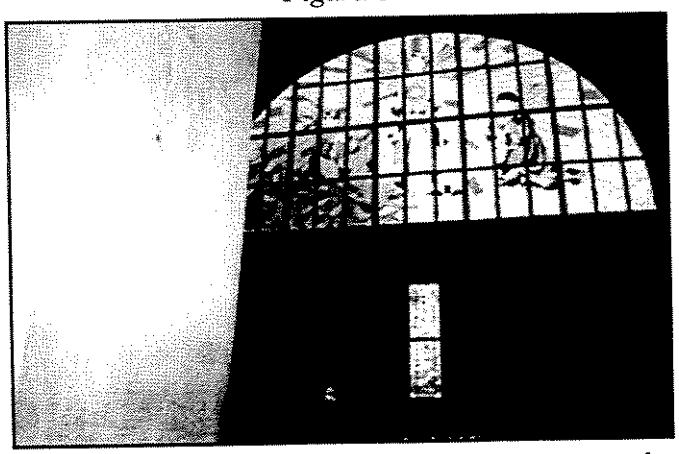
O esporte é bom pra saúde

Figura 7



Lugar de lazer: piscina da Praça dos Tabalhadores

Figura 8



A força positiva da Igreja Católica: imagens de anjos simbolizam a paz e a harmonia que devem estar presentes na vida do ser humano

trabalho de fotojornalismo em que as discussões sobre produção de texto e de fotografias ocorriam simultaneamente, durante as reuniões de pauta.

Para falarmos de fotojornalismo nas oficinas coordenadas pelo Centro de Memória (no trabalho realizado na Vila Costa e Silva o trabalho dos fotógrafos foi fundamental para a produção do *Jornal da Costa e Silva*) achamos prudente apresentarmos uma definição e fazermos uma contextualização histórica da apropriação da fotografia pelo jornalismo como instrumento de informação.

RABAÇA e BARBOSA (1988: 285) são lacônicos ao definirem fotojornalismo como "Trabalho jornalístico realizado pelo repórter fotográfico". KOSSOY (1999: 31) procura fazer uma definição mais elaborada ao afirmar:

> "A fotografia de imprensa é o resultado de um processo de criação/construção técnico-cultural-estético de uma realidade imaginada, dramatizada de acordo com a ênfase pretendida em função da finalidade ou aplicação a que se destina."

BAHIA, longe da concisão expressa por RABAÇA e BARBOSA, mas concordando com ela, contrapõe o argumento de KOSSOY quando fala da fotografia jornalística enquanto processo de criação técnico, cultural e estético. Segundo BAHIA (1990: 129-133), o fotojornalismo deve ser analisado considerando a importância e o significado que assume nos meios impressos de comunicação:

> "Ele (o fotojornalismo) se dissocia da história da arte – de uma atmosfera estética e de produção artística, cultural ou documental – para criar a sua própria história, inventada em oposição a hierarquias, a padrões técnicos e estéticos consagrados. Atraída pelo jornalismo, a fotografia encontra nele um ambiente natural. Não abandona a sua produção anterior mas substitui o trabalho acadêmico e a postura laboratorial pela luz do público, do questionamento social e da pesquisa. Para a fotografia, o jornalismo procede como um agente – dos mais qualificados – de novas posturas. É mobilizador de mudanças. É deflagrador de rupturas, mitos."

A busca de informações que explicam e identificam a fotografia numa redação de jornal deve ser feita pelo profissional denominado repórter fotográfico, que, segundo o *Novo Manual da Redação* da *Folha de S. Paulo* (1992: 43):

> "É o jornalista que capta informações e as elabora por intermédio da fotografia. Deve se preocupar com todo o processo de produção de informações, desde o levantamento e sugestão de pautas até a diagramação. Deve ser capaz também de fazer a coleta de dados para a elaboração de um texto, quando for necessário. Na *Folha*, o repórter fotográfico é responsável pela apuração das informações essenciais das legendas das fotos que produz. O repórter fotográfico deve estar tão informado sobre o assunto que vai cobrir quanto o repórter de texto."

O papel desse profissional ganhou tamanha envergadura a ponto de o ex-editor de fotografia da Agência Estado, Sílvio Ribeiro, afirmar:

> "Não são raras as vezes que uma fotografia dá origem a uma matéria. Se eu tiver uma foto boa, eu mudo o jornal. A fotografia ganhou seu devido valor nos últimos anos, basta ver diariamente o espaço que ela ocupa na primeira página, às vezes ela é mais importante que a manchete." (CHINALIA: 2002: 116)

A realidade vivida por Sílvio Ribeiro, na Agência Estado, guardadas as proporções, repete-se no *Conexão Jovem*. Dentre as fotos produzidas para a exposição organizada pela Oficina de Fotografia, duas em especial (que mostram o grupo de senhoras da igreja de Guadalupe) deram margem à produção não de uma, mas de algumas matérias. As senhoras que se reúnem na igreja para atividades de artesanato também participam de grupo de atividades de lazer para idosos. Assim, podemos identificar as seguintes reportagens que foram suscitadas a partir da realização das fotografias que foram publicadas na primeira edição do *Conexão Jovem*: 'Reviver – Idosos se reúnem às quartas e sextas na Praça dos Trabalhadores para atividades físicas e alívio do estresse', **[17]** *(Ver figura 9)* 'Gira Vida', **[18]** *(Ver figura 10)* 'Em nome da saúde' **[19]** *(Ver figura 11)* e 'A voz da experiência'. **[20]** *(Ver figura 12)* Não podemos deixar de considerar, também, várias outras sugestões de pauta que surgiram a partir do contato com os idosos, conforme matéria intitulada 'Escrever é o melhor remédio', **[21]** *(Ver figura 13)* feita com a poetisa Sebastiana Rosa de Andrade, de 63 anos. Salientamos, contudo, que as matérias foram sugeridas pelas senhoras fotografadas durante a realização da primeira reportagem.

A partir do primeiro registro fotojornalístico, disponibilizamos duas câmaras fotográficas para que os adolescentes pudessem documentar com imagens as entrevistas feitas pelos repórteres. Assim, em muitas tarefas desenvolvidas, eles atuavam em duplas (um repórter e um fotógrafo), o que em certa medida, estreitava ainda mais os laços de amizade entre eles. Partiam para o cumprimento da pauta com a responsabilidade da realização de uma tarefa. Havia um espaço reservado para o texto e

---

17 - Texto elaborado por Amanda de Brito com fotos de Amanda Oliveira. In: *Conexão Jovem*. Abril de 2004, n. 2, p. 1.

18 - Texto e fotos de Amanda de Brito. In: *Conexão Jovem*. Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 5.

19 - Texto e fotos de Amanda de Brito. In: *Conexão Jovem*. Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 8.

20 - Texto elaborado por Amanda de Brito e fotos de Aline Alves. In: *Conexão Jovem*. Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 5.

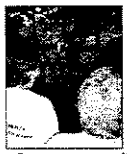
21 - Texto e fotos de Luciene dos Santos Alves. In: *Conexão Jovem*. Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 8.

Figura 9

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, abril, 2004 - nº 2

Reportagem





Grupo conta com 40 participantes: convivência saudável e qualidade de vida

Reviver Reviver Reviver

Idosos se reúnem às quartas e sextas na Praça dos Trabalhadores para atividades físicas e alívio do estresse

Texto: *Amanda Cristine de Brito* - Foto: *Amanda Oliveira*

O Grupo de Idosos Reviver surgiu em 1990 com oito pessoas, durante uma conversa informal na cozinha da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe. Logo depois a igreja foi demolida para dar lugar ao Santuário e o grupo foi transferido para a Praça dos Trabalhadores onde se encontra até hoje.

"O Reviver foi criado com o objetivo proporcionar aos idosos atividades físicas ou de lazer. Visa promover a convivência com membros da comunidade , gerando assim, melhor qualidade de vida", afirma a coordenadora do grupo Aurora Alfredo do Carmo, 76 anos.

Ginástica, artesanato, viagens, bailes, almoços e outras atividades fazem o dia-a-dia do Reviver. "O grupo tem 40 participantes cadastrados, com idades que variam entre 45 a 83 anos", afirma a coordenadora-assistente, Dalvina Silveira, 71 anos.

O Reviver está aberto a toda a comunidade da Vila Castelo Branco e adjacências.

Os interessados em participar do grupo podem comparecer na Praça dos Trabalhadores (rua Mário Yahn, s/n), às quartas ou sextas, a partir das 8 horas da manhã, quando são realizadas as atividades de ginástica.

Figura 10



Geraldo: boa proposta

Reportagem





Zilda: maior atenção

Gira Vida

Texto e Fotos: *Amanda Brito*

Um dia somos crianças alegres, outro dia somos jovens indecisos. Logo somos adultos responsáveis. Mais adiante nos tornamos velhos inúteis para alguns, mas a voz da experiência para outros. Para que a sociedade mude seus princípios maldosos para com os idosos foi preciso que nossa comunidade desse, não digo o primeiro, mas um importante passo para a mudança dessa realidade. Esse avanço foi a criação do Gira-vida, Projeto de Atenção ao Envelhecimento em que os idosos se reúnem para compartilhar vivências e participar de diversas atividades.

A idéia do projeto surgiu de agentes da Pastoral da Saúde que buscavam um espaço para trabalhar com idosos nas áreas de terapia ocupacional, enfermagem, psicologia e nutrição. "É importante ressaltar que as pessoas que trabalham no grupo são voluntárias", afirma a assistente social e também voluntária, Maria José, a Jô. Ela acrescenta que o trabalho não está voltado apenas para os idosos: qualquer pessoa interessada pode participar do grupo. "Acho a proposta muito interessante. Se eu não estivesse aqui, estaria em casa assistindo televisão", diz o aposentado e ex-atleta Geraldo do Carmo. A voluntária Zilda Colombo sonha com a concretização de um espaço que retina diariamente os idosos. "Esse é nosso objetivo".

Neste trabalho, o Gira-vida conta com apoio da Igreja de N.S. de Guadalupe, Associação dos Moradores do Jardim Garcia e alguns sócios contribuintes. Os interessados em participar do grupo devem procurar a Associação dos Moradores do Jardim Garcia, às quartas-feiras, das 13:30 às 17 horas.

Invista nesta IDÉIA
Anuncie: 3269-6088
(a partir de R$ 7,00)

Camu Confecções
Uniformes escolares
e profissionais com bordado
computadorizado e silk-screen
☎ 3227-1775

Figura 11

Reportagem



O grupo de caminhada se reúne todas as quartas e sextas na Praça de Esportes do bairro

O trabalho é coordenado pelo Centro de Saúde e está aberto a todos os membros da comunidade

Em nome da Saúde

Texto e Foto: *Amanda Brito*

O Centro de Saúde Integração criou em março de 2003 o grupo de caminhada. "O grupo foi formado pela necessidade dos usuários do Centro de Saúde estarem praticando exercícios físicos supervisionados por um profissional especializado em Educação Física", diz Alice S. Franco agente comunitária da saúde.

O público-alvo é formado por pessoas hipertensas, diabéticas, obesas. "Na caminhada, diz Alice, é possível trabalhar tanto a musculatura quanto a circulação. Além disso há o fator psicológico, em que se trabalha a auto-estima e as relações interpessoais. Assim tornam-se mais saudáveis, diminuindo o uso de medicamentos".

"A caminhada não auxilia apenas no combate da hipertensão e do colesterol: reduz o estresse e permite a integração das pessoas tornando-as mais ativas e solidárias", diz o professor de Educação Física, Arley de Jesus, 43 anos, responsável pelo aperfeiçoamento dos exercícios e pela coordenação do grupo.

O grupo está aberto a qualquer membro da comunidade que queira participar, mesmo que não seja diabético ou hipertenso. O grupo se reúne todas as manhãs de quartas e sextas-feiras das 7:15 às 8:15, na Praça de Esportes do bairro. "Além da caminhada são desenvolvidas outras atividades como hidroginástica e passeios", diz Alice.

Figura 12

Reportagem

A voz da EXPERIÊNCIA

Texto: *Amanda Brito* - Foto: *Aline Alves*

A população idosa é cada vez maior, por isso a sociedade deve se revestir de cuidados especiais, pois o idoso ajudou a construir a sociedade. Agora é a vez da sociedade protegê-lo. Uma das ações concretas foi a criação do "Estatuto do Idoso" e a realização de conferências. No último dia 2 de setembro foi realizada na região noroeste a I Pré-conferência do Idoso. A Igreja Maria Mãe do Povo, localizada no bairro Pe. Manoel da Nóbrega foi cedida pela comunidade para realização do encontro.

Através da Pré-conferência levantamos questões relacionadas à saúde, transporte, lazer, entre outros, para levar as propostas na Conferência Municipal do Idoso que acontecerá em meados de outubro. "A conferência é um momento onde os idosos podem reivindicar seus direitos e unidos podem impedir que as leis que os protegem não fiquem apenas no papel", diz Márcia Cardoso Moreno, assistente social do distrito noroeste e participante da Comissão Organizadora.

O encontro regionalizado teve o objetivo de reunir e levantar questões, propostas e sugestões para os problemas da comunidade idosa da região e adjacências, pois se cada região apontar a sua necessidade, se torna mais fácil solucioná-los. Participaram do encontro alguns grupos de idosos organizados pela comunidade como o 'Reviver', o 'Gira-vida' e o 'Centro de Saúde Integração'.

O evento reuniu cerca de 150 pessoas, teve o apoio dos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova) da Vila Castelo Branco e da Fundação Gerações do Parque Valença II. "As



Conferência dos idosos: cidadania

experiências dos idosos interagindo com os adolescentes geram uma grande troca de vivências", afirma Rita de Cássia Marchiore, secretária municipal de Assistência Social.

A Pré-conferência foi dividia em temas como: assistência social, saúde, educação, habitação, transporte, justiça, segurança pública, cidadania, cultura, esporte e lazer. "Achei muito bom participar da conferência pois aprendi muitas coisas. Já a participação dos jovens achei interessante", afirma a dona-de-casa Maria Cândida da Silva.

Anuncie
3269-6088

Panificadora
Três Vilas
Pães & Doces
"Come mais pão"
☎ 3227-3512
Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

Figura 13



8 Campinas, maio/junho de 2004

Reportagem

"Escrever é o melhor remédio"

Texto e foto: *Luciene dos Santos Alves*

As pessoas possuem muitos talentos, algumas para o esporte, outras para a arte. Todos nós possuímos um talento, uma certa facilidade para fazer algo. Este é o caso de dona Sebastiana Rosa de Andrade que aos 63 anos transmite muitos valores através de suas poesias; valores que podemos considerar essenciais para a vida de qualquer pessoa.

"Comecei a escrever devido a um problema que me deixou muito nervosa. Eu tinha vontade de fugir para uma estrada e abandonar tudo. Parei por um instante e pensei em Deus. Meditei sobre a vida e percebi que fugir não seria a solução. A partir disso surgiu a inspiração para escrever", diz a poetisa.

Dona Sebastiana escreveu sua primeira poesia no dia 23 de junho de 1987. Ela diz que não sabe quantas poesias já escreveu e afirma que nunca participou de concursos. Tem vontade de publicar seus textos para transmitir um valor positivo sobre a vida. "Meu sonho era ser professora, mas como morava na roça as coisas tornaram-se muito difíceis", lamenta. O prazer de ir à escola era tão grande que dona Sebastiana confidencia que pediu à professora que a reprovasse na terceira série, só para ela ficar mais um ano assistindo às aulas.

Dona Sebastiana é um exemplo de vida para qualquer pessoa, principalmente para aquelas que reclamam da vida e esquecem de vivê-la. Pare um pouquinho para pensar em sua vida e veja o que você pode fazer para ajudar alguém que está à sua volta, pois um simples gesto e uma simples palavra - mesmo que escrita - fazem muita diferença.

Dona Sebastiana: "Meu sonho era ser professora"

Poesia

A todos os jovens

Para onde o outro corre, corra também
E se for muito cedo, não se dê por vencido
E se for muito tarde, porque ele foi esperto
Ter-se pelo seu passo, que ele vai morrer
Que cada um é como for e o que pode muito,
A vida é muito bela, por isso muito aproveite
Não fique muito sem vontade de viver

Figura 14



ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, junho/julho de 2004 - nº 4

Reportagem

Fala, Galera

Texto: *Amanda Brito* - Foto: *Amanda Cristina de Oliveira*

A Escola Padre Francisco Silva criou há três anos a rádio-escola "Espaço Aberto" (FM 100.9). Segundo a inspetora de alunos Cleusa Moraes de Oliveira, uma das principais atrações é o programa Oficina Jovem, totalmente produzido pelos alunos.

A rádio conta com apoio exclusivo da escola. Os aparelhos foram comprados com verba do programa 'Conta-escola', com recursos liberados pelo Governo do Estado. Está instalada nas dependências da própria escola e pode ser sintonizada a uma distância de dois quilômetros.

Cleusa de Oliveira afirma que a rádio foi criada com o objetivo de envolver os alunos, divulgando as atividades escolares e fatos ligados à comunidade. "Esperamos que a iniciativa permita descobrir novos talentos, pois os alunos têm oportunidade para a realização de entrevistas com professores e alunos. Eles podem fazer reportagens sobre a biblioteca, trabalhos em sala de aula e leitura de mensagens", diz a inspetora. A emissora também abre espaço para músicas de diferentes gêneros.

Os alunos que estão há mais tempo atuando na rádio se tornam os oficineiros, ou seja, ensinam o que aprenderam para os iniciantes. "Acho muito bom o programa. É saudável e aprendemos muitas coisas novas, diz o aluno Robson de Andrade, 12 anos, integrante da equipe que faz a rádio. A ouvinte e aluna Thaís Hellen da Silva diz que o progarma Oficina Jovem é uma atividade diferente e divertida que dá oportunidade a todos os alunos.

Alunos durante atividade na FM Espaço Aberto: aprendizado com prazer

Sintonize:
FM 100,9
Segundas, quartas e quintas: das 10h às 12h
Sextas: das 11h às 12h30

outro para a foto, conforme podemos observar na reportagem 'Fala, galera' **[22]** *(Ver figura 14)* em que a dupla foi à Escola Padre Francisco Silva para a realização da entrevista e produção da foto no estúdio da rádio-escola Espaço Aberto (FM 100.9). Em várias situações, o adolescente pautado para a realização da entrevista também ficou responsável pela produção da fotografia, conforme podemos observar na reportagem 'Gira Vida'. **[23]** *(Ver figura 10)*

O FANZINE, AS OFICINAS E A TRANSDISCIPLINARIDADE – Considerando que o veículo impresso que seria produzido concretizaria-se a partir das três oficinas que ocorriam paralelemanete com a de Jornalismo Comunitário, optamos por elaborar um jornal que abrigasse esses conteúdos da forma mais democrática possível, sem as formalidades que deve reger a prática do jornalismo. Optamos, então, pela elaboração de um fanzine. Embora não seja nosso propósito neste momento detalhar o trabalho que culminou com a produção do jornal, tampouco fazer uma análise do conteúdo

22 - Texto elaborado por Amanda de Brito e fotos de Amanda Cristina de Oliveira. In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 1.

23 - Reportagem e fotos de Amanda de Brito. In: *Conexão Jovem.* Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 5.

(dedicamos os dois próximos capítulos para a realização desse estudo) achamos conveniente, para melhor compreensão, contextualizar e definir esta modalidade jornalística.

Há diferentes formas de apresentação que podem ser aplicadas no segmento jornal comunitário e a definição certamente atenderá a disponibilidade financeira para a elaboração do veículo. Após duas tentativas em oficinas realizadas na Vila Costa e Silva, que culminou com a publicação de um jornal-mural, e no Complexo São Marcos, que teve como resultado a produção de uma brochura, optamos por elaborar na Vila Castelo Branco um fanzine, modo de publicação mais apropriado para o diálogo com o público jovem.

Não são muitos os autores brasileiros **[24]** que se debruçaram sobre o tema em busca de conceitos que pudessem explicar o termo fanzine com maior propriedade. O termo, cunhado em 1942 por Russ Chauvenet, vem da junção das palavras inglesas *fanatic* (fanático) e *magazine* (revista). Há autores que definem fanzine como o trabalho de elaboração de um veículo de comunicação, feito por amadores, sobre um tema específico ligado ao mundo das artes. Há fanzines, por exemplo, que falam de ficção científica, cinema, televisão, teatro, fotografia, design, quadrinhos, artes plásticas, literatura, música etc. Há fanzines que se caracterizam por um recorte ainda mais definido quando no mundo da música, por exemplo, optam pelo rock, ou seja, nenhum outro gênero musical tem espaço na publicação, conforme afirma DUNCOMBE (1997: 9) "são publicações devotadas a discutir as particularidades e nuanças de um gênero cultural". Mas cultura não é o único mote que dá origem à produção de fanzines. Temas ligados à política (anarquismo, nazismo, comunismo), comportamento (movimento punk, feminismo, homossexualismo), astronomia (lua, marte, cometas), entre outros, têm originado publicações em diferentes países.

Há, contudo, autores que estendem a definição de fanzine para a produção de publicações, também amadoras, que não dão foco somente a uma determinada arte ou hobby. MAGALHÃES (2003), busca em BELTRÃO (1980) elementos que apontam que o fanzine também é o espaço para a manifestação de grupos que estão à margem da grande imprensa.

> "Em seus estudos sobre a comunicação popular, Luiz Beltrão entende que esta não deve se restringir à expressão de grupos marginalizados cultural e geograficamente. Para ele, as pesquisas devem estender a outros setores excluídos, sem acesso aos meios de massas, pela sua posição filosófica e ideo-

24 - Quando o assunto é fanzine, convém consultar quatro trabalhos produzidos por dois autores: *O que é fanzine* (Brasiliense, 1993), *O rebuliço apaixonante dos fanzines* (edição do autor, 1994), *A mutação radical dos fanzines* (*paper* apresentado no Intercom, realizado em 2003, em Belo Horizonte), de Henrique Magalhães; e *Fanzine* (edição do autor, 2003), de Edgard Guimarães.

> lógica contrária às normas culturais dominantes, setores que se poderiam classificar de contraculturas. Essa definição contempla a produção dos fanzines, que não são apenas veículos de grupos de fãs, mas também de grupos que não possuem acesso à grande imprensa." (MAGALHÃES, 2003: 2)

É esta a definição que fundamenta a criação e norteia o trabalho desenvolvido pelos adolescentes no fanzine *Conexão Jovem*, feito pelos adolescentes da Vila Castelo Branco, pessoas que não têm acesso freqüente aos meios de comunicação, principalmente da mídia impressa. A publicação é pautada pela ampla liberdade de criação, de novas idéias, de experimentação de estéticas e linguagens – atributos impossíveis de serem testados e realizados simultaneamente nos meios de comunicação de massa.

Se por um lado o *Conexão Jovem* (fanzine elaborado durante as Oficinas de Jornalismo Comunitário na Vila Castelo Branco) é concebido valendo-se de teorias desenvolvidas e publicadas há mais de duas décadas, conforme citamos BELTRÃO (1980), a sua forma de elaboração, no entanto, foge ao purismo que sempre norteou os meios de produção artesanal dos fanzines. Pesquisadores apontam que o surgimento do fanzine no Brasil remonta a 1965, quando o grupo 'Intercâmbio ciência-ficção Alex Raymond', de Piracicaba (SP) publicou o primeiro exemplar na área de ficção científica.

Os meios de produção eram extremamente rudimentares – e assim permaneceram por décadas, apesar do advento da informática que veio facilitar o processo de confecção e de reprodução das publicações. Textos e títulos manuscritos ou produzidos em máquinas de escrever, recortes de artigos e de fotografias publicadas em jornais e revistas, desenhos produzidos à mão compunham basicamente o conteúdo editorial dos fanzines. Cola, tesoura e uma folha de papel eram utilizadas na montagem. Mimeógrafos e fotocopiadoras eram os meios de impressão. Muitos 'zineiros' (pessoas envolvidas no processo de produção, desde o texto até a distribuição), fiéis ao modo artesanal de produção, resistiram aos avanços da informática e mantiveram, durante anos, esse sistema artesanal.

Em *Conexão Jovem*, esse purismo é mantido apenas na forma de expressão, em que os adolescentes são os autores dos textos publicados e dos desenhos feitos a lápis, meio muito distante dos recursos de informática como o *Corel Draw*, um dos softwares mais utilizados na área da ilustração. Afora isso, dentro das limitações de recursos, o fanzine da Vila Castelo Branco valeu-se dos avanços da tecnologia. Os textos manuscritos foram digitados no software de redação *Word*. Alguns textos foram transmitidos ao editor via e-mail. As fotos e as ilustrações passaram pelo

software de tratamento de imagem *Photoshop* e a etapa de paginação **[25]** foi realizada no software *Page-Maker*. No sistema de impressão também se percebe um avanço em relação aos meios tradicionais: o mimeógrafo e a fotocopiadora foram substituídos pelo sistema *off set*, permitindo maior agilidade na impressão (as edições têm, em média, tiragem de 1.000 exemplares) e melhor qualidade do material impresso. O uso da tecnologia pelo fanzine vem gerando novas formas de comunicação. Se o advento da fotocopiadora provocou uma revolução nos fanzines nos anos 70 – até então as produções eram feitas em mimeógrafos à tinta e a álcool – e a informática facilitou os meios de elaboração e de reprodução nas décadas seguintes, a Rede Mundial de Computadores, a Internet, nos anos 90, chegou para derrubar todas as barreiras que faziam dessa produção um tipo de publicação *underground*. Neste sentido, OLIVEIRA (2003: 141) afirma: "é necessário nos apropriarmos de novas formas de linguagem para ampliarmos o objetivo de alcançarmos um número maior de leitores, já que as mudanças sociais e comportamentais se processam hoje numa velocidade maior." Mostra disso é que surgiram os *e-zines*, ou fanzines virtuais. Alguns chegaram até a assumir o formato de *newsletter*, informativos enviados por e-mail com certa regularidade.

Os fanzines são essencialmente amadores, livres de censura. São produções elaboradas por adolescentes que querem se expressar, mas que não têm outro espaço para fazê-lo. Produzem uma comunicação gerada por um desejo de transpor o tédio, de encontrar pessoas em situação semelhante e a partir desse encontro compartilhar idéias, opiniões e, conseqüentemente, elevar a auto-estima. DUNCOMBE (1997: 44) afirma: "Parte da motivação é a solidão, pura e simples. Zineiros podem não ser capaz de se comunicar bem cara a cara, mas como a maioria das pessoas eles querem companhia". Essa característica é facilmente observada entre os adolescentes que fazem o *Conexão Jovem*. Uma parcela não superior a 20% dos adolescentes mostrou-se desinibida. Esses adolescentes, de fato, foram os que mais produziram, os que apresentaram maior número de sugestões de assuntos que poderiam, ou não, ser transformados em matérias. Os tímidos limitavam-se a atender aos pedidos. Isolados, elaboraram produções intimistas, introspectivas, como poesias e ilustrações. Os 'inibidos' geraram a arte, a produção livre, sem censura, que deve ser o principal produto de um fanzine. Os 'inibidos' geraram elementos para a elaboração de um jornal com apresentação gráfica mais bonita, mais leve, com um discurso visual mais próximo não apenas de quem produz, como, principalmente, do público-alvo. Os 'inibidos', marcados por um constante processo de subestimação, ficaram orgulhosos quando viram suas produções impressas nas páginas do jornal e sentiram-se

25 - Paginação é reunir e dispor na tela do computador todos os elementos que vão compor a página (títulos, textos, fotos, ilustrações, infográficos etc.)

valorizados junto à comunidade. Dessa forma, constata-se, então, o atributo do fanzine assinalado por DUNCOMBE (1997), quando afirma que essa publicação "dá voz" aos exilados, cultural e socialmente.

É nesse ambiente/suporte que procuramos materializar a transdisciplinaridade a que nos propusemos neste trabalho. Consideramos a modalidade fanzine o espaço ideal para agregarmos os resultados das Oficinas de História Oral, de Fotografia e de Criatividade, tendo como fio condutor a Oficina de Jornalismo Comunitário.Consideramos ideal porque vislumbramos no fanzine o meio mais democrático para exposição de talentos, respeitando as limitações e individualidades. Consideramos, dentre as modalidades da mídia impressa, a que mais se adequa às propostas de atividades na área da educação não-formal.

CAPÍTULO 4

NAS ENTRELINHAS DAS PUBLICAÇÕES - I

CONCEPÇÕES DE LEITURA – Procuraremos neste e no próximo capítulo apresentar a leitura que fizemos daquilo que, de mais significativo, encontramos em todas as publicações produzidas, a partir das Oficinas de Jornalismo Comunitário, realizadas na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco. Não se trata, assim, de simples apresentação de textos (reportagens, artigos, poemas, paródias, críticas de cinema, mensagens) produzidos pelos adolescentes. Procuraremos buscar em FOUCAMBERT (1994), pesquisador e especialista em leitura, elementos que nos permitam ver algo mais do que a simplicidade ou singeleza que as palavras aparentemente nos mostram. Jean Foucambert, em *A leitura em questão*, ensina que a prática da leitura tem uma função social, ou seja, há formas diferentes de escrita e concepções diferentes de leitura. Assumiremos neste trabalho, portanto, que a escrita é uma prática cultural e pensamos que o termo leiturização ("que exige a mobilização, a ativação e o desenvolvimento consciente dos meios existentee – estruturais, materiais e humanos – para reduzir a progressão do analfabetismo na população adulta") **[1]** se encaixa no tipo de leitura que fazemos.

Para FOUCAMBERT,

> "Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. Isso vale para todos os tipos de textos, seja um manual de instruções, seja um romance, um texto teórico ou um poema." (FOUCAMBERT, 1994: 30)

É com este pensamento que pretendemos ler a produção dos adolescentes. Embora o distanciamento dos fatos seja o ideal para a prática do bom jornalismo, devemos admitir que a convivência com as comunidades, sujeitos dessa reflexão, nos levou naturalmente a uma leitura diferenciada daquilo que produziam. Assim, a proximidade com essas pessoas envolvidas nas atividades, embora pautada na neutralidade e na racionalidade (requisitos para o desenvolvimento do jornalismo e da

1 - Epígrafe de Jacques Morin na abertura do capítulo 'Por uma política de leiturização... dos 2 aos 12 anos'. In: FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.28.

ciência) , nos levou a buscar compreender o que passa pela cabeça desses adolescentes.

Veremos mais adiante que, para fazer esta análise, procuramos observar nas entrelinhas o que o autor diz (coloco-me neste momento não na condição de editor, de coordenador das atividades, mas sim na condição de leitor). Procuramos enxergar o modo como esse autor instrumentalizava o suporte papel (para ser mais específico, as páginas dos jornais) para mostrar suas angústias, inquietações, prazeres e conquistas. Somente a leitura, a partir da liberdade dada ao autor do texto para sua livre expressão, nos permite compreender a mensagem que o papel aceita sem restrição – algo mais difícil na comunicação oral em que intervenções ou olhares dos interlocutores podem levar a uma inibição que comprometeria o resultado da análise.

A comunicação escrita apresenta especifidades que nos permitem melhor compreensão do porquê nos valemos, algumas vezes, de textos e não de diálogos (forma oral) como objeto de análise. Mais uma vez buscamos em FOUCAMBERT elementos para esta explicação:

> "Para compreender o que leva um leitor a recorrer à escrita, é preciso examinar o que a comunicação escrita tem de específico. Diferentemente da comunicação oral, que se processa no tempo, no diálogo e nas adaptações recíprocas dos interlocutores e de suas reações, a escrita se apresenta inteiramente, de uma só vez, e cada elemento só tem sentido na relação com que um conjunto preexistente, que se organizou prevendo um modelo de funcionamento do leitor. A comunicação escrita tenta dar conta de uma totalidade e de um sistema. Tanto por parte do emissor como do receptor, ela procura de um ponto de vista... o distanciamento do fato para dar conta dele num nível teórico e modular." (FOUCAMBERT, 1994: 30)

Antes de iniciarmos esta análise propriamente dita, achamos pertinente apresentar a definição de 'ler' e 'aprender' a ler, desenvolvida por FOUCAMBERT. Segundo ele,

> "Não se aprende primeiro a ler palavras, depois frases, mais adiante textos e, finalmente, textos dos quais se precisa. Aprende-se a ler aperfeiçoando-se, desde o início, o sistema de interrogação dos textos de que precisamos, mobilizando 'conhecido' para reduzir o 'desconhecido'. As intervenções remetem, portanto, à organização e ao uso desse 'conhecido'". [...] "Ler – e, portanto, aprender a ler – é uma negociação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido que está no papel; entre o que está atrás e diante dos olhos. É um trabalho de detetive que utiliza índices (paginação, palavras conhecidas...) para elaborar hipóteses, verificá-las com base em outros índices, voltar aos pontos que nos parecem obscuros, com ajudas externas etc." (FOUCAMBERT, 1994: 31-38)

Após esta introdução, com base no teórico francês, damos início à esta análise. Será possível verificar, além do que as palavras nos dizem explicitamente, o não dito. Verificar como esses adolescentes usam o suporte jornal para vencer a timidez, expressar inquietações e excercer a prática da cidadania que deve nortear tal pesquisa

JORNAL DA COSTA E SILVA – O *Jornal da Costa e Silva* foi a primeira materialização dos trabalhos desenvolvidos na Oficina de Jornalismo realizada no Centro de Pastoral da Paróquia de São Benedito, localizada na Vila Costa e Silva, em Campinas. Os adolescentes, divididos por faixas etárias, em dois grupos, produziram concomitantemente dois jornais murais. O primeiro, elaborado pelos adolescentes com idades entre 11 e 13 anos, é datado de setembro de 2001 e apresenta a seguinte manchete: 'Recordações de dona Adelaide'. *(Ver figura 1)* O texto, fruto de entrevista feita durante as atividades da Oficina de História Oral, **[2]** passa pelo processo de edição jornalística para, em seguida, ser publicado. Nele, o repórter **[3]** apresenta dona Adelaide Xavier da Silva, sua avó, uma das moradoras mais antigas do bairro. Apesar das dificuldades vividas pelos moradores nas décadas de 60 e 70, na entrevista dona Adelaide revela um saudosismo, uma superestimação do passado, conforme podemos verificar:

> "As ruas não eram asfaltadas e devido à escassez de água, muitas pessoas tinham que se deslocar até uma mina para abastecer os tachos e as panelas. [...] Sempre faltava luz. As pessoas que não tinham um maço de velas guardado em casa passavam apertos. [...] Transporte também era outro grande problema. Em dias de chuva era um Deus nos acuda. [...] Outra carência que o bairro apresentava no começo era a falta de escola. [...] As

Figura 1



Jornal da Costa e Silva

RAÍZES

Recordações de dona Adelaide

CORREIO ESCOLA

A notícia na sala de aula

EDITORIAL

A voz da comunidade

2 - A Oficina de História Oral realizada na Vila Castelo Branco foi coordenada pela socióloga Olga Rodrigues de Moraes von Simson. A relação entre a Oficina de História Oral e o Jornalismo é objeto de análise neste estudo no capítulo 3.

3 - Para a descrição das produções aqui apresentadas optamos por utilizar as nomenclaturas adotadas numa redação de jornal, ou seja, a palavra 'adolescente' será substituída por 'repórter', 'fotógrafo', 'ilustrador', 'articulista' etc.

> pessoas passeavam pelas ruas sem medo. Ninguém sabia o que era violência. As casas não tinham muro, apenas cercas de madeira. Era uma maravilha. **[4]**

O saudosismo, principalmente em relação à tranqüilidade, narrado por dona Adelaide, se dá num momento em que a Vila Costa e Silva vive o dramático 'toque de recolher' imposto pelos agentes do tráfico no bairro. Os jornais noticiam que, por ordem dos traficantes, as pessoas devem evitar sair de suas residências, após as 22 horas.

'A notícia na sala de aula', *(Ver figura 1)* texto elaborado por duas repórteres, fala sobre o Projeto Correio Escola, iniciativa da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), desenvolvido no bairro pela Escola Estadual Prof. Gustavo Marcondes. Nos dois primeiros parágrafos, as repórteres fazem uma breve apresentação e falam sobre o funcionamento do projeto. No último, mostram uma entrevista com duas alunas que participam do projeto:

> "O projeto... envolve professores de diferentes disciplinas e visa despertar no aluno o interesse pela leitura através de acompanhamento do noticiário dos jornais... O professor de português elabora questões relacionadas ao conteúdo aplicado, como gramática e concordância verbal... O de matemática trabalha com valores... o de ciências lê em voz alta uma matéria científica...
> 'Considero a iniciativa positiva, pois atrai um número cada vez maior de alunos', diz a estudante Vânia Gencev. Para a aluna Gesiane S. Kudo, o projeto despertou interesse pela leitura. 'Tornou-se um hábito', comemora." **[5]**

No editorial 'A voz da comunidade' *(Ver figura 1)* fazemos uma apresentação do projeto 'Memória, Educação Não-formal e Cidadania: Trabalho com Adolescentes na Vila Costa e Silva' (batizado informalmente de 'Identidade na Quebrada'). O texto, opinativo, procura expressar a proposta do jornal, conforme podemos observar a seguir:

> "Ir além da notícia. Esta é a proposta do *Jornal da Costa e Silva* que acaba de nascer. Ele surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que vai muito além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro. Quer afigurar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e acima de tudo como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido.

---

4 - Texto elaborado pelo repórter Kleber Waisman Xavier da Silva. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.1.

5 - Texto elaborado pelas repórteres Iara Toledo e Marina Esmellen dos Santos. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.1.

Procura também oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto." **[6]**

'O significado da Semana Santa' *(Ver figura 2)* é a matéria que abre a página 2 da edição. Três repórteres e fotógrafos estiveram envolvidos na cobertura da pauta cujo assunto foi a Semana Santa. Para a realização do trabalho, além do acompanhamento da procissão, da cerimônia do lava-pés e da entrevista com o padre Norberto Bonfim, os adolescentes valeram-se de materiais já publicados para a explicação das etapas que integram a programação elaborada pela Paróquia de São Benedito:

Figura 2



RELIGIÃO

O significado da Semana SANTA

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Começar de Novo

"O Domingo de Ramos inicia a Semana Santa. Nele se celebra a entrada de Jesus em Jerusalém. Como lembrança daquele dia, os fiéis levam ramos à procissão para serem benzidos. [...] A Páscoa é a festa da ressurreição de Cristo; é a eucaristia mais solene do ano litúrgico, sinal de vida nova. [...] A Semana Santa é a semana mais importante do ano litúrgico. Acontece antes da Páscoa e depois da última semana da Quaresma. Nessa semana estão incluídos Domingo de Ramos e o Tríduo Pascal, com a celebração da Quinta, Sexta, Sábado Santo, quando se recorda a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. O Tríduo Pascal são os dias em que se celebra solenemente a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo.[...] Na Quinta-feira Santa à tarde e à noite celebra-se a instituição da Eucaristia e do Sacerdócio com a Cerimônia do Lava-pés. [...] A Sexta-feira Santa significa que Deus foi crucificado e morto por asfixia deixado sem nenhum osso inteiro em seu corpo. Neste dia os fiéis veneram a Santa Cruz." **[7]**

6 - Texto produzido pelo coordenador da Oficina de Jornalismo Comunitário, Amarildo Carnicel. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.1.

7 - Texto elaborado pelos repórteres Caroline Zacchi, Verônica Furlanetto e Diogo Rangel Gasparelli. Caroline e Diogo assinam as fotos. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.2.

Como se pode observar, para a realização dessa entrevista, os repórteres valeram-se de fontes diretas e complementares. Na primeira, tiveram como informante o padre Norberto Bonfim, fonte direta, envolvida no assunto. Na segunda, valeram-se de fontes complementares, ou seja, publicações da igreja para melhor compreensão das etapas da Semana Santa.

No texto 'Começar de novo', *(Ver figura 2)* o repórter apresenta uma matéria de serviço sobre o grupo de Alcoólicos Anônimos. A matéria estampada, sem fotos para preservar o anonimato dos informantes, fornece informações sobre o funcionamento, a quem se destina e mostra um histórico da entidade que surgiu, em 1935, nos Estados Unidos.

> "Pessoas dependentes do álcool têm na Vila Costa e Silva uma oportunidade de acabar com o problema ou, pelo menos, amenizá-lo. Trata-se do grupo Alcoólicos Anônimos, entidade localizada ao lado da Paróquia de São Benedito. O encontro, aberto a todos os interessados, acontece todas as segundas-feiras, a partir das 20 horas, à rua Pascoal Notte, 720. Durante a reunião, um coordenador e moderadores compartilham suas experiências, relatando suas histórias, seus dramas enquanto dependentes e como se deu o processo de recuperação. [...] A Associação dos Alcoólicos Anônimos surgiu em 1935. A iniciativa partiu de um corretor da Bolsa de Valores de Nova Iorque e de um médico cirurgião de Ohio, ambos dependentes da bebida. [...] Participam do grupo homens e mulheres que conseguiram abandonar o vício da bebida ou que tenham propósito claro nesse sentido. Não há distinção de cor, classe social ou religião. Vale lembrar que a participação não requer pagamento de taxas ou mensalidade." **[8]**

As oficinas oferecidas pelo CMU ocorreram justamente no período em que uma nova equipe de alunos assumia o comando do Grêmio da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, instituição de ensino onde estudava a maioria dos adolescentes que participavam das oficinas no Centro de Pastoral da Paróquia de São Benedito, e por isso, era um assunto 'quente' entre os participantes. No texto 'Chapa 1 assume Grêmio', *(Ver figura 3)* os repórteres e fotógrafos fizeram uso da 'matéria retrancada', artifício que organiza e distribui o conteúdo em pequenas matérias (ou retrancas) com o objetivo de facilitar a leitura. Assim, além do texto principal, a edição teve como retrancas 'As propostas' e 'Os vencedores'.

> "A Chapa 1 é a grande vencedora das eleições do Grêmio da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva. A equipe vencedora recebeu 473 votos contra 140 da segunda colocada, a Chapa Para Todos. Conter o vandalismo, melhorar o relacionamento entre alunos, professores e direção e promover atividades de esporte, cultura e lazer são algumas

8 - Texto elaborado pelo repórter Luiz Henrique Bispo Passos. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.2.

das propostas da chapa vencedora.

Durante um mês, a escola viveu uma rotina agitada. Alunos dos três períodos circulavam pelos diferentes ambientes da escola apresentando suas propostas. Ação no corpo-a-corpo e um debate determinaram a escolha feita pelos 662 votantes. Além dos votos destinados às duas chapas, foram registrados 10 votos brancos e 39 nulos." **[9]**

Na retranca 'As propostas', *(Ver figura 3)* o jornal cumpre uma de suas funções mais nobres, unindo informação, prestação de serviços, evocação da cidadania e reivindicações – ou seja, a plataforma que deve reger o trabalho de um jornal comunitário, conforme podemos ver a seguir:

Figura 3



ELEIÇÕES

Chapa 1 assume Grêmio

DEPOIMENTO

Uma vida normal

As propostas

Os vencedores

MÚSICA

Ao som do *Oásis*

"- Incluir a escola nas festas in-tercolegiais de Campinas;

- Coibir atos de vandalismo dentro da escola e nas imediações;

- Programar eventos nos fins de semana para que as portas da escola fiquem abertas à comunidade em geral;

- Reunir os melhores grafiteiros de Campinas para melhorar o aspecto visual das paredes da escola;

- Opinar sobre o gênero e a qualidade da música a ser executada durante os intervalos das aulas;

- Criar uma homepage do Grêmio com informações variadas: propostas de trabalho, programação de arte e lazer, exposições de artes, exibições de filmes, agenda de eventos esportivos, etc. Haverá também um espaço interativo em que o internauta poderá opinar sobre os acontecimentos na escola." **[10]**

O texto 'Ao som do Oásis' *(Ver figura 3)* é, sem dúvida, a matéria que mais se aproxima do propósito de valorização da auto-estima das pessoas que vivem no bairro. Fala de um grupo de samba que

9 - Textos elaborados pelos repórteres Anderson Francisco Gomes e Aline Aparecida França, que também assina a foto. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.3.

10 - Idem.

se apresenta em bares, restaurantes e festas, principalmente na Vila Costa e Silva e bairros adjacentes. O 'Oásis do Samba' afigura-se entre os inúmeros grupos musicais da cidade que dificilmente terão espaço nas páginas de cultura, entretenimento e lazer dos principais jornais de Campinas, o *Correio Popular* e o *Diário do Povo*. Ao abrir espaço para o grupo, o *Jornal da Costa e Silva* procura exaltar os valores locais (os integrantes são membros da comunidade), apresenta o grupo, menciona apresentações feitas em espaços considerados nobres como clubes e casas noturnas e estreita relações entre os artistas e a comunidade, oferecendo, entre outras coisas, meios de contato:

> "Moradores da Vila Costa e Silva e da Vila Miguel Vicente Cury têm um grupo de pagode que representa a região. É o conjunto Oásis do Samba que, em um ano de existência, já se apresentou, entre outros locais, na tradicional casa noturna de Campinas Flor de Lis.
>
> O grupo é composto por Bruno (15 anos), Gil (16), Elder (15), Júnior (18), Anderson (18) e André (17). Além do Flor de Lis, o Oásis já se apresentou no Regatas, no Bar do Robertinho, na Padaria Santa Genebra, entre outros locais. Festas de aniversário e reuniões de amigos também já foram animadas pelo Grupo Oásis. Os interessados em contratar o conjunto devem fazer contato através do telefone 3208-1511." **[11]**

Na mesma edição, apresentamos um texto-depoimento em que procuramos, por meio de um exemplo da própria comunidade, mostrar como uma pessoa portadora de hipertensão controla a doença. A dona de casa, Márcia Maria Jesus da Silva, 38 anos, no texto 'Uma vida normal', *(Ver figura 3)* procura passar a receita de como conviver com a hipertensão. A pauta surge a partir da Campanha Nacional de Prevenção da Hipertensão, organizada anualmente, em todo o país, pelo Ministério da Saúde. O assunto, embora tratado exaustivamente pela imprensa, dá conta de um enfoque macro, em que tudo o que se fala sobre o assunto, embora de grande importância, parece um tanto distante da realidade local. Quando optamos por um depoimento de um membro da comunidade, visamos mostrar que o problema está muito mais próximo do que podemos imaginar. O texto, conforme veremos, também denuncia a incapacidade do Estado de suprir a população mais carente de medicamentos de uso contínuo, obrigando as pessoas a buscar alternativas para que o produto não falte. A dona de casa, Márcia Maria de Jesus da Silva afirma:

> "A hipertensão se manifestou aos 28 anos, devido à tensão nervosa. Eu também apresen-

11 - Texto elaborado pelos repórteres Camila Ribeiro, Carolina Ribeiro e Thiago Henrique Nogueira. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.3.

> tava outros sintomas quando foi descoberta a doença, como dor de cabeça, pressão alta e tontura.
>
> Para controlar a doença tomo remédio todos os dias, pela manhã e à noite. Trata-se de um medicamento de uso continuo e que não é oferecido pelo Centro de Saúde (Postinho). Por isso sou obrigada a comprá-lo mensalmente, uma vez que não posso ficar sem o remédio. Além do medicamento, procuro controlar a pressão reduzindo a quantidade de sal na comida evito ingerir bebidas alcoólicas.
>
> Apesar desse problema, procuro levar uma vida normal. Sou muito feliz." **[12]**

Figura 4



A última página da edição, feita pelas turmas A e B, ficou reservada para a publicação de fotografias. Intitulada 'O passeio da câmera – fatos e personagens que fazem o cotidiano da Costa e Silva sob a ótica dos jovens que participaram das oficinas', *(Ver figura 4)* a matéria apresenta sete imagens produzidas durante a Oficina de Fotografia, **[13]** também coordenada pelo grupo de pequisadores do CMU. As imagens 'eternizam' pessoas, quer no ambiente do lar, quer no ambiente de trabalho. Assim, pode-se observar moradores antigos, de meia idade, profissionais do Posto de Saúde, grupos de jovens sob as árvores da Igreja de São Benedito e garota com uma boneca 'Mônica' no colo. Há o registro de um momento da encenação da Paixão de Cristo, feita pelos jovens do grupo de catequese da igreja local e há ainda uma foto de uma garota que coleciona revistas, pôsteres e outros produtos relacionados à dupla de cantores Sandy e Júnior.

A outra edição do *Jornal da Costa e Silva*, elaborada pelas turmas C e D (adolescentes com idades entre 14 e 16 anos), foi produzida concomitantemente com a edição já apresentada (feita pelos adolescentes das turmas A e B com idades entre 11 e 13 anos). Durante a descrição do veículo, pode-se perceber que

---

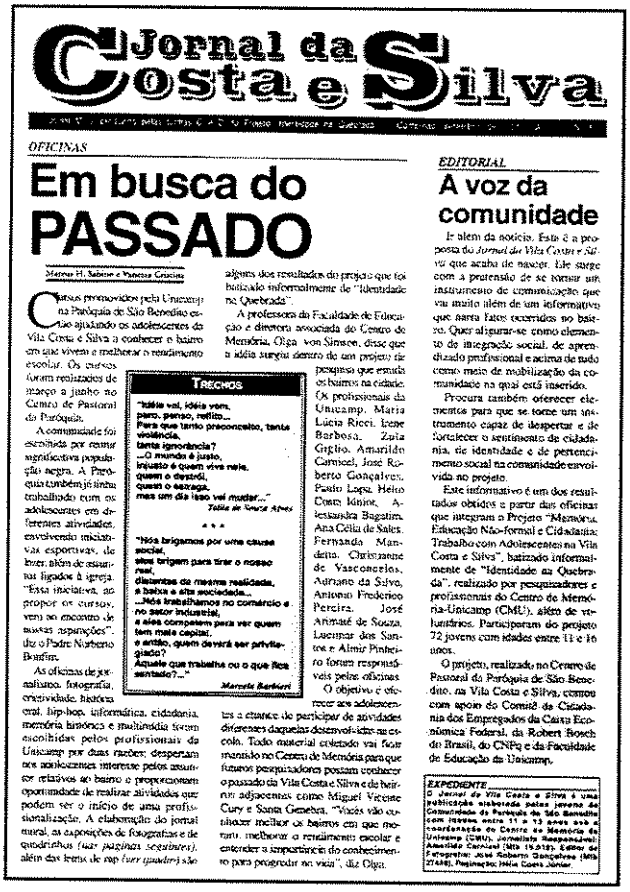
12- Depoimento colhido por João Luiz da Silva Neto. In: *Jornal da Vila Costa e Silva* (turmas A e B), set. 2001, p.3.

13 - A Oficina de Fotografia na Vila Costa e Silva foi coordenada pelo jornalista José Roberto Gonçalves. A relação entre a Oficina de Fotografia e o Jornalismo é objeto de análise neste estudo no capítulo 3.

algumas pautas se repetem, como a eleição do grêmio e a celebração da Semana Santa coordenada pela igreja local, porém o enfoque é diferenciado. O repórter, quando sai a campo, produz o texto valendo-se de sua bagagem cultural; elabora a reportagem sob um determinado ponto de vista, conforme assinala Maria Aparecida BACCEGA:

> "O ponto de vista é tão importante quanto a escolha de qual ou quais fatos você vai contar. É como se você se colocasse num dos lados e relatasse o fato a partir desse lado. É bom ter sempre em mente que vemos os fatos a partir do 'lugar' em que estamos." **[14]**

Figura 5



Jornal da Costa e Silva

OFICINAS

Em busca do PASSADO

Mateus H. Sabino e Vanessa Graciosa

Cursos promovidos pela Unicamp na Paróquia de São Benedito estão ajudando os adolescentes da Vila Costa e Silva a conhecer o bairro em que vivem e melhorar o rendimento escolar. Os cursos foram realizados de março a junho no Centro de Pastoral da Paróquia.

A comunidade foi escolhida por contar significativa população negra. A Paróquia também já tinha trabalhado com os adolescentes em diferentes atividades, envolvendo iniciativas esportivas, de bairro além de assuntos ligados à igreja. "Essa iniciativa, ao propor os cursos, vem ao encontro de nossas aspirações", diz o Padre Norberto Bonfim.

As oficinas de jornalismo, fotografia, criatividade, história oral, hip-hop, informática, cidadania, memória histórica e multimídia foram escolhidas pelos profissionais da Unicamp por duas razões: despertam nos adolescentes interesse pelos assuntos relativos ao bairro e proporcionam oportunidade de realizar atividades que podem ser o início de uma profissionalização. A elaboração do jornal mural, as exposições de fotografias e de quadrinhos (*nas páginas seguintes*), além das letras de rap (*ver quadro*) são alguns dos resultados do projeto que foi batizado informalmente de "Identidade na Quebrada".

A professora da Faculdade de Educação e diretora associada do Centro de Memória, Olga von Simson, disse que a idéia surgiu dentro de um projeto de pesquisa que estuda os bairros na cidade. Os profissionais da Unicamp, Maria Lúcia Ricci, Irene Barbosa, Zaia Giglio, Amarildo Carmoel, José Roberto Gonçalves, Paulo Lopa, Hélio Costa Júnior, Alessandra Bagatim, Ana Célia de Sales, Fernanda Mandela, Christianne de Vasconcelos, Adriano da Silva, Antonio Frederico Pereira, José Arimatéa de Souza, Lucimar dos Santos e Almir Pinheiro foram responsáveis pelas oficinas.

O objetivo é oferecer aos adolescentes a chance de participar de atividades diferentes daquelas desenvolvidas na escola. Todo material coletado vai ficar mantido no Centro de Memória para que futuros pesquisadores possam conhecer o passado da Vila Costa e Silva e de bairros adjacentes como Miguel Vicente Cury e Santa Genebra. "Vocês vão conhecer melhor os bairros em que moram, melhorar o rendimento escolar e entender a importância do conhecimento para progredir na vida", diz Olga.

TRECHOS

"Idéia vai, idéia vem,
para, pensa, reflita...
Para que tanto preconceito, tanta violência,
tanta ignorância?
...O mundo é justo,
injusto é quem vive reis,
quem o destrói,
quem o esnaça,
mas um dia isso vai mudar..."
Tábia de Souza Alves

* * *

"Nós brigamos por uma causa social,
eles brigam para tirar o nosso real,
distantes da mesma realidade,
a baixa e alta sociedade...
...Nós trabalhamos no comércio e no setor industrial,
e eles competem para ver quem tem mais capital,
e então, quem deverá ser privilegiado?
Aquele que trabalha ou o que fica sentado?..."
Marcelo Barbieri

EDITORIAL

A voz da comunidade

Ir além da notícia. Este é o propósito do *Jornal da Vila Costa e Silva* que acaba de nascer. Ele surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que vai muito além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro. Quer alinhar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e acima de tudo como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido.

Procura também oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.

Este informativo é um dos resultados obtidos a partir das oficinas que integram o Projeto "Memória, Educação Não-formal e Cidadania: Trabalho com Adolescentes na Vila Costa e Silva", batizado informalmente de "Identidade na Quebrada", realizado por pesquisadores e profissionais do Centro de Memória-Unicamp (CMU), além de voluntários. Participaram do projeto 72 jovens com idades entre 11 e 16 anos.

O projeto, realizado no Centro de Pastoral da Paróquia de São Benedito, na Vila Costa e Silva, contou com apoio do Comitê da Cidadania dos Empregados da Caixa Econômica Federal, da Robert Bosch do Brasil, do CNPq e da Faculdade de Educação da Unicamp.

EXPEDIENTE

O Jornal da Vila Costa e Silva é uma publicação elaborada pelos jovens da Comunidade da Paróquia de São Benedito com idades entre 11 e 15 anos sob a coordenação do Centro de Memória da Unicamp (CMU). Jornalista Responsável: Anemilio Carmoel (MTb 15.518). Editor de Fotografia: José Roberto Gonçalves (MTb 27.448). Diagramação: Hélio Costa Júnior.

> "Cursos promovidos pela Unicamp na Paróquia de São Benedito estão ajudando os adolescentes da Vila Costa e Silva a conhecer melhor o bairro em que vivem e melhorar o rendimento escolar. [...]
> 'Essa iniciativa da Unicamp, ao propor os cursos, vem ao encontro de nossas aspirações', diz o Padre Norberto Bonfim.
> As oficinas [...] despertam nos adolescentes interesse pelos assuntos relativos ao bairro e proporcionam oportunidade de realizar atividades que podem ser o início de uma profissionalização. [...]

Ao lado, ouvem a proposta da socióloga e, de outro, a opinião do padre sobre a iniciativa. Assim, permitem ao leitor fazer uma análise sobre a validade – ou não – do projeto:

Assim, ao lado, ouvem a proposta da socióloga e, de outro, a opinião do padre sobre a iniciativa. Assim, permitem ao leitor fazer uma análise sobre a validade – ou não – do projeto:

> A professora da Faculdade de Educação e diretora associada do Centro de Memória, Olga von Simson, disse que a idéia surgiu dentro de um projeto de pesquisa que estuda os bairros na cidade. [...]
> O objetivo é oferecer aos adolescentes a chance de participar de atividades diferentes daquelas desenvolvidas na escola. Todo material coletado vai ficar mantido no Centro de Memória para que futuros pesquisadores possam conhecer o passado da Vila Costa e Silva e de bairros limítrofes como Miguel Vicente Cury e Santa Genebra. 'Tenho certeza que vocês vão conhecer melhor os bairros em que moram, melhorar o rendimento escolar e entender a importância do conhecimento para progredir na vida', diz a professora Olga." **[15]**

A mesma matéria é dotada de um box (quadro), em que duas jovens expressam por meio de letras de *rap* suas angústias e inquietações diante das injustiças sociais que rodeiam as classes menos favorecidas. *(Ver figura 5)* Criticam o preconceito, a violência e a desigualdade social e a competição desenfreada em busca de maior capital. A composição foi elaborada durante a Oficina de Hip-Hop. **[16]**

> "Idéia vai, idéia vem,
> paro, penso, reflito...
> Para que tanto preconceito, tanta violência,
> tanta ignorância?
> ...O mundo é justo,
> injusto é quem vive nele,
> quem o destrói,
> quem o estraga,
> mas um dia isso vai mudar..." **[17]**
>
> * * *
>
> "Nós brigamos por uma causa social,
> eles brigam para tirar o nosso real,
> distantes da mesma realidade,

---

15 - Texto elaborado pelos repórteres Mateus Sabino e Vanessa Cristina. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.1.

16 - A Oficina de Hip-Hop na Vila Costa e Silva foi coordenada pelo *rapper* aluno do curso de Filosofia da Unicamp Adriano da Silva.

17 - Trecho de composição feita pela adolescente Talita de Souza Alves. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.1.

a baixa e alta sociedade...
...Nós trabalhamos no comércio e no setor industrial,
e eles competem para ver quem tem mais capital,
e então, quem deverá ser privilegiado?
Aquele que trabalha ou o que fica sentado?..." **[18]**

A capa da edição estampa, também, o mesmo editorial apresentado na edição produzida pelas turmas A e B.

Na segunda página há dois artigos em que os articulistas fazem críticas a comportamentos preconceituosos e expressam sua indignação contra s insegurança que alarma e intimida os moradores do bairro. Em 'Basta de preconceito', *(Ver figura 6)* os autores iniciam o artigo abordando o tema de modo genérico. A medida que avançam no encadeamento das idéias acabam por revelar que eles próprios sofrem do mal, pelo simples fato de morarem na Vila Costa e Silva, que carrega rótulos (pobreza, miséria, periferia, violência etc.) que depõem contra o local, conforme vemos a seguir:

Figura 6



ARTIGO

Basta de preconceito

GRÊMIO ESCOLAR

"Vamos mudar a escola"

ARTIGO

A violência no bairro

Quadrinhos (1)

Epyfos: O significado da Páscoa

"Ao falar de preconceito, a primeira coisa que vem em nossas mentes são negros sendo discriminados, deficientes sofrendo agressões, religiões julgando outras religiões.

No preconceito as pessoas fazem o seu próprio conceito de uma outra pessoa sem conhecê-la, só por causa de sua cor, estatura física, local onde vive... Este pode "julgar" pessoas inocentes e sentenciá-las como culpadas.

Por exemplo, fazemos uma idéia de uma pessoa que não conhecemos baseados em suas roupas e em seus atos e falamos como se fossem inferiores moralmente perante nós, mas na verdade este é apenas um estilo de cada ser humano.

Hoje há várias formas de preconceito: os que se referem às relações sociais e diplomáticas; às diferenças entre as classes sociais etc. Porém, o preconceito mais evidente diz respeito ao racismo. É impossível afirmar que

18 - Trecho que composição feita pela adolescente Marcela Barbieri. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.1.

> uma pessoa nunca cometeu algum ato ou não tenha tido algum pensamento racista. O racismo está presente em todos os lugares dividindo opiniões e fazendo guerras.
> Na Vila Costa e Silva há vários tipos de preconceito. Negros, deficientes, pobres – quase todo ser humano que por aqui circula sente esse desconforto. Por causa de alguns elementos que residem no local, o bairro é conhecido como reduto de traficantes onde só ocorrem mortes. Somos discriminados só porque moramos num bairro periférico. Isso está totalmente errado!" **[19]**

No segundo artigo, intitulado 'A violência no bairro', *(Ver figura 6)* o autor não poupa críticas. Se, por um lado, denuncia a ação dos traficantes que determinam suas próprias leis e impõem o 'toque de recolher', por outro, critica a inoperância do Estado ao afirmar que falta policiamento. Enquanto o primeiro artigo vai do macro (preconceito de modo geral) para o micro (preconceito na Vila Costa e Silva), o segundo segue linha oposta de raciocínio, começando pelas observações no nível local e encerra afirmando que esse mal não é exclusivo da Vila Costa e Silva e que os motivos da violência independem da classe social:

> "A violência na Vila Costa e Silva tem aumentado muito. Os principais fatores são a falta de policiamento, o tráfico de drogas e o desemprego. Tudo isso leva à vida do crime.
> Desde maio a vila vem observando um comércio de drogas, onde gangues estão se enfrentando, deixando os moradores em pânico. Não podemos sair de casa após às 22 horas. Que ironia! Pedem para a gente não sair após esse horário, enquanto assassinatos no bairro acontecem às 19 horas.
> Por causa disso a violência tem aumentado, não só aqui, mas em outros lugares do Brasil. Cada pessoa escolhe seu caminho para viver, mas infelizmente muitas pessoas escolhem o das drogas. Essa opção não é exclusiva da classe pobre. Os motivos da escolha independem da classe social. Mas a escolha leva a morte.
> Por isso vamos nos conscientizar para não deixar o mundo mais violento do que ele já está." **[20]**

Na mesma página, o texto 'Vamos mudar a escola' *(Ver figura 6)* não vai além do caráter informativo. Comunica que a escola tem novo grêmio e apresenta alguns dos objetivos da equipe que assume a entidade, procurando despertar, nos leitores, um sentido de cidadania.

---

19 - Texto elaborado pelos articulistas Carolina Meneghel, Marcela Cipriano e Marcus Vinicius Prates. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.2.

20 - Texto elaborado pelo articulista Mateus Sabino. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.2.

> "Desde o dia 17 de abril a Escola Estadual Adalberto Prado e Silva tem novo Grêmio. Segundo o presidente da entidade, Jader Sartori, o objetivo é promover mudanças positivas que sejam reconhecidas pelos três segmentos da instituição: alunos, professores e funcionários. Manter a escola aberta aos sábados, orientar trabalho de grafite nas paredes do prédio, organizar festas e promover atividades de lazer e excursões culturais estão entre os projetos do Grêmio que é composto pelos seguintes alunos: Jader, Júlio, Vanderson, Erik, Wesley, Thiago, Cleber, Luís Henrique, Edgar e André." **[21]**

O *Jornal da Costa e Silva* não estampou apenas textos e fotografias feitos pelos adolescentes. Nas páginas 2, 3 e 4 há uma história em quadrinhos produzida na Oficina de Criatividade. **[22]**

Na página 3, há duas matérias sobre saúde. Em 'Controlando o diabetes e a hipertensão', *(Ver figura 7)* a pauta surge a partir da Campanha Nacional para Detecção do Diabetes e da Hipertensão Arterial, promovida pelo Ministério da Saúde. Para realizar a matéria, a repórter não poupou esforços e entrevistou três pessoas: a coordenadora do Centro de Saúde, Márcia Helena Amaral e os moradores Augusto J. de Santana e Vera Lúcia de Magalhães. Mostra o trabalho feito pelo Posto de Saúde, fala sobre os sintomas das doenças e a rotina das pessoas que convivem com elas, além de uma explicação mais específica sobre o funcionamento do organismo após a instalação do diabetes.

Figura 7



DOENÇAS CRÔNICAS

Controlando o diabetes e a hipertensão

DENGUE

Vila registra 18 casos da doença

Quadrinhos (2)

> "A Campanha [...] foi realizada do dia 6 ao dia 30 de março pelo Ministério da Saúde. O objetivo era alertar sobre a gravidade das doenças e mostrar meios de preveni-las.
> [...] Segundo a enfermeira e coordenadora do Centro de Saúde, Márcia Helena Amaral, antes da campanha já faziam o controle no Centro de Saúde Costa e Silva 800 pessoas

21 - Texto elaborado pelo repórter Júlio César Pothanca. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.2.

22 - A Oficina de Criatividade na Vila Costa e Silva foi coordenada pela profa. Zula Garcia Giglio. A relação entre a Oficina de Criatividade e o Jornalismo é objeto de análise neste estudo no capítulo 3.

(moradores da Costa e Silva, Santa Genebra e Miguel Vicente Cury). A coordenadora explica que no portador de diabetes, o pâncreas não produz insulina suficiente para combater o açúcar, o que acaba elevando a taxa de açúcar no sangue.

O aposentado Augusto José de Santana é portador de diabetes. Ele faz periodicamente acompanhamento no Postinho, onde pega, inclusive, o medicamento. 'O pessoal de lá me trata tão bem que até me sinto à vontade para tomar uma pinguinha, que tanto gosto', diz.

A doença se manifesta de diferentes formas. 'Fico com a boca seca, sinto muita sede e urino demais. Sinto cansaço e câibra. Por isso evito bebidas alcoólicas, doces e refrigerantes'. Há fatores que auxiliam o surgimento da doença: obesidade e sedentarismo

A hipertensão, mais conhecida como pressão alta, pode ocorrer em qualquer idade, mas é mais comum nos adultos e nos idosos. A digitadora Vera Lúcia de Magalhães conta que teve hipertensão durante a gravidez dos três filhos. No início, precisava dirigir-se ao Postinho de 15 em 15 dias. O quadro foi piorando e ela passou a freqüentar diariamente o Postinho." **[23]**

A campanha contra o mosquito da dengue também foi objeto de matéria no *Jornal da Costa e Silva*. No texto, 'Vila registra 18 casos da doença', *(Ver figura 7)* as repórteres optaram por enfocar o assunto mostrando a realidade local. Considerando que o tema é largamente abordado por diferentes meios de comunicação (jornais, rádios e emissoras de televisão), o foco foi mostrar que a doença ronda a casa dos moradores. A principal fonte da matéria foi, novamente, a coordenadora do Posto de Saúde Márcia Helena Amaral. O texto abriu espaço, também, para os trabalhos de conscientização sobre o perigo da doença feitos por alunos de escola do bairro.

"A Vila Costa e Silva registrou 18 casos de dengue. Segundo a coordenadora e enfermeira do Posto de Saúde do bairro, Márcia Helena Amaral, todos os casos registrados foram tratados no próprio posto. 'Os pacientes receberam medicamentos gratuitos. Todos os casos foram tratados em sigilo, evitando, assim, constrangimento do paciente'.

Na Escola Estadual Professor Adalberto Prado e Silva foi desenvolvido um projeto com alunos de 5ª a 8ª séries. As atividades constaram da exibição de vídeo e produção de um texto abordando agentes causadores e transmissores da doença, ca-

23 - Texto elaborado pela repórter Daniela da Silva. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.3.

> racterísticas do mosquito, sintomas, dengue clássica e hemorrágica.
> O projeto culminou com a produção de exposição de trabalhos como cartazes, desenhos, maquetes, frases, estórias em quadrinhos etc." **[24]**

A página 3 da edição apresenta, também, a seqüência da história em quadrinhos iniciada na página anterior.

A última página da edição apresenta duas matérias. A manchete da página, intitulada 'No caminho certo', *(Ver figura 8)* é o que podemos chamar de produto da insistência e perseverança por parte das repórteres. Mesmo diante de várias negativas, não se intimidaram e acabaram por convencer pessoas ligadas ao Grupo de Narcóticos Anônimos sobre a importância de expor o trabalho e as idéias para a comunidade.

Figura 8



NARCÓTICOS ANÔNIMOS

No caminho CERTO

Formando profissionais

Quadrinhos (3)

> "Pessoas que consomem drogas têm no Grupo Narcóticos Anônimos (NA) um espaço para discutir, expor suas idéias e angústias. Um espaço para buscar meios de recuperação. Moradores da Vila Costa e Silva e imediações têm no grupo denominado 'No Caminho' oportunidade de conhecer o trabalho. O grupo reúne-se semanalmente no Posto de Saúde do Jardim Santa Genebra, localizado à rua Joaquim Manoel Macedo s/n. Os encontros acontecem às 2ª, 4ª. e 6ª feiras às 19h30. Os encontros são abertos à comunidade. Há em Campinas 17 grupos de NA. No Brasil existem cerca de 800 associações.
> Saiba agora um pouco mais sobre o trabalho da entidade (outras informações podem ser obtidas pelo site: www.na.org.br.
> Como surgiu a organização?
> *NA* – A associação começou em 1953 na Califórnia, Estados Unidos. Era o grupo de alcoólicos anônimos que se reunia. Porém, nos relatos observou-se que o consumo não era apenas de álcool – muita droga também era consumida. Essas pessoas se

24 - Texto elaborado pelas repórteres Camila André Azzi e Marcela Barbieri. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.3.

uniram e decidiram abrir um grupo onde só se tratava de drogas. Foi assim que surgiu o NA.

O que é a Associação de Narcóticos Anônimos (NA)?

NA – É uma irmandade ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior.

Como é feito o atendimento?

NA – Nós não chamamos de atendimento, pois aqui não é feito um atendimento. Nós nos ajudamos com nossas trocas de experiências, falando um com o outro e trocamos idéias.

Quem pode participar?

NA – Não somos filiados a nenhuma outra organização, não temos matrículas nem taxas, não há compromissos escritos, nem promessas a fazer a ninguém. Não estamos ligados a nenhum grupo político, religioso ou policial e, em nenhum momento, estamos sob vigilância. Qualquer pessoa pode juntar-se a nós, independentemente da idade, raça, identidade sexual, crença ou falta de religião.

Em que momento as pessoas percebem que precisam de ajuda?

NA – Quando chegam no fundo do poço. Quando começam a perder o controle, perder a namorada, o emprego, enfim, quando a família fica mais distante.

Quem mantém essa estrutura?

NA – Nós mesmos. Somos auto-sustentáveis. Não aceitamos doações.

Vocês falam muito de Deus?

NA – Nós não estamos ligados a nenhum grupo religioso. É um programa espiritual." **[25]**

Como pode ser observado, o texto extrapola a técnica da entrevista e acaba estabelecendo um diálogo, onde as entrevistadoras sentem-se à vontade para fazer os questionamentos e os entrevistados demonstram confiança nas repórteres quando assumem que chegaram ao 'fundo do poço'. É aquilo que se pode classificar, segundo Edgard Morin, como 'entrevista-diálogo', em que "o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema". (MEDINA, 1995: 15). Apresentada em forma de pingue-pongue, **[26]** a entrevista segue a mesma formatação das entrevistas apresentadas nas grandes publicações, como as 'Páginas Amarelas' da Veja, em que um texto de apresentação do assunto (chamado no meio jornalístico de 'abre' ou 'lidão') precede a seqüência de perguntas e respostas.

Além da última seqüência da história em quadrinhos, a página contém, também, uma matéria de

---

25 - O texto foi elaborado pelas repórteres Cíntia Domingos e Lívia Quirino. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.4.

26 - Termo (ou jargão) adotado no meio jornalístico para identificar entrevista apresentada no formato de pergunta e resposta).

serviço sobre ofertas de cursos gratuitos destinados a alunos que estão concluindo o 3°. ano do ensino médio. Em 'Formando profissionais', *(Ver figura 8)* os repórteres entrevistam a coordenadora pedagógica da Escola Estadual Prof. Adalberto Silva, Márcia Beatriz Santos Almeida, que se torna a ponte entre os promotores dos cursos e a comunidade do bairro.

> "O Governo do Estado de São Paulo, em parceria com o Senac, está oferecendo mais de 50.000 vagas de cursos técnicos para alunos que estão concluindo o 3°. ano do ensino médio. [...]
> Segundo Márcia Beatriz Santos Almeida, coordenadora pedagógica da Escola Professor Adalberto Prado e Silva, serão oferecidos os seguintes cursos: Atendimento e Planejamento Publicitário, Auxiliar de Agente de Viagem, Monitor de Lazer e Recreação, Programa de Educação para o Trabalho, Vendedor e Vitrinista. Os cursos serão ministrados por professores do Senac, e em média eles têm duração de um ano.
> Mais informações sobre os cursos podem ser obtidas pelo telefone 0800 10710, ou pelo site www.progra-maprofissao.sp.gv.br." **[27]**

Como se pode observar, a experiência realizada com os adolescentes da Vila Costa e Silva, a primeira da série de três apresentada neste estudo, surtiu resultado satisfatório. Os adolescentes transitaram pelas diferentes editorias e produziram textos em diferentes gêneros: textos informativos, opinativos e interpretativos. Produziram entrevistas, fotografias, ilustrações e letras de *rap*. Fizeram do jornal comunitário um produto voltado para a realidade e as aspirações locais. Evitaram reproduzir o que os jornais da cidade (*Correio Popular* e *Diário do Povo*) estampam com freqüência sobre o bairro: violência e tragédia. Por outro lado, não deram as costas para essa realidade: abordaram, por meio de artigos e composições musicais, temas como desigualdade social, preconceito, violência, falta de policiamento, problemas de saúde e descaso das autoridades públicas. Dessa forma, percebemos que esses adolescentes produziram textos que falam diretamente com a comunidade. São textos que, além de expressarem a opinião, elevam a auto-estima ao estampar valores do bairro. Percebemos que o *Jornal da Costa e Silva*, exposto em locais de grande circulação no bairro, como posto de saúde, por exemplo, **[28]** torna-se instrumento de educação, de orientação, de reivindicação, cumprindo as propostas básicas de um jornal comunitário.

---

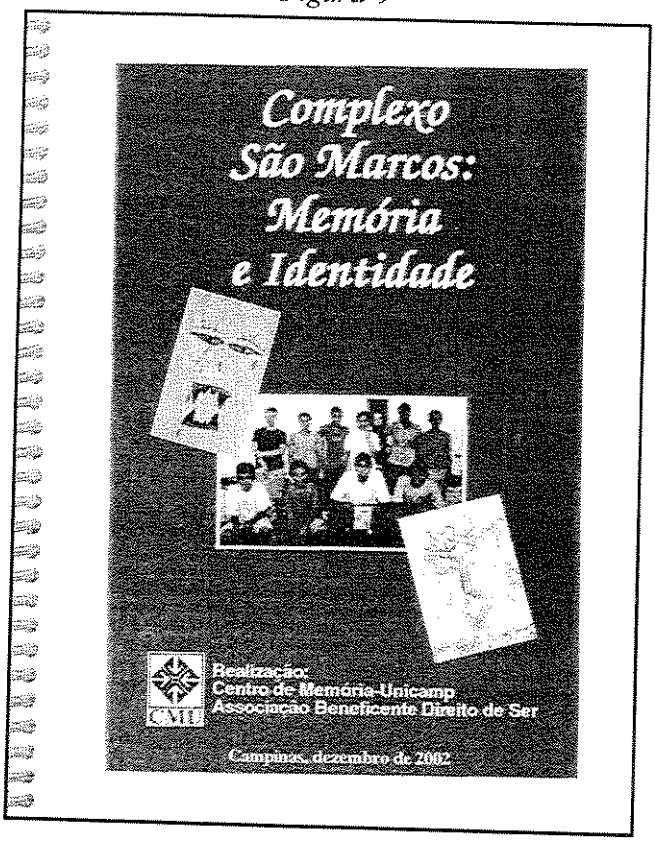
27 - Texto elaborado pelos repórteres Marcus Vinícius Prates e Carlos Eduardo Passos. In: *Jornal da Costa e Silva* (turmas C e D), set. 2001, p.4.

28 - O trabalho de paginação das duas edições do *Jornal da Costa e Silva* (turmas A e B e turmas C e D) foi realizado pelo técnico do CMU Hélio Costa Júnior.

Complexo São Marcos: Memória e Identidade – A brochura *Complexo São Marcos: Memória e Identidade (Ver figura 9)* foi o resultado da segunda experiência das oficinas coordenadas pelo CMU, tendo agora como público o Complexo São Marcos, região formada pelos bairros Jardim São Marcos, Jardim Campineiro, Recanto Fortuna, Jardim Santa Mônica e Chácara dos Amarais.

Com 38 páginas e tiragem de 50 exemplares, a brochura serviu, novamente, de vitrine para a exposição de resultados das oficinas de Jornalismo, de História Oral, de Fotografia e de Criatividade. **[29]** Diferentemente da experiência realizada na Vila Costa e Silva, a produção dos adolescentes na Oficina de Jornalismo Comunitário não foi suficiente para a elaboração de um jornal, mesmo que em formato mural. Durante os meses de agosto e setembro de 2002, cerca de 25 adolescentes vinculados à Associação Beneficente Direito de Ser e ao Espaço Esperança participaram das oficinas nos mesmos moldes da experiência anterior (Vila Costa e Silva). Foram produzidas sete matérias que foram distribuídas nas páginas 12 a 17 de brochura.

Figura 9



No texto 'Os garotos são os repórteres – aspectos positivos e negativos do Complexo São Marcos', **[30]** os adolescentes escreveram sobre os aspectos bons e ruins dos bairros da região. Foi realizado um exercício em que os adolescentes deveriam elencar qualidades positivas do São Marcos e adjacências. Apesar da resistência, conseguiram perceber uma série de iniciativas por parte de ONGs, voluntários e da esfera pública no sentido de melhorar as condições de vida da comunidade. Esse exercício permitiu, entre outros resultados, que fossem elaboradas pautas que geraram algumas das matérias que serão apresentadas na seqüência. Sobre os aspectos negativos, destacaram a violência e o desemprego, conforme podemos observar a seguir:

---

29 - No Complexo São Marcos as oficinas foram assim coordenadas: Jornalismo (Amarildo Carnicel e Diana Salles Rocha, bolsista de iniciação científica-Fapesp); História Oral (Olga Rodrigues de Moraes von Simson); Fotografia (Fabiana Bruno) e Criatividade (Zula Garcia Giglio).

30 - Optamos por não reproduzir os recortes extraídos da brochura por considerarmos mera repetição de texto, uma vez que não houve formação jornalística e nem utilização de fotografias em seu modo de apresentação.

> "O São Marcos, como todo bairro popular da cidade de Campinas, possui seus aspectos bons e ruins. De acordo com seus jovens moradores que freqüentam as oficinas do Espaço Esperança, o lado bom de se morar no local deve-se principalmente à existência de instituições beneficentes, como a Casa da Sopa, que oferece alimentos à população mais carente e, nas manhãs de domingos, oferece pão e leite. Em datas especiais, como na Páscoa, dia das mães, dos pais, das crianças e no Natal, pequenas lembranças ou cestas de alimentos fazem a alegria de toda a comunidade.
>
> Além da Casa da Sopa, existem outros institutos como o Espaço Esperança, local onde os adolescentes e crianças têm a oportunidade de participar das oficinas de Hip Hop, Fotografia, Jornalismo, Criatividade etc. e outros núcleos sociais que têm o dever de tirar as crianças das ruas oferecendo cursos gratuitos de informática, pintura, desenho e aulas de educação física.
>
> Atualmente, melhorias no bairro têm sido notadas pela utilização das escolas públicas que ficam abertas em finais de semana. Essas instituições permitem o uso da área de lazer, oferecendo espaços para as práticas de futebol, tênis de mesa e basquete, além de promoverem outros eventos e campeonatos esportivos com freqüência.
>
> As firmas existentes no bairro, da mesma forma, foram citadas como um aspecto positivo, pois grande parte de seus empregados vive no Complexo São Marcos. Uma área de lazer do São Marcos abre espaços para todos os núcleos do bairro e favorece a interação entre a comunidade. Igrejas existentes no local também auxiliam na vida espiritual dos moradores, transmitindo mensagens de esperança e paz a todos.
>
> Dentre os aspectos negativos, a violência é o tema predominante. A violência é freqüente nas ruas, com a ocorrência de muitas mortes e brigas, das quais muitas vezes são ouvidos tiros e outras ameaças que causam pânico na comunidade. A falta de emprego também contribui para o aumento desse mal que aflige a atormenta o bairro." **[31]**

O texto 'Espaço Esperança oferece oficinas de Hip Hop' fala da importância da iniciativa no sentido de proporcionar aos adolescentes informações sobre o movimento Hip Hop, além da introdução ao rap, break e grafite.

> "As oficinas de Hip Hop, realizadas no Espaço Esperança, iniciaram suas atividades em meados de agosto desse ano, no Complexo São Marcos. Os participantes das oficinas são jovens moradores do bairro e região. Cerca de vinte garotos e garotas beneficiadas pelo Projeto Agente Jovem.

31 - Produção coletiva. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, pp. 12-13.

> Na oficina de Hip Hop são desenvolvidos quatro exercícios: a de *rap*, introduzindo o estudo do canto e da rima, a de *break*, que introduz a dança, o 'grafite' que ensina técnicas de desenho e, por fim, a *fanzine*, que constitui na elaboração de um jornal.
>
> As aulas acontecem uma vez por semana, todas as quintas-feiras, a partir das 15 horas. Embora as turmas já estejam formadas, há espaço para novos alunos interessados. Neste caso, basta comparecer ao Espaço Esperança e procurar pelos monitores da oficina de Hip Hop." **[32]**

Outro fator positivo do bairro identificado pelos adolescentes diz respeito ao esporte. O texto 'Escola do bairro promove campeonato de futebol' fala da iniciativa positiva da Escola Estadual Profa. Castinauta Barros Mello e Albuquerque que mostra que o ambiente escolar também pode ser usado não apenas durante as atividades formais da instituição. Também pode ser um espaço para lazer e entretenimento.

> "Foi realizado no mês de setembro o campeonato de futebol da escola "Prof.ª Castinauta Barros Mello e Albuquerque", organizado pela professora de Educação Física Ana Lúcia Lopes.
>
> Segundo a organizadora, o campeonato foi disputado em duas categorias, feminina e masculina, premiando os vencedores e vencedoras dos primeiros, segundos e terceiros lugares, com medalhas e troféus.
>
> As inscrições para o campeonato foram abertas a todas as séries, aproximadamente 10 salas. O evento é realizado todos os anos na escola, durante o período letivo, no qual os participantes contribuem, cada um, com a quantia de um real, revertido para a compra de troféus e medalhas para o campeonato." **[33]**

'O artesanato como fonte de renda' procura mostrar que é possível tentar driblar a crise do desemprego. No texto, a repórter faz um breve apanhado histórico sobre o movimento *hippie* e sua relação com o artesanato. Mostra, também, o trabalho da artesã Érika Cristina Vaz, e como o produto desse trabalho contribui para o orçamento familiar.

---

32 - Texto elaborado pelo repórter Flávio Marques de Oliveira Gonçalves. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, pp. 13-14.

33 - Texto elaborado pelo repórter Fernando Henrique Ferreira. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, p. 14.

> "Não é novidade que o artesanato sempre foi um meio alternativo de renda para muitas pessoas. Durante os anos 60, por exemplo, com o movimento *hippie*, as idéias de liberdade contestadoras se opunham à da sociedade de consumo vigente e o artesanato foi visto como alternativa de sobrevivência e como fonte de lucro, simples e prático. Assim, os *hippies* viviam basicamente da arte, ou seja, daquelas produções artesanais como blusas e batas de crochê, pulseiras de madeira, brincos de pedras, colares de conchas etc.
>
> Érika Cristina Vaz, 23 anos, é um exemplo atual de que o artesanato pode render algum dinheiro. Ela aprendeu a fazer crochê em uma igreja evangélica situada em Campinas. Durante o curso gratuito, que ensinava também pintura, bordado e ponto cruz, Érika aprendeu os primeiros passos do crochê e hoje pratica a arte em sua casa. Ela produz diversos trabalhos artesanais como tapetes, trilhos de mesa, guardanapos entre outras peças que são vendidas e contribuem para o orçamento mensal de sua família." **[34]**

'Estudante se destaca na pintura' é o texto que visa valorizar os talentos do bairro. Neste exercício de valorização da auto-estima, o repórter entrevista o artista plástico Flávio Tadeu Marques de Oliveira Gonçalves, um adolescente que também participa das oficinas oferecidas pelo CMU. Na entrevista, Flávio, de apenas 15 anos, fala de suas exposições e sobre o processo de produção de suas obras.

> "Flávio Tadeu Marques de Oliveira Gonçalves, aluno da escola Profa. Castinauta Barros Mello e Albuquerque destaca-se como artista plástico (óleo sobre tela) no Jardim São Marcos. Morador do bairro há seis anos, descobriu seu talento em 1997, na Associação Beneficente Direito de Ser, quando participou das oficinas de pintura.
>
> Com apenas quinze anos, Flávio já produziu cerca de sessenta quadros. Seus trabalhos já foram expostos em várias cidades. Sua próxima exposição será no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2003. Durante as exposições, Flávio põe seus quadros à venda. "Só assim levanto algum dinheirinho para comprar material para produzir novas obras", afirma.
>
> O jovem pretende seguir carreira e afirma que o horário ideal para colocar sua arte em prática é depois das dezoito horas. Bastante detalhista, Flávio preocupa-se em combinar as cores da pintura com as molduras dos quadros. Em média, suas obras costumam ficar prontas entre 3 ou 4 horas, outras mais trabalhosas,

34 - Texto elaborado pela repórter Josy Priscila. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, p. 15.

levam até 3 ou 4 dias para serem finalizadas." **[35]**

'Grupo Primavera promove atividades voluntárias' é o texto que fala sobre o trabalho do Grupo Primavera, entidade localizada no Jardim São Marcos, que oferece cursos em diferentes áreas a adolescentes e jovens da comunidade. O texto ressalta que alguns dos 'professores' atuais já foram aprendizes na entidade.

> "O grupo Primavera surgiu em 1981 quando crianças do bairro São Marcos iniciaram atividades educativas ma creche Cenáculo, com poucos recursos e embaixo de árvores. Aos poucos, o grupo foi adquirindo espaço e mais participantes que passaram a reivindicar melhores acomodações para a realização do projeto. Com a ajuda de Jane Sieh, o grupo recebeu várias doações, o apoio de mais voluntários e ganhou destaque no bairro.
>
> Atualmente, o grupo Primavera recebe a ajuda da FEAC e da Prefeitura de Campinas e oferece cursos de dança, expressão corporal, artesanato, teatro, coral além de bordado, português e inglês para meninas de 11 a 17 anos.
>
> O grupo coloca em, prática suas atividades nos períodos da manhã, das 8 às 11 horas e no período da tarde, das 12 às 16 horas. Seus cursos complementam os estudos das jovens participantes do grupo que necessitam estar matriculadas na escola para se envolverem no projeto e há casos de ex-participantes que hoje também trabalham voluntariamente no projeto com o mesmo objetivo de auxiliar na educação e no futuro das jovens moradoras do bairro." **[36]**

Entretanto, de todos os textos produzidos na Oficina de Jornalismo Comunitário publicados na brochura, o que mais chamou a atenção foi uma espécie de informe publicitário **[37]** não pago (situação jamais imaginada em atividade daquela natureza). Foi produzido por um adolescente que pretendia fazer da publicação um instrumento que facilitasse a obtenção de emprego em uma serralheria do bairro, como se pode observar no texto editado sob o título 'Serralheria Campineira':

---

35 - Texto elaborado pelo repórter David Roberto Maximiliano. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, pp. 15-16.

36 - Texto elaborado pelas repórteres Letícia Moreira de Jesus dos Santos e Patrícia dos Santos Araújo. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, pp. 16-17.

37 - Anúncio pago; deve ser sempre claramente identificado como tal. *(Novo manual da redação – Folha de S. Paulo*, 1998: 149). Distingue-se, portanto, na forma de apresentação, de anúncio publicitário: caracteriza-se por uma informação textual, em que marcas e logotipos ficam em segundo plano.

> "Alcir Barbosa é dono da Serralheria Campineira, fundada em fevereiro de 1992. Ele possui apenas um funcionário, mas sua mulher o auxilia no trabalho. Segundo Alcir, 44 anos, na época em que abriu sua oficina, nem imaginava conseguir tanto serviço no bairro São Marcos. Alcir conta que enfrentou muitos obstáculos e dificuldades, mas com a união de sua esposa e após muitos anos de esforço, o serralheiro foi ganhando espaço e admiração por parte dos moradores do bairro e dos freqüentadores de sua oficina. Sua oficina oferece os mais variados serviços. Faz grades, portões, lixeiras etc." **[38]**

Como se pode observar, o adolescente fez, dentro de seus limites, uso de artifícios para desferir elogios ao proprietário da referida serralheria, quando afirma que Alcir superou barreiras, ganhou espaço e admiração de moradores e que não imaginava conseguir 'tanto' serviço. Faz propaganda quando cita os itens produzidos e procura sensibilizar ou alertar o proprietário ao afirmar que a oficina tem 'apenas' um funcionário. Texto como esse certamente não ganharia espaço em jornal comercial sem pagamento pelo espaço. Entretanto, diante da insistência do 'repórter' junto à coordenação da Oficina de Jornalismo Comunitário e da proposta da publicação em abrigar diferentes gêneros de textos, optamos por proporcionar ao adolescente o prazer (uma das atribuições da educação não-formal) de ver seu texto estampado na brochura.

Dentre os aspectos negativos apontados pelos adolescentes, a violência foi o tema predominante. Tiros à luz do dia, corpos baleados nas calçadas e comando de traficantes impondo regras ao local são fatos que não causam muito espanto entre os moradores. Assuntos dessa natureza, constantes na imprensa local, foram descartados para a elaboração da publicação. Afirmamos, ainda, que os textos publicados, com base nas informações colhidas pelos 'repórteres', foram reescritos e editados pelos responsáveis pela Oficina de Jornalismo Comunitário.

Conexão Jovem – O jornal *Conexão Jovem* **[39]** é o resultado da terceira experiência das oficinas promovidas pelo Centro de Memória da Unicamp, tendo agora, como local, o Projeto Gente Nova (Progen) e, como público-alvo, a Vila Castelo Branco, além de moradores de bairros adjacentes, como Jardim Garcia e Vila Padre Manoel da Nóbrega. A produção, diferentemente das atividades realizadas na Vila Costa e Silva e no Complexo São Marcos, não ficou restrita à produção de uma primeira e única edição.

Com 12 páginas e tiragem de 1.000 exemplares, o jornal, a exemplo dos projetos anteriores, abri-

---

38 - Texto elaborado pelo repórter David Roberto Maximiliano. In: *Complexo São Marcos: Memória e Identidade*. Dezembro de 2001, p. 17.

39 - Optamos por utilizar o verbo no tempo presente para ressaltar que o jornal permanece circulando entre os moradores da Vila Castelo Branco e adjacências. Está em curso a produção da décima edição.

gou, além dos resultados da Oficina de Jornalismo, trabalhos das oficinas de História Oral, de Fotografia e de Criatividade. **[40]** A experiência realizada na Vila Castelo Branco foi a que gerou melhores resultados, cuja produção foi suficiente para a preencher as doze páginas da publicação, restando, ainda, uma sobra ('material de gaveta' como é chamada no jargão jornalístico) para dar início à segunda edição. Os trabalhos foram iniciados em agosto de 2003 e tiveram seqüência ao longo de todo o ano de 2004, quando foram produzidas mais seis edições (cinco com 8 páginas e 500 exemplares e uma, também com 8 páginas, e 1.000 exemplares). Em 2005, com a participação de uma bolsista de iniciação científica e de uma educadora social do Progen, o trabalho continua sendo realizado. **[41]**

Participaram da primeira edição 23 adolescentes (divididos em turmas 1 e 2). Nas demais edições, considerando a flutuação dos participantes (entrada e saída de adolescentes da equipe de trabalho), o grupo manteve uma média de dez adolescentes. Nesse universo devem ser incluídos aqueles que por motivo de trabalho não participavam dos encontros, mas que se faziam presentes deixando textos, manuscritos ou digitados, na secretaria do Progen ou enviando suas produções por e-mail.

Conforme já mencionamos, consideramos o trabalho realizado na Vila Castelo o que alcançou melhor resultado. Dessa forma, não nos limitaremos a fazer uma apresentação simplesmente descritiva das edições do *Conexão Jovem* – como o fizemos em relação aos produtos anteriores (*Jornal da Costa e Silva* e *Complexo São Marcos: Identidade e Memória*).

Assim, a seqüência de apresentação das edições será feita da seguinte forma: será apresentada e analisada a íntegra da primeira edição (*Conexão Jovem* n. 1), sem, contudo, seguir a ordem natural das páginas. Os textos serão apresentados seguindo um encadeamento a partir dos tópicos abordados. Por exemplo, quando o assunto abordado for ilustração, serão comentadas as ilustrações de toda a edição. Quando o assunto abordado for artigo, serão comentados os artigos de toda a edição e, assim, sucessivamente. Apresentada na íntegra a primeira edição, a intenção é, nas edições subseqüentes, analisar a evolução/criação das seções, além de ressaltar o conteúdo que considerarmos relevante na produção deste trabalho.

---

40 - Na Vila Castelo Branco, as oficinas foram assim coordenadas: Jornalismo (Amarildo Carnicel e as bolsistas de iniciação científica Diana Salles Rocha, Maira Rodrigues e Cecília Correa Ferrarezzi. Diana S. Rocha e Maira Rodrigues receberam bolsas da Fapesp; Cecília C. Ferrarezzi recebeu bolsa Fapic-Reitoria da PUC-Campinas); História Oral (Olga Rodrigues de Moraes von Simson e a historiadora Fernanda Mandetta); Fotografia (Fabiana Bruno) e Criatividade (Zula Garcia Giglio e o artista plástico Francisco Vargas).

41 - Permaneceu no trabalho até agosto de 2005 a aluna do curso de Jornalismo (PUC-Campinas) e Ciências Sociais (Unicamp), Cecília Corrêa Ferrarezzi (bolsista IC Fapic-Reitoria da PUC-Campinas). Também atua no projeto a educadora social do Progen Regiane Carminitti.

PRIMEIRA EDIÇÃO – 'Conversando com o jovem' *(Ver figura 10)* **[42]** é o Editorial ou Apresentação que objetiva mostrar ao leitor a que se propõe o *Conexão Jovem*. Trata-se de um texto que apresenta o jornal no âmbito das oficinas oferecidas pelo CMU. O editorial deixa claro, ainda, que a proposta não é de elaborar um jornal do Progen para as pessoas do Progen e, sim, fazê-lo no Progen, com a infraestrutura da instituição e, principalmente, com seus valores humanos. Evidencia que a proposta é produzir um jornal que dialogue com a Vila Castelo Branco e com bairros vizinhos. Ressalta, também, que se trata de um veículo que visa abrigar as mais diferentes produções da atividade jornalística, respeitando o ritmo dos adolescentes, levando em consideração a bagagem cultural, as limitações, e, valorizando, sempre as potencialidades dos participantes.

Figura 10



ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos adolescentes do Progen - Campinas, dezembro - 2003 - nº 1

Perfil

Minha história no Progen

Mônica Ap. da Silva

Entrei no Progen em 1992. Era tímida e sem objetivos de vida. Aprendi várias coisas através das oficinas como culinária, pintura em tecido, dança, artesanato, bordado, teatro entre outras. Depois de um tempo, com os meus 15 anos, o Progen me encaminhou para um curso profissionalizante de Desenho de Máquinas, mas eu continuava muito tímida, tanto que quase não passei na entrevista. Fiquei no curso por dois anos e me formei. Foi lá que perdi minha timidez. Esse ano, no primeiro semestre, trabalhei como voluntária no Progen. Agora, faço um curso no Senac e participo das oficinas.
O Progen faz parte da minha vida, minha infância e minha adolescência, por isso ele é muito importante para mim. Fiquei dez anos participando do projeto e não me arrependo, pois vou levar tudo o que aprendi para a minha vida. Só tenho que agradecer ao Progen, à Izabel, à Irmã Miriam, ao Sr. Ângelo e a todos que fizeram da arte da minha vida uma obra de arte!

Entrevista

Mônica: "Sentirei saudades"

Jonathan C. Ribeiro, José Carlos Neto e Carlos H. Anizau

Nome completo: Mônica Ap.da Silva
Idade: 18 anos.
Qual foi o momento mais marcante no Progen?
Foi quando a Izabel disse que tinha conseguido a vaga no São José e no Progen, quando eu pude passar para as crianças o que eu tinha aprendido.
É ruim deixar o Progen?
Sim, porque não verei mais as pessoas e amigos com a mesma freqüência. O Progen fez parte da minha vida, afinal aqui fiquei por dez anos e não por dez dias. Com certeza, sentirei saudades.
O que você achou das oficinas no Progen?
Interessantes. Mais um item para o meu currículo. A Roda de Samba é uma oficina na qual aprendi a tocar instrumentos variados, cantar músicas de raízes, até porque eu não gosto de samba e agora estou aprendendo a gostar. Na oficina de História oral aprendi variados assuntos, como entrevistar pessoas de nosso bairro. Na de Fotografia foi divertido aprender a focalizar corretamente e na de Jornalismo voltei a escrever poesias, coisa que não fazia há dois anos, além de aprender outras técnicas do jornalismo.

"Caro leitor,

Esta é a primeira edição do *Conexão Jovem*, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local. Mas esse diálogo não é tudo. Quer afigurar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e, acima de tudo, como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido. Procura oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.

A opção pelo jornal no formato fanzine deu-se pela adequação ao público, ou seja, busca apresentar uma linguagem jovem e um projeto gráfico leve. Permite publicar textos e ilustrações que não seriam aceitas em jornais de médio porte. E mais: possibilita a utilização de meios baratos de impressão. Este informativo é um dos resultados a partir de oficinas

42 - Embora a reprodução de trechos de alguns textos e de seus respectivos 'recortes' nas páginas aqui estampadas, possa configurar, em certa medida, em repetição, optamos por inserir as reproduções para permitir ao leitor melhor visualização do conjunto publicado no jornal: título, texto, foto e ilustração.

> do Projeto "Memória, Qualidade de Vida e Cidadania: História dos Bairros Populares de Campinas", realizado por pesquisadores do Centro de Memória-Unicamp (CMU), além de voluntários. Participaram da Oficina de Jornalismo 22 jovens com idades entre 14 e 18 anos.O projeto contou com apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo." **[43]**

Na capa da edição foram estampadas duas matérias. A manchete intitulada 'Minha história no Progen' *(Ver figura 10)* foi um texto escrito na primeira pessoa em que a jovem Mônica Aparecida da Silva fala de sua experiência no Progen às vésperas de deixar a instituição, quando se preparava para o casamento. Ela fala da importância do Progen na sua formação pessoal.

> "Entrei no Progen em 1992. Era tímida e sem objetivos de vida. Aprendi várias coisas através das oficinas como culinária, pintura em tecido, dança, artesanato, bordado, teatro entre outras. Depois de um tempo, com os meus 15 anos, o Progen me encaminhou para um curso profissionalizante de Desenho de Máquinas, mas eu continuava muito tímida, tanto que quase não passei na entrevista. [...]
> O Progen faz parte da minha vida, minha infância e minha adolescência, por isso ele é muito importante para mim. Fiquei dez anos participando do projeto e não me arrependo, pois vou levar tudo o que aprendi para a minha vida. Só tenho que agradecer ao Progen, à Izabel, à Irmã Míriam, ao Sr. Ângelo e a todos que fizeram da arte da minha vida uma obra de arte!" **[44]**

No segundo texto da página, os repórteres fizeram uma entrevista com Mônica no formato pingue-pongue. Considerando que os autores da entrevista mostraram certa resistência à elaboração do trabalho, optamos em sugerir que fizessem uma entrevista com alguém da casa, com uma pessoa que não requeresse esforço no sentido de estabelecer contato ou deslocamento para a efetivação do trabalho. Além disso, diante de uma eventual inibição, entrevistar alguém do convívio se constituiria em algo menos penoso. A seguir, alguns trechos da entrevista 'Mônica: sentirei saudades'. *(Ver figura 10)*:

> *"Qual foi o momento mais marcante no Progen?*
> Foi quando a Izabel disse que tinha conseguido a vaga no São José e no Progen, quando eu pude passar para as crianças o que eu tinha aprendido.

---

43 - Texto de apresentação elaborado pelo coordenador da Oficina de Jornalismo, Amarildo Carnicel. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 2.

44 - Texto elaborado pela repórter Mônica Aparecida da Silva. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 1.

É ruim deixar o Progen?

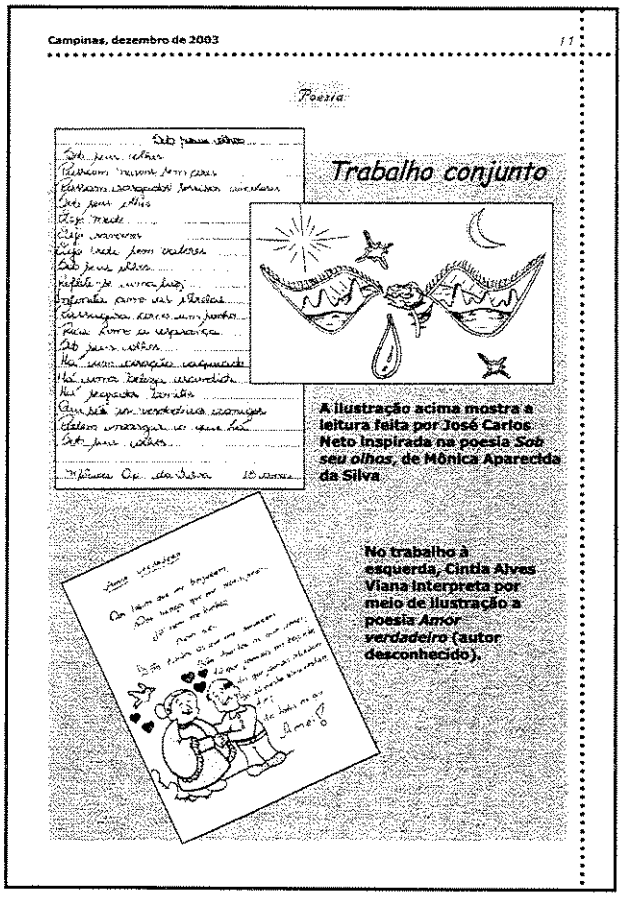
Sim, porque não verei mais as pessoas e amigos com a mesma freqüência. O Progen fez parte da minha vida, afinal aqui fiquei por dez anos e não por dez dias. Com certeza, sentirei saudades.

O que você achou das oficinas no Progen?

Interessantes. Mais um item para o meu currículo. A Roda de Samba é uma oficina na qual aprendi a tocar instrumentos variados, cantar músicas de raízes, até porque eu não gosto de samba e agora estou aprendendo a gostar. Na oficina de História Oral aprendi variados assuntos, como entrevistar pessoas de nosso bairro. Na de Fotografia foi divertido aprender a focalizar corretamente e na de Jornalismo voltei a escrever poesias, coisa que não fazia há dois anos, além de aprender outras técnicas do jornalismo. **[45]**

Como afirma a jovem, as oficinas oferecidas pelo CMU foram de grande valor pois sinalizaram para questões que até então passavam desapercebidas, como a importância e a necessidade de do convívio com pessoas idosas. A Oficina de Jornalismo Comunitário, dentro do propósito de produção do fanzine como espaço democrático que abriga as mais diferentes produções, estimulou a jovem a voltar a escrever poesia (prática que era mais comum em sua adolescência) e permitir que ela publicasse momentos de inspiração, conforme podemos ver na poesia abaixo intitulada 'Sob seus olhos' *(Ver figura 11)*:

Figura 11



"Sob seus olhos
Passam nuvens sem cores
Passam rasgados sorrisos incolores
Sob seus olhos
Vejo medo
Vejo rancores
Vejo vida sem valores
Sob seus olhos
Reflete-se uma luz

45 - Texto elaborado pelos repórteres Jonathan Ribeiro, José Carlos Neto e Carlos Anizau. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 1.

Infinita como as estrelas
Passageira como um sonho
Rica como a esperança,
Sob seus olhos
Há um coração aquecido
Há uma beleza escondida
Há segredos bonitos
Que só os verdadeiros amigos
Podem enxergar o que há
Sob seus olhos." **[46]**

Se o fanzine permitiu a Mônica expressar seus sentimentos por meio de uma poesia, permitiu também ao ilustrador José Carlos Neto expressar por meio de traços feitos com grafite a leitura, a interpretação que fez do trabalho de Mônica. O mesmo ilustrador assina as artes produzidas a partir de artigos apresentados na página 3.

Figura 12



Campinas, dezembro de 2003 3

Opinião

Namoro na Adolescência

Sylas Rampazzo Villas Boas e Vinícius Andrey Silva

O namoro é uma experiência que, geralmente, tem início na adolescência. É um relacionamento entre duas pessoas que se gostam e compartilham vivências, carinho, beijos e, principalmente, amor.

No namoro, o casal aprende a se respeitar, a conhecer melhor o outro e a cultivar o amor. O namoro é o primeiro passo para chegar ao casamento e à construção de uma família.

Hoje em dia, todas as pessoas procuram achar sua "alma gêmea" ou "caramelade", alguém especial que possa ficar ao seu lado em todos os momentos – incluindo os momentos mais difíceis –, e aprender a lidar com todas as situações. Ou seja, o namoro é uma das melhores fases da nossa vida, nela os adolescentes criam responsabilidade e além disso, adquirem um pouco mais de maturidade.

As drogas no Brasil

Diego Ribeiro

No decorrer dos anos, as mortes pelo uso de drogas aumentaram no Brasil. Enquanto em outros países algumas drogas são usadas como remédios, no Brasil, oferecem mais e mais drogas que não têm valor medicinal, só alucinógeno. As drogas mais usadas no Brasil são a maconha, a cocaína e o crack. Prejudicam a vida dos usuários porque quando a pessoa adquire o vício e não tem dinheiro para mantê-lo, ela muitas vezes rouba tanto outras casas como também a sua própria. Além disso, podemos citar os danos mentais e físicos que causam em seus dependentes. As mortes também são causadas pelos usuários como em acertos de conta e vingança contra os que não pagam os traficantes. Ou seja, as drogas agravam o nível de vida da sociedade brasileira.

A Violência hoje

Rogério Santos

Nos dias de hoje, a violência vem aumentando muito. Tudo piora com o uso de drogas que acaba prejudicando mesmo as pessoas inocentes e as que a usam, como também vem ocorrendo com o uso de bebidas que causam acidentes de trânsito, sem citar o número de assaltos nas ruas e assassinatos.

Muitas pessoas são prejudicadas ou se prejudicam com todos tipos de violência que estão ocorrendo nas cidades ou até dentro de suas casas; em viadutos, com idosos e outros familiares. Os pais se preocupam com a vida de seus filhos que podem estar envolvidos nesses tipos de violência dos dias de hoje.

A descoberta do talento de José Carlos para a ilustração foi casual. Em momento algum durante as atividades da Oficina de Jornalismo o adolescente falou sobre sua facilidade para o desenho, tampouco os colegas mencionaram tal fato, embora conhecessem seu talento. No terceiro encontro no Progen, enquanto discutíamos a pauta e atribuíamos funções, José Carlos mostrava-se disperso, desatento, interessado em discutir o jogo de futebol que seria transmitido naquela noite pela televisão. Entretanto, mantinha um lápis preto na mão e fazia constantemente desenhos aleatórios. Dessa forma, respeitando seu desinteresse na produção de texto e estimulando sua criatividade e seu talento, achamos por bem convidá-lo a participar do *Conexão Jovem* como ilustrador.

Os resultados podem ser verificados a seguir, a partir de leitura de que fez sobre os artigos elaborados por companheiros durante as atividades. Há de se ressaltar que as três ilustrações apresentadas

46 - Poesia de Mônica Aparecida da Silva com ilustração de José Carlos Neto. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 11.

foram produzidas em menos de dez minutos. A seguir apresentamos trechos dos artigos (e sua respectiva página) *(Ver figura 12)* produzidos pelos adolescentes cujos temas foram definidos por eles livremente (namoro, drogas e violência). São reflexões sobre assuntos muito presentes em seu dia-a-dia:

> *Título: Namoro na adolescência*
>
> "O namoro é uma experiência que, geralmente, tem início na adolescência. É um relacionamento entre duas pessoas que se gostam e compartilham vivências, carinho, beijos e, principalmente, amor.
>
> No namoro, o casal aprende a se respeitar, a conhecer melhor o outro e a cultivar o amor. [...] Hoje em dia, todas as pessoas procuram achar sua "alma gêmea" ou "cara-metade", alguém especial que possa ficar ao seu lado em todos os momentos – incluindo os momentos mais difíceis – e aprender a lidar com todas as situações. Ou seja, o namoro é uma das melhores fases da nossa vida, nela os adolescentes criam responsabilidade e além disso, adquirem um pouco mais de maturidade." **[47]**

> *Título: As drogas no Brasil*
>
> "No decorrer dos anos, as mortes pelo uso de drogas aumentaram no Brasil. Enquanto em outros países algumas drogas são usadas como remédios, no Brasil, oferecem mais e mais drogas que não têm valor medicinal, só alucinógeno. As drogas mais usadas no Brasil são a maconha, a cocaína e o *crack*. Prejudicam a vida dos usuários porque quando a pessoa adquire o vício e não tem dinheiro para mantê-lo, ela muitas vezes rouba tanto outras casas como também a sua própria.
>
> Além disso, podemos citar os danos mentais e físicos que causam em seus dependentes. As mortes também são causadas pelos usuários como em acertos de conta e vingança contra os que não pagam os traficantes. Ou seja, as drogas agravam o nível de vida da sociedade brasileira." **[48]**

> *Título: A violência hoje*
>
> "Nos dias de hoje, a violência vem aumentando muito. Tudo piora com o uso de drogas que acaba prejudicando mesmo as pessoas inocentes e as que a usam, como também vem ocorrendo com o uso de bebidas que causam acidentes de trânsito, sem citar o

---

47 - Artigo elaborado pelos articulistas Sylas Rampazzo Villas Boas e Vinícius Andrey Silva, com ilustração de José Carlos Neto. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 3.

48 - Artigo elaborado pelo articulista Diego Ribeiro, com ilustração de José Carlos Neto. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 3.

número de assaltos nas ruas e assassinatos. Muitas pessoas são prejudicadas ou se prejudicam com todos tipos de violência que estão ocorrendo nas cidades ou até dentro de suas casas, em viadutos, com idosos e outros familiares. Os pais se preocupam com a vida de seus filhos que podem estar envolvidos nesses tipos de violência dos dias de hoje." **[49]**

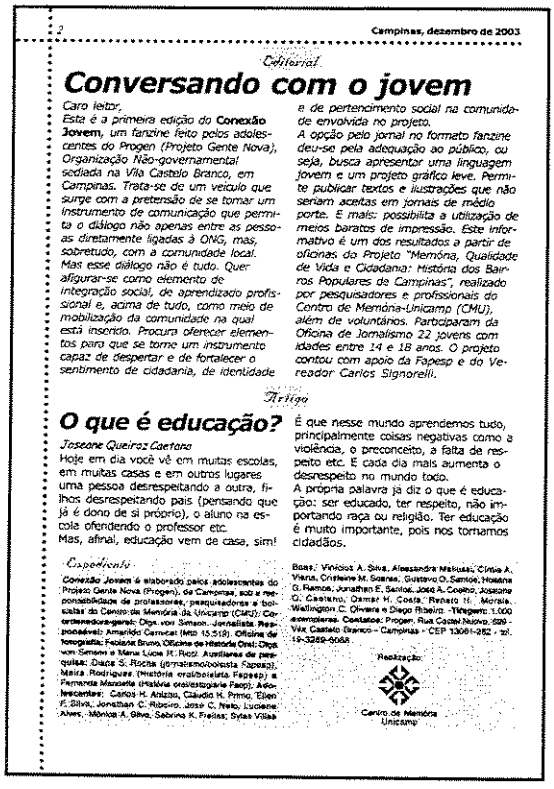
Outros dois artigos não ilustrados também estão incluídos nesta primeira edição do *Conexão Jovem*. No primeiro o assunto é educação. *(Ver figura 13)* Nele, a autora lamenta a falta de educação presente nos diferentes segmentos da sociedade e afirma que educação é uma lição que deve ser aprendida em casa e não na escola. Em outro artigo, *(Ver figura 14)* a autora aborda o tema cidadania, apresenta uma definição, e procura alertar as pessoas sobre como exercer seus direitos e deveres. A seguir, trechos dos dois artigos:

Título: O que é educação?

"Hoje em dia você vê em muitas escolas, em muitas casas e em outros lugares uma pessoa desrespeitando a outra, filhos desrespeitando pais (pensando que já é dono de si próprio), o aluno na escola ofendendo o professor etc.

Mas, afinal, educação vem de casa, sim! É que nesse mundo aprendemos tudo, principalmente coisas negativas como a violência, o preconceito, a falta de respeito etc. E cada dia mais aumenta o desrespeito no mundo todo. A própria palavra já diz o que é educação: ser educado, ter respeito, não importando raça ou religião.

Figura 13



2 Campinas, dezembro de 2003

Editorial

Conversando com o jovem

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do **Conexão Jovem**, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local. Mas esse diálogo não é tudo. Quer afigurar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e, acima de tudo, como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido. Procura oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.
A opção pelo jornal no formato fanzine deu-se pela adequação ao público, ou seja, busca apresentar uma linguagem jovem e um projeto gráfico leve. Permite publicar textos e ilustrações que não seriam aceitas em jornais de médio porte. E mais: possibilita a utilização de meios baratos de impressão. Este informativo é um dos resultados a partir de oficinas do Projeto "Memória, Qualidade de Vida e Cidadania: História dos Bairros Populares de Campinas", realizado por pesquisadores e profissionais do Centro de Memória-Unicamp (CMU), além de voluntários. Participaram da Oficina de Jornalismo 22 jovens com idades entre 14 e 18 anos. O projeto contou com apoio da Fapesp e do Vereador Carlos Signorelli.

Artigo

O que é educação?

Joseane Queiroz Caetano

Hoje em dia você vê em muitas escolas, em muitas casas e em outros lugares uma pessoa desrespeitando a outra, filhos desrespeitando pais (pensando que já é dono de si próprio), o aluno na escola ofendendo o professor etc.
Mas, afinal, educação vem de casa, sim! É que nesse mundo aprendemos tudo, principalmente coisas negativas como a violência, o preconceito, a falta de respeito etc. E cada dia mais aumenta o desrespeito no mundo todo.
A própria palavra já diz o que é educação: ser educado, ter respeito, não importando raça ou religião. Ter educação é muito importante, pois nos tornamos cidadãos.

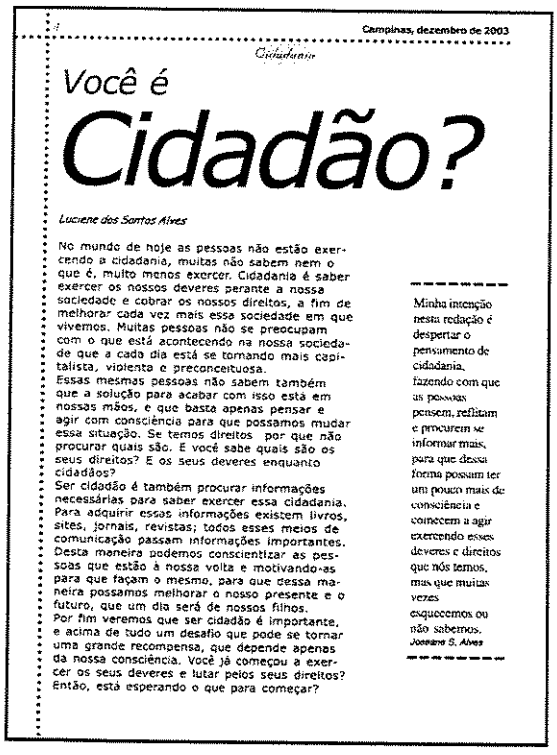
Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos adolescentes do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas, sob a responsabilidade de professores, pesquisadores e bolsistas do Centro de Memória da Unicamp (CMU); Coordenadora-geral: Dga. Ivon Simon. Jornalista. Responsável: Amarildo Carnicel (MTB 15.518). Oficina de fotografia: Feoiane Bruno. Oficina de História Oral: Dga. Ivon Simon e Maria Lucia H. Rodr. Auxiliares de pesquisa: Diana S. Rocha (jornalismo/bolsista Fapesp); Maira Rodrigues (História oral/bolsista Fapesp) e Ferrarezi Manzatto (História oral/bolsista Fapesp). Adolescentes: Carlos H. Anizio, Cláudio K. Primo, Ellen F. Silva, Jonathan C. Ribeiro, Jose C. Neto, Luciene Alves, Mônica A. Silva, Sabrina K. Freitas, Sylas Villas Boas, Vinicius A. Silva, Alessandra Mateusa, Cintia A. Viana, Cristiane M. Soares, Gustavo O. Santos, Hoseane G. Ramos, Jonathan E. Santos, José A. Coelho, Josiane G. Caetano, Osmar H. Costa, Renato H. Morais, Wellington C. Oliveira e Diego Ribeiro. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Progen, Rua Coral Nubra, 520 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13081-282 - tel. 19-3289-9068.

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Figura 14



2 Campinas, dezembro de 2003

Cidadania

Você é Cidadão?

Luciene dos Santos Alves

No mundo de hoje as pessoas não estão exercendo a cidadania, muitas não sabem nem o que é, muito menos exercer. Cidadania é saber exercer os nossos deveres perante a nossa sociedade e cobrar os nossos direitos, a fim de melhorar cada vez mais essa sociedade em que vivemos. Muitas pessoas não se preocupam com o que está acontecendo na nossa sociedade que a cada dia está se tornando mais capitalista, violenta e preconceituosa.
Essas mesmas pessoas não sabem também que a solução para acabar com isso está em nossas mãos, e que basta apenas pensar e agir com consciência para que possamos mudar essa situação. Se temos direitos por que não procurar quais são. E você sabe quais são os seus direitos? E os seus deveres enquanto cidadãos?
Ser cidadão é também procurar informações necessárias para saber exercer essa cidadania. Para adquirir essas informações existem livros, sites, jornais, revistas; todos esses meios de comunicação passam informações importantes. Desta maneira podemos conscientizar as pessoas que estão à nossa volta e motivando-as para que façam o mesmo, para que dessa maneira possamos melhorar o nosso presente e o futuro, que um dia será de nossos filhos.
Por fim veremos que ser cidadão é importante, e acima de tudo um desafio que pode se tornar uma grande recompensa, que depende apenas da nossa consciência. Você já começou a exercer os seus deveres e lutar pelos seus direitos? Então, está esperando o que para começar?

Minha intenção nesta redação é despertar o pensamento de cidadania, fazendo com que as pessoas pensem, reflitam e procurem se informar mais, para que dessa forma possam ter um pouco mais de consciência e comecem a agir exercendo esses deveres e direitos que nós temos, mas que muitas vezes esquecemos ou não sabemos.
Joseane S. Alves

---

49 - Artigo elaborado pelo articulista Rogério dos Santos, com ilustração de José Carlos Neto. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 3.

Ter educação é muito importante, pois nos tornamos cidadãos." **[50]**

Título: Você é cidadão?

"No mundo de hoje as pessoas não estão exercendo a cidadania, muitas não sabem nem o que é [...] Cidadania é saber exercer os nossos deveres perante a nossa sociedade e cobrar os nossos direitos, a fim de melhorar cada vez mais essa sociedade em que vivemos. [...] Muitas pessoas não se preocupam com o que está acontecendo na nossa sociedade que a cada dia está se tornando mais capitalista, violenta e preconceituosa. Essas mesmas pessoas não sabem também que a solução para acabar com isso está em nossas mãos, e que basta apenas pensar e agir com consciência para que possamos mudar essa situação. Se temos direitos por que não procurar quais são. E você sabe quais são os seus direitos? E os seus deveres enquanto cidadão?

Ser cidadão é também procurar informações necessárias para saber exercer essa cidadania. Para adquirir essas informações existem livros, sites, jornais, revistas [...] Desta maneira podemos conscientizar as pessoas que estão à nossa volta e motivando-as para que façam o mesmo. [...]

Por fim veremos que ser cidadão é importante, e acima de tudo um desafio que pode se tornar uma grande recompensa. [...] Você já começou a exercer os seus deveres e lutar pelos seus direitos? Está esperando o quê para começar?" **[51]**

Figura 15



Campinas, dezembro de 2003 5

Reportagem

Casa de Cultura Tainã: opção de cidadania

Osmar Hackermann Costa

A Casa de Cultura Tainã surgiu em 1989. Seu nome em Tupi-guarani significa: *Caminho das Estrelas*. É administrada por Antônio Carlos Santos Silva, 50, músico, compositor e articulador cultural, que conta com a ajuda de seus companheiros Fabiano, Michel, Anderson, Denise, Alessandra, Higínio e Rafael.

Projeto Tambor Menino: muita música e danças populares

A Casa de Cultura Tainã foi criada com o objetivo de organizar a comunidade a se ajudar socialmente, buscando soluções para seus próprios problemas. É um espaço cultural que oferece oficinas de música, de danças populares (maracatu) e muitas outras. Há também a Orquestra Tambores de Aço, Projeto Tambor Menino, Biblioteca Lidas e Letras, Informática com software livre que integram o Centro de Convivência e a Cooperativa Toninha.

A casa gera seus próprios recursos através de vendas e produção de instrumentos e de suas apresentações artísticas e culturais. Os interessados em participar, devem escolher uma das atividades e procurar a Casa de Cultura Tainã que fica na rua Inhambu, 645, na Vila Padre Manoel da Nobrega (Praça dos Trabalhadores).

Forno e fogão

Alessandra Manuel

Fátima Aparecida Anário, 46, trabalha como cozinheira no Progen. Moradora do Jardim Londres, no dia 1.º de março de 2004 fará sete anos que ela se dedica ao Projeto.

Fátima trabalha no Projeto Gente Nova oito horas por dia. Ela diz que cozinha de tudo um pouco. Faz bolos, pães, entre outros pratos. Ela aprendeu a cozinhar com sua avó aos nove anos de idade. Aos poucos foi tomando gosto pela arte e hoje se considera cozinheira de forno e fogão.

As vezes, nos finais de semana, Fátima cozinha para fora, em buffets.

Bolo de Fubá

Ingredientes:
1 copo de fubá
3 copos de farinha de trigo
½ copo de açúcar
2 ovos
2 copos de água morna
1 colher e meia de fermento em pó

Modo de fazer:
Misture tudo e leve ao forno por 45 minutos.

De todos os textos elaborados, o 'Casa de Cultura Tainã: opção de cidadania' *(Ver figura 15)* destaca-se por ser o único que, dentre os apresentados na primeira edição, exigiu do repórter um trabalho de entrevista com uma fonte sem vínculo com o Progen, neste caso, o músico e administrador da Tainã, Antônio Carlos Santos Silva. Coube ao repórter deslocar-se até outro bairro, Vila Padre Manoel da Nóbrega, e levantar informações não apenas sobre a história da ONG, mas também, sobre os cursos oferecidos à comunidade em geral, conforme podemos ver a seguir:

50 - Artigo elaborado pela articulista Joseane Queiroz Caetano. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 2.

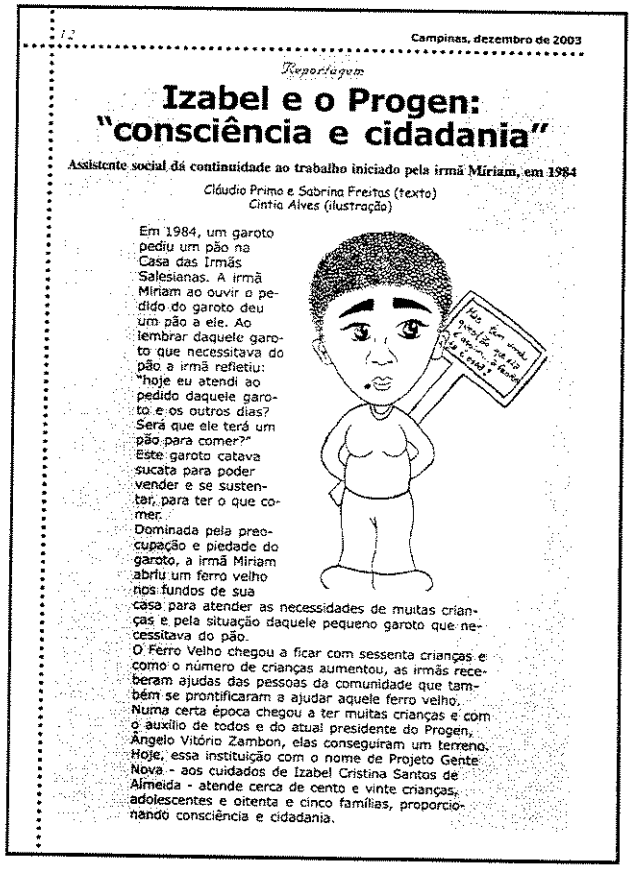
51 - Artigo elaborado pela articulista Luciene dos Santos Alves. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 4.

"A Casa de Cultura Tainã surgiu em 1989. Seu nome em Tupi-guarani significa: *Caminho das Estrelas*. É administrada por Antônio Carlos Santos Silva, 50, músico, compositor e articulador cultural, que conta com a ajuda de seus companheiros Fabiano, Michel, Anderson, Denise, Alessandra, Higinio e Rafael.

A Casa de Cultura Tainã foi criada com o objetivo de organizar a comunidade a se ajudar socialmente, buscando soluções para seus próprios problemas. É um espaço cultural que oferece oficinas de música, de danças populares (maracatu) e muitas outras. Há também a Orquestra Tambores de Aço, Projeto Tambor Menino, Biblioteca Lidas e Letras, Informática com software livre que integram o Centro de Convivência e a Cooperativa Toninha.

A casa gera seus próprios recursos através de vendas de instrumentos e de suas apresentações artísticas e culturais. Os interessados em participar, devem escolher uma das atividades e procurar a Casa de Cultura Tainã que fica na rua Inhambu, 645, na Vila Padre Manoel da Nóbrega (Praça dos Trabalhadores)." **[52]**

Figura 16



12 Campinas, dezembro de 2003

Reportagem

Izabel e o Progen: "consciência e cidadania"

Assistente social dá continuidade ao trabalho iniciado pela irmã Miriam, em 1984

Cláudio Primo e Sabrina Freitas (texto)
Cintia Alves (ilustração)

Em 1984, um garoto pediu um pão na Casa das Irmãs Salesianas. A irmã Miriam ao ouvir o pedido do garoto deu um pão a ele. Ao lembrar daquele garoto que necessitava do pão a irmã refletiu: "hoje eu atendi ao pedido daquele garoto e os outros dias? Será que ele terá um pão para comer?" Este garoto catava sucata para poder vender e se sustentar, para ter o que comer.

Dominada pela preocupação e piedade do garoto, a irmã Miriam abriu um ferro velho nos fundos de sua casa para atender as necessidades de muitas crianças e pela situação daquele pequeno garoto que necessitava do pão.

O Ferro Velho chegou a ficar com sessenta crianças e como o número de crianças aumentou, as irmãs receberam ajudas das pessoas da comunidade que também se prontificaram a ajudar aquele ferro velho.

Numa certa época chegou a ter muitas crianças e com o auxílio de todos e do atual presidente do Progen, Ângelo Vitório Zambon, elas conseguiram um terreno. Hoje, essa instituição com o nome de Projeto Gente Nova - aos cuidados de Izabel Cristina Santos de Almeida - atende cerca de cento e vinte crianças, adolescentes e oitenta e cinco famílias, proporcionando consciência e cidadania.

São três as entrevistas feitas com profissionais ligados ao Progen. A primeira aqui já foi apresentada nesta análise (a da adolescente Mônica Aparecida da Silva). A segunda, intitulada 'Forno e fogão', *(Ver figura 15)* visa, entre outros objetivos, não só apresentar um breve perfil da cozinheira Fátima Aparecida Anário, como também valorizar a auto-estima da entrevistada ao dar a ela um espaço em que possa ser vista e reconhecida pelas pessoas do bairro. O texto é acompanhado de uma receita de bolo de fubá que, segundo as pessoas que circulam pelo Progen, é um dos pratos mais solicitados à Fátima. Eis o texto:

> Fátima Aparecida Anário, 46, trabalha como cozinheira no Progen. Moradora do Jardim Londres, [...] Fátima trabalha no Projeto Gente Nova oito horas por dia. Ela diz que cozinha

52 - Texto elaborado pelo repórter Osmar Hackermann Costa. *In: Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 5.

de tudo um pouco. Faz bolos, pães, entre outros pratos. Ela aprendeu a cozinhar com sua avó aos nove anos de idade. Aos poucos foi tomando gosto pela arte e hoje se considera cozinheira de forno e fogão.

Às vezes, nos finais de semana, Fátima cozinha para fora, em buffets. **[53]**

Outra entrevista, 'Izabel e o Progen: consciência e cidadania', *(Ver figura 16)* começa com a história de criação do Progen, história que a assistente social Izabel conta há 20 anos às crianças e adolescentes que atuam na instituição. A narrativa que os repórteres empregam no texto não tem o tom de entrevista, embora a história por eles narrada seja contada por Izabel. Optamos, aqui, por apresentar trechos do texto, uma vez que uma versão mais completa da história é apresentada neste estudo no item que narra o histórico da instituição. A seguir, trechos da entrevista, que é acompanhada de uma ilustração em que a autora aproveita para satirizar Izabel, que no desenho, segura uma tabuleta com uma frase que é sua 'marca registrada', em todo início de diálogo com os adolescentes: "Mas tem uma questão que ela é assim... a proposta é essa."

Figura 16


8 Campinas, dezembro de 2003

Paródia

Adolescente põe nova letra em música de Sandy e Júnior

Osmar Hackermann Costa

Não dá mais para o povo viver
Está cada vez mais difícil já não posso crer
A violência no país não pára de aumentar
A vontade que eu tenho aqui no peito é lutar
O cheiro de maconha não sai do ar
Até crianças já estão traficando
E bala perdida em todo lugar
Já é hora de estar protestando
Até a lei está do lado de lá
Policiais não estão ajudando
É momento de desabafar
Essa história só está começando
Refrão
Vamos nos conscientizar
Que a lei não vai ajudar
Já é hora de aprender
Desse jeito não dá pra viver

Reportagem

Aluísio Jeremias (à esq.) acompanha oficina de roda de samba no Progen

Rosas de Prata: "Fome zero, criatividade dez"

Ellen Fabíola da Silva
Luciene dos Santos Alves
Mônica Aparecida da Silva

A escola de samba Rosa de Prata foi fundada no dia 10 de Março de 1975 pelo artista plástico Aluísio Jeremias, 63 anos, e primeiro presidente da escola. A Rosas de Prata foi campeã, apenas uma vez no 1º grupo e não se sabe ao certo quantas vezes no 2º grupo. Os recursos que são repassados para a escola vêm da Prefeitura de Campinas, mas com muitas dificuldades.
A própria comunidade participava fazendo as fantasias, hoje as fantasias são feitas pelas pessoas mais ligadas com a escola.
Os ensaios eram feitos onde atualmente é a própria sede da escola.
Este ano, a escola tem como idéia principal o tema: "Fome Zero, Criatividade Dez". A idéia surgiu do próprio Aluísio que se sentiu motivado por algumas coisas que passam na televisão.
Aluísio acredita que é importante, pois o Carnaval consegue juntar todos os tipos de pessoas, independentes de condição social, de religião, de cor ou de opção sexual, coisa que segundo ele nem a própria igreja consegue juntar.

> "Em 1984, um garoto pediu um pão na Casa das Irmãs Salesianas. A irmã Miriam ao ouvir o pedido do garoto [...] refletiu: "hoje eu atendi ao pedido daquele garoto e os outros dias? Será que ele terá um pão para comer?" Este garoto catava sucata para poder vender [...] a irmã Miriam abriu um ferro velho nos fundos de sua casa [...] O Ferro Velho chegou a ficar com sessenta crianças [...] as irmãs receberam ajuda das pessoas [...] conseguiram um terreno. Hoje, essa instituição com o nome de Projeto Gente Nova – aos cuidados de Izabel Cristina Santos de Almeida – atende cerca de cento e vinte crianças, adolescentes e oitenta e cinco famílias, proporcionando consciência e cidadania. **[54]**

---

53 - Texto elaborado pela repórter Alessandra Matiussi. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 5.

54 - Texto elaborado por Cláudio Primo e Sabrina Freitas, com ilustração de Cíntia Alves. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 12.

Há outra entrevista, que, no entanto, segue na esteira de uma atividade feita na Oficina de História Oral. Trata-se da entrevista com o presidente da escola de samba 'Rosas de Prata: Fome zero, criatividade dez', *(Ver figura 17)* em que os repórteres participaram da entrevista e a partir da fala bruta, realizaram um trabalho de edição que evidencia, entre outros elementos, a opinião do entrevistado quando sinaliza que o Carnaval é uma festa democrática, em que todos participam independentemente de credo, opção sexual ou condição social. O entrevistado vislumbra na escola de samba uma possibilidade de agregação jamais vista em outra circunstância. Eis o texto:

> "A escola de samba Rosa de Prata foi fundada no dia 10 de Março de 1975 pelo artista plástico Aluísio Jeremias, 63 anos, e primeiro presidente da escola. A Rosas de Prata foi campeã, apenas uma vez no 1°. grupo e não se sabe ao certo quantas vezes no 2°. grupo.
>
> Os recursos que são repassados para a escola vêm da Prefeitura de Campinas, mas com muitas dificuldades.
>
> A própria comunidade participava fazendo as fantasias, hoje as fantasias são feitas pelas pessoas mais ligadas com a escola.
>
> Os ensaios eram feitos onde atualmente é a própria sede da escola.
>
> Este ano, a escola tem como idéia principal o tema: 'Fome Zero, Criatividade Dez'. A idéia surgiu do próprio Aluísio que se sentiu motivado por algumas coisas que passam na televisão.
>
> Aluísio acredita que é importante, pois o Carnaval consegue juntar todos os tipos de pessoas, independentes de condição social, de religião, de cor ou de opção sexual, coisa que segundo ele nem a própria igreja consegue juntar." **[55]**

Figura 18



Campinas, dezembro de 2003 9

História Oral

"Tinha umbigada a noite inteira"

Nesta página, Aluísio Jeremias, 63 anos, fundador da Escola de Samba Rosas de Prata, fala do Carnaval e do samba à moda antiga. Lembra que os sambas de roda tinham muita umbigada, começavam à noite e só terminavam no dia seguinte. Os trechos aqui reunidos foram extraídos da longa entrevista concedida pelo carnavalesco aos integrantes da Oficina de História Oral, coordenada pelas professoras Olga von Simson e Maria Lúcia Rangel Ricci.

Veja aqui alguns trechos da entrevista:

"E eu tenho esse sonho desde criança. Eu me juntei com esse amigo, o Paulão, em 1972 e a gente vinha tentando fazer a escola, tentando, tentando e não tinha instrumento, não tinh dinheiro, não tinha nada e algumas pessoas até ironizando, ah, isso é conversa..."

* * *

"Saia rodada. E elas, ficavam, as mulheres lá, e os homens, os tocadores aqui, eles vinham, encontravam... era como se fosse uma espécie de bumba meu boi, torcuva, os caras do bumbo torcava aquelas 'nega véia', naquela coisa, eles cantavam os desafios e eles desafiavam. Por exemplo, se tivesse um cara de olho na 'nega' do outro, aí o cara vinha e já aproveitava pra dar uma umbigada."

* * *

"A Rosas de Prata, no passado, era formada por famílias, era uma grande família composta de várias famílias. Mas essa gente saiu...talvez devido a violência, eu não sei, as pessoas se afastaram."

"...eu sempre estive muito ligado à cultura negra, sempre gostei muito, mesmo quando não sabia ler muito, eu vivi muito no meio, quando eu digo culturalmente, o que eu conheço é samba de roda e samba. Se você falar esse negócio de candomblé, de orixá essas coisas, eu sou leigo como a maioria dos brasileiros, sei muito uco, mas o negócio da cultura ra no que se diz carnaval de rua..."

* * *

Rosas do Futuro... então, aí eu comecei, a correr atrás das crianças, arrumei um cara pra dirigir a bateria e começar a treinar os meninos. Como não tinha dinheiro, não tinha recursos, não tinha nada, peguei umas latas, tinha aquelas latas de Sorvete Kibon, essas latas de óleo e botava os meninos pra... E os meninos já tinham talento, foi só organizar, a bateria já começou a engrossar o caldo também."

* * *

"É a mesma coisa só que com uma diferença, eu acho que naquela época tinha pessoas mais competente, hoje a prefeitura bota qualquer um pra julgar. Então existe muita injustiça, nunca houve tanta injustiça como tá existindo ultimamente. Acho que é interesse político, ele próprio teve lá, não foi jurado, mas ficou..."

* * *

"É que eu amo esse negócio de escola de samba, não tem como. Depois da minha família, a coisa que eu mais amo é esse negócio... mas com o carnaval em si eu tô um pouco decepcionado, mas eu amo mais é a Rosas de Prata, só me interessa a Rosas de Prata, o resto..."

O assunto tem continuidade na página seguinte, em que, a partir do relato feito por Aluísio Jeremias, na Oficina de História Oral, selecionamos alguns trechos que nos permitem compreender melhor como era o Carnaval, por volta de 1970, na Vila Castelo Branco.

---

55 - Texto elaborado pelas repórteres Ellen Fabíola da Silva, Luciene dos Santos Alves e Mônica Aparecida da Silva. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 8.

O entrevistado lembra que as raízes do samba campineiro eram samba de roda e que tinha muita umbigada, que começava à noite e só terminava na manhã do dia seguinte. Em 'Tinha umbigada a noite inteira' *(Ver figura 18)* reunimos os seguintes trechos:

> "E eu tenho esse sonho desde criança. [...] a gente vinha tentando fazer a escola, tentando, tentando e não tinha instrumento, não tinha dinheiro, não tinha nada e algumas pessoas até ironizando, ah, isso é conversa [...]
> E elas, ficavam, as mulheres lá, e os homens, os tocadores aqui, eles vinham, encontravam... era como se fosse uma espécie de bumba meu boi, toureava, os caras do bumbo toureava aquelas 'nega véia', naquela coisa, eles cantavam os desafios e eles desafiavam. Por exemplo, se tivesse um cara de olho na 'nega' do outro, aí o cara vinha e já aproveitava pra dar uma umbigada.[...]
> A Rosas de Prata, no passado, era formada por famílias, [...] Mas essa gente saiu...talvez devido a violência, eu não sei, as pessoas se afastaram.
> [...] eu sempre estive muito ligado à cultura negra [...] quando eu digo culturalmente, o que eu conheço é samba de roda e samba. Se você falar esse negócio de candomblé, de orixá essas coisas, eu sou leigo como a maioria dos brasileiros, sei muito pouco, mas o negócio da cultura negra no que se diz carnaval de rua. [...]
> "A Rosas do Futuro... então, aí eu comecei, a correr atrás das crianças, arrumei um cara pra dirigir a bateria e começar a treinar os meninos. Como não tinha dinheiro, não tinha recursos, não tinha nada, peguei umas latas, tinha aquelas latas de Sorvete Kibon, essas latas de óleo e botava os meninos pra... E os meninos já tinham talento, foi só organizar, a bateria já começou a engrossar o caldo também.[...]
> É a mesma coisa só que com uma diferença, eu acho que naquela época tinha pessoa mais competente, hoje a prefeitura bota qualquer um pra julgar. Então existe muita injustiça, nunca houve tanta injustiça como tá existindo ultimamente. Acho que é interesse político.[...]
> É que eu amo esse negócio de escola de samba, não tem como. Depois da minha família, a coisa que eu mais amo é esse negócio... mas com o carnaval em si eu tô um pouco decepcionado, mas eu amo mais é a Rosas de Prata, só me interessa a Rosas de Prata, o resto..." **[56]**

Os trechos apresentados são ilustrados com clipartes, *(Ver figura 18)* o que denota uma liberdade bastante vista em produções de fanzines e outras publicações marginais. Os clipartes são desenhos/artes produzidos para ilustrar publicações impressas e home-pages. Muitos são oferecidos em pacotes

56 - Texto editado pelo coordenador da Oficina de Jornalismo, Amarildo Carnicel, a partir de depoimento concedido por Aluísio Jeremias na Oficina de História Oral. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1 - p. 9.

Figura 19



Campinas, dezembro de 2003 — Fotografia — Campinas, dezembro de 2003

Um CLICK no bairro

Os jovens são os FOTÓGRAFOS

As páginas centrais do *Conexão Jovem* mostram um pouco ur pouco daquilo que os adolescentes do Progen assimilaram durante a Oficinas de Fotografia, coordenada pela jornalista Faana Bruno. As legendas aqui apresentadas também foram feitas pelos fotógrafos, configurando um jogo de texto e imagen que revela o olhar desses jovens sobre o local onde vivem.

Infância jamais esquecida (Cintia)

Nas ruas das praças (Rogério)

Igreja de Guadalup Carlos Henrique)

O esporte é bom pra saúde (Sabrina)

Horta cultivada no Progen: todos os dias é tratada (José Augusto)

Grupo de senhoras pintam pano de prato (Jonathan Ribeiro)

Esta imagen representa a vida (Audio)

Igreja de Guadalupe: grupo de senhoras (Rogério)

Lugar de lazer: piscina da Praça dos Trabalhadores (Osmar)

A força positiva da Igreja Católica: imagens de anjos simbolizam a paz e a harmonia que devem estar presentes na vida do ser humano (Cláudio)

Árvores: Praça dos Trabalhadores (Vinicius)

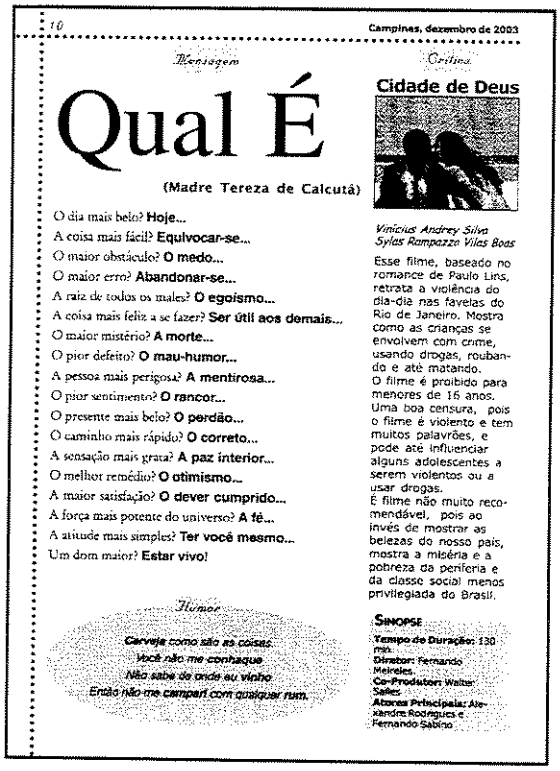
de softwares e, por isso, são reproduzidos, muitas vezes, inadvertidamente em larga escala, o que faz dessa produção uma arte de segunda categoria. Há, entretanto, os clipartes produzidos por agências especializadas. Essa produção, cuja tabela de preço varia muito, dependendo da agência e do cliente, é valorizada e reconhecida no mercado das artes gráficas. Os clipartes a que nos referimos (os usados no *Conexão Jovem*) estão disponibilizados em menus de softwares e por isso desprezados pelas publicações de médias e grandes empresas publicadoras de jornais e revistas.

As páginas centrais da edição, apresentadas sob o título 'Um click no bairro: os jovens são os fotógrafos' *(Ver figura 19)* tornaram-se uma espécie de vitrine para apresentação dos resultados da Oficina de Fotografia. **[57]** Conjugadas com legendas, as fotos configuram um jogo de texto e imagem que revela o olhar desses jovens sobre o local onde vivem. As imagens denotam a preocupação de valorização de aspectos positivos da comunidade. Assim, foram registradas imagens como a Igreja de Guadalupe, denotando a valorização do local pela imponência

57 - A Oficina de Fotografia na Vila Castelo Branco foi coordenada pela jornalista Fabiana Bruno. A relação entre a Oficina de Fotografia e o Jornalismo é objeto de análise neste estudo no capítulo 3.

e grandiosidade da edificação; o grupo de senhoras em atividades artesanais em espaço da igreja, denotando a importância da atividade produtiva de pessoas com idade avançada; da horta do Progen, mostrando o resultado de um trabalho coletivo das crianças da instituição; e da piscina, quadra de esportes e pequeno bosque da Praça dos Trabalhadores, entre outras. São imagens positivas produzidas espontaneamente. Aspectos negativos como buracos na rua, praças mal cuidadas ou esgoto a céu aberto, por iniciativa dos próprios jovens, não foram captados pelas câmeras fotográficas. O que denota o reflexo de discussão realizada na Oficina de Jornalismo Comunitário quando os participantes não se identificam com os jornais locais (*Correio Popular e Diário do Povo*) que publicam somente assuntos que denigrem a imagem de regiões periféricas, cuja condição social é menos favorecida. Não raro, são regiões esquecidas pelo poder público.

Figura 20



10 Campinas, dezembro de 2003

Mensagem

Qual É

(Madre Tereza de Calcutá)

O dia mais belo? **Hoje...**
A coisa mais fácil? **Equivocar-se...**
O maior obstáculo? **O medo...**
O maior erro? **Abandonar-se...**
A raiz de todos os males? **O egoísmo...**
A coisa mais feliz a se fazer? **Ser útil aos demais...**
O maior mistério? **A morte...**
O pior defeito? **O mau-humor...**
A pessoa mais perigosa? **A mentirosa...**
O pior sentimento? **O rancor...**
O presente mais belo? **O perdão...**
O caminho mais rápido? **O correto...**
A sensação mais grata? **A paz interior...**
O melhor remédio? **O otimismo...**
A maior satisfação? **O dever cumprido...**
A força mais potente do universo? **A fé...**
A atitude mais simples? **Ter você mesmo...**
Um dom maior? **Estar vivo!**

Humor

Carvoeiro como são as coisas
Você não me conhaque
Não sabe de onde eu vinho
Então não me campari com qualquer rum.

Crítica

Cidade de Deus

Vinicius Andrey Silva
Sylas Rampazze Vilas Boas

Esse filme, baseado no romance de Paulo Lins, retrata à violência do dia-dia nas favelas do Rio de Janeiro. Mostra como as crianças se envolvem com crime, usando drogas, roubando e até matando.
O filme é proibido para menores de 16 anos. Uma boa censura, pois o filme é violento e tem muitos palavrões, e pode até influenciar alguns adolescentes a serem violentos ou a usar drogas.
É filme não muito recomendável, pois ao invés de mostrar as belezas do nosso país, mostra a miséria e a pobreza da periferia e da classe social menos privilegiada do Brasil.

Sinopse

Tempo de Duração: 130 min.
Diretor: Fernando Meireles.
Co-Produtor: Walter Salles.
Atores Principais: Alexandre Rodrigues e Fernando Sabino

A crítica de cinema é um espaço pensado no sentido de fazer com que o jovem assista a um filme com senso crítico que supera o de um espectador comum. O responsável pela crítica deve observar mais atentamente e por meio de um texto breve transmitir sua opinião, sua análise sobre o conteúdo do filme. *Cidade de Deus, (Ver figura 20)* pela proximidade do assunto com o mundo em que vivem (é significativa a presença de adolescentes no filme dirigido por Fernando Meireles) foi a produção escolhida. Acompanhado de uma sinopse com créditos e tempo de duração, a crítica foi assim apresentada:

> "Esse filme, baseado no romance de Paulo Lins, retrata a violência do dia-dia nas favelas do Rio de Janeiro. Mostra como as crianças se envolvem com crime, usando drogas, roubando e até matando.
>
> O filme é proibido para menores de 16 anos. Uma boa censura, pois o filme é violento e tem muitos palavrões, e pode até influenciar alguns adolescentes a serem violentos ou a usar drogas.
>
> É filme não muito recomendável, pois ao invés de mostrar as belezas do nosso país, mostra a miséria e a pobreza da periferia e da classe social menos privilegiada do Brasil." **[58]**

58 - Crítica de cinema feita pelos críticos Vinícius Andrey Silva e Sylas Rampazzo Villas Boas. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2003, n. 1, p. 10.

Lendo o texto fica claro que os autores assumem uma postura crítica em relação ao que o filme exibe: miséria e violência. Lamentam que as belezas do Brasil, aquelas que deveriam compor o verdadeiro cartão postal do país, ficaram em segundo plano.

Na seqüência, encontramos outras três seções, aparentemente ingênuas, que dificilmente teriam espaço em veículo de médio porte. 'Mensagem', 'Humor' e 'Paródia' permitem aos jovens transmitir conteúdos muitas vezes encontrados em livretos dirigidos (religiosos), na internet ou em publicações baratas adquiridas em bancas de jornais e revistas.

A mensagem escolhida foi 'Qual É', de Madre Tereza de Calcutá: *(Ver figura 20)*

"O dia mais belo? *Hoje...*
A coisa mais fácil? *Equivocar-se...*
O maior obstáculo? *O medo...*
O maior erro? *Abandonar-se...*
A raiz de todos os males? *O egoísmo...*
A coisa mais feliz a se fazer? *Ser útil aos demais...*
O maior mistério? *A morte...*
O pior defeito? *O mau-humor...*
A pessoa mais perigosa? *A mentirosa...*
O pior sentimento? *O rancor...*
O presente mais belo? *O perdão...*
O caminho mais rápido? *O correto...*
A sensação mais grata? *A paz interior...*
O melhor remédio? *O otimismo...*
A maior satisfação? *O dever cumprido...*
A força mais potente do universo? *A fé...*
A atitude mais simples? *Ser você mesmo...*
Um dom maior? *Estar vivo!"* **[59]**

Na mesma página um espaço para o humor. *(Ver figura 20)* Fazendo uso de palavras que denominam bebida alcoólica, são criadas frases em que substantivos substituem verbos ou expressões. A palavra 'cerveja' transmite a idéia de 'você veja'; 'conhaque', no sentido de 'conhece'; 'vinho', indica 'vim', 'campari', no sentido de 'compare' e 'rum', substitui a palavra 'um'. Assim, o trocadilho apresenta-se da seguinte forma:

59 - Texto publicado a partir de colaboração de Osmar Hackermann Costa. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 10.

"*Cerveja* como são as coisas.
Você não me *conhaque*
Não sabe de onde eu *vinho*
Então não me *campari* com qualquer *rum.*" **[60]**

Das três seções aparentemente mais ingênuas, a 'Paródia' foi a que teve maior repercussão, causando apreensão e, levando também a uma reflexão sobre a conduta dos trabalhos caso houvesse continuidade no ano seguinte, uma vez que a presente edição, conforme já foi dito, foi publicada em dezembro de 2003. Antes da análise, convém apresentar a íntegra da paródia feita por um adolescente, a partir de composição gravada pela dupla Sandy & Júnior: *(Ver figura 17)*

"Não dá mais para o povo viver
Está cada vez mais difícil já não posso crer
A violência no país não pára de aumentar
A vontade que eu tenho aqui no peito é lutar
O cheiro de maconha não sai do ar
Até crianças já estão traficando
É bala perdida em todo lugar
Já é hora de estar protestando
Até a lei está do lado de lá
Policiais não estão ajudando
É momento de desabafar
Essa história só está começando
Refrão
Vamos nos conscientizar
Que a lei não vai ajudar
Já é hora de aprender
Desse jeito não dá prá viver!" **[61]**

Segundo o autor da paródia, após a publicação do jornal, ele foi abordado inúmeras vezes por pessoas que queriam fazer comentários sobre o fanzine. Sobre a paródia, especificamente, ele relata o caso de uma senhora que solicitou que cantasse a música, com a nova letra, para que ela

---

60 - Texto publicado a partir de colaboração de Osmar Hackermann Costa. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 10.

61 - Composição elaborada por Osmar Hackermann Costa. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 8.

ensinasse sua filha. Entretanto, nem todas as abordagens foram 'tranqüilas'. O adolescente relata uma situação, no mínimo, preocupante. Segundo ele, numa das vezes em que deixava o Progen com destino à sua casa, um jovem (certamente um agente do tráfico de drogas) o interceptou transmitindo o seguinte recado: que a Vila Castelo Branco é local de maconha e de bala perdida e que, se ele estivesse incomodado deveria deixar o bairro e mudar-se para outra região.

O assunto foi tema de discussão em encontro da Oficina de Jornalismo Comunitário realizada no ano seguinte. Osmar manteve firme a posição de não se intimidar, afirmando que aquele tipo de ameaça não calaria sua boca. Entretanto, deixamos claro que, de nossa parte, jamais produziríamos um jornal que pudesse expor à ameaças a integridade física e moral de nossa equipe de trabalho e que, a partir daquele episódio, caso mantivéssemos a continuidade da atividade, não entraríamos nesse embate. Embora a contestação, ao lado da reivindicação, seja um dos alicerces da mídia comunitária, consideramos que poderíamos fazer do jornal um espaço que abordasse com maior ênfase os aspectos positivos relacionados à comunidade.

Fazendo uma análise desta primeira edição, verifica-se um alto percentual de artigos produzidos pelos adolescentes. Se excluirmos o editorial, a paródia, as seções de crítica de cinema, de mensagem, de humor, de poesia, de trechos extraídos das entrevistas de História Oral e também a produção fotográfica que ocupa as duas páginas centrais, o número de textos apresentados chega a um total de onze. Destes, cinco são entrevistas e seis são artigos, ou seja, 54,5% da produção dizem respeito a conteúdo opinativo, interpretativo, que não requer a presença de um interlocutor, neste caso, um entrevistado, para a elaboração do texto.

Há outro fato a ser destacado, das cinco entrevistas realizadas, apenas uma foi feita além dos muros do Progen: a matéria sobre a Casa de Cultura Tainã. Três entrevistas foram feitas com pessoas da própria instituição (foram entrevistadas a adolescente Mônica, a cozinheira Fátima e a coordenadora Izabel). A entrevista feita com o presidente da escola de samba Rosas de Prata, Aluísio Jeremias, foi realizada no prédio do Progen e organizada pela Oficina de História Oral, ou seja, teve outra motivação além da do jornalismo.

O quadro mostra que nesta primeira edição, **[62]** apesar da grande produtividade, os adolescentes, embora bastante empenhados, demonstraram certa inibição diante do novo, do desconhecido. A situação e o desafio eram novos. Não tinham noção de como seria materializada aquela produção,

---

62 - Participaram da primeira edição os seguintes adolescentes: Carlos H. Anizau, Cláudio H. Primo, Ellen F. Silva, Jonathan C. Ribeiro, José C. Neto, Luciene Alves, Mônica A. Silva, Sabrina K. Freitas, Sylas Villas Boas, Vinícius A. Silva, Alessandra Matiussi, Cíntia A. Viana, Crisleine M. Soares, Gustavo O. Santos, Hosana G. Ramos, Jonathan E. Santos, José A. Coelho, Joseane Q. Caetano, Osmar H. Costa, Renato H. Morais, Wellington C. Oliveira, Rogério dos Santos e Diego Ribeiro.

que, para eles, num primeiro momento, poderia ter como espaço as páginas de uma brochura, muito parecida com um caderno. Somente com a edição em mãos, perceberam que a materialização daquela produção em nada se assemelhava à prática vivida por eles no período da manhã quando realizaram seus 'deveres' em sala de aula.

Mais uma vez, os textos passaram por um processo de correção e alguns ganharam fluência a partir do 'relatório', das informações colhidas pelos 'repórteres'. A edição gratuita (financiada por um vereador) foi distribuída em pontos de grande concentração/circulação de pessoas, como posto de saúde, escolas, ONGs e estabelecimentos comerciais. Cabe esclarecer que o auxílio oferecido pelo vereador não significou o compromisso de propaganda política, o popular 'toma lá, dá cá'. Mesmo em sendo um ano de eleição, não publicamos uma nota sobre o referido político que era naquele ano (2004) candidato à reeleição.

CAPÍTULO 5

NAS ENTRELINHAS DAS PUBLICAÇÕES - II

AS DEMAIS EDIÇÕES – Conforme já mencionamos, o que se pretende, a partir de agora, é apresentar as demais edições sem a preocupação de fazer detalhamento de todo o conteúdo. Serão apresentados e analisados os conteúdos que julgarmos mais relevantes, seja pela evolução da produção dos adolescentes, seja pela criação de novas seções. Carga informativa, criatividade, desprendimento, iniciativa por parte dos adolescentes são alguns dos fatores decisivos nessa escolha. Também serão considerados, exemplificados e explicados aspectos relacionados ao projeto gráfico da publicação.

A partir da perspectiva de elaboração da segunda edição, o trabalho ganhou dinâmica diferente daquela até então registrada na produção anterior. Se, nas atividades que culminaram com a criação/primeira edição do *Conexão Jovem,* todos os adolescentes participaram indistintamente de todas as oficinas promovida pelo CMU, a partir da decisão de continuidade do trabalho, a participação foi totalmente voluntária. Do grupo inicial de 23 adolescentes **[1]** envolvidos na primeira edição, 18 conseguiram emprego e apenas cinco permaneceram nas oficinas. **[2]** Outros cinco, **[3]** também integrantes do Progen, animados com o resultado da primeira edição, incorporaram-se ao grupo.

A manutenção do trabalho, dependia, entretanto, de um aporte financeiro. O custo de produção de um jornal como o *Conexão Jovem* no. 1 (compreende-se aí elaboração de fotolito e impressão de 1.000 exemplares) foi de R$ 480,00, **[4]** montante que foi custeado pela Presidência da Câmara Municipal de Campinas. Embora não seja recomendável o vínculo de um jornal comunitário a interesses políticos, o alto custo de produção – a previsão orçamentária do Progen não contempla gastos dessa natureza – nos levou a solicitar novo auxílio à Presidência do Legislativo de Campinas. Coube ao Progen fazer o contato e o agendamento de uma reunião na sede do órgão,

---

1 - Participaram da primeira edição os seguintes adolescentes: Carlos H. Anizau, Cláudio H. Primo, Ellen F. Silva, Jonathan C. Ribeiro, José C. Neto, Luciene Alves, Mônica A. Silva, Sabrina K. Freitas, Sylas Villas Boas, Vinícius A. Silva, Alessandra Matiussi, Cíntia A. Viana, Crisleine M. Soares, Gustavo O. Santos, Hosana G. Ramos, Jonathan E. Santos, José A. Coelho, Joseane Q. Caetano, Osmar H. Costa, Renato H. Morais, Wellington C. Oliveira, Rogério dos Santos e Diego Ribeiro.

2 - Permaneceram na equipe para a elaboração da segunda edição os seguintes adolescentes: Luciene Alves, Vinícius A. Silva, Cíntia A. Viana, Osmar H. Costa e Rogério dos Santos.

3 - Integraram-se à equipe os seguintes adolescentes: Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Amanda Cristina de Oliveira, Hugo Marcelino e Natalie Iara dos Santos.

4 - Há outros itens que pesam no orçamento de uma publicação, como filmes fotográficos, revelação e ampliação de fotos, suprimentos de informática (papel disquete, CD-ROMs e toner e cartuchos para impressoras). Esses gastos foram absorvidos pelo CMU, a partir de verba liberada pela Fapesp para o desenvolvimento do projeto. Devemos informar, também, que a Pró-reitoria de Pesquisa da PUC-Campinas disponibilizou filmes fotográficos a partir do segundo semestre de 2005.

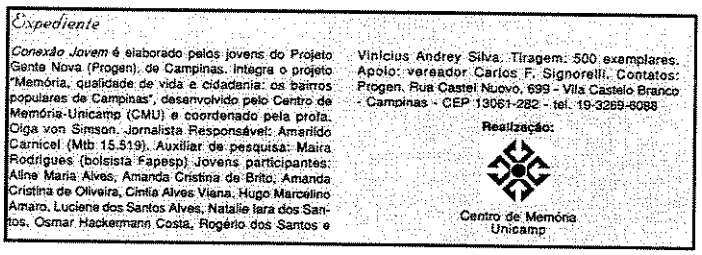
instalado no Palácio dos Jequitibás, edifício onde está instalada a Prefeitura Municipal de Campinas. Na retomada de contato, ainda por telefone, a Presidência da Câmara, satisfeita com resultado da primeira edição, sinalizou com a possibilidade de patrocinar mais três edições.

Neste sentido, foi marcada uma reunião, em fevereiro de 2004, em que estariam presentes o assessor da Presidência da Câmara, Arnaldo Valentim da Silva, o jornalista Amarildo Carnicel e os adolescentes. Fomos à reunião levando duas propostas. A primeira dizia respeito às condições por nós impostas para a concordância com o patrocínio/apoio cultural; a segunda sobre a possibilidade de ampliação do número de edições.

Na primeira proposta, expusemos ao assessor que o apoio seria bem vindo desde que não tivéssemos, a título de contrapartida, de fazer do *Conexão Jovem* um espaço eleitoreiro a serviço do vereador e presidente da Câmara, Carlos F. Signorelli, uma vez que naquele ano (2004), seriam realizadas eleições municipais (prefeito e vereadores) e ele, Signorelli, já era declaradamente candidato à reeleição. A exposição e a argumentação das idéias ficaram por conta dos adolescentes. O assessor ouviu as ponderações e manteve postura semelhante àquela apresentada na primeira edição, ou seja, ofereceria o apoio cultural deixando a contrapartida por nossa conta. Assim, acordamos que, mesmo em se tratando de ano político, a retribuição não iria além do registro de 'Apoio' mencionado entre as informações contidas no expediente.

(Ver figura 1) Esse foi o procedimento em todas as edições, inclusive nas de agosto e setembro, meses próximos à data das eleições, ocorridas em outubro.

Figura 1



Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Auxiliar de pesquisa: Maira Rodrigues (bolsista Fapesp). Jovens participantes: Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Amanda Cristina de Oliveira, Cintia Alves Viana, Hugo Marcelino Amaro, Luciene dos Santos Alves, Natalie Iara dos Santos, Osmar Hackermann Costa, Rogério dos Santos e Vinicius Andrey Silva. Tiragem: 500 exemplares. Apoio: vereador Carlos F. Signorelli. Contatos: Progen, Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel. 19-3269-6088

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Acertadas as condições, expusemos, então, a segunda proposta. A partir da oferta de patrocínio de três números semelhantes ao da primeira à primeira edição (12 páginas, 1.000 exemplares), propusemos um aumento do número de edições (seis em vez de três), compensando a diferença com a redução do número de páginas e de tiragem. A argumentação foi a seguinte: para efeito de incorporação do jornal junto à comunidade, a predominância é mais eficaz que a quantidade, ou seja, seis edições com 500 exemplares têm melhor resultado do que três edições com 1.000. Embora a quantidade de exemplares seja semelhante (3 edições de 1.000 exemplares ou 6 edições de 500 equivalem igualmente a 3.000 exemplares) e o número de páginas reduzido de 12 para 8, o veículo, pela freqüência de publicação, chega, portanto, mais vezes às mãos da comunidade. Supõe-se que o leitor se acostume com a publicação, incorpore-a à sua rotina e comece a sentir falta do veículo. Feita a argumentação, a resposta, segundo o assessor Arnaldo Valentim da Silva, seria dada em dez dias. Passado o período, recebemos a confirmação de aceite da proposta e a sinalização positiva para o início dos trabalhos.

Iniciamos, então, os preparativos para as edições subseqüentes. Transmitimos ao novo grupo as fundamentações sobre a prática do jornalismo (definições, questões éticas, liberdade de escolha de funções etc.). Fize-

mos uma análise da primeira edição e concluímos, entre outros resultados, que a produção de reportagens foi muito discreta e que a produção de artigos teve predominância muito significativa, chegando a 54,5% do total de textos (considerando entrevistas e artigos).**[5]** Mencionamos que a quase totalidade das entrevistas produzidas foi feita com pessoas ligadas ao Progen, algo que não deveria se repetir na segunda edição, uma vez que o *Conexão Jovem* foi concebido como um veículo para a comunidade da Vila Castelo Branco e imediações e não como um jornal interno, um *house-organ* que ficasse fazendo propaganda do Progen para a comunidade. Todos se conscientizaram da importância de publicar assuntos de interesse da comunidade e que, para que isso se efetivasse, haveria a necessidade de incorporação de algumas qualidades de um bom repórter, como desinibição e persistência. Falamos da importância de uma postura ética e dos riscos que os adolescentes corriam de serem instrumentalizados por pessoas que pudessem fazer do *Conexão Jovem* um trampolim que visasse interesses pessoais. Falamos da necessidade de compromisso com a verdade. Apesar das recomendações, a conduta por nós mantida esteve sempre pautada pela prática da educação não-formal, como liberdade de escolha de pauta ou função a ser desempenhada; respeito às limitações e bagagem cultural dos adolescentes; ausência de cobranças e de repreensões. Em suma, a atividade deveria ser feita com prazer. Para melhor organização e compreensão do conteúdo a ser apresentado, optamos por apresentá-lo em tópicos como 'Reunião de pauta', 'Artigos', 'Ilustrações', 'Carta do leitor', 'Edição' etc.

Reunião de pauta – Iniciamos a apresentação desse capítulo mencionando a importância da reunião de pauta, o momento em que começa a ser gerada a edição do jornal. Preocupados sempre em explicar cada uma das etapas da produção jornalística, evidenciamos que a reunião de pauta, além de elencar os temas que poderão ser transformados em matéria, serve, também, para organizar o trabalho. A *Folha de S. Paulo* define dessa forma o termo em seu *Novo manual da redação* (1992: 39):

> "É o primeiro roteiro para a produção de textos jornalísticos e material iconográfico. Deve conter sempre uma hipótese a ser confirmada ou refutada, uma questão principal a ser respondida. Já a partir da pauta é possível prever títulos prováveis."

A definição do termo na quase totalidade da bibliografia disponível abriga sempre a palavra 'roteiro', ou seja, parte-se de alguma premissa, de algum rumor, de algum fato para, a partir dele, direcionar a realização de um trabalho. Esse roteiro, contudo, não pode ser tomado como uma camisa de força. Deve

5 - Este percentual foi obtido por meio de uma contagem simples do número absoluto de reportagens e artigos. Não consideramos nesta avaliação o tamanho desses artigos ou reportagens, ou seja, não foi feita uma medição de centímetros por coluna.

servir como indicação ou sugestão, conforme defendem RABAÇA e BARBOSA (1995: 451):

> "A Pauta não é normativa, não estipula uma linha de ação a ser obrigatoriamente seguida: é uma tentativa de orientar e dirigir metodicamente o trabalho do repórter, dentro dos parâmetros que possam ser previstos. Caso ocorra algum detalhe importante como notícia e não previsto na pauta, esta não impede, obviamente, que a reportagem seja desviada para outros ângulos. Podem estar contidos numa pauta, além do resumo do assunto, o tratamento que deve ser dado à matéria, uma sugestão de lide, perguntas para os entrevistados, nomes, endereços e telefones de possíveis informantes etc".

O tratamento e o enfoque a ser dado nas matérias foram sempre temas presentes nos trabalho junto aos adolescentes. Levantar assuntos, organizar as atividades, mostrar o caminho a ser seguido sem ferir a liberdade de escolha pautaram sempre as atividades. De todas as reuniões de pauta realizadas, podemos destacar uma em que um acirrado debate com suposições, acusações e ponderações determinaram a forma de conduta.

Durante uma reunião de pauta, discutimos sobre a viabilidade de cobertura de um almoço do dia das mães. Na ocasião, houve um fato que deve ser registrado: a percepção por parte de alguns adolescentes de que havia, por trás da realização do evento, interesses políticos já que o almoço seria promovido por um suposto candidato a vereador, a quatro meses das eleições para prefeito e vereadores. Alguns adolescentes defenderam a não realização da matéria, alegando que o *Conexão Jovem* não deveria ser instrumentalizado por um candidato à vaga na Câmara Municipal de Campinas. Outros adolescentes, embora concordassem em não fazer do fanzine um canal para facilitar interesses políticos, ponderaram que o almoço não deixaria de ser um evento que estava quebrando a rotina do bairro. Por conta disso, constituía-se em um fato jornalístico e, portanto, deveria ser noticiado. Após a discussão com argumentos favoráveis e contrários, decidiu-se pela cobertura e inclusão da reportagem desde que o texto abordasse o fato sem mencionar o nome do candidato que estava por trás da realização do evento, conforme podemos verificar na reportagem 'Almoço marca o dia das mães e supera expectativas' *(Ver figura 2)*:

> "No último dia 9 de maio foi realizada na Escola Padre Francisco Silva uma festa em comemoração ao Dia das Mães. 'Num primeiro momento imaginamos reunir cerca de 30 mães, mas quando faltava uma semana o número de convidados estava próximo de 300 pessoas', conta Doraci Teresa de Moraes Patrocínio, uma das organizadoras do evento.
>
> Participaram do Almoço do Dia das Mães moradores da Vila Castelo Branco e de bair-

ros vizinhos. A festa, além de sorteios, foi animada com grupo de pagode gospel. Fotógrafos e cinegrafistas registraram todos os detalhes de um dia muito especial para as mães da comunidade. A festa teve a colaboração de comerciantes, entidades e moradores da Vila Castelo Branco, Vila Padre Manoel da Nóbrega e Jardim Londres." **[6]**

Figura 2



Campinas, maio/junho de 2004 3

Reportagem

Encontro reuniu cerca de 300 pessoas

Almoço marca o dia das

MÃES

e supera expectativas

Texto e fotos: Amanda Cristina de Oliveira

No último dia 9 de maio foi realizada na Escola Padre Francisco Silva uma festa em comemoração ao Dia das Mães. "Num primeiro momento imaginamos reunir cerca de 30 mães, mas quando faltava uma semana o número de convidados estava próximo de 300 pessoas", conta Doraci Teresa de Moraes Patrocinio, uma das organizadoras do evento.

Comida à vontade

Participaram do Almoço do Dia das Mães moradores da Vila Castelo Branco e de bairros vizinhos. A festa, além de sorteios, foi animada com grupo de pagode gospel. Fotógrafos e cinegrafistas registraram todos os detalhes de um dia muito especial para as mães da comunidade. A festa teve a colaboração de comerciantes, entidades e moradores da Vila Castelo Branco, Vila Padre Manoel da Nóbrega e Jardim Londres.

Opinião

Ler é estimulante

Texto: *Vinícius Andrey Silva*
Ilustração: *Amanda Cristina de Oliveira*

Ler é essencial. Nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura de livros. Através da leitura testamos os nossos próprios valores e experiências. No final de cada livro ficamos enriquecidos com novas experiências, novas idéias e novas pessoas.

Ler, às vezes, pode ser cansativo e até dar sono, mas se você se envolver com o livro e com o tema vai ver que ler um livro pode ser muito mais legal que ver um filme ou assistir TV. O livro nos fornece muitas informações e nos ajuda com pesquisas e trabalhos escolares. Ler é estimulante. Tal como as pessoas, os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, e, às vezes, complicados. Os livros partilham sentimentos, pensamentos e interesses. Os livros nos colocam em outros tempos, outros lugares, outras culturas. Os livros nos colocam em situações e dilemas que nós nunca poderíamos imaginar que encontrássemos. Os livros nos ajudam a sonhar e nos fazem pensar. Muitas vezes um livro tem que ser lido mais de uma vez. Uma primeira leitura superficial e relaxada nos impedem de entender certas abordagens sobre um tema. Uma leitura mais lenta e detalhada, sim, é o ideal para um bom entendimento. Todo o leitor tem a sua abordagem individual mas o melhor método, sem dúvida, de extrair o máximo de um livro é lê-lo várias vezes.

O texto limita-se, portanto, a narrar o fato. Essa percepção por parte de alguns adolescentes, segundo alguns pesquisadores, denota a preocupação em preservar liberdade de ação e, principalmente, de expressão. Coube aos adolescentes não permitirem que lideranças do bairro ou externas a ele, fizessem do jornal, trampolim para satisfação de interesses pessoais, conforme lembram CALLADO e ESTRADA (1986: 55): "A tentação do brilho pessoal tem que ser afastada". Neste sentido interroga KOSHIAMA (s/d: 3): "Até que ponto uma imprensa atende a totalidade dos interesses de uma comunidade ou atende a interesses de classes participantes de uma comunidade?" Dessa forma, conforme já mencionamos, coube ao jornalista que coordena a oficina, juntamente com os adolescentes, debater o assunto e não abrir precedente para que o veículo fosse instrumentalizado por pessoas ou segmentos cujos interesses se sobrepusessem aos da comunidade.

Embora permitisse organizar as atividades, a reunião de pauta acaba por provocar um certo acomodamento nos adolescentes. Devemos admitir, neste momento, que a quase totalidade dos temas transformados em notícia, surgiu após constante e exaustiva conversa em busca desses assuntos. Muitos desses adolescentes são meros cumpridores de pautas – pouco ou quase nada sugerem. Nesse trabalho de prospecção de assuntos, em muitas situações, cabe ao coordenador das atividades fazê-los enxergar algo, muitas vezes, bastante nítido. Isso revela, portanto, uma certa passividade presente em qualquer atividade nessa natureza, conforme alerta KOTSCHO (1995: 11)

"O crescimento dos jornais e das redações tornou necessária a instituição da pauta,

6 - Reportagem e fotos de Amanda Cristina de Oliveira. In: *Conexão Jovem*. Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 3.

principal elo de ligação entre a produção e a edição das matérias. Em outras palavras, era preciso organizar a bagunça para saber quem estava fazendo o quê. Mas se a pauta serviu para organizar e planejar melhor o jornal, de outro lado levou à acomodação do repórter, que aos poucos foi-se tornando uma figura passiva no processo, mero cumpridor de ordens cada vez mais detalhadas distribuídas pelas chefias."

Na contramão dessa passividade, devemos ressaltar, também, a produção espontânea, aquela que, sem a necessidade de sugestão de pauta, chega pronta (texto e foto), o que denota iniciativa por parte do adolescente. É o que chamamos, muitas vezes, de 'faro jornalístico' em que a pessoa envolvida se dá conta da importância do fato e, mesmo sem consulta, sabe que o material será aproveitado numa das páginas da edição. Foi que constatamos no texto sob o título 'Caminhada pela paz' *(Ver figura 3)* em que a adolescente vai além da condição de participante e torna-se agente responsável pelo registro textual e imagético do fato.

Figura 3



4 Campinas, abril de 2004

Cidadania

Ontem alunos, hoje instrutores

Texto: *Profa. Regina Helena Castelani Barbarini* - Foto: *Aline Alves*

Informática na escola? Isso mesmo. Na E. E. Professor Antônio Fernandes Gonçalves tem. Já acontece há três anos, a princípio só para os alunos das quartas séries que participavam uma vez por semana. Sempre foi um sonho da escola que todos os alunos tivessem a oportunidade de tocar num computador e ter noções de informática.

Para as aulas de informática contamos com os adolescentes e jovens do Progen (Projeto Gente Nova) que neste ano está abrangendo todos os alunos da escola de primeira a quarta série.

Nossos jovens 'professores' são muito dedicados neste trabalho voluntário, iniciando com prazer nossos alunos no mundo da informática.

É muito gratificante para mim, professora nesta escola há bastante tempo, ver alunos que foram nossos retornarem hoje para fazer esse trabalho tão bonito.

Aula de informática: trabalho voluntário

Reportagem

CAMINHADA PELA PAZ

Texto e Foto: *Aline Alves*

A Vila Castelo Branco e os bairros vizinhos participaram da passeata "Caminhando pela Paz", realizada dia 4 de abril no Parque Taquaral.

Participaram do encontro membros da comunidade, voluntários e educadores envolvidos no Programa Escola da Família. Membros das escolas estaduais Professor Carlos Lencastre, Mário Natividade, Antônio Fernandes Gonçalves e D. João Nery estiveram presentes. Ônibus e peruas fizeram gratuitamente o transporte dos participantes.

Dirce
Salão de Beleza
Cortes - Químicas - Penteados
Escovas com chapa - Depilação com mel
Unhas artísticas - Manicure
Atendimento para noivas
3228-4212
Rua Durvalino Gustenozin, 9 - Vila Castelo Branco

Caminhando em nome da paz

> "A Vila Castelo Branco e os bairros vizinhos participaram da passeata 'Caminhando pela Paz', realizada dia 4 de abril no Parque Taquaral.
> Participaram do encontro membros da comunidade, voluntários e educadores envolvidos no Programa Escola da Família. Membros das escolas estaduais Professor Carlos Lencastre, Mário Natividade, Antônio Fernandes Gonçalves e D. João Nery estiveram presentes. Ônibus e peruas fizeram gratuitamente o transporte dos participantes." **[7]**

Artigos – Nas nove edições do *Conexão Jovem* o artigo teve presença constante (foram 17 registros). Trata-se de um gênero jornalístico em que o autor, baseado em fatos, expressa – e assina – sua opinião ou interpretação. Embora tenha caráter opinativo, convém fazer a distinção necessária entre artigo e editorial, conforme esclarecem RABAÇA e BARBOSA (1998: 51). Segundo os autores:

7 - Reportagem e fotos de Aline Alves. In: *Conexão Jovem*. Abril de 2004, n. 2, p. 4.

> "Texto jornalístico interpretativo e opinativo, mais ou menos extenso, que desenvolve uma idéia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação. Geralmente assinado, o artigo difere do editorial por não apresentar enfaticamente, como este, uma 'receita' para a questão em pauta, nem representar necessariamente a opinião da empresa jornalística. O tom dogmático do editorial dá lugar a uma composição analítica, que deve se pautar pela naturalidade, densidade e concisão."

Na produção de artigo por parte dos adolescentes, devemos salientar, primeiramente, que os textos não têm a qualidade de 'mais ou menos extenso' como definem RABAÇA e BARBOSA. Optamos por dar aos adolescentes a liberdade quanto ao tamanho dos textos. Durante as oficinas, observamos que o adolescente encarregado de fazer um artigo demonstrava relativa disposição para desferir ataques e críticas a órgãos públicos que não cumpriam um determinado papel junto à comunidade a quem deveria servir. Deixamos claro que esse tipo de texto deveria ser apresentado em forma de reportagem oferecendo ao responsável a oportunidade de responder às eventuais críticas e acusações. Dessa forma, ficou acordado que não seriam publicados artigos que veiculassem calúnia, difamação ou injúria. Conforme já mencionamos nos itens em que apresentamos as edições produzidas na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na primeira edição do *Conexão Jovem* (capítulo 4), os adolescentes, criteriosos, vislumbraram por meio de artigos um meio de expressarem suas angústias, inquietações, opções individuais etc. Produziram artigos com caráter educativo, de conscientização e de cidadania. A seguir apresentaremos trechos de alguns desses artigos elaborados pelos adolescentes.

Figura 4



Campinas, setembro/outubro de 2004 3

Opinião

Primeiro voto

Texto: *Cíntia Alves Viana*

As eleições estão chegando... é hora de escolher o candidato, o melhor e mais preparado. Será que os jovens têm noção da importância de um voto? Será que eles têm consciência das conseqüências de decisões tomadas precipitadamente?

Candidatos, política... voto! Idade certa para votar? Polêmica, muita polêmica. Idade ou consciência, o que realmente está em jogo?

Eleições, um assunto ainda complicado, que exige idade e sem dúvida, muita consciência; algo que para o jovem é muito confuso e pouco interessante. Decisões que acarretarão problemas futuros se não pensados com a devida importância. Mas enfim, como escolher o candidato certo? Como não tomar a decisão errada?

Bem... para abrir com chave de ouro, o jovem eleitor deve investigar a fundo a vida do candidato: o passado de uma pessoa diz muito sobre o seu caráter. O segundo passo é analisar suas propostas e como serão colocadas em prática. E, finalmente, se essas propostas acarretarão em mudanças positivas para a cidade, estado ou país que o mesmo governará.

Enfim, cabe ao jovem zelar pelo futuro da humanidade, porque o voto consciente é o primeiro passo para o crescimento e desenvolvimento de uma nação. Uma amada e valorizada nação!

Oração

Política que está no meio do povo; santificada é a sua presença;
Vem a nós a vossa democracia;
Seja feita a necessidade do homem, da mulher e da criança, aqui e em toda parte.
O pão, a educação, a saúde, o trabalho de cada dia nos dai hoje.
Perdoai as nossas omissões quando votamos nos seus filhos que nos compram com batom, bola ou tijolo.
Assim como perdoamos os que nos oferecem.
Não nos deixe cair em tentação dos mega-shows,
mas livrai nos do mal da corrupção para o bem da sociedade. Amém, Axé.

(colaboração: Osmar Hackermann)

O analfabeto político

(Bertold Brecht)

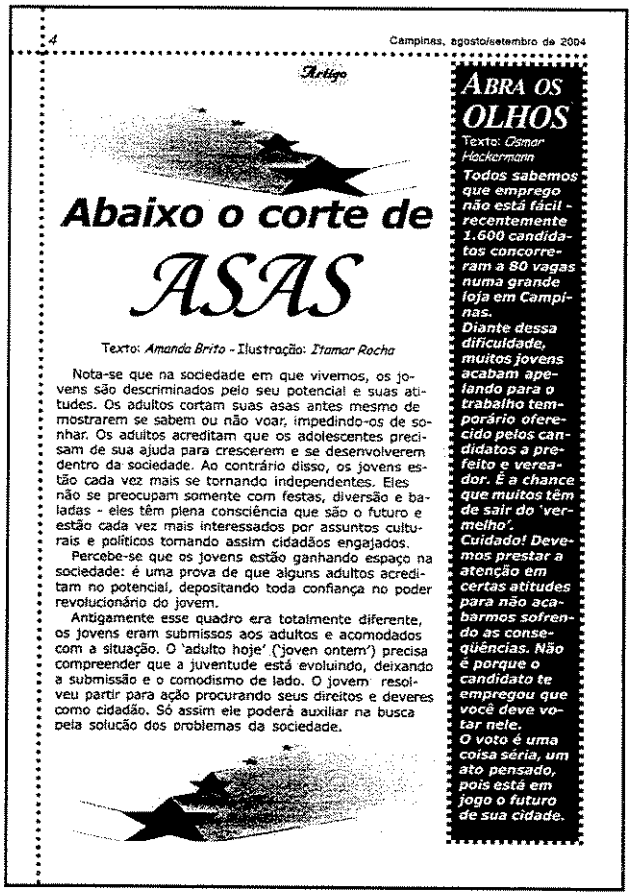
O pior analfabeto é o analfabeto político.
Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo da vida e o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio dos exploradores do povo.

O artigo selecionado, intitulado 'Primeiro voto', *(Ver figura 4)* procura alertar o jovem que fará seu batismo nas urnas. Alerta, entre outras conseqüências, sobre os riscos de uma escolha ruim. Apresesenta-se acompanhado de outros dois textos que têm na política o mote. O texto 'Oração' faz uso da estrutura da oração, 'Pai Nosso', para sensibilizar os representantes do povo e alertar este mesmo povo sobre a conseqüên-

cia de um voto não pensado. Ainda na mesma página, é apresentado o texto 'O analfabeto político', de Bertold Brecht que faz uma crítica aos alienados políticos que mantém postura passiva diante das mazelas da sociedade.

> "As eleições estão chegando... é hora de escolher o candidato, o melhor e mais preparado. Será que os jovens têm noção da importância de um voto? Será que eles têm consciência das conseqüências de decisões tomadas precipitadamente?
>
> Candidatos, política... voto! Idade certa para votar? Polêmica, muita polêmica. Idade ou consciência, o que realmente está em jogo? [...] Decisões que acarretarão problemas futuros se não pensados com a devida importância. Mas enfim, como escolher o candidato certo? Como não tomar a decisão errada?
>
> Bem... para abrir com chave de ouro, o jovem eleitor deve investigar a fundo a vida do candidato: o passado de uma pessoa diz muito sobre o seu caráter. O segundo passo é analisar suas propostas e como serão colocadas em prática. E, finalmente, se essas propostas acarretarão mudanças positivas para a cidade, estado ou país que o mesmo governará.
>
> Enfim, cabe ao jovem zelar pelo futuro da humanidade, porque o voto consciente é o primeiro passo para o crescimento e desenvolvimento de uma nação. Uma amada e valorizada nação!" **[8]**

Figura 5



4 Campinas, agosto/setembro de 2004

Artigo

Abaixo o corte de ASAS

Texto: *Amanda Brito* - Ilustração: *Itamar Rocha*

Nota-se que na sociedade em que vivemos, os jovens são descriminados pelo seu potencial e suas atitudes. Os adultos cortam suas asas antes mesmo de mostrarem se sabem ou não voar, impedindo-os de sonhar. Os adultos acreditam que os adolescentes precisam de sua ajuda para crescerem e se desenvolverem dentro da sociedade. Ao contrário disso, os jovens estão cada vez mais se tornando independentes. Eles não se preocupam somente com festas, diversão e baladas - eles têm plena consciência que são o futuro e estão cada vez mais interessados por assuntos culturais e políticos tornando assim cidadãos engajados.

Percebe-se que os jovens estão ganhando espaço na sociedade: é uma prova de que alguns adultos acreditam no potencial, depositando toda confiança no poder revolucionário do jovem.

Antigamente esse quadro era totalmente diferente, os jovens eram submissos aos adultos e acomodados com a situação. O 'adulto hoje' ('joven ontem') precisa compreender que a juventude está evoluindo, deixando a submissão e o comodismo de lado. O jovem resolveu partir para ação procurando seus direitos e deveres como cidadão. Só assim ele poderá auxiliar na busca pela solução dos problemas da sociedade.

ABRA OS OLHOS

Texto: *Cesar Hackermann*

Todos sabemos que emprego não está fácil - recentemente 1.600 candidatos concorreram a 80 vagas numa grande loja em Campinas. Diante dessa dificuldade, muitos jovens acabam apelando para o trabalho temporário oferecido pelos candidatos a prefeito e vereador. É a chance que muitos têm de sair do 'vermelho'. Cuidado! Devemos prestar a atenção em certas atitudes para não acabarmos sofrendo as conseqüências. Não é porque o candidato te empregou que você deve votar nele. O voto é uma coisa séria, um ato pensado, pois está em jogo o futuro de sua cidade.

Nesta mesma linha sobre o voto e as eleições, o artigo 'Abra os olhos' *(Ver figura 5)* alerta sobre a importância do jovem desempregado, ao buscar trabalho temporário em campanha eleitoral, não se deixar levar pelos 'benefícios' ou 'prêmios' oferecidos pelo candidato. No artigo, o adolescente, mesmo trabalhando na campanha de um postulante ao cargo de vereador, mostra que o voto não é um produto à venda.

8 - Artigo elaborado por Cíntia Alves Viana. In: *Conexão Jovem.* Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 3.

Todos sabemos que emprego não está fácil – recentemente 1.600 candidatos concorreram a 80 vagas numa grande loja em Campinas.

Diante dessa dificuldade, muitos jovens acabam apelando para o trabalho temporário oferecido pelos candidatos a prefeito e vereador. É a chance que muitos têm de sair do 'vermelho'.

Cuidado! Devemos prestar a atenção em certas atitudes para não acabarmos sofrendo as conseqüências. Não é porque o candidato te empregou que você deve votar nele. O voto é uma coisa séria, um ato pensado, pois está em jogo o futuro de sua cidade." **[9]**

Figura 6


4 Campinas, setembro/outubro de 2004

Tribo

O que fazer?

Texto: Luciane Alves

Hoje em dia essa é uma pergunta que se tornou comum para muitos jovens que estão terminando o 3º ano do Ensino Médio. Alguns não sabem ao menos a profissão que vão seguir, outros porém não sabem como vão pagar a faculdade.

Isso ainda é uma questão que se torna cada vez mais séria, pois é fácil dizer que existem faculdades públicas e que elas dão muitas oportunidades para esses alunos. Mas será que o ensino das escolas públicas oferece a formação ideal para um aluno ser aprovado numa faculdade como a Unicamp ou a USP?

São muitas as questões e as dúvidas que cercam a cabeça desses jovens, e são essas mesmas questões que ficam sem respostas. Com certeza isso é um fator de preocupação, pois com o desemprego que existe está cada vez mais difícil conseguir uma boa colocação. E como conseguir um bom emprego se você não tem nenhuma formação?

Dúvidas que não são esclarecidas...por isso se você é jovem e está nesse período de questionamento sobre esse assunto, leia o máximo que puder para ficar informado sobre tudo o que acontece no mundo. Dedique-se bastante aos seus estudos, preste vestibular em uma faculdade e pense positivo, pois se você quer, você tem o direito de conseguir...Boa Sorte!

No artigo a seguir, intitulado 'O que fazer?', *(Ver figura 6)* a autora expressa, por meio do texto, a angústia de quem vive o problema de uma estudante adolescente que, ao concluir o ensino médio, depara-se com duas portas fechadas: a escassez de emprego e a impossibilidade de acesso a uma universidade pública, uma vez que se torna inviável pensar em uma instituição particular de ensino superior, pela absoluta falta de condições financeiras, para o pagamento das mensalidades. **[10]** No artigo, a autora levanta uma questão polêmica: a quem se destinam as vagas das grandes universidades públicas se os candidatos oriundos da rede estadual de ensino não conseguem aprovação nos exames vestibulares? Veja o que pensa a autora:

"Hoje em dia essa é uma pergunta ('O que fazer?') que se tornou comum para muitos jovens que estão terminando o 3º ano do Ensino Médio. Alguns não sabem ao menos a profissão que vão seguir, outros porém não sabem como vão pagar a faculdade.

Isso ainda é uma questão que se torna cada vez mais séria, pois é fácil dizer que existem faculdades públicas e que elas dão muitas oportunidades para esses alunos. Mas será que o ensino das escolas públicas oferece a formação ideal para um aluno

9 - Artigo elaborado por Osmar Hackermann. In: *Conexão Jovem.* Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 4.

10 - Vale lembrar que quando o referido artigo foi produzido, o Prouni ainda não havia sido criado pelo Governo Federal.

ser aprovado numa faculdade como a Unicamp ou a USP?
São muitas as questões e as dúvidas que cercam a cabeça desses jovens, e são essas mesmas questões que ficam sem respostas. Com certeza isso é um fator de preocupação, pois com o desemprego que existe está cada vez mais difícil conseguir uma boa colocação. E como conseguir um bom emprego se você não tem nenhuma formação?
Dúvidas que não são esclarecidas...por isso se você é jovem e está nesse período de questionamento sobre esse assunto, leia o máximo que puder para ficar informado sobre tudo o que acontece no mundo. Dedique-se bastante aos seus estudos, preste vestibular em uma faculdade e pense positivo, pois se você quer, você tem o direito de conseguir...Boa Sorte!" **[11]**

Em outro artigo, cuja temática continua sendo a juventude, a adolescente expressa sua inquietação diante de pessoas que discriminam o potencial dos jovens. Em 'Abaixo o corte de asas', *(Ver figura 5)* a autora procura mostrar que os jovens têm potencial, não podem ser submissos e devem se conscientizar de que são atores importantes na busca de solução de problemas da sociedade.

"Nota-se que na sociedade em que vivemos, os jovens são discriminados pelo seu potencial e suas atitudes. Os adultos cortam suas asas antes mesmo de mostrarem se sabem ou não voar, impedindo-os de sonhar. Os adultos acreditam que os adolescentes precisam de sua ajuda para crescerem e se desenvolverem dentro da sociedade. Ao contrário disso, os jovens estão cada vez mais se tornando independentes. Eles não se preocupam somente com festas, diversão e baladas – eles têm plena consciência que são o futuro e estão cada vez mais interessados por assuntos culturais e políticos tornando-se assim cidadãos engajados. Percebe-se que os jovens estão ganhando espaço na sociedade: é uma prova de que alguns adultos acreditam no potencial, depositando toda confiança no poder revolucionário do jovem.
Antigamente esse quadro era totalmente diferente, os jovens eram submissos aos adultos e acomodados com a situação. O 'adulto hoje' ('jovem ontem') precisa compreender que a juventude está evoluindo, deixando a submissão e o comodismo de lado. O jovem resolveu partir para ação procurando seus direitos e deveres como cidadão. Só assim ele poderá auxiliar na busca pela solução dos problemas da sociedade." **[12]**

---

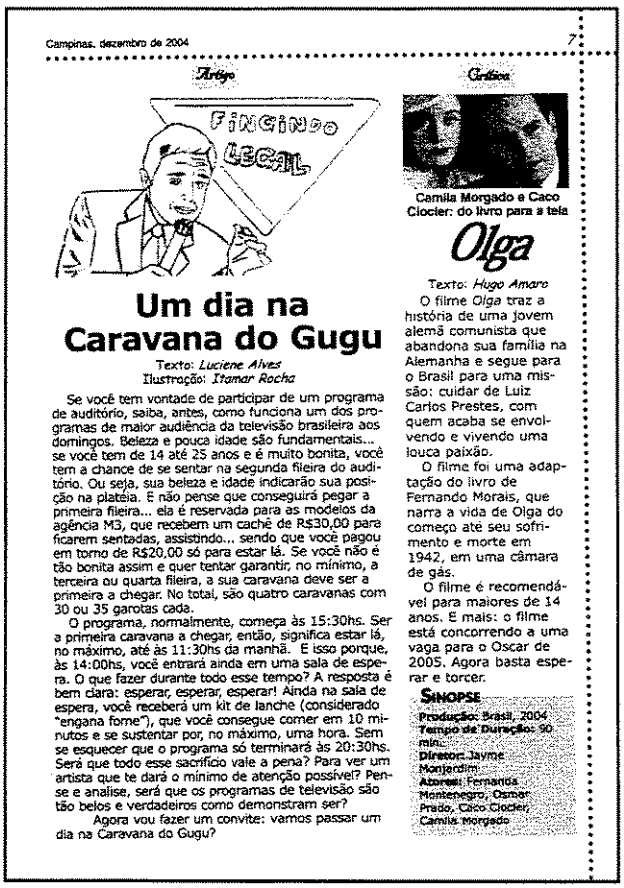
11 - Artigo elaborado por Luciene Alves. In: *Conexão Jovem.* Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 4.

12 - Artigo elaborado por Amanda Brito. In: *Conexão Jovem.* Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 4.

Postura crítica semelhante pode ser percebida no artigo 'Um dia na caravana do Gugu'. *(Ver figura 7)* Como participante de uma caravana que leva adolescentes ao programa de auditório do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), a adolescente procura transmitir no artigo o desconforto da jornada e o desrespeito (por parte dos organizadores), de como são tratadas as adolescentes que embarcam nessa empreitada. No artigo, a autora, após narrar detalhes da aventura, encerra sua crítica fazendo ao leitor um convite em tom de ironia:

> "Se você tem vontade de participar de um programa de auditório, saiba, antes, como funciona um dos programas de maior audiência da televisão brasileira aos domingos. Beleza e pouca idade são fundamentais... se você tem de 14 até 25 anos e é muito bonita, você tem a chance de se sentar na segunda fileira do auditório. Ou seja, sua beleza e idade indicarão sua posição na platéia. E não pense que conseguirá pegar a primeira fileira... ela é reservada para as modelos da agência M3, que recebem um cachê de R$30,00 para ficarem sentadas, assistindo... sendo que você pagou em torno de R$20,00 só para estar lá. Se você não é tão bonita assim e quer tentar garantir, no mínimo, a terceira ou quarta fileira, a sua caravana deve ser a primeira a chegar. No total, são quatro caravanas com 30 ou 35 garotas cada.
>
> O programa, normalmente, começa às 15:30 horas. Ser a primeira caravana a chegar, então, significa estar lá, no máximo, até às 11:30 horas da manhã. E isso porque, às 14:00 horas, você entrará ainda em uma sala de espera. O que fazer durante todo esse tempo? A resposta é bem clara: esperar, esperar, esperar! Ainda na sala de espera, você receberá um kit de lanche (considerado 'engana fome'), que você consegue comer em 10 minutos e se sustentar por, no máximo, uma hora. Sem se esquecer que o programa só terminará às 20:30 horas. Será que todo esse sacrifício vale a pena? Para ver um

Figura 7



Campinas, dezembro de 2004 7

Artigo

Um dia na Caravana do Gugu

Texto: *Luciene Alves*
Ilustração: *Itamar Rocha*

Se você tem vontade de participar de um programa de auditório, saiba, antes, como funciona um dos programas de maior audiência da televisão brasileira aos domingos. Beleza e pouca idade são fundamentais... se você tem de 14 até 25 anos e é muito bonita, você tem a chance de se sentar na segunda fileira do auditório. Ou seja, sua beleza e idade indicarão sua posição na platéia. E não pense que conseguirá pegar a primeira fileira... ela é reservada para as modelos da agência M3, que recebem um cachê de R$30,00 para ficarem sentadas, assistindo... sendo que você pagou em torno de R$20,00 só para estar lá. Se você não é tão bonita assim e quer tentar garantir, no mínimo, a terceira ou quarta fileira, a sua caravana deve ser a primeira a chegar. No total, são quatro caravanas com 30 ou 35 garotas cada.

O programa, normalmente, começa às 15:30hs. Ser a primeira caravana a chegar, então, significa estar lá, no máximo, até às 11:30hs da manhã. E isso porque, às 14:00hs, você entrará ainda em uma sala de espera. O que fazer durante todo esse tempo? A resposta é bem clara: esperar, esperar, esperar! Ainda na sala de espera, você receberá um kit de lanche (considerado "engana fome"), que você consegue comer em 10 minutos e se sustentar por, no máximo, uma hora. Sem se esquecer que o programa só terminará às 20:30hs. Será que todo esse sacrifício vale a pena? Para ver um artista que te dará o mínimo de atenção possível? Pense e analise, será que os programas de televisão são tão belos e verdadeiros como demonstram ser?

Agora vou fazer um convite: vamos passar um dia na Caravana do Gugu?

Cinema

Camila Morgado e Caco Ciocler: do livro para a tela

Olga

Texto: *Hugo Amaro*

O filme *Olga* traz a história de uma jovem alemã comunista que abandona sua família na Alemanha e segue para o Brasil para uma missão: cuidar de Luiz Carlos Prestes, com quem acaba se envolvendo e vivendo uma louca paixão.

O filme foi uma adaptação do livro de Fernando Morais, que narra a vida de Olga do começo até seu sofrimento e morte em 1942, em uma câmara de gás.

O filme é recomendável para maiores de 14 anos. E mais: o filme está concorrendo a uma vaga para o Oscar de 2005. Agora basta esperar e torcer.

SINOPSE
Produção: Brasil, 2004
Tempo de Duração: 90 min.
Diretor: Jayme Monjardim
Atores: Fernanda Montenegro, Osmar Prado, Caco Ciocler, Camila Morgado

artista que te dará o mínimo de atenção possível? Pense e analise, será que os programas de televisão são tão belos e verdadeiros como demonstram ser? Agora vou fazer um convite: vamos passar um dia na Caravana do Gugu?" **[13]**

Nos dois artigos apresentados a seguir, o adolescente expressa sua indignação diante de situações de violência e preconceito. Em 'Violência contra menores' *(Ver figura 8)* sentencia: cadeia aos agressores. Em 'Preconceito, jamais' *(Ver figura 8)* critica a postura diferenciada que a sociedade muitas vezes apresenta em relação aos negros e aos homossexuais. O jovem assume uma postura, revela-se injustiçado e pede respeito:

Figura 8

"Vamos, pare um pouco para pensar. Cada vez mais vemos e ouvimos casos de crianças que são maltratadas pelos pais e familiares. Esse índice vem aumentando a cada ano. É grande o número de crianças e jovens que são violentados fisicamente e verbalmente. Muitas dessas crianças têm tudo na vida: boa escola, boa casa... mas isso não é nenhuma vantagem já que algo de que precisam tanto não têm: o respeito. Há situações ainda mais delicadas como as das crianças que são molestadas sexualmente e torturadas (muitas vezes até a morte).

A criança e o adolescente têm seus direitos e deveres que podem ser encontrados no Estatuto da Criança e do Adolescente. Por isso, qualquer abuso ou violência contra eles deve ser denunciado na Delegacia de Polícia. O agressor, merecidamente, pode ir para a cadeia." **[14]**



Campinas, junho/julho de 2004 3

Opinião

Violência contra menores

Texto: *Osmar Hackermann* - Ilustração: *Itamar Rocha*

Vamos, pare um pouco para pensar. Cada vez mais vemos e ouvimos casos de crianças que são maltratadas pelos pais e familiares. Esse índice vem aumentando há cada ano. É grande o número de crianças e jovens que são violentados fisicamente e verbalmente. Muitas dessas crianças têm tudo na vida: boa escola, boa casa... mas isso não é nenhuma vantagem já que algo de que precisam tanto não têm: o respeito.

Há situações ainda mais delicadas como as das crianças que são molestadas sexualmente e torturadas (muitas vezes até a morte).

A criança e o adolescente têm seus direitos e deveres que podem ser encontrados no Estatuto da Criança e do Adolescente. Por isso, qualquer abuso ou violência contra eles deve ser denunciado na Delegacia de Polícia. O agressor, merecidamente, pode ir para a cadeia.

Preconceito, jamais

Texto: *Osmar Hackermann* - Ilustração: *Itamar Rocha*

Hoje em dia, o que mais se vê no mundo é o preconceito entre as pessoas que são iguais. É muito comum ouvir falar no assunto, mas quase ninguém se importa com essa submissão. Às vezes, você é vítima disso e nem se dá conta e isso, infelizmente, acontece todos os dias.

É o pior: ninguém se queixa - as pessoas se conformam. Por exemplo, o preconceito racial é crime e pode dar prisão. Preconceito contra homossexuais (tanto masculino como feminino) também é comum. Não devemos nos submeter a isso tudo. Assim, nós temos nossos direitos e o próximo também tem os seus. Respeito é algo que é muito bom para uma vida saudável e feliz.

Hoje em dia, o que mais se vê no mundo é o preconceito entre as pessoas que são iguais. É muito comum ouvir falar no assunto, mas quase ninguém se importa com essa submissão. Às vezes, você é vítima disso e nem se dá conta e isso, infelizmente,

13 - Artigo elaborado por Luciene Alves. *In: Conexão Jovem.* Dezembro de 2004, n. 7, p. 7.

14 - Artigo elaborado por Osmar Hackermann. *In: Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 3.

acontece todos os dias.

E o pior: ninguém se queixa – as pessoas se conformam. Por exemplo, o preconceito racial é crime e pode dar prisão. Preconceito contra homossexuais (tanto masculino como feminino) também é comum. Não devemos nos submeter a isso tudo. Assim, nós temos nossos direitos e o próximo também tem os seus. Respeito é algo que é muito bom para uma vida saudável e feliz." **[15]**

Ainda, em se tratando de artigo, podemos destacar o texto 'Febem não cumpre papel de reinserção social'. *(Ver figura 9)* Produzido por um adolescente que não poupa o Estado, ao acusá-lo de inadimplente, quanto à recuperação de jovens infratores, o artigo critica, também, o Governo por não cumprir a função de reinserção social dessas pessoas quando estão detidas numa unidade da Fundação do Bem Estar do Menor (Febem), conforme podemos observar a seguir:

"Em 1960 foi criada a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM), instituição que tinha por objetivo tratar os jovens infratores dentro do antigo Código do Menor .

Mas, há algum tempo, a FEBEM tem sido criticada por ser uma instituição incapaz de oferecer uma melhor inclusão desses adolescentes na sociedade. É caracterizada pelos maus tratos, hiperlotação e contratação de pessoas despreparadas para esse tipo de trabalho, gerando assim danos irreversíveis aos jovens. Geraldo Alckmin, há alguns anos no governo, foi incapaz de criar soluções para esse sério problema social." **[16]**

Figura 9



2 Campinas, julho/agosto de 2005

Editorial

No ritmo certo

Caro Leitor,

Depois do período de adaptação dos novos adolescentes participantes da produção do ***Conexão Jovem*** *- que nem sempre é fácil e necessita de algum tempo - chega a segunda edição do fanzine, para mostrar à comunidade que esses jovens principiantes já estão preparados e muito empenhados em mostrar fatos e pessoas que fazem o nosso dia-a-dia. Mas, é uma pena que tenhamos de nos despedir de alguns deles tão cedo. De qualquer forma, é por um bom motivo - foram encaminhados pelo Comec ao mercado de trabalho - e isso nos deixa muito orgulhosos e satisfeitos.*

Esta edição traz estampada em suas páginas o trabalho duro de todos que contribuíram para sua produção. A apuração de informações e o envolvimento efetivo de todos foram imprescindíveis para que o grupo entrasse, a partir dessa edição, no ritmo certo. Assim, tocando em temáticas importantes para a vida em comunidade, nossos jovens trazem até você, leitor, um jornal interessante e de conteúdo informativo e opinativo. O problema do lixo na região, uma crítica ao trabalho da Febem, um relato sobre a Conferência do Adolescente e um alerta sobre o perigo causado pelos balões que cruzam o céu nessa época do ano são alguns dos assuntos que você poderá ler nessas páginas.

Mas, como não poderia deixar de ser, nosso destaque vai para a matéria de capa assinada por Osmar Hackermann - nosso 'eterno' colaborador - que entrevista Carlos Roberto, um campeão de jiu-jitsu que mora na comunidade.

Boa Leitura!

Artigo

Febem não cumpre papel de reinserção social

Texto: **Anderson Felipe**

Em 1960 foi criada a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM), instituição que tinha por objetivo tratar os jovens infratores dentro do antigo Código do Menor . Mas, há algum tempo, a FEBEM tem sido criticada por ser uma instituição incapaz de oferecer uma melhor inclusão desses adolescentes na sociedade. É caracterizada pelos maus tratos, hiper-lotação e contratação de pessoas despreparadas para esse tipo de trabalho, gerando assim danos irreversíveis aos jovens. Geraldo Alckmin, apesar das inúmeras promessas, foi incapaz de criar soluções para esse sério problema social.

Anuncie no
Conexão Jovem
3269-6088

Expediente

"Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas, integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: História dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (MR-15.516). Auxiliar de pesquisa: Cecília Fernandes (bolsista IC - Fepic PUC-Campinas). Educadora social: Regiane Alexandra Camargo. Jovens participantes: Anderson Felipe Joaquim Antonio, Douglas Oliveir da Silva, Fabrício Hackermann, Jhone Pereira Paulino, Kiuane Cristina F. Lima, Osmar Hackermann, Patrícia B. de Oliveira, Rafael Queiroz Caetano, Roger Carneiro e Thifany Cristina Pinheiro Francis.

Tiragem: 1.000 exemplares. Apoio: Pró-reitoria de Pesquisa/PUC-Campinas; Contexto; Progen. Rua Castro Alves, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-082 - tel.: 79-3269-6088 - fax: 3269-6046.

Realização: Centro de Memória Unicamp

Apoio: PUC Campinas, Pró-reitoria de Pesquisa

A SERVIÇO DA COMUNIDADE – Há também matérias de serviço que podem ser definidas como material jornalístico que reúne grande número de informações de utilidade prática e imediata para o leitor. Esse material contém informações que orientam o leitor sobre

15 - Artigo elaborado por Osmar Hackermann. In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 3.

16 - Artigo elaborado por Anderson Felipe. In: *Conexão Jovem.* Julho/Agosto de 2005, n. 9, p. 2.

a utilização de serviços públicos em ocasiões específicas, como por exemplo, campanhas de vacinação ou atendimento em postos de saúde, como também sobre a participação da comunidade em grupos, eventos ou promoções. No texto, 'CAPS atende 100 pacientes', *(Ver figura 10)* podemos verificar exemplo de matéria de serviço que mostra o trabalho de um órgão da Prefeitura de Campinas voltado ao atendimento a pessoas portadoras de problemas psico-sociais.

> "Cerca de 100 pacientes se utilizam diariamente do Centro de Atenção Psico-social (CAPS) do Jardim Londres. O centro enfrenta algumas dificuldades, entre elas a falta de espaço adequado que permita, entre outras coisas, oferecer atendimento ininterrupto aos pacientes. 'Há dias em que o paciente está em crise e não pode retornar para casa e, por isso, é encaminhado a outros hospitais', diz a terapeuta ocupacional Luciana Togni Surjus.
>
> Apesar das dificuldades, o CAPS mantém um veículo, o "Busca ativa", que faz o transporte dos pacientes com dificuldades de locomoção. 'O carro busca e leva esses pacientes', diz Luciana. O centro funciona de segunda à sexta-feira, das 8h00 às 18h00 e oferece, além do atendimento psicológico, café da manhã, almoço e lanche da tarde.
>
> Para prestar atendimento, o centro conta com uma equipe de 18 funcionários entre médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, além de profissionais administrativos e de segurança. O CAPS é uma unidade de saúde mantida pela Prefeitura Municipal de Campinas e está localizada à Rua José Rosolém, 667 (telefone 3228-6168).' **[17]**

Figura 10



4 Campinas, maio/junho de 2004

Reportagem

Pacientes passam o dia no CAPS do Jardim Londres

CAPS atende 100 pacientes

Texto: *Aline Maria Alves e Hugo Amaro*
Foto: *Aline Maria Alves*

Cerca de 100 pacientes se utilizam diariamente do Centro de Atenção Psico-social (CAPS) do Jardim Londres. O centro enfrenta algumas dificuldades, entre elas a falta de espaço adequado que permita, entre outras coisas, oferecer atendimento ininterrupto aos pacientes. "Há dias em que o paciente está em crise e não pode retornar para casa e, por isso, é encaminhado a outros hospitais", diz a terapeuta ocupacional Luciana Togni Surjus.

Apesar das dificuldades, o CAPS mantém um veículo, o "Busca ativa", que faz o transporte dos pacientes com dificuldades de locomoção. "O carro busca e leva esses pacientes", diz Luciana. O centro funciona de segunda à sexta-feira, das 8h00 às 18h00 e oferece, além do atendimento psicológico, café da manhã, almoço e lanche da tarde.

Para prestar atendimento, o centro conta com uma equipe de 18 funcionários entre médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, além de profissionais administrativos e de segurança. O CAPS é uma unidade de saúde mantida pela Prefeitura Municipal de Campinas e está localizada à Rua José Rosolém, 667 (telefone 3228-6168).

Dia 5 tem CAMPÓLIO

Texto e foto:
Amanda de Brito

No próximo dia 5 de junho (sábado) o Posto de Saúde Integração da Vila Castelo Branco participa da Campólio - Campanha de Vacinação Contra a Paralisia Infantil. "Estamos nos mobilizando para atingir o maior número possível de crianças", afirma a agente de saúde Leni Leda Zambotti.

Segundo Leni, a campanha tem a finalidade de conscientizar os pais sobre a importância da prevenção à doença. "As conseqüências são irreversíveis", lembra. A campanha tem como público-alvo crianças com idade entre zero e 5 anos incompletos. As crianças podem ser vacinadas em qualquer posto de vacinação. Os organizadores lembram que os pais devem apresentar a carteirinha de vacinação da criança.

Leni: conscientização

Um exemplo clássico de matéria de serviço empregado pela maioria dos jornais impressos, independentemente de seu porte, diz respeito às campanhas nacionais de vacinação. São matérias que vão além da lembrança aos pais sobre a data da vacinação. O texto, 'Dia 5 tem Campólio', *(Ver figura 10)* além de

17 - Texto e foto de Aline Alves e Hugo Marcelino. In: *Conexão Jovem*. Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 4.

lembrar da data, apresenta uma entrevista que visa conscientizar os pais sobre a importância da vacinação, mostrando entre outras conseqüências, os riscos em caso de impossibilidade, de imprudência ou de esquecimento:

> "No próximo dia 5 de junho (sábado) o Posto de Saúde Integração da Vila Castelo Branco participa da Campólio – Campanha de Vacinação Contra a Paralisia Infantil. 'Estamos nos mobilizando para atingir o maior número possível de crianças', afirma a agente de saúde Leni Leda Zambotti.
>
> Segundo Leni, a campanha tem a finalidade de conscientizar os pais sobre a importância da prevenção à doença. 'As conseqüências são irreversíveis', lembra. A campanha tem como público-alvo crianças com idade entre zero e 5 anos incompletos. As crianças podem ser vacinadas em qualquer posto de vacinação. Os organizadores lembram que os pais devem apresentar a carteirinha de vacinação da criança." **[18]**

Figura 11



6 Campinas, setembro/outubro de 2004

Vacinação anti-rábica não atinge expectativa

Texto e foto: *Amanda Brito*

Fernando: equipe volante em ação

No último dia 14 de agosto foi realizada no Centro de Saúde Integração (Vila Castelo Branco) a Campanha de Vacinação Anti-rábica, que foi promovida pela Prefeitura Municipal de Campinas e pelo Centro de Zoonose, onde foram vacinados cães e gatos acima de dois meses. Esta campanha acontece anualmnente e tem como objetivo eliminar o vírus da raiva. "Além do posto fixo de vacinação, existe a equipe volante que se dirige até a residência desde que o proprietário tenha reunido no mínimo dez animais para serem vacinados", afirma Fernando Bulgarelli, supervisor de Controle Ambiental.

A campanha de vacinação não atingiu as expectativas. Foram vacinados apenas 2.016 cães e 150 gatos. "Estima-se que a população de animais na região esteja em torno de 5.200, o que mostra que muitos desses animais estão abandonados", diz a enfermeira do Centro de Saúde, Maria Gabriela da Silva.

Os animais abandonados ainda poderão ser vacinados, se a população colaborar, ligando para o Centro de Zoonose. Os telefones são 3245-2268 e 3245-1219.

A artista plástica Nina diante de um de seus quadros: "aceito encomendas"

A arte da NINA

Texto: *Tiara Adriana de Oliveira*
Foto: *Aline Alves*

Maria Aquinina de Magalhães Arena, 54 anos, a dona Nina, é professora de Educação Artística há quase 30 anos. Ela também trabalha com pinturas há dois anos e pinta muitas flores, preferencialmente, orquídeas. "Esses são os quadros mais vendidos". Não sabe ao certo quantos quadros já produziu: "Acho que uns 30. Faço aquilo que os clientes encomendam", diz a artista que também trabalha com tecido, vitral, artesanato e outros materiais. Suas pinturas são contemporâneas.

Os interessados em comprar obras feitas por Nina devem fazer encomendas. Ela lembra que o quadro mais caro que vendeu custou R$ 380,00. Nina sempre gostou de pintar. Ela já fez curso e trabalho voluntário em diferentes entidades.

O filho de Nina, Tiago Augusto de Magalhães Arena, 23 anos, segue os passos da mãe: faz retratos. Com o dinheiro ganho com o trabalho, ele compra livros para a faculdade. Tiago cursa Direito.

Há matérias que não perdem o caráter de serviço por terem sido publicadas após o evento/campanha. É o caso do texto 'Vacinação anti-rábica não atinge expectativa'. *(Ver figura 11)* A matéria, conforme evidencia o título, embute uma crítica e também um alerta aos donos de animais sobre a necessidade da vacinação contra a raiva. Mostra que, apesar da campanha de vacinação ter sido realizada, é possível ainda fazer a vacinação.

> "No último dia 14 de agosto foi realizada no Centro de Saúde Integração (Vila Castelo Branco) a Campanha de Vacinação Anti-rábica, que foi promovida pela Prefeitura Municipal de Campinas e pelo Centro de Zoonose, onde foram vacinados cães e gatos acima de dois meses. Esta campanha acontece anualmente e tem como objetivo eliminar o vírus da raiva. 'Além do posto fixo de vacinação, existe a equipe volante que se dirige até a residência desde que o proprietário tenha reunido no mínimo dez animais

18 - Texto e foto de Amanda de Brito. In: *Conexão Jovem.* Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 4.

para serem vacinados', afirma Fernando Bulgarelli, supervisor de Controle Ambiental. A campanha de vacinação não atingiu as expectativas. Foram vacinados apenas 2.016 cães e 150 gatos. 'Estima-se que a população de animais na região esteja em torno de 5.200, o que mostra que muitos desses animais estão abandonados', diz a enfermeira do Centro de Saúde, Maria Gabriela da Silva.

Os animais abandonados ainda poderão ser vacinados, se a população colaborar, ligando para o Centro de Zoonose. Os telefones são 3245-2268 e 3245-1219." **[19]**

A VOZ DO LEITOR – A partir da segunda edição, o *Conexão Jovem* abre um espaço destinado às cartas dos leitores. Foram publicadas 12 cartas que permitem uma primeira aferição de como está se efetivando a recepção dos leitores com relação à publicação. Em geral são cartas breves, **[20]** *(Ver figura 12)* até telegráficas, mas carregadas de sentimento e de sensibilidade, que revelam o olhar, a opinião do público que tem acesso à publicação. Sobre essa forma de manifestação do leitor, BAHIA (1990: 108-9) afirma:

Figura 12



2 Campinas, abril de 2004

Editorial

Vontade de participar

Caro leitor,

Esta segunda edição do **Conexão Jovem** *é resultado de um trabalho conjunto que só se tornou possível pela vontade de realização dos jovens vinculados ao Projeto Gente Nova (Progen) da Vila Castelo Branco. Perseguindo uma estratégia de educação não-formal (aquela sem vínculos ou cobranças da escola formal), os jovens 'jornalistas' participantes são aqueles que espontaneamente quiseram dar prosseguimento ao trabalho iniciado em 2003. Participam também jovens que a partir da repercussão positiva obtida na primeira edição integraram-se ao projeto.*

A presente edição conta ainda com a participação de pessoas da comunidade que mesmo 'fora da pauta' contribuíram com a elaboração de textos - reflexo de um veículo que começa a ser incorporado pela comunidade da Vila Castelo Branco e bairros vizinhos. Outra novidade: a veiculação de anúncios publicitários que além de revelar a faceta do jovem empreendedor na busca por anunciantes mostra que alguns segmentos da comunidade estão apostando no projeto de um jornal comunitário que fale a língua do público a que se destina. Boa leitura!

Palavra do leitor

DINÂMICO
A Vila Castelo Branco acaba de ganhar um jornal comunicativo, interessante e dinâmico que informa a comunidade sem fugir da realidade.
Sueli Cristina da Silva, 37 anos, dona de casa

OBRA-PRIMA
Achei hilária a caricatura que a Cíntia Viana fez da coordenadora do Progen, Izabel. Ameei. É é uma obra-prima.
Bianca R. de Souza, 17 anos, estudante

LINGUAGEM SIMPLES
Achei o jornal legal. Foi escrito em uma linguagem simples e dinâmica. Tem reportagens interessantes e ilustrações legais.
Carolina Lombardoso, 17 anos, estudante

Consultório Dentário
Dra. Graziela E. Trindade Virini Machado
Pediatria · Periodontia · Prótese
Odontogeriatria · Dentística
Endodontia (canal) · Radiografia
☎3227-2695
Rua Castel Nuovo, 745 - Vila Castelo Branco

Anuncie
3269-6088
(a partir de R$ 10,00)

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto 'Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas', desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carniceli (Mtb 15.513). Auxiliar de pesquisa: Maíra Rodrigues (bolsista Fapesp). Jovens participantes: Abne Marin Alves, Amanda Cristina de Brito, Amanda Cristina de Oliveira, Cíntia Alves Viana, Hugo Marcelino Amaro, Luciane dos Santos Alves, Natalia Iara dos Santos, Osmar Heckermann Costa, Rogério dos Santos e Vinicius Andrey Silva. Tiragem: 500 exemplares. Apoio: vereador Carlos F. Signorelli. Contatos: Progen, Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel. 19-3269-6088

Realização:

Centro de Memória Unicamp

> "Cartas à redação ou cartas dos leitores – no sentido de um espaço livre, permanentemente aberto à apresentação e intercâmbio de opiniões, ao exercício da crítica e às idéias – é prática antiga na Inglaterra e daí se estende a todo o mundo: as *Letters to the Editor.* Por elas opina o leitor, mesmo que essa opinião seja frontalmente contrária à do veículo. [...] As cartas podem ser indicadores ideais para, em certos momentos, traduzir níveis de receptividade a determinadas posições ou matérias; para testar fórmulas de estilo e linguagem do veículo; para aferir legibilidade ou alcance do conteúdo; para denotar tendências políticas, partidárias ou éticas. O que mais se espera delas, porém, é que sejam apenas cartas."

---

19 - Texto e foto de Amanda de Brito. In: *Conexão Jovem.* Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 6.

20 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p. 2.

As três primeiras cartas recebidas e publicadas na segunda edição do *Conexão Jovem* apontam nesta direção. Como afirma Bahia, a carta do leitor é uma das formas utilizadas pelas publicações para a obtenção de retorno do público a que se destina o veículo. No *Conexão Jovem* no. 2, edição em que o espaço é inaugurado, foram publicadas três cartas. Numa delas, a leitora saúda a chegada do jornal e, atenta, percebe que a publicação não deixa de abordar, em seus artigos, **[21]** assuntos que incomodam e intimidam a comunidade.

> "A Vila Castelo Branco acaba de ganhar um jornal comunicativo, interessante e dinâmico que informa a comunidade sem fugir da realidade. *Sueli Cristina da Silva, dona de casa"* **[22]**

A linguagem adotada, – o efetivo meio de diálogo entre quem escreve e quem lê o texto – pela simplicidade, (o que, convenhamos não poderia ser de outra forma) também não passou despercebida pelos leitores:

> "Achei o jornal legal. Foi escrito em uma linguagem simples e dinâmica. Tem reportagens interessantes e ilustrações legais. *Carolina Lombardoso, estudante"* **[23]**

Há leitor que vê a publicação como uma oportunidade de aprendizado para o adolescente envolvido em sua produção. Nota, por exemplo, que o adolescente, com o compromisso de informar a comunidade, começa a desenvolver um olhar crítico ao interpretar o fato noticiado oferecendo elementos de reflexão para o público a que se destina o veículo:

> "Acredito que esse tipo de atividade faz com que os adolescentes ampliem seus horizontes, descobrindo novas formas de expressão em que passam de um simples leitor a escritor crítico. Os textos são bem elaborados e alcançam as expectativas dos leitores. Parabéns a todos que participam deste trabalho. *Regiane Carminitti, educadora"* **[24]**

Essa oportunidade de desenvolvimento do adolescente é lembrada em carta que revela um misto de alegria e lamentação por parte de uma leitora da comunidade que, embora com nível universitário, aponta a experiência como uma base que fez falta em sua formação:

---

21 - Conforme já mencionamos, a primeira edição do *Conexão Jovem* abordou, de forma genérica – sem direcionar especificamente aos bairros locais – temas como drogas e violência, nos artigos 'As drogas no Brasil' e 'A violência hoje'.

22 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p. 2.

23 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p. 2.

24 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem.* Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 2.

> "Quem me dera ter tido na minha juventude um alicerce como este proporcionado pelos pelo jornal feito pelos jovens do Progen. *Paola Ribeiro, universitária"* **[25]**

O interesse local também é notado pelo leitor, o que revela que o *Conexão Jovem* está cumprindo uma de suas propostas básicas, ou seja, falar com as pessoas que estão próximas, falar de assuntos que revelam relações de proximidade, de vizinhança. Abordar temas que mostram a importância de conversar com a comunidade sobre assuntos de seu interesse, de seu cotidiano. O veículo desempenha, também, – e o leitor reconhece – o papel de valorizar e de incentivar a realização de atividades muitas vezes relegadas a um segundo plano, como aquelas destinadas a pessoas idosas, conforme podemos ver nas duas cartas que se seguem:

> "Jornalismo é muito importante para os dias atuais já que traz informações necessárias referentes ao cotidiano. Por isso considero interessante e importante os jornais e o *Conexão Jovem* contribuirá com esta comunidade mostrando informações de interesse local. *Uiara Danelutti, estagiária em Terapia Ocupacional"* **[26]**

> "Adorei este jornal. Muito boa a matéria sobre o grupo de idosos que participam do Reviver (Conexão Jovem, no. 2). É importante que a comunidade saiba de iniciativas como essa. *Francine Antonietti, estagiária em Terapia Ocupacional"* **[27]**

Além da percepção positiva do local, uma das propostas de realização de um jornal comunitário é a valorização das pessoas da comunidade, buscar, entre outros objetivos, a elevação da auto-estima por meio de um trabalho sério e formatado de modo que proporcione às pessoas a oportunidade de introdução ao hábito da leitura.

> "O jornal *Conexão Jovem* traz para a comunidade a valorização da mesma. Através de reportagens atuais ligadas a esta comunidade, faz com que as pessoas que não têm o hábito de ler jornal venham a se interessar pela leitura. Traz para o adolescente a responsabilidade e o compromisso de estar fazendo algo com seriedade. Uma das reportagens que mais gostei foi 'Gravidez na Adolescência' (*Conexão Jovem* no.2), que

---

25 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem*. Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 2.

26 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem*. Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 2.

27 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem*. Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 2.

> aborda um assunto atual e traz para o adolescente a reflexão de qual é o momento certo para assumir o papel de pais com responsabilidade. *Miriam F. dos Santos, educadora"* **[28]**

Como pudemos observar, as cartas aqui apresentadas – a exemplo do que pode ser verificado em seções semelhantes em qualquer jornal do país, independentemente do porte da publicação – expressam a opinião, o olhar do leitor. São cartas que, de forma simples e sincera, abrem espaço para que a comunidade se reconheça nas páginas do jornal. Entretanto, no universo de 13 cartas publicadas pelo *Conexão Jovem*, há duas que chamam a atenção.

Na primeira, o leitor tece elogios ao trabalho feito pelos adolescentes, reconhece a importância da valorização da juventude e expressa o desejo de que a publicação continue circulando, que o espaço permaneça aberto para a continuidade de um trabalho sério.

> "Eu acho o *Conexão Jovem* muito bom. Gosto da linguagem simples, jovem e dinâmica. Creio que esse era o incentivo que a nossa região estava precisando. Também gostaria de parabenizar os repórteres que trabalham seriamente na elaboração desse fanzine. Espero que ele continue em circulação pois coisas boas não podem acabar. Gostaria também de ressaltar que o bom do fanzine é a valorização dos jovens. É sempre importante valorizar a juventude que hoje nem sempre é levada a sério. *Valter Melo Amaral Júnior, estudante"* **[29]**

Na segunda, o reconhecimento do trabalho que acaba sendo revertido em bem material. Trata-se de uma carta que, ao contrário das demais que expressam a opinião de pessoas da comunidade, chega ao Progen enviada por Raul Nelson Leme, um professor aposentado que mora no Castelo, bairro de classe média-alta do município de Campinas. Além de elogiar a publicação e o trabalho feito pelos jovens repórteres e fotógrafos, o leitor sensibiliza-se com o resultado da Oficina de Fotografia (estampado no *Conexão Jovem* no. 1) e sugere a realização de trabalho semelhante em vídeo. Para que a proposta seja efetivada, faz a doação de uma câmara de vídeo e dez fitas virgens para que os jovens comecem a se familiarizar com o equipamento e, também, iniciem um trabalho de registro de fatos que marcarão a história do Progen. Eis a íntegra da carta do professor Raul Nelson Leme:

> "Por intermédio desta venho inicialmente agradecer os exemplares do *Conexão Jovem* que recebi por ocasião de uma visita que fiz recentemente ao Progen.

---

28 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem*. Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 2.

29 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem*. Dezembro de 2004, n. 7, p. 2.

> De leitura muito agradável, foi uma surpresa igualmente agradável constatar essa realização de um grupo de jovens, membros da comunidade a que atende o Projeto, particularmente pela linguagem leve e comunicativa dos trabalhos contidos no fanzine.
> Percebe-se o quanto o fanzine está envolvido com a comunidade local da Vila Castelo Branco, pelos artigos publicados e pelo relato das atividades dos jovens jornalistas, possibilitando assim uma integração, bem como despertar o interesse pelas atividades desenvolvidas na instituição.
> Particularmente despertou-me a atenção o trabalho intitulado 'Um click no bairro', em que aspectos do bairro são fotografados de maneira muito sugestiva e envolvente, o que creio foi o objetivo dessa reportagem da Oficina de Fotografia.
> De tal forma me despertou a atenção por esse trabalho que ocorreu-me a idéia de que, se havia uma oficina dedicada à fotografia, porque não se criar mais um campo de trabalho nessa área de comunicação, qual seja da filmagem em vídeo de assuntos de interesse da mesma equipe? Assim sendo, resolvi encaminhar como doação ao Progen uma filmadora Sony que acredito será muito útil nas mãos desses jovens repórteres, ampliando assim a sua capacidade de comunicação com a comunidade, além de possibilitar o registro mais dinâmico da memória e da história do Progen, uma atividade tão importante e significativa na vida de uma instituição e para o futuro.
> É pois, com grande satisfação que registro o meu apreço por essa organização e seu admirável trabalho, merecedor dos maiores elogios e incentivos por parte de todos que a conhecem. Parabéns!. *Raul Nelson Leme"* **[30]**

As cartas revelam, acima de tudo, que, além de indicadores, tornam-se instrumentos que permitem traduzir os níveis de receptividade por parte de leitor no que diz respeito a conteúdo e forma, linha editorial, apresentação gráfica e estilo de linguagem adotado para o efetivo diálogo com o público a que se destina, conforme afirma BAHIA (1990: 109): "Jornais e revistas de grande influência ou *underground* fortalecem seus laços com a comunidade por intermédio das cartas."

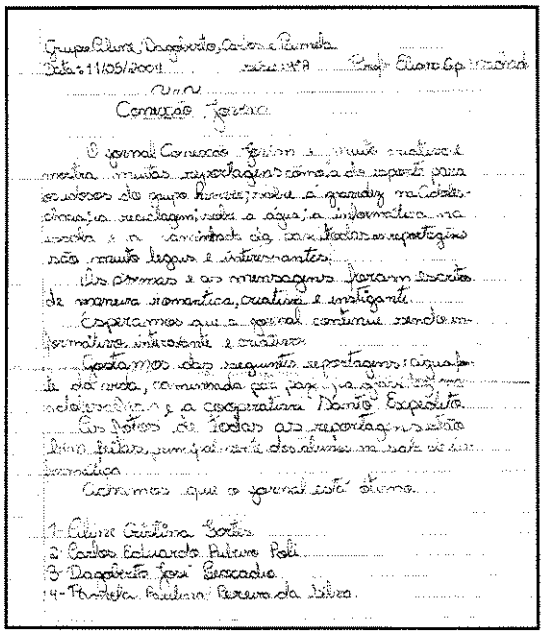
CAMINHO INVERSO – Essa experiência revelou, entre outras coisas, que os resultados tornam-se mais eficientes à medida que a prática se afasta do modelo de educação adotado pela escola formal. Por outro lado, o que se percebeu foi a incorporação do jornal pela escola para a realização de atividades pedagógicas em sala de aula. Foi o que se sucedeu no mês de junho, quando a professora Eliana Aparecida Machado, da 4ª. série 'A' da Escola Estadual Prof. Antônio Fernandes Gonçalves, solicitou aos alunos que lessem as reportagens publicadas no *Cone-*

30 - Seção 'Cartas'. In: *Conexão Jovem*. Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 2.

xão Jovem e fizessem uma redação *(Ver figura 13)* sobre o assunto. Ao jornal feito pelos adolescentes do Progen foram atribuídas qualidades como 'interessante', 'criativo', 'educativo', 'informativo', entre outros como podemos observar nos textos produzidos por quatro equipes, conforme verificamos a seguir:

Interessante

Figura 13



"Achamos as reportagens e os textos interessantes. Vimos que a Cooperativa de Reciclagem do bairro obtém bons resultados, diminuindo a sujeira da cidade e do meio ambiente. É válido o fanzine falar sobre os idosos, ajudando-nos a conviver melhor com eles. Também é bom o jornal falar sobre a importância dos jovens se prevenirem quando iniciarem a vida sexual. A caminhada pela paz é um ótimo meio para a violência diminuir na cidade de Campinas. É importante não desperdiçarmos a água doce porque se não aprendermos a economizar não teremos água para cozinhar, beber e tomar banho. Todos precisam entender que não podemos desperdiçar o líquido mais puro e necessitado do planeta que é a água, porque sem ela não podemos viver. Todos os membros da equipe consideraram o jornal um ótimo trabalho." **[31]**

Educativo

"Este jornal é muito educativo pois os temas abordados são interessantes para toda a comunidade – despertam a consciência para a cidadania. Dentre os assuntos importantes destacamos: esporte para idosos, mostrando, inclusive, como o idoso pode se inscrever para participar do grupo Reviver. Também fala sobre a água disponível no planeta Terra. Mostra que dos 3% de água potável, apenas 1% dá para beber porque os outros 2% estão congelados nos pólos marítimos. Temas como procissão, gravidez na adolescência e reciclagem são assuntos que consideramos muito importantes." **[32]**

---

31 - Redação coletiva (autores: Amanda Rocha Evaristo, Beatriz Giovanna Christão, Genaro C. Gonzaga e Karoline Rodrigues Godoy). In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 4.

32 - Redação coletiva (autores: Caio Carrara Francisco, Daniel Albert Souza dos Santos, Emanuel Galileu de Oliveira e Michele Fernanda Souza Borges). In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 4.

Informativo

"Todas as reportagens são educativas e informativas. Agora vamos dar exemplos de algumas reportagens legais: atividades físicas e de lazer para os idosos, a caminhada pela paz, a procissão na celebração da Semana Santa no Santuário N. Sra de Guadalupe. Textos sobre a água (fonte de vida) e sobre a informática na Escola Antonio Fernandes Gonçalves também são bons. As fotos do Conexão Jovem são nítidas e bem organizadas. E nós, da 4ª série A, estamos parabenizando as voluntárias Aline Alves, Amanda Oliveira e Amanda Brito (do Progen) pelas aulas de informática realizadas em nossa escola." **[33]**

Criativo

"O jornal *Conexão Jovem* é muito criativo e mostra muitas reportagens interessantes com a do esporte para os idosos (Grupo Reviver), gravidez na adolescência, reciclagem, água doce e a caminhada pela paz. São reportagens muito legais. Os poemas e as mensagens foram escritos de maneira muito romântica, criativa e inteligente. Esperamos que o jornal continue sendo informativo, interessante e criativo. As fotos de todas as reportagens estão bem feitas, principalmente a dos alunos na sala de informática. Achamos o jornal ótimo." **[34]**

Os quatro textos apresentados, embora repetitivos em algumas citações, mostram que o jornal pode tornar-se instrumento educativo, de orientação e, também, pedagógico. Assim, nota-se que os alunos da 4ª. série 'A' da escola do bairro, aperceberam-se da importância da água e de seu uso sem desperdício, sobre os riscos da gravidez na adolescência, sobre a necessidade de reciclagem de material para a preservação do meio ambiente, sobre a atenção que deve ser destinada aos idosos, sobre a caminhada como movimento contrário à violência e sobre manifestações de devoção e fé expressas em missa e procissão no Santuário de N.Sra. de Guadalupe.

Edição – Antes de iniciarmos a exposição do modo como se deu a etapa de edição do *Conexão Jovem*, consideramos oportuno fundamentar o processo que merece a seguinte definição no *Novo manual da redação da Folha de S. Paulo* (1992: 139):

> "É o processo através do qual o material jornalístico chega à forma final em que aparece aos olhos do leitor. [...] Pressupõe escolha e hierarquia dos temas e sua

---

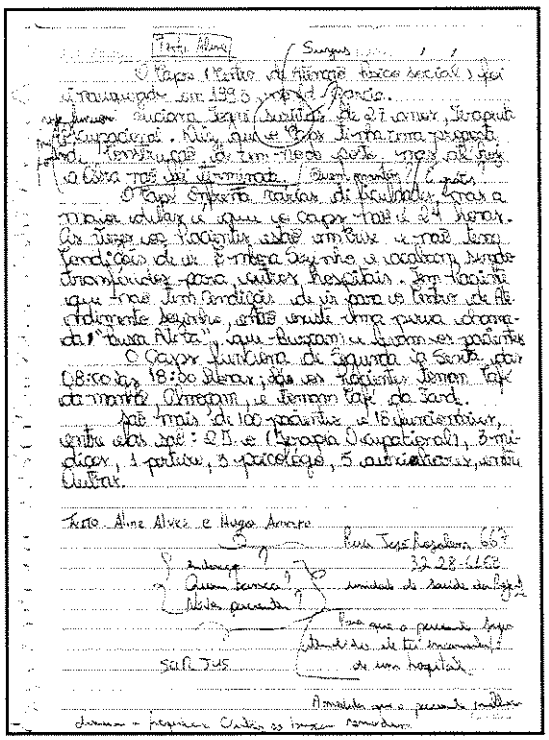
33 - Redação coletiva (autores: Guilherme da Silva Souza, Thalison Porto de Lima, Ariel Gabriela da Silva e Matheus Fernando Silva). In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 4.

34 - Redação coletiva (autores: Aline Cristina Fortes, Dagoberto José Leocádio, Carlos Eduardo Ribeiro Poli e Pámela Paulina Pereira). In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 4.

> apresentação gráfica ao leitor. Editar é escolher os temas mais importantes da pauta, organizar o material jornalístico com o objetivo de explicar essa hierarquia ao leitor, conceber as páginas e seu conjunto de forma a apresentar de maneira lógica e harmônica as notícias do dia. Para isso, o editor deve usar todos os recursos gráficos e jornalísticos de que dispõe."

Podemos acrescentar que é momento em que o material produzido pelos repórteres, fotógrafos, ilustradores, cronistas, articulistas etc. é reunido, selecionado, distribuído e hierarquizado de acordo com a linha editorial do veículo, visando, sempre, o público leitor. Cabe ao editor, o trabalho de fazer o texto-final, corrigir as falhas, determinar a angulação e reescrever o texto, se necessário. Não é por acaso que o editor, no organograma de uma empresa jornalística, ocupa não raro cargo superior ao do repórter. Cabe ao editor a distribuição de todo o material na página (sem perder de vista o projeto gráfico do veículo – conforme veremos mais adiante), dispondo os elementos de cima para baixo pela ordem de importância.

Figura 14



Sem pretender fazer as vezes do professor em sala de aula, desempenhamos uma função, até certo ponto, semelhante, apontando, contudo, as lacunas apresentadas. Não nos compete fazer as correções gramaticais e punir os autores pelos erros cometidos. Ao contrário: desenvolvemos um trabalho construtivo sugerindo ao adolescente uma leitura atenta fazendo-o perceber quais informações ele, como leitor, não encontrou no texto. Assim, as incorreções gramaticais e a carência de informações são apontadas simultaneamente num trabalho de leitura conjunto em que se sentam à mesa o autor do texto e o coordenador ou bolsista da oficina.

Mas com que rigor essas observações são apontadas? Se considerarmos que os textos, em sua maioria, são sucintos – e isso reflete a bagagem cultural não apenas de quem produz a notícia como também do público leitor –, as informações, na maioria das vezes respondem às questões básicas do lide: **[35]** o quê, quem, quando, onde, como e por quê? Assim, o texto apresentado (muitas vezes manuscrito em folhas avulsas de caderno escolar) *(Ver figura 14)* passa por

35 - Palavra aportuguesada do inglês *lead*, conduzir, liderar. O jornalismo usa o termo para resumir a função do primeiro parágrafo: introduzir o leitor no texto e prender a sua atenção. Há dois tipos básicos de lide: o 'noticioso', que responde às questões principais em torno de um fato (o quê, quem, quando, como, onde e por quê) e o 'não-factual', que lança mão de outros recursos para chamar a atenção do leitor. *(Novo manual da redação – Folha de S. Paulo*, 1998: 37)

uma etapa de copidesque **[36]** antes da publicação. O que se percebe nesse 'pente fino' do texto é que muitas questões levantadas pelo coordenador não são respondidas pelo autor do texto, ou seja, a redação apresentada não reflete a totalidade das informações levantadas pelo adolescente.

TÍTULO – O título, como recurso editorial, é motivo de grande preocupação por parte dos jornais, independentemente do porte, da tiragem ou do público a que se destina. Os jornais de grande circulação revelam essa preocupação em seus manuais. A *Folha de S. Paulo*, em seu *Novo manual da redação*, destina duas páginas ao assunto (págs. 168 e 169). *O Globo*, em seu *Manual de redação e estilo*, aborda o tema de forma mais detalhada, reservando espaço entre as páginas 51 a 57. O jornal *O Estado de S. Paulo*, em seu *Manual de redação e estilo*, não deixa por menos: destina amplo espaço (o assunto é tratado da página 282 a 289) distribuído entre 'instruções gerais', quando descreve 14 itens e 'instruções específicas' quando elenca 46 tópicos que devem ser cuidadosamente observados pelos editores na hora da elaboração desse 'anúncio do fato'.

A *Folha de S. Paulo*, em seu *Novo manual da redação*, oferece a seguinte definição:

> "A maioria dos leitores de um jornal lê apenas o título da maior parte dos textos editados. Por isso, ele é de alta importância. Ou o título é tudo que o leitor vai ler sobre o assunto ou é o fator que vai motivá-lo ou não a enfrentar o texto. [...] O título deve ser uma síntese precisa da informação mais importante do texto." (1998: 168)

O Globo, em seu *Manual de redação e estilo*, afirma:

> "Título é o anúncio da notícia concentrado no fato que provavelmente mais despertará a atenção. Como na boa propaganda é proibido a esse anúncio prometer mais do que a matéria realmente contém ou afirmar algo que nela não existe." (1998: 51)

O *Estado de S. Paulo*, embora seja dentre os três jornais ora citados, o que mais detalhou o assunto em seu manual, no que diz respeito à definição, é o mais sintético:

> "O título deve, em poucas palavras, anunciar a informação principal do texto ou descrever com precisão um fato." (1997: 282)

Como se observa, os três jornais, guardadas suas especificidades editoriais, apresentam defini-

---

36 - Copidesque é a palavra aportuguesada do inglês *copydesk*. Designa o trabalho – ou pessoa que o executa – de reescrever textos para a publicação. *(Novo manual da redação – Folha de S. Paulo*, 1998: 65)

ções que convergem para o anúncio do fato, da notícia. Preocupam-se, contudo, e, principalmente, com o aspecto técnico da elaboração do título. RABAÇA e BARBOSA (1988) e BAHIA (1990) procuram oferecer uma definição mais teórica, conforme veremos a seguir. BAHIA afirma:

> "O título faz parte da técnica da redação, mas é cada vez mais uma arte. Ele é inconfessadamente a primeira linha, a primeira oração ou a primeira frase de uma notícia, de uma reportagem, de uma análise ou de um editorial. [...] O título deve atrair a atenção e dar uma idéia geral dos fatos que precede. É importante que o título mantenha consistência com o texto – e não que diga uma coisa, para criar impacto. Enquanto a notícia diz outra. O título deve essa fidelidade ao texto do qual é tirado, por mais abstrato que pareça." (BAHIA, 1990: 46-7)

RABAÇA e BARBOSA, (1988: 577) respondendo à objetividade que requer o conteúdo apresentado em um dicionário, definem:

> "Nome de um determinado livro, filme, jornal, revista, anúncio publicitário, peça teatral, programa de rádio ou tv, ou de qualquer texto literário, jornalísticos ou científico, poema, música, desenho etc. Define, geralmente, o assunto ou o teor da obra e a distingue das demais. [...] Palavra ou frase, geralmente composta em corpo maior do que o utilizado no texto, e situada com destaque no alto de notícia, artigo, seção, quadro etc., para indicar resumidamente o assunto da matéria e chamar a atenção do leitor para o texto."

O que podemos verificar, conforme citam os autores, é que o título, além de sintetizar a notícia, tem a importante função de chamar a atenção sobre o assunto, convidar o público para a leitura, seja da notícia, do artigo, da crônica, da poesia, do editorial. Entretanto, esses autores dão tratamento voltado ao tipo de publicação que elaboram ou que analisam. Há que se pensar numa categoria específica de títulos, aquela que deve ser utilizada pela mídia segmentada.

Se considerarmos o jornal comunitário como um exemplo de mídia segmentada e que se caracteriza, entre outras atribuições, pela proximidade com o público-alvo, convém, dessa forma, elaborar títulos que se distinguem daqueles adotados pelos veículos de informação geral. Muitos desses títulos podem ser vistos em edições do *Conexão Jovem* em matérias que procuram estabelecer mais que uma relação de proximidade uma relação, em certa medida, de intimidade, de vizinhança, como poderia ocorrer num diálogo entre dois interlocutores. Nessa situação podemos des-

tacar alguns títulos pinçados das diferentes edições da publicação: 'Tem emprego aí?' **[37]** *(Ver figura 15)*, 'Você é cidadão?' **[38]** *(Ver figura 16)*, 'Preconceito, jamais' **[39]** *(Ver figura 17)*, 'Fala, galera' **[40]** *(Ver figura 18)* e 'Tinha umbigada a noite inteira'. **[41]** *(Ver figura 19)* São títulos que procuram, de modo coloquial, estabelecer um diálogo entre o emissor (autor do texto) e o receptor (leitor) numa linguagem própria, de vizinhança, de espaço de convivência em que 'jornalista' e leitor circulam nos mesmos espaços, compartilham modos de vida semelhantes.

Mas não é apenas a relação de proximidade que caracteriza boa parte dos títulos de publicação comunitária como o *Conexão Jovem*. Um jornal comunitário, cujo público-alvo não tem muito hábito de leitura, deve buscar atrair o leitor por meio de títulos que dêem o sentido de orientação, principalmente quando o jovem é o alvo desse anúncio. Assim, podemos destacar 'Sem camisinha? Nunca!', **[42]** *(Ver figura 20)* 'Gravidez na adolescência' **[43]** *(Ver figura 21)* e 'Ame a

Figura 15


Reportagem

Tem emprego aí?

Texto: *Luciene Alves* - Foto: *Amanda Brito*

Oferecer novas oportunida- esteja cursando no mínimo a 7ª série e seja encaminhado

Figura 16


Cidadania

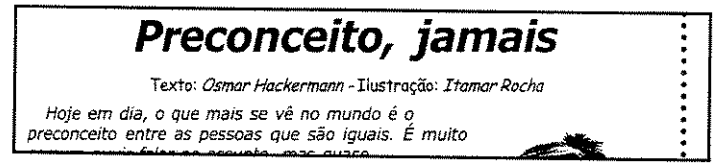
Você é

Cidadão?

Luciene dos Santos Alves

No mundo de hoje as pessoas não estão exercendo a cidadania, muitas não sabem nem o

Figura 17


Preconceito, jamais

Texto: *Osmar Hackermann* - Ilustração: *Itamar Rocha*

Hoje em dia, o que mais se vê no mundo é o preconceito entre as pessoas que são iguais. É muito

Figura 18

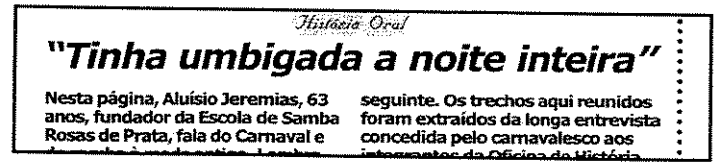

Reportagem

Fala, Galera

Texto: *Amanda Brito* - Foto: *Amanda Cristina de Oliveira*

A Escola Padre Francisco Silva criou há três sabrochar novos talentos, pois os alunos têm

Figura 19


História Oral

"Tinha umbigada a noite inteira"

Nesta página, Aluísio Jeremias, 63 anos, fundador da Escola de Samba Rosas de Prata, fala do Carnaval e

seguinte. Os trechos aqui reunidos foram extraídos da longa entrevista concedida pelo carnavalesco aos

---

37 - Título elaborado a partir de reportagem de Luciene Alves. In: *Conexão Jovem.* Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 1.

38 - Título elaborado a partir de artigo Luciene Alves. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 4.

39 - Título elaborado a partir de artigo de Osmar Hackermann. In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 3.

40 - Título elaborado a partir de reportagem de Amanda Brito. In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 1.

41 - Título elaborado a partir de entrevista feita na Oficina de História Oral. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 9.

42 - Título elaborado a partir de reportagem de Aline Alves. In: *Conexão Jovem.* Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 1.

43 - Título elaborado a partir de reportagem de Luciene dos Santos Alves. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p. 8.

vida sem drogas'. **[44]** *(Ver figura 22)* Além de orientar, o jornal deve também educar. Assim, por que não produzir títulos que tenham embutidos o propósito da educação? É o que podemos verificar nos títulos 'Ler é estimulante', **[45]** *(Ver figura 23)* 'Escrever é o melhor remédio', **[46]** *(Ver figura 24)* 'O que é educação?' **[47]** *(Ver figura 25)*

Outra preocupação presente no processo de edição de um jornal comunitário e que pode ser observada a partir do título é a valorização da auto-estima. Procura fazer com que o entrevistado (não raro, um membro da comunidade) seja reconhecido a partir da 'chamada' no topo da reportagem. É o que podemos observar nos títulos personificados como 'José Araújo, Poeta' **[48]** *(Ver figura 26)* e 'A arte da Nina' **[49]** *(Ver figura 27)* Há exemplos que embora não tenham personificado o entrevistado no título, optam por um conteúdo mais chamativo, deixando o nome do entrevistado no subtítulo, **[50]** como podemos observar em 'Força de pitbull, coração de labrador', **[51]** *(Ver figura 28)* tendo como complemento 'O morador do Jardim Paulicéia, Carlos Roberto,

Figura 20


Reportagem

Sem camisinha? Nunca!

Texto e foto: *Aline Alves*

O primeiro Seminário "Tambor dá Saúde"

Figura 21


Reportagem

Gravidez na ADOLESCÊNCIA

Texto: *Luciene dos Santos Alves*
Foto: *Natalie Iara dos Santos*

Figura 22


Reportagem

Ame a vida sem drogas

Entidades e escolas públicas fazem apresentações de dança, de circo e de esportes no SESI

Texto: *Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira*

Figura 23


Opinião

Ler é estimulante

Texto: *Vinícius Andrey Silva*
Ilustração: *Amanda Cristina de Oliveira*

Figura 24


Reportagem

"Escrever é o melhor remédio"

Texto e foto: *Luciene dos Santos Alves*

---

44 - Título elaborado a partir de reportagem de Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2004, n. 7, p. 6.

45 - Título elaborado a partir de artigo de Vinícius Andrey Silva. In: *Conexão Jovem.* Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 3.

46 - Título elaborado a partir de reportagem de Luciene Alves. In: *Conexão Jovem.* Maio/Junho de 2004, n. 3, p. 8.

47 - Título elaborado a partir de artigo de Joseane Queiroz Caetano. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 2.

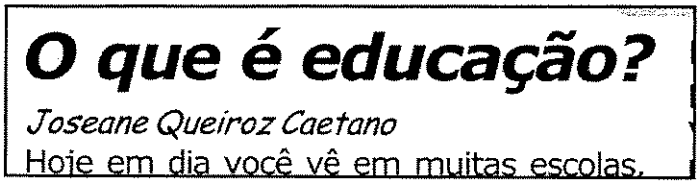
48 - Título elaborado a partir de reportagem de Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2004, n. 7, p.8.

ex-adolescente do Progen, é campeão estadual de jiu-jitsu'. Também é possível notar nas edições da publicação a preocupação de elevação da auto-estima por meio de títulos genéricos, que valorizam ações em trabalhos conjuntos, como 'Ontem alunos, hoje instrutores'. **[52]** *(Ver figura 29)*

A constante preocupação por parte dos jornais em fazer do título algo que vai além de um anúncio do fato que visa seduzir o leitor para o assunto faz com que o recurso também seja pensado plasticamente. É a composição conteúdo e forma pensada num processo de sedução. Neste sentido, BAHIA afirma:

> "O título anuncia o fato, resume a notícia e embeleza a página, numa conjugação de técnica e arte que jornais, revistas, livros e outros meios visuais procuram aprimorar utilizando recursos gráficos. Por esse motivo, precisa ser não só bem elaborado na redação como também visualmente íntegro, com caracteres e cores apropriados. [...] Os títulos podem ser contados ou livres. No primeiro caso, cada linha do título tem uma quantidade limitada de letras ou espaços da coluna. No segundo caso, o redator se atém apenas ao tamanho da coluna ou da medida da linha. Podem ser em maiús-

Figura 25


O que é educação?

Joseane Queiroz Caetano

Hoje em dia você vê em muitas escolas.

Figura 26


José Araújo, Poeta

Texto: Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira. Foto: Amanda Brito

Cada um possui dentro trava para seus professo- Araújo já participou até

Figura 27


A arte da

NINJA

Texto: Tiara Adriana de Oliveira

Foto: Aline Alves

Figura 28


Força de Pitbull, coração de labrador

O morador do Jardim Paulicéia, Carlos Roberto, ex-adolescente do Progen, é campeão estadual de jiu-jitsu

Texto: Osmar Hakermann Costa - Foto: Anderson Felipe

Figura 29


Cidadania

Ontem alunos, hoje instrutores

Texto: Profa. Regina Helena Castelani Barbarini - Foto: Aline Alves

---

49 - Título elaborado a partir de reportagem de Tiara Adriana de Oliveira. In: *Conexão Jovem.* Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 6.

50 - É uma frase usada para introduzir ou completar o título de uma notícia. Se diagramada acima do título é sobretítulo, se abaixo dele é subtítulo. Normalmente se apresenta em itálico.

51 - Título elaborado a partir de reportagem de Osmar Hackermann Costa. In: *Conexão Jovem.* Agosto de 2005, n. 9, p. 1.

52 - Título elaborado a partir de texto feito pela profa. Regina Helena Castelani Barbarini. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p. 4.

culas, minúsculas ou só em maiúsculas." (BAHIA, 1990: 47)

BAHIA mostra, portanto, que o título não se constitui apenas em recurso visual que anuncia o fato. Tenha ele o número de caracteres limitados ou não, devemos sempre considerar sua função plástica, aquela do 'embelezamento' citado pelo autor. Na produção de um jornal, como o *Conexão Jovem* (veículo que adota as qualidades, características e especificidades de um fanzine), consideramos mais apropriada para a sua elaboração a adoção de produção de número de caracteres livres – assim, o título incorpora-se ao desenho da página sem a camisa de força que caracteriza a produção de títulos contados. Nesta situação, o título orienta o planejamento visual: é produzido pelo editor, cabendo ao diagramador/paginador a melhor forma de aplicação na página, conjugando sempre título/texto/imagem (foto, ilustração, infográfico, etc.).

Figura 30

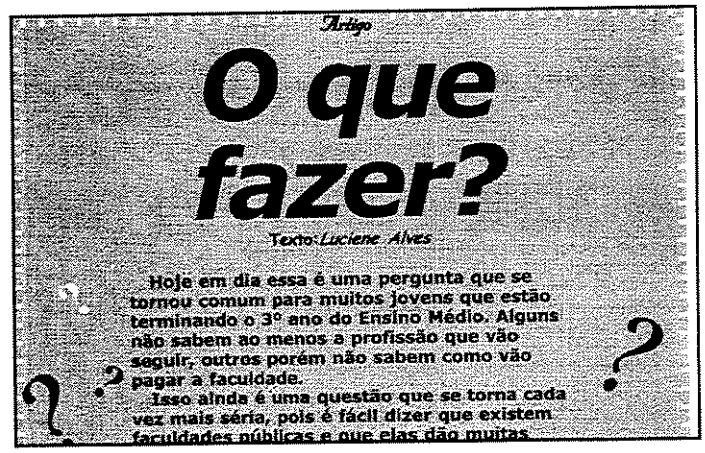


Figura 31

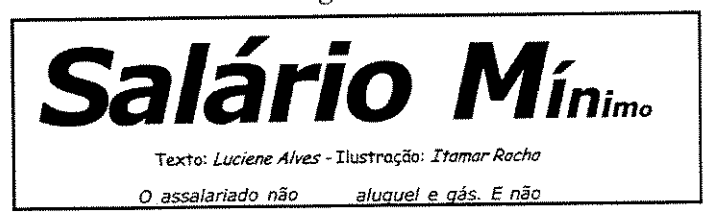


Figura 32



O objetivo mais declarado de fazer do título algo mais do que o anúncio do fato pode ser verificado em páginas em que esse recurso está integrado ao conteúdo visual, ou seja, ele vai além do textual e torna-se imagem – uma imagem integrada (ou incorporada) ao conteúdo da notícia. É o que podemos observar nos títulos 'O que fazer?', **[53]** *(Ver figura 30)* 'Salário Mínimo' **[54]** *(Ver figura 31)* e 'Reviver'. **[55]** *(Ver figura 32)* No primeiro caso ('O que fazer?') o artigo apresenta-se sobre um fundo cinza (20%) e o ponto de interrogação do título é reproduzido várias vezes e aplicado aleatoriamente sobre a superfície cinza. Os pontos de interrogação que pululam na composição gráfica procuram expressar ao leitor os questionamentos e as incertezas que permeiam a cabeça do adolescente quando encerra o ensino fundamental e se vê diante das dificuldades em relação à obtenção de emprego ou de ingresso na faculdade.

53 - Título elaborado a partir de artigo de Luciene Alves. In: *Conexão Jovem*. Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 4.

54 - Título elaborado a partir de artigo de Luciene Alves. In: *Conexão Jovem*. Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p. 3.

55 - Título elaborado a partir de texto de Amanda de Brito. In: *Conexão Jovem*. Abril de 2004, n. 2, p. 1.

No segundo caso ('Salário Mínimo'), o título apresenta-se de modo que as letras que compõem a palavra 'mínimo' vão diminuindo gradativamente (do corpo **[56]** 72 ao corpo 14) de modo que o leitor se dê conta a partir da leitura do título que o artigo aborda a diminuição do valor de compra do salário – um salário que, segundo a autora, mal dá para pagar as contas públicas. No terceiro caso ('Reviver'), o modo de apresentação gráfica do título procura transmitir uma idéia oposta a do exemplo anterior. Se no caso do 'Salário Mínimo' o que se pretende é mostrar o processo de deterioração por meio da perda do valor de compra, em 'Reviver' pretende-se transmitir a noção do renascimento, do ressurgimento, da renovação. O título é composto pela palavra 'reviver' que se repete três vezes. Começa em corpo muito discreto (tamanho 40), aumenta (tamanho 55) e termina em corpo avantajado (tamanho 75). Simultaneamente, à medida que aumenta o tamanho do corpo, aumenta a intensidade da cor que compõe o título: começa com cinza 40%, passa pelo cinza 70% até atingir o preto absoluto, procurando transmitir a noção de 'ressurgimento para a vida', de 'tornar a viver' – procura expressar visualmente conteúdo textual da reportagem sobre o grupo de idosos da comunidade.

Box – Outro recurso bastante utilizado nas edições do *Conexão Jovem* foi o box (quadro), espaço que, invariavelmente, abriga conteúdo informativo que, normalmente, não pode – ou não convém – ser incluído no corpo da notícia. É um apêndice de uma notícia ou reportagem, nunca sendo editado separadamente.

É texto curto, apresentado graficamente de diferentes formas, em associação com outro texto, mais longo. Pode ser texto de serviço, biografia, reprodução integral de um documento, diálogo, pequena entrevista pingue-pongue, comentário, aspecto pitoresco da notícia etc.

RABAÇA e BARBOSA (1988: 82) assim definem o termo:

> "Espaço, geralmente delimitado por fios, que traz informações adicionais ao corpo de uma matéria jornalística ou anúncio publicitário. O texto do boxe é quase sempre composto em tipo diferente do restante da matéria."

Convém salientar que o box, embora seja normalmente apresentado com moldura (os fios, interligados ou não, fazem o contorno do quadro), pode também ser apresentado sem o fio, apenas com fundo diferente daquele estampado na notícia maior – o destaque da cor delimita o quadro.

Em todas as edições do *Conexão Jovem,* em que o recurso foi utilizado, o conteúdo, seguindo as regras editoriais, aparece sempre no contexto da notícia. Assim, podemos observar o box intitulado

---

56 - Dimensão dos tipos de letras usadas na composição dos textos e dos títulos. É representado por números que identificam a sua quantidade de pontos tipográficos.

'Olhos', destacando uma poesia do poeta José Araújo; **[57]** *(Ver figura 33)* o box intitulado 'Bolo de fubá', destacando uma receita da conzinheira Fátima Anário, **[58]** *(Ver figura 34)* o box intitulado 'Sinopse', **[59]** *(Ver figura 35)* destacando informações técnicas sobre produções cinematográficas e o box intitulado 'Professora sugere inclusão de assistente social', **[60]** *(Ver figura 36)* destacando entrevista com a profa. Edilene Gomes sobre o Programa Escola da Família.

Figura 33



José Araújo, Poeta

Texto: *Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira.* Foto: *Amanda Brito*

Cada um possui dentro de si talento e criatividade, mas muitas vezes precisamos de incentivo para despertar essas aptidões.

Assim aconteceu com o poeta José Araújo, 51 anos, que trabalha como motorista de caminhão para a prefeitura e que foi incentivado por sua professora quando ainda era menino. "Desde os tempos de escola escrevia, mas não dava a mínima importância. Foi minha professora de português, Luciene, que percebeu que eu tinha talento para escrever", diz Araújo. Desde então, José Araújo não parou mais de escrever. Tudo o trava para seus professores que continuavam incentivando o garoto escritor. Seus textos se tornavam, até mesmo, tema das aulas.

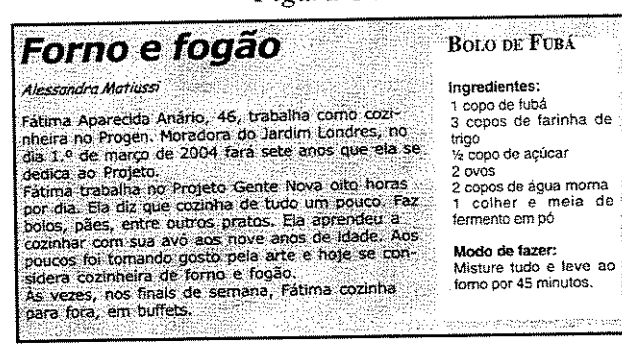
Sua primeira poesia se chamava "País do Sem". Araújo explica que não é "cem" de numeral e sim o Brasil sem moradia, sem comida, sem assistência médica.... o poeta guarda o rascunho até hoje, mesmo com as fo- Araújo já participou até de concursos e chegou a expor suas poesias na escola em que estudou.

Ele afirma que não tem um tema específico para escrever, mas gosta especialmente de escrever sobre a situação econômica do país. Confessa, ainda, que não se acha poeta, nem que escreve bonito, apenas escreve para atingir as pessoas com uma mensagem positiva. A inspiração, conta Araújo, surge de repente. Pode até mesmo ser uma pessoa ou a lua, por exemplo. "O importante é colocar o que se sente no papel", diz ele, que encontrou na poesia a solução

Olhos

Seus olhos são a porta de entrada
Para o desconhecido. Abra-os e descubra
Um mundo novo de sonhos e fantasias.
Quando quiseres sonhar feche-os
E verás apenas o colorido da vida
Mesmo que lhe pareça sem cores
Não tenha medo de sonhar
Os sonhos muitas vezes
São partes integrantes de uma
Realidade reprimida.

Figura 34



Forno e fogão

Alessandra Matiussi

Fátima Aparecida Anário, 46, trabalha como cozinheira no Progen. Moradora do Jardim Londres, no dia 1.º de março de 2004 fará sete anos que ela se dedica ao Projeto.
Fátima trabalha no Projeto Gente Nova oito horas por dia. Ela diz que cozinha de tudo um pouco. Faz bolos, pães, entre outros pratos. Ela aprendeu a cozinhar com sua avó aos nove anos de idade. Aos poucos foi tomando gosto pela arte e hoje se considera cozinheira de forno e fogão.
Às vezes, nos finais de semana, Fátima cozinha para fora, em buffets.

Bolo de Fubá

Ingredientes:
1 copo de fubá
3 copos de farinha de trigo
½ copo de açúcar
2 ovos
2 copos de água morna
1 colher e meia de fermento em pó

Modo de fazer:
Misture tudo e leve ao forno por 45 minutos.

Ilustrações e clipartes – Uma das propostas de realização dos fanzines é buscar valorizar a publicação por meio de ilustrações que possibilitem a elaboração de uma publicação mais limpa, mais leve, mais atraente. Estratégia também adotada pelas grandes empresas, como a *Folha de S. Paulo,* que em seu manual, (1998: 148) define ilustração como:

> "Qualquer imagem (foto, desenho, arte) usada numa edição. Em sentido mais restrito, designa nos jornais desenhos ou colagens que não recebem nomes mais específicos (como charge ou cartum)."

Não por acaso, quando da decisão da continuidade do projeto do *Conexão Jovem* e do conseqüente compromisso de produção de novas edições, contávamos com a participação de alguns adolescentes, basicamente, com aqueles cuja presença tivesse sido significativa na primeira edição. Assim, fizemos a solicitação pessoal ao adolescente José Carlos Neto, que se mantivesse integrado ao grupo na condição de ilustrador, uma vez que a sua participação na primeira edição havia valorizado significativamente a publicação. Entretanto, o

---

57 - Box com poesia. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2004, n. 7, p. 8.

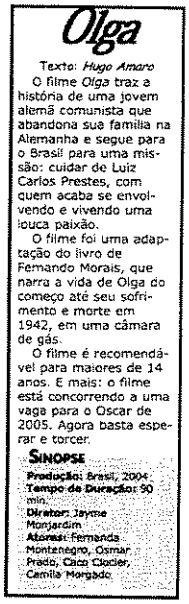
58 - Box com receita de bolo. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2003, n. 1, p. 5.

59 - Box com sinopse de filme. In: *Conexão Jovem.* Dezembro de 2004, n. 7, p. 7.

60 - Box com entrevista pingue-pongue. In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 8.

ilustrador, embora estivesse integrado à equipe que começava a pensar a segunda edição, havia passado por um processo de seleção e começara a trabalhar no Comec (Centro de Orientação ao menor de Campinas). Configurava-se, naquele momento, a primeira, de uma série de perdas de valores humanos para a elaboração do *Conexão Jovem*, conforme veremos mais adiante. Assim, diante da necessidade, foram surgindo novos ilustradores. Alguns adolescentes ilustravam os artigos dos companheiros. **[61]** *(Ver figura 37)* Outros preferiam assumir as duas funções: produzir a poesia e fazer a ilustrações. **[62]** *(Ver figura 38)*

Figura 35



Olga

Texto: *Hugo Amaro*

O filme *Olga* traz a história de uma jovem alemã comunista que abandona sua família na Alemanha e segue para o Brasil para uma missão: cuidar de Luiz Carlos Prestes, com quem acaba se envolvendo e vivendo uma louca paixão.

O filme foi uma adaptação do livro de Fernando Morais, que narra a vida de Olga do começo até seu sofrimento e morte em 1942, em uma câmara de gás.

O filme é recomendável para maiores de 14 anos. E mais: o filme está concorrendo a uma vaga para o Oscar de 2005. Agora basta esperar e torcer.

SINOPSE

Produção: Brasil, 2004
Tempo de Duração: 90 min.
Diretor: Jayme Monjardim
Atores: Fernanda Montenegro, Osmar Prado, Caco Ciocler, Camila Morgado

Figura 36



Reportagem

A família vai à Escola

Texto e Foto: *Aline Alves*

O programa Escola da Família existe desde agosto de 2003. É promovido pelo governo do Estado em parceria com a Unesco e o Instituto Ayrton Senna. Para sua realização, as escolas estaduais abrem seus portões no final de semana com o intuito de oferecer para a comunidade espaço para a realização de projetos e para a construção de uma sociedade de paz.

O programa oferece atividades de esporte, cultura, qualificação para o trabalho e preservação do meio ambiente.

Segundo o professor de educação física e um dos organizadores do projeto, Guilherme Moisés, o programa apresenta várias dificuldades como despertar a comunidade para as atitudes solidárias. "Devemos reeducar a sociedade para que suas atividades visem melhorias na formação como cidadão, pois as pessoas hoje dão muita atenção ao objeto que mais manipula os jovens e as crianças: a televisão".

Problemas burocráticos, falta de voluntários para a ampliação do número de oficinas e a conscientização da comunidade quanto a importância do projeto da família são aspectos que também incomodam Guilherme. "Afora esses aspectos, o programa nos dá oportunidades para descobrirmos futuros cidadãos vencedores. Estamos procurando adotar hábitos culturais que os estimulem para uma formação complementar", diz.

Esporte e entretenimento na escola

Professora sugere inclusão de assistente social

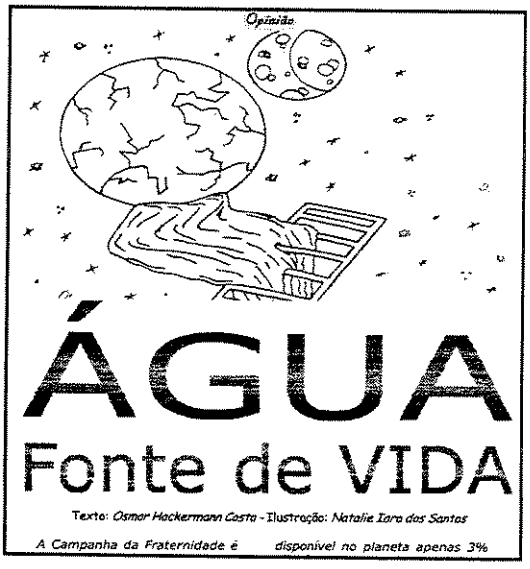
Ellen Fabíola da Silva

Nesta entrevista, a professora Edilene Maria P. S. Gomes, da Escola Estadual Antônio Fernandes Gonçalves fala sobre o projeto.

***Conexão Jovem* - A quem o programa beneficia?**
Edilene - Beneficia a comunidade em geral.
***CN* - Quais as dificuldades?**
Edilene - Aumentar o número de participantes no programa.
***CN* - Quais os pontos positivos e os negativos do programa?**
Edilene - Positivos: integração da comunidade com a escola. Oferece lazer, cultura, educação, noções de cidadania, etc.
Negativos: não há lado negativo, pois o programa foi implantado para atender a comunidade.
***CN* - O que pode melhorar no programa?**
Edilene - Sinto a falta de participação de uma assistente social. Também acho que o programa seria melhor se a comunidade participasse mais efetivamente.

Mas, foi a partir da quarta edição que o *Conexão Jovem* passa a contar com um ilustrador 'oficial', o educador social do Progen, Itamar Rocha. Durante uma reunião, os adolescentes citaram que Itamar já havia mostrado alguns de seus trabalhos e que ele, em momentos de lazer, fazia da ilustração uma de suas atividades prediletas. Neste sentido, Itamar, após consultado, solicitou que lhe fosse concedido um tempo para a realização do trabalho. Assim, os textos eram entregues ao educador numa quarta-feira (dia da Oficina de Jornalismo Comunitário) e as ilustrações apresentadas na quarta-feira seguinte. Ao todo, Itamar produziu 9 ilustrações, **[63]** conforme mostramos um exemplo. **[64]** *(Ver figura 39)*

Figura 37



Opinião

ÁGUA

Fonte de VIDA

Texto: *Osmar Hackermann Costa* - Ilustração: *Natalie Iara dos Santos*

A Campanha da Fraternidade é *disponível no planeta apenas 3%*

---

61 - Ilustração de Natalie Iara dos Santos. In: *Conexão Jovem*. Abril de 2004, n. 2, p. 3.

62 - Ilustração de Hugo Marcelino. In: *Conexão Jovem*. Agosto/Setembro de 2004, n. 5, p.6.

63 - tamar Rocha produziu três ilustrações para a edição 4, quatro para a edição 5, uma para a edição 6 e uma para a edição 7.

64 - Ilustração de Itamar Rocha. In: *Conexão Jovem*. Setembro/Outubro de 2004, n. 6, p. 7.

Figura 38

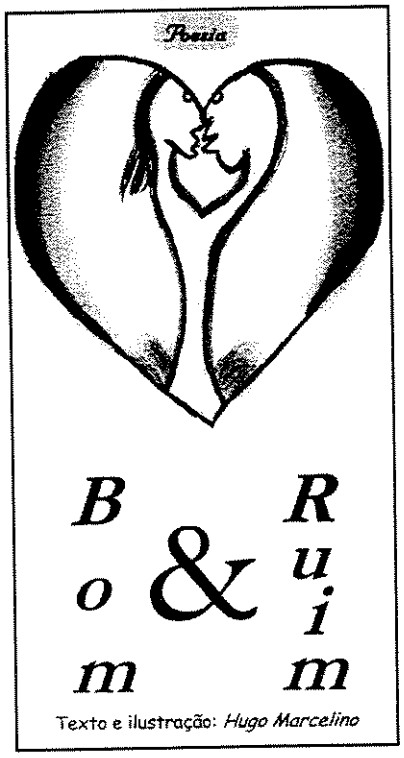


Figura 39



Figura 40



Outra forma de tornar o fanzine mais leve foi a adoção de clipartes, artes prontas disponibilizadas na Internet, vinculadas a softwares ou em CD-ROM avulso. Os clipartes, rejeitados pela maioria das publicações profissionais – muitas empresas não os adotam por considerarem as artes produzidas em série algo pobre – são aceitos em publicações do porte de fanzines. Esse tipo de arte foi utilizado 32 vezes nas edições do *Conexão Jovem.* Na reportagem sobre o grupo de idosos 'Reviver', foram utilizados 11 clipartes com imagens alusivas às atividades desenvolvidas pelo grupo como música, dança e esporte. **[65]** *(Ver figura 40)*

ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS – Embora o prazer paute a prática da educação não-formal, e o trabalho voluntário (portanto, não remunerado) seja uma premissa para a prática do jornalismo comunitário, achamos por bem introduzir, a partir da segunda edição, a veiculação de anúncios publicitários. A inserção de anunciantes que vendem produtos e serviços em veículo comunitário é, acima de tudo, uma manifestação de apoio à iniciativa, mas constitui-se também (conforme visto no capítulo 1) uma das poucas oportunidades de pequenos anunciantes verem suas marcas estampadas em páginas de um jornal. Se há esta oportunidade para o anunciante, há, principalmente, o aspecto positivo para os adolescentes, que, além de repórteres, ilustradores, poetas, críticos, articulistas, passam a assumir o papel de 'contatos publicitários'. É

65 - Clipartes. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p.1.

possibilitar a retirada da máscara da inibição e bater de porta em porta em busca de anúncio. É o que podemos chamar de início de empreendedorismo, discreto, mas significativo para aqueles adolescentes, conforme cita CHIAVENATO: (2004: 4)

> "Os empreendedores são heróis populares no mundo dos negócios. [...] Continuamente, milhares de pessoas com esse perfil – desde jovens adolescentes a cidadãos mais idosos e de todas as classes sociais – inauguram novos negóicios por conta própria e agregam a liderança dinâmica que conduz ao desenvolvimento e ao progresso das nações. É a força vital que faz pulsar o coração da economia."

Figura 41

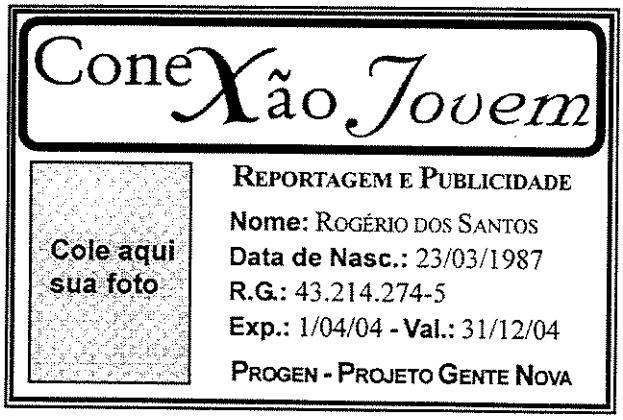
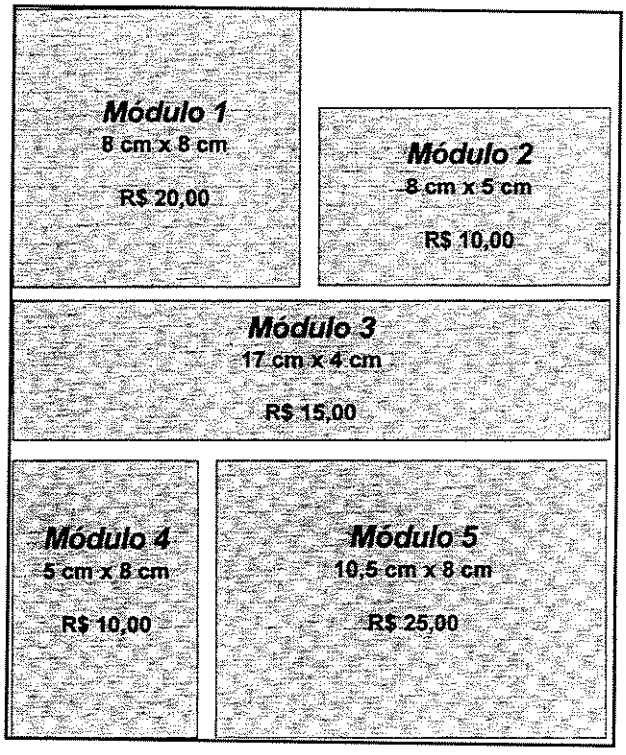


Figura 42



Definida a inclusão de anúncios publicitários, e, portanto, o início de um envolvimento comercial, alguns jovens começavam a vislumbrar naquela atividade o início de uma profissionalização. Partiu deles a solicitação de uma carteirinha, uma credencial *(Ver figura 41)* que formalizasse o vínculo com o *Conexão Jovem*. Uma credencial que permitisse a identificação tanto no trabalho de captação de anúncios como nas atividades jornalísticas como entrevistas e produção fotográfica.

Para facilitar a venda de anúncios, foram criados módulos *(Ver figura 42)* com várias dimensões e preços, sem perder de vista que os valores deveriam ser acessíveis para facilitar a participação do maior número de anunciantes. Os módulos 2 e 4, os mais baratos (o horizontal apresenta dimensões de 8 cm de base por 5 cm de altura; o vertical apresenta dimensões de 5 cm de base por 8 cm de altura), foram comercializados a R$ 10,00 e acabaram predominando entre os anúncios veiculados nas nove edições em que foram incluídos (85%). Outros formatos também foram aceitos pelos anunciantes, embora em número muito reduzido. **[66]** *(Ver figuras 43 e 44)*

66 - Anúncio Belacell. *In: Conexão Jovem.* Maio/Junho de 2004, n. 3 - p. 6. Anúncio Stillo Modas. In: *Conexão Jovem.* Junho/Julho de 2004, n. 4, p. 6.

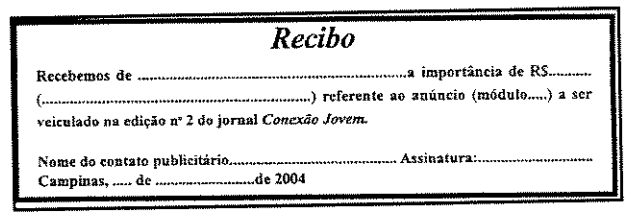
Figura 43



Figura 44



Figura 45



Também foi posta a discussão de como seria a divisão e a utilização do dinheiro arrecadado com a venda de anúncios, partindo da premissa de que todos os adolescentes envolvidos na produção do jornal, mesmo que não vendessem um anúncio, receberiam, de alguma forma, parte do valor arrecadado. Assim, o grupo, após breve discussão, decidiu que o adolescente que capitalizasse o anúncio ficaria com 70% do valor e os 30% restantes seriam divididos igualmente entre os demais adolescentes. Caso a capitalização tivesse sido feita por dois adolescentes, o valor correspondente a 70% seria dividido igualmente pelos 'vendedores'. Essa diferenciação se justifica: é premiar aquele que mais se empenhasse na busca de patrocinadores. Entretanto, o trabalho não se limitava à venda do anúncio: cabia ao contato publicitário discutir o conteúdo textual e imagético, participar do processo de produção do anúncio, retornar a primeira prova para apreciação do anunciante, discutir e proceder as alterações, e, finalmente, formalizar a autorização de inserção. Para inserir o anúncio, o comerciante ou prestador de serviço, deveria fazer o pagamento antecipado, ficando de posse de um recibo. *(Ver figura 45)* Quando a edição fosse publicada, o local de trabalho do anunciante tornava-se ponto de distribuição do jornal. Foi exatamente o que se sucedeu em todas as edições do *Conexão Jovem.*

Também ficou decidido que o *Conexão Jovem* não adotaria a política de permuta, ou seja, fazer anúncio em troca de produção de textos que agradasse ao anunciante, conforme visto no capítulo 1. Devemos destacar aqui uma situação inusitada: o interesse de veiculação de um anúncio por parte do entrevistado. Durante a realização de uma entrevista sobre a feira de artesanato, cuja publicação estava prevista para o *Conexão Jovem* no. 2, a coordenadora da feira, Zenilda Martins da Silva, demonstrou interesse em comprar um espaço para fazer publicidade. Assim, o próprio repórter tornou-se contato publicitário. Durante o fechamento da edição, por conta do grande número de textos que 'envelheceriam' se não fossem publicados, optou-se por deixar a entrevista com a coordenadora da feira para a terceira edição do jornal. O anúncio, entretanto, foi veiculado. Essa veiculação não se pautou pela lógica do capitalismo em que o anúncio deve ter prioridade em relação ao conteúdo informativo **[67]**

67 - Nos jornais do Brasil e do mundo há um *deadline*, ou horário de fechamento, para a inclusão de textos jornalísticos e anúncios. Entretanto, na prática, o que se observa é que os anúncios não programados são inseridos em substituição a textos jornalísticos, culminando, não raro, em uma rediagramação da página para a colocação da publicidade. Devemos salientar que esta prática é mais comum em jornais de pequeno e médio porte. Em grandes jornais, embora haja essa prática, a ocorrência é menos freqüente, ou seja, o *deadline* é mais rigoroso.

– ocorreu, sim, visando o estímulo do prêmio aos adolescentes, a partir da venda do anúncio.

Uma mostra de que nem todo anúncio era aceito ocorreu no contato com um pequeno comerciante (proprietário de um bazar) que, a partir de um ímã de geladeira, exigia a reprodução fiel de um anúncio, não admitindo a utilização de outra fonte (desenho de letra) para a elaboração da arte. *(Ver figura 46)* Como se isso não bastasse, destinou aos adolescentes que fizeram o contato, um tratamento grosseiro e de desconfiança, obrigando a adolescente a assinar um termo de compromisso *(Ver figura 47)* com o seguinte conteúdo: "O Bazar Matilde tem direito a 30 exemplares do jornal e antes do anúncio ser editado no jornal vou apresentar o modelo para aprovação da arte-final na próxima quarta-feira". Quando a adolescente apresentou o anúncio ao proprietário do bazar, foi mais uma vez recebida de maneira mal educada. Apesar do pagamento adiantado, os adolescentes não concordaram com a postura do anunciante e optaram pela devolução do dinheiro.

Figura 46



Figura 47

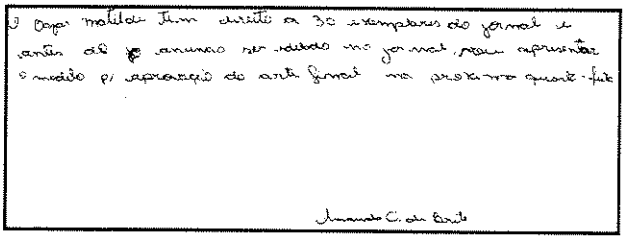
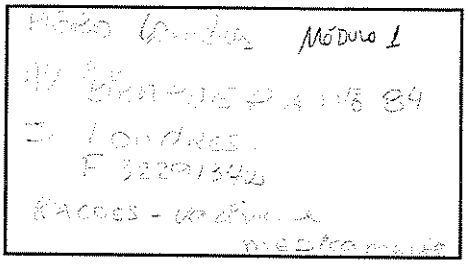
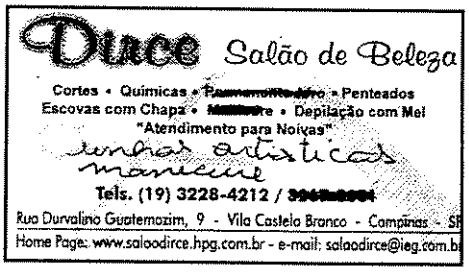


Figura 48



> "Ele insistia que as letras do anúncio não eram as mesmas do ímã e que ele não estava satisfeito com o resultado. A gente é pobre, mas isso não é motivo para sermos tratados com falta de educação. Preferi devolver a ele os R$ 10,00. Pessoas assim não merecem espaço em nosso jornal." **[68]**

Figura 49



O processo de venda de anúncio se deu da seguinte maneira: o adolescente visitava o comerciante ou prestador de serviço e, mediante o interesse, recebia antecipadamente o valor referente ao módulo e assumia o compromisso de retornar a primeira versão do anúncio. Recolhia junto ao anunciante o conteúdo a ser veiculado (texto manuscrito *(Ver figura 48)*, cartão de visita *(Ver figura 49)* e saquinho de pão *(Ver figura 50)* compunham os elementos preliminares para a elaboração do anúncio).

---

68 - Depoimento de Amanda de Brito em entrevista concedida a Amarildo Carnicel em 27 de março de 2004.

Assim, independentemente da exigência do anunciante que teve o dinheiro devolvido, os adolescentes tinham consciência de que todos os anúncios para serem veiculados deveriam, antes, ter a aprovação final dos anunciantes.

Nas nove edições, foram publicados 22 anúncios **[69]** *(Ver figura 51)*. Observamos que alguns anunciantes apareceram com maior freqüência no *Conexão Jovem*. Todos os anunciantes estão localizados na Vila Castelo Branco, Jardim Londres, Vila Padre Manoel da Nóbrega, o que denota uma relação de proximidade com o público a que se destina a publicação. Analisando a freqüência dos anunciantes, a Panificadora Três Vilas *(Ver figura 52)* foi a que fez maior número de inserções: apareceu 6 vezes (edições 2, 4, 6, 7, 8 e 9), o Salão de Beleza Dirce *(Ver figuras 53 e 54)* apareceu 4 vezes, nas edições 2, 3, 8 e 9. Os demais anunciantes limitaram-se a apenas uma inserção. Isso denota que alguns anunciantes optaram por colaborar, independentemente de retorno financeiro. Outros, mais imediatistas, não incorporaram a idéia e, não vendo o retorno financeiro esperado, optaram pela suspensão de veiculação do anúncio, conforme podemos analisar as respostas dos anunciantes a partir de pesquisa que continha as seguintes questões:

- "Por que manteve o anúncio?
- Por que fez apenas uma inserção?
- Anunciou em busca de retorno financeiro?
- Anunciou por apostar/reconhecer o trabalho do Progen?
- Os adolescentes que venderam os anúncios cometeram falhas?

Figura 50



Figura 51

Anunciante / Edição	2	3	4	5	6	7	8	9	Total
Salão Dirce	1	1	0	0	0	0	1	1	4
Panificadora Três Vilas	1	0	1	0	1	1	1	1	6
Consultório Dentário	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Agro Londres	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Feira de Tudo, Um Pouco	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Belacell	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Chopperia Show de Bola	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Camu Confecções	0	0	1	1	0	0	0	0	2
Stillo Modas	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Anfla Vídeo	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Tatão Tapeçaria	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Shopping Frutas Londres	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Alpha Limpadora	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total	**5**	**2**	**5**	**2**	**1**	**2**	**2**	**3**	**22**

69 - Anunciantes da edição no. 2: Consultório dentário Dra. Graziela Machado, Salão de Beleza Dirce, Panificadora Três Vilas, Agro Londres, Feira de Tudo Um Pouco. Anunciantes da edição no. 3: Salão de Beleza Dirce e Belacell Celulares. Anunciantes da edição no. 4: Panificadora Três Vilas, Choperia Show de Bola, Camu Confecções, Anfla Vídeo e Stillo Modas. Anunciantes da edição no. 5: Camu Confeções e Tatão Tapeçaria. Anunciantes da edição no. 6: Panificadora Três Vilas. Anunciantes da edição no. 7: Panificadora Três Vilas e Shopping Frutas Londres. Anunciantes da edição no. 8: Panificadora Três Vilas e Salão Dirce. Anunciantes da edição no. 9: Panificadora Três Vilas, Salão Dirce e Alpha Limpadora.

- Já anunciou em algum jornal do porte do *Correio Popular* ou *Diário do Povo*?
- Já anunciou em jornal do bairro?"

Figura 52



Figura 53



Em entrevista com os anunciantes, eles evidenciam que conhecem e respeitam o trabalho desenvolvido pelo Progen. A pesquisa mostra que 84% dos entrevistados anunciaram no *Conexão Jovem* como uma forma de reconhecimento ao trabalho da instituição e, também como forma de incentivar a produção do jornal. Mostra de que o anúncio ocorreu pela admiração ao trabalho do Progen é evidenciado pelo fato de que a totalidade dos anunciantes insere seus serviços e produtos em jornais do bairro – veículos de pequeno porte, que se caracterizam como 'balcão de anúncios' ou 'classificados', que pouco espaço destinam ao conteúdo de informação jornalística. Apenas um anunciante diz ter feito a inserção como forma de obter retorno financeiro. Na entrevista, foi claro: "ninguém faz nada sem visar retorno."

Figura 54



A pesquisa contemplou também a seguinte indagação: qual a razão de ter feito apenas uma inserção? A questão recebeu igualmente respostas de duas natureza: cinquenta por cento dos anunciantes afirmaram que não repetiram o anúncio porque não foram mais procurados pelos adolescentes; a outra metade afirmou que a interrupção se deu por absoluto corte nas despesas. Essas duas respostas, aos serem retiradas do âmbito meramente quantitativo e levadas a uma compreensão qualitativa, apresentam duas interpretações diferentes.

A falta de insistência por parte desses 'contatos publicitários' pode ser interpretada pela mudança do perfil dos adolescentes que participaram da primeira etapa de produção do jornal. O grupo que assumiu a produção do jornal, no primeiro semestre de 2004, mostrava-se mais dinâmico, desinibido e com maior relacionamento entre os anunciantes potenciais. A saída dessas pessoas do grupo provocou um certo esfriamento nessas relações.

Porém, com relação à outra resposta, que dizia respeito ao corte nos gastos, foi possível uma outra reflexão, bem menos passível de interferência. Ou seja, nos vimos diante, ainda mais claramente, da realidade à qual está submetida a área na qual trabalhamos. Dito de outra forma, assim como os próprios

adolescentes do Progen vivem uma situação sócio-econômica desfavorável (o que é bastante perceptível quando se pensa no convênio do Progen com o Comec, que encaminha jovens acima de 16 anos para o trabalho similar ao de "guardinhas" e a preferência por se fazer o Ensino Médio em escolas de formação técnica), os comerciantes também partilham dessa condição. Dessa forma, a comunidade toda, sendo pertencente a uma mesma realidade – sem incorrermos no erro de a tomarmos em noções de homogeneidade – pode se ver representada no *Conexão Jovem*, que tem por finalidade, justamente se comunicar com todos daquela área geográfica e fazer com que atentem para as qualidades e potencialidades do local.

Figura 55



Figura 56



Convém destacar, contudo, que o despreendimento de alguns adolescentes foi marcante durante a elaboração da décima edição do *Conexão Jovem*. O "espírito empreendedor" sinalizado por CHIAVENATO (2004) torna-se evidente quando verificamos que os adolescentes incorporaram à mais recente edição nove novos anunciantes. Ou seja, somados aos dois anunciantes 'fixos' (Panificadora Três Vilas e Salão de Beleza Dirce) o número de anúncios chega a 11 – exatamente 50% do total comercializado ao longo de toda a história da publicação, que havia registrado, até então, 22 anúncios.

Além dos anúncios, observa-se também uma novidade a partir da segunda edição: a inserção de calhaus, **[70]** pequenas chamadas que têm, inicialmente, dupla função: cobrir espaços abertos na diagramação e fazer propaganda do próprio jornal, facilitando o contato entre o jornal e os comerciantes e prestadores de serviços interessados na inclusão de seus 'produtos' no *Conexão Jovem*. **[71]** *(Ver figuras 55 e 56)*

Projeto gráfico – Quando abordamos esses recursos editoriais e gráficos como elementos constitutivos do discurso visual da página, começamos refletir sobre um elemento de vital importância para a sobrevivência de um veículo de mídia impressa: o projeto gráfico, etapa assim definida por RABAÇA e BARBOSA (1998: 480):

---

70 - Pequeno anúncio institucional da empresa jornalística. É um recurso usado para cobrir espaço em branco provocado por falha na diagramação ou para adequar uma composição de anúncios. Há, basicamente, três tipos de calhau: o institucional, que veicula anúncios de interesse do próprio veículo; o filantrópico, que veicula anúncios com o intuito de auxiliar, por exemplo, uma instituição de caridade; e o de prestação de serviço, que anuncia uma campanha de vacinação ou conclama a população a doar sangue. O calhau publicado em diferentes edições do *Conexão Jovem* se enquadra no primeiro caso, ou seja, anúncio institucional.

71 - In: *Conexão Jovem*. Abril de 2004, n. 2, p. 5.

> "Planejamento das características gráfico-visuais de uma publicação, conforme sua programação visual, envolvendo detalhamento das características de produção gráfica, como processos de composição, impressão e acabamento, papel, formato etc."

Todo projeto – desde a idéia até a produção gráfica – é pautado por ações democráticas em que os jovens envolvidos participam de todas as etapas. A primeira foi a escolha do nome do veículo: após duas rodadas de votação, *Conexão Jovem* foi a sugestão aprovada pelos adolescentes. A definição do nome foi um processo pensado e amplamente discutido. O termo 'conexão', como ligação, vínculo, sugere o ponto de encontro entre pessoas 'jovens' que nesta fase da vida compartilham, num primeiro momento, de interesses e aspirações semelhantes. Definido o nome, partimos então para a elaboração da arte ou do logotipo *(Ver figura 57)* propriamente dito. RABAÇA e BARBOSA (1998: 372) apresentam a seguinte definição para o termo logotipo:

Figura 57



> "Símbolo constituído por palavra ou grupo de letras, apresentadas em desenho característico, destinado a funcionar como elemento de identidade visual de uma empresa, de uma instituição, de um produto etc. [...] A simplificação estilística determinou um conceito novo de logotipo: o desenho das letras pode adquirir a característica de uma abstração geométrica, pode formar um emblema, pode sugerir figuras. Seu principal objetivo é provocar a identificação imediata de uma determinada instituição ou produto e, para isso, ele deve ser facilmente fixado na memória do público, destacando entre milhares de outros estímulos visuais que diariamente são recebidos pelas pessoas. Essa memorização instantânea é reforçada pelo uso constante do logotipo, no contexto das mensagens e de todos os meios que a empresa utiliza (anúncios, impressos, veículos de transporte, letreiros, embalagens etc.)".

Nesse processo de definição, um dos primeiros elementos a serem escolhidos foi o formato de papel A-4. Com dimensões próximas a de revistas semanais como *Veja, IstoÉ* e *Época*, entendemos que este formato, seria a melhor opção, pela facilidade de manuseio e por contemplar espaço

que permite a aplicação de, em média, três matérias curtas com ou sem ilustração. O passo seguinte foi a definição do tipo **[72]** de letra a ser adotado. O desenho ou design da letra adotada em trabalho gráfico merece a seguinte consideração feita por PARKER:

> "Os tipos constituem a principal ferramenta de comunicação.[...] As faces alternativas de tipos permitem que você dê expressão ao documento, para transmitir instantaneamente, e não-verbalmente, atmosfera e imagem." (1995: 22)

Figura 58

A Casa de Cultura Tainã surgiu em 1989. Seu nome em Tupi-guarani significa: *Caminho das Estrelas*. É administrada por Antônio Carlos Santos Silva, 50, músico, compositor e articulador cultural, que conta com a ajuda de seus companheiros Fabiano, Michel, Anderson, Denise, Alessandra, Higinio e Rafael.

Figura 59

Dia 5 tem
CAMPÓLIO

Diante de um vasto universo de tipos, optamos pela adoção, em textos, do tipo Verdana *(Ver figura 58)*, um dos desenhos de letra mais utilizados nas páginas da internet, principalmente em *sites* que têm o público jovem como a principal parcela dos internautas. Não por acaso é o tipo mais adotado pela Rede Mundial de Computadores, mesmo tendo como pano de fundo um suporte digital aplicado com freqüência sobre fundos e imagens definidas ou indefinidas.

Considerando que *Conexão Jovem* busca manter uma relativa periodicidade – três edições por semestre, embora não tenha esse objetivo como algo a ser cumprido a qualquer custo – há de nossa parte a preocupação com a padronização gráfica, item que requer pouca variedade de tipos, evitando assim uma miscelânea de letras que acabam por dificultar a leitura e a definição de um estilo próprio. Assim, Verdana também foi adotado em títulos, na variação negrito itálico *(Ver figura 59)* e em artigos e editorial, na variação light itálico. *(Ver figura 60)* A padronização deve ser personalizada, deve representar a imagem do veículo. Pode também ser chamada de repetição, em que "algum aspecto do design deve repetir-se no material inteiro". (WILLIAMS, 1995: 43) O princípio

72 - O termo tipo é o desenho, o design de uma determinada família de letras como Arial, Futura, etc. As variações dessas letras (ligth, itálico e negrito, por exemplo) de uma determinada família são as fontes desenhadas ou desenvolvidas para a elaboração de um conjunto completo de caracteres que consta do alfabeto em caixa alta e caixa baixa, números, símbolos e pontuação.

da repetição sugere que algum elemento gráfico (vinheta, **[73]** fio, **[74]** crédito **[75]** etc.) se torne uma marca presente em todas as páginas, contribuindo assim para a organização do material e para o estabelecimento de uma unidade.

Figura 60

> *Caro leitor,*
> *Esta é a primeira edição do* **Conexão Jovem**, *um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local.*

A elaboração do projeto gráfico em questão requereu de nossa parte a preocupação com a unidade que deveria ser mantida nas diferentes páginas da publicação. Historicamente, jornais que procuram ser cautelosos com a identidade visual não exageram no número de tipos utilizados. Na maioria das vezes, bastam três, caracterizando diferentemente o título, o texto e a legenda. **[76]** O mesmo tipo adotado no texto, porém na variação itálico light, foi adotado em artigos e editoriais para diferenciar da forma usada em material noticioso. O tipo adotado nas legendas foi o Arial negrito – forma que permite destacar as informações referentes às fotografias, sem, portanto, causar confusão com o tipo Verdana adotado no texto das reportagens. Essa proposta não se trata, contudo, de um camisa de força. O diagramador tem liberdade para criar e tornar o visual mais agradável, sem prejuízo da imagem do veículo. É o que se observa indistintamente nas páginas do *Conexão Jovem* como em seções de poesias e mensagens etc. A quebra dessa camisa de força é decorrente de uma preocupação cada vez mais explícita: tornar o visual mais dinâmico e de fácil legibilidade.

A escolha do tipo de letra, embora subjetiva, deve levar em conta alguns aspectos para que a mensagem seja transmitida com clareza. Uma das principais preocupações diz respeito à legibilidade,

---

73 - "Originalmente, pequenos elementos decorativos desenhados por miniaturistas medievais nas margens dos manuscritos. Os motivos provinham de plantas como videiras, daí o nome (*vignette*, em francês, é o diminutivo de *vigne*, videira ou vinha). A expressão designa hoje a forma gráfica usada para caracterizar uma seção na página de jornal ou revista." *(Novo manual da redação – Folha de S. Paulo*, 1998: 169-170)

74 - Traço que envolve uma composição gráfica. Pode tanto separar matérias como fechar toda a página. Pode, também, separar colunas. Em fotografias o fio pode ser o traço que emoldura as imagens.

75 - São assinaturas de autores de textos, fotos, ilustrações etc. Em fotos são normalmente apresentadas horizontalmente no canto superior direito da imagem. As assinaturas de textos são normalmente apresentadas em negrito no início da matéria e em tipo diferente daquele aplicado no texto.

76 - "Recurso essencial da edição. A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. Por ser um dos primeiro elementos da página que atrai o leitor, merece tanto cuidado quanto os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção." *(Novo manual da redação – Folha de S. Paulo*, 1998: 151-2)

ou seja, a facilidade que leitor deve ter para reconhecer as letras individualmente. Segundo CARNICEL (1998: 10) "se para a compreensão de uma determinada letra, o leitor tiver que se valer da letra seguinte, o tipo escolhido deve ser descartado." Embora a maioria das publicações de mídia impressa no mundo adote tipos com serifa, [77] recurso que guia os olhos do leitor de uma letra para outra, optamos pelo Verdana por ser um tipo pesado que imprime o contraste que facilita a leitura. Tivemos ainda a preocupação constante com o uso do branco [78] como suporte do material impresso – a adoção de texto formatado com alinhamento à esquerda ratifica ainda mais essa proposta. O alinhamento à esquerda – a segunda formatação mais utilizada pelos meios impressos, perdendo apenas para o modo justificado [79] – valoriza o branco, torna a página mais arejada e, conseqüentemente, facilita a leitura.

Figura 61

Reportagem

CAMINHADA PELA PAZ

Texto e Foto: *Aline Alves*

Figura 62

Conexão Jovem / Edição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Total
Editorial	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9
Box	1	3	0	1	1	0	2	0	0	8
Entrevista Pingue-pongue	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3
Reportagem	3	6	6	5	3	4	4	6	5	42
Artigo	7	1	1	2	2	2	1	0	1	17
Carta do leitor	0	3	2	4	1	1	2	0	0	13
Crítica de Cinema	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9
Reprod. textos diversos autores	0	0	1	0	0	3	1	0	0	5
Mensagem	1	1	1	2	2	1	0	0	0	8
Poesia	2	2	1	0	1	0	0	1	0	7
Paródia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Humor	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Fotos	2	7	5	8	5	5	3	4	1	40
Fotos de divulgação	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9
Ilustração	6	3	3	4	6	1	1	1	2	27
Cliparts	4	12	6	3	2	2	2	1	0	32
Reprodução de cartaz	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Anúncio	0	5	2	5	2	1	2	2	3	20
Calhau	0	1	1	1	1	1	0	0	1	1
Entrevista hist. Oral	1	0	0	0	0	0	3	0	0	4
Fotos (oficina)	11	0	0	0	0	0	0	0	0	11
Ilustração (oficina)	0	0	8	0	0	0	0	0	0	8
Capa cartaz	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1

Para Rafael Souza Silva, a legibilidade de um texto não depende apenas da forma das letras. Deve-se considerar "o branco, o tamanho do corpo usado, o comprimento das linhas, o entrelinhamento, o espacejamento e as margens." (SILVA, 1985: 31) O trabalho gráfico deve ser observado a partir do branco enquanto suporte e do preto enquanto elemento impresso. O preto sobre o branco proporciona um arranjo positivo, enquanto que o branco aplicado sobre fundo preto caracteriza o negativo. A leitura no modo positivo

77 - Traços nas extremidades das letras.

78 - Todo espaço em claro existente na página.

79 - Segundo RABAÇA e BARBOSA (1998: 349), justificar significa "compor todas as linhas de um texto exatamente na mesma medida. Justificar implica observar, a olho nu ou eletronicamente, as palavras e espaços que formam cada linha de composição e o texto em geral, para providenciar que todas as linhas fiquem exatamente alinhadas à esquerda e à direita. Para isso, os espaços entre as palavras e ent5re as letras podem ser levemente aumentado ou diminuídos."

é muito mais fácil, mais suave e por isso a forma mais indicada. A leitura no modo negativo não é aconselhável: provoca cansaço no movimento óptico e quebra o ritmo de leitura. No *Conexão Jovem* o modo negativo tem função de adorno, de expressão plástica que destaca e realça uma mensagem curta, não devendo ir além de uma informação telegráfica, como um título ou um olho. **[80]** Foram poucas as vezes em que *Conexão Jovem* adotou esse recurso, como podemos observar no título 'Caminhada pela Paz' **[81]** *(Ver figura 61)* ou em calhau *(Ver figuras 55 e 56)* publicado na maioria das edições de *Conexão Jovem*.

Ao fazermos uma amostragem final do conteúdo publicado nas nove edições do *Conexão Jovem, (ver fugura 62)*, passamos a ter uma visão global da produção dos adolescentes. Verificamos que de todos os itens elencados, a 'reportagem', que registrou apenas três produções na primeira edição, lidera o quadro geral com 42 produções. O item 'artigo', que registra sete produções na primeira edição, cai para uma média de um a dois registros por edição, somando no final 17 produções. Isso nos mostra que se na primeira edição o artigo (modalidade jornalística mais próxima do modelo da redação escolar) mostrava-se como uma forma de reprodução do modelo da escola e como o meio de produção mais simples, sem a necessidade de realização de entrevistas (algo que acaba por inibir muitos jovens) ele cede espaço para a reportagem, o que revela que os adolescentes foram perdendo a timidez.

Outros elementos que também figuram em todas as edições do jornal são 'editorial', 'crítica de cinema', 'ilustrações', e 'fotos' – recursos essenciais para a prática do jornalismo. Convém lembrar que, sem nenhuma cobrança, os adolescentes foram incorporando naturalmente essas atividades, foram se especializando, de modo que cada um já sabia o que faria em cada edição. O autor de um artigo já sabia a quem deveria entregar o texto para a ilustração; o autor de uma reportagem já sabia a quem se dirigir para solicitar o trabalho de foto-reportagem e o autor da crítica de cinema solicitava sugestões de filmes para que pudesse trabalhar. Dessa maneira, a produção ocorrria naturalmente, permitindo-nos, no trabalho de seleção do material, fazer a escolha e manter ainda uma reserva na gaveta. Nunca iniciamos, portanto, uma edição sem termos textos pronto e editados (muitas vezes até editorados) para a edição seguinte.

Fechamos o presente capítulo, que, conforme pudemos observar, está intrinsicamente li-

---

80 - Complemento do título que visa chamar a atenção do leitor para assunto tratado no corpo da reportagem. É um subtítulo com mais de uma linha aplicado abaixo do título e antes do crédito do autor do texto. Quando aplicado no meio do texto, além de destacar algum aspecto da matéria, areja e subdivide textos longos.

81 - Título elaborado a partir de texto de Aline Alves. In: *Conexão Jovem.* Abril de 2004, n. 2, p. 4.

gado ao capítulo anterior, nos apropriando da expressão 'leitura vertical', **[82]** utilizada pelo antropólogo visual, Etienne SAMAIN, em seu estudo intitulado "Modalidades do olhar fotográfico" **[83]**, quando nos ensina a 'ler' fotografias. É como se fizéssemos, no texto, a mesma leitura proposta pelo antropólogo quando observamos imagens estáticas, quando queremos informações que ultrapassam o quadrilátero da fotografia. É quando as informações contidas na superfície de papel nos convidam a uma reflexão, a um trabalho de investigação, de hipóteses e constatações que nos levam ao não-dito.

Valendo-nos de SAMAIN e incidindo o ensino da leitura em nosso objeto de estudo, o jornal impresso, encontramos em CALDAS (2002: 141) uma reflexão que nos leva a pensar melhor a expressão 'aprender a ler'. Embora a autora dê enfoque ao aluno da escola formal, podemos projetar o ensinamento a qualquer leitor, independentemente do contexto em que esteja inserido. Diz a autora;

> "Como os meios de comunicação fazem parte do nosso cotidiano, é necessário aprender a lê-los para que a informação veiculada adquira um sentido histórico. Saber ler implica que a notícia é uma realidade construída e uma forma de conhecimento mediada por diferentes interlocutores. O conhecimento sistemático e formal é necessário, mas não garante a cidadania. O papel da escola vai além dos conteúdos programáticos prescritos em diferentes disciplinas. Passa pela articulação desse conhecimento com o contexto social em que vive o educando para que a informação ganhe sentido."

Percebemos, finalmente, uma relação dessa forma de ler os produtos elaborados nas oficinas de Jornalismo Comunitário, nas três regiões de Campinas, com aquela, proposta por FOUCAMBERT, no início do capítulo anterior quando afirma:

> "Para aprender a ler, enfim, é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem deles – quer se trate dos textos da escola, do ambiente,da

82 - Chamamos de observação vertical a leitura feita a partir de uma linha vertical imaginária, que apresenta na extremidade superior os olhos do observador e na extremidade inferior o objeto observado. Essa linha que penetra o objeto possui temporalidade e dimensionalidade próprias.

83 - SAMAIN, Etienne. "Modalidades do olhar fotográfico". In: ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaios (sobre o) fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

imprensa, dos documentários, das obras de ficção. Ou seja, é impossível tornar-se leitor sem essa contínua interação com um lugar onde as razões para ler são intensamente vividas." (FOUCAMBERT, 1994: 31)

Capítulo 6

Percursos, resultados, reproduções e novas propostas

Resultados e repercussões – O presente capítulo pretende apresentar e interpretar os resultados obtidos a partir da realização dos trabalhos realizados, na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos e na Vila Castelo Branco. Visa, de um lado, mostrar a repercussão do *Conexão Jovem* a partir de entrevistas, **[1]** concedidas pelas pessoas que fazem o veículo, pela coordenação do Progen e por um entrevistado, que foi capa da edição número nove da publicação. De outro lado, mostra a produção científica por meio de artigos científicos (em revistas e capítulos de livros), apresentações em congressos, seminários, participações em debates, fóruns, aulas ministradas e entrevistas concedidas a diferentes veículos de comunicação. Num terceiro momento, faz uma breve apresentação de outros dois trabalhos realizados (a produção de duas edições do jornal *Antena Jovem*) como resultado de semelhante iniciativa realizada no Centro Comunitário Irmão André (Cecoia) no distrito de Sousas no primeiro semestre de 2005 e a produção da primeira edição do jornal *Expressão Jovem*, resultado de trabalho realizado no segundo semestre de 2005 no Centro Promocional Tia Ileide (CPTI), no distrito de Nova Aparecida. O capítulo anuncia, finalmente, a realização de novo projeto em Barão Geraldo, distrito de Campinas.

Repercutindo o *Conexão Jovem* – Segundo a assistente social e coordenadora do Progen, Izabel Cristina dos Santos de Almeida, a Oficina de Jornalismo Comunitário propiciou uma transformação em alguns dos adolescentes participantes. Passaram a ter uma consciência e uma postura crítica em relação ao bairro. Passaram, também, a incorporar, naturalmente, a prática da escrita, como forma de expressão.

> "O que eu percebo, assim, a oficina de jornalismo ela é... como é que a gente olha, né? Primeiro assim, esse olhar do adolescente pra comunidade onde ele tá inserido. Essa oficina trouxe pra esse adolescente esse olhar. Vamos olhar pra essa comunidade? Para as coisas boas que tem? Então, acho que foi um resgate muito grande. O que eu percebo é que esses meninos pertencem a essa comunidade. E entra na coisa também de trazer a importância da escola, a importância da escrita, a importância de você registrar o que acontece. Pra trazer então um contexto para nossas crianças que não fazia parte da vida deles que é registrar os acontecimentos de uma comunidade. E a formação política, a formação crítica, de se

1 - Os depoimentos aqui apresentados são trechos obtidos a partir de entrevistas a nós concedidas ao longo de 2005. Convém lembrar que essas entrevistas passaram por um processo de edição, preservando, contudo, a forma, o conteúdo e a idéia transmitida pelo entrevistado.

> sentir cidadão, poder se atuar enquanto cidadão. É também o reconhecimento da importância do adolescente para essa comunidade. Esses meninos não vão ser os mesmos. Eles já não são os mesmos. Veja a mudança da Aline, de cada adolescente que passou por essa oficina. E quando eles vão pro mercado de trabalho eles tão fazendo muita diferença na forma de sua comunicar. E acho que ela trouxe um país mais justo, você entendeu? Eles estão descobrindo que a Castelo Branco é maior." **[2]**

A assistente social afirma que a Oficina de Jornalismo Comunitário, por lidar num primeiro momento com a escrita, acaba sendo uma proposta pedagógica. Mas uma proposta que não tem nenhuma relação com uma proposta escolar de ensino. É algo bastante democrático. Cada um faz a atividade que lhe convém, o que permite que as limitações não sejam escancaradas. Se o adolescente não se sente à vontade para escrever, ele pode desenhar, fotografar e até vender anúncios. Ou seja, cada um tem uma função dentro do projeto maior que é a elaboração do jornal.

> "Em primeiro lugar a idéia de jornalismo nunca foi uma idéia deslocada de uma proposta pedagógica. Ela era um complemento de uma proposta pedagógica. Então pra mim foi tão normal. E quando ela foi lançada os adolescentes quiseram estar nela. Foi um processo muito democrático. Eu achei que eles iam ter receio na questão da escrita. Eu percebi que o Amarildo foi muito cuidadoso nisso, pois tem quem fotografa, quem escreve, ou seja, um que complementa o outro. Então, as dificuldades de cada um acabam sendo compensadas por outras habilidades. Se ele tira bem foto é isso que ele vai fazer. Ele desenvolveu os potenciais." **[3]**

A assistente social revela, contudo, seu temor de quando a proposta foi lançada.

> "Por causa da cobrança da escrita. Por que seria a proposta que mais se assemelharia à prática da escola. Mas a forma como ela foi colocada, toda a construção que houve, mudou toda a relação dos nossos adolescentes com o mundo da escrita, porque eles perceberam que existem várias formas de se comunicar. Tinha o que desenhava, o que fazia poesia, tinha o que fotografava e o que escrevia. Mas eu acho que a forma como o jornal foi apresentado colocava todo mundo em seu determinado lugar. Mas eu fiquei muito feliz no processo, por que foi a oficina, eu acredito, que eles mais se perceberam, se acharam, porque o jornal os colocou em

2 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 24 de maio de 2005.

3 - Idem.

relação a essa comunidade de uma forma diferenciada. Qual é a característica do adolescente da Castelo Branco? Usuário de droga, bagunceiro... De repente estes adolescentes começam a fazer entrevistas, começam a descobrir essa comunidade, começam a perceber. Começam a entrevistar as pessoas com uma postura adequada, de uma forma adequada, com perguntas elaboradas, você imagina como mudou a visão dessa comunidade em relação a estes adolescentes. E isso nós não tínhamos conseguido em oficina nenhuma. A gente sempre vê uma oficina do Progen como um meio, a oficina tem uma produção, mas o que ela pode resgatar na relação desse menino com essa comunidade? Você não tem idéia do bem precioso que causou. Foi dar ao adolescente da Castelo Branco... ele tá no tráfico, mas ele também produz, ele pensa, ele cria, ele pode fazer um jornal. Nisso o jornal ajudou demais. Por isso que houve uma adesão e uma permanência nessa oficina, porque colocou o adolescente da Castelo Branco de uma forma diferente para esta comunidade. Existe uma forma que ele está e o jornal trouxe um outro adolescente, que existia dentro dessa comunidade que essa comunidade não conhecia." **[4]**

Apesar da semelhança com a escola por meio da escrita, Izabel diz que os processos são distintos, principalmente no que diz respeito à forma de construção, de elaboração daquilo que estão trabalhando.

"Eu percebi assim, no jornal sempre teve uma construção. O adolescente sempre participa de todo o processo de construção do jornal, e isso não acontece na escola. Essa é a grande diferença. O que ele pensa, o que acha, ele tem um valor muito grande no processo de criação do jornal e a escola chega com a coisa pronta. Eu nunca vi os meninos chegarem a falar hoje eu vou fazer isso. Mas eles falam sempre: hoje nós discutimos isso, hoje nós pensamos sobre isso. Não é uma coisa pronta. Ele pensa sobre aquilo que ele vai fazer. A escola não. A escola chega com alguma coisa, é isso que você vai aprender, a coisa vem de cima para baixo. No jornal isso não acontece e eu acho que a adesão é grande, principalmente por parte dos adolescentes, porque eles ajudam a pensar a respeito do jornal. Quando eles pegam o jornal, a gente vê nos olhos deles, eles se enxergam dentro do jornal. Eu sempre procuro ver como algumas crianças estariam em relação ao jornal. O Jhonny, por exemplo, quando ele vê o desenho dele estampado no jornal e a dificuldade que ele tem para escrever, aquilo me emocionou. A escola não faz isso. Você entendeu? Esse desenho é uma expressão e se a escola valorizasse esse lado... Existe um processo de criação des-

4 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 27 de setembro de 2005.

> se menino. Se a escola fosse por esse processo e mostrasse o outro lado, provavelmente teríamos outro resultado." **[5]**

Ela cita outro exemplo de como o jornal serviu para revelar uma face oculta de um adolescente, até então discriminado pela escola:

> "Posso citar o Leandro, por exemplo, Ele é um menino muito especial, especial no sentido assim, ele gosta de uma bagunça e na escola isso é muito claro. Ele tem sérios problemas de comportamento na escola. O jornal colocou o Leandro na escola de uma forma muito diferente. Ele saiu do menino bagunceiro. Eu lembro de quando ele teve que fazer uma entrevista na escola, você precisa ver a veste que esse menino foi. E ele mudou, ficou chocado com o jeito que a diretora respondeu para ele, mas ele estava ali como jornalista e se comportou como tal. Teve uma pergunta que ela não quis responder para ele e ele não entrou no confronto com ela porque ali ele era um jornalista. Essa diretora estava nas reuniões que estávamos fazendo sobre o projeto da Arcor, quando o jornal foi citado como uma forma de juntar os projetos. Ela falou assim: ah, os meninos que foram fazer reportagem comigo, eu gostei do jeito deles. E o menino é o menino que ela estava sempre no confronto, trazendo problemas. Então para o Leandro isso foi extremamente importante. Eu acho que ele não tem a clareza dessa importância, mas a gente percebeu que ele mudou a partir de então. Ele participa de outras oficinas, mas a que ele leva a sério é a de jornalismo. Hoje o jornal faz parte da vida dele. [...] Num primeiro momento, esses meninos eram apenas os adolescentes do Progen, a escola nunca olhava para eles. Agora, não, os meninos que fazem o jornal também são nossos alunos... Você percebe que a coisa, ela mudou? Como ele era bagunceiro, ele era só do Progen. Agora, o menino jornalista é do Progen e é nosso aluno. Você entendeu aonde o jornal colocou esses meninos?" **[6]**

Segundo Izabel, quando viu a primeira edição do *Conexão Jovem*, ela confessa ter visto nascer uma nova Castelo Branco. Nasce um outro bairro, não apenas aquele estampado nas páginas da publicação, mas também uma Castelo Branco que passa a reconhecer sua gente, seus valores.

> "Ah... eu fiquei muito feliz. A cada edição você vê um crescimento deles. O olhar deles

5 - Idem.

6 - Idem.

> pra essa comunidade. Isso pra mim é o mais marcante. Nasce uma outra Castelo Branco, eu vejo, a partir do olhar desenvolvido por esses adolescentes. Até pra gente que trabalha aqui, né? Eu também comecei a olhar pra essa comunidade de uma forma diferente. É um exercício de olhar. A ajuda nas pautas vem do conhecimento das histórias que passaram por aqui. Cada entrevista que eles fazem, a cada local que eles vão, as pessoas começam a olhar pra esses adolescentes de uma forma diferente. Tanto que eles foram convidados pra fazer a matéria da Conferência do idoso, pois já sabem que o Progen tem um pessoal que faz isso. Eles começam a ter uma identidade dentro da instituição. Eles conquistam um espaço extremamente seguro ou firme." **[7]**

A reação da comunidade em relação ao jornal (as cartas apresentadas no capítulo 5 são mostra disso) indica que o jornal deve ser mantido pela entidade, independentemente da obtenção de patrocínio. As edições 8, 9 e 10 foram custeadas pelo próprio Progen que destinou recursos da ordem de R$ 200,00 para o pagamento da impressão de cada uma dessas edições com tiragem de 1.000 exemplares. O *Conexão Jovem*, enquanto produto/resultado do crescimento desses adolescentes também é argumento apresentado pela entidade quando sai em busca de patrocínio, de convênios ou de parcerias.

O jornal, segundo Izabel, assumiu tamanha importância na entidade, que os recursos para sua elaboração ficam reservados no início de cada mês de sua publicação. Ela afirma que inserido ou não em algum convênio, com ou sem patrocínio, o jornal vai continuar. Mesmo sabendo que poderia gastar os R$ 200,00 em caixas de leite (numa conta grosseira poderia equivaler a 170 litros do produto) e auxiliar na alimentação desses 180 meninos e meninas com idades de 7 a 18 anos, ela procura enxergar além:

> "Amarildo, lembra o menino que bateu no portão... (refererindo-se ao fato ocorrido há 20 anos quando surgiu o Progen) ele não tinha fome só de comida. Não foi só pão que ele pediu quando ele bateu naquele portão. Ele tinha fome de cidadania. E eu vejo que o jornal, ele sacia essa fome de cidadania de vários meninos, não só aqui dentro, mas eu acho que ele contamina fora. Você entendeu? Ele sacia essa fome. Imagina você morar numa comunidade, pensar que o Progen trabalha com a terceira geração da Castelo Branco. E pensar que todas essas gerações sempre conviveram com uma Castelo Branco só de tráfico, só de violência e que entra nessa comunidade há três anos atrás um jornal dizendo que não, que tem escola de samba, que tem a festa das mães, que tem poeta, artista plástico, e que esta comunidade existe assim há 30 anos também e que isso nunca era contado para ela, Amarildo, nunca foi contado. Essas

7 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 24 de maio de 2005.

> pessoas estavam escondidas dentro de casa. O jornal resgatou essas pessoas. Descobriu essas pessoas, e as colocou a serviço dessa comunidade. [...] Tem o tráfico, mas tem o poeta, tem o carpinteiro, tem as mulheres que se organizam, você entendeu? É isso que o jornal coloca, e isso não acontecia. Acho que aí está a importância. Por isso que pagar R$ 200,00 não é... não sei se o leite seria o mais importante, quando você percebe que uma comunidade está precisando ter consciência de sua cidadania, de perceber isso. A gente precisa entender o que é fome, não é Amarildo. A gente não tem fome só de comida. A gente percebe isso nos meninos que começaram esse jornal, como eles se sentem parte... eles também entraram na história dessa Castelo Branco. Daqui a dez anos se a gente for continuar o jornal, Amarildo, quem é que começou o jornal? São eles, da mesma forma que a história de cada pessoa que eles foram entrevistar. É aí que eles se encontram, por isso que eles se sentem tão importantes." **[8]**

Uma das possibilidades que se abrem para a continuidade do jornal é um grande projeto envolvendo a am empresas Arcor, C&A, Fundação *Vitae* e a Feac (Federação das Entidades assistenciais de Campinas). Essas empresas e instituições abriram a possibilidade de financiamento de material permanente para duas regiões carentes em Campinas: a noroeste e a sudoeste. O Progen está na noroeste, que tem 165.000 habitantes. A sudoeste é a região do Ouro Verde, Vida Nova, Parque Oziel. As duas regiões juntas têm 480.000 habitantes. São recursos da ordem de R$ 480 mil para serem distribuídos nessas regiões mediante apresentação de pré-projetos envolvendo ONGs e escolas dos bairros. Na região sudoeste são três pré-projetos apresentados, entre eles o do Progen e mais sete escolas. O *Conexão Jovem*, jornal elaborado pelos adolescentes do Progen, entra como o condutor desse processo, como o veículo que vai reunir as informações sobre o local e transmiti-las à comunidade. É o veículo aglutinador, o elo que permitirá o diálogo entre a ONG, as sete escolas envolvidas no projeto e os moradores da vila Castelo Branco e adjacências. Izabel afirma que a idéia de fazer do jornal o 'carro-chefe' desse processo não partiu do Progen e sim das escolas:

> "Qual é a finalidade do projeto? O sucesso do adolescente na escola. Por isso é que é uma entidade com uma escola ou um grupo de escolas. [...] Fizemos um projeto da nossa região, que pega cerca de 40.000 habitantes. O que nós fizemos? O Progen chama todas as escolas. [...] O que a escola trouxe de dificuldade? Ninguém respeita a escola. A escola pinta, ela é pichada. A escola conserta, ela é quebrada... Aí elas per-

8 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 27 de setembro de 2005.

> guntaram pra gente, porque vocês não são quebrados, não são pichados. Nós viramos e falamos, olha, nós temos uma relação muito próxima com essa comunidade. E uma das grandes dificuldades que elas têm é porque a comunidade não reconhece a escola enquanto parte da memória dessa comunidade. [...] Como é que a gente vai se encontrar. Sobre o que nós vamos falar? Aí é que veio o jornal. Aí as escolas falaram: já é um meio de comunicação do Progen. A proposta partiu delas e agora vamos construir isso? Vamos usar o jornal que já está pronto, que já funciona. E aí vem aquele nosso sonho, de poder entrar na casa de todo mundo. E o jornal é uma linguagem muito próxima da escola. Tanto é que teve uma escola que usou o jornal em sala de aula. Enviamos um pré-projeto. Fomos selecionados e teremos uma capacitação de três dias para elaboração de um projeto. Em fevereiro ou março sai o resultado e o dinheiro vai para a conta. Um projeto desse custa por volta de R$ 70 mil (a parte do Progen). Mas o jornal, o que a gente percebeu seria a fonte de comunicação. Porque se você tem uma comunidade que não aceita a escola, que tem uma resistência muito forte com a escola, como é que essa escola pode se comunicar com essa comunidade, também? Não é o jornal?" **[9]**

O projeto contempla a realização de oficinas com os professores da escola para que aprendam a fazer jornal com seus alunos. O material gerado, juntamente com aquele produzido pelos adolescentes do Progen, será trabalhado na entidade que terá total controle sobre o processo de edição. O pré-projeto contempla a realização de dez edições do *Conexão Jovem*, com quatro páginas e 5.000 exemplares.

Sobre a forma como o veículo foi recebido pela comunidade, Izabel diz:

> "O que as pessoas têm dito é: "Nossa, como o jornal tá bom". Algumas pessoas já foram procuradas por causa do jornal. Alguns trabalhos estão sendo divulgados por causa do jornal, como o grupo Reviver, a escola de samba, esses trabalhos do pessoal da Tainã. Você começa a ver que o adolescente seu escreve poesia, desenha pro jornal. As mães têm ficado assim... nem elas acreditavam no potencial dos filhos delas, né? Com relação à repercussão, eu acho que o jornal deve ser mantido, a gente vai ter que manter o jornal enquanto instituição, né? Não sei de que forma, mas ele precisa continuar." **[10]**

Mas a entidade não está preocupada em avaliar apenas a reação da comunidade em relação ao jornal. Está avaliando, também, de que maneira o jornal está contribuindo para o engrandecimento cultu-

9 - Idem.

10 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 24 de maio de 2005.

ral, profissional, pessoal desses adolescentes e seu envolvimento com o projeto. A entidade tem acompanhado a evolução em fase anterior e posterior à passagem pelo trabalho no veículo.

> "Envolveram-se, com certeza. Não foi um grupo grande, mas quem ficou fez uma grande diferença. Eles têm o comprometimento de estar aqui toda quarta-feira. E tem descoberto o potencial que eles têm. Esse exercício é gratificante. E tem uma coisa que é a referência de quem tá fazendo esse jornal. Que se demonstra um grande educador, além de um grande jornalista. O Amarildo está fazendo o jornal de uma forma que ele tá sendo um processo educativo de extrema importância pra essa faixa etária. E consegue através da escrita, que é uma coisa que os adolescentes não gostam de fazer. A diferença é a forma como isso é discutido dentro daquele grupo, assim, tá sendo tão natural, né? Deu certo. Assim, tem um jornalista, mas também tem um educador que tá preocupado em formar uma consciência e eu vejo um jornal com muita integridade. É uma recuperação do que era a Castelo Branco e que ninguém nunca via. O jornalismo potencializou nesses jovens características como a consciência crítica, a consciência política. O jornal se tornou um ato comunitário. Eles vêm participando de algumas coisas a partir do trabalho no jornalismo. Como, por exemplo, a Aline que foi convidada pra dar uma palestra. Gente, isso é muito importante." **[11]**

O envolvimento de alguns adolescentes que deixaram a entidade (ou porque atingiram maioridade ou porque estão no mercado de trabalho) é revelado pelo vínculo que mantêm através do veículo. Para a assistente social, o jornal contribuiu também para preparar melhor o adolescente que parte em busca do de emprego:

> "Sem dúvida. Tornou mais fácil a comunicação. Aprenderam que falar não é um bicho de sete cabeças. Eles aprenderam a se expressar, a colocar no papel o que pensam. Todas as entrevistas de emprego têm redação, não tem jeito. Eu acho que eles estão podendo se expressar e descobrir formas de se expressar. O jornalismo, assim, faz parte de uma grande proposta que é formar essas crianças e adolescentes cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. A oficina de jornalismo se tornou referência deles no Progen. Eles mandam contribuições, textos, perguntam como está. Isso porque eles começaram a ser respeitados na escola, na comunidade, na família, eles conquistaram o espaço deles. O jornal tem uma parte de cada um deles. Isso é muito importante para o adolescente." **[12]**

---

11 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 24 de maio de 2005.

12 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 27 de setembro de 2005.

O jornal, segundo Izabel, foi o diferencial para esses adolescentes quando partiram em busca de emprego. Para ela, alguns assumiram novas posturas, modificando, inclusive a forma de se vestirem. Venceram a timidez e souberam se impor diante do entrevistador:

> "A questão do diferencial, eu vejo desde o começo porque dentro da proposta do Centro de Memória foi construir a memória dessa comunidade e o jornal foi fundamental porque é ele que transmitia e divulgava essa discussão. Então, o que aconteceu com esses adolescentes? Começaram a se politizar, eu acredito, ter uma consciência maior do que era a Castelo Branco, das opções que eles tinham aqui dentro, e que essas opções eram muito restritas, e que eles tinham que buscar fora e para buscar fora eles iam ter que melhorar algumas coisas. Você lembra como eles chegaram tímidos, hoje eles não param mais de falar. Eu queria que você tivesse ouvido eu ouvir a Aline ontem.... Ela me pediu emprego porque ela não quer mais trabalhar na loja de *fast-food*, onde foi promovida à monitora. 'Izabel, você não está vendo que sou para trabalhar com crianças...' E o que ajudou ela? O jornal é a essência para ela ter se comunicado. Ela falou claramente: eu adoro o Amarildo e quanto a oficina dele fez bem para mim. E assim, a Cíntia, a Lu... A Lu era extremamente tímida. Você lembra quando ela chegou ela ficou... a auto-estima dela... Se você for ver, todo mundo que passou, todo mundo que passa, o Johnny que está hoje, o Rafael, a auto-estima desses meninos, pelo histórico de vida que eles têm, era muito baixa. E olha que oferecemos oficinas... mas o jornal coloca esses meninos em relação com a comunidade deles. Não é aquele trabalho fechado. O jornal, ele escancara esses meninos, no sentido positivo, ele expõe... e está lá o nome dele, é o nome dele que sai ali e todo mundo conhece todo mundo nessa comunidade. Então coloca esses meninos num lugar, assim, de muito privilégio e de respeito. Você pode ver, o Rafael mudou a forma de vestir e de pentear o cabelo. E olha desde quanto tempo nós tentamos isso. Ele foi para uma entrevista no Comec, ele passou na entrevista e eu achava que ele não ia passar. Mas ele está extremamente seguro, eu acho que o que o jornal dá para esses meninos de fato é uma segurança muito grande. Porque essa coisa de discutir a reportagem, quem vai entrevistar, essa confiança que é depositada... olha, você tem condições...E ele devolve, mesmo que haja uma correção, isso é feito com muito respeito. Tudo isso, eu acho que potencializou muito os nossos jovens." **[13]**

Neste sentido, afirma, espontaneamente, a adolescente Luciane Alves:

13 - Idem.

> "...estou sentindo tanta falta do jornal, recebi a última edição do *Conexão*... Esse ano vai continuar??? Espero que continue, acho que não consigo mais ficar sem escrever... Continuo trabalhando, fazendo curso, a mesma correria de sempre, mas também estou disposta a continuar escrevendo para o jornal, mesmo estando longe. Se tiver alguma notícia, me comunique, não se esqueça que me sinto 'mãe' do Conexão!" **[14]**

Quando indagada em que medida um jornal comunitário elaborado por adolescentes possibilita a reconstrução da auto-estima dos membros da comunidade envolvida, Izabel deu a seguinte resposta:

> "Eu acredito porque acho que nem essa comunidade se olhava desse jeito. E a sensibilidade de um adolescente, o olhar, né? Eles são muitos sensíveis. Eles tão conseguindo olhar a mensagem e colocar no papel de uma forma muito clara e com uma linguagem muito próxima dessa comunidade. Esses jornalistas moram aqui, eles falam de coisas que eles vivem. Não é uma pessoa de fora que vem fazer. É a realidade deles para pessoas que vivem essa mesma realidade. Esses meninos entraram na casa de uma diretora deles como jornalistas e vão entregar o produto de jornalistas para ela. Isso foi encontrar o espaço do adolescente dentro do Progen. Por isso estamos felizes." **[15]**

A assistente social relaciona o jornal à 'roda' diária realizada pela entidade. *(Ver figura 1)* roda acontece todos os dias no início da manhã e da tarde. Crianças, adolescentes, coordenadores e educadores sociais sentam-se em forma de círculo (postura que facilita a quebra de hierarquias) para a dicussão de temas variados. Ali são compartilhados momentos de angústia, de alegria, de inquietação. Temas veiculados pela imprensa, filmes em cartaz, sexo, droga, namoro, educação, respeito ao próximo, solidariedade, cidadania, entre outros assuntos alimentam a pauta das discussões. Para Izabel, o *Conexão Jovem*, embora feito por um número de pessoas muito inferior ao de componentes da roda, discute os mesmos assuntos de forma amplificada, levando, por meio de seus 1.000 exemplares, a discussão para a comunidade.

> "A roda é um grande momento de encontro, de discussões, de reflexões. Ela acontece todos os dias, eu acho que é a forma de comunicação que essa instituição encontrou. Olha bem, essa instituição trabalha com crianças e adolescentes de 7 a 18 anos. Qual é o momento de encontro? Por isso que eu relaciono com o jornal. Você entendeu? Qual é o momento em que todo mundo olha para todo mundo e se comunica, se con-

14 - Trecho de e-mail a nós enviado pela adolescente Luciene Alves em 3 de março de 2005.

15 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 24 de maio de 2005.

versa, olha, diz o que está pensando, qual o tema que vamos refletir, o espaço democrático, um lugar onde a gente conversa? O que é o jornal? Um espaço democrático onde os adolescentes conversam e se comunicam. Só que ele faz uma coisa maior, né, eles sentam em roda com mil pessoas. Mil que recebem o jornal, mas se você for multiplicar... Eu acho que é esse encontro. A roda é um lugar de encontro, de discussões, de reflexões. Qual é o papel do jornal? Um lugar de encontro, só que amplificado. O jornal fala sobre filme, na roda a gente fala sobre filme. Na roda a gente conta as coisas boas e ruins. O jornal também tem essa preocupação. Mas a gente tem a preocupação de ficar muito com as coisas boas, trabalhar com o potencial das nossas crianças. [...] É por isso que eu comparo. O jornal permite que as nossas conversas internas se tornem comuns para todo mundo. Sabe uma roda maior? É uma roda maior. É um lugar de reflexão. É gozado, assim, Amarildo, que quando nós não fazemos roda, as crianças perguntam. Quando não tem jornal, os adolescentes pergutam. Por que que o Amarildo não veio?[...] Você entendeu? A roda, o dia que não acontece, eles questionam. O jornal, também" **[16]**

Figura 1



Figura 2



Não por acaso, na atividade da Oficina de Jornalismo Comunitário, o processo de produção do jornal e de análise do jornal pronto, bem como a discussão de pauta, ocorrem numa 'roda' menor. *(Ver figura 2)* **[17]** É o momento em que discutimos a produção, os enfoques, as angulações, o comportamento que esses adolescentes devem ter diante do fato e do entrevistado. É o momento em que eles dialogam, assumem compromissos e atribuem tarefas.

Izabel finaliza a entrevista ressaltando que o *Conexão Jovem* preenche a lacuna deixada pelos dois

16 - Entrevista concedida pela assistente Izabel Cristina Santos de Almeida em 27 de setembro de 2005.

17 - Fotos produzidas pela educadora social do Progen. Regiane Carminitti, em 25 de outubro de 2005.

grandes jornais de Campinas (*Diário do Povo* e *Correio Popular*) que não falam sobre fatos positivos da região. Ela afirma que o trabalho das oficinas realizadas pelo Centro de Memória no Progen foi um divisor de águas. Há um Progen antes e um Progen depois das oficinas. Arrisca-se a dizer que esse trabalho contribuiu para zerar o índice de adolescentes mortos na Castelo Branco em idade de 15 a 18 anos.

> "Por isso que eu falei para você, o jornal é uma grande roda. E depois para mim, o jornal é um coisa muito especial, Amarildo, porque, como é que sempre nós aparecemos nas páginas do jornal? A Castelo Branco nas páginas policiais. Que é uma discussão que a gente faz ao longo de muito tempo. O jornal traz uma Castelo Branco que a gente conhece, que essas pessoas vivem, você entendeu? Então, ele fez um benefício grande para essa comunidade, principalmente para quem fez a história dessa comunidade. As pessoas se reconheceram no jornal, elas se vêem através do jornal. Os mais antigos, a valorização dos mais antigos para as nossas crianças foi alguma coisa assim... O jornal também, num momento muito difícil do Progen, ele também educou essas crianças politicamente. A gente teve um momento político no Progen muito difícil, muito difícil. A coisa estava tão elaborada nos adolescentes... qual era a finalidade do jornal, que eles podiam ter se apropriado do jornal para denúncia, para extravasar. E não, Amarildo. [...] Não é jornal populista e nem quer ser uma gazeta marrom. Essa postura, isso faz valer a pena estar aqui. Esses meninos tinham uma ferramenta na mão, mas eles sabiam qual era a finalidade dessa ferramenta. Isso não era uma arma para o mal. Isso é uma coisa enquanto educadora, como a gente também estabelece a relação de ética, de respeito. Esses meninos hoje têm uma postura ética perante a vida e perante as coisas. Eles aprenderam e eu acho que jornal ensinou muito para esses meninos. O jornal é o divisor de águas. Se eu fosse falar para você, ele divide o Progen, no sentido assim... Uma parte da história do Progen e outra parte da história do Progen. E tem uma coisa que é importante que para mim aí é toda responsabilidade que eu coloco no Centro de Memória. O trabalho de memória que você fizeram com a gente, você não tem a dimensão, ele é um divisor de águas nessa instituição. Faz três anos que a gente escreve o jornal... Eu cansei de ver meninos morrendo em praça na Castelo Branco, sentada, do nada, você via menino caindo. Faz três anos (2003 a 2005), Amarildo, que não morre menino de 15 a 18 anos, faz três anos que a gente começou o trabalho com o Centro de Memória e faz três anos que gente começou o trabalho do jornal. Isso pra mim é muito significativo, por isso que eu falo que é divisor de águas. Eu não tô com isso te dizendo que amanhã não vai morrer um menino de 15 a 18 anos. É uma responsabilidade que não posso depositar na gente. Mas eu to dizendo que vocês deram um divisor de águas. Deram para esses meninos um lugar que eles nunca tiveram. É aí que é a grande mudança dessa instituição.

> E aí que está o jornal, a fotografia.... O impacto que eu vi quando olhei aquelas fotos, eu não tinha olhado mais para aquela comunidade do jeito que eu vi aquelas fotos daqueles meninos. Isso mudou muito internamente dentro de mim. A forma como aqueles meninos olharam para aquela comunidade, eu disse 'gente tem muita coisa boa aqui dentro'. Trazer nas discussões da história oral, aqueles moradores e aqueles moradores contarem a história de vida deles, você tem idéia que esses meninos se apropriaram dessa história, esse movimento foi feito com a gente, educadores também. Por isso que eu falo, é um divisor de águas. Não dá pra não ser... É aí que eu coloco, é importante assim, o poder que a universidade tem né? Quando você tem profissionais que têm essa clareza, né. Se você percebeu que o jornal pegou corpo, é que você está pra me falar alguma coisa. Você vai ter uma outra geração, provavelmente sentada na mesa o ano que vem fazendo jornal." **[18]**

Repercutindo na comunidade – Entre os adolescentes que mantiveram contato permanente com a Oficina de Jornalismo Comunitário está Osmar Hackermann, colaborador presente em oito das nove edições publicadas do *Conexão Jovem*, autor, inclusive da matéria de capa da edição publicada, mais recente, a de número 9. Embora esteja trabalhando atualmente numa escola de informática, sua entrevista ocorreu em maio de 2005, quando atuava no jornal e trabalhava simultaneamente como cabo eleitoral de um candidato que pleiteava uma vaga na Câmara dos Vereadores de Campinas. Quando indagado a respeito de sua opinião sobre a Oficina de Jornalismo Comunitário, respondeu:

> "É a melhor que tem no Progen. É uma repercussão muito positiva, ajuda bastante. Fora as idéias da gente. A gente põe nosso cérebro para funcionar. É muito bom a gente ter um vínculo, ter alguém que acredite em você, no seu potencial, na sua capacidade. Por que hoje ninguém dá valor, principalmente para a juventude. E o jornalismo deu esse crédito pra gente. E você dá a cara à tapa, ganha experiência, ganha amigos. Quem vê na rua aponta, comenta, conhece o Progen através da gente. Criou-se uma conexão entre a comunidade, o Progen e a gente." **[19]**

Osmar admite que não acreditava muito no projeto quando de seu lançamento. Fala também de sua reação quando viu a primeira edição e da receptividade que percebeu junto à comunidade quando ele distribuiu o veículo:

---

18 - Idem.

19 - Entrevista concedida pela adolescente Luciene Alves em 17 de maio de 2005.

> "Não, a gente não tava nem aí. Era mais pelo dinheiro (bolsa) do Projeto Agente Jovem. Mas quando chegou em dezembro e saiu a primeira edição, foi o maior orgulho. E é raro porque os jovens daqui só saem no jornal quando é assassinado ou quando roubou pra comer. Atualmente essa é a situação. Agora um jovem sair, dar sua opinião, falando e mostrando o que há de maior na vida é diferente. E eu comecei a participar, a acreditar, a dar meu sangue mesmo. [...] Nossa, eu contei pra Deus e o mundo. 'Olha é meu nome, sou eu'. [...] Foi boa a repercussão. Muitos passaram a me conhecer. A ver que eu não era tranqueira. Passaram a dar um valor maior a você que participa do jornal, do Progen. [...] Bom, a repercussão na escola foi assim: uma menina viu na mão do professor, ela pediu para ele e ele pediu pra eu entregar para ela. Outra menina ouviu falar do jornal e aí eu comecei a entregar o jornal da escola. O jornal me ajudou também a fazer amigos na minha escola nova. Eu mudei pra uma outra escola, pro noturno e não tinha amigos e o jornal me ajudou. Ganhei respeito e valor dos professores. É incrível, né?". **[20]**

Para alguns desses adolescentes o jornal permitiu despertar talentos que, muitas vezes, eles próprios desconheciam. Para Osmar, serviu ainda para assumir responsabilidades, compromissos, enfim, realizar tarefas desafiadoras, como a de vender anúncios, até então desconhecidas:

> "Percebo. Melhorei 100% em redação. A qualidade de crítica aflorou em mim. Nunca tinha me atrevido a fazer uma crítica. Agora faço até de cinema para o jornal. No começo eu tinha medo e o Amarildo me incentivou. Eu acho que sou crítico por natureza. Até dou mais valor a filmes brasileiros agora. Antes eu odiava. [...] Olha assim, para mim foi muito legal vender anúncio porque eu nunca dava bola não. Não gostava de vender não. Mas como a primeira pessoa que comprou foi um amigo, eu fiquei feliz. No começo foi difícil. Eu tinha muito medo de ganhar um não, sabe? Mas isso já passou." **[21]**

O adolescente reconhece que a atividade do jornal contribui para a obtenção de emprego, embora assuma que o 'bico' que fazia no momento independia de seu desempenho no desenvolvimento do *Conexão Jovem*.

> "Olha no caso contribuiu pra Luciene e pra Cíntia. Pra mim não. Porque campanha

20 - Idem.

21 - Idem.

política não é emprego e sim exploração. Mas acho que futuramente vão ter oportunidades em que o jornal vai me ajudar bastante. [...] Se eu conseguir um emprego a gente dá um jeito de continuar no jornal". **[22]**

O adolescente observa, finalmente, que o jornal elaborado por eles possibilita a reconstrução da auto-estima dos membros da comunidade envolvida. Permite que eles próprios passem a enxergar o local onde vivem com outros olhos:

"Assim, eu acho que dá uma repercussão que o povo nunca desanima. Porque se você está valorizando seu bairro e a gente dá um crédito pra esses grupos, a gente valoriza. E se a gente está valorizando o bairro é porque a gente gosta dele. E quem faz tá vendo que essa valorização continua, não pára. E eu acho que o jornal contribuiu bastante pro crescimento disso. Nós valorizamos o Reviver, o Gira-Vida, o Tainã, a Igreja. O simples do simples. Valorizando o trabalho da comunidade. A grande imprensa vê o bairro como periferia e não é assim que eu vejo meu bairro. Que tem, tem e todos os bairros têm, mas não é só isso. Meu bairro tem um lado bonito, tem um pedacinho do céu do Bairro Castelo Branco e é isso que o jornal tenta mostrar. O *Conexão Jovem* é, modéstia a parte, o melhor jornal atualmente." **[23]**

Outra adolescente que participou do processo de gestação do jornal e que, sempre que possível, colabora na produção de outras edições é Luciene Alves, que se auto-rotula como 'mãe' do *Conexão Jovem*. Admitida pela Prefeitura de Campinas no período em que participava das Oficinas de Jornalismo Comunitário, ela fala da importância do jornal em sua vida e das descobertas pessoais, como o desenvolvimento de uma postura mais crítica, que o veículo propiciou:

"Ah, eu me sinto a mãe, como eu brinco, né? Não tem mais como parar de escrever, não dá... eu sinto falta! Eu falo isso o tempo todo: como eu queria estar no jornal. Não tem como, você sente falta. Porque escrever se torna um hábito. Você quer escrever, você quer estar participando. [...] Foi bem assim... eu passei a ter mais minha opinião, a me mostrar mais. Você vai acreditar naquilo que você pensa... contribui bastante para isso." **[24]**

---

22 - Idem.

23 - Idem.

24 - Entrevista concedida pela adolescente Luciene Alves em 17 de maio de 2005.

A exemplo do que ocorreu com Osmar, Luciene passa a ver o bairro de outra forma. O jornal faz dela uma pessoa mais observadora, mais sensível a detalhes que até então passavam despercebidos. Ela vê a publicação como instrumento que pode despertar o sentimento de cidadania na comunidade. Revela, também, a reação de sua família quando viu o resultado do trabalho.

> "Eu moro aqui e sei, de certa forma, do que meu bairro precisa e as outras pessoas vão começar a enxergar também. Então, é aquele aspecto de você estar trabalhando naquilo que você acredita, não só estar escrevendo, sabe? Mas sim mostrando metas que as pessoas podem estar alcançando, para estar mudando. É estar mobilizando as pessoas. O jornal despertou uma consciência. Você não está só escrevendo, você vai estar fazendo alguma coisa, também. É tipo: uma ação coletiva movida por uma leitura. [...] Uma coisa que ficou bem clara foi o grupo Reviver. O idoso não era bem aceito, a gente sentia isso. Os adolescentes não conheciam o grupo e através do jornal eles puderam mostrar como eles eram e o que eles procuravam dentro do bairro, que era uma vida melhor. [...] Em casa, minha família sempre me apoiou. Mas saber de um jornalista (no caso o Amarildo) que o que você escreve é bom, é outra coisa. Porque na escola ou em casa tudo vai ser bom... o engraçado é que eu tive um retorno positivo de todas as pessoas. Elas vinham falar 'olha, muito bom, vê se continua, hein?' Isso é muito bom..." **[25]**

A adolescente Amanda de Brito destacou-se também como uma das pessoas mais ativas na produção do jornal. Embora não tivesse participado do grupo que realizou a primeira edição (as atividades aconteciam à tarde, no horário que ela cursava o último ano do ensino médio), ela participou desde a segunda até a sétima edição, quando conquistou uma vaga de emprego num supermercado do bairro. Ela dá o seguinte depoimento sobre a Oficina de Jornalismo Comunitário, admitindo, ainda, o interesse em fazer uma Faculdade de Jornalismo, embora considere remota as chances de fazer o curso.

> "Nossa, eu acho ótima, maravilhosa. Eu gosto de fazer. É uma idéia assim que veio e que está ajudando muito os adolescentes que estão participando. Para mim, está sendo ótimo. Eu acabei descobrindo em mim esse lado, de correr atrás de reportagens, falar com pessoas diferentes. Essa oficina está despertando isso em mim. [...] Já até pensei na possibilidade de fazer faculdade de Jornalismo, mesmo sabendo da dificuldade de ingresso e de custear o curso." **[26]**

---

25 - Idem.

26 - Entrevista concedida pela adolescente Amanda Cristina de Brito em 3 de maio de 2005.

A adolescente relata sua reação quando viu a primeira edição em que participou e o quanto se envolveu para que a idéia se materializasse em outras edições:

> "Eu fiquei super feliz. Ainda mais porque no primeiro *Conexão* que eu participei está lá minha matéria na primeira página. Era sobre o Reviver. Eu adorei, todo mundo elogiou. Eu vi o resultado, né? De todo o esforço, de correr atrás das pessoas. Acho que deu um resultado ótimo. [...] Eu me envolvi bastante. Porque eu fiz muitas reportagens, consegui os anunciantes. O Amarildo até se surpreendeu. Eu também me surpreendi e comecei a querer mesmo conseguir os anúncios, correr atrás das reportagens." **[27]**

Amanda admite que o jornal alterou seu desenvolvimento pessoal, contribuindo, inclusive para quebrar a timidez. Mais: percebe que a atividade desenvolvida no jornal serviu para melhorar a qualidade de sua escrita, o que pode facilitar num trabalho de redação para a obtenção de um emprego: **[28]**

> "Então, esse negócio da timidez, de estar conversando com pessoas diferentes, de ir atrás das matérias, entrevistas, anúncios. Isso me fez acordar. Por exemplo, eu moro nesse bairro há 18 anos e eu não conhecia as pessoas. Agora eu passo na rua, as pessoas falam: 'Oi Amanda'. [...] Na escola eu era péssima em redação e isso mudou. Se tivesse esse jornal quando eu estava estudando, acho que teria me ajudado bastante. Eu teria tirado boas notas. Até quando eu vou fazer algum texto, eu leio alguns jornais velhos – minha mãe não compra, às vezes ela traz do serviço dela – para ver como é que faz uma matéria. [...] Estou melhor preparada para buscar um emprego. Mais que antes." **[29]**

Em seu depoimento, a adolescente revela que, durante as Oficinas de Jornalismo Comunitário, assimilou conhecimentos com mais facilidade, do que em sala de aula, o que corrobora com a idéia de que essa prática no campo da educação não-formal tende a obter resultados bastante favoráveis.

> "Na escola, a cobrança é maior. Tem um tempo, tem que tirar nota, atingir a média. Aqui não, é uma coisa relaxante. Você faz um tema que você gosta, que você opta. Tem

27 - Idem.

28 - Convém lembrar que a entrevista concedida por Amanda de Brito ocorreu antes de alcançar a vaga no supermercado.

29 - Entrevista concedida pela adolescente Amanda Cristina de Brito em 3 de maio de 2005.

> mais a ver com a nossa realidade. [...] Eu lia na escola. E lá sempre que era para ler um livro, era para fazer pesquisa ou trabalho. Acho que peguei trauma." **[30]**

Sobre a importância do jornal como vitrine das coisas boas do bairro, Amanda foi enfática ao falar da importância do veículo:

> "Porque fala das coisas boas. Nunca fala do lado ruim. É claro que tem, mas a gente visa as coisas boas. Quando eu vejo uma matéria ruim em um jornal, falando daqui, eu penso: nossa, eu moro aqui?. Fazer o que, né? Agora o *Conexão Jovem* não. Você lê e fala: 'que legal! Esse é meu bairro? Também tem coisas boas'". **[31]**

Aline Alves é outra adolescente que vê o *Conexão Jovem* como uma vitrine para os fatos positivos do bairro e como um suporte que lhe permite ser reconhecida no local em que vive. Antes de assumir um posto de trabalho numa cadeia de *fast-food,* em um grande shopping de Campinas, Aline concedeu uma entrevista, cujo trecho que revela a importância do jornal, em sua vida, está aqui descrito:

> "Estou me tornando uma pessoa importante. Fui até convidada para dar uma palestra. E eu que era tão tímida. [...] O nosso jornal não fala mal da comunidade. Fala das coisas boas. Isso ajuda. As pessoas estão cansadas de ver coisas ruins no jornal. Só morte. Ou que os bairros daqui são perigosos... eu vejo meu bairro diferente. Não é tudo isso que eles falam. Tem violência. Bastante. Mas eu vejo diferente." **[32]**

Consideramos importante, também, apresentar algumas opiniões de adolescentes participantes da Oficina de Jornalismo Comunitário e que integram o grupo atual responsável pela elaboração do *Conexão Jovem.* Escolhemos três adolescentes que vêm se destacando no grupo, seja pela iniciativa, seja pelo compromisso assumido com a publicação. Tiara Adriana de Oliveira, atualmente funcionária da Administração Regional da Prefeitura (AR-2) e que optou pela terça-feira como dia de folga para participar da oficina do jornal, dá o seguinte depoimento sobre sua participação no grupo, mencionando que a publicação a ajudou, entre outras descobertas, a vencer a timidez.

---

30 - Idem.

31 - Idem.

32 - Entrevista concedida pela adolescente Aline Alves em 24 de maio de 2005.

> "A Oficina de Jornalismo tem me ajudado muito, principalmente na escrita. Nunca peguei um caderno para escrever. Agora, eu mesma faço as perguntas e produzo um texto. Percebo que melhorei na escola, nos trabalhos de redação. Também acho que ajudou a quebrar a timidez. Eu era muito tímida, agora não. O que vem à minha cabeça eu falo. É bom, porque estou me soltando mais. [...] Acho que o jornal me ajudou a conseguir emprego, principalmente na prova de capacitação em que a gente é entrevistada e na prova de redação em que temos que escrever sobre um tema. [...] Em meu trabalho, as pessoas sabem que faço e jornal e me incentivam para que eu permaneça. [...] Moro no bairro há 15 anos e passei conhecer coisas através do jornal e vejo que o bairro melhorou bastante..." **[33]**

A adolescente Thifany Pinheiro Francisco, fala, entre outras coisas, da repercussão do jornal em sua casa:

> "A oficina de jornalismo ajudou a melhorar meu modo de escrever, de pensar.... Mostrei o jornal para a professora, ela gostou bastante, me elogiou, acho que mudou o modo de ela me ver. [...] Acho o jornal importante porque ele dá uma levantada aqui no bairro, porque há muitos acontecimentos não muito bons e o jornal retrata as coisas boas do bairro. [...] Em casa é a maior alegria quando chego com o jornal, minha mãe, minha vó dizem: 'Ah, deixa eu ver, deixa eu ler. Tem algum texto que você fez? Procura meu nome, acho bem legal. Por isso, os exemplares estão todos guardadinhos. [...] O jornal deu um empurrãozinho para eu descobrir que tenho um pouco, sei lá, de dom para escrever. [...] Sinto que estou mais preparada em relação às pessoas desconhecidas. No começo, lógico, ficava inibida, mas agora fico à vontade." **[34]**

Outro adolescente, Leandro Roque, fala que o jornal permitiu seu retorno à escola onde, em 2004, por conta do mau comportamento, foi 'convidado' a deixar o estabelecimento de ensino e se mudar para outra escola:

> "Eu era muito bagunceiro, briguento. Após uma briga, a diretora me pegou pelo braço, chamou meu pai e me mandou embora. Hoje sou diferente. Não sou mais bagunceiro, tô mais responsável e a diretora me aceitou de volta. Melhorei na

33 - Entrevista concedida pela adolescente Tiara Adriana de Oliveira, em 11 de outubro de 2005.

34 - Entrevista concedida pela adolescente Thyfany Pinheiro Francisco, em 18 de outubro de 2005.

escola. Só tenho uma nota vermelha, em matemática. No resto tô bom em tudo [...] O jornal ajudou bastante, principalmente a melhorar meu comportamento". **[35]**

Buscamos aferir junto a entrevistados da comunidade a dimensão da repercussão. Entre esses entrevistados está o historiador Carlos Roberto de Souza, que, naquela oportunidade, acabara conquistar medalhas do Campeonato Estadual de Jiu-Jitsu e que, por conta disso, estampava a capa da nona edição do veículo. Ex-adolescente do Progen, Carlos fala da sensação de *pop star*, vivida, quando o jornal circulou pelo bairro:

> "Ter participado da matéria foi uma enorme alegria. Só alegria, para todos os meus familiares. Muitos da comunidade desconheciam que eu praticava jiu-jitsu, muitos vieram parabenizar-me e buscar informações. Segundo alguns amigos (não cheguei ver pessoalmente), alguém fixou o jornal *Conexão Jovem* em uma das paredes de um bar muito freqüentado pelos moradores do local. Sem falsa modéstia, estou tendo dias de *pop star*. É gratificante ver meu trabalho ser reconhecido. O momento em que mais me emocionei foi quando meu filho pegou um exemplar para mostrar para os amiguinhos, sem comentários..." **[36]**

O historiador também evidencia importância da publicação de veículo que valoriza fatos e pessoas da Vila Castelo Branco e adjacências:

> "Nós, da periferia somos sempre esquecidos, temos nossos valores, nossas histórias. Quando temos um meio de comunicação como nosso porta-voz, é o momento de mostrar nossos artistas, o povo maravilhoso e guerreiro que infelizmente a mídia omite. Agradeço muito ao Progen por tudo que está fazendo pela Comunidade. Deus abençoe vocês. Não existe vitória sem batalha". **[37]**

Entre os membros da comunidade que vêem o jornal como seu porta-voz está Aurora Alfredo do Carmo, uma das organizadoras do Grupo Reviver. Durante entrevista concedida à pesquisadora Denise Castanho Antunes, ela fala da importância do veículo e, no momento de deixar-se fotografar pela pesquisadora, busca o jornal que estampa o grupo Reviver e posa para a foto *(Ver figura 3)*. Para conceder a entrevista, dona Aurora

---

35 - Entrevista concedida pelo adolescente Leandro Roque, em 25 de outubro de 2005.

36 - Entrevista concedida pelo membro da comunidade Carlos Roberto de Souza em 6 de julho de 2005.

37 - Idem.

consultou o grupo de idosas, afirmando que falaria do grupo Reviver para a pesquisadora conforme o conteúdo publicado no *Conexão Jovem* **[38]**. Afirma orgulhosa que a adolescente que a entrevistou era uma das crianças que ela ajudou a educar quando trabalhava no Progen. Mais: valoriza a publicação quando faz uso dela para fazer a foto. Da entrevista concedida à Denise Antunes, selecionamos os seguintes trechos:

Figura 3



> "Eu falei pra eles, como tá aqui escrito... *(mostra a matéria publicada no jornal)* Posso falar do grupo? [...] Ah, tá aqui, foi uma entrevistinha que eu dei. [...] Eles começaram esse *Conexão Jovem*, aí eles queriam saber das pessoas que tinham atividades no grupo, e eles me chamaram pra fazer. [...] tanto é que essa menina, Amanda aqui, foi uma das meninas que eu fiz trabalho, lá no Progen. [...] Ah, sim. As coisas boas a gente vai guardando *(em relação à edição do jornal mantida numa gaveta)* ." **[39]**

Repercussão na Academia – Desde o ano de 2000, quando nos vinculamos ao Centro de Memória da Unicamp, começamos a atuar na área da educação não-formal. Fomos integrados ao Gemec (Grupo de Estudos sobre Memória, Educação e Cultura) **[40]** e também ao projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas". Neste projeto, coordenado pelo CMU, em que são realizadas diversas oficinas (jornalismo, fotografia, história oral, vídeo, criatividade, informática, etc.) assumimos a coordenação das Oficinas de Jornalismo Comunitário (que culminaram com a elaboração de jornais/produtos comunitários) em todos os espaços onde o projeto foi aplicado.

A primeira oficina foi realizada em 2001 na Vila Costa e Silva, a segunda em 2002 no Jardim Campineiro e a terceira em 2003, 2004 e 2005 na Vila Castelo Branco. A realização desse trabalho concomitante às atividades de pesquisa na área de educação não-formal – área da educação que rege a maioria das atividades do Gemec – mostrou que há uma forte relação entre jornal comunitário e educação não-formal. Mais: em

---

38 - O Grupo Reviver foi o mote da matéria de capa do Conexão jovem no. 2. (abril de 2004). Dona Aurora Alfredo do Carmo foi a fonte principal entrevistada pela repórter Amanda de Brito.

39 - Entrevista concedida pela representante do Grupo Reviver, Aurora Alfredo do Carmo à pesquisadora Denise Castanho Antunes durante trabalho de campo de sua dissertação de mestrado. O depoimento foi colhido em 18 de fevereiro de 2005.

40 - Como pesquisador do grupo, assumimos em 2002 na PUC-Campinas a orientação do projeto experimental em jornalismo (trabalho de conclusão de curso), categoria livro-reportagem, intitulado *Pôr do sol – o fim de um projeto de educação não-formal*, feito pela acadêmica Carla Marins.

todas as ocasiões vivenciamos uma situação corrente e estudada por teóricos em diferentes linhas de pesquisa em jornalismo. Estamos nos referindo à realidade que mostra que bairros periféricos somente são veiculados quando o assunto diz respeito a fatos negativos. Portanto, a proposta de ação e de reflexão a ser desenvolvida sobre o tema deveria abordar assuntos que valorizassem fatos e pessoas envolvidas na comunidade a que se deveria dirigir o veículo. Ao longo desse período fizemos inúmeras reflexões sobre o tema, **[41]**, inúmeras leituras e percebemos que havíamos nos envolvido suficientemente com o assunto de modo a pensar numa mudança de enfoque na pesquisa que norteava nosso projeto de doutorado, que abordava aspectos relacionados ao escritor Mário de Andrade, iniciado em 2001, e que já havia gerado uma determinada produção científica. **[42]**

Apesar desse envolvimento e da produção científica mencionada, percebemos que as atividades (Oficinas de Jornalismo Comunitário e pesquisa na área) que desenvolvíamos no Centro de Memória, os trabalhos e textos produzidos na área da educação não-formal e a atividade docente nas faculdades onde lecionamos nos permitiam aprofundar um trabalho de investigação científica na área de jornalismo comunitário e educação não-formal que sustentaria a presente tese de doutorado.

Demos prosseguimento às atividades de pesquisa, porém mais direcionadas e com a fundamentação teórica que requer um trabalho de doutorado. Assim, passamos a integrar, na PUC-Campinas, o Grupo Comunicação

---

41 - As reflexões geradas a partir do trabalho nas oficinas podem ser observadas em produção de *papers* em congressos científicos, elaboração de artigos publicados em livros e revistas e uma co-orientação de trabalho de iniciação científica. Entre os trabalhos apresentados em congressos podemos destacar: "Além do caráter informativo: o jornal comunitário como instrumento de pertencimento social". In: 29º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) – USP (2002); "Jornal comunitário e integração social: a prática da cidadania em trabalho na Vila Costa e Silva". In: Seminário Internacional Sobre a Criança e o Jovem na América Latina – Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Marília (SP) (2001); "Jornal da Costa e Silva: a imprensa comunitária como instrumento de auto-reconhecimento e de pertencimento social". In: 6º Simpósio Regional de Pesquisa em Comunicação da Intercom (SIPEC – Nordeste) – Universidade Federal de Alagoas – Maceió (2001) e "Jornal comunitário e integração social: a prática da cidadania em trabalho na Vila Costa e Silva". In: 13º Congresso Nacional de Leitura (COLE) – Unicamp (2001). Um artigo foi publicado em livro: "O jornal comunitário como fator de reinserção social de adolescentes em situação de risco". In: *Educação-não formal – cenários da criação* . VON SIMSON, Olga; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata (orgs.), Editora da Unicamp, 2001. Um trabalho de iniciação científica já foi concluído a partir dessas pesquisas. Trata-se do projeto que teve minha co-orientação intitulado "Educação não-formal, memória e cidadania: o jornal comunitário como fator de integração e pertencimento social" (Fapesp), desenvolvido em 2003 por Diana Salles Rocha (aluna de Jornalismo na PUC e de Letras na Unicamp).

42 - Do ingresso no programa de doutorado até a decisão de mudança do tema da pesquisa, foram publicados artigos em revistas e produzidos *papers* para congressos científicos. Podemos destacar o artigo "Envelope cultural: um passeio dirigido pelo país através das cartas e das fotos de Mário de Mário de Andrade", publicado em 2002 na *Revista Comunicarte* – PUC-Campinas. Em 2003 foi apresentado o trabalho "Mário de Andrade e os cartões-postais: 'cidadão do mundo' cruza o Atlântico em seu gabinete de trabalho" na I Semana Científica, Tecnológica e Artística – PUC-Campinas – SP. Em 2002, "Envelope cultural: um retrato etnográfico do país através das cartas e das fotos de Mário de Andrade" no Intercom – Salvador (BA). Em 2001, "Mário de Andrade e a fotografia: um estudo sobre a relação do escritor com a imagem fixa", no 1º Seminário de Teses e Dissertações em Andamento e Política e Financiamento da Pós-Graduação – Faculdade de Educação – Unicamp. No mesmo ano, "Envelope cultural: um passeio dirigido pelo país através das cartas e das fotos de Mário de Andrade", no 6º Simpósio Regional de Pesquisa em Comunicação da Intercom (SIPEC – Nordeste) – Universidade Federal de Alagoas – Maceió. Ainda em 2001 foi apresentado o trabalho "No rastro de Mário de Andrade: revisita ao turista aprendiz", no 28º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) – USP. Em 2002 e 2003 foi apresentada a palestra "Envelope cultural: um passeio dirigido pelo país através das cartas e das fotos de Mário de Andrade" no curso de pós-graduação em jornalismo científico (Labjor) da Unicamp, no curso de pós-graduação em segmentação jornalística na Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, na Semana de Comunicação nas Faculdades Hoyler, em Hortolândia e no Colégio Porto Seguro, em Valinhos (SP). Também foi apresentada, em 2001, a palestra "No rastro de Mário de Andrade – revisita ao turista Aprendiz", na Universidade de Varginha (MG).

Figura 4



EDUCAÇÃO

Seminário na Unicamp debate jornais como instrumento de reflexão para comunidades

Evento programado para a próxima semana no Ginásio Multidisciplinar vai apresentar experiências da leitura de notícias em sala de aula como atividade de suporte pedagógico

Figura 5



COMUNIDADE

A sociedade como agente da informação

Jovens fazem jornal do bairro

Usuários atuam como jornalistas

e Política, vinculado ao Centro de Linguagem e Comunicação, unidade que abriga a Faculdade de Jornalismo daquela instituição. Neste grupo e no Gemec realizamos um trabalho de pesquisa mais direcionado à área de jornalismo comunitário e educação não-formal, intensificando e dando novo rumo à produção científica. **[43]** Também passamos a ministrar palestras e aulas em cursos de extensão, **[44]** na Faculdade de Educação da Unicamp (FE), e a orientar e co-orientar projetos de iniciação científica. **[45]** Portanto, é esse o percurso que este projeto de doutorado vem possibilitando, com a certeza de que esta pesquisa-ação não se limitará ao campo da reflexão. **[46]**

Figura 6



JUVENTUDE

OFICINA DE JORNALISMO ABRE ESPAÇO PARA JOVENS DA VILA CASTELO BRANCO

Por meio do jornal comunitário, os adolescentes aprendem a conhecer o bairro

O TRABALHO NA MÍDIA – O presente trabalho também vem sendo reconhecido pela mídia de Campinas. Concedemos algumas entrevistas para repórteres da mídia televisiva, radiofônica e impressa de Campinas. Dentre os produtos veiculados apresentamos aqui reproduções de reportagens estampadas no *Correio Popular,* **[47]** *(Ver figura 4)* no jornal *Ordem do Dia,* **[48]** *(Ver figura 5)* publicação da Câmara Municipal de Campinas, e *Página Aberta*, jornal laboratório da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. **[49]** *(Ver figuras 6 e 7)*

Figura 7



REPRODUZINDO AS EXPERIÊNCIAS NOS DISTRITOS – Os resultados até então alcançados vêm sendo trabalhados, transmitidos e reproduzidos em outras regiões da cidade de Campinas, como nos distritos de Sousas e Nova Aparecida.

Com esta série de aprendizados, procuramos reproduzir no

Figura 8



Antena Jovem

Informativo produzido pelos adolescentes do Cecóia – Campinas, junho/julho de 2005 - nº 1

Pescaria no Atibaia poluído. Hobby ou sobrevivência

Foto: Daiany A. Pereira

José Maria às margens do Atibaia: pescar faz bem para a mente e anche a barriga

Ana Carolina Ferreira, Daiany A. Pereira e Débora de Lima Silva

Moradores de Sousas, Joaquim Egídio e de bairros de Campinas vêm sempre ao rio Atibaia para pescar. Alguns pescam por prazer, outros estão em busca de alimentos, apesar das águas poluídas do rio.

José Maria Alves, morador de Sousas, diz que adora pescar: "é uma forma de distração". Os peixes mais encontrados no Atibaia são tilápia, piapara, cascudo, entre outros. José pesca para alimentar a sua família, pois está desempregado. Ele diz que para preparar o peixe é preciso deixá-lo "descansar" no limão de um dia para o outro e depois o ideal é fazê-lo frito, pois se fizer ensopado "não dá para comer".

João Pedro, morador de Campinas sempre gostou de pescar. Ele vem a Sousas uma vez por semana, faz esse caminho há trinta anos. Ele diz que quando era moço e vinha pescar a água era limpa e com muitos peixes.

Vladimir, morador de Campinas, parceiro de João Pedro, também gosta de pescar, mas não de comer. Ele teme pela qualidade do alimento.

A pesca, dessa maneira, tem sido uma alternativa de lazer e de alimentação para moradores de Campinas. Isso mostra a importância do rio Atibaia, que, apesar de poluído, é opção e lazer e sobrevivência para muitas pessoas.

Figura 9



2

Campinas, junho/julho de 2005

Candido's

Manicure & Pedicure Vera

3258-1330

Rua Cel. Alfredo do Nascimento, 226 - Sousas

LANZELOTTI Informática

Rua Cel. Alfredo do Nascimento, 186 – Sousas
Fones: 3258-3077 – Fax: 3258-5403

www.lanzelotti.com.br
e-mail: lanzelotti@lanzelotti.com.br

Super 1,99

Brinquedos - Presentes – Doces
Utilidades para o lar e muito mais

3258-3747

Rua Maneco Rosa, 74 - Galeria Beira Rio

PONTO & CIA

Armarinhos e acessórios para crochê, tricô, bordados e costuras em geral

Catarina
3258-4655

Rua Manoco Rosa, 74 - loja 03
Sousas – Campinas

Editorial

Comunidade apóia iniciativa

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do Antena Jovem, resultado do trabalho dos jovens vinculados ao Centro Comunitário Irmão André – Cecóia – instalado no distrito de Sousas. Para esta primeira publicação contamos com a boa vontade dos moradores da comunidade que foram entrevistados e colaboraram para a concretização desse veículo. Contamos também com o apoio dos funcionários do Cecóia que auxiliaram diretamente nesse projeto, e sobretudo com os jovens 'jornalistas' participantes das atividades da entidade que aqui apresentam seu trabalho. Não podemos esquecer dos anunciantes que estão apostando na iniciativa desses jovens integrantes das oficinas oferecidas à ONG pelo Centro de Memória da Unicamp.
Este é um espaço para toda a comunidade que, através do jornalismo e da prática da educação não-formal, queira apresentar suas idéias, opinar e se informar. Enchentes, saúde, juventude, educação e cidadania são alguns assuntos que nesta edição serão abordados nas reportagens a fim de oferecer informação e opinião.
A todos, boa leitura!

Empreiteira São Luiz
Construção residencial
Eluízio
Serviço do básico ao acabamento
Fazemos sua obra dentro do prazo programado
FONE: 3258-4732

Expediente

Antena Jovem é elaborado pelos jovens do Centro Comunitário Irmão André (Cecóia), de Campinas, dentro o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória – da Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Auxiliar de produção: Diana Salles Rocha (Pedagoga Especialista em Educação social: Lucilene F. Nascimento). Jovens participantes: Andrei E. Neto, Aline C. Coimbra, Ana C. Ferreira, Ana L. Ferreira, Anderson G. Idalgo, Daiany A. Pereira, Danielly Nicolau, Débora L. Silva, Eliana A. M. Santos, Fernanda G. Pereira, Gean S. Santos, Jéssica R. Valverde, Jonathan F. Martinho, Julia J. Souza, Juliana O. Godoy, Magali V. Moreira Matias, Idalgo Ribeiro, Marcos V. Pereira, Patrícia C. Silva, Paula C. Colombini, Philipe M. Carvalho e Reinaldo R. da Silva. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Rua 15 de Novembro, 75 – Sousas - Campinas - CEP 13105-000 – tel. (19) 3256-2577 – Ramal 214

43 - Desde que mudamos o tema do doutorado, podemos mencionar a seguinte produção científica. Entre os trabalhos apresentados em congressos podemos destacar: "Jornal comunitário e educação não-formal: o *Conexão Jovem* e a valorização da auto-estima". In: 8º. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (Maceió-Al – 2005), "Jornal comunitário e educação não-formal: um exercício de pesquisa-ação em ONGs de Campinas". In: III Seminário Internacional Latino Americano de Pesquisa da Comunicação/Alaic (São Paulo – 2005), "Jornal comunitário e história oral como instrumento e método de registro e de recuperação da memória em bairros populares de Campinas". In: 4º. Seminário do CMU "Memória e Contemporaneidade" (Unicamp – 2005), "Jornal comunitário: um exercício de educação não-formal e de reconstrução da auto-estima. In: 32º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbano (São Paulo – 2005), "O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal". In: ALAIC, Universidad de la Plata, Buenos Aires, Argentina (2004), "Jornal comunitário e educação não-formal: três experiências, um caminho". In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (PUC-Porto Alegre - 2004), "Jornal comunitário e educação não-formal: três experiências, um caminho". In: 31º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos (USP) – São Paulo (2004), "O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal". In: III Seminário de Teses e Dissertações em Andamento: Reforma Universitária (APG-FE-Unicamp) – Campinas (2004), "O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal. In: Seminário sobre Educação Não-formal (CMU-Unicamp) – Campinas (2004) e "O jornal comunitário como instrumento de educação não-formal: experiências em bairros populares de Campinas". In: I Semana Científica, Tecnológica e Artística – PUC-Campinas – SP (2003). Participamos do seguinte evento como convidados: I Festival de Leituras de Campinas (promovido pela Secret. Municipal de Educação - Campinas) onde apresentamos o trabalho "O fanzine como meio de expressão de prática de educação não-formal". Dois artigos foram elaborados para livros: "Jornal comunitário e educação não-formal: experiências e reflexões". In: *Comunicação Alternativa.* FUSER, Bruno (org.), Campinas: Centro de Memória, 2005 e "O jornal comunitário pode se apresentar em forma de fanzine? – Algumas reflexões". In: *Educação não-formal – contextos, percursos e sujeitos.* PARK, Margareth; FERNANDES, Renata, Campinas: CMU e Ed.Setembro, 2005. O segundo livro citado será lançado em novembro de 2005. Também foi publicado em 2003 o artigo "Jornal comunitário e integração social: elementos para a realização de trabalhos em comunidades de bairro". In: *Revista de Estudos – Curso de Jornalismo* (Vol. 6 – No. 1). Curso de Jornalismo – PUC-Campinas.

Figura 10



Campinas, junho/julho de 2005 — 3

REPORTAGEM

ENCHENTES

Texto: Aline C. Coimbra. Ilustração: Rosenildo R. Silva

Enchente no distrito de Sousas é algo que ocorre todos os anos. Por conta disso, os moradores se angustiam muito. Quando chove, bate a insegurança: as casas localizadas às margens do Atibaia serão inundadas.

As enchentes acontecem por falta de uma ação preventiva da Prefeitura. Os moradores, por sua vez, têm sua parcela de culpa *(ver texto ao lado)*.

A prefeitura deveria ter mais participação nos bairros e tomar mais cuidado para evitar esse problema.

Morador viveu drama 10 vezes

Ana Luiza Ferreira e Magali Roberta Ventura Moreira

Valdemar de Oliveira, 64, é aposentado e mora há 26 anos em Sousas. Ele sofre das conseqüências das enchentes desde que mora no "BECO", já sofreu mais ou menos umas 10 enchentes, perdeu coisas e está esperando alguma oportunidade para se mudar do "BECO", local onde freqüentemente há enchentes. Valdemar diz que só se livrará das enchentes mudando-se do local.

Centro de Saúde orienta a população

Daiani Aparecida Wenceslau, Daniely Nicolau e Jéssica Renata Salvioni

Segundo a agente de saúde Maria de Lurdes Felipe, 33, do Centro de Saúde de Sousas, as enchentes podem causar doenças como leptospirose, tetano e hepatite. A principal doença é a leptospirose, causada pelo contato do homem com a urina do rato e transmitida por uma bactéria chamada leptospira.

Em caso de contrair a doença, a pessoa deve ser encaminhada ao hospital e atendida o mais rápido possível. Os principais sintomas são: dor de cabeça, febre alta e dor nos músculos. Os remédios estão disponíveis no Posto de Saúde. Algumas das maneiras de prevenção: hábitos de higiene e não deixar lixo e restos de comida acumulados.

OPINIÃO

A culpa é de todos

Júlia Jéssica V. de Souza

As enchentes não são só causadas por culpa da prefeitura e do "serviço mal feito". A população também tem sua parcela quando joga lixo nas ruas poluindo os rios e entupindo bueiros.

E como sempre, a população culpa os funcionários públicos acusando-os de não fazerem o serviço direito. Não podemos nos esquecer de que há uma lei que não permite a construção de casas às margens de rios. Mas a população é teimosa e não cumpre a lei. É claro que esses cidadãos precisam de moradia, mas devem também ter consciência! Então pare e pense...Será que vale a pena correr riscos nas enchentes, construindo casas nesses locais?

Figura 11



4 — Campinas, junho/julho de 2005

ADOLESCÊNCIA

O jogo gigante

Daiani Aparecida Wenceslau e Jéssica Renata Salvioni

A Escola Estadual Dr. Tomás Alves vem desenvolvendo junto com os alunos o projeto educacional 'Que problema! Você quer fazer parte a solução?', que ensina como os adolescentes devem agir diante de uma situação-problema. Para participar do jogo os alunos devem fazer uma capacitação que envolva temas como drogas e sexualidade. A cada capacitação, os participantes recebem um preservativo doado pelo Centro de Saúde.

O projeto foi apresentado no colégio Maronistico, na Feira do Cuidar, com grande sucesso. Agora, será levado para o Shopping Vitória Mall e para as escolas de Joaquim Egídio. Yara Caño Pavesi, 44 anos, professora que elaborou o jogo, conta que o projeto será apresentado primeiramente na região e depois levado para outros lugares, já que vem atingindo os objetivos esperados.

Cecoia vê Felipe Dylon

Anderson G, Idalgo, Paulo C. Coimbra e Eliana dos Santos

No dia 29 de abril, 50 adolescentes do Cecoia balançaram o ginásio do Tênis Clube de Campinas. Eles foram ver o show do cantor pop Felipe Dylon *(foto)*.

Os convites foram doados por Adriana Salek que não mediu esforços para entregar à direção do Cecoia os 50 convites que proporcionaram aos adolescentes a rara oportunidade de ver de perto um artista brasileiro. As pessoas que participaram desse evento se divertiram muito e ficaram muito agradecidas com o presente.

ENTRETENIMENTO

Ricca, Luana e Luis Gustavo: comédia

O casamento de Romeu e Julieta

Anderson Gonçalves e Eliana Marcon dos Santos

Alfredo Baraçatti (Luis Gustavo) é um palmeirense roxo e membro do Conselho Deliberativo do clube. Criou sua filha Julieta (Luana Piovani) para ser como ele, mais uma apaixonada pelo Verdão. Batizada em homenagem aos ídolos palmeirenses, a origem de seu nome é "Juli" de Julinho e "eta" de Echevanetta. Jogadora do time feminino do Palmeiras, ela se apaixona por Romeu (Marco Ricca), médico que é corintiano roxo. Em nome do seu amor por Julieta, Romeu aceita virar a casaca e se tornar palmeirense. Tal atitude gera desconfiança em sua família.

Comédia de 93 minutos dirigida por Bruno Barreto. Vale a pena assistir!

AUTO PEÇAS AVENIDA
Baterias - Materiais Automotivos
Extintores - Óleo - Peças em geral
Lopes e Benevazzo Ltda.
Rua Cel. Alfredo do Nascimento, 91 - Sousas
Fone: 3258-3652 – Fax: 3258-3653

BAZAR BIBL
Material escolar, escritório e artigos para presentes
Rua Marcos Rosa, 65/70
Galeria Beira Rio - loja 04
Fone/Fax: 3258-3416

---

44 - Passamos a integrar o corpo docente do Projeto Teia do Saber em que ministramos as disciplinas 'Por Dentro da Redação: Compreendendo as Técnicas de Produção do Jornal' e 'O Jornal como Instrumento de Educação Dentro e Fora da Sala de Aula'. Trata-se de um programa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo direcionado a professores da rede pública. Também ministramos a palestra "Jornal comunitário e educação não-formal: três experiências, um caminho" em curso de graduação oferecido pela Faculdade de Educação da Unicamp.

45 - Dois trabalhos de iniciação científica começaram no segundo semestre de 2004. Orientamos o projeto "Jornal comunitário – um exercício de educação não-formal e de reconstrução da auto-estima" (PUC-Fapic), concluído em agosto de 2005 pela aluna Cecília Correa Ferrarezzi (Jornalismo na PUC e de Ciências Sociais na Unicamp) e "Memória, jornalismo comunitário e cidadania: a prática jornalística como estratégia de educação não-formal" (Fapesp), em que atuamos como co-orientador, concluído em julho de 2005 pela aluna Diana Salles Rocha (Jornalismo na PUC e de Letras na Unicamp). Um novo projeto de iniciação científica sob nossa orientação foi iniciado em agosto de 2005, com término previsto para agosto de 2006. Trata-se do projeto Fapic-Reitoria/PUC-Campinas intitulado "Jornal comunitário e educação não-formal: um exercício de pesquisa ação nos distritos de Campinas", em desenvolvimento pela acadêmica de Jornalismo (PUC-Campinas), Andréia Lédio da Silva.

46 - Participamos como convidado no Fórum Permanente Desafio do Magistério (tema Mídia impressa e educação) realizado em agosto de 2005 na Unicamp e no 2°. Seminário Nacional "O Professor e a Leitura do Jornal" (ambos promovidos pela Rede Anhanguera de Comunicação – Campinas), em 2004, participando da mesa "Estendendo o jornal e a informação na comunidade". Coordenamos a mesa de trabalho "Mídia comunitária como estratégia de educação formal e não-formal" no Congresso de Leitura do Brasil (COLE), realizado em julho de 2005 na Unicamp. Coordenamos o GT "Memória e Comunicação" no 4°. Seminário de Pesquisa Memória e Contemporaneidade do CMU, realizado na Unicamp em junho de 2005. No mesmo evento, participamos da mesa redonda "Memória e Reinserção Social".

Figura 12



Antena Jovem

Informativo produzido pelos adolescentes do Cecoia – Campinas, outubro de 2005 – nº 2

Frutas e roupas: quintas e domingos

DIA DE FEIRA

Texto: Daiani Wenceslau e Jéssica Salvioni. Foto: Ana Caroline Ferreira

A feira de Sousas há muito se tornou um ponto de encontro dos moradores do distrito. Afinal, ocorre em Sousas há mais de 30 anos, sempre às quintas e domingos. Lá é possível encontrar de tudo um pouco: de roupas a brinquedos, passando por frutas e legumes.

Os vendedores e proprietários de barracas não têm muito do que se queixar. Roseli Arconchel trabalha há 17 anos na barraca de roupas. "O lucro é bom. Não posso reclamar", diz, lamentando, entretanto, que percebe a fuga de compradores jovens. "Eles preferem a badalação dos shoppings. O pessoal mais antigo é que é fiel".

O trabalho é árduo. Neuza Rosa Santos Escabelo, vendedora de frutas, diz que chega em Sousas às 5 horas da manhã junto com os outros vendedores para começarem a arrumar as barracas da feira. Para complementar o orçamento, fazem feira também em cidades vizinhas.

A feira acontece às quintas ao lado da Praça Beira Rio e aos domingos na Rua Conselheiro Antonio Prado, em frente a escola Dr. Tomas Alves.

Distrito ganha galeria

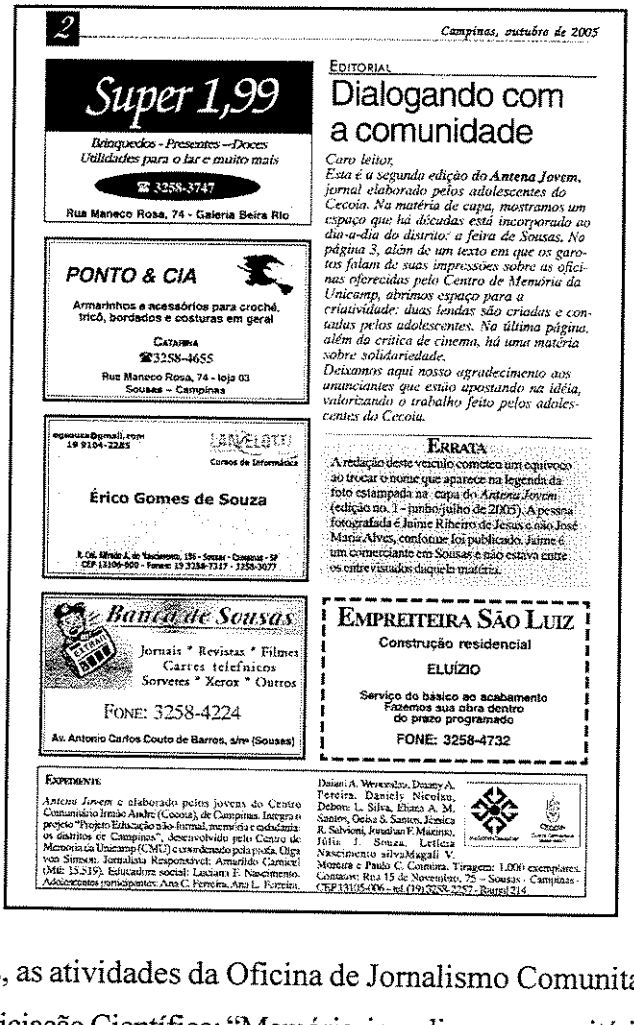
Texto: Daiany Pereira e Débora L. Silva

Desde agosto os moradores de Sousas têm uma nova opção de compras. Trata-se da Galeria Via Monte, localizada na Avenida Antonio Couto de Barros.

Segundo a proprietária de uma loja de roupas, Tereza Artega, sempre foi um desejo dela se instalar comercialmente em Sousas. "Eu sempre considerei Sousas um local agradável. Queria a qualquer custo abrir uma franquia no distrito. Acredito que será o primeiro passo para, num futuro, me instalar em Sousas.

A expectativa dos moradores é que com esse novo empreendimento novos postos de trabalho sejam abertos à população local. É esperar para conferir.

Figura 13



2 Campinas, outubro de 2005

Super 1,99
Brinquedos - Presentes - Doces
Utilidades para o lar e muito mais
3258-3747
Rua Maneco Rosa, 74 - Galeria Beira Rio

PONTO & CIA
Armarinhos e acessórios para crochê, tricô, bordados e costuras em geral
Catarina
3258-4655
Rua Maneco Rosa, 74 - loja 03
Sousas – Campinas

Érico Gomes de Souza

Banca de Sousas
Jornais * Revistas * Filmes
Cartes telefônicos
Sorvetes * Xerox * Outros
Fone: 3258-4224
Av. Antonio Carlos Couto de Barros, s/nº (Sousas)

Editorial
Dialogando com a comunidade

Caro leitor,
Esta é a segunda edição do ***Antena Jovem****, jornal elaborado pelos adolescentes do Cecoia. Na matéria de capa, mostramos um espaço que há décadas está incorporado ao dia-a-dia do distrito: a feira de Sousas. No página 3, além de um texto em que os garotos falam de suas impressões sobre as oficinas oferecidas pelo Centro de Memória da Unicamp, abrimos espaço para a criatividade: duas lendas são criadas e contadas pelos adolescentes. Na última página, além da crítica de cinema, há uma matéria sobre solidariedade.*
Deixamos aqui nosso agradecimento aos anunciantes que estão apostando na idéia, valorizando o trabalho feito pelos adolescentes do Cecoia.

Errata
A redação deste veículo cometeu um equívoco ao trocar o nome que aparece na legenda da foto estampada na capa do *Antena Jovem* (edição no. 1 - junho/julho de 2005). A pessoa fotografada é Jaime Ribeiro de Jesus e não José Maria Alves, conforme foi publicado. Jaime é um comerciante em Sousas e não estava entre os entrevistados daquela matéria.

Empreiteira São Luiz
Construção residencial
Eluízio
Serviço do básico ao acabamento
Fazemos sua obra dentro do prazo programado
FONE: 3258-4732

Expediente
Antena Jovem é elaborado pelos jovens do Centro Comunitário Irmão André (Cecoia), de Campinas. Integra o projeto "Projeto Educação não-formal, memória e cidadania: os distritos de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (MR 15.519). Educadora social: Lasbani F. Nascimento. Adolescentes participantes: Ana C. Ferreira, Ana L. Ferreira, Daiani A. Wenceslau, Douney A. Pereira, Daniely Nicolau, Debora L. Silva, Eliana A. M. Santos, Geisa S. Santos, Jéssica R. Salvioni, Jonathan F. Macinho, Júlia I. Souza, Leticia Nascimento silva/Magali V. Moreira e Paulo C. Conceira. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Rua 15 de Novembro, 75 – Sousas - Campinas - CEP 13105-006 – tel (19) 3289-3257 - Ramal 214

Centro Comunitário Irmão André, (Cecoia) em Sousas, as atividades da Oficina de Jornalismo Comunitário, tendo como um dos desdobramentos, o projeto de Iniciação Científica: "Memória, jornalismo comunitário e cidadania: a prática jornalística como estratégia de educação não-formal." **[50]**

A instituição em que foi realizado esse trabalho, batizada há quase vinte anos de Cecoia, é uma organização não-governamental (ONG) que auxilia crianças e adolescentes de 'famílias carentes' dos bairros próximos a sua localização, como os distritos de Sousas e Joaquim Egídio. Os usuários atendidos pela instituição estão na faixa etária de 7 a 17 anos. O atendimento estende-se também a outras 'comunidades carentes' de moradores dos

---

47 - BULHÕES, Nice. "Seminário na Unicamp debate jornais como instrumento de reflexão para comunidades". In: *Correio Popular*. Campinas, 21 de novembro de 2004, p 11.

48 - "A sociedade como agente da informação". In: *Ordem do Dia*. Campinas, maio de 2004, p. 12.

49 - BARROS, Nathália. "Oficina de Jornalismo abre espaço para jovens da Vila Castelo Branco". In: *Página Aberta*. Campinas, agosto de 2005, pp. 18-19.

50 - O referido trabalho foi realizado pela bolsista Fapesp, Diana Salles Rocha, tendo como orientadora a profa. Olga R. M. von Simson e como co-orientador o prof. Amarildo B. Carnicel.

Figura 14



Campinas, outubro de 2005 — 3

LENDAS

Beija-flor

Paulo César Bueno Coimbra
e Júlia Jéssica de Souza

Era uma vez uma menina que se chamava Flor. Ela gostava muito de pássaros.

Um belo dia, seu pai perguntou o que ela gostaria de ganhar em seu aniversário. Ela, carinhosamente, respondeu: um pássaro. Seu pai achou um absurdo, pois pretendia dar-lhe algo mais valioso. Mesmo assim, ela ganhou seu pássaro.

Certo dia, estava no jardim e seu pássaro cantava ao seu lado, quando, de repente, uma cobra atacou o pássaro. Flor foi socorrer seu pássaro e acabou sendo picada pela cobra que era muito feroz e venenosa. Seu pássaro se salvou, mas a menina acabou morrendo ali mesmo. Logo, juntaram ao seu redor vários pássaros que a carregaram e viram a menina se transformar em um lindo pássaro que gostava muito de flores, assim nasceu o Beija-flor..

Vulcão

Leticia Nascimento Silva
e Magali Roberta Ventura Moreira

Em um vilarejo bem distante havia uma grande montanha de pedra. Toda semana aconteciam tremores nessa montanha, mas ninguém ia ver o que era. Um dia, o tremor foi mais forte que o comum e uma grande rachadura apareceu na montanha formando um enorme buraco.

O povo do vilarejo acreditava que todos os habitantes da cidade que cometeram um grande pecado iriam morrer queimados. Acreditavam que dentro da montanha estava o inferno. No dia seguinte do grande tremor, um liquido vermelho saiu do vulcão e foi queimando tudo que havia pela frente.

O povo, apavorado, fugiu e, quando voltou viu o vilarejo devastado por inteiro. Ninguém mais queria morar naquele lugar que recebeu o nome de Montanha de Vulcão.

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Pesquisadores do Centro de Memória dão oficinas no Cecoia

Texto: Anderson Gonçalves Idalgo
e Geiso Silva dos Santos

O grupo de adolescentes do Cecoia participa de várias oficinas organizadas pelo Centro de Memória da Unicamp. As oficinas são as seguintes: História Oral, Criatividade, Jornalismo, Fotografia e Orientação Vocacional.

Na de História Oral nós fazemos entrevistas com moradores antigos que presenciaram as mudanças de Sousas. Eles contam histórias que muita gente não sabe. A Oficina de Criatividade nos permite passar para o papel através de textos e ilustrações nossos sentimentos e imaginações. A Oficina de Jornalismo nos ensina noções básicas da produção do jornal. Também fazemos entrevistas, textos, ilustrações, fotos e produzimos matérias interessantes para a comunidade de Sousas.

A Oficina de Fotografia nos possibilita sair do Cecoia e tirar fotografias de lugares que muitos moradores de Sousas não conhecem; lugares bonitos que a população não repara. A Oficina de Orientação Vocacional nos mostra um pouco da realidade do mercado de trabalho ela nos ajuda a escolher em qual trabalho vamos nos dar bem.

Bom Brasil — Amélia Grego — Loja de Roupas Moda Especial Moda Praia
Comunicamos aos amigos e clientes que desde setembro estamos atendendo no seguinte endereço:
Av. Antônio Carlos Couto de Barros, 354 - Sousas
(com estacionamento próprio)
☎3258-2943

Figura 15



4 — Campinas, outubro de 2005

SOLIDARIEDADE

Programa distribui frutas e legumes

Texto: Ana Carolina Ferreira e Eliane A. M. Santos
Fotos: Ana Carolina Ferreira e Ana Luisa Ferreira

Há mais de quatro anos o Cecoia, em conjunto com o Instituto de Solidariedade para programas de Alimentação (ISA), órgão da Ceasa-Campinas, distribui alimentos a algumas famílias de Sousas. A entrega de frutas e legumes ocorre toda terça-feira.

São produtos inviáveis para o comércio mas que podem ser aproveitados se bem selecionados. "Infelizmente, 40% desses produtos não são aproveitáveis", diz a assistente social Helenira Aparecida Salgado Ferraz. Aí é que entra o trabalho dos voluntários do Cecoia para seleção da frutas e legumes. Parte do produto é aproveitado pela própria entidade na alimentação diária das crianças e dos adolescentes. Outra parte é destinada a famílias carentes cadastradas.

Para a voluntária Maria Antonia Rossinholi Rabelo, o trabalho é gratificante. "As pessoas que vêm buscar esses alimentos precisam deles. Isso ajuda no orçamento familiar, pois, caso contrário, teriam que comprar, aumentando ainda mais a despesas do mês. Fico duplamente satisfeita, pois diversifico minha alimentação e, como voluntária, auxílio as pessoas que também precisam desses produtos".

Helenira: solidariedade

Maria Antonia, voluntária: dupla satisfação

ENTRETENIMENTO

Darlan: romance policial

Meu tio matou um cara

Júlia Jéssica de Souza

Duca (Darlan Cunha),um garoto de 15 anos descobre que o seu tio matou um cara. Mas ele descobre que o seu tio Éder (Lázaro Ramos) está assumindo o crime no lugar da verdadeira culpada, sua namorada Soraya (Deborah Secco). O filme é muito interessante porque é um romance policial mais voltado para os adolescente do que para os adultos. A trilha sonora do filme é muito legal. Se você quiser saber mais sobre o filme é só assistir.

Ficha técnica

Gênero: Romance policial
Tempo de Duração: 87 min.
Ano de Lançamento: 2005
Direção: Jorge Furtado

Giz de Cera Papelaria
Material escolar e escritório
Plastificação e encadernação
Xerox e brinquedos
☎3258-4708
Rua D. Julia Conceição Alves, 287
Sousas – Campinas

LANZELOTTI
Flávia Pitta
Laís Fávaro
José Cavalheri
Julio Cezar Lanzelotti
R. Cel. Alfredo A. do Nascimento, 156 - Sousas - Campinas - SP
CEP 13105-000 - Fones: 19 3258-3077 - 3258-5403

bairros como Cohab, Jardim Santana, Jardim Conceição, Parque Imperial, Paredão, fazendas e sítios da região.

As Oficinas de Jornalismo Comunitário foram realizadas uma vez por semana, às quintas-feiras, no período da manhã (em período diferente ao de aulas dos participantes), no espaço físico do Cecoia.

Foram transmitidos aos adolescentes, assim como nas Oficinas de Jornalismo Comunitário efetuadas nos bairros já estudados, os fundamentos do ensino e das técnicas do jornalismo como pauta, entrevista, lide, título, fotografia e legenda, entre outros recursos. Como resultado desse trabalho, elaboramos duas edições do jornal *Antena Jovem,* **[51]** veículo de 4 páginas, em preto e branco, em formato A-4, com tiragem de 1.000 exemplares.

A capa da primeira edição *(Ver figura 8)* apresenta uma matéria sobre a pesca no rio Atibaia poluído. A página 2, (*Ver figura 9*) além do editorial e do expediente, mostra o bom resultado da venda de anúncios com a inclusão de cinco anunciantes (comércio e serviço). A página 3, (*ver figura 10*) no aspecto jornalístico,

51 - A exemplo do que ocorreu nas atividades anteriores, o nome do jornal (*Antena Jovem*) foi escolhido pelos próprios adolescentes a partir de votação durante as atividades da Oficina de Jornalismo Comunitário.

foi a que obteve o melhor resultado de todo o trabalho já realizado nas Oficinas de Jornalismo Comunitário que coordenamos, incluindo aí os trabalhos realizados na Vila Costa e Silva, Complexo São Marcos e Vila Castelo Branco. A matéria intitulada "Enchentes' **[52]** e as retrancas, "Morador viveu drama 10 vezes", **[53]** "Centro de Saúde orienta a população" **[54]** e "A culpa é de todos", **[55]** mostram, a partir de um tema (a enchente), as diferentes formas de abordagem jornalística. As repórteres anunciam o fato, ouvem moradores, profissionais do Centro de Saúde e fazem um artigo criticando os diferentes segmentos da sociedade, conforme podemos observar na reprodução do texto a seguir:

> "As enchentes não são só causadas por culpa da prefeitura e do 'serviço mal feito'. A população também tem sua parcela quando joga lixo nas ruas poluindo bueiros. E como sempre, a população culpa os funcionários públicos acusando-os de não fazerem o serviço direito. Não podemos nos esquecer de que há uma lei que não permite a construção de casas às margens dos rios. Mas a população é teimosa e não cumpre a lei. É claro que esses cidadãos precisam de moradia, mas devem também ter consciência! Então pare e pense... Será que vale a pena correr riscos nas enchentes, construindo casas nesses locais?"

O texto é acompanhado de uma ilustração feita pelo adolescente Ronildo Silva. Em sua criação, o ilustrador também expressa sua crítica ao desenhar um cidadão atirando uma lata no rio enquanto pneus, caixas e outros objetos bóiam nas águas sujas do Atibaia. A última página da primeira edição (*Ver figura 11*) mostra duas matérias (sobre o projeto de uma escola do distrito e sobre a presença dos adolescentes do Cecoia em um show num clube da cidade), uma crítica de cinema (sobre o filme *O casamento de Romeu e Julieta*), além de outros dois anúncios.

A segunda edição do *Antena Jovem* apresenta na capa (*Ver figura 12*) uma reportagem sobre a feira livre de Sousas e sobre a abertura de uma nova galeria no distrito. Na página 2 (*Ver figura 13*) há o editorial, o expediente, uma errata (o nome do fotografado da capa da primeira edição foi publicado com erro) e cinco anúncios (comércio e serviços, sendo que dos cinco anunciantes, quatro figuraram na primeira edição). Na página 3, (*Ver figura 14*) os adolescentes apresentam uma reportagem sobre as

---

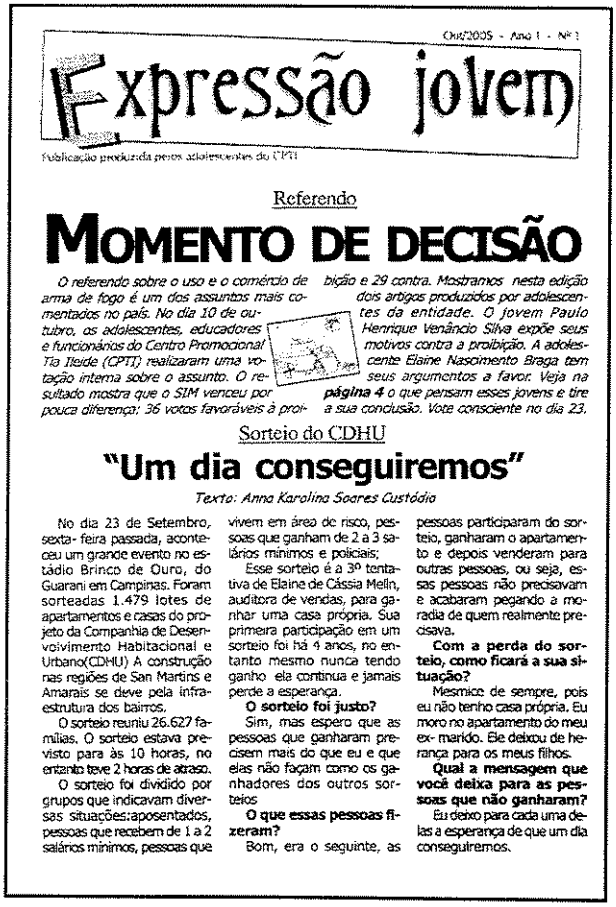
52 - Texto elaborado pela repórter Aline Coimbra, com ilustração de Rosenildo R. Silva.

53 - Texto elaborado pelas repórteres Ana Luiza Ferreira e Magali Roberta Ventura Moreira.

54 - Texto elaborado pelas repórteres Daiani Aparecida Wencesleu, Daniely Nicolau e Jéssica Renata Salvioni.

55 - Texto elaborado pela articulista Júlia Jéssica de Sousa.

Figura 16



Out/2005 - Ano 1 - Nº 1

Expressão jovem

Publicação produzida pelos adolescentes do CPTI

Referendo

MOMENTO DE DECISÃO

O referendo sobre o uso e o comércio de arma de fogo é um dos assuntos mais comentados no país. No dia 10 de outubro, os adolescentes, educadores e funcionários do Centro Promocional Tia Ileide (CPTI) realizaram uma votação interna sobre o assunto. O resultado mostra que o SIM venceu por pouca diferença; 36 votos favoráveis à proibição e 29 contra. Mostramos nesta edição dois artigos produzidos por adolescentes da entidade. O jovem Paulo Henrique Venâncio Silva expõe seus motivos contra a proibição. A adolescente Elaine Nascimento Braga tem seus argumentos a favor. Veja na ***página 4*** *o que pensam esses jovens e tire a sua conclusão. Vote consciente no dia 23.*

Sorteio do CDHU

"Um dia conseguiremos"

Texto: Anna Karolina Soares Custódio

No dia 23 de Setembro, sexta- feira passada, aconteceu um grande evento no estádio Brinco de Ouro, do Guarani em Campinas. Foram sorteadas 1.479 lotes de apartamentos e casas do projeto da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano(CDHU) A construção nas regiões de San Martins e Amarais se deve pela infra-estrutura dos bairros.

O sorteio reuniu 26.627 famílias. O sorteio estava previsto para às 10 horas, no entanto teve 2 horas de atraso.

O sorteio foi dividido por grupos que indicavam diversas situações:aposentados, pessoas que recebem de 1 a 2 salários mínimos, pessoas que vivem em área de risco, pessoas que ganham de 2 a 3 salários mínimos e policiais;

Esse sorteio é a 3º tentativa de Elaine de Cássia Melin, auditora de vendas, para ganhar uma casa própria. Sua primeira participação em um sorteio foi há 4 anos, no entanto mesmo nunca tendo ganho ela continua e jamais perde a esperança.

O sorteio foi justo?

Sim, mas espero que as pessoas que ganharam precisem mais do que eu e que elas não façam como os ganhadores dos outros sorteios

O que essas pessoas fizeram?

Bom, era o seguinte, as pessoas participaram do sorteio, ganharam o apartamento e depois venderam para outras pessoas, ou seja, essas pessoas não precisavam e acabaram pegando a moradia de quem realmente precisava.

Com a perda do sorteio, como ficará a sua situação?

Mesmice de sempre, pois eu não tenho casa própria. Eu moro no apartamento do meu ex- marido. Ele deixou de herança para os meus filhos.

Qual a mensagem que você deixa para as pessoas que não ganharam?

Eu deixo para cada uma delas a esperança de que um dia conseguiremos.

Figura 17



2 Campinas, outubro de 2005

Editorial

Fórum de diálogo

Caro leitor,

Esta é a primeira edição do ***Expressão Jovem***, jornal elaborado pelos adolescentes do Centro Promocional Tia Ileide (CPTI) sob a coordenação de pesquisadores do Centro de Memória da Unicamp e da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.

Trata-se de uma primeira edição produzida a toque de caixa. Isso porque estamos diante de um momento decisivo no país (estamos falando sobre o referendo a ser realizado no próximo dia 23 de outubro que vai proibir ou não o uso e a comercialização de armas no país) e achamos por bem mostrar a você, morador do distrito de Nova Aparecida, o que pensam os jovens que fazem o dia-a-dia do local.

Publicação busca dar visibilidade ao talento dos adolescentes do CPTI

Numa votação realizada no CPTI no dia 10 de outubro envolvendo 65 pessoas entre adolescentes, funcionários e educadores sociais, o resultado mostrou que a disputa vai ser apertada. Trinta e seis votaram a favor da proibição e vinte nove votaram contra. Embora o "SIM" tenha vencido, se fizermos uma projeção para o resto do país, resultado mostra que nada está definido. O país está dividido. Com o objetivo de auxiliá-lo, amigo leitor, publicamos nesta edição, além do resultado da votação interna, dois artigos produzidos por adolescentes da entidade: um contra a proibição e outro a favor da proibição. Assim, deixamos a decisão em suas mãos.

Ao apresentarmos posições opostas, esperamos proporcionar a você leitor uma reflexão e oferecer elementos para formar sua opinião.

A propósito, essas idéias opostas seguem na linha que deve nortear o bom jornalismo, um trabalho sério, neutro, movido pela imparcialidade. A mesma imparcialidade que deve pautar o ***Expressão Jovem***, um veículo que nasce com o propósito de se tornar um jornal comunitário que seja um fórum de diálogo entre os moradores de Nova Aparecida.

Além do referendo, esta primeira edição mostra uma matéria sobre o sorteio de moradias do CDHU, ocorrido em outubro. Na página 3, apresenta uma crítica sobre o filme *Cidade de Deus* e uma poesia. As ilustrações da edição também foram feitas pelos adolescentes, o que mostra esta publicação nasce com o objetivo não só de falar de fatos positivos do distrito, mas também de dar visibilidade ao talento e explorar as potencialidades dos adolescentes vinculado ao CPTI.

Expediente:

Expressão Jovem é um jornal elaborado pelos jovens do Centro Promocional Tia Ileide (CPTI) de Campinas. Integra o projeto "Projeto Educação Não formal, Memória e Cidadania: os Distritos de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp (CMU) e coordenado pela prof. Dágo Van Santos. **Jornalista responsável:** Antonildo Caniçal (MB 15.719). **Jornalista voluntário:** André da Silva Vieira. **Auxiliar de pesquisa:** Andréia Lúcio da Silva (bolsista ICFAPIC/PUC-Campinas). **Coordenadora do Agente Jovem:** Silvia Helena Matos. **Educadora Social:** Kely Cristina M. Gionetti. **Jovens Participantes:** Adilson M. Santana, Adriano Pereira, Anna Karolina S. Custódio, Anderson Fernando B. C. Silva, Andréia L. dos Santos, Bruno O. Vencl, Celso Santos, Cleverson L. Ferreira, Cleusne T. Alves, Dalila Rodrigues, David Henrique Xavier, Diego Henrique B. Oliveira, Elaine Nascimento Braga, Elaine S. Lopes, Elivânia de S. Vidal, Ellen Fabiana P. Lima, Erick Enrique A. Agostinho, Ins G. Lopes, Jaime Everton S. Oliveira, Jarbas F. Bonfe, Josel A. Mendelvio, Karla M. da Silva, Leonardo R. dos S. da Silva, Mayara F. dos Santos, Mauricio D. do Nascimento, Natália C. S. Silva, Paulo da S. Nascimento, Paulo Henrique V. Silva, Rodolfo Pereira, Romyksen R. dos Santos, Wesley José de Souza e William J. B. Machado.**Tiragem:** 1000 exemplares. **Realização:** CMU-Unicamp. **Apoio:** Pró-reitoria de Pesquisa/PUC-Campinas. **Contatos:** CPTI (Rua Hum, n.37, Vila Mendonça- Dist. de N. Aparecida- Campinas- CEP 13067-899- tel: 19- 3281 0371- e-mail: cpti.campinas@terra.com.br).

CMU - Unicamp | Pró-reitoria de Pesquisa | PUC Campinas | CPTI

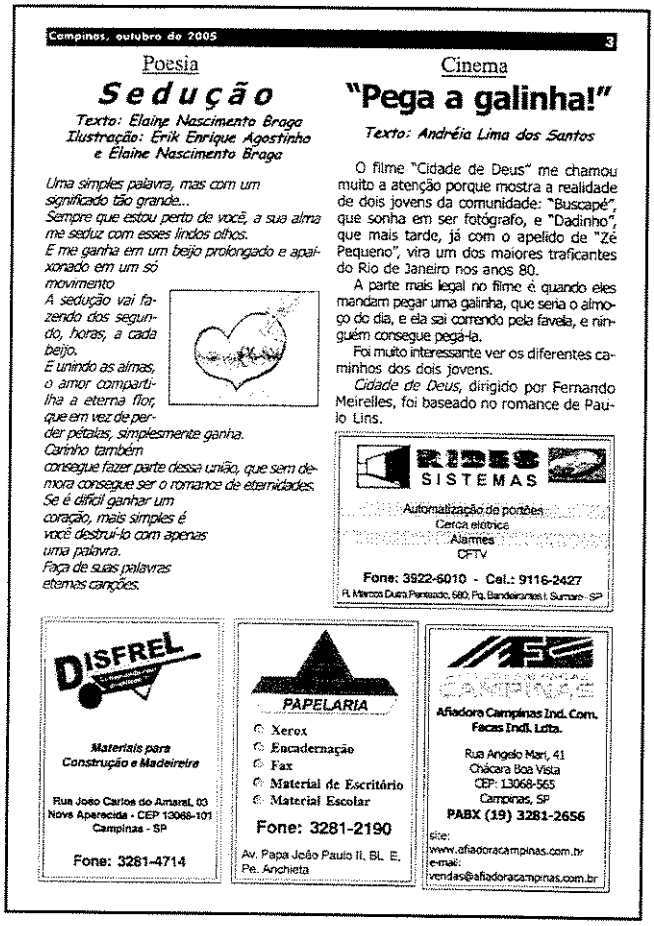
oficinas oferecidas pelo Centro de Memória e criam duas lendas (sobre o 'beija-flor' e sobre o 'vulcão'). Um anúncio completa a página. Na última página, (*Ver figura 15*) além de dois anúncios, há um textos sobre o programa de distribuição de frutas e legumes desenvolvido pelo Cecoia em parceria com a Ceasa, além da crítica do filme *Meu tio matou um cara.*

Plantada a semente, o Cecoia pretende dar continuidade à produção do jornal. Uma agência de publicidade que presta serviço para a entidade, sob nossa orientação inicial, vai assumir o trabalho a partir da terceira edição.

NOVA APARECIDA, NOVO DESAFIO – Encerradas as atividades no Cecoia, as atenções estão, desde agosto de 2005, voltadas para o Centro Promocional Tia Ileide (CPTI), no distrito de Nova Aparecida, localizado na zona oeste de Campinas e que abriga, por conta da proximidade com o Presídio de Hortolândia, familiares de presos de todo o país.

Este trabalho tem como objeto central, por meio da realização de Oficinas de Jornalismo Comunitário, produzir e analisar o jornal como estratégia de educação não-formal e de reconstrução da auto-

Figura 18



Campinas, outubro de 2005 3

Poesia

Sedução

Texto: Elaine Nascimento Braga
Ilustração: Erik Enrique Agostinho e Elaine Nascimento Braga

Uma simples palavra, mas com um significado tão grande...
Sempre que estou perto de você, a sua alma me seduz com esses lindos olhos.
E me ganha em um beijo prolongado e apaixonado em um só movimento
A sedução vai fazendo dos segundo, horas, a cada beijo.
E unindo as almas, o amor compartilha a eterna flor, que em vez de perder pétalas, simplesmente ganha.
Carinho também consegue fazer parte dessa união, que sem demora consegue ser o romance de eternidades.
Se é difícil ganhar um coração, mais simples é você destruí-lo com apenas uma palavra.
Faça de suas palavras eternos canções.

Cinema

"Pega a galinha!"

Texto: Andréia Lima dos Santos

O filme "Cidade de Deus" me chamou muito a atenção porque mostra a realidade de dois jovens da comunidade: "Buscapé", que sonha em ser fotógrafo, e "Dadinho", que mais tarde, já com o apelido de "Zé Pequeno", vira um dos maiores traficantes do Rio de Janeiro nos anos 80.

A parte mais legal no filme é quando eles mandam pegar uma galinha, que seria o almoço do dia, e ela sai correndo pela favela, e ninguém consegue pegá-la.

Foi muito interessante ver os diferentes caminhos dos dois jovens.

Cidade de Deus, dirigido por Fernando Meirelles, foi baseado no romance de Paulo Lins.

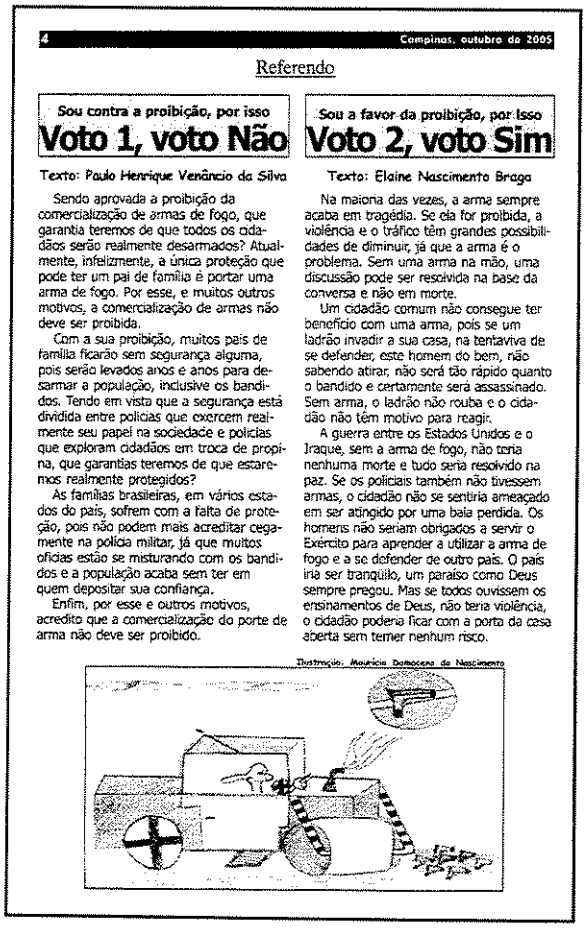
RIBES SISTEMAS
Automatização de portões
Cerca elétrica
Alarmes
CFTV
Fone: 3922-6010 - Cel.: 9116-2427
R. Marcos Dias Penteado, 680, Pq. Bandeirantes I, Sumaré - SP

DISFREL
Materiais para Construção e Madeireira
Rua João Carlos do Amaral, 03
Nova Aparecida - CEP 13088-101
Campinas - SP
Fone: 3281-4714

PAPELARIA
Xerox
Encadernação
Fax
Material de Escritório
Material Escolar
Fone: 3281-2190
Av. Papa João Paulo II, BL. E, Pe. Anchieta

Afiadora Campinas Ind. Com. Facas Indl. Ltda.
Rua Angelo Mari, 41
Chácara Boa Vista
CEP: 13068-565
Campinas, SP
PABX (19) 3281-2656
site: www.afiadoracampinas.com.br
e-mail: vendas@afiadoracampinas.com.br

Figura 19



4 Campinas, outubro de 2005

Referendo

Sou contra a proibição, por isso

Voto 1, voto Não

Texto: Paulo Henrique Venâncio da Silva

Sendo aprovada a proibição da comercialização de armas de fogo, que garantia teremos de que todos os cidadãos serão realmente desarmados? Atualmente, infelizmente, a única proteção que pode ter um pai de família é portar uma arma de fogo. Por esse, e muitos outros motivos, a comercialização de armas não deve ser proibida.

Com a sua proibição, muitos pais de família ficarão sem segurança alguma, pois serão levados anos e anos para desarmar a população, inclusive os bandidos. Tendo em vista que a segurança está dividida entre polícias que exercem realmente seu papel na sociedade e polícias que exploram cidadãos em troca de propina, que garantias teremos de que estaremos realmente protegidos?

As famílias brasileiras, em vários estados do país, sofrem com a falta de proteção, pois não podem mais acreditar cegamente na polícia militar, já que muitos oficiais estão se misturando com os bandidos e a população acaba sem ter em quem depositar sua confiança.

Enfim, por esse e outros motivos, acredito que a comercialização do porte de arma não deve ser proibido.

Sou a favor da proibição, por isso

Voto 2, voto Sim

Texto: Elaine Nascimento Braga

Na maioria das vezes, a arma sempre acaba em tragédia. Se ela for proibida, a violência e o tráfico têm grandes possibilidades de diminuir, já que a arma é o problema. Sem uma arma na mão, uma discussão pode ser resolvida na base da conversa e não em morte.

Um cidadão comum não consegue ter benefício com uma arma, pois se um ladrão invadir a sua casa, na tentativa de se defender, este homem do bem, não sabendo atirar, não será tão rápido quanto o bandido e certamente será assassinado. Sem arma, o ladrão não rouba e o cidadão não têm motivo para reagir.

A guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, sem a arma de fogo, não teria nenhuma morte e tudo seria resolvido na paz. Se os policiais também não tivessem armas, o cidadão não se sentiria ameaçado em ser atingido por uma bala perdida. Os homens não seriam obrigados a servir o Exército para aprender a utilizar a arma de fogo e a se defender de outro país. O país iria ser tranqüilo, um paraíso como Deus sempre pregou. Mas se todos ouvissem os ensinamentos de Deus, não teria violência, o cidadão poderia ficar com a porta da casa aberta sem temer nenhum risco.

Ilustração: Maurício Damasceno do Nascimento

estima. Para melhor fundamentação da proposta ora em desenvolvimento, além do trabalho de pesquisa sobre as regiões em questão, pretendemos mostrar como se deu o processo de formação do distrito de Nova Aparecida e qual a importância do local, no contexto sócio-econômico na cidade de Campinas. O presente trabalho apresenta, também vinculado, um projeto de iniciação científica, intitulado "Jornal comunitário e educação não-formal: um exercício de pesquisa-ação nos distritos de Campinas". **[56]**

O projeto em desenvolvimento procura atender os seguintes objetivos:

- Falar da importância do jornal comunitário enquanto veículo de comunicação na sociedade que o produz.

- Analisar o jornal comunitário como instrumento de comunicação que vai além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro.

56 - O presente trabalho conta com a bolsista de iniciação científica (Fapic-Reitoria/PUC-Campinas) Andréia Lédio da Silva, acadêmica do de Jornalismo.

- Mostrar que o veículo pode tornar-se elemento de integração social, de aprendizado profissional, e acima de tudo como meio de mobilização da comunidade à qual está inserido.

- Mostrar aos jovens que o jornal comunitário se constitui em instrumento capaz de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social junto à comunidade que o produz, proporcionando a oportunidade de adquirir conhecimento e prática, fatores fundamentais para o preparo do jovem para a convivência social.

Os primeiros resultados práticos do trabalho em Nova Aparecida podem ser observados na primeira edição do *Expressão Jovem*, publicação elaborada pelos adolescentes do CPTI. A capa da primeira edição *(Ver figura 16)* apresenta como manchete "Momento de decisão", texto sobre o referendo realizado dia 23 de outubro sobre a proibição da comercialização de armas de fogo no Brasil. Na mesma página, há uma entrevista com uma moradora do distrito sobre o sorteio de casas populares pelo CDHU (Companhia de Desenvolvimento de Habitação Urbana). **[57]** Na página 2 *(Ver figura 17)*, há o editorial "Fórum de diálogo", texto que faz uma apresentação da publicação.

Na página 3, *(Ver figura 18)* há a poesia "Sedução" e uma ilustração **[58]** e a crítica de cinema sobre o filme *Cidade de Deus*. **[59]** Na página 4 *(Ver figura 19)*, são apresentados dois artigos e uma ilustração sobre o referendo. São dois textos (um 'contra' e outro 'favorável' à proibição do comércio de armas) elaborados pelos adolescentes no sentido de auxiliar os leitores antes da decisão do voto. **[60]**

A exemplo dos jornais produzidos nas outras ONGs onde trabalhamos, o jornal é dotado de quatro páginas, formato A-4, apresenta tiragem de 1.000 exemplares e teve o nome escolhido pelos adolescentes após duas etapas de votação. Este trabalho deve ser concluído em dezembro de 2005, quando lançaremos a segunda edição.

Novo projeto já tem data marcada: a partir de fevereiro de 2006, as Oficinas de Jornalismo Comunitário deverão ser realizadas no distrito de Barão Geraldo.

O distrito de Barão, pela sua história de formação, baseada nas fazendas dos barões do café, aliada ao

57 - Texto elaborado pela repórter Anna Carolina Custódio.

58 - Poesia elaborada por Elaine Nascimento Braga, que também fez a ilustração juntamente com Érik Agostinho.

59 - Crítica feita por Andréia Lima dos Santos.

60 - Artigos elaborados por Paulo Henrique Venâncio da Silva e Elaine Nascimento Braga, com ilustração de Maurício do Nascimento Braga.

processo de instalação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é visto como local privilegiado, tanto no aspecto econômico quanto no aspecto cultural. O cenário favorável (econômico e intelectual) atraiu para o distrito empresas públicas, de economia mista e privadas que se utilizam de alta tecnologia no seu processo produtivo. Também o campo da saúde seria beneficiado por poder contar com profissionais altamente capacitados, ligados à Universidade, que passaram a atuar também em clínicas e hospitais de ponta que se instalaram na região. Da mesma forma, no campo das artes, a proximidade de um centro universitário voltado para as artes plásticas, cênicas e musicais, gerou o surgimento de vários grupos de teatro experimental, assim como pequenas casas de espetáculo, além de oficinas e galerias de arte e um significativo número de conjuntos musicais eruditos e populares que se apresentam regularmente em espaços públicos e privados, constituindo-se assim uma vida cultural autônoma em relação à do centro do município.

Mas, há nessa 'ilha privilegiada', zonas ocupadas por população de baixa renda (proveniente de movimentos migratórios inter-estaduais dos anos 60, 70, 80 e de migrações intra-municipais mais recentes) que apresentam problemas econômicos, sociais e de saúde muito graves, além de níveis de violência semelhantes aos de metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo. O bairro Jardim Campineiro, integrante do Complexo São Marcos, exemplifica bem essa outra faceta do distrito de Barão Geraldo que não pode ser ignorada, pois constitui o celeiro de mão-de-obra barata que está na base do desenvolvimento econômico da região, mas que se vê privada da maioria dos benefícios da vida moderna. É neste cenário que pretendemos desenvolver as Oficinas de Jornalismo Comunitário, no primeiro semestre de 2006.

CONCLUSÃO

MINHA ALDEIA, MEU UNIVERSO

"Para ser universal, basta falar de sua aldeia"

Dostoievsky

O presente estudo apresenta, de forma simples e didática, experiências de trabalho a partir do exercício de jornal comunitário em três regiões periféricas de Campinas: na Vila Costa e Silva, em 2001, no Complexo São Marcos (mais especificamente, no Jardim Campineiro), em 2002 e na Vila Castelo Branco, a partir de 2003 (trabalho que permanece até os dias atuais). Ressalta a importância do jornal comunitário como instrumento de comunicação que vai além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro. Mostramos o veículo como elemento de integração social, de aprendizado profissional e como possibilidade de meio de mobilização da comunidade à qual está inserido. Mais: oferecemos subsídios que fazem do jornal um instrumento capaz de despertar e de fortalecer as noções de pertencimento social na comunidade que conduzem ao sentimento de cidadania e de identidade.

A partir das três experiências realizadas, percebemos que o trabalho se deu num processo contínuo de aprendizado mútuo. Se a iniciativa de elaboração de um jornal consistiu em novidade para os adolescentes, a transmissão do conhecimento das noções básicas para a feitura de um jornal comunitário e o meio utilizado para a materialização dos ensinamentos também foi uma atividade inédita para o jornalista. Identificamos e corrigimos as falhas cometidas na Vila Costa e Silva e no Complexo São Marcos, principalmente no que diz respeito à nossa dificuldade de despertar interesse pela atividade nos participantes. Numa primeira análise, convém ressaltar que a prática da educação não-formal nunca havia sido vivenciada pelos adolescentes da Vila Costa e Silva – tanto é que eles insistiam em se reportar ao coordenador como 'professor'. No processo de seleção ficou evidente que almejavam cursos profissionalizantes, com entrega de certificado que os qualificassem em eventual busca de empregos. Embora tivessem apresentado uma produção – foram elaboradas duas edições do *Jornal da Costa e Silva* por turmas diferentes – a devolução dos textos (reportagens, artigos etc.) deu-se num processo semelhante à entrega de redação ('dever de casa') ao 'professor' para posterior avaliação escolar.

No Espaço Esperança, no Jardim Campineiro, os adolescentes tinham duas procedências: do próprio Espaço Esperança, que, a exemplo dos adolescentes da Costa e Silva, desconheciam totalmente

práticas de educação não-formal e os adolescentes da ONG Direito de Ser, organização que tem incluídas entre suas atividades algumas práticas no campo da educação não-formal. Não por acaso, os adolescentes que mais apresentaram produção para a realização da brochura foram aqueles inseridos nos programas da ONG. Os adolescentes vinculados ao Espaço Esperança destacaram-se na produção oral e na produção de desenhos.

Percebemos que o campo fértil para a aplicação prática dos conceitos que norteiam a conduta da educação não-formal efetivou-se, realmente, no Progen, na Vila Castelo Branco. Da postura do jornalista no tratamento direto com os adolescentes à distribuição espacial dos móveis na sala onde ocorreram os encontros, todo o processo visou a realização de um trabalho feito com prazer, sem cobranças ou repreensões. Mostra disso é que, diferentemente do acontecido com as Oficinas de Jornalismo Comunitário nos dois bairros onde atuamos anteriormente, o décimo número de *Conexão Jovem* está em curso, com a participação daqueles que solicitaram a continuidade do trabalho e de outros adolescentes que por meio da boa repercussão da experiência, pediram sua inclusão no projeto. É a efetiva abertura de espaço a grupos marginalizados cultural e geograficamente. A exemplo de outros fanzines, *Conexão Jovem* não tem a pretensão de ser modelo de democratização dos meios de informação. O desnível de alcance entre uma publicação nesta modalidade (baixa tiragem) e um veículo de médio porte, com milhares de exemplares, faz com que essas publicações tenham uma convivência pacífica. Não importa o número de exemplares e sim a proposta que está por trás do trabalho de pesquisa-ação, que, não por acaso, foi a metodologia por nós adotada e certamernte a mais adequada e que nos permitiu atingir resultados significativos.

Valendo-nos de THIOLLENT (1994) adotamos o método da pesquisa-ação desenvolvendo uma ação sobre um problema coletivo em que os pesquisadores envolvidos na Oficina de Jornal Comunitário e os participantes representativos da situação (neste caso, os adolescentes envolvidos na produção do *Conexão Jovem*) atuaram de modo cooperativo ou participativo. Evidenciamos aqui que a linha metodológica aplicada é diferente da pesquisa convencional, na qual o objeto de estudo é reservado um papel passivo. Estamos convictos de que a pesquisa-ação por nós adotada cumpriu sua finalidade transformadora. Convém, contudo, esclarecer que as transformações por nós observadas foram limitadas, pontuais – observamos essas transformações apenas naqueles adolescentes que se envolveram efetivamente no projeto, naqueles que compreenderam a proposta, abraçaram a idéia e materializaram essa ação nas páginas do fanzine. Se por um lado, isto representa um resultado quantitativo aquém de nossas expectativas iniciais, por outro, nos confirma a importância fundamental do envolvimento psicoafetivo dos participantes de grupo de educação não-formal nas atividades elegidas. Nisso reside mais um aspecto de aprendizado metodológico para reger o planejamento de futuras intervenções em comunidades.

O fanzine feito pelos adolescentes da Vila Castelo Branco deve ser analisado sob a ótica da educação não-formal, modelo que norteou todas as etapas do processo, da concepção ao produto final. Oferece elementos que levam a pensar que o distanciamento do modelo aplicado na educação formal permite atingir bons resultados. Isso não significa, contudo, que devemos adotar uma postura de contraposição ao ensino formal. Devemos, sim, buscar em cada um dos campos (formal e não-formal) o que há de positivo no sentido de realizar as ações transformadoras que presenciamos neste projeto.

Numa primeira análise, jornal comunitário e fanzine, pelas características inerentes de cada um, podem até caminhar paralelamente, porém nunca se cruzam. São publicações distintas, tanto na forma de apresentação editorial e gráfica, quanto na forma de produção e de publicação. Também são distintas as duas pontas do processo: quem o produz e o público-alvo a que se destina. Entretanto, o trabalho de jovens amadores na produção de um veículo de comunicação por meio da realização de Oficinas de Jornalismo Comunitário, pautado pela adoção de estratégias da educação não-formal, vem demonstrando que o fanzine constitui-se no fórum mais apropriado para exposição de opiniões e de informações que permitam, entre outras qualidades, a valorização da auto-estima das pessoas que fazem o tripé que compõe a teoria básica da comunicação, ou seja, o repórter (emissor), o entrevistado (a fonte) e o leitor (receptor).

Observamos, portanto, que o trabalho que vem sendo realizado na Vila Castelo Branco pode ser considerado um misto de fanzine com jornal comunitário. Comunitário porque se trata de um veículo cujo objetivo principal é dar voz aos membros da comunidade e estabelecer um fórum de diálogo, de exposição de idéias, de divergências e de reivindicações; de um veículo que transcende o caráter da informação, tornando-se um instrumento de mobilização que permite um processo de comunicação entre os membros da comunidade; e, de um veículo que se diversifica e se multiplica para dar voz ao maior número de correntes numa comunidade.

Entretanto, os objetivos, a forma de produção, enfim, o conteúdo editorial não é feito por profissionais do jornalismo ou de qualquer outra área e, sim, por jovens amadores que a seu modo querem transmitir sua mensagem e o fazem dentro do modelo da educação não-formal, caracterizada pela liberdade, pelo prazer, pela paixão, sem contudo abrir mão da organicidade e, principalmente, da responsabilidade social que a produção de um veículo de comunicação social requer. Entendemos, portanto, que o fanzine se constitui como o meio de comunicação mais adequado para a materialização do veículo em questão.

Ressaltamos, também, que o espaço proporcionado por algumas dessas ONGs (um campo bastante fértil para a prática da educação não-formal), possibilitou uma produção sistematizada. Permitiu uma conduta sem cobranças ou repreensões, em que se respeitam as limitações e aproveitam-se as

potencialidades dos adolescentes envolvidos no processo. Acreditamos, também, que o trabalho apresentado alcançou os resultados atuais, principalmente, porque tivemos ONGs como parceiros, e porque – ratificamos – optamos pelos princípios da educação não-formal como norteador das atividades.

Nas três experiências, as páginas do jornal não estamparam apenas os resultados alcançados pelos adolescentes na Oficina de Jornalismo Comunitário – deram visibilidade também à produção de outras oficinas constantes do projeto. Envolvidos numa atividade transdisciplinar, esses jovens viram impressos nas páginas de suas publicações os conhecimentos assimilados nas Oficinas de Fotografia, de Criatividade e de História Oral. Ou seja, o trabalho de produção de fotos, de ilustrações e de coleta de depoimentos com antigos moradores do bairro foi baseado em práticas e fundamentos oferecidos pelos diversos pesquisadores responsáveis pelas oficinas vinculadas num projeto maior intitulado "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido por profissionais ligados ao Centro de Memória-Unicamp.

Os resultados do trabalho dão mostras de que os adolescentes querem desenvolver atividades prazerosas e assimilar conhecimentos por meio de mecanismos diferentes daqueles historicamente aplicados no espaço escolar, embora muitas vezes – e esse não é o objetivo – as iniciativas de educação não-formal acabem desenvolvendo talentos e capacidades que a escola formal não consegue reconhecer e valorizar. Para melhor compreensão da atividade de educação não-formal, convém lembrar que a prática normalmente ocorre em instituições, associações, ONGs (organizações não-governamentais) etc. que atuam junto às camadas mais pobres da sociedade, tendo como público-alvo crianças e adolescentes afastados da escola formal, portanto, mais próximos ao mundo da rua – cenário que se aplica à ONG Direito de Ser, no Complexo São Marcos. Há, entretanto, instituições que atuam na área da educação não-formal e que, entre outras exigências, apresentam como condição à inclusão em seus programas o vínculo – e muitas vezes um bom desempenho – com a escola formal. A experiência realizada na Vila Castelo Branco revela essa preocupação. Nas três experiências, os trabalhos foram realizados nas dependências físicas das instituições, uma vez por semana em encontros com aproximadamente duas horas de duração, sempre em horários contrários aos das atividades escolares dos adolescentes.

A atividade considerada em sua totalidade possibilitou aos adolescentes nas três regiões o desenvolvimento de um olhar crítico sobre o que a imprensa divulga a respeito dos locais onde vivem. Permite que percebam, entre outras descobertas, que parte da imagem negativa que caracteriza esses bairros é resultado de ressonância das notícias veiculadas pelos órgãos de imprensa da cidade.

Nesse contexto, verificamos ao longo do trabalho que a Oficina de Jornalismo Comunitário propiciou uma transformação em alguns dos adolescentes participantes. Eles passaram a ter uma consciência e uma postura crítica em relação ao bairro. Assumiram o local onde vivem como um espaço que lhes

pertence, como um ambiente ao qual estão inseridos e que, portanto, não pode ser visto com o distanciamento ou a desatenção até então presente no dia-a-dia.

Outra transformação, igualmente importante, diz respeito à escrita: alguns adolescentes passaram, também, a incorporar, naturalmente, a prática da escrita como forma de expressão. A aversão muitas vezes expressa no início dos trabalhos era superada com muito diálogo, paciência e, principalmente, através da valorização do texto ou 'relatório' por ele produzido. Admitimos neste momento que este foi – e continua sendo – um dos grandes desafios do projeto, porque, embora a atividade se configure em prática de educação não-formal, o simples fato de se lidar com a escrita que eles mostraram não dominar bem, exige a inclusão de um aspecto pedagógico: o de desenvolver essa habilidade específica. Contudo, isto não tem nenhuma relação com uma proposta escolar de ensino no contexto de nossas oficinas. Deixamos aflorar os diferentes gêneros de textos, permitindo revelar poetas, compositores e repórteres. No que diz respeito à produção dos poetas e compositores, pelo fato de estarem trabalhando com criação artística e intelectual, nossa intervenção foi quase inexistente. Contudo, na produção de reportagens fomos obrigados a intervir de modo mais pontual. Alguns textos (muitas vezes 'relatórios' ou 'perguntas e respostas'), pela pouca qualidade, ganhavam nova redação, ou seja, aproveitávamos apenas o conteúdo informativo. Eram situações em que o trabalho do adolescente limitava-se à elaboração da reportagem – o trabalho de redação era quase inxistente. Sempre que possível, mostramos as falhas aos autores dos textos e procuramos, conjuntamente, elaborar o texto que seria publicado. Percebemos neste momento que o projeto maior (aquele sediado pelo Centro de Memória), se contemplasse uma oficina de escrita, certamente alcançaria melhores resultados, uma vez que a Oficina de Jornalismo Comunitário não prevê um preparo para a prática da redação. Fica, portanto, como sugestão para as etapas seguintes do projeto que terá como local, no primeiro semestre de 2006, o distrito de Barão Geraldo, em Campinas, a criação de uma Oficina de Escrita.

Seria, também, cometer enorme lapso nessa conclusão não fazer uma breve comparação mais pontual das atividades realizadas na Vila Costa e Silva, no Complexo São Marcos, na Vila Castelo Branco, sem deixar de mencionar as experiências realizadas nos distritos de Sousas e Nova Aparecida. Em momento algum ao longo deste estudo deixamos de assumir que, de todas as atividades, a que gerou melhor resultado foi aquela desenvolvida no Progen. A que podemos atribuir o sucesso alcançado na ONG da Vila Castelo Branco? Já afirmamos que a prática da educação não-formal incorporada ao dia-a-dia da entidade foi decisiva para o bom desenvolvimento das atividades. Entretanto há outra prática que consideramos fundamental nesse processo: a realização da 'Roda' que, se analisada de forma mais atenta, pode ser comparada à reunião de pauta ou o início da atividade da produção jornalística. A roda – recurso pedagógico incorporado pelo Progen desde sua criação, há mais de duas décadas – acontece

todos os dias no início da manhã e da tarde. Crianças, adolescentes, coordenadores e educadores sociais sentam-se em forma de círculo (postura que facilita a interação e a quebra de hierarquias) e ali compartilham momentos de angústia, de alegria, de inquietação e diversos outros temas como sexo, droga, namoro, educação, respeito ao próximo, solidariedade e cidadania. Esse aprendizado de convivência grupal e de trabalho, fomentado pela institucionalização da roda no Progen, foi muito positivo pois transferiu-se espontaneamente para o comportamento dos jovens na Oficina de Jornalismo Comunitário. Nesse momento, tomamos a liberdade de comparar a roda à reunião de pauta, e numa etapa posteior, ao jornal pronto. O que será notícia no *Conexão Jovem* é uma decisão conjunta, definida numa roda menor. De forma democrática, todos têm voz, discutem, colocam suas opiniões sobre o que será veiculado, definem estratégias, organizam-se, atribuem tarefas e assumem responsabilidades. Se considerarmos o jornal pronto como um instrumento que vai propiciar discussões, formar opiniões e evocar a cidadania, podemos afirmar que o jornal constitui-se em uma roda amplificada.

Valemo-nos aqui, novamente, da fala da assistente social do Progen, Izabel dos Santos, quando faz a mesma comparação: "Qual é o momento em que todo mundo olha para todo mundo e se comunica, conversa, olha, diz o que está pensando... O que é o jornal? Um espaço democrático onde os adolescentes conversam e se comunicam. Só que ele faz uma coisa maior, né, eles sentam em roda com mil pessoas. Mil que recebem o jornal, mas se você for multiplicar... Eu acho que é esse encontro. A roda é um lugar de encontro, de discussões, de reflexões. Qual é o papel do jornal? Um lugar de encontro, só que amplificado. O jornal permite que as nossas conversas internas se tornem comuns para todo mundo. Sabe uma roda maior? É uma roda maior. É um lugar de reflexão... Quando nós não fazemos roda, as crianças perguntam. Quando não tem jornal, os adolescentes pergutam."

Percebemos, dessa forma, que é justamente a prática da roda (a original), inexistente nas outras entidades, que faz a diferença positiva no trabalho realizado no Progen. De certa forma, é a introjeção do significado da roda que permite também que os jovens percebam o valor do jornal para a criação de um espírito comunitário em seu bairro, que permita a emergência de um sentimento de pertencimento e a inserção das pessoas na vida da comunidade.

Se analisarmos o jornal enquanto vitrine do bairro (o jornal assumiu tamanha importância na entidade que os recursos para sua elaboração ficam reservados no início de cada mês para garantir sua publicação) podemos, também, tirar algumas conclusões. O *Conexão Jovem* não se limita a mostrar uma face 'despercebida' da Castelo Branco (aquela que mostra as coisas boas do bairro sem fechar os olhos para os fatos que causam inquietação e indignação). Serviu para revelar a face oculta de adolescentes até então discriminados na escola, de adolescentes malvistos pela vizinhança, de adolescentes inúteis no ambiente familiar. Valorizou esses adolescentes, explorando suas potencialidades, fazendo

aflorar seus talentos, proporcionando-lhes a segurança necessária para enfrentar os desafios inerentes a quem está em busca de um lugar social. Sem desconsiderar o empenho e o bom trabalho da entidade no sentido de preparar o adolescente para o mercado de trabalho – a absorção dessa mão-de-obra tem sido uma constante na relação entre o Progen e inúmeras empresas de Campinas – o jornal tornou-se um diferencial para esses adolescentes quando partiram em busca de emprego. Percebe-se que alguns adolescentes assumiram novas posturas, venceram a timidez e modificaram, inclusive, a forma de se vestirem. Com a prática da escrita e da entrevista, sentiram-se mais seguros nos testes de redação e diante do entrevistador na luta por uma vaga de emprego.

Há nesse trabalho, entretanto, uma inquietação que ainda nos acompanha. Apesar dos bons resultados alcançados, (esperamos de ter dado uma contribuição a pesquisadores das áreas da educação, da educação não-formal, da comunicação e do jornalismo) , percebemos, em parte, a dificuldade de continuidade do trabalho sem a nossa presença. Na Vila Costa e Silva e no Complexo São Marcos, o trabalho não teve continuidade. Em Sousas, há a sinalização de que o trabalho continue sob o comando de profissionais que prestam assessoria de comunicação ao Cecoia. Na Vila Castelo Branco, é grande o envolvimento de uma educadora social que assume a coordenação das atividades quando nos ausentamos. Entretanto, novos frutos deverão ser gerados a partir de convênio entre o Progen e sete escolas da região que prevê, entre outros desdobramentos, a realização de um trabalho em conjunto, unindo as práticas da educação formal com as da educação não-formal. Inicialmente, serão produzidas mais dez edições do *Conexão Jovem* com tiragem de 5.000 exemplares, ou seja, número cinco vezes maior que a tiragem atual. O *Conexão Jovem* entra como o condutor desse processo, como o veículo que vai reunir as informações sobre o local e transmiti-las à comunidade. É o veículo aglutinador, o elo que permitirá o diálogo entre a ONG, as sete escolas envolvidas no projeto e os moradores da vila Castelo Branco e adjacências.

O projeto, que inclui um trabalho de treinamento na área da educação não-formal, contempla a realização de oficinas com os professores das escolas e com educadores do Progen para que conheçam as formas de produção de jornal comunitário e assim sintam-se aptos a reproduzirem a experiência com com seus alunos. O material gerado, juntamente com aquele produzido pelos adolescentes do Progen, será trabalhado na entidade que terá total controle sobre o processo de edição.

Embora os projetos tenham sido elaborados em bairros periféricos em situação sócio-econômica pouco favorável, a proposta é válida para todas as comunidades e entidades que estejam dispostas a criar seu informativo e a partir dele procurar estabelecer novas formas de comunicação, entretenimento, discussão, manifestação, mobilização e, mais que isso, de relacionamento social e aprendizado comunitário. Esperamos, também, que as experiências e as definições aqui apresentadas forneçam subsídios a

interessados em realizar projetos semelhantes, mesmo que não tenham familiaridade com o jornalismo.

Finalizamos o presente trabalho afirmando que teremos alcançado parte do nosso objetivo se experiências dessa natureza culminarem num processo de reconstrução da auto-estima por meio de valorização das coisas boas que também têm espaço no cotidiano dos bairros e de seus próprios talentos e ainda, de suas capacidades de intervir, já que esse tipo de veículo é aberto – e acessível – a todas as pessoas da comunidade que queiram contribuir com suas falas. Esperamos, também, que o trabalho desperte nessas pessoas, a sensibilidade de valorizar o local, transformando-o naquele rio (o da epígrafe deste estudo) que corre no povoado de Fernando Pessoa.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Almerindo Janela. "Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objetivo ou construir uma nova problemática?". In: A. J. Esteves e S. R. Stoer (orgs.), *A sociologia na escola*. Porto: Afrontamento, 1989.

_____. "Os lugares da educação". In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não-formal – cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

ALVES, Oniram Rodrigues. "O que o jornal do interior deve cobrir". In: *Cadernos de jornalismo e editoração* (n.11), ECA-USP, s/d.

BACCEGA, Maria Aparecida. "Construção da informação: os fatos e a verdade". In: KUPSTAS, Márcia. *Comunicação em debate*. São Paulo: Moderna, 1997.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica – as técnicas do jornalismo (2)*. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

BRANDÃO, C.R.; CAMPOS, M.M.; DEMO, P. "Quais as questões básicas, hoje, para um debate sobre pesquisa participante".*Em aberto*. Brasília: ano 3, no. 20 abr. 1984.

BUENO, Wilson. "A imprensa comunitária do interior: uma tentativa de sistematização". In: *Cadernos de jornalismo e editoração* (n.11), ECA-USP, s/d.

CABRAL, João Augusto. "O futuro dos jornais brasileiros". In: *Comunique-se* (www.comunique-se.com.br), 2003.

CALDAS, Graça. "Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania". In: *Comunicarte*, v. 19, no. 25. Campinas: Centro de Linguagem e Comunicação/PUC-Campinas, 2002.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. *Como se faz um jornal comunitário.* Petrópolis: Vozes, 1986.

CARNICEL, Amarildo. "O jornal e a identidade visual". In: *Revista de estudos do curso de jornalismo*, n. 01. Campinas: Gráfica da Puccamp, 1998.

_____. "Jornal comunitário e integração social: elementos para a realização de trabalhos em comunidades de bairro". In: *Revista de estudos do curso de jornalismo*, n. 7 Campinas: Gráfica da Puccamp, 2003.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade – história e histórias da bossa nova.* São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo - dando asas ao espírito empreendedor.* Saraiva, São Paulo: 2004.

CHINALIA, Nelson. "Fotojornalismo: a manipulação visual da notícia". In: *Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura* (no. 11). Campinas: Centro de Memória – Unicamp, 2002.

CONY, Carlos Heitor. "Sobre o excesso quase imbecil de comunicação". In: *Folha de S. Paulo*, Ilustrada. São Paulo: 1997.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania.* 2ª. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DINES, Alberto. *100 páginas que fizeram a história – Grandes momentos do jornalismo brasileiro nos últimos 80 anos.* São Paulo: LF&N, 1997.

DUARTE, Jorge. "Entrevista em profundidade". In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2005.

DUNCOMBE, S. *Notes from underground: zines and the politics of alternative culture.* London: Verso, 1997.

ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso.* São Paulo: Atlas, 1981.

FALASCHI, Celso P. "Identificação de narrativas de características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro. Tese de doutorado. Faculdade de Psicologia - PUC- Campinas, 2005.

_____. "Comunicação e educação: conhecer para transformar". In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARD, Maria Inês. *Mídia, educação e leitura.* São Paulo: Anhembi Morumbi/Associação de Leitura de Brasil, 1999, pp. 59-67.

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2001.

FERNANDES, R.; RIFKIN, J. et al. *Terceiro setor: desenvolvimento social sustentado.* São Paulo: GIFE/ Paz e Terra, 1997.

FERNANDES, Renata Sieiro. *Entre nós, o Sol: relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal.* Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão.* Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP/Imprensa Oficial do Estado, 2002

GARCIA, Luiz. *O Globo: manual de redação e estilo.* São Paulo: Globo, 1998.

GARCIA, Valéria Aroeira. 'Educação não-formal – do histórico ao trabalho local'. In: PARK, Margareth Brandini. *Formação de educadores: memória, patrimônio e meio ambiente.* Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. 'Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal'. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não-formal – contextos, percursos e sujeitos*. Campinas: Setembro, 2005.

GIGLIO, Zula Garcia. "A interdisciplinaridade, criatividade e educação não-formal". Trabalho apresentado na mesa redonda "Imaginário e Transdisciplinaridade" durante o I Congresso de Transdisciplinaridade, Artes, Ciências e Tradições realizado na Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro: 2004.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política – Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 2001.

GUIMARÃES, Edgard. *Fanzine*. Brasópolis: Edição do autor, 2000.

JELIN, Elizabeth. "Cidadania e alteridade: o reconhecimento da pluralidade". In: *Revista do Patrimônio*, número 24, 1996.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. "Imprensa de comunidades e imprensa de classe". In: *Cadernos de jornalismo e editoração* (n.11), ECA-USP, s/d.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática,1995.

LAGE, Nílson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1997.

LE VEN, Michel Marie; FARIA, Érika de; MOTTA, Míriam Hermeto de Sá. "História oral de vida: o instante da entrevista". In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). Os desafios contemporâneos da história oral – 1996. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 1997.

LUCENA, Maria Inês Ghilard. "VI encontro sobre mídia e educação". In: Programação do 15o. Congresso de Leitura do Brasil - COLE. Campinas: 2005.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: UnB, 1996.

MAGALHÃES, Henrique. "A mutação radical dos fanzines". In: Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

_____. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Edição do autor, 1994.

MARCONDES, Ciro Filho. *Quem manipula quem? – Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MARTINS, Eduardo. *O Estado de S. Paulo – manual de redação e estilo*. São Paulo: Moderna, 1997.

MARTINS, Marcos F. *Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?* Campinas: Autores associados, 2000a.

_____. "Uma 'catarsis' no conceito de cidadania: do cidadão cliente à cidadania com valor ético-político". In: *Phónesis*. V. 2, no. 2, Campinas: PUC-Campinas, 2.000b.

MÁTTAR, João Augusto Neto. *Metodologia científica na era da informática*. São Paulo: Saraiva, 2002

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.

MELO, José Marques de. "Presença do jornal na escola. iniciação ao exercício de cidadania". In: *Comunicação & libertação*. Petrópolis, Vozes, 1971.

MONTAÑO, Carlos. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez, 2002.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003.

Novo manual da redação. Folha de S. Paulo. São Paulo: 1998.

OLIVEIRA, Paulo. "Proposta de produção de jornais populares". In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, vol. XXVI, num. 2, julho/dezembro, 2003.

PALACIOS, Marcos. "Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária". In: *Revista comunicação & política – comunicação e poder: televisão e eleições presidenciais,* (n.11), CBELA, 1990.

PARK, Margareth Brandini. 'Educação formal X educação não-formal: impasses, equívocos e possibilidades de superação'. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não-formal – contextos, percursos e sujeitos*. Campinas: Setembro, 2005.

PARKER, Roger C. *Desktop publishing & design para leigos.* São Paulo: Berkeley Brasil, 1995.

PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio.* Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1975.

PERUZZO, Cicilia. "Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania?". In: VII CELACOM/ENDICOM 2004 (VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação/V Encontro de Ensino e Investigação da Comunicação nos Países do Mercosul). Cátedra Unesco/ Umesp de Comunicação regional. São Bernardo do Campo, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

_____. "Mídia comunitária". In: *Revista Comunicação e sociedade* (no. 30). São Bernardo do Campo: Umesp, 1998.

_____. "Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária". In: *Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1998.

ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

SAMAIN, Etienne. "Modalidades do olhar fotográfico". In: ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaios (sobre o) fotográfico.* Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

SANTIAGO, "Pesquisa-ação e pesquisa participante: uma atualização do confronto. In: *Revista serviço social & sociedade.* Ano XVII, no. 51. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação – o planejamento visual gráfico na comunicação impressa.* São Paulo: Summus, 1985.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. "História oral e educação não-formal na reconstrução das memórias familiares negadas aos jovens migrantes da periferia das grandes cidades". *Paper* apresentado em maio de 2004 no Encontro Nacional de História Oral em Goiânia e em junho do mesmo ano no Encontro Internacional de História Oral, em Roma.

_____; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não-formal – cenários da criação.* Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

THIOLLENT, Michel. "Notas para o debate sobre a pesquisa-ação" In: *Revista serviço social & sociedade.* Ano IV, no. 10, dez. 1982, pp. 123-41.

_____. *Metodologia da pesquisa-ação.* São Paulo: Cortez, 1994.

TRILLA, Jaume. *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social.* Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

_____. "O universo da educação social". In: ROMANS, Mercê, PETRUS Antoni e TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social.* Porto Alegre: Artmed, 2003.

VENTOSA PÉREZ, Víctor J. "Animación sociocultural y escuela: nuevos espacios de intervención". In: *Papeles salmantinos de educación*, no. 1. Salamanca: 2002.

WEINSTEIN, Art. *Segmentação de mercado.* São Paulo: Atlas, 1995.

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer.* São Paulo: Callis, 1995.

WONDRACEK, Claude. "O jornal do interior na era tecnológica". In: *Cadernos de jornalismo e editoração – Estudos sobre a imprensa comunitária* (n. 10). São Paulo: COM-ARTE, 1978.

ANEXO - I

GLOSSÁRIO

ANEXO - 1

GLOSSÁRIO: TERMOS TÉCNICOS E JARGÕES GRÁFICOS MAIS UTILIZADOS PELA MÍDIA IMPRESSA

A título de orientar profissionais, tanto da área de jornalismo, mas principalmente fora dela, reunimos por ordem alfabética alguns termos empregados no dia-a-dia da prática do jornalismo impresso com o objetivo de facilitar a compreensão e auxiliar o profissional durante um eventual processo de elaboração de um produto da mídia impressa. Os termos aqui elencados foram extraídos de livros, dicionários e manuais de redação, bem como definidos a partir da nomenclatura que assimilamos após anos de atividades em diferentes redações de jornais. Convém lembrar que este estudo não se limita a definir o termo. Vamos além quando tecemos comentários sobre a viabilidade e conveniência de sua aplicação.

ALINHAMENTO: Disposição das linhas compostas. Podem se apresentar justificadas *(Ver figura 1)*, alinhadas à esquerda *(Ver figura 2)*, à direita *(Ver figura 3)* ou centralizadas *(Ver figura 4)*. Das quatro formas de alinhamento,

Figura 1

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do Conexão Jovem, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local.

Figura 2

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do Conexão Jovem, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local.

Figura 3

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do Conexão Jovem, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local.

Figura 4

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do Conexão Jovem, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local.

para efeito de melhor legibilidade, a justificada é a mais indicada pois a leitura de cada linha começa e termina em pontos regulares. Não por acaso, a maioria dos veículos impressos da mídia mundial apresenta textos justificados. Na seqüência vem o alinhamento à esquerda, em que a leitura de cada linha começa num ponto fixo e termina de forma irregular. Ou seja, os olhos buscam o início de cada linha num ponto fixo. Esse modo, tende a valorizar o branco à direita da composição. A terceira forma apresentada é o alinhamento à direita, modo pouco indicado pois embora a leitura de cada linha termine sempre em um ponto fixo à direita, começa sempre num ponto irregular à esquerda, o que dificulta a leitura. A última forma de alinhamento e a menos indicada é a centralizada, pois a leitura de cada linha começa e termina sempre em pontos irregulares. Por isso, os alinhamentos à direita e centralizados são os menos indicados e devem ser utilizados apenas em títulos, legendas ou textos telegráficos.

ALTO CONTRASTE: Recurso usado para reproduzir uma foto ou ilustração sem as suas nuances de tom. A reprodução se apresenta sempre em preto e branco, sem tons de cinza. *(Ver figuras 5 e 6)* **[1]**

Figura 5



Figura 6



BLOCAR: Dispor textos e material ilustrativo nas páginas de modo que eles se ajustem horizontalmente, evitando o aparecimento de linhas em forma de degrau, conhecidas como 'joelho'. Uma edição blocada, ou seja, com quatro lados, facilita a leitura. O conjunto composto de título, crédito, texto, ilustração, foto etc. tem quatro lados (pode ser um quadrado ou retângulo horizontal ou vertical) *(Ver figura 7)* **[2]**

Figura 7



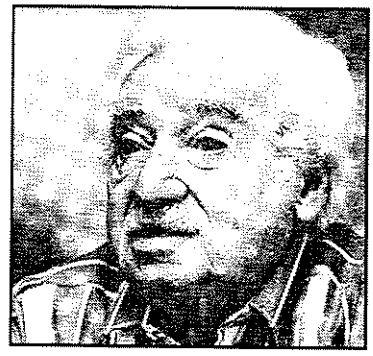
1 - A figura 5 (ilustração a partir de foto de Marylin Monroe) foi reproduzida do *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 122. A figura 6 foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 3 (edição maio/junho de 2004), p. 1.

2 - A figura 7 foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 2 (edição de abril de 2004), p. 7.

Boneco: Produto resultante de um projeto gráfico antes da apresentação ao cliente. Consiste em apresentar um volume da publicação (livro, jornal, revista etc) com todos os recursos gráficos que nele conterão para que seja submetido a um processo de avaliação por parte do cliente.

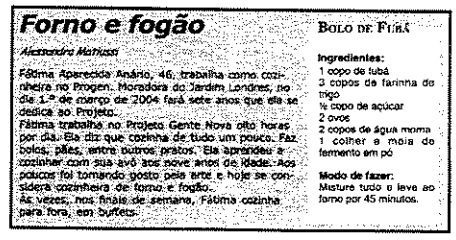
Boneco fotográfico: É a fotografia de um personagem em que aparecem o rosto e parte do tronco. Para não comprometer visualmente a página, a altura não deve ultrapassar seis centímetros, isso porque se trata, normalmente, de foto desprovida de dinâmica, sem sugerir movimento ou contextualização (ambiente, cenário) do personagem fotografado. *(Ver figura 8)* **[3]** Entretanto, há situações jornalísticas em que o boneco fotográfico é indicado e necessário: em caso de acidentes, elementos procurados pela polícia e desaparecidos. Nestas situações, há a necessidade ou conveniência de identificação dessas pessoas.

Figura 8



Box: Recurso editorial em que um texto aparece entre fios ou com coloração de fundo diferente, sempre em associação íntima com outro texto, mais longo. Pode ser uma biografia, um diálogo, uma transcrição de documento, uma nota da redação, um comentário, uma opinião, uma contextualização, uma poesia, uma receita, como o 'Bolo de Fubá' exemplificado. *(Ver figura 9)* **[4]**

Figura 9



Forno e fogão

Alessandra Mathissi

Fátima Aparecida Anário, 46, trabalha como cozinheira no Progen. Moradora do Jardim Londres, no dia 1.º de março de 2004 fará sete anos que ela se dedica ao Projeto.

Fátima trabalha no Projeto Gente Nova oito horas por dia. Ela diz que cozinha de tudo um pouco. Faz bolos, pães, entre outros pratos. Ela aprendeu a cozinhar com sua avó aos nove anos de idade. Aos poucos foi tomando gosto pela arte e hoje se considera cozinheira de forno e fogão.

Às vezes, nos finais de semana, Fátima cozinha para fora, em buffets.

Bolo de Fubá

Ingredientes:
1 copo de fubá
2 copos de farinha de trigo
½ copo de açúcar
2 ovos
2 copos de água morna
1 colher e meia de fermento em pó

Modo de fazer:
Misture tudo e leve ao forno por 45 minutos.

---

3 - A figura 8 (foto/boneco do escritor Jorge Amado) foi reproduzida do *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 126.

4 - A figura 9 (box) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 1 (edição de dezembro de 2003), p. 5.

Branco: Todo o espaço em claro existente na página. Quanto maior a área branca, maior será o destaque do elemento gráfico nela impresso. O branco torna a página mais clara, proporciona leveza e facilita a leitura.

Caderno: Cada conjunto de páginas do jornal. Alguns jornais optam por separar as editorias por cadernos. Assim, há o caderno de Economia da *Folha de S. Paulo* ou do *Estado de São Paulo*. Para efeito de economia de papel e espaço, há situações em que duas ou três editorias são reunidas em um mesmo caderno, como ocorre freqüentemente no *Correio Popular* de Campinas, quando reúne as editorias de Cidade, Esportes e Polícia, em um mesmo caderno.

Caixa alta e baixa: Caixa alta é a letra maiúscula. Para facilitar a leitura, deve-se usar a caixa alta com muita cautela. Textos, por exemplo, não devem ser escritos somente com letras maiúsculas. Esporadicamente, podemos usar em título em situações específicas, quando o título for composto de uma palavra ou frase/expressão curta. Para facilitar a leitura, o ideal é a conjugação dos recursos em caixa alta e caixa baixa, ou seja, em letras maiúsculas e minúsculas.

Calhau: Pequeno anúncio institucional (na maioria das vezes não previsto) da empresa/veículo jornalístico. É um recurso usado para ajustar espaço na diagramação da página. Normalmente, o calhau se apresenta de três formas: institucional, quando anuncia algo do próprio veículo; *(Ver figura 10)* filantrópico, quando solicita auxílio para uma entidade beneficente, *(Ver figura 11)* e de prestação de serviço. *(Ver figura 12)* É comum cometer confusão entre calhau e anúncio institucional. Este último também é um anúncio da própria empresa, porém tem o espaço previsto pelo departamento de publicidade como outro anúncio qualquer, pago – não tem a função de fazer ajustes na diagramação.

Figura 10



Figura 11



Figura 12



CAPITULAR: Letra maiúscula usada no início das composições em tamanho superior ao dos tipos do texto. *(Ver figura 13)* Deve ser usada quando o início do texto estiver distante do título ou quando uma foto separar o título do texto. Entretanto, mesmo sem se enquadrar nas situações citadas, também pode ser usada como recurso gráfico para valorizar a diagramação, seja em uso no início do texto, seja no início de alguns parágrafos distribuídos pelo texto.

Figura 13

Esta é a primeira edição do *Conexão Jovem*, um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local.

CHAMADA: Resumo de uma notícia, ilustrada ou não, colocada na primeira página, chamando a atenção para a matéria mais detalhada apresentada na página interna – exige frases curtas, secas, substantivas. Deve dar ao leitor idéia de completude. O conjunto de chamadas é a vitrine de cada edição. Tem os maiores índices de leitura. Não deve fazer falsas promessas – é desmoralizante para a publicação que o leitor se decepcione com uma notícia interna que oferece menos do que a chamada promete. *(Ver figura 14)* **[5]**

Figura 14



CHAPÉU: Palavra ou expressão curta, em corpo médio (normalmente varia do 14 ao 16), diagramada no alto da página ou logo acima do título, introduzindo o leitor ao assunto estampado. *(Ver figura 15)* **[6]**

---

5 - A figura 14 (chamada) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 7 (edição de dezembro de 2004), p. 1.

6 - A figura 15 (chapéu) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 1 (edição de dezembro de 2003), p. 9.

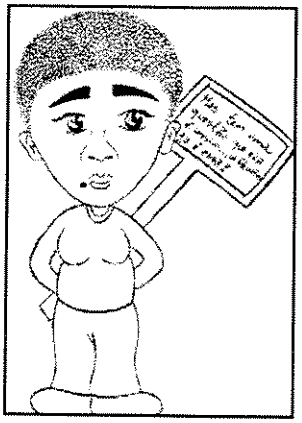
Figura 15

História Oral

"Tinha umbigada a noite inteira"

CHARGE: Desenho que satiriza pessoas ou fatos que sejam abordados jornalisticamente na edição. *(Ver figura 16)* [7]

Figura 16



COLUNA: Divisão das composições gráficas no sentido vertical. No aspecto editorial, coluna também é chamada de um espaço fixo dedicado a um colunista, crítico, resenhista etc. *(Ver figura 17)* [8]

Figura 17


Campinas, dezembro de 2003

Crítica

Cidade de Deus

Vinícius Andrey Silva
Sylas Rampazzo Vilas Boas

Esse filme, baseado no romance de Paulo Lins, retrata a violência do dia-dia nas favelas do Rio de Janeiro. Mostra como as crianças se envolvem com crime, usando drogas, roubando e até matando. O filme é proibido para

7 - A figura 16 (charge) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 1 (edição de dezembro de 2003), p. 12.

8 - A figura 17 (coluna) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 1 (edição de dezembro de 2003), p. 10.

COLUNA FALSA: Espaço vertical em branco existente em um ou em dois lados da composição gráfica. Visa valorizar o branco e proporcionar maior leveza à diagramação. Este espaço pode também ser ocupado por fotos, legendas, ilustrações etc. *(Ver figura 18)* **[9]**

Figura 18



Texto: *Amanda Cristina de Brito* - Foto: *Amanda Oliveira*

O Grupo de Idosos Reviver surgiu em 1990 com oito pessoas, durante uma conversa informal na cozinha da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe. Logo depois a igreja foi demolida para dar lugar ao Santuário e o grupo foi transferido para a Praça dos Trabalhadores onde se encontra até hoje.

"O Reviver foi criado com o objetivo proporcionar aos idosos atividades físicas ou de lazer. Visa promover a convivência com membros da comunidade , gerando assim, melhor qualidade de vida", afirma a coordenadora do grupo Aurora Alfredo do Carmo, 76 anos.

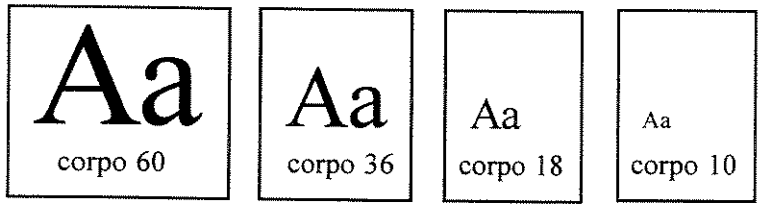
Ginástica, artesanato, viagens, bailes, almoços e outras atividades fazem o dia-a-dia do Reviver. "O grupo tem 40 participantes cadastrados, com idades que variam entre 45 a 83 anos", afirma a coordenadora-assistente, Dalvina Silveira, 71 anos.

O Reviver está aberto a toda a comunidade da Vila Castelo Branco e adjacências.

Os interessados em participar do grupo podem comparecer na Praça dos Trabalhadores (rua Mário Yahn, s/n), às quartas ou sextas, a partir das 8 horas da manhã, quando são realizadas as atividades de ginástica.

CORPO: Dimensão dos tipos de letras usadas na composição de textos e títulos *(Ver figura 19)* representada por números que identificam a sua quantidade de pontos tipográficos. Os textos, por exemplo, são compostos em corpos que variam do 10 ao 13. Os títulos, por sua vez, são aplicados a partir do corpo 18. As dimensões variam de acordo com o projeto gráfico/editorial e o público a que se destina o veículo.

Figura 19



COPIDESQUE: Termo aportuguesado da nomenclatura iglesa *copydesk*. Nas redações é o ato de reescrever textos. A 'copidescagem' normalmenbte é feita pelo repórter ou pelo editor a quem compete o texto final.

CRÉDITOS: São assinaturas de autores de textos, fotos, ilustrações etc. *(Ver figura 20)* As assinaturas de fotos são normalmente apresentadas de forma horizontal no canto superior direito da imagem. As assinaturas de textos são normalmente apresentadas no início da matéria em negrito. Alguns jornais optam pelas iniciais do repórter entre parênteses no final do texto.

9 - A figura 18 (coluna falsa) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 2 (edição de abril de 2004), p. 1

Figura 20

Texto: *Luciene Alves* - Foto: *Amanda Brito*

DIAGRAMADOR: Profissional responsável pela diagramação do veículo. Na empresa jornalística, é o responsável pelo planejamento, execução e distribuição gráfica das matérias, fotografias e ilustrações de caráter jornalístico. Embora deva trabalhar sob a orientação de um editor, o diagramador deve ser um jornalista para, na ausência do editor, ter autonomia para ajustes rápidos e criativos.

EDITOR: "Pessoa que dirige e coordena uma publicação periódica. Pessoa responsável pela edição de determinado setor, em determinado veículo ou numa empresa editorial." **[10]** É o responsável pela correção dos textos, titulação, reunião, esquematização, distribuição hierárquica de todo o material (escrito e ilustrativo) nas páginas. Em algumas redações, assume a responsabilidade de fazer a edição da página na tela do micro.

EDITOR DE ARTE: Profissional responsável pela apresentação gráfica da publicação, seja jornal, revista etc. No organograma de uma redação pode ser o terceiro cargo mais importante, ficando abaixo do diretor de redação e do editor executivo. Trata-se de um profissional com formação híbrida, ou seja, com graduação em jornalismo e especialização em artes plásticas, design gráfico, arquitetura etc. Também pode ser chamado de diretor de arte.

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Reunir e dispor na tela do micro todos os elementos que vão compor a página (títulos, textos, fotos, ilustrações etc.) de acordo com o projeto gráfico do veículo. O trabalho é feito pelo paginador ou diagramador (em muitos jornais o setor de editoração eletrônica é chamado de paginação e o profissional de paginador ou diagramador) sob orientação direta do editor da página.

EDITORIAL: "Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação (jornal, revista etc.). [...] O editorial apresenta, principalmente em sua forma impressa para jornal, traços estilísticos peculiares. [...] No jornalismo moderno, a opinião expressa no editorial é 'alguma coisa mais do que a simples opinião do proprietário', observa Juarez Bahia. Salvo exceções de que ainda padece o jornalismo, a página editorial dos principais órgãos brasileiros, consubstancia, por exemplo, o conjunto de opiniões de diretores e editorialistas – estes profissionais, identificados com a

10 - RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática: 1995, pp. 225-6.

linha do jornal, escrevem e atuam com autonomia e independência, critério e responsabilidade, garantindo um conceito de opinião que busca dignificar o veículo'." **[11]** Normalmente, o editorial aparece na página 2 ou 3 dos jornais. Esporadicamente, dependendo da sua importância, pode aparecer na capa do veículo. Veja exemplo:

> "Uma rara conjunção de fatores positivos brindou o Brasil na semana passada. Com 120 dias no Planalto, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva produziu e entregou ao Congresso Nacional os textos das reformas da Previdência e tributária, ambas essenciais para diminuir as fragilidades internas da economia brasileira e a vulnerabilidade do país às crises externas. [...] Se a tramitação das reformas no Parlamento, corresponder em grandeza e atendimento dos interesses nacionais ao simbolismo da marcha liderada por Lula na semana passada, os brasileiros terão razões reais para esperar um futuro melhor." **[12]**

ENTRELINHA: Distância horizontal entre as linhas compostas. A entrelinha é um elemento fundamental para efeito de legibilidade. A entrelinha deve ter, no mínimo, um ponto acima do corpo utilizado no texto. Ou seja, se o texto for composto em corpo 10, a entrelinha deve ser no corpo 11 ou acima disso.

ENTREVISTA: baseia-se no tripé: recolher fatos, informar e motivar. É uma intervenção orientada para determinada informação. Pode servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. É uma reportagem provocada que requer uma compreensão particular, uma técnica, um processo na sua preparação. É matéria-prima da maioria das notícias publicadas; é a base do noticiário jornalístico e está presente, direta ou veladamente, no noticiário. Visa transmitir ao leitor opiniões, idéias, pensamentos. Durante a entrevista, o repórter precisa dialogar, ver, sentir, questionar, provocar, registrar, ouvir, discordar quando preciso. Finalmente, por mais formal ou dirigida que seja, não se esgota nas perguntas e respostas. Devem ser incorporadas à entrevista informações sobre o local, gestos do entrevistado etc.

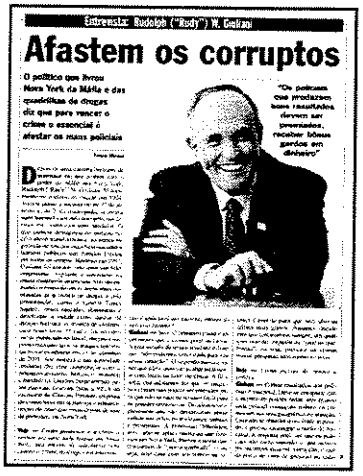
ENTREVISTA PINGUE-PONGUE: Publicada na forma de perguntas e respostas. É a fórmula que garante maior fidelidade ao pensamento do entrevistado e maior facilidade de leitura. Permite conhecer a opinião do entrevistado em detalhes. Exige texto introdutório contendo a informação de mais impacto. Algumas opiniões podem ser apresentadas entre aspas. O trecho com perguntas e respostas deve ser uma transcrição fiel, mas nem sempre completa, da entrevista. Deve-se selecionar os melhores trechos, corrigir os

11 - RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática: 1995, p. 227

12 - Trecho da 'Carta ao leitor' veiculada pela revista *Veja* publicada em 7 de maio de 2003 (edição 1.801), p. 7.

erros de português ou os problemas de linguagem coloquial. Não trocar palavras ou modificar o estilo da linguagem do entrevistado. Se relevantes, eventuais erros ou atos falhos do entrevistado podem ser destacados com a expressão latina sic entre parênteses. Para efeito de apresentação gráfica, o texto de abertura deve ter algum destaque (variação de tamanho, formato ou tipo de letra). Convém pôr o nome do veículo em destaque (negrito ou grifo) e o nome do entrevistado em negrito. As perguntas e respostas devem ter apresentação gráfica diferenciada: a pergunta em negrito ou grifo e a resposta em redondo (normal). Exemplo clássico de entrevista pingue-pongue são as páginas amarelas de *Veja. (Ver figura 21)* **[13]**

Figura 21


Entrevista: Rudolph ("Rudy") W. Giuliani

Afastem os corruptos

O político que livrou Nova York da Máfia e das quadrilhas de drogas diz que para vencer o crime o essencial é afastar os maus policiais

"Os policiais que produzirem bons resultados devem ser promovidos, receber bônus gordos em dinheiro"

FAMÍLIA: conjunto de caracteres baseados no mesmo formato ou desenho, independentemente de suas variações (itálico, negrito etc.). Seus nomes, usados internacionalmente, podem originar-se dos nomes de seus criadores (*Bodoni, Garamond*), ter significado simbólico (*Futura*), fazer alusão à sua origem (*Gótico, Romano*) ou ao veículo para que foram criados (*Times*).

FEATURE: Gênero jornalístico que vai além do caráter factual e imediato da notícia. Opõe-se ao *hard news* (pura notícia), relato objetivo. Aprofunda o assunto e busca uma dimensão mais atemporal. Define-se pela forma, não pelo assunto tratado. Pode ser um perfil, uma história de interesse humano, uma entrevista. Pode se apresentar da seguinte forma: o texto começa com uma pequena história de um indivíduo qualquer de um determinado grupo social. Somente depois é que o texto menciona as generalizações e os dados estatísticos. É normalmente usado em edições mais volumosas dos jornais diários, como as que saem nos finais de semana. Revistas semanais ou mensais também adotam esse recurso. Abaixo, um exemplo de feature ou lide humano, como prefere *O Estado de S. Paulo*:

13 - Reprodução de 'página amarela' veiculada pela revista *Veja* publicada em 7 de maio de 2003 (edição 1.801), p. 11.

> "Carlos Ramalho beijou a poça de água em que pisou assim que desceu do ônibus, na plataforma 75 do Terminal Rodoviário do Tietê. "Quer melhor chegada para um baiano que está fugindo da seca?" Ele ficou surpreso na manhã quando chegou a São Paulo. Chovia e fazia muito frio, "coisa rara na terrinha". Antes de saber para que lado ia, preferiu andar um pouco descalço, pisando nas poças de água." **[14]**

Fio: Traço que envolve uma composição gráfica. Pode tanto separar matérias como fechar toda a página. Pode ainda (caso mais raro) separar colunas de composição.

Formato: Dimensão (medida em centímetros) de uma determinada publicação. Os jornais brasileiros (*Folha* e *Estado*), em sua maioria, adotam o formato standard (33 cm x 54 cm). Alguns suplementos como *Folhinha* e *Estadinho* bem como alguns jornais como *Zero Hora* são impressos em tablóide. A dimensão dos tablóides equivale sempre a 50% do formato standard. Outro formato é o popularmente conhecido como tablóide europeu (*Lance!*, *Diário Oficial do Estado*), com dimensões maiores que as do tablóide e menores que as do standard. Há também o formato A-4 (21 cm x 29,7 cm), largamemnte utilizado por jornais de empresa ou mesmo revistas.

Fusão cromática: União de duas ou mais imagens (fotos ou ilustrações), criando uma situação irreal. *(Ver figura 22)* **[15]** Grosso modo, é realizar hoje no microcomputador, normalmente com o software Photoshop e, portanto com qualidade superior, a fotomontagem artesanal que se fazia há alguns anos com cola e tesoura ou em processo artesanal ou laboratorial. Todo trabalho de fusão cromática, principalmente aquele que pode enganar o leitor a partir de sobreposição de fotos que podem criar uma situação não ocorrida, por questão ética, deve ser explicado em nota ao leitor.

Figura 22

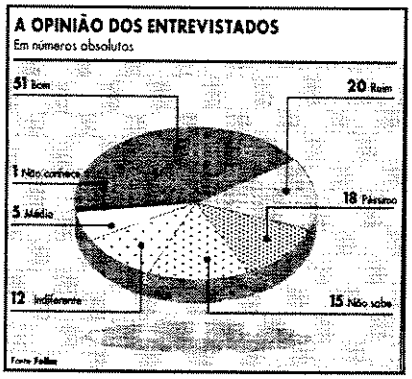


14 - MARTINS Filho, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo.* São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997, p. 156.

15 - A figura 22 (fusão cromática) é reprodução de uma capa da revista *Veja* publicada em 30 de abril de 2003 (edição 1.800)

GRÁFICO: "É o tipo de de arte que dá uma imagem imediata de informações quantitativas. Sua função é transformar informação numérica em informação visual, permitindo uma leitura instantânea." **[16]** *(Ver figura 23)* **[17]**

Figura 23



GRIFO (ITÁLICO): Letra com formato inclinado. *(Ver figura 24)* Em textos, deve ser usada com cautela, como por exemplo, em editorial ou em um box. Os textos que compõem o grosso da publicação devem se apresentar em 'normal' ou 'redondo', como preferem as redações. O grifo também pode ser usado em títulos, legendas ou pequenas chamadas.

Figura 24

Itálico

INFOGRÁFICO: Termo atribuído à produção de gráficos informativos. Os infográficos pretendem, por meio de uma linguagem esquemática que combina textos, ilustrações e fotos simplificar visualmente a apresentação de dados complexos. O infográfico permite passar informações que dificilmente seriam transmitidas por meio de textos e jamais por fotografias. *(Ver figura 25)* **[18]** Exemplo, um campo de batalha numa guerra ou o percurso de uma bactéria no organismo humano.

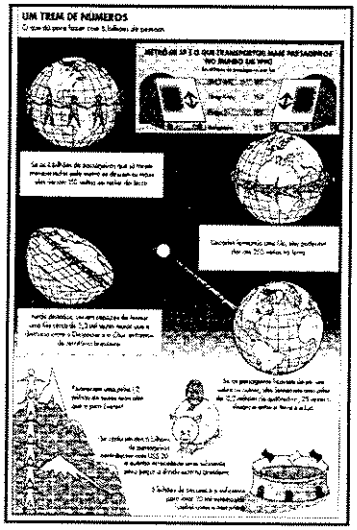
---

16 - *Novo manual da redação.* São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 146.

17 - A figura 23 (gráfico) foi reproduzida do *Novo manual da redação.* São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 146.

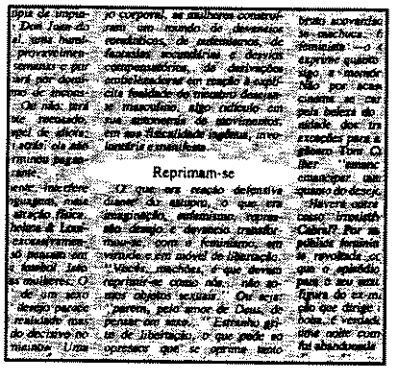
18 - A figura 25 (infográfico) foi reproduzida do *Novo manual da redação.* São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 122.

Figura 25



INTERTÍTULO: Pequenos títulos em negrito colocados no meio da composição. *(Ver figura 26)* **[19]** Funcionam como pausa e maior leveza para o arranjo gráfico. Pode estar centralizado no bloco entre duas linhas ou no início de um parágrafo abaixo de um espaço em branco que separa da linha superior.

Figura 26


Reprimam-se

LEGENDA: "Recurso essencial de edição. A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. Por ser um dos primeiros elementos da páginas que atrai o leitor, merece tanto cuidado quando os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção." **[20]** *(Ver figura 27)* **[21]**

---

19 - A figura 26 (intertítulo) foi reproduzida do *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 150.

20 - *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 151-2.

21 - A figura 27 (legenda) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 7 (edição de dezembro de 2004), p. 8

Figura 27



O poeta e motorista de caminhão José Araújo faz poesias desde criança: "o importante é colocar no papel aquilo que a gente sente"

LIDE: Palavra aportuguesada do inglês *lead* (conduzir, liderar). "Abertura de notícia, reportagem etc., onde se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial, o clímax da história. Resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto jornalístico. O lide torna possível, ao leitor que dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo. Sua leitura pode também fisgar o interesse do leitor e persuadi-lo a ler tudo até o final. Na construção do lide o redator deve responder às questões básicas da informação: o quê, quem, quando, onde, como e por quê (embora não necessariamente a todos em conjunto)" **[22]**. São muitas as formas de se escrever o lide. Alguns manuais de redação, como o do *O Estado de S. Paulo*, elencam várias maneiras de escrever o lide (objetivo, burocrático, intercalado etc.). Outros, como o da *Folha de S. Paulo*, limitam a duas maneiras: o noticioso e não-factual. O noticioso responde às seis questões já citadas. O não factual trabalha a construção do texto de forma mais literária (uma espécie de lide humano ou *feature*, já mencionado neste glossário). Podemos demonstrar como bom exemplo de lide noticioso, também chamado de *hard-news* (ou pura notícia, notícia importante):

> "O presidente eleito Tancredo Neves morreu ontem, dia de Tiradentes, às 22h23, no Instituto do Coração em São Paulo. O comunicado oficial foi feito pelo porta-voz da Presidência, Antônio Britto, às 22h29. A morte de Tancredo ocorreu 38 dias após sua internação no Hospital de Base de Brasília, na véspera da posse. Nesse período, Tancredo foi submetido a sete intervenções cirúgicas, as cinco últimas em São Paulo, para onde havia sido transferido no dia 26 de março. Tancredo Neves tinha 75 anos." **[23]**

---

22 - RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática: 1995, pp. 360-1.

23 - *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 152-3.

Linha fina: É uma frase usada para introduzir ou completar o título de uma notícia. Se diagramada acima do título é sobretítulo, se abaixo dele é subtítulo. *(Ver figura 28)* Normalmente se apresenta em itálico. Seu uso exclui a necessidade do olho.

Figura 28

Jornal mobiliza comunidade

Adolescentes entrevistam moradores sobre referendo do dia 23

Logotipo: Símbolo ou desenho de identificação de um produto.Também pode ser definido como letras ou palavras desenhadas para representar uma empresa ou instituição. Identifica, também, o nome de publicações. *(Ver figuras 29 e 30)*

Figura 29



Figura 30



Mancha: Área ocupada pelas informações apresentadas na página como fotos, títulos, textos etc.

Manchete: O título principal da primeira página do jornal é a manchete da edição. Também é manchete o principal título de cada página.

Margem: Espaço em branco em volta das páginas de jornais, revistas, livros, cartazes etc.

Medianiz: É o branco existente entre duas páginas espelhadas. É composta pela margem direita de uma página par e pela margem esquerda de uma página ímpar. Em caso de páginas espelhadas, para fazer a amarração das duas páginas, algum elemento como título, foto, gráfico etc. deve ultrapassar a medianiz e figurar simultaneamente na página par e na ímpar. *(Ver figura 31)* **[24]**.

---

24 - A figura 31 (medianiz) é reprodução de matéria veiculada pela revista *Veja* publicada em 7 de maio de 2003, (edição 1.801), pp. 126-7.

Figura 31


Cinema

QUEM MANDA AQUI SOU EU

A vaidade influi, mas não é tudo: os astros de Hollywood gostam de virar diretores para segurar as rédeas e se defender dos erros alheios

NARIZ-DE-CERA: Sinônimo de prolixidade. Parágrafo introdutório que retarda a entrada no assunto específico. Técnica de preparar uma atmosfera, um clima, para o desencadeamento da notícia. Recurso incompatível com o jornalismo, principalmente em texto noticioso. Veja exemplo:

> "A astronomia já viveu grandes revoluções em sua história. Das esferas de cristal, que sustentavam os astros em seus postos fixos, à revolução de Nicolau Copérnico (1473-1543) e às elipses de Johannes Kepler (1571-1630), muitos séculos de observação foram necessários para mudar a imagem do céu. O século 20 não poderia fugir à regra. Uma descoberta anunciada na semana passada pela revista britânica *Nature* confirma o padrão. Astrônomos do Observatório Austral Europeu (ESO, na sigla em inglês) detectaram o primeiro planeta fora do Sistema Solar." **[25]**

NEGRITO: Também chamado de bold. Tipo de letra que apresenta traços mais grossos que os do tipo comum. Seu uso dá destaque à palavra ou frase em negrito.

Figura 32

Negrito

OLHO: Complemento do título que visa a chamar a atenção do leitor para o assunto tratado no corpo da reportagem. É um subtítulo aplicado normalmente sem ponto final. *(Ver figura 32)* **[26]** Quando aplicado no meio do texto, além de destacar algum aspecto da matéria, areja e subdivide os textos longos. *(Ver figura 33)* **[27]**

---

25 - *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 156.

Figura 33


Arraiá

Tem festa na Vila Castelo Branco. A comunidade se organizou e pela primeira vez na história do bairro a praça da igreja sedia uma festa junina

Figura 34


Oferecer novas oportunidades. Esse é um dos objetivos do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (Comec), órgão fundado em 1980 e que oferece três tipos de programa: Educação para e pelo Trabalho, Liberdade Assistia e Orientação e Apoio Sócio-familiar. "Nossa meta é orientar e proporci-

Dos 22 aprovados pelo Comec, 11 são da Vila Castelo Branco

esteja cursando no mínimo a 7ª série e seja encaminhado por escolas e instituições.

Outro programa existente no Comec e que também proporciona uma nova oportunidade de encarar a vida é voltado a adolescentes que cometeram alguma infração e que estejam em liberdade assistida. Quando

PÁGINA MODULADA: Recurso usado por alguns jornais com o objetivo de agilizar o trabalho da diagramação. Consiste em fechar uma página valendo-se de um menu onde estão previamente desenhadas algumas páginas. Esse recurso, embora ágil, empobrece visualmente o jornal, promovendo um processo de pasteurização. O recurso, usado inicialmente por alguns jornais em páginas de opinião, de serviço etc. passa a ser adotado até em capas, inibindo, entre outras coisas, a criatividade do editor no momento de diagramação da página que é a vitrine do jornal. *(Ver figuras 35 e 36)* **[28]**

Figura 35


CORREIO POPULAR

Comissão vai acompanhar os casos Toninho e Daniel

Figura 36


CORREIO POPULAR

Morte de torcedor mobiliza PM para jogo de alto risco

Referendo causa corrida à PF para porte de arma

PÁGINA PRÉ-DIAGRAMADA: Recurso usado com o objetivo de agilizar o trabalho da diagramação. Consiste em riscar uma página antes da produção do material jornalístico. O repórter sai a campo sabendo o número exato de linhas que deve produzir. Se o sistema, inicialmente, agiliza o processo de fechamento, limita por outro lado, a criatividade do editor da página no momento de diagramação. Difere, entretanto, da página modulada, porque a página pré-diagramada não se vale de um menu com páginas pré-desenhadas.

---

26 - A figura 33 (olho) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 3 (edição de maio/junho de 2004), p. 1.

27 - A figura 34 (olho) foi reproduzida do *Conexão Jovem*, no. 5 (edição de agosto/setembro de 2004), p. 1.

28 - As figuras 35 e 36 são capas reproduzidas do *Correio Popular* (edições 24.535 e 24.536) publicadas nos dias 13 e 14 de outubro, respectivamente.

Pauta: Conjunto de assuntos para uma edição do jornal (reportagens, entrevistas e artigos que poderão ser produzidos pelas diferentes editorias). É um roteiro mínimo fornecido ao repórter e ao fotógrafo para a produção de textos e material fotográfico. Deve conter uma hipótese a ser confirmada ou refutada; espécie de ordem de serviço ou plano de ação imposta pelo editor ou pelo chefe de reportagem.

Print: Em inglês, significa impresso. Designa folha de papel impressa por *printer*, impressora ligada a computador, com textos e imagens arquivados na memória do sistema.

Rafe: Rascunho da página que será diagramada. Trata-se de um esboço que começa a dar formas à página que será diagramada.

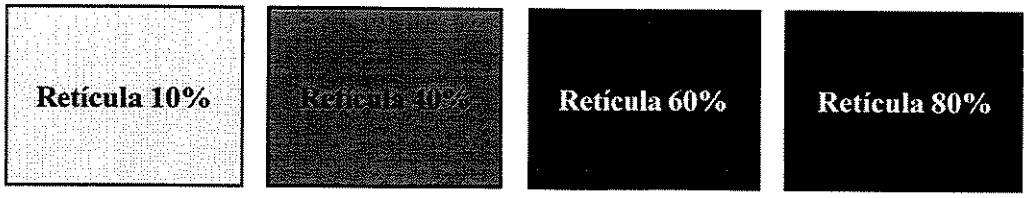
Redondo: Nome dado ao tipo comum de letra. Usa-se o termo *redondo* para marcar a diferença com o *grifo* (ou *itálico*). Quando uma redação adota o termo redondo *(Ver figura 37)* é para indicar que a formatação deverá ser do modo normal, ou seja, sem itálico, negrito, condensado etc.

Figura 37

Redondo

Retícula: Linhas paralelas horizontais transparentes usadas no processo de impressão. Produzem aspectos de pequeninos pontos quadriculados com intensidade que varia do claro ao escuro que servem de fundo para aplicação de títulos, textos etc. Essa variação depende do percentual adotado no momento da diagramação. *(Ver figura 38)* Retícula também é chamada de grisê.

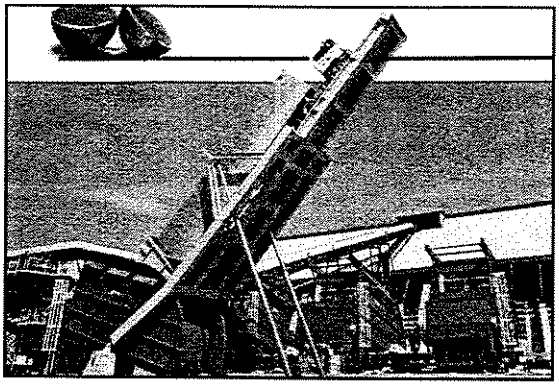
Figura 38



Retranca: Termo usado de forma genérica para indicar cada texto na página do jornal. Por exemplo, uma página com texto principal, mais três outras matérias e um boxe contém, no total, cinco retrancas.

SANGRAR: Ultrapassar a área de mancha da publicação até atingir a área de corte, ou simplesmente abrir espaço na coluna composta, seja para a aplicação de foto, de olho ou de selo. Também é possível sangrar uma foto com título, legenda, selo, olho etc. Este recurso, quando adotado, é mais usualmente visto em fotos, embora também se possa fazê-lo com textos e olhos. No exemplo abaixo, parte do maquinário sangra (ultrapassa) a linha horizontal que limita a página. *(Ver figura 39)* **[29]**

Figura 39



SELO: Ilustração estilizada produzida a partir de desenho ou foto. Serve como marca visual, em edições sucessivas, de textos sobre um mesmo assunto. É de duração limitada, sendo publicada enquanto o assunto persiste. Se o assunto 'morre', o selo desaparece. Se o assunto 'ressurge', o selo volta a acompanhar a matéria. É usada em assuntos programados (eleições, Copa do Mundo etc.) ou em assuntos não previstos (asassinato, mensalão, crise no Congresso etc.). *(Ver figura 40)* **[30]**

Figura 40

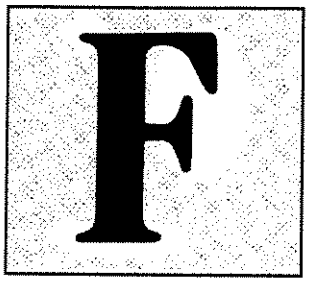


29 - A figura 39 é reprodução de foto sangrada da revista *Veja* publicada em 12 de outubro de 2003 (edição 1.926)

30 - A figura 40 (selo) foi reproduzida do *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 165.

SERIFA: Pequeno traço ou filete que aparece na extremidade das hastes de caracteres gráficos. Esses filetes formam uma linha que guia os olhos e facilita a leitura. *(Ver figura 41)* **[31]**

Figura 41

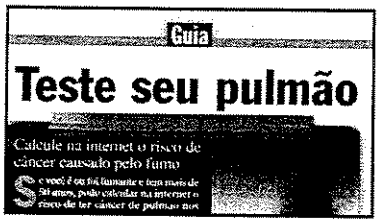


TIPO: Os conceitos básicos sobre tipos dizem respeito ao desenho (*serifa*), à sua inclinação (*redondo, grifo*), à sua intensidade (*claro, negrito*) e ao seu tamanho (*corpo*).

TÍTULO: Palavra, expressão ou frase curta que anuncia uma notícia. A maioria dos leitores de um jornal lê apenas o título da maior parte dos textos editados. Cabe ao editor elaborar um título com o objetivo de seduzir, persuadir o leitor a se inteirar sobre o assunto.

VINHETA: Recurso tipográfico utilizado para ornamentar os arranjos gráficos. Desenho abstrato ou figurativo que ilustra colunas ou seções fixas no jornal. *(Ver figura 42)* **[32]**

Figura 42



VAZAR: Aplicar título, olho, texto, legenda etc sobre uma superfície escura de forma que a letra fique clara. Embore dê destaque, deve ser usado com cautela. O uso em textos longos, por exemplo, dificulta a leitura. *(Ver figura 43)*

Figura 43

Jornal comunitário

31 - A figura 41 (serifa) foi reproduzida do *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998, p. 165.

32 - A figura 42 (vinheta) é reprodução de matéria veiculadaa pela revista *Veja* publicada em 7 de maio de 2003, (edição 1.801), pp. 120.

ANEXO - II

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Questionário do Professor

1 – Nome da escola: _____

2 – Série em que leciona: _____

3 – Sexo: _____

4 – Idade: _____

5 – Há quanto tempo você leciona: _____anos

6 – Seu diploma é de: ( ) Segundo grau (Magistério ou Normal) ( ) Superior

7 – Com que freqüência você lê jornais? ( ) Diariamente ( ) Às vezes

( ) Aos domingos ( ) Nunca

8 – Se lê jornais, qual (quais)? ( ) Diário do Povo ( ) Correio Popular

( ) Folha de S. Paulo ( ) Estado de S. Paulo ( ) Jornal de bairro/comunitário

( ) Outros:_____

9 – Se não lê, aponte a razão: ( ) Falta de tempo ( ) Desinteresse

( ) Custo de aquisição

10 – Você utiliza jornais em sala de aula? ( ) Freqüentemente ( ) Às vezes

( ) Raramente ( ) Nunca

11 – Em caso positivo, responda: quais os assuntos mais utilizados? (Enumerar cinco, por ordem de preferência)

( ) Política ( ) Economia ( ) Esportes ( ) Meio ambiente ( ) Cultura

( ) Religião ( ) Violência ( ) Suplementos infantis

( ) Suplementos para jovens ( ) Suplementos femininos

( ) Ciência e Tecnologia ( ) Saúde ( ) Educação

( ) Quadrinhos ( ) Classificados ( ) Outros: _____

12 – Você considera o conteúdo dos assuntos publicados no jornal:

( ) Muito interessante ( ) Interessante ( ) Pouco interessante

13 – Há assuntos que você trabalha em sala de aula e que os jornais não publicam?

( ) Sim ( ) Não. Quais:_____

14 – Que tipos de atividades são mais realizadas com os alunos? ( ) Jornal mural

( ) Leitura e interpretação ( ) Pesquisa ( ) Debate ( ) Redação ( ) Análise

( ) Recorte e colagem ( ) Outros: _____

15 – Você considera o uso do jornal em sala de aula: ( ) Muito importante

( ) Importante ( ) Pouco importante ( ) Sem importância

16 – Qual a reação dos alunos em relação ao uso do jornal?

( ) Trabalham com interesse ( ) Interesse regular ( ) São indiferentes

17 – Você consegue identificar no desempenho dos alunos aquele que se diferencia a partir do hábito de leitura de jornais? ( ) Sim ( ) Não

18 – Em caso positivo, justifique a qualidade do aluno (enumerar por ordem de preferência): ( ) É mais participativo ( ) Expressa-se melhor ( ) É mais crítico

( ) Escreve melhor

19 – Você já elaborou jornal em sala de aula? ( ) Sim ( ) Não

20 – Em caso positivo, como você considera a experiência? ( ) Muito importante

( ) Importante ( ) Pouco importante ( ) Sem importância

21 – Em caso negativo, por quê? ( ) Desconheço o processo de elaboração do jornal

( ) A escola não oferece condições para a elaboração

22 – Na sua opinião, a elaboração de um jornal, fora do ambiente escolar, pode se tornar um instrumento de educação não-formal? ( ) Sim ( ) Não

23 – Na sua opinião, a produção de um jornal feita por alunos surtiria melhores resultados se ocorresse: ( ) No horário escolar ( ) Fora do horário escolar, sem compromisso de avaliação (atividade voluntária) ( ) Indiferente

24 – Escreva nesse local sua opinião sobre a possibilidade de produção do jornal como instrumento de educação não-formal: _____

_____

_____

_____

_____

_____

ANEXO - III

JORNAL DA COSTA E SILVA

Jornal da Costa e Silva

Jornal Mural produzido pelas turmas A e B do Projeto "Identidade na Quebrada" - Campinas, setembro de 2001 - Ano I - Nº 1

RAÍZES

Recordações de dona Adelaide

Kleber Waisman Xavier da Silva

Dona Adelaide Xavier da Silva é uma das moradoras mais antigas da Vila Costa e Silva. Aos 71 anos, ela se recorda de fatos que marcaram três décadas enquanto moradora do local. Ela lembra de quando o bairro era uma antiga plantação de algodão da Fazenda Santa Genebra. Quando mudou-se para a Vila, há cerca de 30 anos, as ruas não eram asfaltadas e, devido à escassez de água, muitas pessoas tinham que se deslocar até uma mina para abastecer os tachos e as panelas.

A falta de energia elétrica era outro problema. "Sempre faltava luz. As pessoas que não tinham um maço de velas guardado em casa passavam apertos", diz. Transporte também era outro grande problema. Dois pontos de ônibus serviam o bairro: um localizado no Tapetão e outro em frente a Escola Salesiana São José. "Em dias de chuva era um Deus nos acuda. A gente ficava com os sapatos sujos de barro".

Outra carência que o bairro apresentava no começo era a falta de escola. Agora, tudo ficou mais fácil. A meninada tem duas boas escolas aqui pertinho", lembra dona Adelaide que vivenciou essas transformações do bairro ao lado de seu marido, Sebastião Xavier da Silva.

Foto: álbum de família



Dona Adelaide e o marido Sebastião: lembranças

De todas essas lembranças, o que dona Adelaide mais sente falta é da tranqüilidade. "As pessoas passeavam pelas ruas sem medo. Ninguém sabia o que era violência. As casas não tinham muros, apenas cercas de madeira. Era uma maravilha", fala com saudade.

CORREIO ESCOLA

A notícia na sala de aula

Iara Toledo e Maria Esmellen dos Santos

A Escola Gustavo Marcondes está entre as instituições de ensino de Campinas que participam do Projeto Correio Escola – iniciativa da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC). Envolve professores de diferentes disciplinas e visa despertar no aluno o interesse pela leitura através do acompanhamento do noticiário dos jornais.

Após folhear o jornal, o aluno deve levar para a sala de aula um recorte de matéria publicada. O professor de português elabora questões relacionadas ao conteúdo aplicado, como gramática e concordância verbal. O de matemática trabalha com valores de produtos mencionados, fazendo exercícios sobre juros e percentuais. O de ciências lê em voz alta uma matéria científica e explica a notícia. Procedimento semelhante é feito pelo professor de geografia.

"Considero a iniciativa positiva, pois atrai um número cada vez maior de alunos", diz a estudante Vania Gencev. Para a aluna Gesiane S. Kudo, o projeto despertou o interesse pela leitura. "Tornou-se um hábito", comemora.

EDITORIAL

A voz da comunidade

Ir além da notícia. Esta é a proposta do *Jornal da Vila Costa e Silva* que acaba de nascer. Ele surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que vai muito além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro. Quer afigurar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e acima de tudo como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido.

Procura também oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.

Este informativo é um dos resultados obtidos a partir das oficinas que integram o Projeto "Memória, Educação Não-formal e Cidadania: Trabalho com Adolescentes na Vila Costa e Silva", batizado informalmente de "Identidade na Quebrada", realizado por pesquisadores e profissionais do Centro de Memória-Unicamp (CMU), além de voluntários. Participaram do projeto 72 jovens com idades entre 11 e 16 anos.O projeto, realizado no Centro de Pastoral da Paróquia de São Benedito, na Vila Costa e Silva, contou com apoio do Comitê da Cidadania dos Empregados da Caixa Econômica Federal, da Robert Bosch do Brasil, do CNPq e da Faculdade de Educação da Unicamp.

EXPEDIENTE

O *Jornal da Vila Costa e Silva* é uma publicação elaborada pelos jovens da Comunidade da Paróquia de São Benedito com idades entre 11 e 13 anos sob a coordenação do Centro de Memória da Unicamp (CMU). Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Editor de Fotografia: José Roberto Gonçalves (Mtb 27448). Paginação: Hélio Costa Júnior.

RELIGIÃO

O significado da Semana SANTA

Fotos: Caroline Zacchi e Diogo Rangel Gasparelli



Padre Norberto Bonfim (à esq. e à esq. abaixo) durante o ritual do lava-pés na Paróquia de São Benedito: fé e lição de humildade



Fiéis aguardam passagem do cortejo: mantida a tradição

Caroline Zacchi, Verônica Furlanetto
Diogo Rangel Gasparelli

O Domingo de Ramos inicia a Semana Santa. Nele se celebra a entrada de Jesus em Jerusalém. Como lembrança daquele dia os fiéis levam ramos à procissão para serem benzidos. Os ramos geralmente são folhas de palmeira. A cor dos paramentos é vermelha. A Páscoa é a festa da ressurreição de Cristo; é a eucaristia mais solene do ano litúrgico, sinal de vida nova. Ocorre depois da conversão acontecida na Quaresma, começa com a vigília Pascal e se estende até o Domingo de Pentecostes.

Durante todo o tempo litúrgico da Páscoa, os paramentos devem ser brancos e o sírio pascal deve ser mantido junto ao altar.

A Semana Santa é a semana mais importante do ano litúrgico. Acontece antes da Páscoa e depois da última semana da Quaresma. Nessa semana estão incluídos Domingo de Ramos e o Tríduo Pascal, com a celebração da Quinta, Sexta, Sábado Santo, quando se recorda a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O Tríduo Pascal são os dias em que se celebra solenemente a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Ele começa com a missa vespertina da Ceia do Senhor e possui seu centro na Vigília Pascal. Encerra-se às vésperas do Domingo da Ressurreição. Na Quinta-feira Santa à tarde e à noite celebra-se a instituição da Eucaristia e do Sacerdócio com a Cerimônia do Lava-pés. A cor dessa celebração é branca. Depois da missa, o Santíssimo é levado pelo padre para algum espaço dentro da igreja, ficando o sacrário vazio. A Sexta-feira Santa significa que Deus foi crucificado e morto por asfixia deixado sem nenhum osso inteiro em seu corpo. Neste dia os fiéis veneram a Santa Cruz.

O Tríduo Pascal termina no Domingo da Ressurreição de Cristo, ou seja, no Domingo de Páscoa.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Começar de Novo

Luiz Henrique Bispo Passos

Pessoas dependentes do álcool têm na Vila Costa e Silva uma oportunidade de acabar com o problema ou, pelo menos, amenizá-lo. Trata-se do grupo Alcoólicos Anônimos, entidade localizada ao lado da Paróquia de São Benedito. O encontro, aberto a todos os interessados, acontece todas as segundas-feiras, a partir das 20 horas, à rua Pascoal Notte, 720. Durante a reunião, um coordenador e moderadores compartilham suas experiências, relatando suas histórias, seus dramas enquanto dependentes e como se deu o processo de recuperação. Profissionais da área médica, funcionários públicos e membros do clero sempre fazem palestras durante os encontros. Algumas reuniões são feitas com o propósito específico de sensibilizar a comunidade, pedindo respeito e compreensão.

A Associação dos Alcoólicos Anônimos surgiu em 1935. A iniciativa partiu de um corretor de bolsa de valores de Nova Iorque e de um médico cirurgião de Ohio, ambos dependentes da bebida. Eles fundaram a entidade com o objetivo de ajudar pessoas viciadas. Inicialmente, a entidade se espalhou pelos Estados Unidos através da formação de grupos autônomos, ganhando depois projeção internacional e se fixando em diferentes partes do mundo. Participam do grupo homens e mulheres que conseguiram abandonar o vício da bebida ou que tenham propósito claro nesse sentido. Não há distinção de cor, classe social ou religião. Vale lembrar que a participação não requer pagamento de taxas ou mensalidade.

ELEIÇÕES

Chapa 1 assume Grêmio

Anderson Francisco Gomes
Aline Aparecida França

A Chapa 1 é a grande vencedora das eleições do Grêmio da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva. A equipe vencedora recebeu 473 votos contra 140 da segunda colocada, a Chapa Para Todos. Conter o vandalismo, melhorar o relacionamento entre alunos, professores e direção e promover atividades de esporte, cultura e lazer são algumas das propostas da chapa vencedora.

Durante um mês, a escola viveu uma rotina agitada. Alunos dos três períodos circulavam pelos diferentes ambientes da escola apresentando suas propostas. Ação no corpo-a-corpo e um debate determinaram a escolha feita pelos 662 votantes. Além dos votos destinados às duas chapas, foram registrados 10 votos em branco e 39 nulos.

As propostas

✔ Incluir a escola nas festas intercolegiais de Campinas
✔ Coibir atos de vandalismo dentro da escola e nas imediações
✔ Programar eventos nos fins de semana para que as portas da escola fiquem abertas à comunidade em geral
✔ Reunir os melhores grafiteiros de Campinas para melhorar o aspecto visual das paredes da escola
✔ Opinar sobre o gênero e a qualidade da música a ser executada durante os intervalos das aulas
✔ Criar uma homepage do grêmio com informações variadas: propostas de trabalho, programação de arte e lazer, exposições de artes, exibições de filmes, agenda de eventos esportivos, etc. Haverá também um espaço interativo em que o internauta poderá opinar sobre os acontecimentos na escola.

Os vencedores

A Chapa 1 é composta pelos seguintes integrantes: Jeferson José Canesqui, Thiago Luís Leme, Danilo Vieira dos Santos, Jader Genésio dos Santos, Carlos Alberto Cavalcante de Sousa Júnior, Juliano Ferreira de Castro, Walter Sato Filho, Luís Henrique Cuco, Werley José Costa dos Santos, Thiago Vasques de Brito, Kleber dos Santos Domingues e Wellington Renato Batista

Foto: Aline Aparecida França



Integrantes da Chapa 1 ao lado da vice-diretora da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, Silvia Regina: em busca do melhor relacionamento entre alunos, professores e Direção

DEPOIMENTO

Uma vida normal

A propósito da Campanha contra a Hipertensão, segue depoimento de moradora que convive com a doença: "A hipertensão se manifestou aos 28 anos, devido à tensão nervosa. Eu também apresentava outros sintomas quando foi descoberta a doença, como dor de cabeça, pressão alta e tontura.

Para controlar a doença tomo remédio todos os dias, pela manhã e pela noite. Trata-se de um medicamento de uso contínuo e que não é oferecido pelo Centro de Saúde (Postinho). Por isso sou obrigada a comprá-lo mensalmente, uma vez que não posso ficar sem o remédio. Além do medicamento, procuro controlar a pressão reduzindo a quantidade de sal na comida evito ingerir bebidas alcoólicas.

Apesar desse problema, procuro levar uma vida normal. Sou muito feliz".

Márcia Maria Jesus da Silva, 38 anos.
(Depoimento prestado a João Luiz da Silva Neto)

MÚSICA

Ao som do *Oásis*

Camila Ribeiro, Carolina Ribeiro
Thiago Henrique Nogueira

Moradores da Vila Costa e Silva e da Vila Miguel Vicente Cury têm um grupo de pagode que representa a região. É o conjunto Oásis do Samba que, em um ano de existência, já se apresentou, entre outros locais, na tradicional casa noturna de Campinas Flor de Lis.



Bruno: música no bairro

O grupo é composto por Bruno (15 anos), Gil (16), Elder (15), Júnior (18), Anderson (18) e André (17). Além do Flor de Lis, o Oásis já se apresentou no Regatas, no Bar do Robertinho, na Padaria Santa Genebra, entre outros locais. Festas de aniversário e reuniões de amigos também já foram animadas pelo Grupo Oásis. Os interessados em contratar o conjunto devem fazer contato através do telefone 3208-1511.

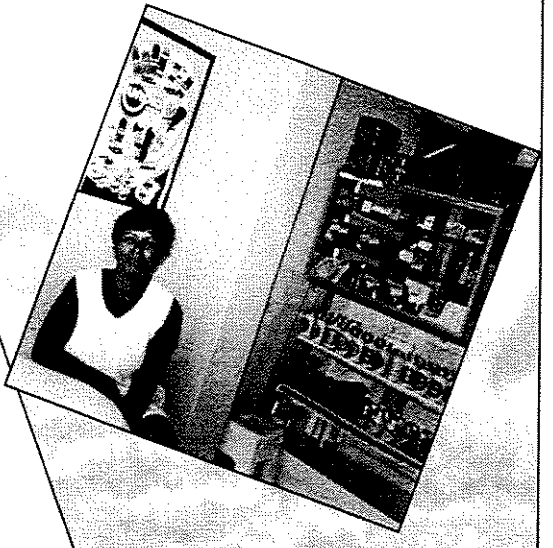


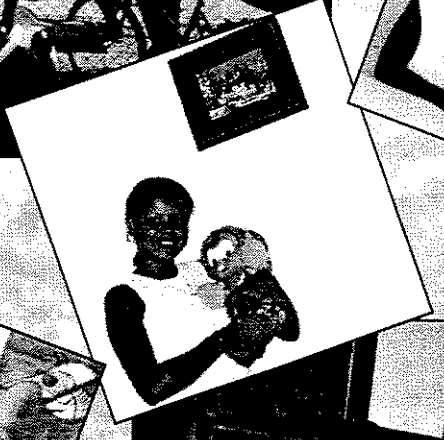


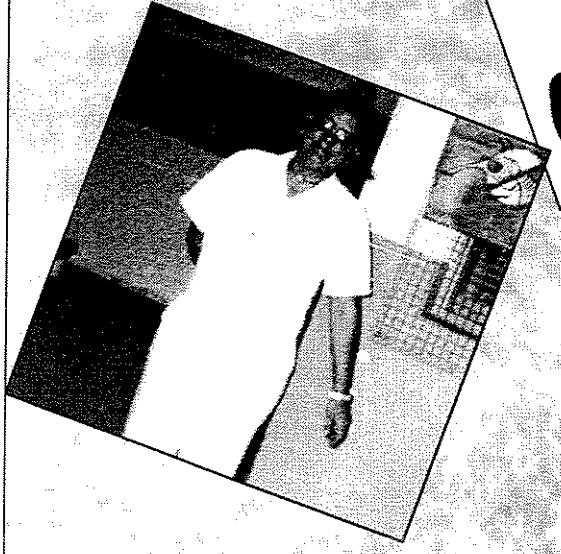
O PASSEIO DA CÂMERA

FATOS E PERSONAGENS QUE FAZEM O COTIDIANO DA COSTA E SILVA SOB A ÓTICA DOS JOVENS QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS











Jornal da Costa e Silva

Jornal Mural produzido pelas turmas C e D do Projeto "Identidade na Quebrada" - Campinas, setembro de 2001 - Ano I - Nº 1

OFICINAS

Em busca do PASSADO

Mateus H. Sabino e Vanessa Cristina

Cursos promovidos pela Unicamp na Paróquia de São Benedito estão ajudando os adolescentes da Vila Costa e Silva a conhecer o bairro em que vivem e melhorar o rendimento escolar. Os cursos foram realizados de março a junho no Centro de Pastoral da Paróquia.

A comunidade foi escolhida por reunir significativa população negra. A Paróquia também já tinha trabalhado com os adolescentes em diferentes atividades, envolvendo iniciativas esportivas, de lazer, além de assuntos ligados à igreja. "Essa iniciativa, ao propor os cursos, vem ao encontro de nossas aspirações", diz o Padre Norberto Bonfim.

As oficinas de jornalismo, fotografia, criatividade, história oral, hip-hop, informática, cidadania, memória histórica e multimídia foram escolhidas pelos profissionais da Unicamp por duas razões: despertam nos adolescentes interesse pelos assuntos relativos ao bairro e proporcionam oportunidade de realizar atividades que podem ser o início de uma profissionalização. A elaboração do jornal mural, as exposições de fotografias e de quadrinhos *(nas páginas seguintes)*, além das letras de rap *(ver quadro)* são alguns dos resultados do projeto que foi batizado informalmente de "Identidade na Quebrada".

A professora da Faculdade de Educação e diretora associada do Centro de Memória, Olga von Simson, disse que a idéia surgiu dentro de um projeto de pesquisa que estuda os bairros na cidade. Os profissionais da Unicamp, Maria Lúcia Ricci, Irene Barbosa, Zula Giglio, Amarildo Carnicel, José Roberto Gonçalves, Paulo Lapa, Hélio Costa Júnior, Alessandra Bagatim, Ana Célia de Sales, Fernanda Mandetta, Christianne de Vasconcelos, Adriano da Silva, Antonio Frederico Pereira, José Arimaté de Souza, Lucimar dos Santos e Almir Pinheiro foram responsáveis pelas oficinas.

O objetivo é oferecer aos adolescentes a chance de participar de atividades diferentes daquelas desenvolvidas na escola. Todo material coletado vai ficar mantido no Centro de Memória para que futuros pesquisadores possam conhecer o passado da Vila Costa e Silva e de bairros adjacentes como Miguel Vicente Cury e Santa Genebra. "Vocês vão conhecer melhor os bairros em que moram, melhorar o rendimento escolar e entender a importância do conhecimento para progredir na vida", diz Olga.

TRECHOS

"Idéia vai, idéia vem,
paro, penso, reflito...
Para que tanto preconceito, tanta violência,
tanta ignorância?
...O mundo é justo,
injusto é quem vive nele,
quem o destrói,
quem o estraga,
mas um dia isso vai mudar..."

Talita de Souza Alves

* * *

"Nós brigamos por uma causa social,
eles brigam para tirar o nosso real,
distantes da mesma realidade,
a baixa e alta sociedade...
...Nós trabalhamos no comércio e no setor industrial,
e eles competem para ver quem tem mais capital,
e então, quem deverá ser privilegiado?
Aquele que trabalha ou o que fica sentado?..."

Marcela Barbieri

EDITORIAL

A voz da comunidade

Ir além da notícia. Esta é a proposta do *Jornal da Vila Costa e Silva* que acaba de nascer. Ele surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que vai muito além de um informativo que narra fatos ocorridos no bairro. Quer afigurar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e acima de tudo como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido.

Procura também oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.

Este informativo é um dos resultados obtidos a partir das oficinas que integram o Projeto "Memória, Educação Não-formal e Cidadania: Trabalho com Adolescentes na Vila Costa e Silva", batizado informalmente de "Identidade na Quebrada", realizado por pesquisadores e profissionais do Centro de Memória-Unicamp (CMU), além de voluntários. Participaram do projeto 72 jovens com idades entre 11 e 16 anos.

O projeto, realizado no Centro de Pastoral da Paróquia de São Benedito, na Vila Costa e Silva, contou com apoio do Comitê da Cidadania dos Empregados da Caixa Econômica Federal, da Robert Bosch do Brasil, do CNPq e da Faculdade de Educação da Unicamp.

EXPEDIENTE

O *Jornal da Vila Costa e Silva* é uma publicação elaborada pelos jovens da Comunidade da Paróquia de São Benedito com idades entre 11 e 13 anos sob a coordenação do Centro de Memória da Unicamp (CMU). Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Editor de Fotografia: José Roberto Gonçalves (Mtb 27448). Paginação: Hélio Costa Júnior.

ARTIGO

Basta de preconceito

Carolina M. Meneghel, Marcela Cipriano e Marcus Vinicius Prates

Ao falar de preconceito, a primeira coisa que vem em nossas mentes são negros sendo discriminados, deficientes sofrendo agressões, religiões julgando outras religiões.

No preconceito as pessoas fazem o seu próprio conceito de uma outra pessoa sem conhecê-la, só por causa de sua cor, estatura física, local onde vive... Este pode "julgar" pessoas inocentes e sentenciá-las como culpadas.

Por exemplo, fazemos uma idéia de uma pessoa que não conhecemos baseados em suas roupas e em seus atos e falamos como se fossem inferiores moralmente perante nós, mas na verdade este é apenas um estilo de cada ser humano.

Hoje há várias formas de preconceito: os que se referem às relações sociais e diplomáticas; às diferenças entre as classes sociais, etc. Porém, o preconceito mais evidente diz respeito ao racismo. É impossível afirmar que uma pessoa nunca cometeu algum ato ou não tenha tido algum pensamento racista. O racismo está presente em todos os lugares dividindo opiniões e fazendo guerras.

Na Vila Costa e Silva há vários tipos de preconceito. Negros, deficientes, pobres – quase todo ser humano que por aqui circula sente esse desconforto. Por causa de alguns elementos que residem no local, o bairro é conhecido como reduto de traficantes onde só ocorrem mortes. Somos discriminados só porque moramos num bairro periférico. Isso está totalmente errado!

GRÊMIO ESCOLAR

"Vamos mudar a escola"

Júlio César S. Miguel Pothanca

Desde o dia 17 de abril a Escola Estadual Adalberto Prado e Silva tem novo Grêmio. Segundo o presidente da entidade, Jader Sartori, o objetivo é promover mudanças positivas que sejam reconhecidas pelos três segmentos da instituição: alunos, professores e funcionários.

Manter a escola aberta aos sábados, orientar trabalho de grafite nas paredes do prédio, organizar festas e promover atividades de lazer e excursões culturais estão entre os projetos do Grêmio que é composto pelos seguintes alunos: Jader, Júlio, Vanderson, Erik, Wesley, Thiago, Cleber, Luís Henrique, Edgar e André

ARTIGO

A violência no bairro

Mateus H. Sabino

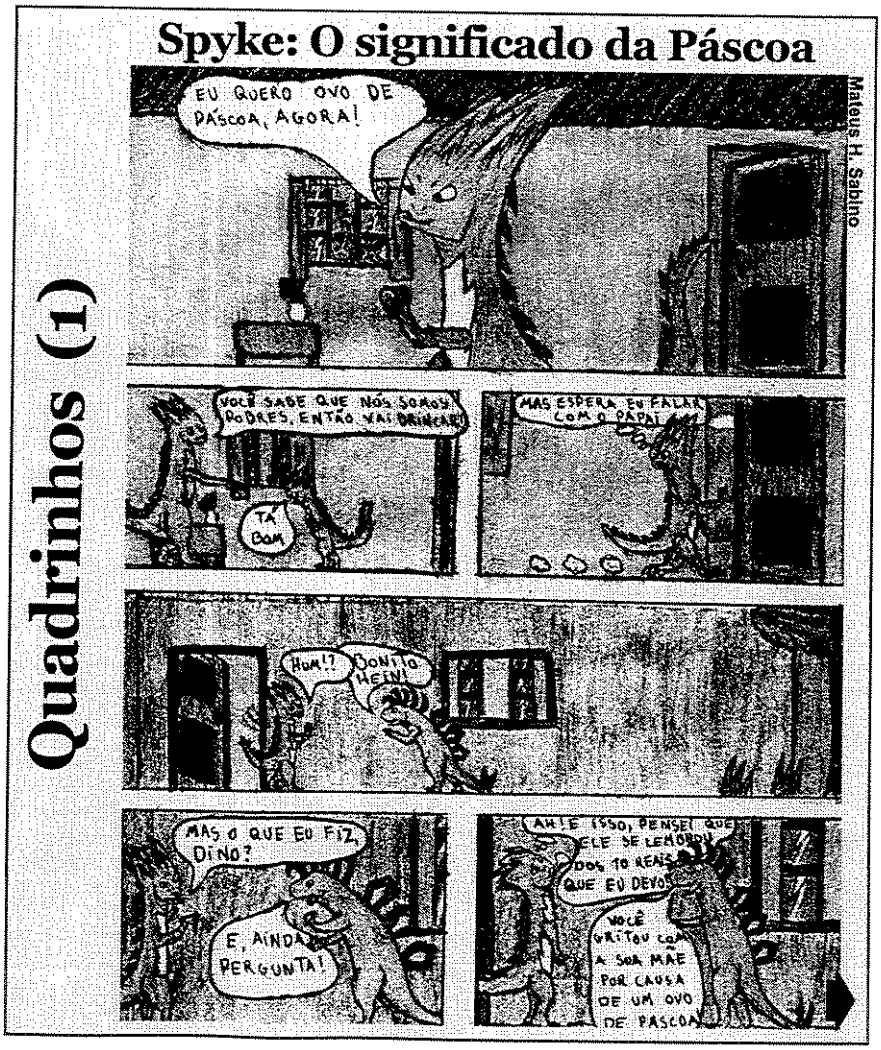
A violência na Vila Costa e Silva tem aumentado muito. Os principais fatores são a falta de policiamento, o tráfico de drogas e o desemprego. Tudo isso leva à vida do crime.

Desde maio a vila vem observando um comércio de drogas, onde gangues estão se enfrentando, deixando os moradores em pânico. Não podemos sair de casa após às 22 horas. Que ironia! Pedem para a gente não sair após esse horário, enquanto assassinatos no bairro acontecem às 19 horas.

Por causa disso a violência tem aumentado, não só aqui, mas em outros lugares do Brasil. Cada pessoa escolhe seu caminho para viver, mas infelizmente muitas pessoas escolhem o das drogas. Essa opção não é exclusiva da classe pobre. Os motivos da escolha independem da classe social. Mas a escolha leva a morte.

Por isso vamos nos conscientizar para não deixar o mundo mais violento do que ele já está.

Quadrinhos (1)



DOENÇAS CRÔNICAS

Controlando o diabetes e a hipertensão



Márcia Helena Amaral: controle já era feito antes da campanha

Daniela da Silva

A Campanha Nacional para Detecção da Diabetes e Hipertensão Arterial foi realizada do dia 6 ao dia 30 de março pelo Ministério da Saúde. O objetivo era alertar sobre a gravidade das doenças e mostrar meios de preveni-las. Foi destinada para pessoas com mais de 40 anos de idade.

Segundo a enfermeira e coordenadora do Centro de Saúde, Márcia Helena Amaral, antes da campanha já faziam o controle no Centro de Saúde Costa e Silva 800 pessoas (moradores da Costa e Silva, Santa Genebra e Miguel Vicente Cury). A coordenadora explica que no portador de diabetes, o pâncreas não produz insulina suficiente para combater o açúcar, o que acaba elevando a taxa de açúcar no sangue.

O aposentado Augusto José de Santana é portador de diabetes. Ele faz periodicamente acompanhamento no Postinho, onde pega, inclusive, o medicamento. "O pessoal de lá me trata tão bem que até me sinto à vontade para tomar uma pinguinha, que tanto gosto", diz.

A doença se manifesta de diferentes formas. "Fico com a boca seca, sinto muita sede e urino demais. Sinto cansaço e câibra. Por isso evito bebidas alcoólicas, doces e refrigerantes". Há fatores que auxiliam o surgimento da doença: obesidade e sedentarismo

A hipertensão, mais conhecida como pressão alta, pode ocorrer em qualquer idade, mas é mais comum nos adultos e nos idosos. A digitadora Vera Lúcia de Magalhães conta que teve hipertensão durante a gravidez dos três filhos. No início, precisava dirigir-se ao Postinho de 15 em 15 dias. O quadro foi piorando e ela passou a freqüentar diariamente o Postinho.

DENGUE

Vila registra 18 casos da doença

Camila André Azzi e Macela Barbieri

A Vila Costa e Silva registrou 18 casos de dengue. Segundo a coordenadora e enfermeira do Posto de Saúde do bairro, Márcia Helena ou Maria Amaral, todos os casos registrados foram tratados no próprio posto. "Os pacientes receberam medicamentos gratuitos. Todos os casos foram tratados em sigilo, evitando, assim, constrangimento do paciente".

Na Escola Estadual Professor Adalberto Prado e Silva foi desenvolvido um projeto com alunos de 5ª a 8ª séries. As atividades constaram da exibição de vídeo e produção de um texto abordando agentes causadores e transmissores da doença, características do mosquito, sintomas, dengue clássica e homorrágica.

O projeto culminou com a produção de exposição de trabalhos como cartazes, desenhos, maquetes, frases, estórias em quadrinhos etc.



NARCÓTICOS ANÔNIMOS

No caminho CERTO

Cíntia Domingos e Lívia Quirino

Pessoas que consomem drogas têm no Grupo Narcóticos Anônimos (NA) um espaço para discutir, expor suas idéias e angústias. Um espaço para buscar meios de recuperação. Moradores da Vila Costa e Silva e imediações têm no grupo denominado "No Caminho" oportunidade de conhecer o trabalho. O grupo reúne-se semanalmente no Posto de Saúde do Jardim Santa Genebra, localizado à rua Joaquim Manoel Macedo s/n. Os encontros acontecem às 2as, 4as e 6as feiras às 19h30. Os encontros são abertos à comunidade. Há em Campinas 17 grupos de NA. No Brasil existem cerca de 800 associações.

Saiba agora um pouco mais sobre o trabalho da entidade (outras informações podem ser obtidas pelo site: **www.na.org.br**.

Como surgiu a organização?

NA – A associação começou em 1953 na Califórnia, Estados Unidos. Era o grupo de alcoólicos anônimos que se reunia. Porém, nos relatos observou-se que o consumo não era apenas de álcool – muita droga também era consumida. Essas pessoas se uniram e decidiram abrir um grupo onde só se tratava de drogas. Foi assim que surgiu o NA.

O que é a Associação de Narcóticos Anônimos (NA)?

NA – É uma irmandade ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior.

Como é feito o atendimento?

NA – Nós não chamamos de atendimento, pois aqui não é feito um atendimento. Nós nos ajudamos com nossas trocas de experiências, falando um com o outro e trocamos idéias.

Quem pode participar?

NA – Não somos filiados a nenhuma outra organização; não temos matrículas nem taxas; não há compromissos escritos, nem promessas a fazer a ninguém. Não estamos ligados a nenhum grupo político, religioso ou policial e, em nenhum momento, estamos sob vigilância. Qualquer pessoa pode juntar-se a nós, independentemente da idade, raça, identidade sexual, crença ou falta de religião.

Em que momento as pessoas percebem que precisam de ajuda?

NA – Quando chegam no fundo do poço. Quando começam a perder o controle, perder a namorada, o emprego, enfim, quando a família fica mais distante.

Quem mantém essa estrutura?

NA – Nós mesmos. Somos auto-sustentáveis. Não aceitamos doações.

Vocês falam muito de Deus?

NA – Nós não estamos ligados a nenhum grupo religioso. É um programa espiritual.

PARCERIA

Formando profissionais

Marcus V. Prates e Carlos Eduardo B. Passos

O Governo do Estado de São Paulo, em parceria com o Senac, está distribuindo mais de 50.000 vagas de cursos técnicos para alunos que estão concluindo o 3º ano do ensino médio. São 37 tipos de cursos oferecidos pelo governo nas áreas de artes, design, gestão de negócios, hotelaria, turismo e lazer, informática, meio ambiente, moda, publicidade, saúde, telefonia, comunicação e assuntos gerais.

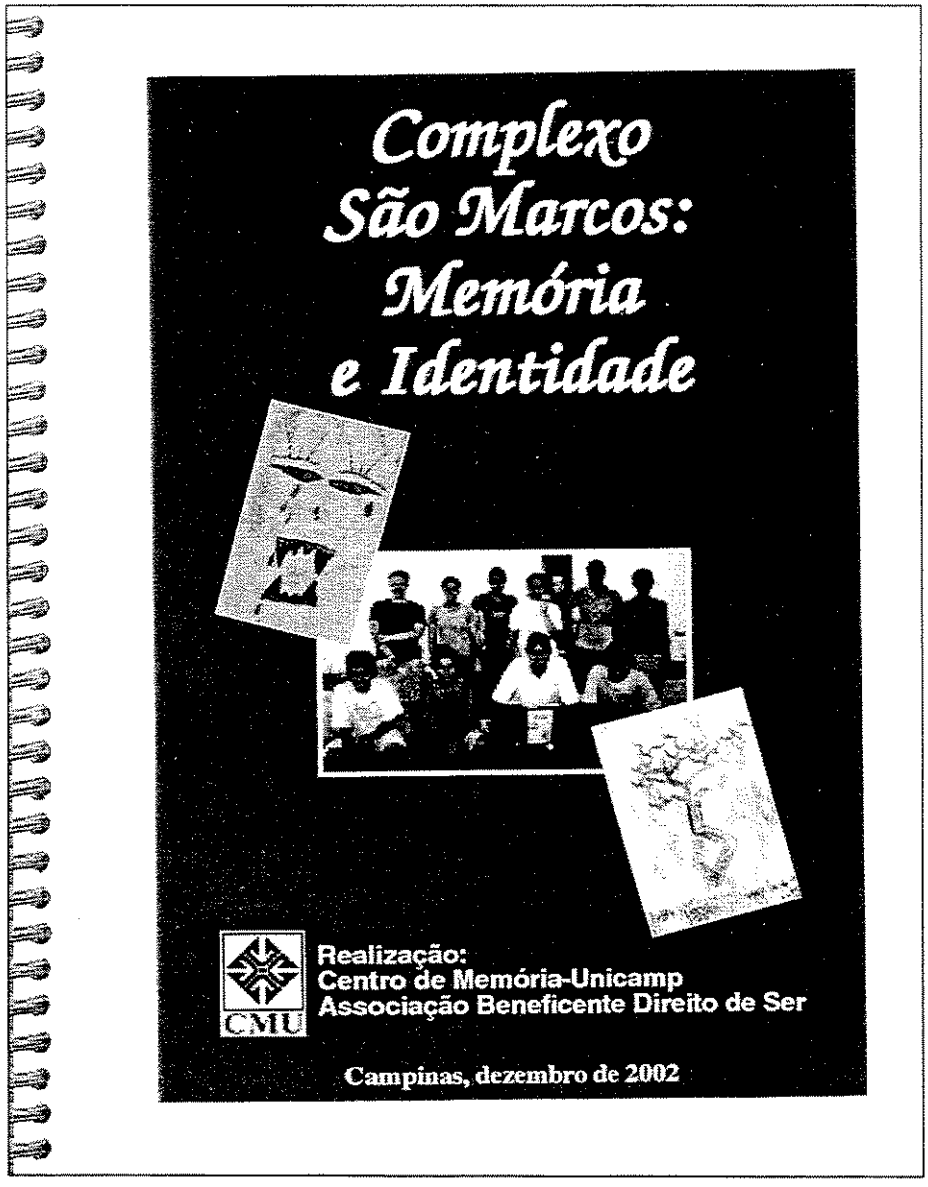
Segundo Márcia Beatriz Santos Almeida, coordenadora pedagógica da Escola Professor Adalberto Prado e Silva, serão oferecidos os seguintes cursos: Atendimento e Planejamento Publicitário, Auxiliar de Agente de Viagem, Monitor de Lazer e Recreação, Programa de Educação para o Trabalho, Vendedor e Vitrinista. Os cursos serão ministrados por professores do Senac, e em média eles têm duração de um ano.

Mais informações sobre os cursos podem ser obtidas pelo telefone 0800 10710, ou pelo site www.programaprofissao.sp.gv.br



ANEXO - IV

COMPLEXO SÃO MARCOS: MEMÓRIA E IDENTIDADE


Complexo
São Marcos:
Memória
e Identidade
CMU
Realização:
Centro de Memória-Unicamp
Associação Beneficente Direito de Ser
Campinas, dezembro de 2002

Os garotos são os repórteres

Aspectos positivos e negativos do Complexo São Marcos

O São Marcos, como todo bairro popular da cidade de Campinas, possui seus aspectos bons e ruins. De acordo com seus jovens moradores que freqüentam as oficinas do Espaço Esperança, o lado bom de se morar no local deve-se principalmente à existência de instituições beneficentes, como a Casa da Sopa, que oferece alimentos à população mais carente, e, nas manhãs de domingo, oferece pão e leite. Em datas especiais, como na Páscoa, dia das mães, dos pais, das crianças e no Natal, pequenas lembranças ou cestas de alimentos fazem a alegria da comunidade.

Além da Casa da Sopa, existem outros institutos como o Espaço Esperança, local onde os adolescentes e crianças têm a oportunidade de participar das oficinas de Hip Hop, Fotografia, Jornalismo, Criatividade etc. e outros núcleos sociais que procuram tirar as crianças das ruas oferecendo cursos gratuitos de informática, pintura, desenho e aulas de educação física.

Atualmente, melhorias no bairro têm sido notadas pela utilização das escolas públicas que ficam abertas em finais

de semana. Essas instituições permitem o uso da área de lazer, oferecendo espaços para as práticas de futebol, tênis de mesa e basquete, além de promoverem outros eventos e campeonatos esportivos com freqüência.

As firmas existentes no bairro, da mesma forma, foram citadas como um aspecto positivo, pois grande parte de seus empregados vive no complexo do São Marcos. Uma área de lazer do São Marcos abre espaços para todos os núcleos do bairro e favorece a interação entre a comunidade. Igrejas existentes no local também auxiliam na vida espiritual dos moradores, transmitindo mensagens de esperança e paz a todos.

Dentre os aspectos negativos, a violência é o tema predominante. A violência é freqüente nas ruas, com a ocorrência de muitas mortes e brigas, das quais muitas vezes são ouvidos tiros e outras ameaças que causam pânico na comunidade. A falta de emprego também contribui para o aumento desse mal que aflige e atormenta o bairro.

Repórteres: produção coletiva

Espaço Esperança oferece oficinas de Hip Hop

As oficinas de Hip Hop, realizadas no Espaço Esperança, iniciaram suas atividades em meados de agosto desse ano, no Complexo São Marcos. Os participantes das oficinas são jovens moradores do bairro e região. Cerca de vinte garotos e garotas são beneficiados pelo Projeto Agente Jovem.

Na oficina de Hip Hop são desenvolvidos quatro exer-

cícios: a prática de *rap*, introduzindo o estudo do canto e da rima, a de *break*, que introduz a dança, o *grafitte* que ensina técnicas de desenho e, por fim, o *fanzine*, que constitui na elaboração de um jornal.

As aulas acontecem uma vez por semana, todas às quintas-feiras, a partir das 15 horas. Embora as turmas já estejam formadas, há espaço para novos alunos interessados. Neste caso, basta comparecer ao Espaço Esperança e procurar pelos monitores da oficina de Hip Hop.

Repórter: Flávio T. Marques de Oliveira Gonçalves

Escola do bairro promove campeonato de futebol

Foi realizado no mês de setembro o campeonato de futebol da escola "Prof.ª Castinauta Barros Mello e Albuquerque", organizado pela professora de Educação Física Ana Lúcia Lopes.

Segundo a organizadora, o campeonato foi disputado em duas categorias, feminina e masculina, premiando os vencedores e vencedoras dos primeiros, segundos e terceiros lugares, com medalhas e troféus.

As inscrições para o campeonato foram abertas a todas as séries, aproximadamente 10 salas. O evento é realizado todos os anos na escola, durante o período letivo, no qual os participantes contribuem, cada um, com a quantia de um real, revertido para a compra de troféus e medalhas para o campeonato.

Repórter: Fernando Henrique Ferreira

O artesanato como fonte de renda

Não é novidade que o artesanato sempre foi um meio alternativo de renda para muitas pessoas. Durante os anos 60, por exemplo, com o movimento hippie, as idéias de liberdade contestadoras se opunham à sociedade de consumo vigente e o artesanato foi visto como alternativa de sobrevivência e como fonte de lucro, simples e prático. Assim, os *hippies* viviam basicamente da arte, ou seja, daquelas produções artesanais como blusas e batas de crochê, pulseiras de madeira, brincos de pedras, colares de conchas etc.

Érika Cristina Vaz, 23 anos, é um exemplo de como o artesanato pode render algum dinheiro. Ela aprendeu a fazer crochê em uma igreja evangélica situada em Campinas. Durante o curso gratuito, que ensinava também pintura, bordado e ponto cruz, Érika aprendeu os primeiros passos do crochê e hoje pratica a arte em sua casa. Ela produz diversos trabalhos artesanais como tapetes, trilhos de mesa, guardanapos entre outras peças que são vendidas e contribuem para o orçamento mensal de sua família.

Repórter: Josy Priscila

Estudante se destaca na pintura

Flávio Tadeu Marques de Oliveira Gonçalves, aluno da Escola "Prof.ª Castinauta Barros Mello e Albuquerque" destaca-se como artista plástico (óleo sobre tela) no Jardim São Marcos. Morador do bairro há seis anos, descobriu seu ta-

lento em 1997, na Associação Beneficente Direito de Ser, quando participou das oficinas de pintura.

Com apenas quinze anos, Flávio já produziu cerca de sessenta quadros. Seus trabalhos já foram expostos em várias cidades. Sua próxima exposição será no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2003. Durante as exposições, Flávio põe seus quadros à venda. "Só assim levanto um dinheirinho para comprar material para produzir novas obras", afirma.

O jovem pretende seguir carreira e afirma que o horário ideal para colocar sua arte em prática é depois das dezoito horas. Bastante detalhista, Flávio preocupa-se em combinar as cores da pintura com as molduras dos quadros. Em média, suas obras costumam ficar prontas entre 3 ou 4 horas, outras mais trabalhosas, levam até 3 ou 4 dias para serem finalizadas.

Repórter: David Roberto Maximiliano

Grupo Primavera promove atividades voluntárias

O grupo Primavera surgiu em 1981 quando crianças do bairro São Marcos iniciaram atividades educativas na creche Cenáculo, com poucos recursos e embaixo de árvores. Aos poucos, o grupo foi adquirindo espaço e mais participantes que passaram a reivindicar melhores acomodações para a realização do projeto. Com a ajuda de Jane Sieh, o grupo recebeu várias doações, o apoio de mais voluntários e ganhou destaque no bairro.

Atualmente, o grupo Primavera recebe a ajuda da FEAC

e da Prefeitura de Campinas e oferece cursos de dança, expressão corporal, artesanato, teatro, coral além de aulas de bordado, português e inglês para meninas de 11 a 17 anos.

O grupo coloca em prática suas atividades nos períodos da manhã, das 8 às 11 horas e no período da tarde, das 12 às 16 horas. Seus cursos complementam os estudos das jovens participantes do grupo que necessitam estar matriculadas na escola para se envolverem no projeto e há casos de ex-participantes que hoje também trabalham voluntariamente no projeto com o mesmo objetivo de auxiliar na educação e no futuro das jovens moradoras do bairro.

Repórteres: Patrícia e Letícia

Informe Publicitário

Serralheria Campineira

Alcir Barbosa é dono da Serralheria Campineira, fundada em fevereiro de 1992. Ele possui apenas um funcionário, mas sua mulher o auxilia no trabalho.

Segundo Alcir, 44 anos, na época em que abriu sua oficina, nem imaginava conseguir tanto serviço no bairro São Marcos. Alcir conta que enfrentou muitos obstáculos e dificuldades, mas com a união de sua esposa e após muitos anos de esforço, o serralheiro conseguiu seu reconhecimento e foi ganhando espaço e admiração por parte dos moradores do bairro e dos frequentadores de sua oficina.

Sua oficina oferece os mais variados serviços. Faz grades, portões, lixeiras etc.

Repórter: David Roberto Maxmiliano

ANEXO - V

CONEXÃO JOVEM

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos adolescentes do Progen - Campinas, dezembro - 2003 - nº 1

Perfil

Minha história no Progen

Mônica Ap. da Silva

Entrei no Progen em 1992. Era tímida e sem objetivos de vida. Aprendi várias coisas através das oficinas como culinária, pintura em tecido, dança, artesanato, bordado, teatro entre outras. Depois de um tempo, com os meus 15 anos, o Progen me encaminhou para um curso profissionalizante de Desenho de Máquinas, mas eu continuava muito tímida, tanto que quase não passei na entrevista. Fiquei no curso por dois anos e me formei. Foi lá que perdi minha timidez. Esse ano, no primeiro semestre, trabalhei como voluntária no Progen. Agora, faço um curso no Senac e participo das oficinas.

O Progen faz parte da minha vida, minha infância e minha adolescência, por isso ele é muito importante para mim. Fiquei dez anos participando do projeto e não me arrependo, pois vou levar tudo o que aprendi para a minha vida. Só tenho que agradecer ao Progen, à Izabel, à Irmã Míriam, ao Sr. Ângelo e a todos que fizeram da arte da minha vida uma obra de arte!

Entrevista

Mônica: "Sentirei saudades"

Jonathan C. Ribeiro, José Carlos Neto e Carlos H. Anizau

Nome completo: Mônica Ap.da Silva
Idade: 18 anos.
Qual foi o momento mais marcante no Progen?
Foi quando a Izabel disse que tinha conseguido a vaga no São José e no Progen, quando eu pude passar para as crianças o que eu tinha aprendido.
É ruim deixar o Progen?
Sim, porque não verei mais as pessoas e amigos com a mesma freqüência. O Progen fez parte da minha vida, afinal aqui fiquei por dez anos e não por dez dias. Com certeza, sentirei saudades.
O que você achou das oficinas no Progen?
Interessantes. Mais um item para o meu currículo. A Roda de Samba é uma oficina na qual aprendi a tocar instrumentos variados, cantar músicas de raízes, até porque eu não gosto de samba e agora estou aprendendo a gostar. Na oficina de História oral aprendi variados assuntos, como entrevistar pessoas de nosso bairro. Na de Fotografia foi divertido aprender a focalizar corretamente e na de Jornalismo voltei a escrever poesias, coisa que não fazia há dois anos, além de aprender outras técnicas do jornalismo.

Editorial

Conversando com o jovem

Caro leitor,
Esta é a primeira edição do **Conexão Jovem**, *um fanzine feito pelos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova), Organização Não-governamental sediada na Vila Castelo Branco, em Campinas. Trata-se de um veículo que surge com a pretensão de se tornar um instrumento de comunicação que permita o diálogo não apenas entre as pessoas diretamente ligadas à ONG, mas, sobretudo, com a comunidade local. Mas esse diálogo não é tudo. Quer afigurar-se como elemento de integração social, de aprendizado profissional e, acima de tudo, como meio de mobilização da comunidade na qual está inserido. Procura oferecer elementos para que se torne um instrumento capaz de despertar e de fortalecer o sentimento de cidadania, de identidade e de pertencimento social na comunidade envolvida no projeto.*
A opção pelo jornal no formato fanzine deu-se pela adequação ao público, ou seja, busca apresentar uma linguagem jovem e um projeto gráfico leve. Permite publicar textos e ilustrações que não seriam aceitas em jornais de médio porte. E mais: possibilita a utilização de meios baratos de impressão. Este informativo é um dos resultados a partir de oficinas do Projeto "Memória, Qualidade de Vida e Cidadania: História dos Bairros Populares de Campinas", realizado por pesquisadores e profissionais do Centro de Memória-Unicamp (CMU), além de voluntários. Participaram da Oficina de Jornalismo 22 jovens com idades entre 14 e 18 anos. O projeto contou com apoio da Fapesp e do Vereador Carlos Signorelli.

Artigo

O que é educação?

Joseane Queiroz Caetano

Hoje em dia você vê em muitas escolas, em muitas casas e em outros lugares uma pessoa desrespeitando a outra, filhos desrespeitando pais (pensando que já é dono de si próprio), o aluno na escola ofendendo o professor etc.
Mas, afinal, educação vem de casa, sim! É que nesse mundo aprendemos tudo, principalmente coisas negativas como a violência, o preconceito, a falta de respeito etc. E cada dia mais aumenta o desrespeito no mundo todo.
A própria palavra já diz o que é educação: ser educado, ter respeito, não importando raça ou religião. Ter educação é muito importante, pois nos tornamos cidadãos.

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos adolescentes do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas, sob a responsabilidade de professores, pesquisadores e bolsistas do Centro de Memória da Unicamp (CMU). **Coordenadora-geral:** Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Oficina de fotografia:** Fabiana Bruno. **Oficina de História Oral:** Olga von Simson e Maria Lúcia R. Ricci. **Auxiliares de pesquisa:** Diana S. Rocha (jornalismo/bolsista Fapesp), Maira Rodrigues (História oral/bolsista Fapesp) e Fernanda Mandetta (História oral/estagiária Faep). **Adolescentes:** Carlos H. Anizau, Cláudio H. Primo, Ellen F. Silva, Jonathan C. Ribeiro, José C. Neto, Luciene Alves, Mônica A. Silva, Sabrina K. Freitas, Sylas Villas Boas, Vinícius A. Silva, Alessandra Matiussi, Cíntia A. Viana, Crisleine M. Soares, Gustavo O. Santos, Hosana G. Ramos, Jonathan E. Santos, José A. Coelho, Joseane Q. Caetano, Osmar H. Costa, Renato H. Morais, Wellington C. Oliveira e Diego Ribeiro. -**Tiragem:** 1.000 exemplares. **Contatos:** Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel. 19-3269-6088

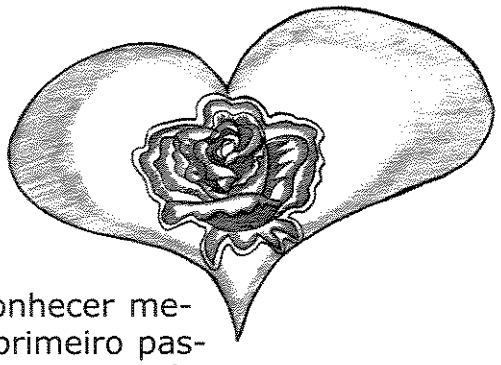
Realização:

Centro de Memória Unicamp

Opinião

Namoro na Adolescência

Sylas Rampazzo Villas Boas e Vinícius Andrey Silva



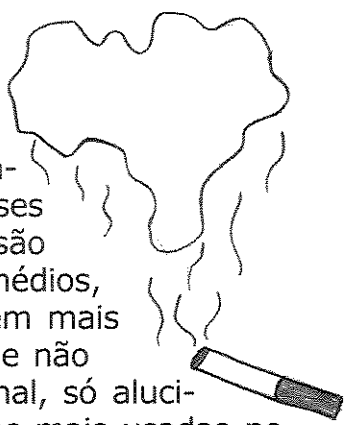
O namoro é uma experiência que, geralmente, tem início na adolescência. É um relacionamento entre duas pessoas que se gostam e compartilham vivências, carinho, beijos e, principalmente, amor.

No namoro, o casal aprende a se respeitar, a conhecer melhor o outro e a cultivar o amor. O namoro é o primeiro passo para chegar ao casamento e à construção de uma família.

Hoje em dia, todas as pessoas procuram achar sua "alma gêmea" ou "carametade", alguém especial que possa ficar ao seu lado em todos os momentos – incluindo os momentos mais difíceis -, e aprender a lidar com todas as situações. Ou seja, o namoro é uma das melhores fases da nossa vida, nela os adolescentes criam responsabilidade e além disso, adquirem um pouco mais de maturidade.

As drogas no Brasil

Diego Ribeiro

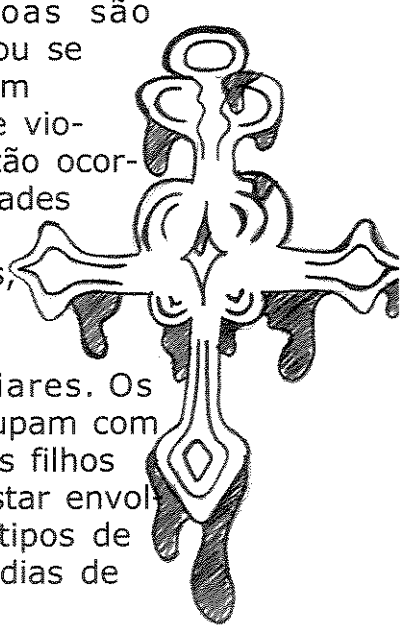


No decorrer dos anos, as mortes pelo uso de drogas aumentaram no Brasil. Enquanto em outros países algumas drogas são usadas como remédios, no Brasil, oferecem mais e mais drogas que não têm valor medicinal, só alucinógeno. As drogas mais usadas no Brasil são a maconha, a cocaína e o crack. Prejudicam a vida dos usuários porque quando a pessoa adquire o vício e não tem dinheiro para mantê-lo, ela muitas vezes rouba tanto outras casas como também a sua própria. Além disso, podemos citar os danos mentais e físicos que causam em seus dependentes. As mortes também são causadas pelos usuários como em acertos de conta e vingança contra os que não pagam os traficantes. Ou seja, as drogas agravam o nível de vida da sociedade brasileira.

A Violência hoje

Rogério Santos

Nos dias de hoje, a violência vem aumentando muito. Tudo piora com o uso de drogas que acaba prejudicando mesmo as pessoas inocentes e as que a usam, como também vem ocorrendo com o uso de bebidas que causam acidentes de trânsito, sem citar o número de assaltos nas ruas e assassinatos.



Muitas pessoas são prejudicadas ou se prejudicam com todos tipos de violência que estão ocorrendo nas cidades ou até dentro de suas casas, em viadutos, com idosos e outros familiares. Os pais se preocupam com a vida de seus filhos que podem estar envolvidos nesses tipos de violência dos dias de hoje.

Você é Cidadão?

Luciene dos Santos Alves

No mundo de hoje as pessoas não estão exercendo a cidadania, muitas não sabem nem o que é, muito menos exercer. Cidadania é saber exercer os nossos deveres perante a nossa sociedade e cobrar os nossos direitos, a fim de melhorar cada vez mais essa sociedade em que vivemos. Muitas pessoas não se preocupam com o que está acontecendo na nossa sociedade que a cada dia está se tornando mais capitalista, violenta e preconceituosa.

Essas mesmas pessoas não sabem também que a solução para acabar com isso está em nossas mãos, e que basta apenas pensar e agir com consciência para que possamos mudar essa situação. Se temos direitos por que não procurar quais são. E você sabe quais são os seus direitos? E os seus deveres enquanto cidadãos?

Ser cidadão é também procurar informações necessárias para saber exercer essa cidadania. Para adquirir essas informações existem livros, sites, jornais, revistas; todos esses meios de comunicação passam informações importantes. Desta maneira podemos conscientizar as pessoas que estão à nossa volta e motivando-as para que façam o mesmo, para que dessa maneira possamos melhorar o nosso presente e o futuro, que um dia será de nossos filhos.

Por fim veremos que ser cidadão é importante, e acima de tudo um desafio que pode se tornar uma grande recompensa, que depende apenas da nossa consciência. Você já começou a exercer os seus deveres e lutar pelos seus direitos? Então, está esperando o que para começar?

Minha intenção nesta redação é despertar o pensamento de cidadania, fazendo com que as pessoas pensem, reflitam e procurem se informar mais, para que dessa forma possam ter um pouco mais de consciência e comecem a agir exercendo esses deveres e direitos que nós temos, mas que muitas vezes esquecemos ou não sabemos.

Joseane S. Alves

Reportagem

Casa de Cultura Tainã: opção de cidadania

Osmar Hackermann Costa



Projeto Tambor Menino: muita música e danças populares

A Casa de Cultura Tainã surgiu em 1989. Seu nome em Tupi-guarani significa: *Caminho das Estrelas*. É administrada por Antônio Carlos Santos Silva, 50, músico, compositor e articulador cultural, que conta com a ajuda de seus companheiros Fabiano, Michel, Anderson, Denise, Alessandra, Higinio e Rafael.

A Casa de Cultura Tainã foi criada com o objetivo de organizar a comunidade a se ajudar socialmente, buscando soluções para seus próprios problemas. É um espaço cultural que oferece oficinas de música, de danças populares (maracatu) e muitas outras. Há também a Orquestra Tambores de Aço, Projeto Tambor Menino, Biblioteca Lidas e Letras, Informática com software livre que integram o Centro de Convivência e a Cooperativa Toninha.

A casa gera seus próprios recursos através de vendas e produção de instrumentos e de suas apresentações artísticas e culturais. Os interessados em participar, devem escolher uma das atividades e procurar a Casa de Cultura Tainã que fica na rua Inhambu, 645, na Vila Padre Manoel da Nóbrega (Praça dos Trabalhadores).

Forno e fogão

Alessandra Matiussi

Fátima Aparecida Anário, 46, trabalha como cozinheira no Progen. Moradora do Jardim Londres, no dia 1.º de março de 2004 fará sete anos que ela se dedica ao Projeto.

Fátima trabalha no Projeto Gente Nova oito horas por dia. Ela diz que cozinha de tudo um pouco. Faz bolos, pães, entre outros pratos. Ela aprendeu a cozinhar com sua avó aos nove anos de idade. Aos poucos foi tomando gosto pela arte e hoje se considera cozinheira de forno e fogão.

Às vezes, nos finais de semana, Fátima cozinha para fora, em buffets.

Bolo de Fubá

Ingredientes:

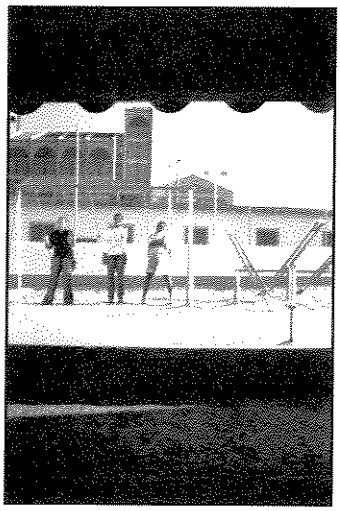
1 copo de fubá
3 copos de farinha de trigo
½ copo de açúcar
2 ovos
2 copos de água morna
1 colher e meia de fermento em pó

Modo de fazer:

Misture tudo e leve ao forno por 45 minutos.

Um CLICK no

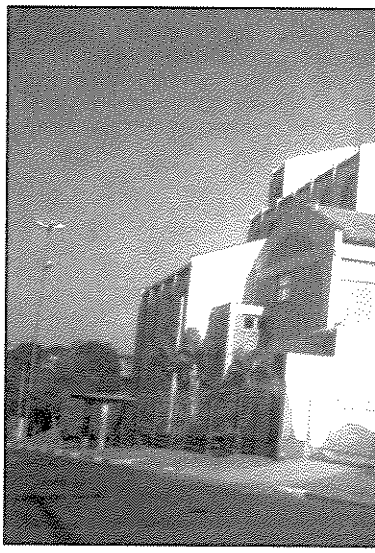
As páginas centrais do *Conexão Jovem* mostram um pouco
durante a Oficinas de Fotografia, coordenada pela jornalista
feitas pelos fotógrafos, configurando um jogo de texto e ima



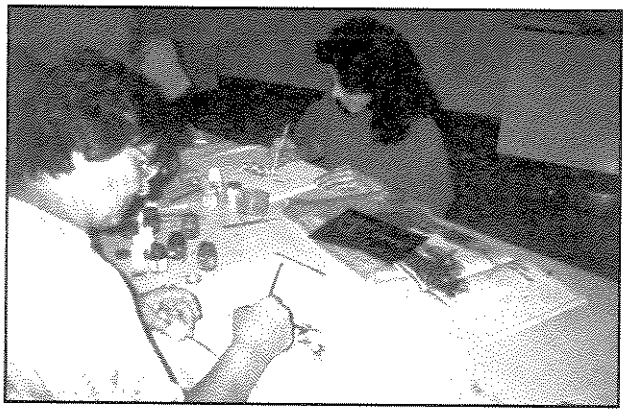
Infância jamais esquecida (Cintia)



Nas ruas das praças (Rogério)



Igreja de Guada



Grupo de senhoras pintam pano de prato (Jonathan Ribeiro)

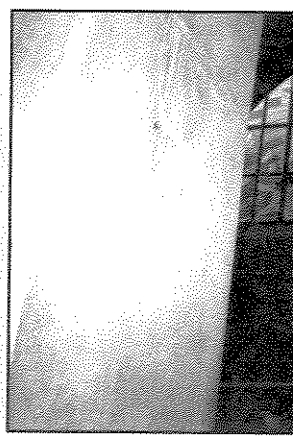


Esta imag a vid



Lugar de lazer: piscina da Praça dos Trabalhadores (Osmar)

A força positiva da Igreja Católica: imagens de anjos simbolizam



bairro Os jovens são os FOTÓGRAFOS

pouco daquilo que os adolescentes do Progen assimilaram
ana Bruno. As legendas aqui apresentadas também foram
n que revela o olhar desses jovens sobre o local onde vivem.



Carlos Henrique)



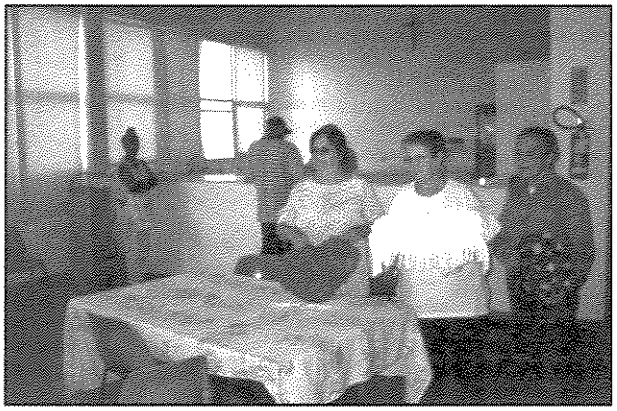
O esporte é bom pra saúde (Sabrina)



Horta cultivada no Progen: todos os dias é tratada (José Augusto)



epresenta
udio)



Igreja de Guadalupe: grupo de senhoras (Rogério)



a paz e a harmonia que devem estar presentes na vida do ser humano (Cláudio)



Árvores: Praça dos Trabalhadores (Vinícius)

Paródia

Adolescente põe nova letra em música de Sandy e Júnior

Osmar Hackermann Costa

Não dá mais para o povo viver

Está cada vez mais difícil já não posso crer

A violência no país não pára de aumentar

A vontade que eu tenho aqui no peito é lutar

O cheiro de maconha não sai do ar

Até crianças já estão traficando

É bala perdida em todo lugar

Já é hora de estar protestando

Até a lei está do lado de lá

Policiais não estão ajudando

É momento de desabafar

Essa história só está começando

Refrão

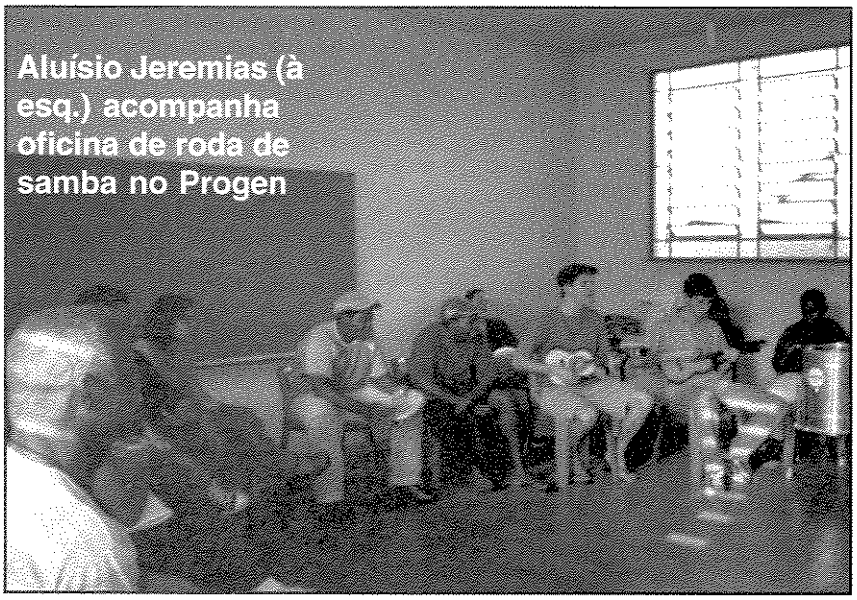
Vamos nos conscientizar

Que a lei não vai ajudar

Já é hora de aprender

Desse jeito não dá prá viver!

Reportagem



Aluísio Jeremias (à esq.) acompanha oficina de roda de samba no Progen

Rosas de Prata: "Fome zero, criatividade dez"

Ellen Fabíola da Silva
Luciene dos Santos Alves
Mônica Aparecida da Silva

A escola de samba Rosa de Prata foi fundada no dia 10 de Março de 1975 pelo artista plástico Aluísio Jeremias, 63 anos, e primeiro presidente da escola. A Rosas de Prata foi campeã, apenas uma vez no 1ª grupo e não se sabe ao certo quantas vezes no 2ª grupo. Os recursos que são repassados para a escola vêm da Prefeitura de Campinas, mas com muitas dificuldades.

A própria comunidade participava fazendo as fantasias, hoje as fantasias são feitas pelas pessoas mais ligadas com a escola.

Os ensaios eram feitos onde atualmente é a própria sede da escola.

Este ano, a escola tem como idéia principal o tema: "Fome Zero, Criatividade Dez". A idéia surgiu do próprio Aluísio que se sentiu motivado por algumas coisas que passam na televisão.

Aluísio acredita que é importante, pois o Carnaval consegue juntar todos os tipos de pessoas, independentes de condição social, de religião, de cor ou de opção sexual, coisa que segundo ele nem a própria igreja consegue juntar.

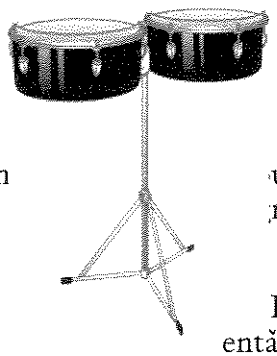
História Oral

"Tinha umbigada a noite inteira"

Nesta página, Aluísio Jeremias, 63 anos, fundador da Escola de Samba Rosas de Prata, fala do Carnaval e do samba à moda antiga. Lembra que os sambas de roda tinham muita umbigada, começavam à noite e só terminavam no dia seguinte. Os trechos aqui reunidos foram extraídos da longa entrevista concedida pelo carnavalesco aos integrantes da Oficina de História Oral, coordenada pelas professoras Olga von Simson e Maria Lúcia Rangel Ricci.

Veja aqui alguns trechos da entrevista:

"E eu tenho esse sonho desde criança. Eu me juntei com esse amigo, o Paulão, em 1972 e a gente vinha tentando fazer a escola, tentando, tentando e não tinha instrumento, não tinh dinheiro, não tinha nada e algumas pessoas até ironizando, ah, isso é conversa..."

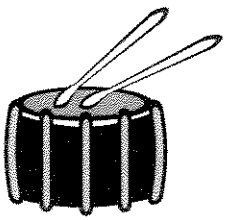


* * *

"Saia rodada. E elas, ficavam, as mulheres lá, e os homens, os tocadores aqui, eles vinham, encontravam... era como se fosse uma espécie de bumba meu boi, toreava, os caras do bumbo toreava aquelas 'nega véia', naquela coisa, eles cantavam os desafios e eles desafiavam. Por exemplo, se tivesse um cara de olho na 'nega' do outro, aí o cara vinha e já aproveitava pra dar uma umbigada."

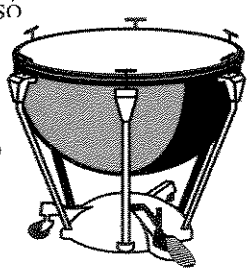
* * *

"...eu sempre estive muito ligado à cultura negra, sempre gostei muito, mesmo quando não sabia ler muito, eu vivi muito no meio, quando eu digo culturalmente, o que eu conheço é samba de roda e samba. Se você falar esse negócio de candomblé, de orixá essas coisas, eu sou leigo como a maioria dos brasileiros, sei muito uco, mas o negócio da cultura ra no que se diz carnaval de rua..."



* * *

Rosas do Futuro... então, aí eu comecei, a correr atrás das crianças, arrumei um cara pra dirigir a bateria e começar a treinar os meninos. Como não tinha dinheiro, não tinha recursos, não tinha nada, peguei umas latas, tinha aquelas latas de Sorvete Kibon, essas latas de óleo e botava os meninos pra... E os meninos já tinham talento, foi só organizar, a bateria já começou a engrossar o caldo também."



* * *

"É a mesma coisa só que com uma diferença, eu acho que naquela época tinha pessoa mais competente, hoje a prefeitura bota qualquer um pra julgar. Então existe muita injustiça, nunca houve tanta injustiça como tá existindo ultimamente. Acho que é interesse político, ele próprio teve lá, não foi jurado, mas ficou..."



* * *

"É que eu amo esse negócio de escola de samba, não tem como. Depois da minha família, a coisa que eu mais amo é esse negócio... mas com o carnaval em si eu tô um pouco decepcionado, mas eu amo mais é a Rosas de Prata, só me interessa a Rosas de Prata, o resto..."

* * *

"A Rosas de Prata, no passado, era formada por famílias, era uma grande família composta de várias famílias. Mas essa gente saiu...talvez devido a violência, eu não sei, as pessoas se afastaram."

Mensagem

Qual É

(Madre Tereza de Calcutá)

O dia mais belo? **Hoje...**
A coisa mais fácil? **Equivocar-se...**
O maior obstáculo? **O medo...**
O maior erro? **Abandonar-se...**
A raiz de todos os males? **O egoísmo...**
A coisa mais feliz a se fazer? **Ser útil aos demais...**
O maior mistério? **A morte...**
O pior defeito? **O mau-humor...**
A pessoa mais perigosa? **A mentirosa...**
O pior sentimento? **O rancor...**
O presente mais belo? **O perdão...**
O caminho mais rápido? **O correto...**
A sensação mais grata? **A paz interior...**
O melhor remédio? **O otimismo...**
A maior satisfação? **O dever cumprido...**
A força mais potente do universo? **A fé...**
A atitude mais simples? **Ter você mesmo...**
Um dom maior? **Estar vivo!**

Humor

__Cerveja__ como são as coisas.
Você não me __conhaque__
Não sabe de onde eu __vinho__
Então não me __campari__ com qualquer __rum.__

Crítica

Cidade de Deus



Vinícius Andrey Silva
Sylas Rampazzo Vilas Boas

Esse filme, baseado no romance de Paulo Lins, retrata a violência do dia-dia nas favelas do Rio de Janeiro. Mostra como as crianças se envolvem com crime, usando drogas, roubando e até matando.
O filme é proibido para menores de 16 anos. Uma boa censura, pois o filme é violento e tem muitos palavrões, e pode até influenciar alguns adolescentes a serem violentos ou a usar drogas.
É filme não muito recomendável, pois ao invés de mostrar as belezas do nosso país, mostra a miséria e a pobreza da periferia e da classe social menos privilegiada do Brasil.

Sinopse

Tempo de Duração: 130 min.
Diretor: Fernando Meireles.
Co-Produtor: Walter Salles
Atores Principais: Alexandre Rodrigues e Fernando Sabino

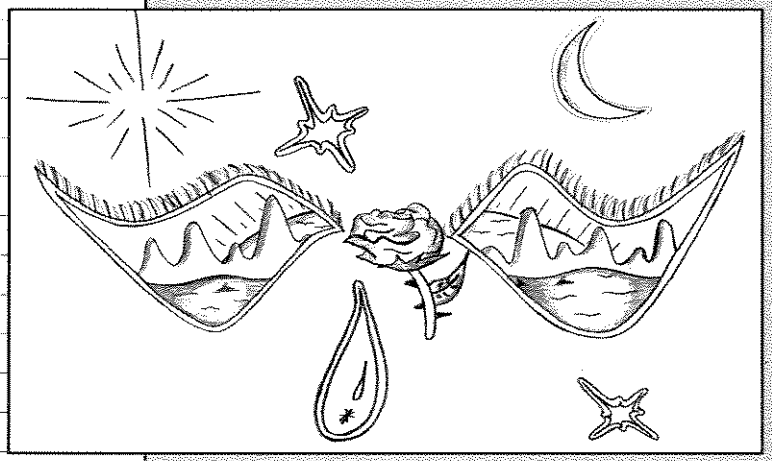
Poesia

Trabalho conjunto

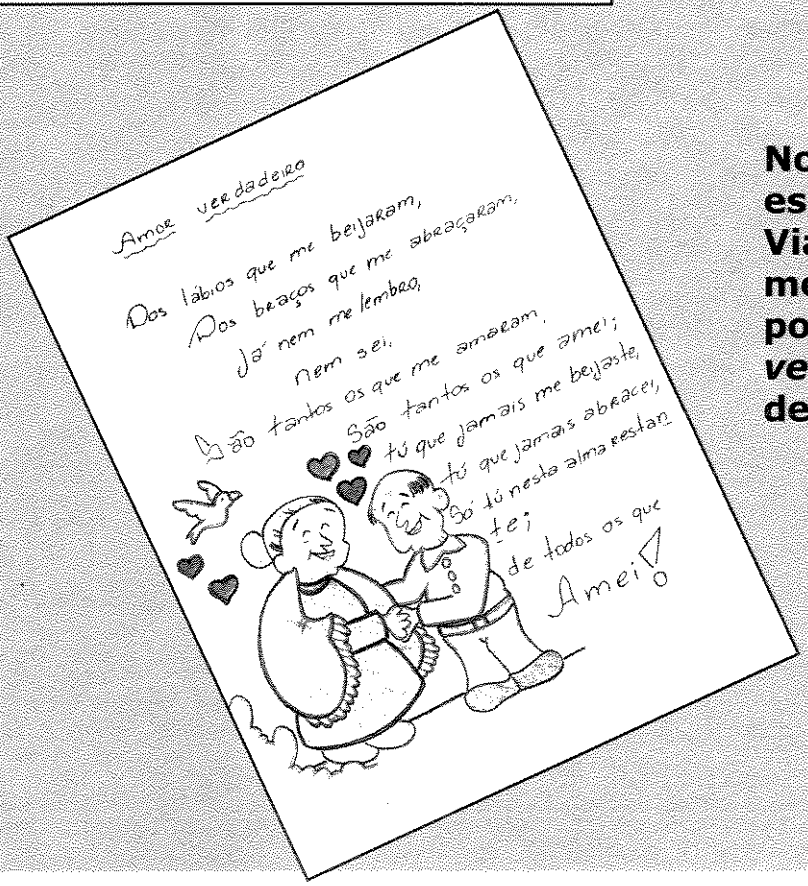
Sob seus olhos

Sob seus olhos
Passam nuvens sem cores
Passam rasgados sorrisos vircolores
Sob seus olhos
Deja medo
Deja rancores
Deja vida sem valores
Sob seus olhos
Reflete-se uma luz
Infinita como as estrelas
Passageira como um sonho
Rica como a esperança
Sob seus olhos
Ha um coração aquecido
Há uma beleza escondida
Ha segredos bonitos
Que só os verdadeiros amigos
Podem enxergar o que há
Sob seus olhos.

Mônica Ap. da Silva 18 anos



A ilustração acima mostra a leitura feita por José Carlos Neto inspirada na poesia *Sob seu olhos*, de Mônica Aparecida da Silva



No trabalho à esquerda, Cintia Alves Viana interpreta por meio de ilustração a poesia *Amor verdadeiro* (autor desconhecido).

Reportagem

Izabel e o Progen: "consciência e cidadania"

Assistente social dá continuidade ao trabalho iniciado pela irmã Míriam, em 1984

Cláudio Primo e Sabrina Freitas (texto)
Cintia Alves (ilustração)



Em 1984, um garoto pediu um pão na Casa das Irmãs Salesianas. A irmã Miriam ao ouvir o pedido do garoto deu um pão a ele. Ao lembrar daquele garoto que necessitava do pão a irmã refletiu: "hoje eu atendi ao pedido daquele garoto e os outros dias? Será que ele terá um pão para comer?" Este garoto catava sucata para poder vender e se sustentar, para ter o que comer.

Dominada pela preocupação e piedade do garoto, a irmã Miriam abriu um ferro velho nos fundos de sua casa para atender as necessidades de muitas crianças e pela situação daquele pequeno garoto que necessitava do pão.

O Ferro Velho chegou a ficar com sessenta crianças e como o número de crianças aumentou, as irmãs receberam ajudas das pessoas da comunidade que também se prontificaram a ajudar aquele ferro velho.

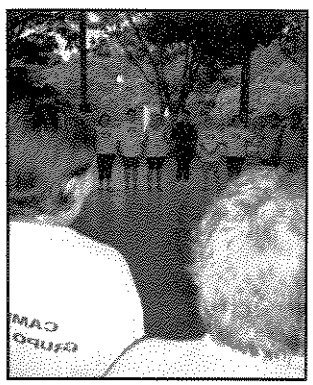
Numa certa época chegou a ter muitas crianças e com o auxílio de todos e do atual presidente do Progen, Ângelo Vitório Zambon, elas conseguiram um terreno.

Hoje, essa instituição com o nome de Projeto Gente Nova - aos cuidados de Izabel Cristina Santos de Almeida - atende cerca de cento e vinte crianças, adolescentes e oitenta e cinco famílias, proporcionando consciência e cidadania.

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, abril, 2004 - nº 2

Reportagem





Grupo conta com 40 participantes: convivência saudável e qualidade de vida

Reviver Reviver Reviver

Idosos se reúnem às quartas e sextas na Praça dos Trabalhadores para atividades físicas e alivío do estresse









Texto: *Amanda Cristina de Brito* - Foto: *Amanda Oliveira*

O Grupo de Idosos Reviver surgiu em 1990 com oito pessoas, durante uma conversa informal na cozinha da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe. Logo depois a igreja foi demolida para dar lugar ao Santuário e o grupo foi transferido para a Praça dos Trabalhadores onde se encontra até hoje.

"O Reviver foi criado com o objetivo proporcionar aos idosos atividades físicas ou de lazer. Visa promover a convivência com membros da comunidade , gerando assim, melhor qualidade de vida", afirma a coordenadora do grupo Aurora Alfredo do Carmo, 76 anos.



Ginástica, artesanato, viagens, bailes, almoços e outras atividades fazem o dia-a-dia do Reviver. "O grupo tem 40 participantes cadastrados, com idades que variam entre 45 a 83 anos", afirma a coordenadora-assistente, Dalvina Silveira, 71 anos.

O Reviver está aberto a toda a comunidade da Vila Castelo Branco e adjacências.

Os interessados em participar do grupo podem comparecer na Praça dos Trabalhadores (rua Mário Yahn, s/n), às quartas ou sextas, a partir das 8 horas da manhã, quando são realizadas as atividades de ginástica.









Editorial

Vontade de participar

Caro leitor,

Esta segunda edição do **Conexão Jovem** *é resultado de um trabalho conjunto que só se tornou possível pela vontade de realização dos jovens vinculados ao Projeto Gente Nova (Progen) da Vila Castelo Branco. Perseguindo uma estratégia de educação não-formal (aquela sem vínculos ou cobranças da escola formal), os jovens 'jornalistas' participantes são aqueles que espontaneamente quiseram dar prosseguimento ao trabalho iniciado em 2003. Participam também jovens que a partir da repercussão positiva obtida na primeira edição integraram-se ao projeto.*

A presente edição conta ainda com a participação de pessoas da comunidade que mesmo 'fora da pauta' contribuíram com a elaboração de textos - reflexo de um veículo que começa a ser incorporado pela comunidade da Vila Castelo Branco e bairros vizinhos. Outra novidade: a veiculação de anúncios publicitários que além de revelar a faceta do jovem empreendedor na busca por anunciantes mostra que alguns segmentos da comunidade estão apostando no projeto de um jornal comunitário que fale a língua do público a que se destina. Boa leitura!

Consultório Dentário

Dra. Graziela E. Trindade Vieira Machado

Pediatria · Periodontia · Prótese
Odontogeriatria · Dentística
Endodondia (canal) · Radiografia

☎ 3227-2695

Rua Castel Nuovo, 745 - Vila Castelo Branco

Anuncie

3269-6088

(a partir de R$ 10,00)

Palavra do leitor

Dinâmico

A Vila Castelo Branco acaba de ganhar um jornal comunicativo, interessante e dinâmico que informa a comunidade sem fugir da realidade.

Sueli Cristina da Silva, 37 anos, dona de casa

Obra-prima

Achei hilária a caricatura que a Cíntia Viana fez da coordenadora do Progen, Izabel. Amei. É é uma obra-prima.

Bianca R. de Souza, 17 anos, estudante

Linguagem simples

Achei o jornal legal. Foi escrito em uma linguagem simples e dinâmica. Tem reportagens interessantes e ilustrações legais.

Carolina Lombardoso, 17 anos, estudante

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Auxiliar de pesquisa: Maira Rodrigues (bolsista Fapesp) Jovens participantes: Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Amanda Cristina de Oliveira, Cíntia Alves Viana, Hugo Marcelino Amaro, Luciene dos Santos Alves, Natalie Iara dos Santos, Osmar Hackermann Costa, Rogério dos Santos e Vinícius Andrey Silva. Tiragem: 500 exemplares. Apoio: vereador Carlos F. Signorelli. Contatos: Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel. 19-3269-6088

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Opinião



ÁGUA
Fonte de VIDA

Texto: *Osmar Hackermann Costa* - Ilustração: *Natalie Iara dos Santos*

A Campanha da Fraternidade é um acontecimento da Igreja Católica que aborda todos os anos assuntos de interesses sociais. Ela se inicia na quarta-feira de cinzas e finaliza na Semana Santa. A Campanha da Fraternidade de 2004 aborda um tema muito preocupante: "a escassez da água doce no nosso planeta", que hoje se encontra numa situação de tirar o sono de qualquer um. Infelizmente poucos estão preocupados com o assunto.

Vale lembrar que do total da água disponível no planeta apenas 3% são água doce e desse total apenas 1% dá para consumir, pois os outros 2% estão congelados nos pólos marítimos.

A sociedade precisa se conscientizar que a água é vida, que ela está acabando e que a humanidade precisa dela para sua sobrevivência.

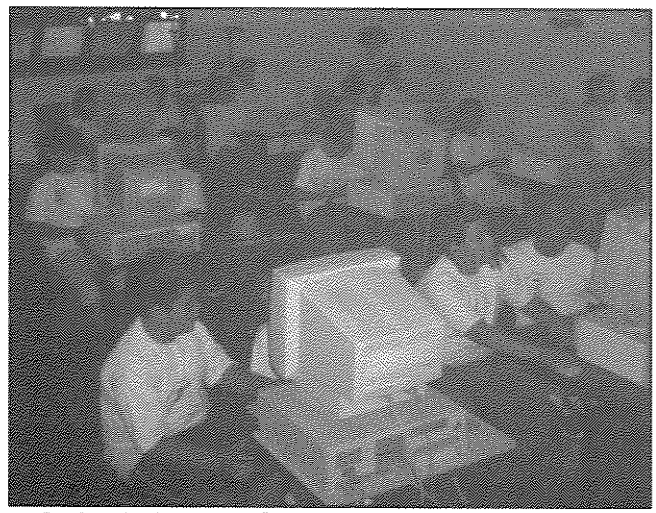
Enfim, devemos pensar coisas concretas sobre a água, pois ela é muito importante e precisa da nossa ajuda!

Cidadania

Ontem alunos, hoje instrutores

Texto: *Profa. Regina Helena Castelani Barbarini* - Foto: *Aline Alves*

Informática na escola? Isso mesmo. Na E. E. Professor Antônio Fernandes Gonçalves tem. Já acontece há três anos, a princípio só para os alunos das quartas séries que participavam uma vez por semana. Sempre foi um sonho da escola que todos os alunos tivessem a oportunidade de tocar num computador e ter noções de informática.



Aula de Informática: trabalho voluntário

Para as aulas de informática contamos com os adolescentes e jovens do Progen (Projeto Gente Nova) que neste ano está abrangendo todos os alunos da escola de primeira a quarta série.

Nossos jovens 'professores' são muito dedicados neste trabalho voluntário, iniciando com prazer nossos alunos no mundo da informática.

É muito gratificante para mim, professora nesta escola há bastante tempo, ver alunos que foram nossos retornarem hoje para fazer esse trabalho tão bonito.

Reportagem

CAMINHADA PELA PAZ

Texto e Foto: *Aline Alves*

A Vila Castelo Branco e os bairros vizinhos participaram da passeata "Caminhando pela Paz", realizada dia 4 de abril no Parque Taquaral.

Participaram do encontro membros da comunidade, voluntários e educadores envolvidos no Programa Escola da Família. Membros das escolas estaduais Professor Carlos Lencastre, Mário Natividade, Antônio Fernandes Gonçalves e D. João Nery estiveram presentes. Ônibus e peruas fizeram gratuitamente o transporte dos participantes.

Dirce
Salão de Beleza
Cortes · Químicas · Penteados
Escovas com chapa · Depilação com mel
Unhas artísticas · Manicure
ATENDIMENTO PARA NOIVAS
☎3228-4212
Rua Durvalino Guatemozin, 9 - Vila Castelo Branco
Home page: www.salaodirce.hpg.com.br - E-mail: salaodirce@ieg.com.br



Caminhando em nome da paz

Procissão e fé

Texto e fotos: *Osmar Hackermann Costa*

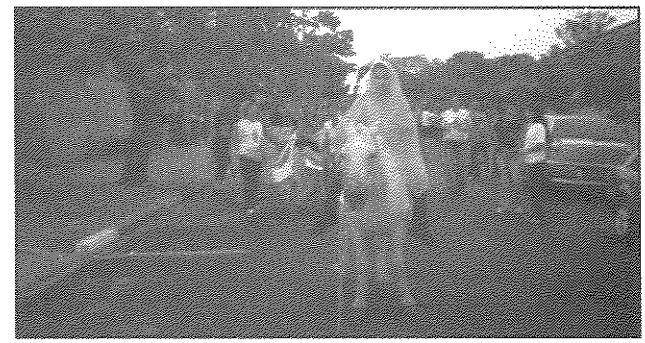
A celebração da Semana Santa no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe contou com a Missa Lava-pés, onde é lembrada a passagem bíblica em que Jesus Cristo, durante a Última Ceia, lava os pés de seus discípulos.



No dia seguinte, a Sexta-Feira Santa, ocorreu a "Caminhada pela Vida", que era intercalada com paradas para reflexões sobre "Água doce", tema da Campanha da Fraternidade 2004. Ainda na sexta-feira foi celebrada a Missa da Paixão e Morte de Jesus.

Sábado foi celebrada a Vigília Pascal, que é encerrada com a procissão com imagem de Jesus Cristo ressuscitado. Este ano, o ritual de fé contou com a participação do Coral "Sentido da Vida".

A celebração da Semana da Santa foi encerrada domingo pela manhã com a Missa da Ressurreição, no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe.



Procissão de Ramos com o Menino Jesus



Cerimônia do Lava-pés na Igreja do bairro

Desde o ano de 2001, por iniciativa da catequista Luciana C. dos Santos, a Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe vem mostrando a passagem bíblica do domingo de Ramos de uma forma inovadora. Entre a procissão e a Benção de Ramos, há uma encenação com as crianças que mostram Jesus Cristo chegando a Jerusalém montado em um burro.

Anuncie
3269-6088

Panificadora
Três Vilas
Pães & Doces
"Coma mais pão"
3227-3512
Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

Agro Londres
• Produtos para Agropecuária
• Acessórios para Pesca
• Rações • Vacinas
• Medicamentos
☎ 3229-1342
Av. Ibirapuera, 84 - Jardim Londres

Mensagem

Se for...

Se for pra esquentar...
que seja no sol
Se for pra enganar...
que seja o estômago
Se for pra chorar...
que seja de alegria
Se for pra mentir...
que seja a idade
Se for pra roubar...
que seja um beijo
Se for pra perder...
que seja o medo
Se for pra cair...
que seja na gandaia
Se existir guerra...
que seja de travesseiros
Se existir fome...
que seja de amor
Se for pra ser feliz...
que seja o tempo todo!

(Colaboração: Osmar Hackermann Costa)

Feira de Tudo, Um Pouco

Artesanato, alimentação, etc.

Todos os domingos, das 9 horas às 15 horas, na Praça do Ponto de Táxi

Vila Castelo Branco

Centro de Convivência e Cooperativa Toninha
Inscrição para expositor: 3229-7094

Invista nesta idéia

Anuncie: 3269-6088

Crítica



Débora e Selton: romance

Lisbela e o Prisioneiro

Vinícius Andrey Silva

É uma divertida comédia romântica baseada na obra de Osman Lins e conta a história do malandro, aventureiro e conquistador "Leléu" (Selton Mello), e da mocinha "Lisbela" (Débora Falabella). Esse filme mostra o lado romântico e engraçado do Brasil, mas ainda mostra algumas mortes, mas nada tão explicito. A censura é livre, também não tinha por que ser censurado, apesar de algumas cenas meio maliciosas - mas se não tiver malícia o filme não é brasileiro. Mas apesar de tudo é um belo filme e um exelente trabalho de um diretor brasileiro, mostrando que o Brasil não é um país violento assim como é visto pelo outros países.

Sinopse

Tempo de Duração: 106 min.
Diretor: Guel Arraes
Atores principais: Débora Falabella e Selton Mello
Censura: livre

PENSO EM TI

Texto e ilustração: *Osmar Hackermann Costa*

Imagino tão doce para mim.
E eu sinto perfume de jasmim.
Sempre olho em minha volta
Sonhando com teus beijos.
Se tudo o que eu faço penso em ti.
Seu amor me faz enlouquecer.

Deve ser porque só penso em você.
Todas as noites que repouso,
eu lembro dos teus olhos,
sua boca a me beijar,



penso em ti.
Cai a noite,
penso em ti.
Lua cheia,
penso em ti.
Em minha vida, nos meus versos,
penso em ti.
Amanhece,
penso em ti.
Sai o sol,
penso em ti.

Outro dia sem teus beijos
Penso em ti.

A AMIZADE

Texto: *Rogério dos Santos* - Ilustração: *Natalie Iara dos Santos*

Faço parte da vida daqueles que têm amigos, pois ter amigo é ser feliz.
Faço parte da vida daqueles que vivem cercados de pessoas como você, pois viver assim é ser feliz!
Faço parte da vida daqueles que acreditam que ontem é passado, amanhã é futuro e hoje, a dádiva, por isso é presente.
Faço parte da vida daqueles que acreditam na força do amor, que acreditam que para uma história bonita não há ponto final.



Reportagem

Gravidez na ADOLESCÊNCIA

Texto: *Luciene dos Santos Alves*
Foto: *Natalie Iara dos Santos*

14% das meninas engravidam antes dos 15 anos

Muitas garotas com idade entre 14 e 17 anos já são mães. isso está se tornando algo muito comum para muitas adolescentes. Mas será que ser mãe tão cedo é fácil? Como encarar essa situação? Para quem contar? O que fazer? Com certeza essas são as perguntas que rodeiam a cabeça de uma garota quando acha que está grávida. Foi o que aconteceu com Carolina Soraya Gonçalves Lombardoso *(foto)*, que engravidou aos 16 anos. "É difícil ser mãe tão cedo, ter que acordar várias vezes à noite. A responsabilidade aumenta", diz Carolina.



No caso de Carolina, ela teve o apoio do namorado e da família, mas isso não acontece com todas as adolescentes que engravidam. Muitas não recebem nenhum apoio e tudo acaba se tornando mais difícil.

Se você é garota e pretende iniciar ou já iniciou as suas relações sexuais, previna-se e procure se informar mais, para que uma gravidez inesperada não ocorra com você. A adolescência é a melhor fase da vida, então porque deixá-la passar tão rápido? Curta sua vida, mas não se esqueça de se prevenir.

Um terço dos jovens não usa camisinha

55% das meninas não ligam para a virgindade



Baltazar e Marta: reciclagem

Trabalho SÉRIO

Texto: *Hugo Amaro*
Foto: *Amanda Oliveira*

"Na comunidade existe uma cooperativa de reciclagem onde o objetivo é aprimorar a triagem e com isso aumentar o rendimento do trabalho", diz Antônio Carlos Baltazar, presidente da Cooperativa Santo Expedito, localizada na Vila Castelo Branco.

A cooperativa foi criada em 2003 e conta com 15 cooperados que trabalham com com resíduos sólidos como papelão e garrafa plástica. Esses materiais são coletados e passam por triagem e prensagem. A cooperada Marta Proeti afirma: "Eu acho que a cooperativa abriu portas para muita gente e contribui para a limpeza de ruas e praças públicas. A convivência na cooperativa é muito boa porque as pessoas são alegres e trabalham satisfeitas. E cada um tem sua família e precisa trabalhar".

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, maio/junho de 2004 - nº 3

Reportagem

Arraiá

Tem festa na Vila Castelo Branco. A comunidade se organizou e pela primeira vez na história do bairro a praça da igreja sedia uma festa junina

Texto: *Osmar Hackermann Costa*

Nos próximos dias 5 e 6 de junho (sábado e domingo) será realizada a Festa Junina do Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. A festa acontece a partir das 19 horas na Praça da Igreja. Estão programadas várias atrações como Quadrilha da Catequese (organizada pelos catequistas), Quadrilha da Juventude (organizada pelo Grupo de Jovens da Igreja), barracas de alimentação, barracas de jogos e correio elegante.



Guga

A entrada é franca e o dinheiro arrecadado será revertido às Pastorais da Saúde, da Família, da Catequese, entre outras. É grande a expectativa já que esta é a primeira Festa Junina coordenada pela Igreja. Os organizadores prometem uma festa bastante animada com muita música e comidas típicas. E avisam: o evento não tem hora para terminar. As pessoas interessadas em colaborar e participar do "Arraiá da Igreja" podem obter informações na Secretaria da Paróquia pelo telefone 3268-3118.

Muita alegria, boa música e comidas típicas deliciosas. Venha se divertir nesta festa que pretende reunir moradores da vila e dos bairros vizinhos

Editorial

Reconhecimento

Caro leitor,

Toda iniciativa na área da comunicação comunitária impressa requer a elaboração de, pelo menos, três edições para que o veículo comece a ser incorporado pela comunidade a que se destina. É o que já se percebe com este **Conexão Jovem** *que há cada dia vem ganhando o reconhecimento das pessoas que vivem nos bairros em torno da Vila Castelo Branco.*

Como é possível notar? Pela repercussão desse trabalho feito pelos jovens do Preogen. Esses jovens, que num primeiro momento imaginavam que não teriam conteúdo para preencher as páginas deste fanzine, hoje são obrigados a administrar demanda. Ou seja, a comunidade sugere pautas e quer se ver estampada nas páginas do jornal. Assim, são vários os assuntos e textos reservados - alguns já prontos - para a próxima edição.

Essa é a maior demonstração de que o veículo começa a ser reconhecido como porta-voz dos moradores. O bairro é notícia e, felizmente, assuntos positivos são veiculados.

Boa leitura!

Dirce
Salão de Beleza
Cortes · Químicas · Penteados
Escovas com chapa · Depilação com mel
Unhas artísticas · Manicure
ATENDIMENTO PARA NOIVAS
☎3228-4212
Rua Durvalino Guatemozin, 9 - Vila Castelo Branco
Home page: www.salaodirce.hpg.com.br - E-mail: salaodirce@ieg.com.br

Anuncie
3269-6088
(a partir de R$ 10,00)

Palavra do leitor

Escritor crítico

Acredito que esse tipo de atividade faz com que os adolescentes ampliem seus horizontes, descobrindo novas formas de expressão em que passam de um simples leitor a escritor crítico. Os textos são bem elaborados e alcançam as expectativas dos leitores. Parabéns a todos que participam deste trabalho.

Regiane Carminitti, educadora

Boa iniciativa

Adorei este jornal. Muito boa a matéria sobre o grupo de idosos que participam do Reviver (***Conexão Jovem***, nº. 2). É importante que a comunidade saiba de iniciativas como essa.

Francine Antonietti, estagiária em Terapia Ocupacional

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Auxiliar de pesquisa:** Maira Rodrigues (bolsista Fapesp) **Jovens participantes:** Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Amanda Cristina de Oliveira, Hugo Marcelino Amaro, Luciene dos Santos Alves, Osmar Hackermann Costa e Vinicius Andrey Silva. **Tiragem:** 500 exemplares. **Apoio:** vereador Carlos F. Signorelli. **Contatos:** Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel. 19-3269-6088

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Reportagem



Encontro reuniu cerca de 300 pessoas

Almoço marca o dia das MÃES e supera expectativas

Texto e fotos: Amanda Cristina de Oliveira



Comida à vontade

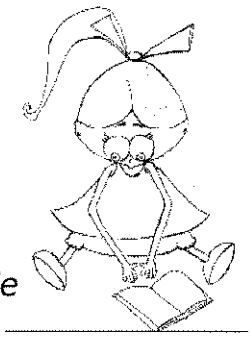
No último dia 9 de maio foi realizada na Escola Padre Francisco Silva uma festa em comemoração ao Dia das Mães. "Num primeiro momento imaginamos reunir cerca de 30 mães, mas quando faltava uma semana o número de convidados estava próximo de 300 pessoas", conta Doraci Teresa de Moraes Patrocínio, uma das organizadoras do evento.

Participaram do Almoço do Dia das Mães moradores da Vila Castelo Branco e de bairros vizinhos. A festa, além de sorteios, foi animada com grupo de pagode gospel. Fotógrafos e cinegrafistas registraram todos os detalhes de um dia muito especial para as mães da comunidade. A festa teve a colaboração de comerciantes, entidades e moradores da Vila Castelo Branco, Vila Padre Manoel da Nóbrega e Jardim Londres.

Opinião

Ler é estimulante

Texto: *Vinícius Andrey Silva*
Ilustração: *Amanda Cristina de Oliveira*



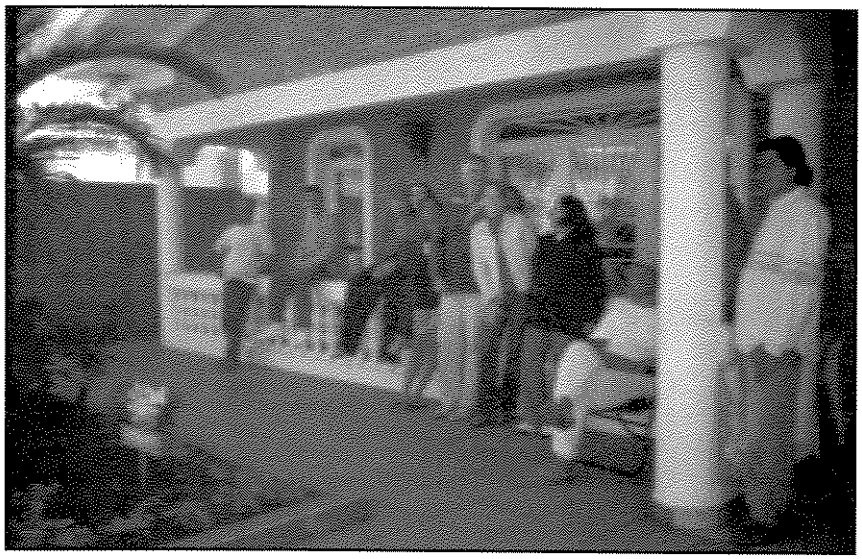
Ler é essencial. Nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura de livros. Através da leitura testamos os nossos próprios valores e experiências. No final de cada livro ficamos enriquecidos com novas experiências, novas idéias e novas pessoas.

Ler, às vezes, pode ser cansativo e até dar sono, mas se você se envolver com o livro e com o tema vai ver que ler um livro pode ser muito mais legal que ver um filme ou assistir TV. O livro nos fornece muitas informações e nos ajuda com pesquisas e trabalhos escolares.

Ler é estimulante. Tal como as pessoas, os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, e, às vezes, complicados. Os livros partilham sentimentos, pensamentos e interesses. Os livros nos colocam em outros tempos, outros lugares, outras culturas. Os livros nos colocam em situações e dilemas que nós nunca poderíamos imaginar que encontrássemos. Os livros nos ajudam a sonhar e nos fazem pensar.

Muitas vezes um livro tem que ser lido mais de uma vez. Uma primeira leitura superficial e relaxada nos impedem de entender certas abordagens sobre um tema. Uma leitura mais lenta e detalhada, sim, é o ideal para um bom entendimento. Todo o leitor tem a sua abordagem individual mas o melhor método, sem dúvida, de extrair o máximo de um livro é lê-lo várias vezes.

Reportagem



Pacientes passam o dia no CAPS do Jardim Londres

CAPS atende 100 pacientes

Texto: *Aline Maria Alves e Hugo Amaro*
Foto: *Aline Maria Alves*

Cerca de 100 pacientes se utilizam diariamente do Centro de Atenção Psico-social (CAPS) do Jardim Londres. O centro enfrenta algumas dificuldades, entre elas a falta de espaço adequado que permita, entre outras coisas, oferecer atendimento ininterrupto aos pacientes. "Há dias em que o paciente está em crise e não pode retornar para casa e, por isso, é encaminhado a outros hospitais", diz a terapeuta ocupacional Luciana Togni Surjus.

Apesar das dificuldades, o CAPS mantém um veículo, o "Busca ativa", que faz o transporte dos pacientes com dificuldades de locomoção. "O carro busca e leva esses pacientes", diz Luciana. O centro funciona de segunda à sexta-feira, das 8h00 às 18h00 e oferece, além do atendimento psicológico, café da manhã, almoço e lanche da tarde.

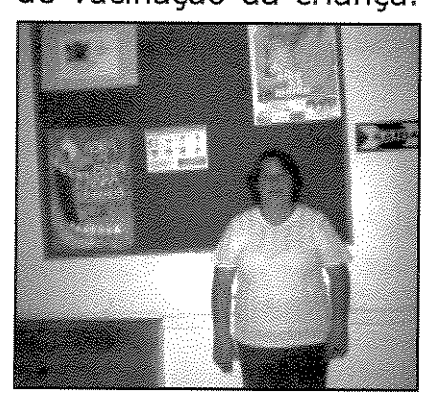
Para prestar atendimento, o centro conta com uma equipe de 18 funcionários entre médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, além de profissionais administrativos e de segurança. O CAPS é uma unidade de saúde mantida pela Prefeitura Municipal de Campinas e está localizada à Rua José Rosolém, 667 (telefone 3228-6168).

Dia 5 tem CAMPÓLIO

Texto e foto:
Amanda de Brito

No próximo dia 5 de junho (sábado) o Posto de Saúde Integração da Vila Castelo Branco participa da Campólio – Campanha de Vacinação Contra a Paralisia Infantil. "Estamos nos mobilizando para atingir o maior número possível de crianças", afirma a agente de saúde Leni Leda Zambotti.

Segundo Leni, a campanha tem a finalidade de conscientizar os pais sobre a importância da prevenção à doença. "As conseqüências são irreversíveis", lembra. A campanha tem como público-alvo crianças com idade entre zero e 5 anos incompletos. As crianças podem ser vacinadas em qualquer posto de vacinação. Os organizadores lembram que os pais devem apresentar a carteirinha de vacinação da criança.



Leni: conscientização

Reportagem



Zenilda: domingo na feira

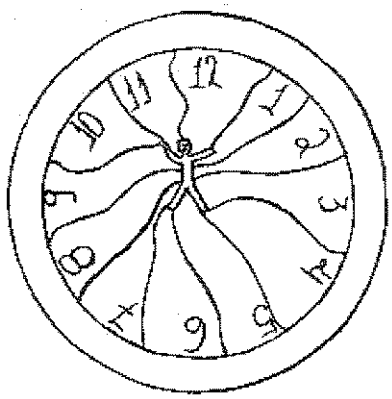
De tudo um Pouquinho

Texto: *Amanda de Brito*

A Cooperativa Toninha promove todos os domingos a Feira "De Tudo Um Pouco". A feira tem barracas de artesanato, alimentação, brechó, etc. e é realizada na Praça Ópera Lo Schiavo, na Vila Castelo Branco, sempre das 9 às 15 horas.

"Para ter uma banca e comercializar seus produtos é necessário fazer inscrição", lembra a coordenadora da feira Zenilda Martins da Silva. Os interessados devem pagar uma mensalidade de R$ 10,00. Também é possível expor ocasionalmente. "A taxa diária é de R$ 2,50", diz Zenilda. Segundo a coordenadora, muitos expositores são inconstantes e "isso é ruim, pois muitos expõem uma única vez e não voltam mais. É necessário que o expositor aposte na idéia". Informações pelo telefone 3229-7094.

Poesia



O Tempo

Texto e ilustração: *Hugo Amaro*

Foi-se o Tempo
Em que eu fazia
Todo o dia estripulias

Foi-se o Tempo
Em que eu roubava
Jabuticaba do seu
Carnália

Fiz o Tempo
A me ensinar
A roubar
E a matar

Faz o Tempo
Me parar
Pra pensar
Se irei continuar

Paro e penso
Penso e vejo
Que perdi
Um grande
Tempo.

BELAGELL

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
CONSERTOS EM GERAL
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO
VENDA DE APARELHOS NOVOS E SEMI-NOVOS
SUPER DESCONTOS E VÁRIAS FORMAS DE PAGAMENTO
Gradiente - LG - Motorola - Sansung
Ericon - Qualcom - Nokia

VENHA NOS VISITAR

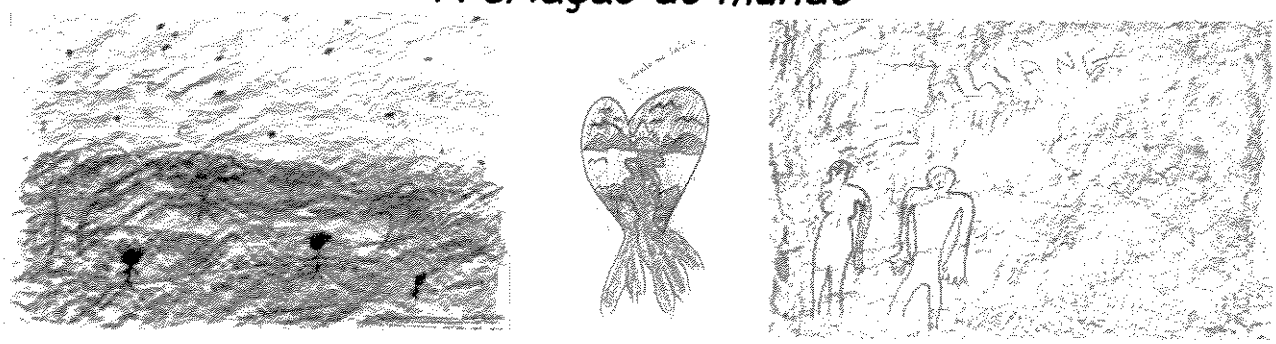
Avenida Ibirapuera, 880 - Jardim Londres
CEP 13061-280 - Campinas - SP
Fone: (19) 3267-7325 - Celular: 9712-6524

Criatividade

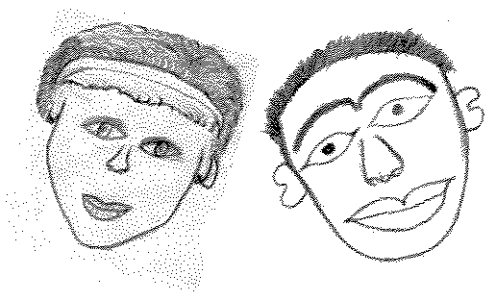
Oficina de Idéias

Educadores ligados ao Centro de Memória da Unicamp ofereceram de março a maio Oficinas de Criatividade para os adolescentes dentro da programação do Progen. Nesses encontros, coordenados por Zula Garcia Giglio, o grupo **respirou** porque o ar é básico; **alongou o corpo** porque é preciso ocupar o nosso lugar no espaço; **espreguiçou a mente** porque idéias são fruto do pensamento ativo e **pôs as mãos pra trabalhar** movimentos, desenhos e argila. A inspiração veio do colega, de histórias e até mesmo de um cochilão sobre as fantasias. Mesmo os trabalhos individuais são devidos à participação de todos.

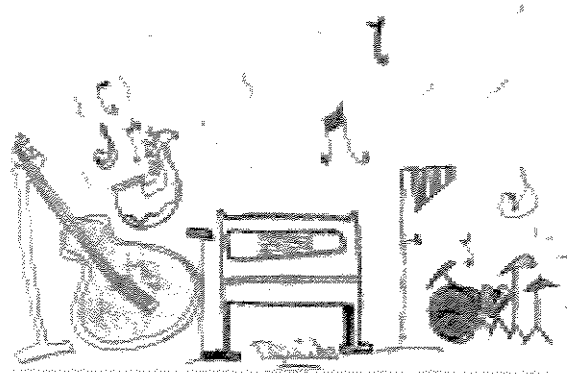
A criação do mundo



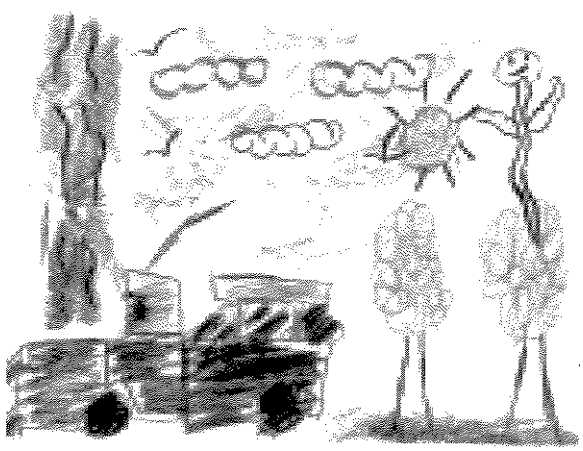
Os amigos na ponta do lápis



Desenhando a música



Ilustrando a história





Mensagem

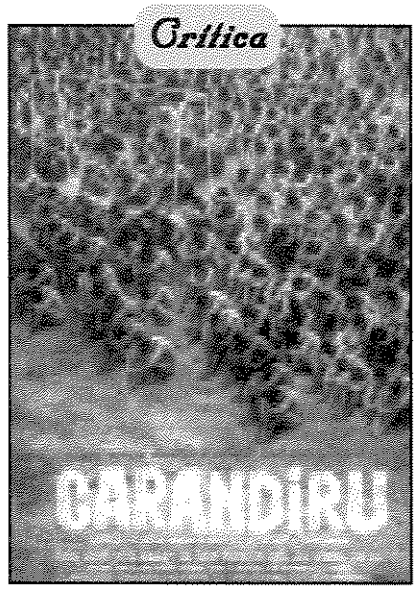
Receita de uma Vida Plena

Ingredientes:
Família (é aqui que começa)
Amigos (nunca deixe faltar)
Raiva (se existir, que seja pouca)
Paciência (a maior possível)
Lágrimas (enxugue todas)
Sorrisos (os mais variados)
Paz (em grande quantidade)
Perdão (à vontade)
Desafetos (se possível nenhum)
Esperança (não perca jamais)
Coração (quanto maior, melhor)
Amor (pode abusar)
Carinho (essencial)

Modo de preparar:
Reúna a sua família e os amigos.
Esqueça os momentos de raiva e desespero passados.
Se precisar, use toda a sua paciência.
Enxugue as lágrimas e as substitua por sorrisos.
Junte a paz e o perdão e ofereça a seus desafetos.
Deixe a esperança crescer em seu coração.
E lembre-se: nem sempre os ingredientes da vida são gostosos.
Portanto, saiba misturar todos os temperos que ela oferece e faça dela um prato de raro sabor.

(Colaboração: Luciene dos Santos Alves)

Crítica



Cartaz do filme de Babenco

Carandiru

Luciene dos Santos Alves

O filme *Carandiru* é baseado no livro *Estação Carandiru* do médico Dráuzio Varella. O filme retrata o cotidiano de mais de sete mil detentos que estavam na hoje extinta Casa de Detenção do Carandiru, na área urbana de São Paulo.
O filme, dirigido por Hector Babenco, retrata assuntos como violência, AIDS, homosexualidade e drogas. O filme não é recomendado para menores de 16 anos. Há cenas fortes e chocantes que realmente impressionam.

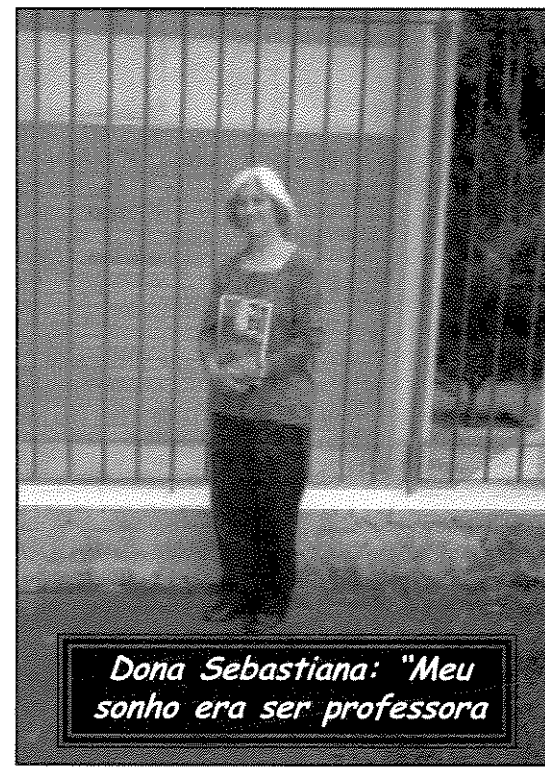
Sinopse

Tempo de Duração: 147 min.
Diretor: Hector Babenco
Atores principais: Rodrigo Santoro, Milton Gonçalves, Luís Carlos Vasconcelos, Maria Luisa Mendonça e Caio Blat
Censura: 16 anos

Reportagem

"Escrever é o melhor remédio"

Texto e foto: *Luciene dos Santos Alves*



Dona Sebastiana: "Meu sonho era ser professora

As pessoas possuem muitos talentos, algumas para o esporte, outras para a arte. Todos nós possuímos um talento, uma certa facilidade para fazer algo. Este é o caso de dona Sebastiana Rosa de Andrade que aos 63 anos transmite muitos valores através de suas poesias; valores que podemos considerar essenciais para a vida de qualquer pessoa.

"Comecei a escrever devido a um problema que me deixou muito nervosa. Eu tinha vontade de fugir para uma estrada e abandonar tudo. Parei por um instante e pensei em Deus. Meditei sobre a vida e percebi que fugir não seria a solução. A partir disso surgiu a inspiração para escrever", diz a poetisa.

Dona Sebastiana escreveu sua primeira poesia no dia 23 de junho de 1987. Ela diz que não sabe quantas poesias já escreveu e afirma que nunca participou de concursos. Tem vontade de publicar seus textos para transmitir um valor positivo sobre a vida. "Meu sonho era ser professora, mas como morava na roça as coisas tornaram-se muito difíceis", lamenta. O prazer de ir à escola era tão grande que dona Sebastiana confidencia que pediu à professora que a reprovasse na terceira série, só para ela ficar mais um ano assistindo às aulas.

Dona Sebastiana é um exemplo de vida para qualquer pessoa, principalmente para aquelas que reclamam da vida e esquecem de vivê-la. Pare um pouquinho para pensar em sua vida e veja o que você pode fazer para ajudar alguém que está à sua volta, pois um simples gesto e uma simples palavra - mesmo que escrita - fazem muita diferença.

Trecho

A todos os jovens

Para onde o vento sopra, a cabeça penderá,
Lá longe, muito longe, não sabe o que vai encontrar,
É tarde, tarde demais, porque não quis escutar.
Por isso peço meu jovem, pare para pensar.
Não deixe que o vento leve o destino que não volta mais.
A vida é muito bela, por isso saiba aproveitar,
Não faça nada sem primeiro pensar..."

ConeXão Jovem

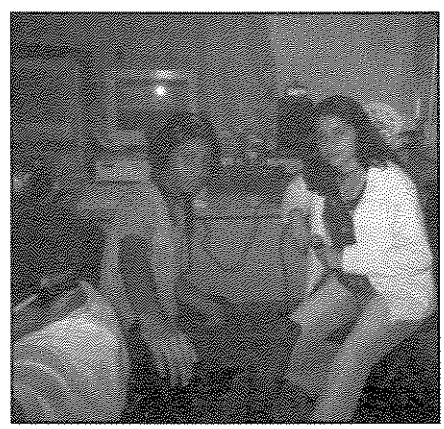
Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, junho/julho de 2004 - nº 4

Reportagem

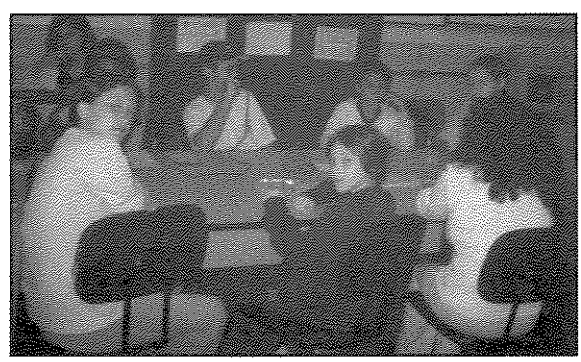
Fala, Galera

Texto: *Amanda Brito* - Foto: *Amanda Cristina de Oliveira*

A Escola Padre Francisco Silva criou há três anos a rádio-escola "Espaço Aberto" (FM 100.9). Segundo a inspetora de alunos Cleusa Moraes de Oliveira, uma das principais atrações é o programa Oficina Jovem, totalmente produzido pelos alunos.



A rádio conta com apoio exclusivo da escola. Os aparelhos foram comprados com verba do programa 'Conta-escola', com recursos liberados pelo Governo do Estado. Está instalada nas dependências da própria escola e pode ser sintonizada a uma distância de dois quilômetros.



Alunos durante atividade na FM Espaço Aberto: aprendizado com prazer

Cleusa de Oliveira afirma que a rádio foi criada com o objetivo de envolver os alunos, divulgando as atividades escolares e fatos ligados à comunidade. "Esperamos que a iniciativa permita descobrir novos talentos, pois os alunos têm oportunidade para a realização de entrevistas com professores e alunos. Eles podem fazer reportagens sobre a biblioteca, trabalhos em sala de aula e leitura de mensagens", diz a inspetora. A emissora também abre espaço para músicas de diferentes gêneros.

Os alunos que estão há mais tempo atuando na rádio se tornam os oficineiros, ou seja, ensinam o que aprenderam para os iniciantes. "Acho muito bom o programa. É saudável e aprendemos muitas coisas novas, diz o aluno Robson de Andrade, 12 anos, integrante da equipe que faz a rádio. A ouvinte e aluna Thaís Hellen da Silva diz que o progarma Oficina Jovem é uma atividade diferente e divertida que dá oportunidade a todos os alunos.

Sintonize:

FM 100.9

Segundas, quartas e quintas:
das 10h às 12h

Sextas:
das 11h às 12h30

Editorial

Caminho inverso

Caro leitor,

Esta quarta edição do **Conexão Jovem** *é marcada por fato novo. Este veículo foi concebido como produto de um trabalho de estratégia de educação não-formal, ou seja, a educação desenvolvida fora do âmbito da escola. Entretanto, fomos surpreendidos com a chegada de um material produzido em sala de aula pelos alunos da quarta série da Escola Estadual Antonio Fernandes Gonçalves.*

Orientados pela professora Eliana Aparecida Machado, os alunos elaboraram redações sobre o conteúdo do jornal. Assim, o veículo, produzido fora do ambiente escolar, faz o caminho inverso, entra na sala de aula e é usado como instrumento pedagógico pela professora, mostrando que as atividades (educação formal e educação não-formal) podem ser complementares. Cabe salientar que não se trata de um reforço escolar e sim de um trabalho que, somado aos conhecimentos adquiridos em sala de aula, pode tornar-se um meio de expressão e de valorização da auto-estima.

A partir desta edição, integra-se à equipe o educador Itamar Rocha que passa a assinar algumas ilustrações, como as da página ao lado. Reportagens, críticas, mensagens e poesias completam a presente edição. Boa leitura!

Palavra do leitor

Interesse local

Jornalismo é muito importante para os dias atuais já que traz informações necessárias referentes ao cotidiano. Por isso considero interessante e muito importante os jornais e este *Conexão Jovem* contribuirá com esta comunidade mostrando informações de interesse local.

Uiara Danelutti, estagiária em Terapia Ocupacional

Crescimento

O *Conexão Jovem* é mais uma boa iniciativa para o crescimento dos jovens do Progen.

Carla Cristina de Souza, estudante

Icentivo

Este jornal é um grande incentivo para a juventude que vive tão desamparada nos dias de hoje.

Andrezza Figueiras, estudante (supletivo)

Alicerce

Quem me dera ter tido na minha juventude um alicerce como este proporcionado pelo jornal feito pelos jovens do Progen.

Paola Ribeiro, universitária

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Auxiliares de pesquisa:** Maira Rodrigues (bolsista IC - Fapesp) e Fernanda Mandetta (estagiária Faep - Oficina de História Oral). **Jovens participantes:** Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Amanda Cristina de Oliveira, Ellen Fabíola da Silva, Hugo Marcelino Amaro, Luciene dos Santos Alves e Osmar Hackermann. **Tiragem:** 500 exemplares. **Apoio:** vereador Carlos F. Signorelli. **Contatos:** Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel.: 19-3269-6088 - fax: 3269-6346.

Realização:

Centro de Memória Unicamp



Violência contra menores

Texto: *Osmar Hackermann* - Ilustração: *Itamar Rocha*

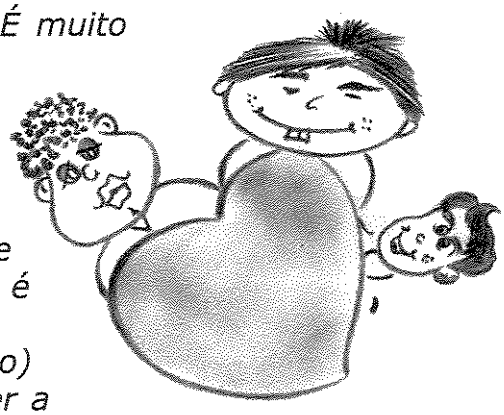
Vamos, pare um pouco para pensar. Cada vez mais vemos e ouvimos casos de crianças que são maltratadas pelos pais e familiares. Esse índice vem aumentando há cada ano. É grande o número de crianças e jovens que são violentados fisicamente e verbalmente. Muitas dessas crianças têm tudo na vida: boa escola, boa casa... mas isso não é nenhuma vantagem já que algo de que precisam tanto não têm: o respeito. Há situações ainda mais delicadas como as das crianças que são molestadas sexualmente e torturadas (muitas vezes até a morte).

A criança e o adolescente têm seus direitos e deveres que podem ser encontrados no Estatuto da Criança e do Adolescente. Por isso, qualquer abuso ou violência contra eles deve ser denunciado na Delegacia de Polícia. O agressor, merecidamente, pode ir para a cadeia.

Preconceito, jamais

Texto: *Osmar Hackermann* - Ilustração: *Itamar Rocha*

Hoje em dia, o que mais se vê no mundo é o preconceito entre as pessoas que são iguais. É muito comum ouvir falar no assunto, mas quase ninguém se importa com essa submissão. Às vezes, você é vítima disso e nem se dá conta e isso, infelizmente, acontece todos os dias.



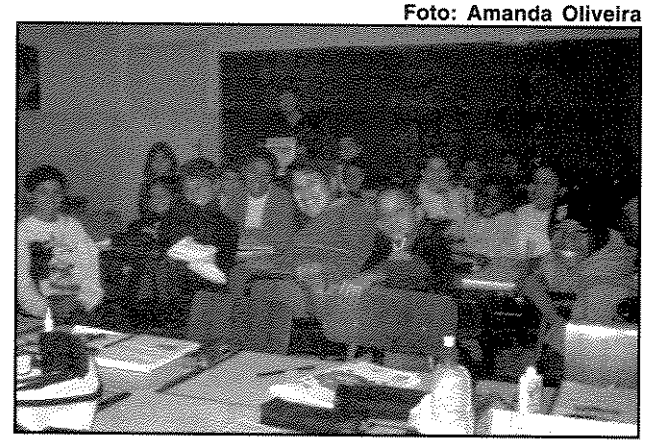
E o pior: ninguém se queixa - as pessoas se conformam. Por exemplo, o preconceito racial é crime e pode dar prisão. Preconceito contra homossexuais (tanto masculino como feminino) também é comum. Não devemos nos submeter a isso tudo. Assim, nós temos nossos direitos e o próximo também tem os seus. Respeito é algo que é muito bom para uma vida saudável e feliz.

Aprendizado

Na sala de aula

Cada edição, uma surpresa — felizmente, positiva. Mal foi lançada a 2ª edição do ***Conexão Jovem*** e o jornal já estava circulando pelas escolas do bairro. A professora Eliana Aparecida Machado, da 4ª série 'A' da E. E. Antonio Fernandes Gonçalves, não perdeu tempo: fez do informativo um instrumento pedagógico. Pediu aos alunos *(foto ao lado)* que lessem os textos e depois fizessem uma redação sobre o assunto. O resultado pode ser conferido nos textos que se seguem.

Foto: Amanda Oliveira



Interessante

Achamos as reportagens e os textos interessantes. Vimos que a Cooperativa de Reciclagem do bairro obtém bons resultados, diminuindo a sujeira da cidade e do meio ambiente. É válido o fanzine falar sobre os idosos, ajudando-nos a conviver melhor com eles. Também é bom o jornal falar sobre a importância dos jovens se prevenirem quando iniciarem a vida sexual. A caminhada pela paz é um ótimo meio para a violência diminuir na cidade de Campinas. É importante não desperdiçarmos a água doce porque se não aprendermos a economizar não teremos água para cozinhar, beber e tomar banho. Todos precisam entender que não podemos desperdiçar o líquido mais puro e necessitado do planeta que é a água, porque sem ela não podemos viver. Todos os membros da equipe consideraram o jornal um ótimo trabalho. **Autores: Amanda Rocha Evaristo, Beatriz Giovana Christão, Genaro C. Gonzaga e Karoline Rodrigues Godoy**

Educativo

Este jornal é muito educativo pois os temas abordados são interessantes para toda a comunidade - despertam a consciência para a cidadania. Dentre os assuntos importantes destacamos: esporte para idosos, mostrando, inclusive, como o idoso pode se inscrever para participar do grupo Reviver. Também fala sobre a água disponível no platena Terra. Mostra que dos 3% de água potável, apenas 1% dá para beber porque os outros 2% estão congelados nos pólos marítimos. Temas como procissão, gravidez na adolescência e reciclagem são assuntos que consideramos muito importante. **Autores: Caio Carrara Francisco, Daniel Albert Souza dos Santos, Emanuel Galileu de Oliveira, Michele Fernanda de Souza Borges**

Criativo

O jornal ***Conexão Jovem*** *é muito criativo e mostra muitas reportagens interessantes com a do esporte para os idosos (Grupo Reviver), gravidez na adolescência, reciclagem, água doce e a caminhada pela paz. São reportagens muito legais. Os poemas e as mensagens foram escritos de maneira muito romântica, criativa e inteligente. Esperamos que o jornal continue sendo informativo, interessante e criativo. As fotos de todas as reportagens estão bem feitas, principalmente a dos alunos na sala de informática. Achamos o jornal ótimo.* **Autores: Aline Cristina Fortes, Dagoberto José Leocádio, Carlos Eduardo Ribeiro Poli e Pâmela Paulina Pereira**

Informativo

Todas as reportagens são educativas e informativas. Agora vamos dar exemplos de algumas reportagens legais: atividades física e de lazer para os idosos, a caminhada pela paz, a procissão na celebração da Semana Santa no Santuário N. Sra de Guadalupe. Textos sobre a água (fonte de vida) e sobre a informática na Escola Antonio Fernandes Gonçalves também são bons. As fotos do ***Conexão Jovem*** *são nítidas e bem organizadas. E nós, da 4ª série A, estamos parabenizando as voluntárias Aline Alves, Amanda Oliveira e Amanda Brito (do Progen) pelas aulas de informática realizadas em nossa escola.* **Autores: Guilherme da Silva Souza, Thalison Porto de Lima, Ariel Gabriela da Silva e Matheus Fernando Silva**

Reportagem

Festas animam a comunidade

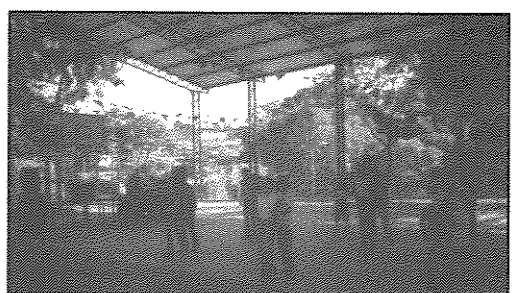
Texto: *Osmar Hackermann e Aline Alves* - Fotos: *Osmar Hackermann e Amanda de Oliveira*

O mês de junho agitou a comunidade da Vila Castelo Branco e de bairros vizinhos. Nos dias 5 e 6 de junho aconteceu a festa junina da Paróquia de N.S. de Guadalupe. O evento contou com várias atrações como a apresentação da Quadrilha da Catequese, barracas de jogos e pesca. As prendas distribuídas foram doadas pelas crianças da catequese da paróquia e pelos e fiéis. No domingo a festa contou com a apresentação do Coral 'Sentido da Vida' que interpretou repertório com diversas músicas juninas. No mesmo dia teve a Quadrilha da Juventude e o casamento caipira. As barracas de alimentação tiveram grande movimento. O dinheiro arrecadado foi destinado para obras da própria paróquia.

No dia 19 foi a vez da Festa Junina da Praça dos Trabalhadores. As educadoras do Progen Regiane Alexandra Carminitti e Míriam Franco da Silva organizaram a apresentação das crianças e dos adolescentes que dançaram forró e country. Os adultos do grupo Reviver também festejaram. A Associação dos Moradores do Jardim Garcia também organizou sua festa. No dia 23 de junho o grupo Gira Vida fez uma festança, reunindo associados e moradores dos bairros.



Festa da Igreja



Festa na Praça dos Trabalhadores



Festa do Gira Vida

Invista nesta IDÉIA
Anuncie:
3269-6088
(a partir de R$ 10,00)

Panificadora
Três Vilas
Pães & Doces
"Coma mais pão"
☎ 3227-3512
Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

Chopperia
Show de Bola
Música ao vivo
sextas e sábados
Videokê
domingos
Disk Lanche
3228-5457
Avenida Ibirapuera, 354
Jd. Londres - Campinas

Reportagem

Campólio atinge expectativa. Em agosto tem mais

Texto e foto: *Amanda Brito*

A primeira etapa da Campólio (Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite) realizada dia 5 de junho no Posto de Saúde Integração *(foto)* atingiu a expectativa: foram vacinadas 1.500 crianças com idade entre zero a cinco anos incompletos.

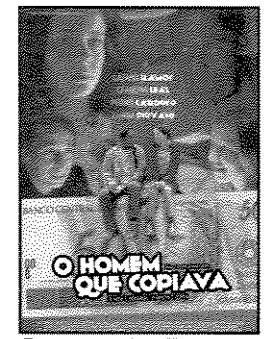
"A vacinação foi muito tranqüila e a comunidade colaborou bastante", afirma a agente de saúde Leni Leda Zambotti. Ela lembra que em agosto será realizada nova etapa da Campólio.



Crítica

O Homem que Copiava

Osmar Hackermann



Cartaz do filme de Furtado

O filme retrata como um simples operador de copiadora, André (Lázaro Ramos) foi além de suas razões falsificando notas de dinheiro para conquistar uma mulher, Sílvia (Leandra Leal). Um filme dramático, temperado com bom humor, aventura e diversão. Uma obra proibida para menores de 12 anos com a direção de Jorge Furtado, tendo ainda no elenco Pedro Cardoso e Luana Piovani, com a participação especial do ator consagrado nos palcos de teatro, Paulo José.

É um filme que deve ser visto pois retrata a realidade de um trabalhador brasileiro da atualidade.

Sinopse

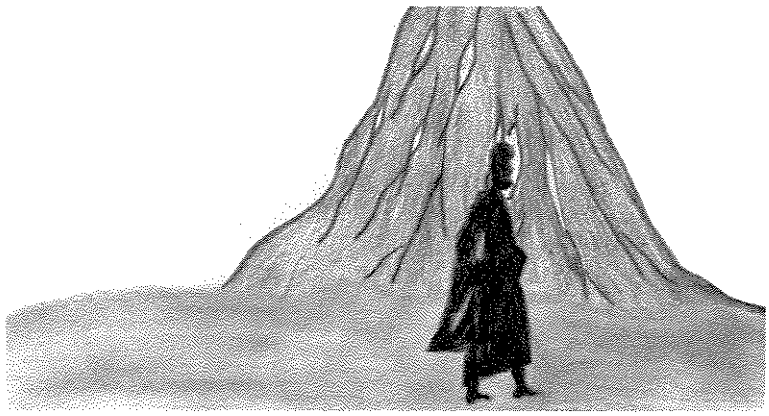
Produção: Brasil, 2003
Tempo de Duração: 130 min.
Diretor: Jorge Furtado
Atores principais: Lázaro Ramos e Luana Piovani
Censura: 12 anos

Camu
Confecções
Uniformes escolares
e profissionais com bordado
computadorizado e silk-screen
FONE: 3227-1775
Rua Claudino Lopes, 482 - Jardim Londres

ANFLA VÍDEO
Vídeo Locadora
Lançamentos em DVD e VHS
Aberto de segunda a sábado das 9h às 20h
Domingos e feriados: 9h às 13h
☎ 3269-4174
Rua Ema, 70 - Vila Pe. Manoel da Nóbrega

STILLO MODAS
Moda Masculina, Feminina e Infantil - Bijuterias e Acessórios
Av. José Rosolen, 733 - Jardim Londres - Fone: 3267-9242
(Em frente ao Supermercado Brotense)

Mensagem

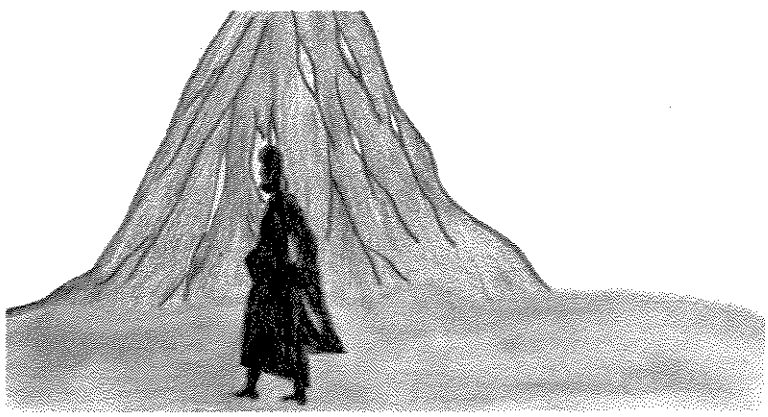


Paciência

Texto: *Sebastiana de Andrade*

Ilustração: *Itamar Rocha*

Em nossas vidas temos muitos testes. Para vencer estes testes temos que atravessar um oceano de paciência e de esperança.
Vem de muita garra, muita fé.
Não podemos perder nenhum segundo de nossa vida.
Devemos ter nosso coração aberto e preparado para todas as tempestades que vierem.
Subir montanhas, descer abismos, arrastando o quanto o fôlego aguentar.
Não tenhas medo de nada.
Não marque o tempo, pois chegará o dia da vitória. Tenhas fé em Deus.
Não devemos desanimar em nossas caminhadas.
Que sejamos todos iluminados pela luz divina.



Eu sou ASSIM

Autor: *Osmar Hackermann*
(Inspirada na música *This is me*)

Algumas pessoas levam a vida perdida e confusa, fingindo ser outra pessoa, criando ilusões.
Mas como encontrar o verdadeiro amor se as vibrações que você passa não são reais - o que você é e o que você tem sem mistério.
Então trate de se mostrar e diga o que quer dizer de alma aberta.

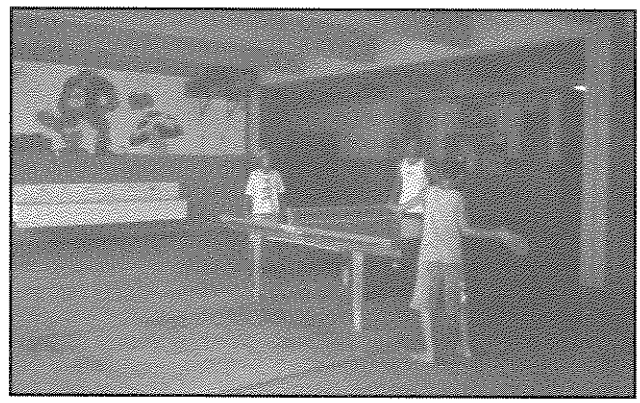
Diga o que quer e como quiser. Orgulhe-se, pois não existe ninguém como você. Não ceda ao ódio. Deixe o amor reinar.
Levante a cabeça e diga: "Eu sou assim!"

Convença a si mesmo de que o fracasso tem saída, que para ser perseverante nunca é tarde, muito menos para ser feliz. Descubra quem são seus verdadeiros amigos, mesmo sabendo que já se enganou. Então encha a sua vida de alegria e diga tudo o que quer dizer de alma aberta!

Reportagem

A família vai à Escola

Texto e Foto: *Aline Alves*



Esporte e entretenimento na escola

O programa Escola da Família existe desde agosto de 2003. É promovido pelo governo do Estado em parceria com a Unesco e o Instituto Ayrton Senna. Para sua realização, as escolas estaduais abrem seus portões no final de semana com o intuito de oferecer para a comunidade espaço para a realização de projetos e para a construção de uma sociedade de paz.

O programa oferece atividades de esporte, cultura, qualificação para o trabalho e preservação do meio ambiente.

Segundo o professor de educação física e um dos organizadores do projeto, Guilherme Moisés, o programa apresenta várias dificuldades como despertar a comunidade para as atitudes solidárias. "Devemos reeducar a sociedade para que suas atividades visem melhorias na formação como cidadão, pois as pessoas hoje dão muita atenção ao objeto que mais manipula os jovens e as crianças: a televisão".

Problemas burocráticos, falta de voluntários para a ampliação do número de oficinas e a conscientização da comunidade quanto a importância do projeto da família são aspectos que também incomodam Guilherme. "Afora esses aspectos, o programa nos dá oportunidades para descobrirmos futuros cidadãos vencedores. Estamos procurando adotar hábitos culturais que os estimulem para uma formação complementar", diz.

Professora sugere inclusão de assistente social

Ellen Fabíola da Silva

Nesta entrevista, a professora Edilene Maria P. S. Gomes, da Escola Estadual Antônio Fernandes Gonçalves fala sobre o projeto.

***Conexão Jovem* - A quem o programa beneficia?**

Edilene - Beneficia a comunidade em geral.

***CN* - Quais as dificuldades?**

Edilene - Aumentar o número de participantes no programa.

***CN* - Quais os pontos positivos e os negativos do programa?**

Edilene - Positivos: integração da comunidade com a escola. Oferece lazer, cultura, educação, noções de cidadania, etc.
Negativos: não há lado negativo, pois o programa foi implantado para atender a comunidade.

***CN* - O que pode melhorar no programa?**

Edilene - Sinto a falta de participação de uma assistente social. Também acho que o programa seria melhor se a comunidade participasse mais efetivamente.

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, ago./set. de 2004 - nº 5

Reportagem

Tem emprego aí?

Texto: *Luciene Alves* - Foto: *Amanda Brito*

Oferecer novas oportunidades. Esse é um dos objetivos do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (Comec), órgão fundado em 1980 e que oferece três tipos de programa: Educação para e pelo Trabalho, Liberdade Assistia e Orientação e Apoio Sócio-familiar. "Nossa meta é orientar e proporcionar ao adolescente a integração na sociedade com dignidade e noção de cidadania", diz a terapeuta ocupacional do órgão, Lucila Ferrari Clareto.

Dos 22 aprovados pelo Comec, 11 são da Vila Castelo Branco



Integrantes do Comec: chance

No final de junho, o Comec realizou uma seleção para a capacitação de jovens para o primeiro emprego. Participaram do processo 59 adolescentes, dos quais 11 da região da Vila Castelo Branco, todos vinculados ao Projeto Gente Nova (Progen). Dos 22 adolescentes aprovados para início imediato do trabalho, nove são da instituição. "Os resultados do Progen ficaram acima das expectativas. O aproveitamento foi muito bom", diz Lucila. Para participar do processo de seleção é necessário que o candidato tenha entre 14 anos e meio e 15 anos, esteja cursando no mínimo a 7ª série e seja encaminhado por escolas e instituições.

Outro programa existente no Comec e que também proporciona uma nova oportunidade de encarar a vida é voltado a adolescentes que cometeram alguma infração e que estejam em liberdade assistida. Quando chegam ao Comec esses adolescentes passam por uma triagem e são encaminhados para cursos, oficinas, enfim, atividades que possam desenhar um novo projeto de vida. Dentro desse programa foi criado um Espaço Associativo que conta com uma cooperativa organizada pelos próprios adolescentes, na qual eles fazem e vendem truffas. "A minha vida se tornou diferente, aprendi a dar mais valor a minha liberdade" – diz Fabiano Fernandes, adolescente que participa do programa. O Comec conta com o apoio de várias empresas e instituições. Para maiores informações o Comec está localizado à Rua Abolição, 92, no Centro de Campinas. Telefones 3234-4923 e 3234-1749.

Editorial

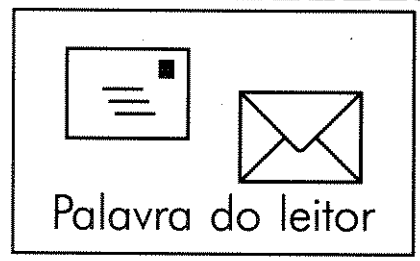
POSTURA CRÍTICA

Caro leitor,

Informação, serviço e opinião. Basicamente, este é o tripé que rege a conduta do bom jornalismo. ***Conexão Jovem***, desde a sua primeira edição, tem presente esta preocupação. Porém, é neste número que nossos jovens articulistas deixaram aflorar uma faceta bastante crítica em relação a diferentes temas. Salário mínimo, juventude e eleições são os assuntos escolhidos. São críticas pertinentes que refletem o pensamento de gente simples, como os jovens que assinam os textos.

Mas o jornal mostra, contudo, que a população não está de braços cruzados. As reportagens aqui contidas apresentam o empenho dos cidadãos da região em alterar o atual cenário do local onde vivem.

Boa leitura!.



ENVOLVIMENTO LOCAL

Por intermédio desta venho inicialmente agradecer os exemplares do **Conexão Jovem** que recebi por ocasião de uma visita que fiz recentemente ao Progen.

De leitura muito agradável, foi uma surpresa igualmente agradável constatar essa realização de um grupo de jovens, membros da comunidade a que atende o Projeto, particularmente pela liguagem leve e comunicativa dos trabalhos contidos no fanzine.

Percebe-se o quanto o fanzine está envolvido com a comunidade local da Vila Castelo Branco, pelos artigos publicados e pelo relato das atividades dos jovens jornalistas, possibilitando assim uma integração, bem como despertar o interesse pelas atividades desenvolvidas na instituição.

Particularmente despertou-me a atenção o trabalho intitulado 'Um click no bairro', em que aspectos do bairro são fotografados de maneira muito sugestiva e envolvente, o que creio foi o objetivo dessa reportagem da Oficina de Fotografia.

De tal forma me despertou a atenção por esse trabalho que ocorreu-me a idéia de que, se havia uma oficina dedicada à fotografia, porque não se criar mais um campo de trabalho nessa área de comunicação, qual seja da filmagem em vídeo de assuntos de interesse da mesma equipe? Assim sendo, resolvi encaminhar como doação ao Progen uma filmadora Sony que acredito será muito útil nas mãos desses jovens repórteres, ampliando assim a sua capacidade de comunicação com a comunidade, além de possibilitar o registro mais dinâmico da memória e da história do Progem, uma atividade tão importante e significativa na vida de uma instituição e para o futuro.

É pois, com grande satisfação que registro o meu apreço por essa organização e seu admirável trabalho, merecedor dos maiores elogios e incentivos por parte de todos que a conhecem. Parabéns!

Cordialmente,

Raul Nelson R. Leme,
Professor

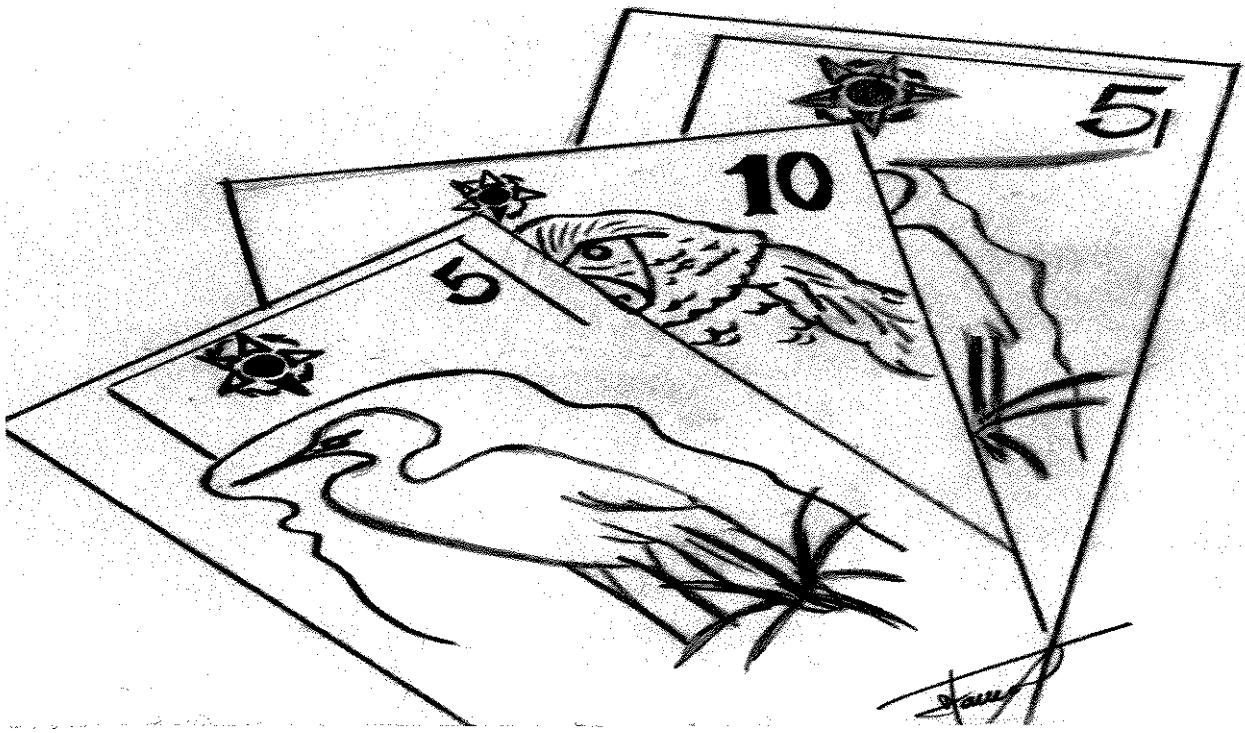
Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Auxiliares de pesquisa:** Maira Rodrigues (bolsista IC - Fapesp), Cecília Ferrarezzi (bolsista IC - Fapic/PUC-Campinas) e Fernanda Mandetta (estagiária Faep - Unicamp). **Jovens participantes:** Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Hugo Marcelino Amaro, Luciene dos Santos Alves e Osmar Hackermann. **Tiragem:** 500 exemplares. **Apoio:** vereador Carlos F. Signorelli. **Contatos:** Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel.: 19-3269-6088 - fax: 3269-6346.

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Opinião



Salário Mínimo

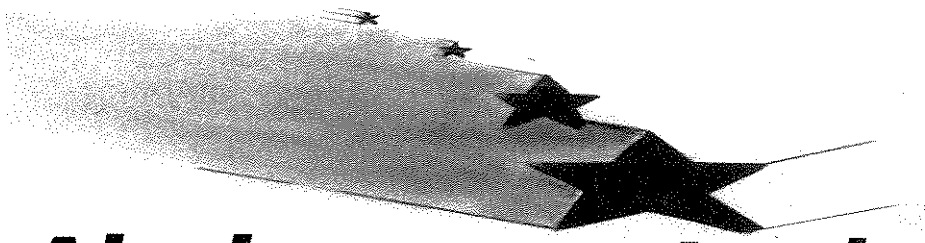
Texto: *Luciene Alves* - Ilustração: *Itamar Rocha*

O assalariado não consegue comprar uma cesta básica. A inflação está cada vez mais alta e a população acaba pagando pelos preços absurdos.

Como viver sem um salário digno? Vamos analisar: uma família de cinco pessoas composta por pai, mãe e três filhos, em que apenas o pai trabalha. Como sustentar uma família ganhando apenas o 'sonhado' salário mínimo no valor de R$ 260,00. Vamos pensar um pouco: quanto pagamos de água, energia elétrica, aluguel e gás. E não podemos nos esquecer da alimentação, do gasto escolar com os filhos, dos remédios, da sáude e de roupas. Como sustentar uma família com um salário desse? Você conseguiria?

O nosso governo vivia reclamando do anterior. Prometeu mudanças que iriam fazer a diferença. Mas não passou disso, pois as mudanças não aconteceram. O governo não fez sua parte e mais uma vez é o povo que sofre nas mãos de seus governantes.

Artigo



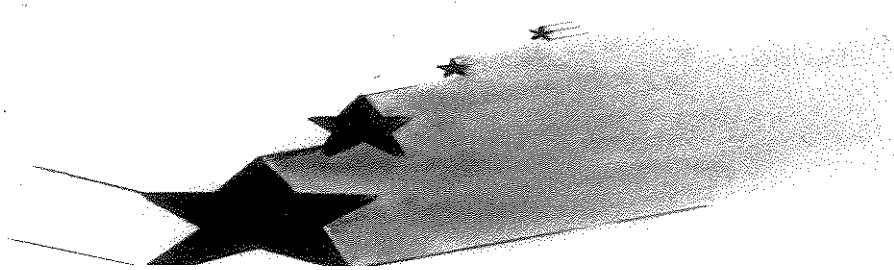
Abaixo o corte de ASAS

Texto: *Amanda Brito* - Ilustração: *Itamar Rocha*

Nota-se que na sociedade em que vivemos, os jovens são descriminados pelo seu potencial e suas atitudes. Os adultos cortam suas asas antes mesmo de mostrarem se sabem ou não voar, impedindo-os de sonhar. Os adultos acreditam que os adolescentes precisam de sua ajuda para crescerem e se desenvolverem dentro da sociedade. Ao contrário disso, os jovens estão cada vez mais se tornando independentes. Eles não se preocupam somente com festas, diversão e baladas - eles têm plena consciência que são o futuro e estão cada vez mais interessados por assuntos culturais e políticos tornando assim cidadãos engajados.

Percebe-se que os jovens estão ganhando espaço na sociedade: é uma prova de que alguns adultos acreditam no potencial, depositando toda confiança no poder revolucionário do jovem.

Antigamente esse quadro era totalmente diferente, os jovens eram submissos aos adultos e acomodados com a situação. O 'adulto hoje' ('joven ontem') precisa compreender que a juventude está evoluindo, deixando a submissão e o comodismo de lado. O jovem resolveu partir para ação procurando seus direitos e deveres como cidadão. Só assim ele poderá auxiliar na busca pela solução dos problemas da sociedade.



ABRA OS OLHOS

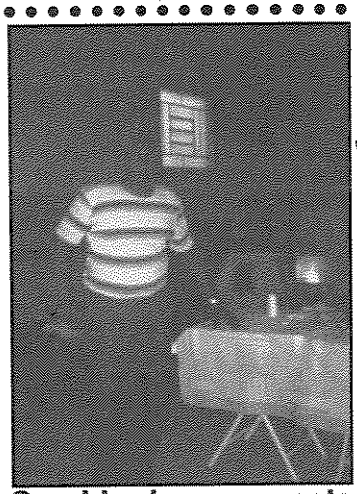
Texto: *Osmar Hackermann*

Todos sabemos que emprego não está fácil - recentemente 1.600 candidatos concorreram a 80 vagas numa grande loja em Campinas.

Diante dessa dificuldade, muitos jovens acabam apelando para o trabalho temporário oferecido pelos candidatos a prefeito e vereador. É a chance que muitos têm de sair do 'vermelho'.

Cuidado! Devemos prestar a atenção em certas atitudes para não acabarmos sofrendo as conseqüências. Não é porque o candidato te empregou que você deve votar nele.

O voto é uma coisa séria, um ato pensado, pois está em jogo o futuro de sua cidade.

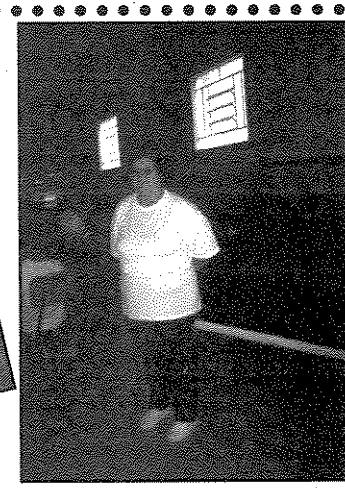


Geraldo: boa proposta

Reportagem



Equipe do Gira-vida: reunião no Jardim Garcia



Zilda: maior atenção

Gira Vida

Texto e Fotos: *Amanda Brito*

Um dia somos crianças alegres, outro dia somos jovens indecisos. Logo somos adultos responsáveis. Mais adiante nos tornamos velhos inúteis para alguns, mas a voz da experiência para outros. Para que a sociedade mude seus princípios maldosos para com os idosos foi preciso que nossa comunidade desse, não digo o primeiro, mas um importante passo para a mudança dessa realidade. Esse avanço foi a criação do Gira-vida, Projeto de Atenção ao Envelhecimento em que os idosos se reúnem para compartilhar vivências e participar de diversas atividades.

A idéia do projeto surgiu de agentes da Pastoral da Saúde que buscavam um espaço para trabalhar com idosos nas áreas de terapia ocupacional, enfermagem, psicologia e nutrição. "É importante ressaltar que as pessoas que trabalham no grupo são voluntárias", afirma a assistente social e também voluntária, Maria José, a Jô. Ela acrescenta que o trabalho não está voltado apenas para os idosos: qualquer pessoa interessada pode participar do grupo. "Acho a proposta muito interessante. Se eu não estivesse aqui, estaria em casa assistindo televisão", diz o aposentado e ex-atleta Geraldo do Carmo. A voluntária Zilda Colombo sonha com a concretização de um espaço que reúna diariamente os idosos. "Esse é nosso objetivo".

Neste trabalho, o Gira-vida conta com apoio da Igreja de N.S. de Guadalupe, Associação dos Moradores do Jardim Garcia e alguns sócios contribuintes. Os interessados em participar do grupo devem procurar a Associação dos Moradores do Jardim Garcia, às quartas-feiras, das 13:30 às 17 horas.

Invista nesta
IDÉIA
Anuncie: 3269-6088
(a partir de R$ 10,00)

Uniformes !
Camu
Confecções
Uniformes escolares
e profissionais com bordado
computadorizado e silk-screen
☎ 3227-1775

Crítica



Daniel no papel de Cazuza

CAZUZA

Osmar Hackermann

Cazuza - o tempo não pára é inspirado na biografia do cantor que mudou a cara do rock brasileiro nos anos 80. O filme mistura cenas reais do roqueiro Cazuza e do personagem que o interpreta, Daniel de Oliveira.

Mexe, sem limite, com a emoção do público, mesmo com aqueles que não viveram o período de sucesso de sua carreira. Relata a sua trajetória na Banda Barão Vermelho, suas fraquezas, paixões, conflitos e, claro, a fase da Aids, doença com a qual conviveu até a morte.

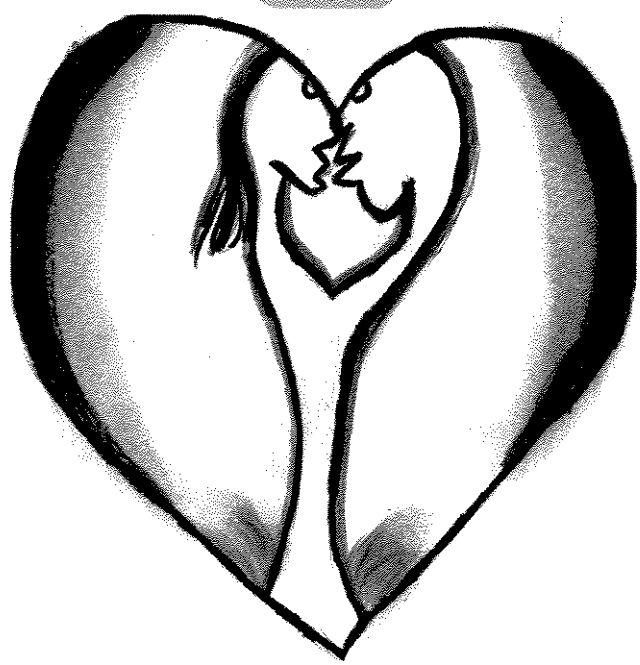
Eu recomendo pois esse filme mexe com todos, permitindo ao público voltar ao passado e conhecer um pouco da história do rock nacional.

Sinopse

Produção: Brasil, 2004
Tempo de Duração: 100 min.
Diretor: Sandra Werneck e Walter Carvalho
Atores principais: Daniel de Oliveira, Pedro Paulo Rangel, Marieta Severo, Reginaldo Faria e Leandra Leal
Censura: 16 anos

Tatão Tapeçaria
Reforma de estofados
(autos e móveis)
Há mais de 20 anos no ramo
☎ *3228-1731 e 9702-5319*
Rua José Carlos Pace, 99 - Jd. Londres

Poesia



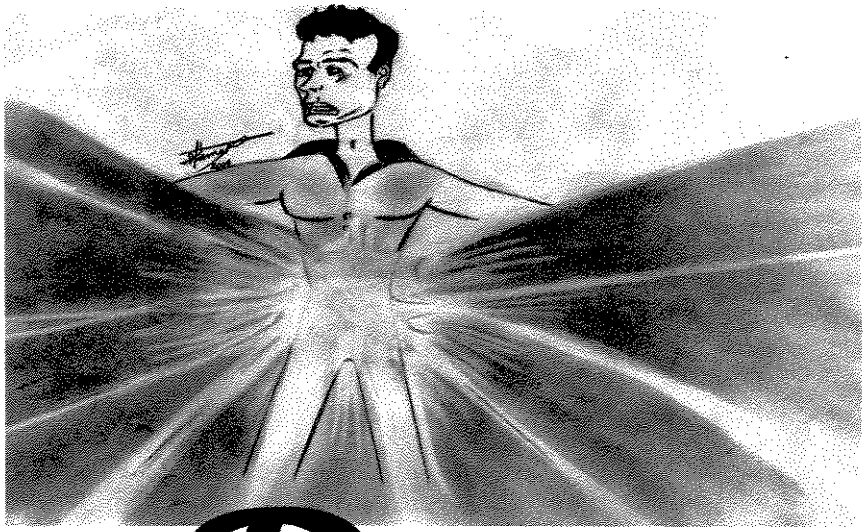
Bom & Ruim

Texto e ilustração: *Hugo Marcelino*

Quero que sua mão seja minha mão
Quero que sua boca seja minha boca
Não quero que sua mágoa seja minha mágoa
Não quero que sua raiva seja minha raiva

Quero que seu amor seja meu amor
Quero que sua vida seja minha vida

Pensando bem...
Quero sua raiva
para que se transforme em calma
Quero sua mágoa
para que se transforme em perdão
Assim, amor ruim
que se transforme em bom



DEUS

(Autor desconhecido - Colaboração: *Amanda Brito*)
Ilustração: *Itamar Rocha*

Passei tanto tempo te procurando,
Não sabia onde estavas.
Olhava para o infinito, não te via.
E pensava comigo mesmo:
Será que tu existe?
Não me contentava na busca e prosseguia.
Tentava te encontrar nas religiões e nos templos.
Tu também não estavas.
Te busquei através dos sacerdotes e pastores,
também não te encontrei.
Senti-me só, vazio e desesperado.
E na descrença te ofendi.
E na ofensa tropecei.
E no tropeço caí.
E na queda senti-me fraco.
Fraco, procurei socorro.
No socorro encontrei amigos.
Nos amigos encontrei carinho.
No carinho eu vi nascer o amor.
Com o amor eu vi um mundo novo.
E no mundo novo resolvi viver.
O que recebi resolvi doar.
Doando alguma coisa,
muito recebi e recebendo senti-me feliz.
E ao ser feliz encontrei a paz.
E tendo paz foi que enxerguei que
dentro de mim é que tu estavas.
E sem procurar-te foi que te encontrei.

O valor de um SORRISO

(Autor desconhecido - Colaboração: *Amanda Brito*)
Ilustração: *Itamar Rocha*

Não custa nada e vale muito.
Enriquece quem o recebe sem empobrecer quem dá.
Dura somente um instante, mas seus efeitos perduram para sempre.
Ninguém é tão rico que não dele precise.
Ninguém é tão pobre que não possa dar a todos.
Leva a felicidade a todos e a toda parte.
É o símbolo da amizade, da boa vontade.
É alento para os desanimados, repouso para os cansados, raio de sol para os tristes, ressurreição para os desesperados.
Não se compra nem se empresta.
Nenhuma moeda do mundo pode pagar o seu valor.
Não há ninguém que precise tanto de um sorriso quanto aquele que não sabe mais sorrir.



Reportagem



O grupo de caminhada se reúne todas as quartas e sextas na Praça de Esportes do bairro

O trabalho é coordenado pelo Centro de Saúde e está aberto a todos os membros da comunidade

Em nome da Saúde

Texto e Foto: *Amanda Brito*

O Centro de Saúde Integração criou em março de 2003 o grupo de caminhada. "O grupo foi formado pela necessidade dos usuários do Centro de Saúde estarem praticando exercícios físicos supervisionados por um profissional especializado em Educação Física", diz Alice S. Franco agente comunitária da saúde.

O público-alvo é formado por pessoas hipertensas, diabéticas, obesas. "Na caminhada, diz Alice, é possível trabalhar tanto a musculatura quanto a circulação. Além disso há o fator psicológico, em que se trabalha a auto-estima e as relações interpessoais. Assim tornam-se mais saudáveis, diminuindo o uso de medicamentos".

"A caminhada não auxilia apenas no combate da hipertensão e do colesterol: reduz o estresse e permite a integração das pessoas tornando-as mais ativas e solidárias", diz o professor de Educação Física, Arley de Jesus, 43 anos, responsável pelo aperfeiçoamento dos exercícios e pela coordenação do grupo.

O grupo está aberto a qualquer membro da comunidade que queira participar, mesmo que não seja diabético ou hipertenso. O grupo se reúne todas as manhãs de quartas e sextas-feiras das 7:15 às 8:15, na Praça de Esportes do bairro. "Além da caminhada são desenvolvidas outras atividades como hidroginástica e passeios", diz Alice.

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, set./out. de 2004 - nº 6

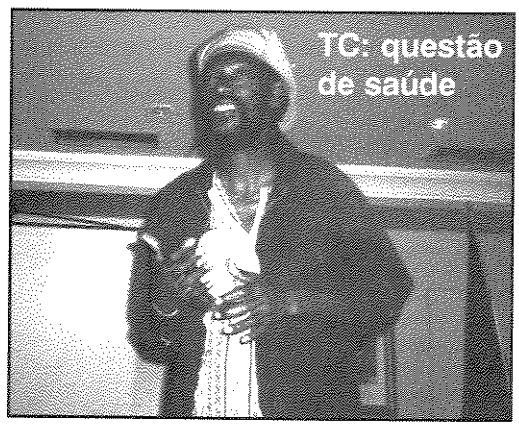
Reportagem

Sem camisinha? Nunca!

Texto e foto: *Aline Alves*

O primeiro Seminário "Tambor dá Saúde" aconteceu no dia 27 de agosto no Hotel Euro Suit. Teve como proposta a criação de um Banco de Preservativos, em parceria com diversas entidades. O objetivo do encontro foi promover discussões, capacitação e assessoria que possam promover o protagonismo juvenil, fortalecendo a prática da cidadania, a auto-estima e diminuindo a vulnerabilidade individual e social à infecção pelo HIV.

O seminário contou com a participação de Antônio Carlos Santos Silva, conhecido como TC, que é coordenador e fundador da Casa de Cultura Tainã. "Devemos organizar o pessoal do bairro para mudar a realidade de hoje. Todos juntos podemos mudar a questão da saúde", diz TC que também tocou um tambor, agradando a todos os participantes do seminário.





DST

Autor: MC' Orelha

Aí eu descobri um meio de prevenir
Usando camisinha,
sem doenças vou prosseguir
Levando a vida à pampa, só na moral
É, sem DST
as mina paga um pau
Semana passada eu tava de rolê lá no no Cedap
É só pra você vê,
tava fazendo um curso de como previnir o HIV
Agora tô aqui, é só de rolê
Mostrando esse *rap* para você
Vê como se prevenir do HIV
Se você quer transar,
pode transar
Só que sem camisinha,
você vai se ferrar

Outro convidado foi Ângelo Silva, representante da Favela da Rocinha, Rio de Janeiro. Ele falou sobre o funcionamento do Banco de Preservativos no Rio. Ele trabalha há 8 anos para a comunidade, visita favelas e distribui preservativos para as populações pobres. Ele ainda contou que foi o segundo a se cadastrar no Banco quando ele inaugurou.

No final do seminário, aconteceu uma apresentação da Casa de HIP-HOP e do Progen. Uma das músicas apresentadas (*ver quado ao lado*) foi composta por Emerson Estevão Neves, 14 anos, do Progen.

Editorial

Momento de decisão

Caro leitor,

Você está folheando a sexta edição do ***Conexão Jovem****, veículo comunitário que vem se constituindo cada vez mais no porta-voz das comunidades da Vila Castelo Branco e bairros adjacentes.*

Nesta edição nossos colaboradores trazem artigos sobre as eleições que acontecerão no dia 3 de outubro, quando Campinas decidirá quem serão seus representantes na Câmara Municipal e terá definido quais serão os candidatos a prefeito - pelo menos é o que sugere o cenário - que passarão para o segundo turno.

O artigo apresentado na página 3 fala dos cuidados que o jovem deve ter na hora de fazer sua escolha. O texto afirma:"para abrir com chave de ouro, o jovem eleitor deve investigar a fundo a vida do candidato: o passado de uma pessoa diz muito sobre o seu caráter". Portanto, caro jovem que tem agora a primeira oportunidade de votar: não se ilude com falsas promessas.

O jovem também é o foco da matéria de capa que mostra a criação de um Banco de Preservativo anunciado no seminário "Tambor dá Saúde". Representantes da Favela da Rocinha (Rio de Janeiro) vieram a Campinas falar de sua experiência.

Mais uma vez, o idoso tem seu merecido espaço nas páginas do ***Conexão Jovem.*** *Uma pré-conferência ocorrida em setembro na Vila Padre Manoel da Nóbrega é o assunto da página 5 que mostra que é hora da sociedade retribuir tudo aquilo que os idosos fizeram por ela. Esta é, portanto, uma parte do conteúdo opinativo e informativo desta edição.Tem muito mais. Boa leitura!*

Palavra do leitor

Compromisso e Responsabilidade

O jornal **Conexão Jovem** traz para a comunidade a valorização da mesma. Através de reportagens atuais ligadas a esta comunidade, faz com que as pessoas que não têm o hábito de ler jornal venham a se interessar pela leitura. Traz para o adolescente a responsabilidade e o compromisso de estar fazendo algo com seriedade. Uma das reportagens que mais gostei foi 'Gravidez na Adolescência' (**Conexão Jovem** no.2), que aborda um assunto atual e traz para o adolescente a reflexão de qual é o momento certo para assumir o papel de pais com responsabilidade.

Miriam F. dos Santos, educadora

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Auxiliares de pesquisa:** Cecília Ferrarezzi (bolsista IC - Fapic/PUC-Campinas) e Fernanda Mandetta (estagiária Faep - Unicamp). **Jovens participantes:** Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Cíntia Alves Viana, Luciene dos Santos Alves, Osmar Hackermann e Tiara Adriana de Oliveira. **Tiragem:** 500 exemplares. **Apoio:** vereador Carlos F. Signorelli. **Contatos:** Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel.: 19-3269-6088 - fax: 3269-6346.

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Opinião

Primeiro voto

Texto: *Cíntia Alves Viana*

As eleições estão chegando... é hora de escolher o candidato, o melhor e mais preparado. Será que os jovens têm noção da importância de um voto? Será que eles têm consciência das conseqüências de decisões tomadas precipitadamente?

Candidatos, política... voto! Idade certa para votar? Polêmica, muita polêmica. Idade ou consciência, o que realmente está em jogo?

Eleições, um assunto ainda complicado, que exige idade e sem dúvida, muita consciência; algo que para o jovem é muito confuso e pouco interessante. Decisões que acarretarão problemas futuros se não pensados com a devida importância. Mas enfim, como escolher o candidato certo? Como não tomar a decisão errada?

Bem... para abrir com chave de ouro, o jovem eleitor deve investigar a fundo a vida do candidato: o passado de uma pessoa diz muito sobre o seu caráter. O segundo passo é analisar suas propostas e como serão colocadas em prática. E, finalmente, se essas propostas acarretarão em mudanças positivas para a cidade, estado ou país que o mesmo governará.

Enfim, cabe ao jovem zelar pelo futuro da humanidade, porque o voto consciente é o primeiro passo para o crescimento e desenvolvimento de uma nação. Uma amada e valorizada nação!

Oração

Política que está no meio do povo; santificada é a sua presença;
Vem a nós a vossa democracia;
Seja feita a necessidade do homem, da mulher e da criança, aqui e em toda parte.
O pão, a educação, a saúde, o trabalho de cada dia nos dai hoje.
Perdoai as nossas omissões quando votamos nos seus filhos que nos compram com batom, bola ou tijolo.
Assim como perdoamos os que nos oferecem.
Não nos deixe cair em tentação dos mega-shows,
mas livrai nos do mal da corrupção para o bem da sociedade. Amém, Axé.

(colaboração: Osmar Hackermann)

O analfabeto político

(Bertold Brecht)

O pior analfabeto é o analfabeto político.
Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo da vida e o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio dos exploradores do povo.

Artigo

O que fazer?

Texto: *Luciene Alves*

Hoje em dia essa é uma pergunta que se tornou comum para muitos jovens que estão terminando o 3º ano do Ensino Médio. Alguns não sabem ao menos a profissão que vão seguir, outros porém não sabem como vão pagar a faculdade.

Isso ainda é uma questão que se torna cada vez mais séria, pois é fácil dizer que existem faculdades públicas e que elas dão muitas oportunidades para esses alunos. Mas será que o ensino das escolas públicas oferece a formação ideal para um aluno ser aprovado numa faculdade como a Unicamp ou a USP?

São muitas as questões e as dúvidas que cercam a cabeça desses jovens, e são essas mesmas questões que ficam sem respostas. Com certeza isso é um fator de preocupação, pois com o desemprego que existe está cada vez mais difícil conseguir uma boa colocação. E como conseguir um bom emprego se você não tem nenhuma formação?

Dúvidas que não são esclarecidas...por isso se você é jovem e está nesse período de questionamento sobre esse assunto, leia o máximo que puder para ficar informado sobre tudo o que acontece no mundo. Dedique-se bastante aos seus estudos, preste vestibular em uma faculdade e pense positivo, pois se você quer, você tem o direito de conseguir...Boa Sorte!

Reportagem

A voz da EXPERIÊNCIA

Texto: *Amanda Brito* - Foto: *Aline Alves*

A população idosa é cada vez maior, por isso a sociedade deve se revestir de cuidados especiais, pois o idoso ajudou a construir a sociedade. Agora é a vez da sociedade protegê-lo. Uma das ações concretas foi a criação do "Estatuto do Idoso" e a realização de conferências. No último dia 2 de setembro foi realizada na região noroeste a I Pré-conferência do Idoso. A Igreja Maria Mãe do Povo, localizada no bairro Pe. Manoel da Nóbrega foi cedida pela comunidade para realização do encontro.

Através da Pré-conferência levantamos questões relacionadas à saúde, transporte, lazer, entre outros, para levar as propostas na Conferência Municipal do Idoso que acontecerá em meados de outubro. "A conferência é um momento onde os idosos podem reivindicar seus direitos e unidos podem impedir que as leis que os protegem não fiquem apenas no papel", diz Márcia Cardoso Moreno, assistente social do distrito noroeste e participante da Comissão Organizadora.

O encontro regionalizado teve o objetivo de reunir e levantar questões, propostas e sugestões para os problemas da comunidade idosa da região e adjacências, pois se cada região apontar a sua necessidade, se torna mais fácil solucioná-los. Participaram do encontro alguns grupos de idosos organizados pela comunidade como o 'Reviver', o 'Gira-vida' e o 'Centro de Saúde Integração'.

O evento reuniu cerca de 150 pessoas, teve o apoio dos adolescentes do Progen (Projeto Gente Nova) da Vila Castelo Branco e da Fundação Gerações do Parque Valença II. "As



Conferência dos idosos: cidadania

experiências dos idosos interagindo com os adolescentes geram uma grande troca de vivências", afirma Rita de Cássia Marchiore, secretária municipal de Assistência Social.

A Pré-conferência foi divida em temas como: assistência social, saúde, educação, habitação, transporte, justiça, segurança pública, cidadania, cultura, esporte e lazer. "Achei muito bom participar da conferência pois aprendi muitas coisas. Já a participação dos jovens achei interessante", afirma a dona-de-casa Maria Cândida da Silva.

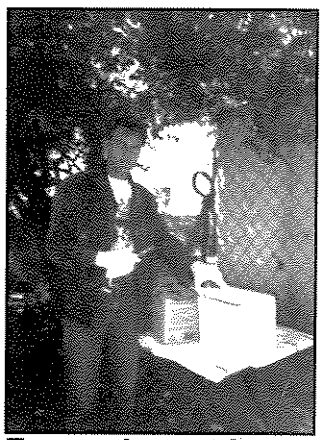
Anuncie
3269-6088

Panificadora
Três Vilas
Pães & Doces
"Coma mais pão"
☎ 3227-3512
Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

Reportagem

Vacinação anti-rábica não atinge expectativa

Texto e foto: *Amanda Brito*



Fernando: equipe volante em ação

No último dia 14 de agosto foi realizada no Centro de Saúde Integração (Vila Castelo Branco) a Campanha de Vacinação Anti-rábica, que foi promovida pela Prefeitura Municipal de Campinas e pelo Centro de Zoonose, onde foram vacinados cães e gatos acima de dois meses. Esta campanha acontece anualmnente e tem como objetivo eliminar o vírus da raiva. "Além do posto fixo de vacinação, existe a equipe volante que se dirige até a residência desde que o proprietário tenha reunido no mínimo dez animais para serem vacinados", afirma Fernando Bulgarelli, supervisor de Controle Ambiental.

A campanha de vacinação não atingiu as expectativas. Foram vacinados apenas 2.016 cães e 150 gatos. "Estima-se que a população de animais na região esteja em torno de 5.200, o que mostra que muitos desses animais estão abandonados", diz a enfermeira do Centro de Saúde, Maria Gabriela da Silva.

Os animais abandonados ainda poderão ser vacinados, se a população colaborar, ligando para o Centro de Zoonose. Os telefones são 3245-2268 e 3245-1219.



A artista plástica Nina diante de um de seus quadros: "aceito encomendas"

A arte da NINA

Texto: *Tiara Adriana de Oliveira*
Foto: *Aline Alves*

Maria Aquinina de Magalhães Arena, 54 anos, a dona Nina, é professora de Educação Artística há quase 30 anos. Ela também trabalha com pinturas há dois anos e pinta muitas flores, preferencialmente, orquídeas. "Esses são os quadros mais vendidos". Não sabe ao certo quantos quadros já produziu: "Acho que uns 30. Faço aquilo que os clientes encomendam", diz a artista que também trabalha com tecido, vitral, artesanato e outros materiais. Suas pinturas são contemporâneas.

Os interessados em comprar obras feitas por Nina devem fazer encomendas. Ela lembra que o quadro mais caro que vendeu custou R$ 380,00. Nina sempre gostou de pintar. Ela já fez curso e trabalho voluntário em diferentes entidades.

O filho de Nina, Tiago Augusto de Magalhães Arena, 23 anos, segue os passos da mãe: faz retratos. Com o dinheiro ganho com o trabalho, ele compra livros para a faculdade. Tiago cursa Direito.

Mensagem



Faça o bem hoje e sempre

Autora: *Madre Tereza de Calcutá (1910-1997)*
Colaboração: *Amanda Brito*
Ilustração: *Itamar Rocha*

Muitas vezes as pessoas são egocêntricas,
ilógicas e insensatas.
Perdoe-as assim mesmo.
Se você é gentil, as pessoas podem acusá-lo
de egoísta, interesseiro.
Seja gentil assim mesmo.
Se você é um vencedor, terá alguns falsos amigos
e alguns inimigos verdadeiros.
Vença assim mesmo.
Se você é honesto e fraco as pessoas podem enganá-lo.
Seja honesto e fraco assim mesmo.
O que você levou anos para construir, alguém
pode destruir de uma hora para outra.
Construa assim mesmo.
Se você tem paz e é feliz, as pessoas
podem sentir inveja.
Seja feliz assim mesmo.
O bem que você faz hoje pode ser esquecido amanhã.
Faça o bem assim mesmo.
Dê ao mundo o melhor de você, mas isso pode
nunca ser o bastante.
Dê o melhor de você assim mesmo.
Veja você, no final das contas, é entre você e Deus.
Nunca foi entre você e as outras pessoas.

Crítica



Fábio Assunção, Murilo Benício e Malu Mader: comédia nacional

Sexo, amor e traição

Osmar Hackermann

O filme é uma comédia nacional que conta a história de dois casais diferentes que passam juntos por crises no relacionamento por um motivo só: a volta de antigos namorados em suas vidas.

Eu indico, com toda segurança, pois além de ter uma linguagem suave, o filme não exagera em palavrões - algo muito comum em filmes brasileiros.

É o primeiro filme dirigido pelo irreverente Jorge Fernando.

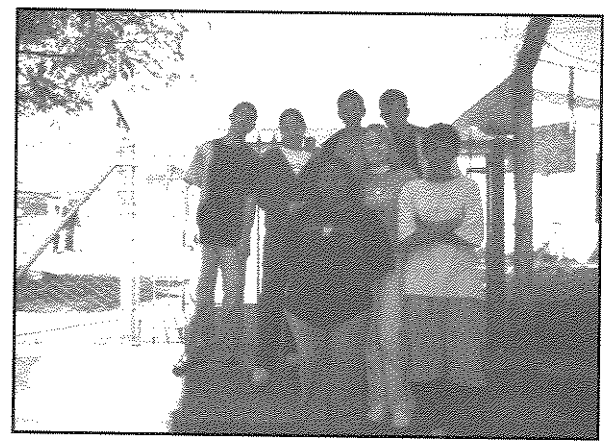
Sinopse

Produção: Brasil, 2004
Tempo de Duração: 90 min.
Diretor: Jorge Fernando
Atores: Murilo Benício, Malu Mader, Caco Ciocler , Fábio Assunção, Betty Faria e Alessandra Negrini.

Reportagem

Adolescentes criam cooperativa

Texto e foto: *Amanda Brito*



Adolescentes que integram a cooperativa: geração de renda

Adolescentes do Projeto Gente Nova (Progen), juntamente com as estagiárias da T.O (Terapia Ocupacional) da PUC-Campinas estão formando um grupo de geração de renda.

O grupo conta com dez adolescentes, com idades que variam de quinze a dezoito anos, e com duas estagiárias da T.O - Francine Antonietti e Uiara Danelutti - coordenadoras do grupo.

"Herdeiros do Presente", como é chamado, tem o objetivo de envolver os adolescentes em atividades que possam satisfazê-los, aprender e, ao mesmo tempo, gera renda e, principalmente, aprender a lidar com as situações de uma cooperativa, adquirindo assim experiência na área. Estas atividades têm o propósito de despertar o interesse e tornar os jovens participativos e responsáveis.

"O grupo tem a finalidade de formar uma cooperativa, onde todos os adolescentes possam produzir trufas, caixas de presente e variados trabalhos artesanais", diz Francine. As atividades iniciais foram a produção de trufas e caixas de presente, nas quais os adolescentes participaram de todas as fases de produção como compra dos materiais, cotação de preços, fabricação, controle de qualidade e contabilidade final. Com a venda dos produtos, a renda é usada na reposição do material e o restante é dividido entre os adolescentes.

"É interessante notarmos os benefícios que o trabalho em grupo pode trazer. Dentre eles podemos destacar: o cooperativismo, respeito e a troca de conhecimento", diz Uiara. "O principal propósito deste trabalho em grupo é o desenvolvimento do protagonismo, que é considerado um fator muito importante para a transformação da população juvenil atual", completa Francine.

Cooperativa com jovens é uma proposta inovadora que vem crescendo, apesar de estar do início de um processo de aprendizado e de trocas de conhecimentos, onde mostra que o jovem é capaz de se organizar e mudar sua história.

O trabalho do grupo acontece às sextas-feiras no Progen, usando a estrutura da cozinha do Projeto. Cada trufa custa R$1,40.

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, dezembro de 2004 - nº 7

PROGEN 20 anos

O Projeto Gente Nova (Progen) completa em 2004 vinte anos de trabalho. Veja nas páginas 3, 4 e 5 um pouco de sua história e conheça também algumas pessoas que fazem da ONG motivo de orgulho da Vila Castelo Branco e de bairros adjacentes

Editorial

É hora de comemorar

Chegamos à edição que fecha o ano de 2004. Encerrramos mais um período com a certeza de termos realizado um trabalho que enaltece as coisas boas da comunidade. Esta edição, em especial, destina três páginas à comemoração dos 20 anos do Progen, entidade que abriga este Conexão Jovem.

Mas esta edição não se limita a falar da importância do Progen para a comunidade. Além de crítica de cinema e de artigo, o veículo apresenta matérias sobre o Programa "Ame a Vida sem Drogas`, da FEAC e mostra o perfil de José Araújo, poeta e motorista de caminhão.

Vale, ainda, agradecer a colaboração dos jovens que, mesmo não estando mais vinculados formalmente ao Progen, continuam colaborando para a realização deste fanzine. Boas festas!

Panificadora Três Vilas

Pães & Doces

"Coma mais pão"

☎ 3227-3512

Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

BRASIL

Shopping Frutas Londres

☎ 3229-5435

R. Osvaldo Oscar Barthlson, 847

Jardim Londres

Palavra do leitor

Trabalho sério

Eu acho o *Conexão Jovem* muito bom. Gosto da linguagem simples, jovem e dinâmica. Creio que esse era o incentivo que a nossa região estava precisando. Também gostaria de parabenizar os repórteres que trabalham seriamente na elaboração desse fanzine. Espero que ele continue em circulação pois coisas boas não podem acabar. Gostaria também de ressaltar que o bom do fanzine é a valorização dos jovens. É sempre importante valorizar a juventude que hoje nem sempre é levada a sério.

Valter de Melo Amaral Júnior, estudante

Linguagem clara

O jornal *Conexão Jovem* tem uma apresentação diferente. Apresenta uma linguagem clara e é bem informativo.

Kaiara Cristina de Lima, estudante

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Auxiliares de pesquisa: Cecília Ferrarezzi (bolsista IC - Fapic/PUC-Campinas) e Fernanda Mandetta (estagiária Faep - Unicamp). Jovens participantes: Aline Maria Alves, Amanda Cristina de Brito, Hugo Marcelino Amaro, Luciene dos Santos Alves, Osmar Hackermann e Tiara Adriana de Oliveira. Tiragem: 1.000 exemplares. Apoio: vereador Carlos F. Signorelli. Contatos: Progen. Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel.: 19-3269-6088 - fax: 3269-6346.

Realização:

Centro de Memória Unicamp

Aniversário

PROGEN 20 ANOS

Como tudo começou

Texto e foto: *Amanda Brito*

Ao falar ou escrever sobre a irmã Mirian, imediatamente vêm à cabeça palavras como: amor e persistência. Afinal, estamos falando de alguém que sempre teve um carinho enorme por essa comunidade e que lutou por seus sonhos e ideais. Acredito que todos, principalmente os antigos moradores, saúdam sua atitude de transformar a história das famílias desta comunidade.

Irmã Mirian foi quem começou com o Projeto Gente Nova (Progen), como é mais conhecido. Foi ela quem deu o pão para o menino que bateu em sua porta e, a partir de sua atitude, a semente foi plantada e hoje, 20 anos depois, temos uma grande árvore com muitos frutos. Em entrevista concedida ao *Conexão Jovem*, irmã Miriam fala um pouco de suas atividades.



Irmã Mirian: amor, persistência e muita dedicação

Como a senhora vê a iniciativa de pesquisadores da Unicamp em desenvolver atividades na entidade?

Parcerias com as universidades é muito importante para o crescimento das crianças e dos adolescentes, além de complementar o trabalho do Progen. O *Conexão Jovem*, por exemplo, vem mostrar à comunidade as coisas boas que aconteceram no bairro.

Há planos de voltar a se envolver no Progen?

Estive muito tempo ausente do Progen e agora recebi o convite de trabalhar na diretoria. Assim, estarei presente nas reuniões que ocorrerem no Progen.

Qual a sua atividade atual?

Estou morando em São Paulo, na Lapa, e trabalho com educadores do "ENCAM" – Equipe Nacional de Crianças e Adolescentes Marginalizados.

O Progen em números

80% dos recursos do Progen são financiados pela Prefeitura

500 crianças e adolescentes já passaram pela entidade

180 é o número de crianças e adolescentes atendidos hoje

AMIZADE, CIDADANIA,



Izabel: 14 anos dedicados às crianças do Progen

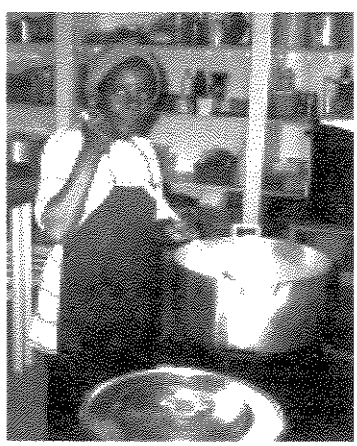
Izabel: projeto de vida

Uma criança da periferia, com todos os sonhos de uma criança qualquer. Assim era Izabel Cristina dos Santos Almeida. Sem a ajuda de nenhum projeto que a acolhesse quando veio com a família do interior de São Paulo, Izabel teve de conquistar tudo sozinha. Hoje, como assistente social do Progen, ela quer dar uma oportunidade diferente às crianças e adolescentes da Castelo Branco e bairros adjacentes.

Formada em Serviço Social, Izabel chegou ao Progen há 14 anos. Hoje, casada, Izabel tem um filho de 12 anos e uma filha de 8 e se sente gratificada pelo trabalho que desenvolve, pois sabe que ele é de muita importância para as crianças. É algo que combina profissão com projeto de vida.

Fátima: que tempero!

Fátima Aparecida é velha conhecida das crianças e adolescentes. O purê e a salada de batatas que prepara são famosos entre os freqüentadores do Projeto. Ela é a cozinheira do Progen.



Fátima: purê e salada

Convidada por Izabel para fazer uma experiência como cozinheira na entidade, Fátima nunca mais parou de trabalhar. Hoje, ela conta com a ajuda de mais uma senhora e o cardápio é definido semanalmente. O Progen faz parte de sua vida: de seus quatro filhos, três passaram pelo Projeto. Hoje um deles faz faculdade de Geografia em Presidente Prudente, depois de ter sido encaminhado para o Colégio São José pelo Progen.

Um pouc

"Em 1984, um garoto pe
um pão na Casa das Irm
Salesianas. A irmã Mirian
ouvir o pedido do garoto
um pão a ele. Ao lembrar
quele garoto, a irmã pens
'hoje eu atendi um pedido, m
como será nos outros dia
Será que ele terá um pão pa
comer?' Este garoto pega
sucata para vender e ter o
comer. Preocupada com a
tuação do garoto, a irmã Mir
abriu um ferro velho nos fu
dos de sua casa para aju
crianças qua estavam na m
ma situação. O ferro velho c
gou a ficar com 60 criança
como o número aumentou,
irmãs salesianas receber
ajuda das pessoas da comu
dade que também se pro
tificaram a ajudar aquele fe
velho..."

Se for solicitado a cada
dos 180 adolescentes e cri
ças assistidos pelo Progen
conte a história do surgime
da entidade, a narrativa tr
embutido o repertório do n
rador, mas o conteúdo não s
diferente deste apresenta
por Cláudio Primo e Sabr
Freitas na primeira edição
fanzine *Conexão Jovem* pro
zido em dezembro de 200

Essa é a história corre

...OLIDARIEDADE, AMOR...

...de história

...que anualmente é contada pela assistente social Izabel Cristina dos Santos a todos os membros (funcionários, voluntários, crianças e adolescentes) que participam da "Roda", prática diária que antecede as atividades programadas. O nome 'roda' é uma alusão à disposição dos participantes do Progen que se reúnem no salão da entidade em forma de círculo (no espaço não há mesas, somente cadeiras, o que facilita a quebra de hierarquias) para o debate de fatos que fazem o cotidiano da entidade, do bairro e adjacências.

Temas como amizade, amor, solidariedade, cidadania, família, namoro, violência, drogas, entre outros assuntos presentes no dia-a-dia da comunidade alimentam as discussões na 'roda'.

Nesta mesma 'roda' são discutidos problemas internos: desavenças entre os participantes, passeios, visitas e uso de verbas destinadas à instituição. "É na 'roda' que compartilhamos alegrias, tristezas, surpresas e decepções. É o fórum de debate que imprime aos adolescentes uma postura crítica, ética e responsável", afirma a assistente social Izabel.



Itamar ao lado das crianças: vontade de fazer

Itamar: vocação

Itamar Rocha chegou ao Progen ainda jovem, com apenas dezoito anos. Procurava por uma vaga de monitor, mesmo sem saber, ao certo, do que se tratava. Selecionado, depois de uma tarde inteira de entrevistas, para compor um grupo com mais três pessoas, Itamar ficou como voluntário no Progen por três anos. Fora do Progen por sete anos, Itamar buscou coisas novas. Chegou até a começar uma faculdade, mas não teve condições de concluir.

Hoje, Itamar não é mais um garoto. Aos 28 anos e de volta ao Progen, agora como educador, Itamar cursa História. Disse que seguiu sua vocação, da qual não se pode fugir. Aproveitando a experiência com a Educação não-formal, Itamar pretende ser um professor diferente, dar uma aula que se diferencie da dos profissionais de hoje: "trabalhar com mais prazer e reclamar menos", afirma. Porém, aliada à experiência, Itamar acredita que ser um bom educador também depende de disposição: "tem que ter vontade".

Itamar vem de longe para trabalhar diariamente com adolescentes, no período da tarde. Ele mora perto do Extra Abolição, já quase em Valinhos. Mas, quando fala de seu trabalho e do Progen, parece que toda essa distância compensa. Para ele, o Progen foi e é o lugar onde ele aprendeu e ensinou bastante, coisas que, segundo ele, são para a vida toda. Educar, realmente, parece ser sua grande vocação.

Como recado para esses jovens que ajuda a educar, Itamar deixa o conselho para que aproveitem ao máximo tudo o que espaço do Progen oferece, que participem, pois tudo o que aprenderem será útil na escola, no trabalho e, sem dúvida, na vida deles.

Reportagem

Ame a vida sem drogas

Entidades e escolas públicas fazem apresentações de dança, de circo e de esportes no SESI

Texto: *Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira*

No dia 3 de dezembro o SESI – Amoreiras foi palco do resultado das oficinas de arte e educação do Programa 'Ame a Vida sem Drogas'. O evento contou com apresentações de circo, ginástica olímpica, danças, capoeira, música, fanfarras, entre outras atrações. Esse encontro fez com escolas e entidades se reunissem para mostrarem seus trabalhos ."O encontro acontece há 5 anos, sempre no fim do ano. Esse, em especial, foi um dia inteiro de muita alegria", diz Rosemari Simalha Scarabotto, do Departamento de Desenvolvimento Social da FEAC.

"Acho muito importante e legal, é uma oportunidade das crianças e adolescentes interagirem e participarem desta atividade", diz Joana D'Arc, da oficina de capoeira da Escola Padre José dos Santos. "Eles ficam eufóricos pois é tudo uma novidade. Espero que aconteça sempre."

O evento contou com a parceria do COMEN (Conselho Municipal de Entorpecentes), do CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente), do GEAC (Grupo de Empresários Amigos da Criança) e foi coordenado e gerenciado pela FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Os recursos que mantêm o projeto são repassados pelo 1% do Imposto de Renda pelo FMDCA (Fundação Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente).

"É a coroação das oficinas realizadas durante o ano. As crianças e os adolescentes mostram seus trabalhos que aprenderam durante o ano e encontram outras entidades. É um momento único quando vejo os rostos das crianças, fico realizada. Não é tão grande o que faço, gostaria de fazer mais. Cada ano que passa o evento cresce. Este ano teve mais estrutura tanto financeira quanto de organização", diz Rosemari, da FEAC. "Esse encontro favorece as práticas das metodologias existentes no projeto , em comunhão com outros parceiros " comenta o professor Cristian Matias do escola EE Paul Eugene Charbonneau.

O programa

O Programa 'Ame a Vida sem Drogas' visa afastar crianças e jovens (7 a 17 anos) do mundo dos entorpecentes. É realizado por professores de escolas da rede pública e com educadores de entidades assistenciais. O programa envolve dois projetos:
1- Educação Preventiva: com objetivo central de prevenir o uso das drogas; 2 - Arte-Educação: utiliza a arte como instrumento para afastar os jovens e crianças das drogas, despertando a responsabilidade, a criatividade e o talento.

Artigo



Um dia na Caravana do Gugu

Texto: *Luciene Alves*
Ilustração: *Itamar Rocha*

Se você tem vontade de participar de um programa de auditório, saiba, antes, como funciona um dos programas de maior audiência da televisão brasileira aos domingos. Beleza e pouca idade são fundamentais... se você tem de 14 até 25 anos e é muito bonita, você tem a chance de se sentar na segunda fileira do auditório. Ou seja, sua beleza e idade indicarão sua posição na platéia. E não pense que conseguirá pegar a primeira fileira... ela é reservada para as modelos da agência M3, que recebem um cachê de R$30,00 para ficarem sentadas, assistindo... sendo que você pagou em torno de R$20,00 só para estar lá. Se você não é tão bonita assim e quer tentar garantir, no mínimo, a terceira ou quarta fileira, a sua caravana deve ser a primeira a chegar. No total, são quatro caravanas com 30 ou 35 garotas cada.

O programa, normalmente, começa às 15:30hs. Ser a primeira caravana a chegar, então, significa estar lá, no máximo, até às 11:30hs da manhã. E isso porque, às 14:00hs, você entrará ainda em uma sala de espera. O que fazer durante todo esse tempo? A resposta é bem clara: esperar, esperar, esperar! Ainda na sala de espera, você receberá um kit de lanche (considerado "engana fome"), que você consegue comer em 10 minutos e se sustentar por, no máximo, uma hora. Sem se esquecer que o programa só terminará às 20:30hs. Será que todo esse sacrifício vale a pena? Para ver um artista que te dará o mínimo de atenção possível? Pense e analise, será que os programas de televisão são tão belos e verdadeiros como demonstram ser?

Agora vou fazer um convite: vamos passar um dia na Caravana do Gugu?

Crítica



Camila Morgado e Caco Ciocler: do livro para a tela

Olga

Texto: *Hugo Amaro*

O filme *Olga* traz a história de uma jovem alemã comunista que abandona sua família na Alemanha e segue para o Brasil para uma missão: cuidar de Luiz Carlos Prestes, com quem acaba se envolvendo e vivendo uma louca paixão.

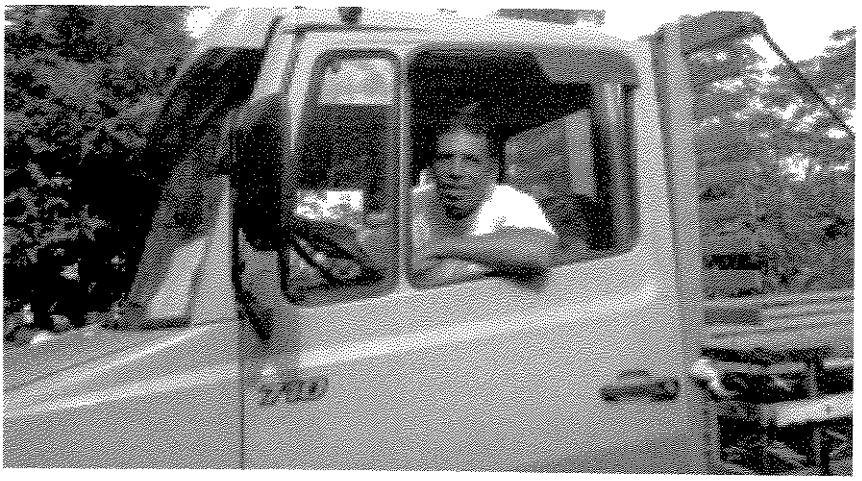
O filme foi uma adaptação do livro de Fernando Morais, que narra a vida de Olga do começo até seu sofrimento e morte em 1942, em uma câmara de gás.

O filme é recomendável para maiores de 14 anos. E mais: o filme está concorrendo a uma vaga para o Oscar de 2005. Agora basta esperar e torcer.

Sinopse

Produção: Brasil, 2004
Tempo de Duração: 90 min.
Diretor: Jayme Monjardim
Atores: Fernanda Montenegro, Osmar Prado, Caco Ciocler, Camila Morgado

Reportagem



O poeta e motorista de caminhão José Araújo faz poesias desde criança: "o importante é colocar no papel aquilo que a gente sente"

José Araújo, Poeta

Texto: *Amanda Brito e Tiara Adriana de Oliveira.* Foto: *Amanda Brito*

Cada um possui dentro de si talento e criatividade, mas muitas vezes precisamos de incentivo para despertar essas aptidões.

Assim aconteceu com o poeta José Araújo, 51 anos, que trabalha como motorista de caminhão para a prefeitura e que foi incentivado por sua professora quando ainda era menino. "Desde os tempos de escola escrevia, mas não dava a mínima importância. Foi minha professora de português, Luciene, que percebeu que eu tinha talento para escrever", diz Araújo. Desde então, José Araújo não parou mais de escrever. Tudo o que ele produzia, mostrava para seus professores que continuavam incentivando o garoto escritor. Seus textos se tornavam, até mesmo, tema das aulas.

Sua primeira poesia se chamava "País do Sem". Araújo explica que não é "cem" de numeral e sim o Brasil sem moradia, sem comida, sem assistência médica.... o poeta guarda o rascunho até hoje, mesmo com as folhas amareladas. José Araújo já participou até de concursos e chegou a expor suas poesias na escola em que estudou.

Ele afirma que não tem um tema específico para escrever, mas gosta especialmente de escrever sobre a situação econômica do país. Confessa, ainda, que não se acha poeta, nem que escreve bonito, apenas escreve para atingir as pessoas com uma mensagem positiva. A inspiração, conta Araújo, surge de repente. Pode até mesmo ser uma pessoa ou a lua, por exemplo. "O importante é colocar o que se sente no papel", diz ele, que encontrou na poesia a solução para sua dificuldade de se expressar.

Olhos

Seus olhos são a porta de entrada
Para o desconhecido. Abra-os e descubra
Um mundo novo de sonhos e fantasias.
Quando quiseres sonhar feche-os
E verás apenas o colorido da vida
Mesmo que lhe pareça sem cores
Não tenha medo de sonhar
Os sonhos muitas vezes
São partes integrantes de uma
Realidade reprimida.

ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, junho/julho de 2005 - nº 8

A luta pelo passe livre

Texto: **Maiele Hipolito**

A luta pelo passe livre existe há mais de 60 anos no Brasil. Em Campinas, há 40 anos. Essa bandeira histórica foi retomada este ano, com uma articulação nacional realizada no V Fórum Social Mundial, contando com a presença de 29 cidades.

O movimento é independente, pois as decisões são tomadas em reuniões abertas à participação de quem quer construir o movimento.

Os estudantes da Unicamp, André e Marcelo, ambos de 24 anos, participantes do movimento, dizem que esse direito está na constituição e já foi conquistado em grande cidades como Rio de Janeiro e Florianópolis . "Achamos que é possível conquistar o passe livre , pois direitos não são ganhos, são conquistados. Já fizemos duas manifestações e entregamos nossa carta de reivindicações", diz Samya, 16 anos, estudante do ensino médio. "Continuaremos a fazer nossas manifestações e a lutar pelo fim da desigualdade social. Queremos que o passe livre seja para pessoas com até 26 anos e que as tarifas sejam diminuídas", diz André.

A voz da comunidade

Texto: **Kaiara C. Lima e Leandro S. Roque**

"É importante pois as passagens estão caras e os movimentos deveriam continuar. Os alunos devem continuar lutando não só por isso, mas também pela melhoria das escolas, qualidade de ensino etc."
Fabiano Barbiele Nogueira, 28 anos, educador da Casa de Cultura Tainã

"Acredito que esse direito não pode ser reprimido por diminuir o lucro das empresas. Existe uma máfia que impede a municipalização do transporte. Devemos mobilizar os adolescentes. A municipalização é realidade em outras cidades."
Michel Morand, 26 anos, educador da Casa de Cultura Tainã

"Eu acho que se eles conseguirem isso (o passe livre) vão andar para baixo e para cima, ou seja, o restante das pessoas não terá acesso. Eu acho que isso está muito desorganizado, que causa muito tumulto e não vai dar em nada."
Mônica Ferreira, 37 anos, diretora da E.E. Dr. Mário Natividade

"Acho que se eles conseguirem vai encarecer a passagem das outras pessoas. Acho isso errado. Não gostei da desorganização dos adolescentes. Isto prejudicou a escola, pois no dia na mobilização não compareceram às aulas."
Marlene de Barros, 50 anos, coord. da E.E. Dr: Mário Natividade

Editorial

Sangue novo

Caro leitor,

Você está folheando a primeira edição do ***Conexão Jovem*** *de 2005. Trata-se de uma edição feita quase que exclusivamente por um grupo novo de adolescentes do Progen. Nos despedimos dos antigos "jornalistas"– que, merecidamente, encontraram um espaço no mercado de trabalho – e podemos dizer que já estamos com saudades. Mas eles não nos abandonaram definitivamente. Muitos, embora não vinculados formalmente ao Progen, mantêm-se afetivamente ligados ao grupo, tanto é que continuam colaborando com a produção deste* ***Conexão*** *que a partir desta edição passa a ser financiado pela própria instituição.*

Aos que estão experimentando pela primeira vez o jornalismo, desejamos sorte e bastante empenho! E, você leitor, esperamos que aproveite essa edição que traz informações sobre fatos que fazem o dia-a-dia da comunidade.

Panificadora
Três Vilas
Pães & Doces
"Coma mais pão"
☎ 3227-3512
Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

Dirce's
Oficina de Beleza
Cortes · Químicas
Penteados
Escovas com chapa
Depilação com mel
Unhas artísticas
Manicure
ATENDIMENTO PARA NOIVAS
☎3228-4212
Rua Durvalino Guatemozin, 856
Vila Castelo Branco
Home page:ww.salaodirce.hpg.com.br
E-mail: salaodirce@ieg.com.br

Reportagem



Fórum de esclarecimento

Fórum discute direitos do idoso

Texto: **Kaiara C. Lima**
Foto: **Anderson Arcanjo**

Ocorreu, no dia 5 de Abril, na Igreja Maria Mãe do Povo, na Vila Padre Manuel da Nóbrega, o II Fórum Descentralizado do Idoso.Nesse encontro foi discutido o tema: "Legitimar a Política Pública do Idoso no Município de Campinas".

A presidente do Conselho do Idoso, Noêmia Rodrigues de Oliveira, falou sobre Deveres e Direitos e o delegado, Luiz G.de Farias e Sousa, abordou assuntos referentes aos idosos como passe livre e acesso à cultura.

Essa foi mais uma conferência para falar que os idosos estão lutando pelos seus direitos e que esses não são totalmente esclarecidos.

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Auxiliar de pesquisa:** Cecília Ferrarezzi (bolsista IC - Fapic/PUC-Campinas). **Educadora social:** Regiane Alexandra Carminitti. **Jovens participantes:** Anderson Felipe Joaquim Arcanjo, Douglas César da Silva, Fabrício Hackermann, Jhone Pereira Paulino, Kaiara Cristina F. Lima, Osmar Hackermann, Patrícia B. de Oliveira, Rafael Queiroz Caetano, Roger Carneiro e Thifany Christina Pinheiro Francisco. **Tiragem:** 1.000 exemplares. **Apoio:** Pró-reitoria de Pesquisa/PUC-Campinas. **Contatos:** Progen (Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel.: 19-3269-6088 - fax: 3269-6346.

Realização
Centro de Memória Unicamp

Apoio:
PUC CAMPINAS
Pró-reitoria de Pesquisa

Notas

Dia 9 tem rastapé

A comunidade da Vila Castelo Branco e adjacências tem nos meses de junho e julho muitas opções de festas juninas. Uma festa que promete bastante é a da Sede do Jardim Garcia, dia 9 de julho, a partir das 16 horas. Comidas típicas, quadrilha e boa música marcam este evento que promete animar a tarde de sábado. E o melhor: a entrada é franca.



Outras festas já foram realizadas em junho. O Shopping Unimart e a Comunidade Maria Mãe do Povo, em dias diferentes, reuniram centenas de pessoas. A expectativa é que o sucesso se repita no próximo dia 9, na Sede do Jardim Garcia.

Irmã Emília visita o Progen

Texto: **Regiane Carminitti** - ***Foto:*** **Letícia Dorighello**

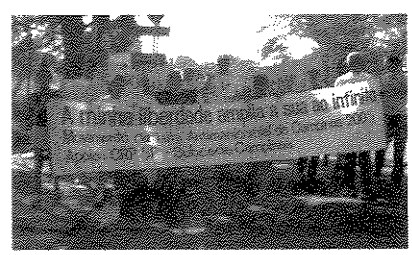
No dia 5 de maio o Progen recebeu a visita da Irmã Emília Mosatti, Conselheira Geral das Irmãs Salesianas. Ela veio de Roma (a cada seis anos vem da Itália um representante visitar obras sociais) e fez do Progen sua primeira parada. Veio acompanhada da Irmã Míriam, criadora do Progen. Izabel dos Santos foi a anfitriã.



Passeata pela luta antimanicomial

Texto: **Douglas C. Silva** - ***Foto:*** **Míriam Franco**

Foi realizada em maio, em Campinas, a Semana da Luta Antimanicomial, promovida pela Prefeitura. Como parte da programação do evento, uma caminhada (foto) saiu do CAPS do Jardim Londres e seguiu até a PUC II. Lá foi realizado um bazar com produtos artesanais feitos pelos próprios usuários do Serviço de Saúde. "Essa luta é importante pois é no CAPS que as pessoas que sofrem de transtornos psíquicos encontram a atenção necessária para atingir uma boa qualidade de vida", afirma Sílvia Lopes, estagiária de Terapia Ocupacional.



Crítica

O casamento de Romeu e Julieta

Osmar Hackermann

Alfredo (Luis Gustavo) é palmeirense roxo e membro do Conselho Deliberativo do clube. Ele criou sua filha Julieta (Luana Piovanni) para ser palmeirense como ele, mas ela se apaixona por Romeu (Marcos Ricca), um médico que é torcedor do Corinthians. Em nome do amor, Romeu aceita se passar por palmeirense para se dar bem e conquistar a familia da amada, incluindo aí, o sogro. Então começa ai uma comèdia de dar gosto... O filme é encantador!! Pode se dizer uma versão bem brasileira da estória conhecida mudialmente de William Shakespeare. Eu recomendo para toda a familia porque o filme deixou no ar algo muito bom... tentando mostrar que quando o amor é visto de uma forma descontraída a vida se torna muito melhor.

Sinopse

Produção: Brasil, 2005
Tempo de Duração: 93 min.
Diretor: Bruno Barreto
Atores: Luís Gustavo, Luana Piovani, Marco ricca, Leonardo Miggiorin, Martha Mellinger e Mel Lisboa
Censura: 12 anos

Reportagem

Cravos e uma rosa

Banda vai além da interpretação e investe na composição

Texto: **Leandro S. Roque**

A inspiração para o nome veio da composição da própria banda: seis homens e apenas uma mulher. Assim, Bruno Gonçalves, 16 anos, Leandro Godoy, 14 anos, Guilherme Leão, 14 anos, Renato, 16 anos, Egon Olivier, 14 anos, Henrique, 32 anos e Bruna Santos formam a Banda Cravos & Rosa.

O grupo, que conta com influências musicais que vão de Guns N' Roses até Pitty, canta músicas próprias como Maria Carolina, Amor de Menina, Sem Você Ninguém, Música de Índio *e Garota Dois Mil. A banda já se apresentou na Festa dos Jovens da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe e também na Comemoração do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Professor Carlos Lencastre. A repercussão do trabalho, segundo os integrantes, tem sido muito boa. A banda toca diferentes gêneros: rock, blues e pop-rock.*



A banda Cravo & Rosas durante ensaio: rock, blues e pop-rock

Para ensaiar suas composições, o grupo se encontra às quartas-feiras à noite, sábados de manhã e domingos à tarde, na casa do guitarrista Guilherme.

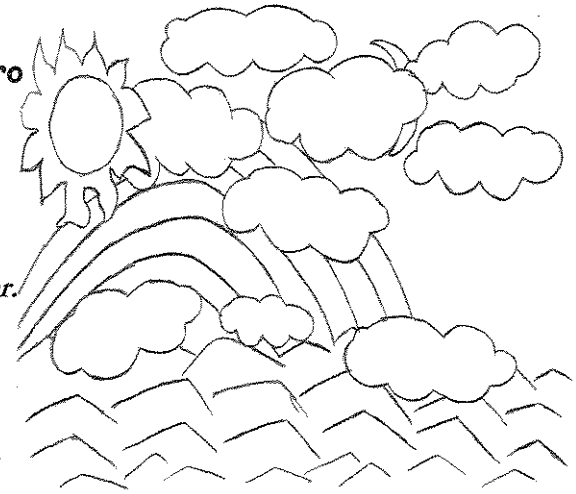
Não é fácil reunir o grupo. "A gente faz o que pode, pois quatro estudam de manhã, e um estuda à tarde. Depois que o último chega da escola é que começamos a ensaiar", conta Bruno, o baterista. A banda aguarda propostas de trabalho. Contato para shows podem ser feitos pelo telefone: 9645-1631 ou 3227-4638.

Poesia

Eu e o arco-íris

Kaiara C. Lima - *Ilustração:* **Roger Carneiro**

Comparo minha vida de acordo com o que sou capaz.
Às vezes penso no arco-íris, no sol nas nuvens e na lua.
E comparo toda minha vida com eles.
O arco-íris é colorido como minha alegria de viver.
O sol brilha, como brilha o meu sucesso.
As nuvens são como meus pensamentos bons.
E a lua me faz lembrar de que ainda convivo com a solidão.
Mas não desanimo porque sou capaz e um dia vou mudar tudo isso.



ConeXão Jovem

Fanzine elaborado pelos jovens do Progen - Campinas, agosto/setembro de 2005 - nº 9

Força de Pitbull, coração de labrador

O morador do Jardim Paulicéia, Carlos Roberto, ex-adolescente do Progen, é campeão estadual de jiu-jitsu

Texto: Osmar Hakermann Costa - *Foto:* Anderson Felipe

Carlos Roberto Pereira de Souza nasceu em Campinas, no bairro Parque Industrial, há 41 anos. Aos 7 anos mudou-se para o Jardim Garcia e, de lá, foi para o Paulicéia, onde mora até hoje. Apaixonado por História Regional, Carlos é funcionário do Centro de Memória da Unicamp, onde trabalha com História Oral.



Carlos exibe medalhas: campeão estadual de jiu-jitsu

Visto assim, Carlos parece ser apenas mais um cidadão comum, não fosse o fato de ele praticar jiu-jitsu há apenas um ano e meio e já ter conquistado medalha de ouro nos Campeonatos Regional e Paulista. Carlos conta que escolheu esse esporte porque queria materializar o espírito de lutador que o acompanha desde a infância e acrescenta que o praticante dessa arte marcial tem que ter garra.

Carlos enfrentou dificuldades como todos enfrentam, mas foi a partir delas que foram surgindo as oportunidades. Apesar de ter iniciado o esporte apenas aos quarenta anos e de ainda não ter patrocínio, Carlos nunca pensou em desistir, pois teve o apoio do seu instrutor e de seus amigos. Ele pratica o jiu-jitsu no próprio bairro em que mora e, em momento algum, se esquece de suas origens. "Tenho a força de um pitbull, mas o coração de um inofensivo labrador", diz o atleta.

Carlos freqüentou o Progen quando garoto. "Ainda não existia o prédio e muito menos o nome da instituição", lembra. Mas é muito grato pelo que a instituição fez por ele. Como forma de retribuição, acrescenta que tem o objetivo de se tornar professor voluntário de jiu-jitsu no Progen. Ele acredita que essa é um forma de devolver a seu bairro e seus amigos o carinho que sempre recebeu da comunidade.

Editorial

No ritmo certo

Caro Leitor,

Depois do período de adaptação dos novos adolescentes participantes da produção do ***Conexão Jovem*** *– que nem sempre é fácil e necessita de algum tempo – chega a segunda edição do fanzine, para mostrar à comunidade que esses jovens principiantes já estão preparados e muito empenhados em mostrar fatos e pessoas que fazem o nosso dia-a-dia. Mas, é uma pena que tenhamos de nos despedir de alguns deles tão cedo. De qualquer forma, é por um bom motivo – foram encaminhados pelo Comec ao mercado de trabalho – e isso nos deixa muito orgulhosos e satisfeitos.*

Esta edição traz estampada em suas páginas o trabalho duro de todos que contribuíram para sua produção. A apuração de informações e o envolvimento efetivo de todos foram imprescindíveis para que o grupo entrasse, a partir dessa edição, no ritmo certo. Assim, tocando em temáticas importantes para a vida em comunidade, nossos jovens trazem até você, leitor, um jornal interessante e de conteúdo informativo e opinativo. O problema do lixo na região, uma crítica ao trabalho da Febem e um relato sobre a Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente são alguns dos assuntos que você poderá ler nessas páginas.

Mas, como não poderia deixar de ser, nosso destaque vai para a matéria de capa assinada por Osmar Hackermann – nosso 'eterno' colaborador – que entrevista Carlos Roberto, um campeão de jiu-jitsu que mora na comunidade.

Boa Leitura!

Artigo

Febem não cumpre papel de reinserção social

Texto: **Anderson Felipe**

Em 1960 foi criada a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM), instituição que tinha por objetivo tratar os jovens infratores dentro do antigo Código do Menor . Mas, há algum tempo, a FEBEM tem sido criticada por ser uma instituição incapaz de oferecer uma melhor inclusão desses adolescentes na sociedade. É caracterizada pelos maus tratos, hiper-lotação e contratação de pessoas despreparadas para esse tipo de trabalho, gerando assim danos irreversíveis aos jovens. Geraldo Alckmin, apesar das inúmeras promessas, foi incapaz de criar soluções para esse sério problema social.

Anuncie no
Conexão Jovem
3269-6088

Expediente

Conexão Jovem é elaborado pelos jovens do Projeto Gente Nova (Progen), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória-Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. **Jornalista Responsável:** Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Auxiliar de pesquisa:** Cecília Ferrarezzi (bolsista IC - Fapic/PUC-Campinas). **Educadora social:** Regiane Alexandra Carminitti. **Jovens participantes:** Anderson Felipe Joaquim Arcanjo, Douglas César da Silva, Fabrício Hackermann, Jhone Pereira Paulino, Kaiara Cristina F. Lima, Osmar Hackermann, Patrícia B. de Oliveira, Rafael Queiroz Caetano, Roger Carneiro e Thifany Christina Pinheiro Francisco. **Tiragem:** 1.000 exemplares. **Apoio:** Pró-reitoria de Pesquisa/PUC-Campinas. **Contatos:** Progen (Rua Castel Nuovo, 699 - Vila Castelo Branco - Campinas - CEP 13061-282 - tel.: 19-3269-6088 - fax: 3269-6346.

Realização

Centro de Memória Unicamp

Apoio:

PUC CAMPINAS

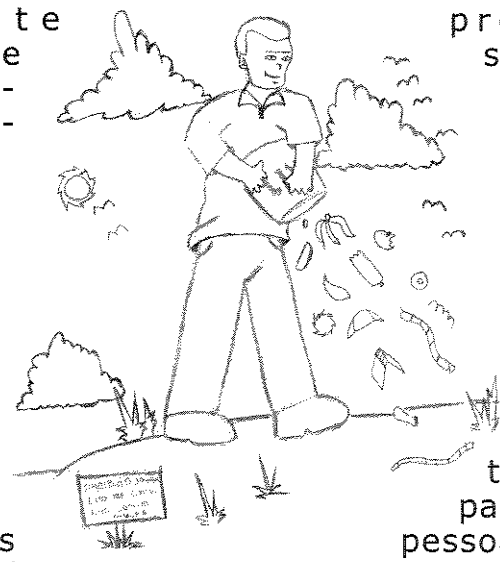
Pró-reitoria de Pesquisa

Reportagem

Questão de CONSCIÊNCIA

Texto: Maiele Hipólito, Patricia de Oliveira e Thifany Christina. *Ilustração:* **Rafael Queiroz**

A Prefeitura de Campinas criou um novo projeto para tentar resolver o problema do crescente acúmulo de lixo em locais públicos. O projeto tem o objetivo de conscientizar os cidadãos por meio de campanhas educativas veiculadas na TV, no rádio e no jornal impresso.



José Luís Mion, 50 anos, administrador regional, disse que a situação do lixo depositado em lugares impróprios, no bairro Vila Castelo Branco, piorou de 2003 para cá. "Tivemos que contratar uma força emergencial", afirma.

Para que o problema seja efetivamente solucionado, a prefeitura estará colocando caçambas e conteiners, para que as pessoas depositem o lixo. O administrador acrescenta ainda que a conscientização e participação da população é muito importante: "contamos com a colaboração da população para que denuncie os infratores", afirma Mion.

Crítica



Batman: além da pancadaria

Batman Begins

Osmar Hackermann e e Fabrício Hackermann

O novo filme conta a história da vida de Bruce Wane, seus medos, seu treinamento, sua família, seus amigos. E principalmente seus inimigos.

Os recursos não são como nos filmes anteriores, que valorizavam as armas e o carro. O diretor deixou tudo mais realista aos dias de hoje, já que as outras traziam algo mais fantasioso, fora da realidade.

Nós recomendamos essa nova versão. É a melhor de todas já lançadas até hoje. O filme não é só pancadaria e transmite uma mensagem que deixa bem claro que o amor fraterno conta muito para a formação de um homem. Não percam, pois o filme tem previsão de ser lançado nas locadoras só em 2006.

SINOPSE

Produção: EUA, 2005
Tempo de Duração: 93 min.
Diretor: Christooher Nolan
Atores: Christian Bale, Michael Caine, Liam Neeson, Katie Holmes e Gary Oldman
Classificação: 10 anos

Nota

Cursos gratuitos

Texto: **Regiane Carminitti**

O Progen está com inscrições abertas para cursos de culinária, costura e para oficinas da Terceira Idade. Os interessados deverão se dirigir ao local ao local (Rua Castel Nuovo, 699 – Vila Castelo Branco). Mais informações pelo telefone 3269-6088. Os cursos serão oferecidos gratuitamente a membros da comunidade.

Reportagem

Conferência discute infância e adolescência

Texto: Thifany Christina Pinheiro Francisco

Ampliar a participacão e o controle social na efetivacão da politica para a crianca e o adolescente são os objetivos da VI Conferencia Municipal dos Direitos da Crianca e do Adolescente, ocorrida nos dias 4, 5 e 6 de Julho, no Colegio Sagrado Coracão de Jesus.

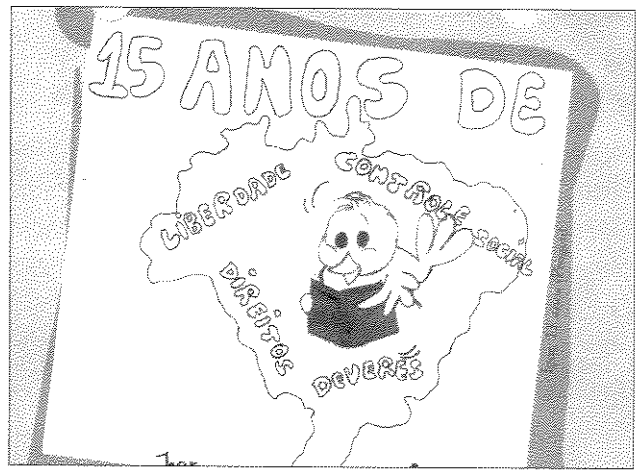


Ilustração de Igor, 11 anos (Progen)

Na conferência, as crianças e os adolescentes foram divididos em grupos, onde discutiram temas relacionados à "Participação, Controle Social e Garantia de Direitos por uma política para a Criança e o Adolescente". Depois de um intervalo, os adolescentes foram para a Plenária, onde apresentaram as propostas discutidas pelos grupos. As propostas são escolhidas através de votação, assim como a eleição dos Delegados que irão participar da Conferência Estadual.

Os Delegados são adolescentes (de 12 a 18 anos) que representarão todas as crianças e adolescentes de sua cidade, podendo chegar à Conferência Nacional, sempre passando por um processo de votação.

Dentre os delegados estaduais eleitos, três eram representantes do Progen: Marcos Alberto Simplicio, 47 anos, educador e Patrícia Leme de Oliveira Borba , 25 anos,terapeuta ocupacional (delegados adultos), e Thifany Christina Pinheiro Francisco, 14 anos, delegada adolescente.

Panificadora Três Vilas

Pães & Doces

"Coma mais pão"

☎ 3227-3512

Rua Dr. Mário Yahn, 03
Vila Castelo Branco

Dirce's

Oficina de Beleza

Cortes · Químicas
Penteados
Escovas com chapa
Depilação com mel
Unhas artísticas
Manicure

ATENDIMENTO À NOIVAS

☎3228-4212

Rua Durvalino Guatemozin, 856
Vila Castelo Branco
Home page:ww.salaodirce.hpg.com.br
E-mail: salaodirce@ieg.com.br

ASTRA
LIMPADORA

- Lavagem de carpetes, estofados, cortinas e cobertores
- Estofados de autos e polimento
- Lavagem de caixa d'água e caixa de gordura
- Limpeza e tratamento de pedras decorativas
- Polimento de pisos
- Dedetização e lavagem de telhados

Fone: 3253-4718
Fax: 3252-6517

TAQUARAL - CAMPINAS

ANEXO - VI

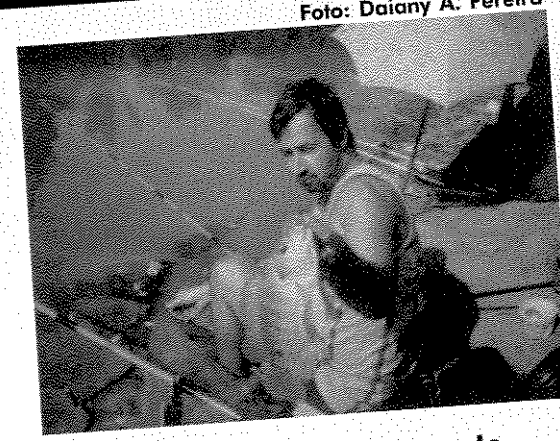
ANTENA JOVEM

Antena Jovem

Informativo produzido pelos adolescentes do Cecoia – Campinas, junho/julho de 2005 - nº 1

Pescaria no Atibaia poluído. Hobby ou sobrevivência

Foto: Daiany A. Pereira



José Maria às margens do Atibaia: pescar faz bem para a mente e enche a barriga

Ana Carolina Ferreira, Daiany A. Pereira e Débora de Lima Silva

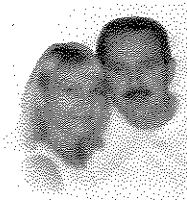
Moradores de Sousas, Joaquim Egídio e de bairros de Campinas vêm sempre ao rio Atibaia para pescar. Alguns pescam por prazer, outros estão em busca de alimentos, apesar das águas poluídas do rio.

José Maria Alves, morador de Sousas, diz que adora pescar: "é uma forma de distração". Os peixes mais encontrados no Atibaia são tilápia, piapara, cascudo, entre outros. José pesca para alimentar a sua família, pois está desempregado. Ele diz que para preparar o peixe é preciso deixá-lo "descansar" no limão de um dia para o outro e depois o ideal é fazê-lo frito, pois se fizer ensopado "não dá para comer".

João Pedro, morador de Campinas sempre gostou de pescar. Ele vem a Sousas uma vez por semana, faz esse caminho há trinta anos. Ele diz que quando era moço e vinha pescar a água era limpa e com muitos peixes.

Vladimir, morador de Campinas, parceiro de João Pedro, também gosta de pescar, mas não de comer. Ele teme pela qualidade do alimento.

A pesca, dessa maneira, tem sido uma alternativa de lazer e de alimentação para moradores de Campinas. Isso mostra a importância do rio Atibaia, que, apesar de poluído, é opção e lazer e sobrevivência para muitas pessoas.



Candido's
Cabeleireiros Unissex & Estética Facial
Manicure & Pedicure
VERA
☎ 3258-1330
Rua Cel. Alfredo do Nascimento, 226 - Sousas

LANZELOTTI
Informática
Rua Cel. Alfredo do Nascimento, 186 – Sousas
Fones: 3258-3077 – Fax: 3258-5403
www.lanzelotti.com.br
e-mail: lanzelotti@lanzelotti.com.br

Super 1,99
Brinquedos - Presentes – Doces
Utilidades para o lar e muito mais
☎ 3258-3747
Rua Maneco Rosa, 74 - Galeria Beira Rio

PONTO & CIA

Armarinhos e acessórios para crochê, tricô, bordados e costuras em geral
CATARINA
☎3258-4655
Rua Maneco Rosa, 74 - loja 03
Sousas – Campinas

EMPREITEIRA SÃO LUIZ
Construção residencial
ELUÍZIO
Serviço do básico ao acabamento
Fazemos sua obra dentro do prazo programado
FONE: 3258-4732

EDITORIAL

Comunidade apóia iniciativa

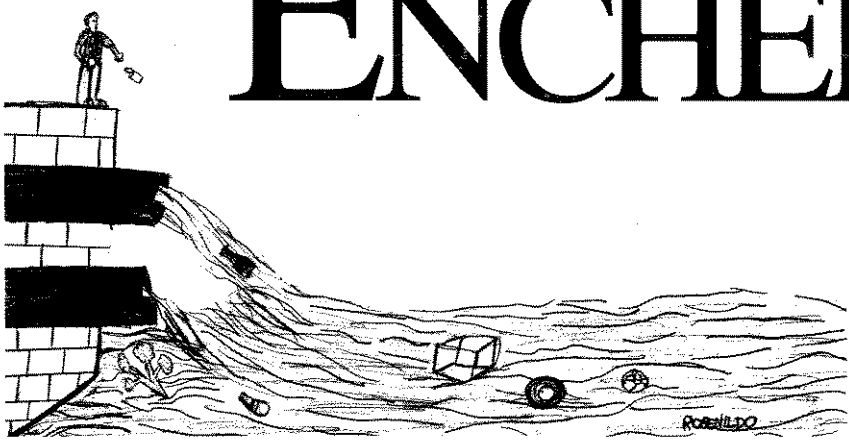
Caro leitor,
Esta é a primeira edição do ***Antena Jovem,*** *resultado do trabalho dos jovens vinculados ao Centro Comunitário Irmão André – Cecóia – instalado no distrito de Sousas. Para esta primeira publicação contamos com a boa vontade dos moradores da comunidade que foram entrevistados e colaboraram para a concretização desse veículo. Contamos também com o apoio dos funcionários do Cecóia que auxiliaram diretamente nesse projeto, e sobretudo com os jovens 'jornalistas' participantes das atividades da entidade que aqui apresentam seu trabalho. Não podemos esquecer dos anunciantes que estão apostando na iniciativa desses jovens integrantes das oficinas oferecidas à ONG pelo Centro de Memória da Unicamp.*
Este é um espaço para toda a comunidade que, através do jornalismo e da prática da educação não-formal, queira apresentar suas idéias, opinar e se informar. Enchentes, saúde, juventude, educação e cidadania são alguns assuntos que nesta edição serão abordados nas reportagens a fim de oferecer informação e opinião.
A todos, boa leitura!

EXPEDIENTE

Antena Jovem é elaborado pelos jovens do Centro Comunitário Irmão André (Cecoia), de Campinas. Integra o projeto "Memória, qualidade de vida e cidadania: os bairros populares de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Auxiliar de pesquisa: Diana Salles Rocha (bolsista Fapesp). Educadora social: Luciana F. Nascimento. Jovens participantes: Alcides E. Neto, Aline C. Coimbra, Ana C. Ferreira, Ana L. Ferreira, Anderson G. Idalgo, Daiani A. Wenceslau, Daiany A. Pereira, Daniely Nicolau, Débora L. Silva, Eliana A. M. Santos, Fernando G. Pereira, Geise S. Santos, Jéssica R. Salvioni, Jonathan F. Máximo, Júlia J. Souza, Juliana O.Godoy, Magali V. Moreira, Maiara Idalgo Ribeiro, Marcus V. Dóque, Patrícia C. Silva, Paulo C. Coimbra, Philipe M. Carvalho e Rosenildo Romão da Silva. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Rua 15 de Novembro, 75 – Sousas - Campinas - CEP 13105-006 – tel. (19) 3258-2257 - Ramal 214.

CENTRO DE MEMÓRIA - UNICAMP
CECOIA Centro Comunitário Irmão André

ENCHENTES



Texto: Aline C. Coimbra. Ilustração: Rosenildo R. Silva

Enchente no distrito de Sousas é algo que ocorre todos os anos. Por conta disso, os moradores se angustiam muito. Quando chove, bate a insegurança: as casas localizadas às margens do Atibaia serão inundadas.

As enchentes acontecem por falta de uma ação preventiva da Prefeitura. Os moradores, por sua vez, têm sua parcela de culpa *(ver texto ao lado)*.

A prefeitura deveria ter mais participação nos bairros e tomar mais cuidado para evitar esse problema.

Morador viveu drama 10 vezes

Ana Luiza Ferreira e Magali Roberta Ventura Moreira

Valdemar de Oliveira, 64, é aposentado e mora há 26 anos em Sousas. Ele sofre das conseqüências das enchentes desde que mora no "BECO", já sofreu mais ou menos umas 10 enchentes, perdeu coisas e está esperando alguma oportunidade para se mudar do "BECO", local onde freqüentemente há enchentes. Valdemar diz que só se livrará das enchentes mudando-se do local.

OPINIÃO

A culpa é de todos

Júlia Jéssica V. de Souza

As enchentes não são só causadas por culpa da prefeitura e do "serviço mal feito". A população também tem sua parcela quando joga lixo nas ruas poluindo os rios e entupindo bueiros.
E como sempre, a população culpa os funcionários públicos acusando-os de não fazerem o serviço direito. Não podemos nos esquecer de que há uma lei que não permite a construção de casas às margens de rios. Mas a população é teimosa e não cumpre a lei. É claro que esses cidadãos precisam de moradia, mas devem também ter consciência! Então pare e pense...Será que vale a pena correr riscos nas enchentes, construindo casas nesses locais?

Centro de Saúde orienta a população

Daiani Aparecida Wenceslau, Daniely Nicolau e Jéssica Renata Salvioni

Segundo a agente de saúde Maria de Lurdes Felipe, 33, do Centro de Saúde de Sousas, as enchentes podem causar doenças como leptospirose, tétano e hepatite. A principal doença é a leptospirose, causada pelo contato do homem com a urina do rato e transmitida por uma bactéria chamada leptospira.

Em caso de contrair a doença, a pessoa deve ser encaminhada ao hospital e atendida o mais rápido possível. Os principais sintomas são: dor de cabeça, febre alta e dor nos músculos. Os remédios estão disponíveis no Posto de Saúde. Algumas das maneiras de prevenção: hábitos de higiene e não deixar lixo e restos de comida acumulados.

O jogo gigante

Daiani Aparecida Wenceslau e Jéssica Renata Salvioni

A Escola Estadual Dr. Tomás Alves vem desenvolvendo junto com os alunos o projeto educacional 'Que problema! Você quer fazer parte a solução?', que ensina como os adolescentes devem agir diante de uma situação-problema. Para participar do jogo os alunos devem fazer uma capacitação que envolva temas como drogas e sexualidade. A cada capacitação, os participantes recebem um preservativo doado pelo Centro de Saúde.

O projeto foi apresentado no colégio Matosinho, na Feira do Cuidar, com grande sucesso. Agora, será levado para o Shopping Vitória Mall e para as escolas de Joaquim Egídio. Yara Caño Pavesi, 44 anos, professora que elaborou o jogo, conta que o projeto será apresentado primeiramente na região e depois levado para outros lugares, já que vem atingindo os objetivos esperados.

Cecoia vê Felipe Dylon

Anderson G. Idalgo, Paulo C. Coimbra e Eliana dos Santos



No dia 29 de abril, 50 adolescentes do Cecoia balançaram o ginásio do Tênis Clube de Campinas. Eles foram ver o show do cantor pop Felipe Dylon *(foto)*.

Os convites foram doados por Adriana Salek que não mediu esforços para entregar à direção do Cecoia os 50 convites que proporcionaram aos adolescentes a rara oportunidade de ver de perto um artista brasileiro. As pessoas que participaram desse evento se divertiram muito e ficaram muito agradecidas com o presente.



Ricca, Luana e Luis Gustavo: comédia

O casamento de Romeu e Julieta

Anderson Gonçalves e Eliana Marcon dos Santos

Alfredo Baragatti (Luis Gustavo) é um palmeirense roxo e membro do Conselho Deliberativo do clube. Criou sua filha Julieta (Luana Piovani) para ser como ele, mais uma apaixonada pelo Verdão. Batizada em homenagem aos ídolos palmeirenses, a origem de seu nome é "Juli" de Julinho e "eta" de Echevarietta. Jogadora do time feminino do Palmeiras, ela se apaixona por Romeu (Marco Ricca), médico que é corintiano roxo. Em nome do seu amor por Julieta, Romeu aceita virar a casaca e se tornar palmeirense. Tal atitude gera desconfiança em sua família.
Comédia de 93 minutos dirigida por Bruno Barreto. Vale a pena assistir!

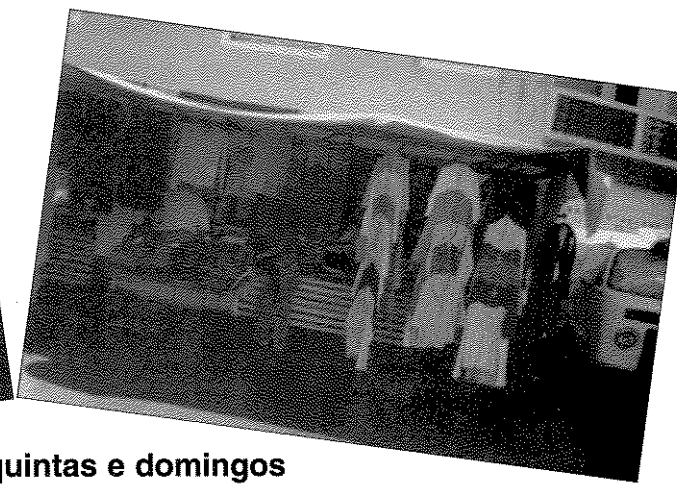
AUTO PEÇAS AVENIDA
Baterias - Materiais Automotivos
Extintores - Óleo - Peças em geral
Lopes e Benetazzo Ltda.
Rua Cel. Alfredo do Nascimento, 91 - Sousas
Fone: 3258-3652 – Fax: 3258-3653

BAZAR BIBL
Material escolar, escritório e artigos para presentes
Rua Maneco Rosa, 66/70
Galeria Beira Rio - loja 04
Fone/Fax: 3258-3416

Antena Jovem

Informativo produzido pelos adolescentes do Cecoia – Campinas, outubro de 2005 - nº 2





Frutas e roupas: quintas e domingos

DIA DE FEIRA

Texto: Daiani Wenceslau e Jéssica Salvioni. Foto: Ana Carolina Ferreira

A feira de Sousas há muito se tornou um ponto de encontro dos moradores do distrito. Afinal, ocorre em Sousas há mais de 30 anos, sempre às quintas e domingos. Lá é possível encontrar de tudo um pouco: de roupas a brinquedos, passando por frutas e legumes.

Os vendedores e priprietários de barracas não têm muito do que se queixar. Roseli Arconchel trabalha há 17 anos na barraca de roupas. "O lucro é bom. Não posso reclamar", diz, lamentando, entretanto, que percebe a fuga de compradores jovens. "Eles preferem a badalação dos shoppings. O pessoal mais antigo é que é fiel".

O trabalho é árduo. Neuza Rosa Santos Escabelo, vendedora de frutas, diz que chega em Sousas às 5 horas da manhã junto com os outros vendedores para começarem a arrumar as barracas da feira. Para complementar o orçamento, fazem feira também em cidades vizinhas..

A feira acontece às quintas ao lado da Praça Beira Rio e aos domingos na Rua Conselheiro Antonio Prado, em frente a escola Dr. Tomas Alves.

Distrito ganha galeria

Texto: Daiany Pereira e Débora L. Silva

Desde agosto os moradores de Sousas têm uma nova opção de compras. Trata-se da Galeria Via Monte, localizada na Avenida Antonio Couto de Barros.

Segundo a proprietária de uma loja de roupas, Tereza Artega, sempre foi um desejo dela se instalar comercialmente em Sousas. "Eu sempre considerei Sousas um local agradável. Queria a qualquer custo abrir uma franquia no distrito. Acredito que será o primeiro passo para, num futuro, me instalar em Sousas.

A expectativa dos moradores é que com esse novo empreendimento novos postos de trabalho sejam abertos à população local. É esperar para conferir.

Super 1,99

Brinquedos - Presentes – Doces
Utilidades para o lar e muito mais

☎ 3258-3747

Rua Maneco Rosa, 74 - Galeria Beira Rio

PONTO & CIA



Armarinhos e acessórios para crochê, tricô, bordados e costuras em geral

CATARINA
☎3258-4655

Rua Maneco Rosa, 74 - loja 03
Sousas – Campinas

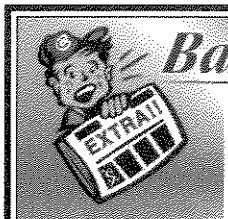
egsouza@gmail.com
19 9104-2285

LANCELOTTI
Cursos de Informática

Érico Gomes de Souza

R. Cel. Alfredo A. do Nascimento, 186 - Sousas - Campinas - SP
CEP 13106-000 - Fones: 19 3258-7317 - 3258-3077

Banca de Sousas



Jornais * Revistas * Filmes
Cartes telefnicos
Sorvetes * Xerox * Outros

FONE: 3258-4224

Av. Antonio Carlos Couto de Barros, s/nº (Sousas)

EDITORIAL

Dialogando com a comunidade

Caro leitor,
Esta é a segunda edição do ***Antena Jovem,*** *jornal elaborado pelos adolescentes do Cecoia. Na matéria de capa, mostramos um espaço que há décadas está incorporado ao dia-a-dia do distrito: a feira de Sousas. Na página 3, além de um texto em que os garotos falam de suas impressões sobre as oficinas oferecidas pelo Centro de Memória da Unicamp, abrimos espaço para a criatividade: duas lendas são criadas e contadas pelos adolescentes. Na última página, além da crítica de cinema, há uma matéria sobre solidariedade.*
Deixamos aqui nosso agradecimento aos anunciantes que estão apostando na idéia, valorizando o trabalho feito pelos adolescentes do Cecoia.

ERRATA

A redação deste veículo cometeu um equívoco ao trocar o nome que aparece na legenda da foto estampada na capa do *Antena Jovem* (edição no. 1 - junho/julho de 2005). A pessoa fotografada é Jaime Ribeiro de Jesus e não José Maria Alves, conforme foi publicado. Jaime é um comerciante em Sousas e não estava entre os entrevistados daquela matéria.

EMPREITEIRA SÃO LUIZ

Construção residencial

ELUÍZIO

Serviço do básico ao acabamento
Fazemos sua obra dentro
do prazo programado

FONE: 3258-4732

EXPEDIENTE

Antena Jovem é elaborado pelos jovens do Centro Comunitário Irmão André (Cecoia), de Campinas. Integra o projeto "Projeto Educação não-formal, memória e cidadania: os distritos de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp (CMU) e coordenado pela profa. Olga von Simson. Jornalista Responsável: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). Educadora social: Luciana F. Nascimento. Adolescentes participantes: Ana C. Ferreira, Ana L. Ferreira, Daiani A. Wenceslau, Daiany A. Pereira, Daniely Nicolau, Débora L. Silva, Eliana A. M. Santos, Geisa S. Santos, Jéssica R. Salvioni, Jonathan F. Máximo, Júlia J. Souza, Letícia Nascimento silvaMagali V. Moreira e Paulo C. Coimbra. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Rua 15 de Novembro, 75 – Sousas - Campinas - CEP 13105-006 – tel. (19) 3258-2257 - Ramal 214.

CENTRO DE MEMÓRIA - UNICAMP
CECOIA Centro Comunitário Irmão André

LENDAS

Beija-flor

Paulo César Bueno Coimbra e Júlia Jéssica de Souza

Era uma vez uma menina que se chamava Flor. Ela gostava muito de pássaros.

Um belo dia, seu pai perguntou o que ela gostaria de ganhar em seu aniversário. Ela, carinhosamente, respondeu: um pássaro. Seu pai achou um absurdo, pois pretendia dar-lhe algo mais valioso. Mesmo assim, ela ganhou seu pássaro.

Certo dia, estava no jardim e seu pássaro cantava ao seu lado, quando, de repente, uma cobra atacou o pássaro. Flor foi socorrer seu pássaro e acabou sendo picada pela cobra que era muito feroz e venenosa. Seu pássaro se salvou, mas a menina acabou morrendo ali mesmo. Logo, juntaram ao seu redor vários pássaros que a carregaram e viram a menina se transformar em um lindo pássaro que gostava muito de flores, assim nasceu o Beija-flor..

Vulcão

Letícia Nascimento Silva e Magali Roberta Ventura Moreira

Em um vilarejo bem distante havia uma grande montanha de pedra. Toda semana aconteciam tremores nessa montanha, mas ninguém ia ver o que era. Um dia, o tremor foi mais forte que o comum e uma grande rachadura apareceu na montanha formando um enorme buraco.

O povo do vilarejo acreditava que todos os habitantes da cidade que cometeram um grande pecado iriam morrer queimados. Acreditavam que dentro da montanha estava o inferno. No dia seguinte do grande tremor, um liquido vermelho saiu do vulcão e foi queimando tudo que havia pela frente.

O povo, apavorado, fugiu e, quando voltou viu o vilarejo devastado por inteiro. Ninguém mais queria morar naquele lugar que recebeu o nome de Montanha de Vulcão.

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Pesquisadores do Centro de Memória dão oficinas no Cecoia

Texto: Anderson Gonçalves Idalgo e Geisa Silva dos Santos

O grupo de adolescentes do Cecoia participa de várias oficinas organizadas pelo Centro de Memória da Unicamp. As oficinas são as seguintes: História Oral, Criatividade, Jornalismo, Fotografia e Orientação Vocacional.

Na de História Oral nós fazemos entrevistas com moradores antigos que presenciaram as mudanças de Sousas. Eles contam histórias que muita gente não sabe. A Oficina de Criatividade nos permite passar para o papel através de textos e ilustrações nossos sentimentos e imaginações. A Oficina de Jornalismo nos ensina noções básicas da produção do jornal. Também fazemos entrevistas, textos, ilustrações, fotos e produzimos matérias interessantes para a comunidade de Sousas.

A Oficina de Fotografia nos possibilita sair do Cecoia e tirar fotografias de lugares que muitos moradores de Sousas não conhecem; lugares bonitos que a população não repara. A Oficina de Orientação Vocacional nos mostra um pouco da realidade do mercado de trabalho ela nos ajuda a escolher em qual trabalho vamos nos dar bem.

Bem Brasil
Amélia Grego
Loja de Roupas
Moda Esporte
Moda Praia
Comunicamos aos amigos e clientes que desde setembro estamos atendendo no seguinte endereço:
Av. Antônio Carlos Couto de Barros, 354 - Sousas
(com estacionamento próprio)
☎3258-2943

SOLIDARIEDADE

Programa distribui frutas e legumes

Texto: Ana Carolina Ferreira e Eliana A. M. Santos
Fotos: Ana Carolina Ferreira e Ana Luísa Ferreira

Há mais de quatro anos o Cecoia, em conjunto com o Instituto de Solidariedade para programas de Alimentação (ISA), órgão da Ceasa-Campinas, distribui alimentos a algumas famílias de Sousas. A entrega de frutas e legumes ocorre toda terça-feira.

São produtos inviáveis para o comércio mas que podem ser aproveitados se bem selecionados. "Infelizmente, 40% desses produtos não são aproveitáveis", diz a assistente social Helenira Aparecida Salgado Ferraz. Aí é que entra o trabalho dos voluntários do Cecoia para seleção da frutas e legumes. Parte do produto é aproveitado pela própria entidade na alimentação diária das crianças e dos adolescentes. Outra parte é destinada a famílias carentes cadastradas.

Para a voluntária Maria Antonia Rossinholi Rabelo, o trabalho é gratificante. "As pessoas que vêm buscar esses alimentos precisam deles. Isso ajuda no orçamento familiar, pois, caso contrário, teriam que comprar, aumentando ainda mais a despesas do mês. Fico duplamente satisfeita, pois diversifico minha alimentação e, como voluntária, auxilio as pessoas que também precisam desses produtos".

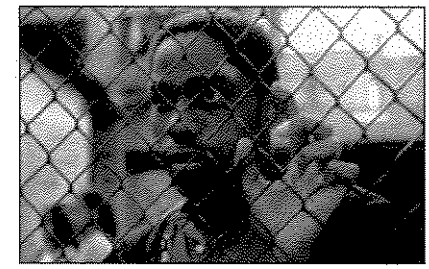


Helenira: solidariedade



Maria Antonia, voluntária: dupla satisfação

ENTRETENIMENTO



Darlan: romance policial

Meu tio matou um cara

Júlia Jéssica de Souza

Duca (Darlan Cunha),um garoto de 15 anos descobre que o seu tio matou um cara. Mas ele descobre que o seu tio Eder (Lázaro Ramos) está assumindo o crime no lugar da verdadeira culpada, sua namorada Soraya (Deborah Secco). O filme é muito interessante porque é um romance policial mais voltado para os adolescente do que para os adultos. A trilha sonora do filme é muito legal. Se você quiser saber mais sobre o filme é só assistir.

Ficha técnica

Gênero: Romance policial
Tempo de Duração: 87 min.
Ano de Lançamento: 2005
Direção: Jorge Furtado

Giz de Cera Papelaria
Material escolar e escritrio
Plastificao e encadernao
Xerox e brinquedos
☎3258-4708
Rua D. Júlia Conceição Alves, 287
Sousas – Campinas

LANZELOTTI
www.lanzelotti.com.br
Flávia Pitta
Laís Fávaro
José Cavalheri
Julio Cezar Lanzelotti
R. Cel. Alfredo A. do Nascimento, 186 - Sousas - Campinas - SP
CEP 13106-000 - Fones: 19 3258-3077 - 3258-5403

ANEXO - VII

EXPRESSÃO JOVEM

Out/2005 - Ano 1 - Nº 1

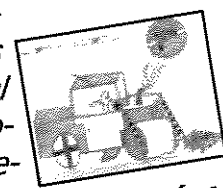
Expressão jovem

Publicação produzida pelos adolescentes do CPTI

Referendo

MOMENTO DE DECISÃO

O referendo sobre o uso e o comércio de arma de fogo é um dos assuntos mais comentados no país. No dia 10 de outubro, os adolescentes, educadores e funcionários do Centro Promocional Tia Ileide (CPTI) realizaram uma votação interna sobre o assunto. O resultado mostra que o SIM venceu por pouca diferença: 36 votos favoráveis à proibição e 29 contra. Mostramos nesta edição dois artigos produzidos por adolescentes da entidade. O jovem Paulo Henrique Venâncio Silva expõe seus motivos contra a proibição. A adolescente Elaine Nascimento Braga tem seus argumentos a favor. Veja na ***página 4*** *o que pensam esses jovens e tire a sua conclusão. Vote consciente no dia 23.*



Sorteio do CDHU

"Um dia conseguiremos"

Texto: Anna Karolina Soares Custódio

No dia 23 de Setembro, sexta- feira passada, aconteceu um grande evento no estádio Brinco de Ouro, do Guarani em Campinas. Foram sorteadas 1.479 lotes de apartamentos e casas do projeto da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano(CDHU) A construção nas regiões de San Martins e Amarais se deve pela infraestrutura dos bairros.

O sorteio reuniu 26.627 famílias. O sorteio estava previsto para às 10 horas, no entanto teve 2 horas de atraso.

O sorteio foi dividido por grupos que indicavam diversas situações:aposentados, pessoas que recebem de 1 a 2 salários mínimos, pessoas que vivem em área de risco, pessoas que ganham de 2 a 3 salários mínimos e policiais;

Esse sorteio é a 3º tentativa de Elaine de Cássia Melin, auditora de vendas, para ganhar uma casa própria. Sua primeira participação em um sorteio foi há 4 anos, no entanto mesmo nunca tendo ganho ela continua e jamais perde a esperança.

O sorteio foi justo?

Sim, mas espero que as pessoas que ganharam precisem mais do que eu e que elas não façam como os ganhadores dos outros sorteios

O que essas pessoas fizeram?

Bom, era o seguinte, as pessoas participaram do sorteio, ganharam o apartamento e depois venderam para outras pessoas, ou seja, essas pessoas não precisavam e acabaram pegando a moradia de quem realmente precisava.

Com a perda do sorteio, como ficará a sua situação?

Mesmice de sempre, pois eu não tenho casa própria. Eu moro no apartamento do meu ex- marido. Ele deixou de herança para os meus filhos.

Qual a mensagem que você deixa para as pessoas que não ganharam?

Eu deixo para cada uma delas a esperança de que um dia conseguiremos.

Editorial

Fórum de diálogo

Caro leitor,

Esta é a primeira edição do ***Expressão Jovem***, jornal elaborado pelos adolescentes do Centro Promocional Tia Ileide (CPTI) sob a coordenação de pesquisadores do Centro de Memória da Unicamp e da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.

Trata-se de uma primeira edição produzida a toque de caixa. Isso porque estamos diante de um momento decisivo no país (estamos falando sobre o referendo a ser realizado no próximo dia 23 de outubro que vai proibir ou não o uso e a comercialização de armas no país) e achamos por bem mostrar a você, morador do distrito de Nova Aparecida, o que pensam os jovens que fazem o dia-a-dia do local.

Numa votação realizada no CPTI no dia 10 de outubro envolvendo 65 pessoas entre adolescentes, funcionários e educadores sociais, o resultado mostrou que a disputa vai ser apertada. Trinta e seis votaram a favor da proibição e vinte nove votaram contra. Embora o "SIM" tenha vencido, se fizermos uma projeção para o resto do país, resultado mostra que nada está definido. O país está dividido. Com o objetivo de auxiliá-lo, amigo leitor, publicamos nesta edição, além do resultado da votação interna, dois artigos produzidos por adolescentes da entidade: um contra a proibição e outro a favor da proibição. Assim, deixamos a decisão em suas mãos.

Ao apresentarmos posições opostas, esperamos proporcionar a você leitor uma reflexão e oferecer elementos para formar sua opinião.

A propósito, essas idéias opostas seguem na linha que deve nortear o bom jornalismo, um trabalho sério, neutro, movido pela imparcialidade. A mesma imparcialidade que deve pautar o ***Expressão Jovem,*** um veículo que nasce com o propósito de se tornar um jornal comunitário que seja um fórum de diálogo entre os moradores de Nova Aparecida.

Publicação busca dar visibilidade ao talento dos adolescentes do CPTI

Além do referendo, esta primeira edição mostra uma matéria sobre o sorteio de moradias do CDHU, ocorrido em outubro. Na página 3, apresenta uma crítica sobre o filme *Cidade de Deus* e uma poesia. As ilustrações da edição também foram feitas pelos adolescentes, o que mostra esta publicação nasce com o objetivo não só de falar de fatos positivos do distrito, mas também de dar visibilidade ao talento e explorar as potencialidades dos adolescentes vinculado ao CPTI.

Expediente

Expressão Jovem é um jornal elaborado pelos jovens do Centro Promocional Tia Ileide (CPTI) de Campinas. Integra o projeto "Projeto Educação Não-formal, Memória e Cidadania: os Distritos de Campinas", desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp(CMU) e coordenado pela prof. Olga Von Simon. **Jornalista responsável**: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519). **Jornalista voluntário**: André da Silva Vieira. **Auxiliar de pesquisa**: Andréia Lédio da Silva (bolsista IC-FAPIC/ PUC-Campinas). **Coordenadora do Agente Jovem**: Silvia Helena Matias. **Educadora Social**: Kely Cristina M. Gionetti. **Jovens Participantes**: Adilson M. Santana, Adriano Pereira, Anna Karolina S. Custódio, Anderson Fernando B. C. Silva, Andréa L. dos Santos, Bruno O. Venci, Celso Santos, Cleiverton L. Ferreira, Chaiane T. Alves, Dalila Rodrigues, David Henrique Xavier, Diego Henrique B. Oliveira, Elaine Nascimento Braga, Elaine S. Lopes, Elivânia da S. Vidal, Ellen Fabiana P. Lima, Érick Enrique A. Agostinho, Íris G. Lopes, Jaime Everton S. Oliveira, Jarbas F. Batista, Jesiel A. Montalvão, Keila M. da Silva, Leonardo R. dos S. da Silva, Mayara F. dos Santos, Maurício D. do Nascimento, Natália C. S. Silva, Paulo da S. Nascimento, Paulo Henrique V. Silva, Rodolfo Pereira, Ronnykson R. dos Santos, Wesley José de Souza e Willian J. B. Machado. **Tiragem**: 1000 exemplares. **Realização:** CMU-Unicamp. **Apoio** : Pró- reitoria de Pesquisa/ PUC-Campinas. **Contatos**: CPTI (Rua Hum, n 37, Vila Mendonça- Dist. de N. Aparecida- Campinas- CEP 13067-899- tel: 19- 3281 0371- e-mail: cpti.campinas@terra.com.br).

CMU - Unicamp

Pró-reitoria de Pesquisa

PUC Campinas

CPTI centro promocional tia ileide

Poesia

Sedução

Texto: Elaine Nascimento Braga
Ilustração: Erik Enrique Agostinho e Elaine Nascimento Braga

Uma simples palavra, mas com um significado tão grande...
Sempre que estou perto de você, a sua alma me seduz com esses lindos olhos.
E me ganha em um beijo prolongado e apaixonado em um só movimento



A sedução vai fazendo dos segundo, horas, a cada beijo.
E unindo as almas, o amor compartilha a eterna flor, que em vez de perder pétalas, simplesmente ganha.
Carinho também consegue fazer parte dessa união, que sem demora consegue ser o romance de eternidades.
Se é difícil ganhar um coração, mais simples é você destruí-lo com apenas uma palavra.
Faça de suas palavras eternas canções.

Cinema

"Pega a galinha!"

Texto: Andréia Lima dos Santos

O filme "Cidade de Deus" me chamou muito a atenção porque mostra a realidade de dois jovens da comunidade: "Buscapé", que sonha em ser fotógrafo, e "Dadinho", que mais tarde, já com o apelido de "Zé Pequeno", vira um dos maiores traficantes do Rio de Janeiro nos anos 80.

A parte mais legal no filme é quando eles mandam pegar uma galinha, que seria o almoço do dia, e ela sai correndo pela favela, e ninguém consegue pegá-la.

Foi muito interessante ver os diferentes caminhos dos dois jovens.

Cidade de Deus, dirigido por Fernando Meirelles, foi baseado no romance de Paulo Lins.

RIDES SISTEMAS
Automatização de portões
Cerca elétrica
Alarmes
CFTV
Fone: 3922-6010 - Cel.: 9116-2427
R. Marcos Dutra Penteado, 680, Pq. Bandeirantes I, Sumaré - SP

DISFREL
Materiais para Construção e Madeireira
Rua João Carlos do Amaral, 03
Nova Aparecida - CEP 13068-101
Campinas - SP
Fone: 3281-4714

ANTONINO PAPELARIA
- Xerox
- Encadernação
- Fax
- Material de Escritório
- Material Escolar

Fone: 3281-2190
Av. Papa João Paulo II, BL E, Pe. Anchieta

AFIADORA E FACAS CAMPINAS
Afiadora Campinas Ind. Com. Facas Indl. Ldta.
Rua Angelo Mari, 41
Chácara Boa Vista
CEP: 13068-565
Campinas, SP
PABX (19) 3281-2656
site:
www.afiadoracampinas.com.br
e-mail:
vendas@afiadoracampinas.com.br

Referendo

Sou contra a proibição, por isso
Voto 1, voto Não

Texto: Paulo Henrique Venâncio da Silva

Sendo aprovada a proibição da comercialização de armas de fogo, que garantia teremos de que todos os cidadãos serão realmente desarmados? Atualmente, infelizmente, a única proteção que pode ter um pai de família é portar uma arma de fogo. Por esse, e muitos outros motivos, a comercialização de armas não deve ser proibida.

Com a sua proibição, muitos pais de família ficarão sem segurança alguma, pois serão levados anos e anos para desarmar a população, inclusive os bandidos. Tendo em vista que a segurança está dividida entre policias que exercem realmente seu papel na sociedade e policias que exploram cidadãos em troca de propina, que garantias teremos de que estaremos realmente protegidos?

As famílias brasileiras, em vários estados do país, sofrem com a falta de proteção, pois não podem mais acreditar cegamente na polícia militar, já que muitos oficias estão se misturando com os bandidos e a população acaba sem ter em quem depositar sua confiança.

Enfim, por esse e outros motivos, acredito que a comercialização do porte de arma não deve ser proibido.

Sou a favor da proibição, por isso
Voto 2, voto Sim

Texto: Elaine Nascimento Braga

Na maioria das vezes, a arma sempre acaba em tragédia. Se ela for proibida, a violência e o tráfico têm grandes possibilidades de diminuir, já que a arma é o problema. Sem uma arma na mão, uma discussão pode ser resolvida na base da conversa e não em morte.

Um cidadão comum não consegue ter benefício com uma arma, pois se um ladrão invadir a sua casa, na tentaviva de se defender, este homem do bem, não sabendo atirar, não será tão rápido quanto o bandido e certamente será assassinado. Sem arma, o ladrão não rouba e o cidadão não têm motivo para reagir.

A guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, sem a arma de fogo, não teria nenhuma morte e tudo seria resolvido na paz. Se os policiais também não tivessem armas, o cidadão não se sentiria ameaçado em ser atingido por uma bala perdida. Os homens não seriam obrigados a servir o Exército para aprender a utilizar a arma de fogo e a se defender de outro país. O país iria ser tranqüilo, um paraíso como Deus sempre pregou. Mas se todos ouvissem os ensinamentos de Deus, não teria violência, o cidadão poderia ficar com a porta da casa aberta sem temer nenhum risco.

Ilustração: Maurício Damaceno do Nascimento

